Analecta Gregoriana

«TU SERÀS CHAMADO KHOAL»

ESTUDO EXEGÉTICO SOBRE PEDRO  
NO QUARTO EVANGELHO

**JOÀO TAVARES DE LIMA, S.D.S.**

**EDITRICE PONTIFICIA UNIVERSITÀ GREGORIANA  
ROMA 1994**

**ANALECTA GREGORIANA**

Série inaugurada em 1930. Publica estudos e investigaçôes de professores e teses de doutorado da Universidade Gregoriana ou de outras instituiçôes académicas sobre temas de sagrada escritura, teologia, patrística, direito canónico, filosofía, historia da Igreja, ecumenismo e sobre as religioes nao cristas.

**Volumes publicados desde 1982**

1. VAN ROO, William A.: *Basics of a Roman Catholic Theology.* 1982. pp. 387.
2. PÉRISSET, Jean-Claude: *Curé et Presbytérium Paroissial. Analyse de Vatican II pour une adaptation des normes canoniques du prêtre en Pa­roisse.* 1982. pp.450.
3. POLI, Tullio: *Punta suprema dell'anima. Virtù teologali, preghiera semplice e adesione alla volontà divina secondo S. Francesco di Sales.* 1982. pp.208.
4. McDERMOTT, John: *Love and Understanding. The Relation of Will and Intellect in Pierre Rousselot’s Christological Vision.* 1983. pp. 318.
5. LOTZ, Johannes B.: *Mensch sein Mensch. Der Kreislauf des Philosophie- rens.* 1982. pp. 438.
6. TREVISIOL, Alberto: *I primi missionari della Consolata nel Kenya (1902-1905).* 1983. pp.419.
7. HOET, Rik: *“Omnes autem vos fratres est is". Étude du concept ecclésio­logique des "frères" selon Mt. 23,8-12.* 1982. pp. 226.
8. NEUFELD, Karl: *Geschichte und Mensch. A. Delps Idee der Geschichte. Ihr Werden und ihre Grundzüge.* 1983. pp. 315.
9. VRANKlC, Petar: *La Chiesa Cattolica nella Bosnia ed Erzegovina al tem­po del Vescovo Fra Raffaele Barisic (1832-1863).* 1984. pp. 303.
10. PETRUZZI, Paolo: *Chiesa e società civile al Concilio Vaticano I.* 1984. pp. XXIII-273.
11. POLLOCK, James: *François Genet. The Man and his Methodology.* 1984. pp. 298.

237/A. BURKE, Raymond L.: *Lack of Discretion of Judgment Because of Schizo­phrenia: Doctrine and Recent Rotai Jurisprudence.* 1986. pp. 256.

1. MANSINI, Guy: *What is a Dogma? The Meaning and Truth of Dogma in Edouard Le Roy and his Scholastic Opponents.* 1985. pp. 400.
2. LES FONDEMENTS LOGIQUES DE LA PENSÉE NORMATIVE. *Actes du Colloque de Logique Déontique de Rome (les 29 et 30 avril 1983). Edités par Georges KALINOWSKI et Filippo SELVAGGI.* 1985. pp. 205.
3. FARRUGIA, Edward G.: *Aussage und Zusage. Zur Indirektheit der Me­thode Karl Rahners, veranschaulicht an seiner Christologie.* 1985. pp. 386.
4. VAN ROO, William A.: *Telling about God. Volume I: Promise and Fulfillment.* 1986. pp.XII-374.
5. O’REILLY, Leo: *Word and Sign in the Acts of the Apostles. A Study in Lucan Theology.* 1987. pp. 242.
6. VAN ROO, William A.: *Telling about God. Volume II: Experience.* 1987. pp. XI-348.

Analecta Gregoriana

Cura Pontificiae Universitatis Gregorianae edita

Vol. 265. Series Facultatis Theologiae: sectio B, n. 89

**JOAO TAVARES DE LIMA, S.D.S.**

«TU serAs CHAMADO KHCDAE»

ESTUDO EXEGÉTICO SOBRE PEDRO  
NO QUARTO EVANGELHO

**EDITRICE PONTIFICIA UNIVERSITÀ GREGORIANA  
ROMA 1994**

**Thls One**



IMPRIMI POTEST

Romae, die 9 februarii 1994  
R. P. Giuseppe Pittau, S.J.  
*Rector Universitatis*

IMPRIMATUR

Dal Vicariato di Roma, 10-2-1994

© 1994 - E.P.U.G. - Roma

ISBN 88-7652-667-6

Editrice Pontificia Università Gregoriana Piazza della Piletta, 35 - 00187 Roma, Italia

*«A aproximafao do que quer que seja se faz gradualmente, penosamente, atravessando inclusive o oposto daquilo de que se vai aproximar!»*

C. Lispector

ÍNDICE GERAL

Prefacio xv

Principáis Abreviaturas e Siglas xvii

Outras Abreviaturas xx

IntroduqAo **XXI**

Capítulo I: TENDENCIAS FUNDAMENTAIS NA TRATATIVA

SOBRE PEDRO NO QUARTO EVANGELHO 1

Introdujo 1

1. A preeminencia de Pedro como “porta-voz” do grupo dos Doze 2
   1. A preeminencia de Pedro em perspectiva ao Primado.... 2
2. P. Benoit 2
3. R. Pesch 4
   1. Á preeminencia de Pedro sem referimento ao Primado.. 6
   2. A preeminencia de Pedro sem perspectivas ao Primado. 8
4. Pedro em fun^áo do Discípulo Amado 10
   1. Urna rela$áo de concorréncia 10
5. F. Refoulé 10
6. J. J. A. Gunther 11
7. R.F. Collins 12
   1. Urna relajo de justaposioao ou de complementaridade 14
8. R.E. Brown 14
9. F. Fernández Ramos 17
10. R. Schnackenburg 20
    1. Superioridade do Discípulo Amado sobre Pedro 22
11. B. Cassien 23
12. W. Triling 24
13. A. H. Maynard 25
14. A. J. Droge 26
    1. Pedro e o Discípulo Amado como figuras representa­tivas 27
15. R. Bultmann 27
16. J. F. O’Grady 30
17. Pedro entre Judas e o Discípulo Amado 31
18. J. Mateos-J. Barreto 31
19. D. Candan 34
20. O antipetrinismo em Joáo 34
21. S. Agourides 35
22. G.F. Snyder 36

Notas conclusivas do capítulo 38

Capítulo II: TU SERÁS CHAMADO KHOAS (JO 1,41-42) 43

Introdujo 43

1. O processo de formadlo do texto 43
   1. Comparado com os textos sinóticos 44
   2. A tradidio subjacente a Jo 1,41-42 47
   3. A génese de Jo 1,41-42 49
      1. Algumas propostas 49
      2. A nossa proposta 50
2. Estudo da redado atual do texto 52
   1. O contexto 52
   2. Crítica textual 54
      1. A omissao do termo 54
      2. Ilpwi 55
      3. np&TOt; 56
      4. IIpcjTOV 57
   3. A Estrutura do texto 57
      1. Delimitadlo inicial 58
      2. Delimitadlo final 59
      3. Estrutura 59
   4. Exegese 60
      1. Pedro e Andró 60
         1. O encontró 60
         2. O testemunho de Andró 62
      2. Pedro e Jesús 64
         1. O encontró 64
         2. A declarado de Jesús 66
3. O futuro Klq0f|<m 67
4. O atributo Kqcpdg 70

Notas conclusivas do capítulo 71

Capítulo III: O NOME KHOAS NO PAÑO DE FUNDO BÍBLICO-

JUDAICO E A SUA SIGNIFICACQÁO EM JO 1,42 73

Introdujo 73

1. Sentido etimológico e simbólico 73
   1. O termo KTVpñg 73
   2. Outras palavras de significado afim 76
2. O paño de fundo bíblico-judaico 78
   1. O termo na literatura veterotestamentária 78
      1. No Texto Masorético 79
         1. Jó 30,6 79
         2. Jer 4,29 81
      2. Nos LXX 82
         1. Jó 30,6 82
         2. Jer 4,29 83
   2. O termo na literatura judaica extra-bíblica 84
      1. No Targum de Jó 85
      2. No livro aramaico de Henoque 86
3. O termo K.T]<pdg em Jo 1,42 88
   1. Diferentes interpretantes 88
   2. Significando de Krjipag em Jo 1,42 91
      1. A forma grega K.T]<pa^ 91
      2. O seu significado programático 93

Notas conclusivas do capítulo 95

Capítulo IV: «E NÓS CREMOS E CONHECEMOS...» (JO 6,67-71) 99

Introdujo 99

1. Estudo sobre o Texto final 99
   1. O contexto 99
      1. O dinamismo geral de Jo 6 99
      2. O contexto imediato: 6,60-66 102
      3. A fun?ao de 6,67-71 no capítulo 6 103
   2. Crítica textual 104
   3. Estrutura 105
      1. Delimítaoslo de 6,67-71 105
      2. Estrutura 107
   4. Exegese 110
      1. Os Doze 110
         1. A condinao dos doze 110
         2. Judas: um dos Doze 112
      2. De proposta em resposta 114
         1. A proposta de Jesús 114
         2. A resposta de Pedro 116
2. Kúpi£, Jtpóg -rtva á7C£X£vaóp£0a; (6,68b).... 116
3. A formulando da frase 116
4. O verbo ánépxopai 117
5. O vocativo KÚptE 118
6. TruiaTa atavío» ^xsiq (6,68c) 119
7. Kai f|p£i<; wrioTEVKaiiEv Kai éyvÓKapsv (6,69a) 121
8. O verbo ntoTeúeiv 121
9. O verbo yivdxyKsiv 122
10. A relanao entre yivóxTKEiv e jtwrtEÚEiv 123
11. Sí> eI ó fiyiog tov Oeov (6,69b) 125
12. SO El 125
13. 'O fiyio? toü Oeov 125
14. Comparando com os textos sinóticos em vista da tradinao de Jo 6,67-71 128

Notas conclusivas do capítulo 132

Capítulo V: «VOCÈ AGORA NÁO SABE O QUE EU ESTOU FAZENDO» (JO 13,6-10a.21-26.36-38) 135

IntroduQáo 135

1. Visao de conjunto do capítulo 13 135
2. Os passos petrinos do capítulo 13 139
   1. 13,6-lOa: O diálogo entre Jesus e Pedro a propósito do lava-pés 139
      1. Critica textual 139
      2. Estrutura 141
      3. Leitura exegética 143
         1. A surpresa de Pedro 143
         2. A incompreensao de Pedro 146
3. \*O èy® noi® ctù oòk ol8a<; &pu, yvdxm

8è però Taúca (v. 7) 146

1. Kópw, pf| roto; nóSaq poi) póvov àXXà

(v.9) 148

1. Oó pf| vivili pov xoi>5 nóSag eig tòv alcòva (v.8a) 148
   * + 1. O Lava-pés como possibilidade de disci­pulado 149
   1. Jo 13,36-38: a promessa de sequela e o anùncio da ne­galo de Pedro 151
      1. Estrutura 151
      2. Leitura exegética 152
         1. Pedro retoma a questào sobre a partida de Jesus 152
         2. Pedro nào entende a promessa de que se­guirá Jesus 154
2. A promessa de Jesus 154
3. Como Pedro acolhe esta promessa de

seguimento 156

1. Aid tí oò Súvapaí croi àKoXouOfjoai àpri (13,37a) 156
2. Tf|v vuxf|v pou ónèp ooù Of]o® (13,37b) 156
   * + 1. Como Jesus acolhe o comportamento de Pedro 157
   1. 13,21-26: Pedro intervém na identifìca^ào do traidor 158
      1. Critica textual 159
      2. Estrutura 160
      3. Leitura exegética 161
         1. As circunstancias em que Pedro fala 161
         2. Pedro, o Discípulo Amado e Judas 163 Notas conclusivas do capítulo 165

PULO E O SEU PASSADO DE ADESÄO A JESUS (JO 18,10-11.15-27) 169

Capítulo VI; PEDRO NEGA A SUA CONDI^ÄO DE DISCÍ­

Introdujo 169

1. 18,10-11: Pedro fere um servo do sumo sacerdote 169
   1. O contexto dos v. 10-11 169
   2. Exegese 172
      1. A intervengäo de Pedro 172
         1. A agäo de Pedro 172
         2. A motivagäo de Pedro 173
      2. A intervengäo de Jesus 175
         1. Jesus recusa a protegäo de Pedro 175
         2. A motivagäo da recusa da protegäo de Pedro 177
2. 18,15-27: Pedro nega ser discípulo de Jesus 178
   1. Critica textual 178
      1. 18,15: fikkog paOt]Tf|g 178
      2. A ordern dos versículos 179
      3. A conjungäo de 18,24 181
   2. Estrutura 181
   3. Exegese 184
      1. [18,15-16: Pedro e um outro discípulo 184](#bookmark6)
         1. A identidade do outro discípulo 184
3. O conhecimento do sumo sacerdote 185
4. O anonimato do discípulo 185
5. A possibilidade de identificagäo deste discípulo 186
   * + 1. A relagäo entre Pedro e este outro discí­pulo 188
6. Simao e (koí) o outro discípulo 189
7. O outro discípulo entrou (ovveiofikOsv) com Jesus enquanto Pedro ficou (elonf|Kei) fora 189
8. O outro discípulo levou (elcnf|YaYev)

Pedro para dentro 190

* + 1. O testemunho de Jesus 192
       1. A resposta de Jesus ao sumo sacerdote 192
       2. A resposta de Jesus ao servo do sumo sa­cerdote 194
    2. Pedro nega a sua condigao de discípulo 195
       1. Pedro seguía Jesus mas nao podía dar testemunho dele 195
       2. A tríplice negagäo de Pedro 196

1. Os termos da negagäo 196
2. O significado da negagäo de Pedro 199
3. Relagäo com a tradigäo sinótica 201
   1. 18,10-11: a resistencia oferecida por Pedro 202
   2. 18,15-16: Pedro segue Jesús enquanto este é levado ao sumo sacerdote 203
   3. 18,17-27: Jesús e Pedro no palacio do sumo sacerdote... 203

Notas conclusivas do capítulo 206

Capítulo VII: «AINDA NÁO TINHAM COMPREENDIDO QUE... ELE DEVIA RESSUSCITAR» (JO 20,1-10) 209

Introdujo 209

1. Visao geral sobre o capítulo 20 como contexto dos v. 1-10.. 209
2. Crítica textual 212
   1. 20,8 212
   2. 20,9 213
3. Estrutura 213
4. Exegese 215
   1. A descrido sobre a ida dos dois discípulos ao sepulcro 216
      1. Mapía... épxerai npóg Sípmva Ilérpov Kai npó<; tóv SiXXov paOqTTiv (20,2) 216
      2. Srpsxov 8é ol 8úo ópou (20,4a) 217
   2. O desfecho do acontecimento 218
      1. A aproximado dos discípulos ao sepulcro 218
         1. A chegada do Discípulo Amado ao se­pulcro 219
         2. A chegada de Pedro ao sepulcro 222
      2. A averiguado do túmulo por parte dos dois dis­cípulos 224
         1. A qualidade da visao dos dois discípulos.. 224
5. Os verbos de «visao» no quarto evan- gelho 225
6. BXéraa 226
7. 0£<opé(ü 227
8. ©eáopai 229
9. 'Opáco 229
10. Os verbos designativos da visao em 20,3-10 230
    * + 1. A descrido sobre o que Pedro e o Dis­cípulo Amado encontram no túmulo 231
      1. A reado dos discípulos 234
         1. O Discípulo Amado creu (20,8c) 235
         2. Aínda nao tinham compreendido a Escri­tura (20,9) 237
         3. O silencio em relado á reado de Pedro... 239
         4. O retomo dos dois discípulos 240
11. Confronto com os sinóticos 244

Notas conclusicas do capítulo 246

Capítulo VIII: «TU, SEGUE-ME!» (JO 21,1-14.15-23) 249

Introdujo 249

1. Divisao do Capítulo 21 251
2. Jo 21,1-14 252
   1. Critica textual 253
   2. Estrutura 253
   3. Exegese 256
      1. A apresentaQao de Pedro (21,2) 256
      2. O diálogo em que Pedro é um dos interlocutores

(21,3) 258

* + 1. Á atua^áo de Pedro 260
       1. A realizado da pesca (21,3b.6b) 260
       2. Pedro atira-se no mar (21,7b.9) 263

1. O discípulo que Jesús amava diz: «É o Senhor!» (21,7a) 263
2. Pedro cingiu-se com a veste (21,7b) 265
3. Pedro lan^a-se no mar (21,7c) 266
   * + 1. Pedro arrasta a rede para a margem 268
4. ’AvéPq oCv Zípcov IJérpog (21,11a) 268
5. Kai etXKüoev tó Síktvov elg rqv yt)v

(21,11b) 270

1. Jo 21,15-23 275
   1. Crítical textual 275
      1. Eípwv Iwáwoü 276
      2. ’Apvía-npóPara-npoPáTia 276
   2. Estrutura 277
      1. 2135b”Í8: Ó 279
         1. A formula^áo das perguntas e respostas... 279

A. O modo como Jesús trata Pedro 280 B. O termo de compara^ao nZéov toútov, 281 C. A atitude de Pedro 283

D. O significado de áyanáo e qnléco 284

1. O sentido de áyaná® e cpiléo no quarto evangelho 285
2. O uso de *áyanáca* 286
3. O uso de qnA^co 286
4. Característica predominante no

uso de áyanáo e qnX¿a) 287 iv. Passos em que áyanáco e qnXéco

parecem intercambiáveis 287

1. O sentido de áyaná® e (pi^éco em

Jo 21,15-17 291

* + - 1. A atribuido da missao 293

1. Os verbos que designam a missao: Bóctko e Koipaívo) 293
2. Os substantivos ápvíov e TtpóPawv 296
3. O pastor como simbólica bíblica 298
4. Deus como pastor 298
5. Os guias do povo ou da comuni- dade como pastor 299
6. Jesus como pastor 299
7. Jesus como Pastor nos Sinóticos.. 300
8. Jesus como Pastor em Joáo 10.. 300

D. Pedro como pastor em Joáo 21,15-17... 301

1. A fundo pastoral de Pedro à luz de Jo 10 302
2. A profecía sobre o futuro de Pedro.... 303
3. O convite: ’AkoXoúGei poi (21,19b.22b.) 304

3.3.I.4. A finalidade de 21,15-17 306

3.3.2. 21,21-22a: O segundo diálogo 308

* + - 1. A pergunta de Pedro 308
      2. A resposta de Jesus 309

1. Paralelo com os sinóticos 312
   1. Jo 21,1-14 e Le 5,1-11 313
   2. Jo 21,15-17 e Mt 16,17-20 316

Notas conclusivas do capítulo 318

Capítulo IX: A CONCEPTO JOANINA SOBRE A PESSOA E A MISSÄO DE PEDRO (CONCLUSÖES) 321

Introdujo 321

1. A pessoa de Pedro no quarto evangelho 321
   1. Os termos que designami Pedro 321
   2. O ponto de referencia para Pedro 326
      1. A relado entre Pedro e o Discípulo Amado 326
      2. A rede de relates de Pedro 328
      3. Jesus como o referencia! de Pedro 333
   3. A trajetória de Pedro como discípulo 335
      1. A fase inicial 336
      2. O distanciamento 338
      3. A aproximado final 340
2. A missào de Pedro no quarto evangelho 343
   1. A missào de Pedro como decorrènda e continuado de sua relado com Jesus 343
   2. Pedro como *Kefas* e como *Pastor* 346
      1. O anuncio da missào de Pedro em 1,41-42 346
         1. O caráter programático de 1,41-42 346
         2. O nome em fundo da missào 347
      2. A missào *Kefas* através do quarto evangelho 349
      3. A concretizado da missào de Pedro em Jo 21 351
         1. A correspondénda entre as duas imagens... 351
         2. Valénda das duas imagens 353
3. . Valénda cristológica 353
4. . Valénda eclesiológica 355

Notas conclusivas fináis 358

[Bibliografía 361](#bookmark8)

PREFÁCIO

A presente publicarán reproduz, substancialmente, urna disser­tando apresentada na Pontifìcia Universidade Gregoriana, para a obtenpao do doutorado em Teologia Bíblica. Este traballio foi diri­gido pelo P. José Caba, S.J., a quem vai a minha especial gratiddo pelo constante empenho e pela paciente dedicando com que me guiou, e cujas sugestoes foram de inestimável valor na gestando des­ta dissertando. Ao P. Ugo Vanni, S.J., também exprimo o meu sin­cero agradecimento por ter sido o segundo leitor da dissertando e contribuido com preciosas sugestdes. A eles manifesto o meu reco- nhecimento por me ter feito dom de tanta disponibilidade, compe­tencia e sabedoria.

Agradeno aos padres Divo P. Binotto, S.D.S., Sérgio R. Bi- notto, S.D.S. - urna saudosa memoria -, Joaquim Lemes da Silva, S.D.S., e Deolino P. Baldissera, S.D.S., que foram urna presenna significativa na minha paixdo pela Sagrada Escritura, e que me de- ram oportunidade de efetuar este estudo; aos meus confrades sal- vatorianos do Brasil e de Roma, pelo apoio e encorajamento que sempre me brindaram.

Recordo meus pais e meus familiares - urna constante presenna na ausencia. A eles e ao P. Ryszard Sachmata dedico este trabalho. A este último, agradeno o inestimável dom de sua amizade e a par- tilha das alegrías e incertezas durante os anos de elaborando da tese. A Dalva Tavares de Lima agradeno pelas renuncias que fez em prol da exigente correndo do texto e ao P. Lauro Spohr, S.D.S., pela atenta revisdo do mesmo.

A todos eles expresso a minha gratiddo e que tenham a certe­za de que contribuirán!, em muito, nesta estimulante descoberta de Pedro.

Jodo Tavares de Lima

Roma, Janeiro de 1994

ABREVIATURAS E SIGLAS PRINCIPAIS

|  |  |
| --- | --- |
| AnCalas Anton AssSeign AugR AusCathRec AustralBR | Analecta Calasanctiana; Salamanca  Antonianum; Roma  Assembles du Seigneur; Bruges-Paris  Augustinianum; Roma  Australian Catholic Record; Sydney  Australian Biblical Review; Melbourne |
| BAC BbbOr BBudé BETL | Biblioteca de Autores Cristianos; Madrid  Bibbia e Oriente; Bomato (BS)  Bulletin de l’Association G. Budé; Paris  Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium;  Leuven |

BibleBhashyam Indian Biblical Quarterly; Vedavathoor, Kottayam, Kerala

|  |  |
| --- | --- |
| BibToday BibTB BiKi BJ | Bible Today; Collegeville  Biblical Theology Bulletin; St. Bonaventure (NY)  Bibel und Kirche; Stuttgart  Biblia de Jerusalém, edi^ao em lingua portuguesa, Säo  Paulo, 1985 |
| BJRL | Bulletin of the John Rylands University Library; Man­chester |
| BLitEc BLtg BR BVieChr BZ BZNW | Bulletin de Littérature Ecclésiastique; Toulouse  Bibel und Liturgie; Wien/Klostemeuburg  Bible Review; Washington, D.C.  Bible et Vie Chrétienne; Paris  Biblische Zeitschrift; Paderborn  Beihefte zur Zeitschrift für die neutestamentliche Wissen­schaft; Berlin |
| CBQ CiuD CiTom CiVit Claret CleR CuBib CurrTMiss | Catholic Biblical Quarterly; Washington, D.C.  Ciudad de Dios; Madrid  Ciencia Tomista; Salamanca  Città di Vita; Firenze  Claretianum; Roma  Clergy Review; London  Cultura Biblica; Madrid  Currents in Theology and Mission; St. Louis |
| DBS DowR | Dictionnaire de la Bible - Supplément; Paris Downside Review; Bath |
| EstBib ETL | Estudios Bíblicos; Madrid  Ephemerides Theologicae Lovanienses; Leuven |

|  |  |
| --- | --- |
| EuntDoc EV EvQ ExpTim | Euntes Docete; Roma  Esprit et Vie; Paris  Evangelical Quarterly; Exeter  The Expository Times; Edinburgh |
| FoiVie  FRLANT | Foi et Vie; Paris  Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments; Göttingen |
| GCS GLNT | Die Griechischen Christlichen Schriftsteller; Berlin  Grande Lessico del Nuovo Testamento, edi^äo italiana, a cura de F. Ontagnini - G.Scarpat, do original alemäo *Theo­logisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, de G. Kittel - G. Friedrich; Brescia |
| Greg | Gregorianum; Pontificia Universitas Gregorina, Roma |

HeythJoum The Heythrop Journal - A Quarterly Review of Philosophy

|  |  |
| --- | --- |
| HTR | and Theology; London  Harvard Theological Review; Cambridge (Mass) |
| IndJT Interp | Indian Journal of Theology; Serampore Interpretation; Richmond (VA) |
| JBL JStNT JTS | Journal of Biblical Literature; Atlanta  Journal for the Study of the New Testament; Sheffield  Journal of Theological Studies; Oxford/London |
| KerDog KleBl | Kerygma und Dogma; Göttingen Klerus-Blatt; Salzburg |
| LTP LVitae | Laval Théologique et Philosophique; Quebec Lumen Vitae; Brussels |
| MiscFranc MondeB MüTZ | Miscellanea Francescana; Roma Le Monde de la Bible; Paris Münchener Theologische Zeitschrift; St. Ottilien |
| NDTB | Nuovo Dizionario di Teologia Biblica, a cura di P. Rossano - G. Ravasi-A. Girlanda; Milano-Torino, 1988 |
| NRT NT NTS | Nouvelle Revue Theologique; Tournai  Novum Testamentum; Leiden  New Testament Studies; New York/Cambridge |
| PalCl ParSpV ParVi PG | Palestra del Clero; Rovigo  Parola, Spirito e Vita - Quaderni di lettura biblica; Bologna  Parole di Vita; Torino  Migne, J. (a cura): Patrologia Graeca, Paris, 1857-1866 |

|  |  |
| --- | --- |
| PL PLS | Migne, J. (a cura): Patrología Latina, París, 1844-1864  Migne, J. (a cura): Patrología Latina - Suplementum |
| RB REB RCatalT RechSR RevBíb RevCult RevCultBib RevSR RExp RHPR RivBiblt RPLH | Revue Biblique; Jérusalem/Paris  Revista Eclesiástica Brasileira; Petrópolis  Revista Catalana de Teología; Barcelona  Recherches de Science Religieuse, París  Revista Bíblica Argentina; Buenos Aires  Revista Cultural; Sao Paulo  Revista de Cultura Bíblica; Sao Paulo  Revue des Sciences Religieuses; Strasbourg  Review and Expository; Louisville  Revue d’Histoire et de Philosophie Religieuses; Strasbourg  Rivista Bíblica Italiana; Bologna  Revue de Philologie, de Littérature et d’Histoire anciennes; Paris |
| RSPT RThom RTL RTPhil | Revue des Sciences Philosophiques et Thèologiques; Paris  Revue Thomiste; Toulouse/Bruxels  Revue Théologique de Louvain; Louvain  Revue de Théologie et de Philosophie; Épalinges |
| SalT SBFLA ScEsp ScuolC ScripB SeinSend SémBib SNTU-A ST StLeg StPatav SVlad | Sal Terrae; Santander  Studii Biblicii Franciscani Liber Annuus; Jerusalem Science et Espirit; Montréal La Scuola Cattolica; Varese Scripture Bulletin; London Sein und Sendung; Werl Sémiotique et Bible; Lyon Studien zum NT und seiner Umwelt; Linz Studia Theologica; Oslo Studium Legionense; León Studium Patavina; Padova St. Vladimir’s Theological Quartely; Tuckahoe (NY) |
| TDig ThR TLZ TPQ TR TRE TS TWAT | Theology Digest; St. Louis  Theologhische Rundschau; Tübbingen  Theologische Literaturzeitung; Berlin  Theologische-praktische Quartalschrift; Linz  Theologische Revue; Münster  Theologische Realenzyklopädie; Berlin-New York  Theological Studies; Baltimore  Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament, G. J.  Botterweck - H. Ringgren (ed.); Stuttgart-Berlin-Köln |
| TZBas | Theologische Zeitschrift; Basel |
| VD VP VSp | Verbum Domini; Roma Vida Pastoral; Sao Paulo La Vie Spirituelle; Paris |

|  |  |
| --- | --- |
| ZAW ZkT ZMis ZNW | Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft; Berlin  Zeitschrift für katholische Theologie; Innsbruck  Zeitschrift für Mission; Stuttgart  Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenchaft und die Kunde des Alten Christentums; Berlin |
| ZTK | Zeitschrift für Theologie und Kirche; Tübingen  OUTRAS ABREVIATURAS |

AA.W. Autores vários

|  |  |
| --- | --- |
| c.  cap. col. diss.  espec. ed.  n.  n°.  P- s.  V.  X. | capitulo(s) dos livros bíblicos capítulo(s) da dissertalo coluna dissertala© especialmente editou/editaram nota número página(s) seguinte(s) versículo(s) colocado depois de um número e em referencia a um termo indica a quantidade de vezes que este termo é utilizato. |

INTRODUÇÂO

A figura de Pedro, com todos os matizes relativos à sua pessoa, ao seu mundo de relaqòes e à sua missào, é sempre atual e fomece luzes para entendermos tanto a Comunidade Crista Primitiva corno a de nosso tempo.

O apòstolo Simào Pedro ocupa urna posido de indubitável pri­vilègio entre os personagens do Novo Testamento. Os dados estatis- ticos permitem, de imediato, constatar que os evangelhos dào um concorde e significativo ressalto ao pescador de Betsaida, sobretudo quando consideramos também a freqüéncia com que mencionam os outros apóstelos: Pedro é citado 114 vezes, enquanto todos os ou- tros apóstoles, somados, sao mencionados 107 vezes[[1]](#footnote-2). Entretanto, quando se abordam as traduces sobre Simào Pedro, o evangelho de Joáo vem tomado em considerado apenas marginalmente, sub-en- trando como elemento parcial dentro de temáticas diversas e mais ampias. Nao existe, até agora, segundo o nosso conhecimento, nenhum estudo monográfico que trate o material pettino do quarto evangelho em seu conjunto, de modo global e exaustivo. Além dis­so, os numerosos comentários sobre o quarto evangelho mantém-se geralmente num nivel genérico e os artigos das revistas especializa­das estào assaz voltados para questóes específicas, que nem de longe considerara ou entendem mostrar um perfil completo de Pedro.

Diante dessa lacuna, é intendo da presente dissertado exami­nar o material pettino de Joào, para ver qual é a apresentad0 Que o quarto evangelista faz de Pedro. Entretanto, como o nosso é um es­tudo sobre o quarto evangelho, nao trataremos dos textos referentes a Pedro que aparecem ñas Cartas Paulinas, nos Atos dos Apóstelos, nos Evangelhos Sinóticos e ñas Epístolas Petrinas[[2]](#footnote-3). Igualmente, nao procuraremos dar respostas a questóes de natureza histórica ou dogmática relativas a problemáticas petrinas, como a discussào so­bre o seu real oficio, bem como sobre a sua sucessào.

Limitar-nos-emos, pois, à análise das perícopes joaninas sobre Pedro (1,41-42; 6,67-71; 13,6-10.21-26.36-38; 18,10-11.15-18.25-27; 20,1-10; 21,1-14.15-23), as quais serao abordadas em si mesmas e na relado que deriva de seu conjunto. Para tanto, assumindo o texto final, faremos uso sobretudo dos métodos de análise sincrònica, quais sejam: a análise lingüístico-sintática, a análise semàntica e narrativa, bem como a estrutura do texto. Estes instrumentáis nos permitem estudar as nossas perícopes como unidades estruturadas e coerentes, estabelecendo as suas características constitutivas peculia­res, como também evidenciam a relado entre os vários fatores das várias perícopes que concorrem para determinar a conceptúo que o quarto evangelista faz de Pedro e de tudo o que diz respeito à sua experiencia em relajo a Jesus.

O nosso estudo está articulado em oito capítulos, mais um con­clusivo, os quais estarao assim distribuidos:

**O primeiro capítulo** procurará ver como a problemática petrina no quarto evangelho tem sido tratada, agrupando as contribuidas mais significativas segundo as suas tendencias fundamentáis. Sem pretendermos ser exaustivos, veremos os principáis autores repre­sentantes dessas tendencias, após o que procuraremos sintetizar os pontos de convergencia entre eles e salientaremos os pontos mais discutidos, que serao retomados no capítulo conclusivo.

**O segundo capítulo** estudará a perícope de Jo 1,41-42 e a nossa investigado seguirá duas frentes: urna considerará a perícope á luz da metodología histórico-crítica e a outra procurará urna leitura de seu texto final. As indicadas fomecidas por ambas as análises nos interessarao porque convergem para o mesmo ponto focal: revelara a importáncia das implicares do termo Kqcpag na re-denominado de Simao, indicando, programáticamente, a perspectiva segundo a qual deve ser vista a figura deste discípulo e apòstolo no evangelho de Joño.

**O terceiro capítulo,** continuando a refiexáo do segundo, estuda­rá o nome KTjtpàg no pano de fundo bíblico-judaico e a sua signifi­cado em Jo 1,42. Partindo do sentido etimológico e simbólico deste termo no mundo semítico, chegaremos a um significado original de fundo, que, por sua vez, será confrontado com o uso deste termo na literatura vetero-testamentària, analisada tanto no Texto Masoréti- co, como nos LXX, e na literatura judaica extra-bíblica. Este é, em última instancia, o universo geográfico, cultural e religioso que ser­ve de *background* para o *hapax* joanino.

Entre os **capítulos quarto e oitavo,** privilegiando o texto final, estudaremos as outras perícopes joaninas acerca de Pedro, conside- rando-as na ordem em que sao apresentadas pelo evangelista: ca­pítulos **quarto:** 6,67-71, **quinto:** 13,6-10.21-26.36-38, **sexto:** 18,10-11. 15-27, **sétimo:** 20,1-10, **oitavo:** 21,1-14.15-23. Já esta ordem é indica­tiva do itinerario que Simào passa a percorrer, o qual está longe de ser linear, de modo que a aproximado de Pedro a este programa se­rá lenta e gradual, e, de modo nenhum, isenta de paradoxos.

No **capítulo conclusivo,** nos ocuparemos das conexóes temáticas e dos motivos comuns ás perícopes anteriormente estudadas, refe- rindo-nos ás questoes que no primeiro capítulo ficaram pendentes, e procurando, de modo sistèmico, perceber a conceptúo que o quarto evangelista faz de Pedro.

A nossa intendo, pois, é apresentar o itineràrio percorrido por Simao Pedro no quarto evangelho, centrando-nos na simbólica das imagens de Pedro como Kqq>&<; e como Pastor, colhendo, ao mesmo tempo, as suas implicares para a eclesiologia joanina.

Capítulo I

TENDÈNCIAS FUNDAMENTAIS NA TRATATIVA SOBRE  
PEDRO NO QUARTO EVANGELHO

Este capítulo visa fornecer urna espécie de visao panorámica sobre as opinióes dos estudiosos em rela^áo á posi^áo e ao signifi­cado de Pedro no Quarto Evangelho. Valendo-nos de vários levan- tamentos bibliográficos[[3]](#footnote-4), constatamos que a quase-totalidade des- ses estudos se concentra nos últimos oitenta e cinco a noventa anos, e, através de urna leitura sincrética desses trabalhos, verifica­mos que existem alguns lineamentos constantes indicativos de ten­dencias fundamentáis típicas na descriváo de como a figura de Pe­dro é concebida pelo quarto evangelista. Pudemos agrupá-las em quatro tendencias principáis[[4]](#footnote-5) assim enunciadas: a primeira consi­dera a preeminencia de Pedro como o porta-voz do estreito grupo seguidor de Jesús; a segunda tendencia vé Pedro em fun^áo do Discípulo Amado, enquanto a terceira aborda a figura de Pedro como um meio-termo entre a de Judas e a do Discípulo Amado; a quarta tendencia vé o quarto evangelho como sendo marcadamen­te antipetrino.

Procuraremos desenvolver o conteúdo dessas tendencias, atra­vés de seus principáis representantes, sem, contudo, efetuar urna análise exaustiva nem um julgamento crítico de cada urna délas. Li- mitar-nos-emos, pois, a apresentar os seus principáis argumentos, sintetizando os pontos de convergencia e salientando aqueles mais discutidos, os quais seráo retomados no capitulo conclusivo deste trabalho.

1. *A preeminencia de Pedro como “porta-voz” do grupo dos Doze:*

Esta tendéncia considera que Joáo reconhece, ao longo de seu evangelho, um lugar primordial de Pedro como representante do grupo dos Doze, do qual é o líder.

Essa liderança, todavía, pode ser concebida sob très aspectos, conforme se considere, ignore ou descarte a possibilidade de que em Joao esteja presente a atribuiçâo do Primado de Pedro na Igreja nascente.

* 1. *A preeminéncia de Pedro em perspectiva ao Primado1.*

De modo geral, os estudos católicos sobre Joao até a década de sessenta seguem este ponto de vista, referindo-se explicitamente ou deixando subentendido que no quarto evangelho, além da indiscu- tível posiçâo de porta-voz e líder do grupo, está presente a funda- mentaçâo para o Primado de Pedro[[5]](#footnote-6).

Nesses estudos, nao aparece como problema a questáo do re- conhecimento do Primado; segundo eles Joao vé em Pedro, já desde o inicio, a rocha sobre a qual surgirá a Igreja de Jesús.

Sao representantes desta tendéncia: P. Benoit e R. Pesch.

1. *P. Benoit:*

A sua posiçâo pode ser percebida sobretudo por meio de dois artigos em que trata de responder a B. Cassien e a O. Cullmann so­bre o problema da fundamentaçâo do Primado de Pedro no Novo Testamento[[6]](#footnote-7).

Na sua discussâo com estes autores, Benoit parte do suposto que eré no Primado pessoal de Pedro e dos seus sucessores. No en­tanto, como isso é contestado, ele sente a necessidade de examinar os passos neotestamentários que atestam a posiçâo que Pedro ocupa no grupo apostólico e reconhecem a sua funçâo diretiva dentro des­se grupo[[7]](#footnote-8).

Pudemos notar que ele, partindo de urna leitura de Joâo, vé um Pedro característicamente simples, ardente, generoso, impulsivo, te­meroso e volúvel; com urna espontaneidade que o levava a agir com imprudéncia e superficialidade, mas que, ao mesmo tempo, nao criava dificuldades em voltar atrás e se corrigir[[8]](#footnote-9). É este o Pedro que emerge como personagem de peso, catalisando os medos, as aspi- raçôes e as reaçôes do grupo. Reconhecido por este e por Jesus co­mo auténtico representante, jamais eclipsou a força ou a presença dos outros discípulos.

A reconhecida funçâo de Pedro como cabeça dos discípulos de- ve-se certamente a urna missâo recebida de Jesus, fato que é assegu- rado por urna série de indicios que se confirmam mutuamente: 1 Cor 15,5; Le 24,34; Mt 16,16-19; Jo 21. Específicamente segundo Jo 21, Jesus confiou a Pedro a tarefa de apascentar o seu rebanho, o que nâo pode significar outra coisa que nâo seja a direçâo da Igreja e a pregaçâo missionària[[9]](#footnote-10). Embora à primeira vista esta ordem de apascentar o rebanho possa se referir à direçâo dos fiéis em geral, o nexo que mantém com a tríplice negaçâo sugere que as primeiras ovelhas a serem apascentadas por Pedro sáo justamente os apóste­los[[10]](#footnote-11). Esta missâo de Pedro em relaçâo aos apóstolos é, além do mais, segundo Benoit, sugerida pela pergunta de Jesus “Tu me amas mais do que estes?”. É pelo fato de amar Jesus mais que os outros que ele recebe a funçâo de dirigir tanto os demais discípulos como o grupo dos cristáos[[11]](#footnote-12). Apesar da fraqueza que demonstrou no passa- do, a supremacía de Pedro nâo é negada; ao contràrio, é restabeleci- da e confirmada, com a atribuiçâo da funçâo de pastor. Esta missâo estava, outrora, a cargo de Deus e, depois, de Jesus; agora, por dele­gado, compete a Pedro. Isto implica que ele é apòstolo como os de- mais membros do grupo e, além disso, é pastor[[12]](#footnote-13).

Respondendo a Cullmann e Cassieri, Benoit retoma os passos do quarto evangelho nos quais, para estes autores, Pedro vem rebai- xado, e faz a sua leitura crítica. Observa que os outros discípulos, ao assistirem e completarem a ado de Pedro em várias ocasióes[[13]](#footnote-14), nao tiram dele nenhuma autoridade. Nem mesmo a presenta do Discípulo Amado amea^a a superioridade de Pedro. Nao é intendo do quarto evangelho, introduzindo a figura deste discípulo, rebaixar Pedro ao nivel dos outros apóstoles e apresentar um paradigma da- quilo que Pedro nào é ou nào tem; a especial caracterizado deste outro discípulo quanto à intimidade e à percep^ào espiritual nào ofusca o Primado de Pedro, o qual se encontra em um outro pla­no[[14]](#footnote-15). O fato de Joao insistir, com prazer, na velocidade com que o Discípulo Amado corre ao túmulo, sublinhando a sua fé, vem com­pletado — nao com menos importancia — com a informado de que ao chegar lá, este se preocupa em nao entrar, reservando esta honra a Pedro, que é o cabera[[15]](#footnote-16). Esta posido, alias, Pedro já mani­festara ocupar em 6,67-71, quando, em um momento de crise, tomou a palavra em nome de todos para proclamar a dignidade de Jesus[[16]](#footnote-17).

Para Benoit, pois, os textos joaninos impóem que se reconhe^a a Pedro nao só um lugar de lideran^a e representado do grupo, mas também urna fundo de diredo no ámbito do pròprio colégio apostólico.

1. *P. Pesch:*

Como Benoit, Pesch também nào apresenta um trabalho exclu­sivamente sobre a visao de Pedro no quarto evangelho. Esta pode ser encontrada, sobretudo, numa sua obra em que trata do signifi­cado histórico de Pedro, analisando, entre outros, o quadro que o Novo Testamento apresenta de Pedro[[17]](#footnote-18).

Pesch cometa considerando que as tradi^oes a respeito de Pedro sao multíplices. As comunidades cristas existiam lado a lado, mas cada urna possuía as suas tradÍQoes sobre Pedro. Elas o viam tanto como discípulo de Jesus, como apòstolo, líder da co- munidade primitiva de Jerusalém, e missionàrio. Muitas tradi^oes tinham dele urna imagem muito positiva; outras o viam de modo crítico, e outras, por sua vez, o consideravam como exemplo de discípulo. Mas na totalidade da tradito evangélica, observa Pesch, Pedro emerge como protagonista dos discípulos, e nela nenhum outro assume a fun^áo característica de porta-voz do grupo; nenhum outro apòstolo tem significado e autoridade táo eclesial como Pedro[[18]](#footnote-19).

É assim que o quarto evangelho assume urna tradito em que Pedro ocupa um considerável e especial lugar na Igreja[[19]](#footnote-20). Desta tra- di^ào petrina em Joao, Pesch releva alguns dados, que resumida­mente passamos a apresentar.

Ele observa, inicialmente, que neste evangelho Pedro nao é o primeiro convocado ao discipulado, pois vem a Jesus por intermè­dio de seu irmào André (1,42). Conquanto, isto nào o impede de as- sumir imediatamente um lugar de destaque, recebendo um novo no­me (1,42), de significado eminentemente eclesial[[20]](#footnote-21).

Depois, Pesch faz um rápido percurso pelo quarto evangelho, notando que este significado eclesial nào se cumpre de imediato, já que Joào nào poupa Pedro de urna certa ambigüidade: por um la­do, durante a crise de Cafamaum, Pedro fala pelo grupo (6,68-69); mas por outro, durante o lava-pés (13,6-9), bem como na cena em que Jesus Ihe diz que ele O negará (13,36-38) e no momento da pri- sào de Jesus — quando reage com violencia e por conta pròpria (18,10-11) — ele vem fortemente apresentado como um discípulo que nao entende Jesús[[21]](#footnote-22).

Esta ambigüidade é reforjada pelo fato de que, em varias pas- sagens[[22]](#footnote-23), o quarto evangelho introduz a figura do Discípulo Ama­do, dando-lhe urna certa prioridade em rela?ao a Pedro[[23]](#footnote-24). Todavía, Joáo nao está interessado em rebaixar a autoridade de Pedro[[24]](#footnote-25).

Com a Ressurrei$áo de Jesús, Pedro é investido de fun^oes pas- torais (21,15-17), tomando-se, por excelencia, o pastor da Igreja e detendo nela um primado[[25]](#footnote-26). Por conseguinte, salienta Pesch, com a morte de Pedro — dedutível em 21,18-23 — surge a questáo acerca de quem assumirá, em seu lugar, o comando do rebanho de Cristo, que é a Igreja. Mas esta questáo nao encontra resposta no quarto evangelho[[26]](#footnote-27).

Portanto, para Pesch, a concepQáo joanina de Simáo Pedro co­mo o primeiro e como o principe dos apóstoles é clara. Embora nao seja poupado de sua ambigüidade, ele desempenha um papel pre­ponderante no grupo dos discípulos de Jesús, detendo mesmo urna autoridade apostólica.

* 1. *A preeminencia de Pedro sem referimento ao Primado:*

Outros autores, abordando as perícopes joaninas, prescindem da tipologia do Primado. Para eles, indubitavelmente, Pedro se re­veste de urna missáo que o faz ser reconhecido como absoluto líder dos seguidores de Jesús, mas nao chamam em causa, quer para fun­damentar quer para negar, a categoría do Primado.

Sao inúmeros os trabalhos que assumem esta postura, e nor­malmente fazem o mesmo tipo de análise dos textos joaninos. Como representante desta tendencia, mencionamos C. Coulot, para quem Joáo confere a Pedro muitos traeos já encontrados na tradi^áo sinó­tica, mas que os reelabora segundo o interesse de urna comunidade marcada pela presenta de um outro discípulo. Por isso, para urna apresenta^áo da figura e da missáo de Pedro em Joáo, defende que se fa^a urna distingo: os passos em que Pedro aparece sozinho, os

passos em que ele interage com o discípulo que Jesús amava, e o capítulo 21, que ele considera urna adi^ao tardía[[27]](#footnote-28).

Nos passos em que aparece sozinho, Pedro é apresentado como um personagem muito atraente, extremamente cheio de vida. O fato de Jesús ter-lhe mudado o nome no primeiro encontró entre eles evoca o seu destino, fazendo com que já, desde o inicio, Pedro seja considerado e apresentado a partir de sua particular voca^áo[[28]](#footnote-29). Es­ta visao vem corroborada em 6,67-69[[29]](#footnote-30), quando num contexto de crise do discipulado, Pedro faz urna confissáo de fé em Jesús, em nome dos Doze. Embora um pouco mais adiante ele mostré urna ge- nerosidade impulsiva (13,36-38; 18,10-11) e se revele incapaz de, por si mesmo, apreender o real alcance das palavras de Jesús (13,6-11.36-38; 18,10-ll)[[30]](#footnote-31), isto nao compromete a natureza de sua missao nem o lugar especial que ele ocupa entre os discípulos[[31]](#footnote-32).

Por mais de urna vez, Pedro vem apresentado ao lado do Dis­cípulo Amado, necessitando da media^áo deste (13,24-26; 18,15-18; 20,1-10); mas, insiste Coulot, ele continua representante e porta-voz dos discípulos, ocupando, entre estes, o primeiro lugar[[32]](#footnote-33).

No capítulo 21, Joao atribuí a Pedro urna fungao central[[33]](#footnote-34); de- pois de reabilitado, este tem confirmada a sua missao pastoral (21,15-17). Neste capítulo a autoridade atribuida a Pedro é clara e, evocando Jo 10, está em estreita rela?áo com o dever que o pastor tem para com seu rebanho, que é dar a vida por ele. Tanto é que, em seguida, se evoca o seu martirio (21,18-20)[[34]](#footnote-35).

Assim, precisa Coulot, o quarto evangelho e a sua comunidade mantém urna recordado de um Pedro impulsivo e impetuoso, mas que, desde a sua voca^ao, recebe urna fun^ao preponderante, que Ihe será confirmada no final do evangelho. Embora algumas vezes Pe­dro seja visto como rival do Discípulo Amado, pelo qual a comu- nidade joanina tem um interesse particular, Joâo nao esconde nem evita apresentar a força de Pedro, que foi o personagem mais famoso aos olhos da grande Igreja. Coulot, todavía, nao descreve o papel de Pedro em termos do Primado, mas também, nao o des­carta.

* 1. *A preeminencia de Pedro sem perspectivas ao Primado:*

Para alguns autores, no quadro que o quarto evangelho apre­senta de Simáo Pedro, este assume urna funçào especial no interior do grupo seguidor de Jesus, sendo o líder e representante do mes- mo, mas esta condiçâo de “primeiro” entre os apóstolos nao aponía à instituiçâo do Primado. Esses autores vêem a autoridade de Pedro mais a nivel carismàtico, urna autoridade que lhe é espontáneamen­te reconhecida, fruto da interaçâo do grupo. Quando legitimada por Jesus, eia aparece em estreita relaçâo com a doaçâo da vida.

Como representante desta concepçâo, temos O. Cullmann. Se­gundo ele o quarto evangelista tem urna dùplice visâo em relaçâo à particular posiçâo que Pedro ocupa entre os discípulos de Jesus: é urna posiçâo abertamente reconhecida, ao mesmo tempo que vem insistentemente enfraquecida e confrontada com a autoridade de um misterioso e anónimo discípulo que Jesus amava[[35]](#footnote-36).

Assim, por um lado, Joâo segue a tendencia dos evangelhos sinóticos, para os quais Pedro ocupa urna posiçâo de indiscutível re­levo entre os discípulos. É sempre ele quem fala em nome dos Doze, e que em várias situaçôes se dirige a Jesus com perguntas às quais os demais discípulos desejam obter resposta[[36]](#footnote-37); o seu nome é sempre o primeiro da lista dos apóstolos[[37]](#footnote-38). Esta mesma tendéncia se faz pre­sente em Joâo, onde — mais que nos sinóticos — os problemas em tomo do nome “Pedro” estáo em estreita relaçâo com a importán- cia que ele teve no círculo dos Doze[[38]](#footnote-39), e onde Pedro, em ocasioes semelhantes às dos sinóticos, assume um papel igualmente represen­tativo dos Doze, falando em nome deles, ou manifestando reaçôes que perfeitamente poderiam ser deles[[39]](#footnote-40).

Por outro lado, a dignidade particular de Pedro se faz proble­mática, no quadro joanino. O Discípulo Amado aparece, ao lado de Pedro, em textos[[40]](#footnote-41) que traduzem situa^oes-chave na vida dos discí­pulos e na relajo deles com Jesus, estabelecendo urna implícita pa- ridade ou semi-rivalidade, que indicam urna certa concorréncia en­tre eles[[41]](#footnote-42). Nesses textos, o evangelista nao coloca em discussào a particular posilo de Pedro, pois nào quer contestar a preeminencia deste discípulo; todavía, esta é minimizada e subordinada ao inte­resse que tem pelo Discípulo Amado. Para o quarto evangelista é o Discípulo Amado quem tem a precedencia no discipulado, sendo o prototipo do seguidor de Jesus[[42]](#footnote-43). Os membros da comunidade joa- nina eram, para Cullmann, conscientes das diferen^as que os sepa- ravam da Igreja que se originava nos Doze e se viam com a missào de defender e transmitir a sua tradito que, para eles, remontava ao pròprio Jesus[[43]](#footnote-44). O que vem contestado, entào, e isto é central para Cullmann, é o caráter exclusivo da posilo preeminente ocupada por Pedro: só indiretamente Joao confirma a posi^ao particular de Pedro do testemunho sinótico, o que nào impede Cullmann de sus­tentar que todos os evangelhos atribuem a Pedro urna posilo de preeminencia, reconhecendo que ele é sempre, no bem e no mal, o porta-voz dos discípulos[[44]](#footnote-45).

Perguntando-se sobre a natureza desta posilo preeminente de Pedro, Cullmann diz que eia se dà sempre e somente em virtude de sua rela^ào com Jesus, nào implicando, enquanto Jesus viva, a guia dos outros discípulos ou o exercício de alguma fun^áo diretiva[[45]](#footnote-46). É certo que, para Joào[[46]](#footnote-47), Jesus confiou a Pedro a missào de apascen- tar o seu rebanho. Mas, para Cullmann, esta missào é toda pessoal e limitada ao tempo de vida do apòstolo, devendo terminar com a sua morte[[47]](#footnote-48).

Por conseguinte, se nâo é atribuida a Pedro alguma funçâo di- retiva no confronto dos Doze, ele aparece somente como represen­tante dos discípulos, capaz de catalisar e expressar, em modo parti­cular, a situaçâo dos mesmos[[48]](#footnote-49). Cullmann elimina, assira, diferen- ças sensíveis entre Pedro e os outros apóstelos. Ele nâo pretende negar a preeminéncia que é conferida a Pedro, mas, para ele, esta se reduz, apenas, à condiçào de representaçâo dos outros discípulos.

1. *Pedro em funçâo do Discípulo Amado:*

Urna segunda e ampia tendência considera que o quadro de Pe­dro no quarto evangelho deve ser visto sobretudo a partir de seu re- lacionamento com o Discípulo Amado. Esta relaçâo é vista, pelos autores, com certas nuanças, muitas vezes complementares. Alguns a caracterizara como sendo urna relaçâo de concorrência ou rivali- dade; outros a vêem como urna justaposiçâo ou mesmo como urna relaçâo de complementaridade; outros sustentara que Joâo manifes­ta uma tendência a diminuir a importâneia de Pedro em benefìcio de uma reconhecida superioridade do Discípulo Amado; e outros aínda lhes atribuem um carâter de representatividade pelo quai Pe­dro significaría a Igreja enquanto comunidade hierárquica ou mes­mo a Igreja judaico-cristâ, enquanto o Discípulo Amado tipificaría a Igreja carismàtica ou aquela de origem helenística.

* 1. *Urna relaçâo de concorrência:*

A tendência de ver a relaçâo entre Pedro e o Discípulo Amado como sendo uma concorrência está presente nos estudos de F. Re­foulé, J. J. A. Gunther e R. F. Collins, entre outros. Estes autores, enfatizando aspectos ligeiramente diversificados, vêem que, entre es­tes dois discípulos, o quarto evangelho deliberadamente constrói um clima de competiçâo, fazendo emergir com maior consistência a pre- sença do Discípulo Amado, a quem Pedro aparece, constantemente, subordinado.

1. *F. Refoulé:*

Refoulé, uma vez admitindo que o evangelho de Joâo parece opor a Pedro, como uma espécie de rivalidade, a pessoa do Discipu- lo Amado[[49]](#footnote-50), analisa rápidamente os textos onde se revela esta con- corréncia.

Em quase todos os passos em que este discípulo é citado no quarto evangelho, tem sempre alguma coisa a ver com Pedro[[50]](#footnote-51). Émbora Joáo reconhega um certo primado de Pedro — ele é «Pe­dro» (1,42), o porta-voz dos discípulos em ao menos duas ocasióes (6,67-71; 13,24), o primeiro a entrar no sepulcro vazio (20,5-6), o único a receber a missáo de apascentar o rebanho de Jesús (21,15-17)4S — ¡mediatamente faz referencia ao Discípulo Amado, como se estivesse a dizer que ñas situagóes em que Pedro faliu ou foi incapaz de compreender Jesús, lá estava o discípulo perfeito, melhor do que Pedro, mais forte na fé e na compreensao de Jesús.

Por isso, para Refoulé, é natural que na competi^áo entre os dois, o evangelista privilegie o Discípulo Amado[[51]](#footnote-52). É este quem vi­ve na intimidade de Jesús (13,27), entra livremente — o que nao ocorre com Pedro — no palácio do sumo sacerdote, seguindo Jesús (18,15-18); é ele quem chega primeiro ao sepulcro (20,4) e reconhece Jesús ressuscitado (21,7). Nesses passos, aínda, o Discípulo Amado assume a condigao de mediador de Pedro; nao tem necessidade dele, mas nem por isso Ihe contesta o Primado[[52]](#footnote-53).

Joáo, portanto, reconhece um primado para Pedro; mas é um primado funcional, salienta Refoulé, sugerindo a existencia de um outro primado, superior ao de Pedro: aquele da fé e do amor, que, incontestavehnente, cabe ao Discípulo Amado[[53]](#footnote-54).

1. *J.J.A. Gunther:*

Gunther ve a relagáo entre Pedro e o Discípulo Amado á luz de urna controvérsia teológica, com a qual se debate a igreja do quarto evangelho. Segundo ele, esta situagáo faz rivalizar os dois discípu­los; e, diante desta competigáo, o evangelista assume, claramente, posipáo em favor do Discípulo Amado, fazendo-o vencedor[[54]](#footnote-55). Esta é, pois, para Gunther, a chave de leitura do quadro que o evangelis­ta tece sobre Pedro e o Discípulo Amado, especialmente daqueles textos em que um aparece ao lado do outro[[55]](#footnote-56).

Em vista disso, ele, como Refoulé, apresenta o Discípulo Ama­do como o discípulo ideal, caracterizando, deste modo, o seu apos­tolado como exigindo mais discemimento e maior lealdade que o de Pedro. O Discípulo Amado, e nao Pedro, foi o discípulo por exce­lencia; amado por Jesús, entendeu Jesús e O seguiu consistentemen­te[[56]](#footnote-57). Pedro, por sua vez, é apresentado como dependendo das in- tuipóes e das palavras do Discípulo Amado; o seu amor por Jesús é imperfeito, sendo interrogado naquilo que o Discípulo Amado faz espontáneamente: amar, apascentar o rebanho e seguir Jesús[[57]](#footnote-58). A sua funpáo de pastor e missionário é mais ampia que a do Discípulo Amado, mas este, assumindo a custodia de María (19,25-27), tem também urna cura pastoral no mínimo análoga á de Pedro[[58]](#footnote-59).

Nesses aspectos interrelacionados do discipulado, o Discípulo Amado é o líder, e Joáo enfatiza a sua primazia. A razáo principal do aparecimento deste discípulo é, segundo Gunther, vencer urna especie de competidlo com Pedro, assegurando a sua destacada posi^áo, como também a da comunidade joanina, na comunidade crista primitiva[[59]](#footnote-60).

1. *R.F. Collins:*

Collins distingue entre a apresenta^áo que Joáo faz de Pedro no corpo do evangelho e o quadro resultante do capítulo 21[[60]](#footnote-61).

Para este autor, Pedro aparece muito freqüentemente no quar- to evangelho[[61]](#footnote-62), e nenhum dos doze apóstelos recebe tantas carac­terísticas como ele, muitas das quais tém indicios de familiaridade com a tradi^áo sinótica[[62]](#footnote-63). Pedro vem colocado entre os discípulos, mas é mais que um entre todos; ele é alguém que representa os Doze no conhecimento de que Jesús é o Revelador[[63]](#footnote-64).

Nao obstante esta caracteriza^áo, estes dados revelam tam- bém urna “joaniza^ao”: Pedro surge constantemente subordinado ao Discípulo Amado, de modo que o que temos é um Pedro em competi^áo com este discípulo, numa rela^áo de forte rivalidade, sobretudo no nivel da tipifica^ao do discipulado e da fé como ade- sáo a Jesús[[64]](#footnote-65).

Por sua vez, Jo 21 acrescenta urna descri<?áo posterior, procu­rando, segundo Collins, tecer urna imagem de Pedro mais condizen- te com a maneira pela qual ele era comumente visto no fím do pri- meiro século. Deste modo, Jo 21 assimila do «Pedro dos sinóti­cos»[[65]](#footnote-66)\* a fun?áo de líder dos Doze, mencionando-o como o primeiro entre os discípulos (21,2) e descrevendo-o como pescador (21,3.11). Por igual razao, em 21,15-17, Pedro toma-se amigo preferencial de Jesús, com responsabilidade de guiar os outros[[66]](#footnote-67). Mas este mesmo capítulo sugere, também, algo sobre a rivalidade entre Pedro e o Discípulo Amado: no momento em que este reconhece Jesús, grita: “É o Senhor!”, enquanto Pedro se joga na água para ir a seu encon­tró (21,7); ao ver que Jesús é seguido pelo Discípulo Amado, Pedro pergunta-Lhe sobre o destino daquele discípulo, recebendo de Jesús urna resposta nao pouco severa (21,20-23).

Deste modo, o capítulo 21 harmoniza, segundo Collins, duas concepQÓes sobre Pedro: a da comunidade joanina e a da tradi^áo sinótica[[67]](#footnote-68).

* 1. *Urna relagào de justaposif&o ou de complementaridade:*

Alguns autores entendem que a rela^ào entre Pedro e o Dis­cípulo Amado deve ser vista à luz do processo evolutivo da comu- nidade joanina. À luz deste processo, R. E. Brown e F. Fernández Ramos sustentam que o caráter definidor desta rela^ño é a com­plementaridade, segundo a qual, e tratando-se de dois papéis dife­rentes, o Discípulo Amado se apoiaria na reconhecida autoridade de Pedro para garantir a sua credibilidade na igreja universal. R. Schnackenburg segue a mesma linha, mas nào chega a falar de complementaridade, senño de justaposi^ao.

1. *R.E. Brown:*

Embora enfatize que, na comunidade joanina, o apòstolo nào representa urna dignidade prioritària e que o seu protagonista por excelencia é um discípulo[[68]](#footnote-69), Brown retém que Joño dá urna atenpño especial a Pedro. Neste evangelho, existem seis referencias afins áquelas dos evangelhos sinóticos, mas existem também importantes cenas que sao peculiares ao quarto evangelho, e nelas, normalmen­te, Pedro vem associado ao Discípulo Amado[[69]](#footnote-70). No primeiro grupo de textos, Joño segue basicamente as linhas fundamentáis do retrato sinótico de Pedro; por conseguinte, para a consideralo sobre o comportamento joanino em rela?ño a Pedro, sño decisivos os passos em que este aparece com o Discípulo Amado[[70]](#footnote-71). Passemos em rese- nha esses textos, procurando ver o enfoque específico de Brown.

O Discípulo Amado aparece pela primeira vez em 13,23-26. Es­ta primeira descrivo é típica em acentuar a sua vizinhan^a em re­lajo a Jesus e a sua amizade com Pedro[[71]](#footnote-72). O passo quer significar que, para Joño, o Discípulo Amado desfruta de um primado no amor de Jesus, que o privilegia; mas o fato de Pedro ter, na cena, ao menos urna fun^ao secundaria, faz pensar que ele também fosse considerado, pelo evangelista, urna figura importante.

Em 18,15-16 Pedro é admitido no palácio do sumo sacerdote, mas só depois que o Discípulo Amado fala com a porteira. Apesar deste discípulo nâo exercer, diretamente, na cena, alguma importán- cia teológica[[72]](#footnote-73), nota-se que ele é colocado em contraste com Pedro, que por très vezes negará ser discípulo de Jesus[[73]](#footnote-74). A leitura deste passo é iluminada pelo fato de que Pedro, ao pé da cruz (19,25-27), marcadamente ausente, é implicitamente um dos que se dispersaram e abandonaram Jesus, enquanto o Discípulo Amado — com grande significado teológico — emerge como o verdadeiro seguidor de Je­sus[[74]](#footnote-75).

Em 20,2-10, na corrida dos dois ao túmulo de Jesus, surge a questao se o Discípulo Amado reconhece que Pedro tem prioridade — embora tenha chegado primeiro, espera por Pedro — ou se é ao Discípulo Amado que é dada prioridade, urna vez que precede Pe­dro. Brown, nâo querendo ir além da intençâo do evangelista na ex- ploraçào deste contraste, reporta-se aos estratos de elaboraçâo do evangelho e diz que, neste texto, a presença do Discípulo Amado é um acréscimo, de modo que na narraçâo original, somente Pedro, ao ser avisado por Madalena, dirige-se ao sepulcro[[75]](#footnote-76). Assim, embo­ra a introduçào do Discípulo Amado crie um contraste, isso nao constituí o aspecto principal e definidor da relaçâo entre os dois, que, ao longo do evangelho, sao apresentados como amigos e nao como rivais[[76]](#footnote-77).

Finalmente, o capítulo 21 é, praticamente, todo construido em funçâo de Pedro e do Discípulo Amado[[77]](#footnote-78). Nele, Pedro mantém o papel de líder principal, mas nao aparece como o discípulo que está em real sintonia com Jesus[[78]](#footnote-79). Temos, neste capítulo, a atribuido da missào geral apostólica de Pedro que implica, seja o estado de discí­pulo, seja o mandado especial de autoridade[[79]](#footnote-80). Mas esta, contudo, seguindo o prisma dos valores joaninos, é urna autoridade pastoral, que impóe sobre o pastor, e nao sobre o rebanho, as obriga^óes principáis; o seu tra?o característico e distintivo nào é a autoridade ou o poder que exerce sobre o rebanho, mas o conhecimento íntimo das ovelhas, o amor que Ihes dedica, a capacidade de dar a vida por elas[[80]](#footnote-81).

Deste modo, nào podemos, segundo Brown, falar de rivalidade que vise deliberadamente diminuir a importancia e o papel de Pedro em beneficio de urna exaltado do Discípulo Amado[[81]](#footnote-82). Os papéis dos dois sao em parte diversos e em parte iguais, nao se excluindo um ao outro[[82]](#footnote-83). A comunidade joanina reforja a sua posilo pondo o Discípulo Amado ao lado de Pedro. Para eia, apesar de o Discí­pulo Amado ser a fonte fundamental de sua tradito sobre Jesus, nào se podia falar de Jesus e da comunidade cristà primitiva sem fa­lar de Pedro e de sua fun^ào missionària e pastoral[[83]](#footnote-84). Portanto, am­bas as figuras tiveram urna fun^ào preeminente e, no final, comple­mentar, na tradito joanina: o Discípulo Amado, porque era de grande importancia dentro da comunidade, sendo o seu modelo ins­pirador; Pedro, porque era parte integrante da tradipáo sobre Je­sus[[84]](#footnote-85). No máximo, pode-se dizer que a constante associalo entre os dois reflete a intenso do evangelista em sublinhar o fato de que o Discípulo Amado nào era menos importante que Pedro — o mais conhecido dos auténticos companheiros de Jesus —, reivindicando um reconhecimento para um outro tipo de discipulado, nao menos auténtico, e igualmente necessàrio.

1. *F. Fernández Ramos:*

Fernández Ramos considera a relado entre Pedro e o Discípu­lo Amado à luz do processo evolutivo da comunidade joanina e dos estratos redacionais da composito do quarto evangelho que acom- panham este processo[[85]](#footnote-86).

Vejamos brevemente como ele concebe a origem da comunida­de e do evangelho joanino, para entendermos melhor como ele vé a relado entre os dois discípulos.

Fernández Ramos afirma que provavelmente o grupo inicial — portanto, o primeiro estágio na formado da comunidade — estava organizado em sintonia com a sinagoga e a sua diredo estava a car­go dos presbíteros[[86]](#footnote-87). Num segundo estágio, marcado pelo cresci- mento e pelo esclarecimento na fé, a comunidade enfrentou muitos conflitos de natureza interna e com o judaismo oficial, sendo exclu­ida da sinagoga. Neste estágio, a comunidade joanina viu-se na ne- cessidade de redefinir a sua identidade e, para isso, o principal per- sonagem dirigente foi o evangelista, que, segundo Fernández Ra­mos, provavelmente coincide com o Discípulo Amado[[87]](#footnote-88). Numa úl­tima fase, a comunidade, dominada por concepgóes pneumatológi- cas e por urna cristologia elevada, corría o risco de espiritualizar-se seguindo a linha da gnose, negando a Encarnado. Diante disso, era necessàrio manter a integridade e a pureza da fé crista; e foi o que fez o redator final do evangelho[[88]](#footnote-89).

Nesta evoluto, é importante considerar que o grupo inicial vi- via à margem dos doze apóstolos, apoiando-se em outros discípulos ou testemunhas de Jesus. A sua preocupado primordial era a com- preensào de Jesus de Nazaré. Desta forma, nao se punha o proble­ma de sua relajo com a Igreja universal e só remotamente, adverte Fernández Ramos, teria tido noticias desta[[89]](#footnote-90). Foi com o passar do tempo, na passagem do segundo para o terceiro estágio, que a co­munidade joanina, já mais definida, pós-se o problema de sua re­lado com os grupos ou as comunidades que tinham a mesma fé, sendo somente na última redado do evangelho que as relaces do círculo joanino com a Igreja universal implicaram urna sèrie de fa- tores, entre os quais a relajo entre Pedro e o Discípulo Amado[[90]](#footnote-91). Este era um carro-chefe para a legitimado da comunidade joani- na, que quería também garantir urna certa credibilidade ao quarto evangelho, ao qual se faziam muitas restribes. Como na Igreja universal ninguém punha em discussào a autoridade máxima de Pedro, a mesma credibilidade merecía o quarto evangelho, pois se encontrava sob o auspicio de um discípulo igualmente indiscu- tível[[91]](#footnote-92).

Por conseguinte, nao se pode, para este autor, falar de concor- réncia ou de competido entre Pedro e o Discípulo Amado[[92]](#footnote-93). Fa- zendo-se um paralelo, a partir dos passos do evangelho que apre- sentam um discípulo ao lado do outro, pode-se verificar, é certo, urna clara intendo de enaltecer o Discípulo Amado, a quem é re- conhecida urna certa preeminencia, mas nao existe rivalidade entre eles, cujas fundes nao sao antagónicas, mas se completam e reci­procamente se devem aceitar[[93]](#footnote-94).

Deste modo, vemos, por um lado, em 13,23-25, Pedro, queren- do saber quem será o traidor, recorre ao Discípulo Amado. É este que, mantendo maior relado de intimidade com Jesus[[94]](#footnote-95), faz a me­diado para Pedro[[95]](#footnote-96)\*. Para Fernández Ramos, a intendo deste texto é dizer que o Discípulo Amado é o símbolo para o futuro da Igreja, e que nào é só a autoridade legítimamente constituida que pode dis­cernir sobre quem sao os verdadeiros e os aparentes seguidores de Jesus[[96]](#footnote-97). Nota-se, assim, urna clara intendo no texto de colocar em relevo o Discípulo Amado. Esta tendencia também se nota em 18,15-17, quando Pedro, para entrar na casa do sumo sacerdote pre­cisa da intervendo do Discípulo Amado, e em 20,1-10, em que, na corrida ao sepulcro, o Discípulo Amado é, segundo o referido au­tor, o primeiro, nao por ser mais jovem, mas por ter descoberto a real significado do episòdio[[97]](#footnote-98). A mesma linha segue ainda Jo 21, onde o testemunho do Discípulo Amado deve permanecer além da morte[[98]](#footnote-99).

Por outro lado, porém, o pròprio Discípulo Amado reconhece a prioridade de Pedro ao deixar que seja o primeiro a entrar no se­pulcro (20,5-6), e o evangelista sublinha que Pedro é a primeira tes- temunha da Ressurrei^äo, o pastor supremo e mártir da grande Igreja. Encontramo-nos, pois, diante de duas grandezas de primeira ordern para a comunidade crista. Com efeito, a comunidade joanina reconhece Pedro como autoridade suprema, e o Discípulo Amado como autoridade particular e permanente, sobre a qual a comunida­de se apoia[[99]](#footnote-100). Desta forma, na missäo que se organizou para a difu- säo do evangelho, junto à iniciativa de Pedro, a comunidade joanina tem a sua pròpria iniciativa e campo de atua^áo (21,1-14)". O tes­temunho de sua adesào a Jesus é a sua contribuito particular que deve ser aceita pela Igreja universal. Pedro, nao obstante a sua auto­ridade, deve reconhecer urna certa preeminencia ao Discípulo Ama­do, que, por sua vez, reconhece a autoridade suprema de Pedro.

Esta relato e mùtuo enriquecimento se conseguiu quando a Igreja universal aceitou o quarto evangelho e a comunidade joanina, por sua vez, completou a pureza de sua fé, excessivamente reduzida ao essencial, com outros elementos da tradito, recolhidos pela Igreja universal[[100]](#footnote-101). A comunidade joanina descobrira que, se Pedro näo vem valorizado na sua qualidade de autoridade suprema, e por conseguinte se se rebaixa a sua categoria, tanto em nivel pessoal como em nivel funcional, a autoridade do quarto evangelho vem também diminuida, já que a sua credibilidade se fundamenta na autoridade do Discípulo Amado e esta, a seu tempo, é garantida Unicamente em sua relato com Pedro[[101]](#footnote-102).

1. *R. Schnackenburg:*

Também para Schnackenburg, um estudo sobre Pedro no quar­to evangelho deve direcionar a aten^ào à particular associalo de Pedro com o Discípulo Amado, a qual deve ser considerada a partir da estima que este desfrutava junto ao círculo jóanino[[102]](#footnote-103). Em vista dessa perspectiva, Schnackenburg, como já fizera Brown[[103]](#footnote-104), siste­matiza o seu estudo organizando os episodios petrinos de Joño em tres grupos: os episodios que coincidem com os sinóticos; os episo­dios que sao típicos de Joào, e o capítulo 21[[104]](#footnote-105)\*.

Nos textos que apresentam os episodios comuns aos sinóticos, Joño basicamente confirma os dados destes, embora apresente algu- mas características que Ihe sao peculiares. Pedro, portanto, é visto como figura principal[[105]](#footnote-106) e porta-voz do grupo dos Doze[[106]](#footnote-107). Além disso, Pedro é apresentado como alguém que, demonstrando nao assimilar o sentido profundo das palavras e aQÒes de Jesus, faz-Lhe urna impetuosa e imediata adesao[[107]](#footnote-108). Toda via, e nao obstante este quadro, Joào nao vé negativamente a figura de Pedro. Este nao Ihe parece antipático; é somente o representante de urna mentalidade que nao apreende o plano de Deus.

Um primeiro texto exclusivo de Joào é a narrado do lava-pés (13,1-20). Nela os discípulos aparecem cheios de incompreensào, e Pedro, negando, inicialmente, que seus pés fossem lavados por Je­sus, caindo, depois, no extremo oposto, surge como o representante destes discípulos. Pedro nào assume, entretanto, um comportamen­to de incrédula distancia em rela^ào a Jesus, como os judeus o fa- zem em 7,34 e 8,21[[108]](#footnote-109); a sua atitude é melhor caracterizada como derivando de seu respeito pelo mestre, traduzindo um zelo de urna fé nao iluminada[[109]](#footnote-110). A seguir, entra em cena, pela primeira vez, o discípulo que Jesús amava (13,21-30). Com ele, o evangelista quer sublinhar a posiçâo privilegiada que o discipulado ocupa no seu evangelho, mas nao quer diminuir a posiçâo de Pedro. Ele reforça, outrossim, para Schnackenburg, com a reconhecida autoridade pe- trina a estima que o Discípulo Amado desfruta, e coloca em evidén- cia a sua confiante vizinhança em relaçâo a Jesús[[110]](#footnote-111). Surpreende, por sua vez, como o capítulo 20 atribuí urna certa prioridade a esse discípulo. Ele corre mais que Pedro e tem urna fé mais clara do que ele. Todavía, Schnackenburg insiste, mais urna vez, que Pedro nao é descrito como urna figura de contraste. Nao se diz que a sua fé é in­suficiente e nao existe um tom de desaprovaçâo porque ele ficou pa­ra trás[[111]](#footnote-112). A relaçâo entre os dois nâo é o tema principal da nar- raçâo; portanto, nâo tem importáncia o discípulo em si, mas o fato de que a sua fé é exemplar, ao mesmo tempo que Pedro se toma a importante testemunha da Ressurreiçâo. É, certamente, intençâo do narrador, atribuir urna superioridade ao Discípulo Amado sobre Pedro, mas nâo urna superioridade que abarque todos os aspectos. Esta limita-se apenas à sua fé e à sua sintonía com Jesús[[112]](#footnote-113). No fi­nal das contas, é Pedro quem surge, com a sua reconhecida autori­dade, como o chefe dos discípulos. Se ele nâo tem um particular perfil pessoal, como o Discípulo Amado, em nenhum momento Pe­dro é criticado ou diminuido[[113]](#footnote-114).

No capítulo 21, a figura de Pedro sobressai com toda a sua força; destaca-se o seu caráter já bem mais trabalhado do que nos capítulos anteriores (21,7b. 15-18). Assim, explica-se o seu destino de morte na seqüela de Jesús (21,18-19), ao mesmo tempo que se de­monstra o seu intéressé pelo destino do Discípulo Amado (21,20-22)[[114]](#footnote-115). Mas este capítulo, sobretudo, o apresenta como pas­tor do rebanho de Jesus, atribuindo-lhe, oficialmente, um papel de dire^ào da comunidade (21,15-17)[[115]](#footnote-116). Por conseguiate, no àmbito de urna comunidade que parecía ligada a urna outra forma preva­lente de adesào a Jesus — enaltecida ao longo do evangelho na figu­ra do Discípulo Amado — Pedro vem reconhecido e estimado como o pastor de todos, por meio da recorda^ào da atribui^ao de seu mi- nistério pastoral[[116]](#footnote-117).

Assim, apesar de considerar antes de tudo o discipulado, para o evangelista este conceito adquire um significado eminentemente eclesial. Joao nao concebe a sua comunidade como afastada, mas inserida no ampio contexto missionàrio do cristianismo das origens. O acolhimento da tradito sobre Pedro demonstra que a comunida­de joanina reconhece a autoridade deste discípulo-guia e se orienta para a Igreja universal, nao obstante as suas tradi^óes particulares e a sua liga^ào especial com o discípulo que Jesus amava[[117]](#footnote-118). Por con- seguinte, no que tange à relajo entre Pedro e o Discípulo Amado, o que se pode dizer é que no círculo joanino Pedro é respeitado, o outro discípulo é amado.

Esta relamió, pois, deve ser vista, segundo Schnackenburg, nao como rivalidade ou competi^ào, nem mesmo como mediarlo diante de Jesus; mas como urna justaposi^ao, que se explica em base a cir­cunstancias e interesses históricamente condicionados que a comu­nidade joanina nutria pelos dois[[118]](#footnote-119).

* 1. *Superioridad« do Discípulo Amado sobre Pedro:*

Alguns autores dào um passo além, em relajo aqueles que considerara a relajo entre Pedro e o Discípulo Amado como sendo de concorréncia. Éles encontrara no quarto evangelho urna oposito entre os dois, com urna tendencia à exaltado do Discípulo Amado, o que evidencia, claramente, a sua superioridade sobre Pedro. Eles nao insistem, contudo, na significalo desta superioridade.

Entre esses autores estào B. Cassien, W. Triling, A. H. May­nard e A. J. Droge.

1. *B. Cassieri:*

Repassando os textos joaninos concernentes a Pedro, Cassien chega a duas conclusóes: o confronto entre Pedro e o Discípulo Amado resolve-se com a afîrmaçâo da superioridade deste último, o que é de grande importância para se entender a concepçâo joanina sobre Pedro, cuja preeminéncia vem expressamente negada[[119]](#footnote-120); os textos em que Pedro aparece sozinho reforçam este quadro.

Deste modo, para Cassien, a confissào messiànica feita por Pe­dro em 6,66-71 nâo o distingue como representante do grupo dos apostolos, já que nâo traz nada de individual ou pròprio dele; tra- ta-se, na verdade, da expressâo da fé e do conhecimento do grupo, no meio do qual Pedro se perde[[120]](#footnote-121). Esta é também a sua situaçâo durante o lava-pés. Cassien observa que, ao prestar atençâo à or­dern em que Jesus lava os pés dos discípulos, percebe-se que Pedro nao vem como o primeiro, nem como o último (13,6); é somente um qualquer, entre os demais[[121]](#footnote-122).

De mesmo teor sao, segundo Cassien, os textos de 13,36-38 e 18,10-11. Para Joào, assim, a previsäo da negaçâo de Jesus por Pe­dro é apresentada como a resposta de Jesus ao seu desejo fogoso e inadequado de seguí-Lo, enquanto a sua resistência em 18,10-11 é prova de que, para eie, ainda nao chegou o momento adequado pa­ra fazé-lo. Como sempre, Pedro quer fazer melhor que os outros, salienta Cassien, mas, na realidade, cai num rebaixamento maior[[122]](#footnote-123).

Para Cassien, este quadro lança, sem sombra de dúvidas, im­portantes luzes para a leitura sobre a oposiçâo que existe, ao longo do evangelho, entre Pedro e o Discípulo Amado[[123]](#footnote-124).

Em Joäo, o Discípulo Amado é, desde a sua primeira apariçâo, superior a Pedro. Este nega o Mestre; aquele discípulo, nâo (18, 15-17.25-27). É ele — e nâo Pedro — quem, na manhá da ressur- reiçâo, «vê e crê» (20,8). Ele possui aquela vida espiritual que falta a Pedro. Este contraste tem seu auge no capítulo 21, onde é o Dis­cípulo Amado — e nâo Pedro — quem reconhece Jesus e onde fica claro ser este discípulo quem ama o Senhor mais que os outros, in­clusive Pedro. Este capítulo afirma, definitivamente, a superioridade do Discípulo Amado em relaçâo a Pedro, quando diz que Pedro morrerá, enquanto o discípulo que Jesus amava deve, claramente, continuar (21,18-22)[[124]](#footnote-125).

1. *W. Triling:*

Triling, abordando a figura de Pedro no quarto evangelho, tece considerares em dois níveis: leva em conta o corpo do evangelho em seus capítulos de 1 a 20, e considera o capítulo 21 separadamen­te. Ele retém que a tradito do círculo joanino conhece a tradito sinótica sobre Pedro e a conserva, mas possili também urna tradito pròpria, em que Pedro vem sempre apresentado com o Discípulo Amado[[125]](#footnote-126). Ele diz que nao se pode falar em harmonizado entre es- sas duas tradi^Ses[[126]](#footnote-127).

Além de considerar, aínda que de relance, os textos isolada- mente, Triling os analisa em seu conjunto, considerando como o principal e específico problema da tradito joanina sobre Pedro a sua relado com o Discípulo Amado. Diz que nao é suficiente ver tal relado como sendo urna concorréncia, fruto de rivalidade. Para ele, o quarto evangelho nào quer só apresentar o Discípulo Amado em concorréncia com Pedro, mas quer, além disso, afirmar que ele ocupa urna posido qualitativamente de anterioridade[[127]](#footnote-128). Assim, urna leitura coerente dos textos só pode ser feita quando se parte da superioridade do Discípulo Amado sobre Pedro[[128]](#footnote-129). Deste modo, esta superioridade está à base já do primeiro texto em que este mis­terioso discípulo vem mencionado (13,22-26), caracterizando clara­mente a primazia do Discípulo Amado. A afirmado da superiori­dade deste discípulo continua, ainda, em situados estratégicas co­mo 18,15 e 20,l-10[[129]](#footnote-130).

Num segundo nivel, Triling considera o capítulo 21, fido por ele, como para tantos autores, como posterior ao corpo do evange­lho. Este capítulo mostra um grande sentido de eclesialidade e apre­senta a Igreja como unitària nos seus traeos mais importantes, ao redor de Pedro; mas apesar disso, a superioridade do Discípulo Amado também aquí se evidencia, por meio da sensibilidade que tem para o reconhecimento de Jesus, na sua vida mais longa e, ecle- siologicamente falando, no significado legítimo da mensagem crista para o sen tempo[[130]](#footnote-131).

1. *A. H. Maynard:*

Para Maynard existem quinze episodios no evangelho de Joño em que Pedro é depreciado ou tem rebaixada a sua funijao em com- para^ao com a apresenta^ao feita pelos evangelhos sinóticos, além de outros oito episodios em que um outro discípulo tem igualdade ou precedencia sobre ele[[131]](#footnote-132). O quarto evangelho, além de apresen­tar Pedro sempre em má situa^áo, o subordina ao caro e ideal dis­cípulo da comunidade joanina.

A atribuido do novo nome de Pedro (1,42), bem como a con- fissao de fé que ele faz sobre Jesús (6,68-69), acontecem sem nenhu- ma associa?ao com a atribuido de poderes eclesiais[[132]](#footnote-133). Além disso, em toda a cena do lava-pés (Jo 13) Pedro faz urna radical experien­cia de falimento. É um ineficaz porta-voz do grupo e fracassa na compreensao e no seguimento do Mestre, nao tendo direito á lide- ran^a da Igreja[[133]](#footnote-134).

Em contrapartida o quarto evangelho apresenta o Discípulo Amado como que perseguindo Pedro. Além de ser capaz de com- preender (13,21-26) e crer (20,8), o Discípulo Amado torna-se o pri- meiro sucessor de Jesús (19,25-27)[[134]](#footnote-135), enquanto Pedro, em vez de seguir Jesús, segue aquele discípulo[[135]](#footnote-136).

Arrematando o quadro que Joño apresenta de Pedro, Maynard considera importante o texto de Jo 20,21-23. E aqui ele é lacónico: trata-se de um texto que atribuí a todos os discípulos urna autorida- de que seria de Pedro[[136]](#footnote-137).

Diferente é, para Maynard, o quadro resultante do capítulo 21. Para ele, um dos objetivos maiores deste capítulo é restabelecer a primazia de Pedro no trabalho pastoral e evangélico na Igreja, re­conciliando a preeminência que a tradiçào sinótica lhe atribui com a ênfase joanina no Discípulo Amado. Estes dados, no entanto, nâo apagam o forte retrato tecido anteriormente[[137]](#footnote-138).

1. *A. J. Droge:*

Podemos detectar très aspectos fundamentáis num estudo de Droge sobre o papel de Pedro no quarto evangelho, no qual defende a presença de marcada tendência de Joâo em exaltar o Discípulo Amado à custa do rebaixamento de Pedro[[138]](#footnote-139). Ele tece um rápido retrato de Pedro, um outro do Discípulo Amado e um outro a par­tir da relaçâo entre os dois, vista como rivalidade.

Para Droge, no retrato joanino de Pedro, este vem a Jesus nâo por um convite direto (1,41) e receberá urna chamada explícita para seguir Jesus somente em 21,19. Já no seu primeiro encontró com o Mestre colocam-se as bases para a compreensáo de sua pessoa e de seu discipulado: nâo é o primeiro a vir a Jesus, nâo é o primeiro a fazer a confissâo de fé na messianidade Dele e o novo nome que re­cebe é emblema de sua teimosia, de sua falta de perspicàcia e de sua constante inabilidade para entender Jesus[[139]](#footnote-140). Assim é que faz urna ambigua confissâo sobre Jesus, já que a única outra pessoa nos evangelhos que chama Jesus de «Santo de Deus» é o endemoninha- do de Cafamaum[[140]](#footnote-141); esta ambigüidade continua quando ele se recu­sa a deixar Jesus lavar-lhe os pés (13,8), e, quando o permite, é sem apreender a alçada daquele gesto (13,10). Tal caracterizaçâo negati­va prossegue quando o texto diz que Pedro pretende dar sua vida por Jesus (13,37) — mas, quando a crise chega, nega ser discípulo Dele (18,15-17.25-27) — e culmina quando o quarto evangelho identifica com Pedro o discípulo anónimo que nos sinóticos golpeia e corta a orelha de um oficial que vem prender Jesus (18,10-11). O autor quer chamar aqui, de novo, a atençâo sobre a incapacidade de Pedro de compreender quem foi Jesus e o que Ele fez, e tornar-se discípulo Dele[[141]](#footnote-142).

Em contraste com Pedro emerge o Discípulo Amado desfrutan­do de grande intimidade com Jesus (13,23), nâo O abandonando nem mesmo na Cruz (19,26-27). Sao freqüentes, sobretudo, os epi­sodios em que os dois discípulos aparecem mima rela^ao que visa mostrar a superioridade do Discípulo Amado. Quando Pedro deseja conhecer quem trairá Jesús, nao tem coragem de pergun- tar-Lhe diretamente, mas se vale da media^ao do Discípulo Ama­do (13,24)[[142]](#footnote-143). A superioridade deste discípulo interfere aínda por Pedro em outras ocasióes: é ele quem faz com que Pedro possa entrar no pátio da casa do sumo sacerdote (18,15-16); corre ao túmulo de Jesús mais rápido que Pedro, onde, embora este tenha entrado primeiro, continua na ignorancia, enquanto o Discípulo Amado ve e eré (20,3-10).

As cenas do capítulo 21 tém urna certa comicidade: o Discípu­lo Amado reconhece Jesús e Pedro reage impetuosamente jogan- do-se na agua (21,4-8); quando Pedro pergunta sobre o destino da- quele discípulo, recebe reprova^ao de Jesús (21,21-22). Droge ace­ña, sublinhando a superioridade do Discípulo Amado sobre Pedro, ser possível que este discípulo tenha deslocado Pedro de urna po- si^áo privilegiada até mesmo na versáo joanina de sua voca^áo (1.35-42)[[143]](#footnote-144).

Droge insiste que, embora possa parecer um duro juízo sobre Pedro, esta é a concep^áo do quarto evangelista.

* 1. *Pedro e o Discípulo Amado como figuras representativas:*

Temos aínda urna última maneira de conceber o papel de Pedro em fun^áo do Discípulo Amado. É a concepto defendida princi­palmente por R. Bultmann e J. F. O’Grady. Para eles, esses dois discípulos, mais que personagens históricas, sao tipifica^óes de mo­delos de concretiza^áo da comunidade crista primitiva. Vejamos as principáis idéias destes autores.

1. *R. Bultmann:*

Olhando para a imagem que o quarto evangelho faz de Pedro, Bultmann salienta dois aspectos fundamentáis: o primeiro, presente no corpo do evangelho[[144]](#footnote-145), privilegia a presenta de Pedro como fi­gura representativa, relativizando o fato de ele ser um personagem histórico[[145]](#footnote-146). Assim, embora considere Pedro como porta-voz e re­presentante dos Doze, estende esta representatividade ao ponto de falar em tipifica^ño, considerando também, para este efeito, a figura do Discípulo Amado[[146]](#footnote-147). Deste modo, Pedro e o Discípulo Amado seriam figuras representativas de comunidades mais evoluídas que o original grupo seguidor de Jesus; o segundo aspecto que Bultmann salienta na concepto joanina de Pedro aparece no último capítulo do evangelho, e concebe Pedro e o Discípulo Amado como persona- gens históricos[[147]](#footnote-148).

A caracteriza^ao de Pedro como representante dos discípulos de Jesus é, para Bultmann, presente em 6,60-71 e 13,1-10.20-26. 36-38[[148]](#footnote-149). Deste modo, já que ele catalisa e expressa a rea^ao dos discípulos, nào é a sua pessoa nem o seu caráter que estáo sendo jul- gados ou submetidos a a valiamo nestes passos. Tanto é assim, que em 13,7 Jesus nào o censura, individualmente, por sua ignorancia; ao contrario, o exime de qualquer culpa e promete que ele e aqueles que representa O seguirlo mais tarde[[149]](#footnote-150)®. A ignorancia de Pedro nao é, como mostra a cena do lava-pés, devida à dureza de seu caráter, mas tem raiz na a^ào de Jesus, a qual é contra o instinto do homem natural que Pedro personifica[[150]](#footnote-151).

Fica claro também, que Pedro nao vem rebaixado em 13,25-26 e 13,36-38. Quando ele pede ao Discípulo Amado para interrogar Jesus sobre o traidor, o texto nao insiste no fato de ele nao poder perguntar diretamente a Jesus, nem faz contrastar com a dele a co- ragem do Discípulo Amado. A ateneo do escritor é voltada para o falimento do discipulado e para a traigo como tal[[151]](#footnote-152). Do mesmo modo, 13,36-38 nao acentúa a impaciencia nem a incapacidade de Pedro, dizendo que ele nao é suficientemente forte para seguir Jesus, ou que nao o podia fazer naquele momento devido as limita^oes de seu caráter[[152]](#footnote-153). Ao contràrio, o texto levanta urna questao central para o discipulado: nao é liberdade do discípulo escolher o Mestre. Jesus exige um seguimento que envolve a prontidao em compreen- der e aceitar o seu destino, o que implica, em outras palavras, a dis- ponibilidade para morrer[[153]](#footnote-154), o que nao significa nenhum heroísmo, mas, sim, urna realizado do decisivo conhecimento de urna fé, que é dom: é Jesus mesmo quem vira, depois de ter preparado um lugar, para levar o discípulo[[154]](#footnote-155). Assim, Jesus, em vez de recriminar Pedro, faz urna promessa a todos os discípulos — aquí representados por ele — que é, na verdade, um encorajamento: no final, conheceráo, com Jesus, a gloria da exaltando[[155]](#footnote-156).

Esta visao reforja urna segunda conceptúo — a central, para Bultmann — que transparece com maior evidencia em 13,21-30 e 20,2-10[[156]](#footnote-157), segundo a qual tanto Pedro como o Discípulo Amado sao, respectivamente, figuras representativas de dois tipos básicos de cristianismo: um de origem judaica e outro de origem paga. Estes dois tipos de possibilidade de cristianismo aparecem um de frente para o outro, e, embora cada um tenha o seu pròprio caminho, os textos proclamam a certeza da superioridade do cristianismo de ori­gem paga livre[[157]](#footnote-158).

Assim sendo, por meio das imagens de Pedro e do Discípulo Amado, estes textos querem, para Bultmann, manifestadamente significar o reconhecimento de que a comunidade dos crentes tem origem judaica e que a comunidade gentílica só posteriormente fez adesào a Jesus; mas isto nao representa, de modo algum, urna pre­cedencia da primeira sobre a segunda[[158]](#footnote-159).

O capítulo 21, a seu tempo, tem um caráter diferente em re­lajo aos precedentes. Seu tema principal nào é a existencia do dis­cípulo e da comunidade, nem a revelado ou a fé. Considerando Pe­dro e o Discípulo Amado como pessoas definidas históricamente, tem-se aquí um especial interesse por elas e pela relado entre elas na historia da comunidade[[159]](#footnote-160). É somente aqui que no quarto evan­gelho emerge, segundo Bultmann, o problema do «status» da auto- ridade eclesiástica[[160]](#footnote-161). O redator tem dois interesses diversos: preten­de, por um lado, atribuir a Pedro urna fundo especial como líder da comunidade (21,15-17) e, por outro, mostra que o Discípulo Amado partilha com Pedro a mesma fundo[[161]](#footnote-162). Assim, o autor nao estaría interessado no cargo de Pedro, mas na transferencia de sua lideran^a ao Discípulo Amado. Destarte, Pedro nao vem encarrega- do de urna missáo com autoridade apostólica; trata-se de urna dele­gado na qualidade de lideran^a na comunidade[[162]](#footnote-163). Por isso, enten- de-se como o capítulo 21, logo após o reconhecimento da autorida­de de Pedro, diz que ele deve sofrer o martirio, enquanto o Discípu­lo Amado deve permanecer. Se ele faz assim é para afirmar que o Discípulo Amado, de qualquer maneira, assume a fundo de Pedro e que a autoridade deste deve ser passada áquele discípulo[[163]](#footnote-164). Con- tudo, este discípulo, neste tempo, também já morrera, e sua autori­dade foi passada ao seu evangelho. Em última análise, pois, o obje­tivo do capítulo 21 é demonstrar a autoridade eclesiástica deste evangelho, utilizado até entáo, sem reservas, apenas pelo círculo joanino.

1. *J.F. O’Grady:*

O’Grady fixa a sua atendo na singular atuado do Discípulo Amado, e é em tomo dele que analisa a fundo de Pedro.

Tal discípulo nao é, segundo O’Grady, apenas urna figura indi­vidual, entre tantas outras que come^aram a crer em Jesús[[164]](#footnote-165)\*. Ele aparece como figura representativa daqueles que chegam a Jesús co­mo revelador e mediador e entram, pela fé, em relado verdadeira com Ele[[165]](#footnote-166).

Apresentado em particular contraste com este discípulo, Pedro, por conseguinte, assume, também, um caráter de representativida- de[[166]](#footnote-167), evocando com a sua forte presenta, sobretudo no capítulo 21, a concepto eclesial oficial reinante no final do primeiro século, á qual a comunidade joanina sentia-se, por vários motivos, impelida a entrar em diálogo e a buscar reconhecimento[[167]](#footnote-168). Assim, o editor do evangelho nao procura, segundo O’Grady, estabelecer urna certa le- gitima^áo de Pedro ou de seu papel urna vez que este era já larga­mente aceito pelas comunidades cristas primitivas. O que ele faz é urna interpretaQáo do ministério petrino, apresentando as circuns­tancias que, para ele, marcam a investidura e criam condi^óes para o seu exercício em todos os tempos[[168]](#footnote-169). Nao existe, portanto, polé­mica a respeito de Pedro; ao contrario, insiste-se muito ñas con- diQoes sobre as quais o discipulado deve fundar-se. Em última ins­tancia, a autoridade na comunidade deve ser entendida sempre em rela^áo ao amor por Jesús[[169]](#footnote-170). E aqui, sem dúvida, no diálogo com as outras igrejas, a comunidade joanina está reivindicando a impor­tancia de seu testemunho, representado por aquele do Discípulo Amado[[170]](#footnote-171).

1. *Pedro entre Judas e o Discípulo Amado:*

Esta tendencia, partindo da centralidade do conceito de «dis­cípulo» no quarto evangelho, considera que o quadro joanino sobre Pedro deve ser visto na sua relajo com dois personagens, que, de maneira oposta, concretizam o discipulado: Judas e o Discípulo Amado. Ambos, com a resposta que dáo a Jesús, iluminam a com­plexa experiencia que Pedro faz como discípulo.

Entre os representantes desta tendencia podemos citar: J. Ma­teos, J. Barreto e D. Cancian.

1. *J. Mateos- J. Barreto:*

Para Mateos e para Barreto, a concepto que Joáo faz de Pe­dro deve ser vista á luz das curiosas figuras do Discípulo Amado e de Judas[[171]](#footnote-172).

De particular interesse é, para eles, a presenta do discípulo que Jesús amava. É urna figura anónima, que representa o discipulado ou a comunidade enquanto amigos de Jesús; é o discípulo que expe­rimenta o seu amor e Ihe corresponde. Ele nao será identificado em todo o evangelho, mas emerge como modelo para aqueles que en­contrara Jesús, nao O abandonando jamais. Representa, portanto, o tipo de comunidade crista enquanto unida a Jesús por um vínculo de profunda amizade[[172]](#footnote-173). É com estes atributos que este discípulo servirá de elemento positivo na constante oposito a Pedro[[173]](#footnote-174). Con­trariamente, portanto, ao Discípulo Amado, Pedro nao vai espontá­neamente ao encontró de Jesús, e urna vez que, passivamente, é le­vado por Andró, nao manifesta nenhum entusiasmo nem reage á presenta do novo Mestre[[174]](#footnote-175). Apesar de fazer urna adesáo incondi­cional a Jesús (6,69-71), aparece, desde o inicio, como o discípulo que ignora as suas idéias e a sua missáo, sendo obstinado em nao corresponder as exigencias do discipulado[[175]](#footnote-176). Deste modo, nao ad­mite, absolutamente, que Jesús se rebaixe lavando os pés dos discípulos (13,8) —já que este gesto implica a exigencia de que os discípulos o traduzam em comportamento próprio[[176]](#footnote-177) — e, diante das palavras de Jesús, nao fica atento áquilo que Ihe diz respeito co­mo discípulo e exige que ele cumpra o mesmo caminho (13,36). Pe­dro, aínda, é motivado por urna falsa concep^áo sobre a messiani- dade de Jesús (18,10-11). Quando esta sucumbe, ele nao tem outra alternativa a nao ser negá-Lo (18,15-17)[[177]](#footnote-178). Assim, o seu discipula­do será um falimento. E, segundo Mateos e Barreto, esse falimento já está implicitamente indicado na maneira pela qual o evangelista se refere a Simáo Pedro: quando ele mostra indocilidade a Jesús, opondo-se aos seus designios, o evangelista usa somente a expressáo «Pedro», evocando o passo inicial do encontró de Pedro com Jesús, no qual ele tem o seu nome mudado, indicando a sua teimosia e a obstinado de seu caráter[[178]](#footnote-179).

Além disso, para Mateos e Barreto, o quadro sobre Pedro trabado por Joáo fica incompleto se nao se considera aínda o para­lelismo que propositalmente existe entre ele e Judas. Este também tem urna falsa idéia da messianidade de Jesús, obstina-se em nao aceitar a sua pessoa e o seu amor, assimilando um projeto inimigo da mentalidade de Jesús, que o obrigará a traí-Lo[[179]](#footnote-180).

Mas o paralelismo entre estes dois discípulos vai, para Mateos e Barreto, além da semelhança de mentalidade e da dificuldade de mostrar urna adesào verdadeira a Jesús. Nas très ocasiôes em que o evangelista insere o patronímico «de Simâo» em referência a Judas, o faz em um contexto em que este aparece muito próximo a Simâo Pedro. Assim, os dois aparecem mencionados um quase em seguida do outro, como mostrara 6,68 e 6,71; 13,2 e 13,6; 13,24 e 13,26[[180]](#footnote-181). Este paralelismo, por consegrante, nao é um acaso. O nome «Si­mâo», apesar de ser usado de modo diverso, designa os dois discípu­los e insinua urna certa relaçâo entre o discípulo que trai Jesús, ca­racterizado como inimigo e adversario Dele, e aquele que O rene- ga[[181]](#footnote-182). Temos, ainda, alguns traços comuns entre eles: os dois sâo traidores, já que um trai Jesús com atos, o outro, com palavras; um entrega Jesús para ser condenado, o outro nega seguí-Lo. Os dois, vítimas de urna arrogante fraqueza[[182]](#footnote-183), nâo sâo dóceis à mentalidade de Jesús; nâo têm os requisitos para o verdadeiro discipulado, en- contram-se no grupo daqueles que seguem o inimigo[[183]](#footnote-184) e sâo parti- dários de um sistema de poder incompatível com Jesús[[184]](#footnote-185).

É só no capítulo 21 que o quadro muda. Pedro, finalmente, compreenderá e aceitará o serviço e a morte de Jesús. Conhecendo, pois, o caminho, e estando disposto a trilhá-lo, Jesús o convida, pe­la primeira vez, a fazê-lo[[185]](#footnote-186). E assim, tendo Judas saído já de cena, o texto mostra, no final, dois discípulos que seguem Jesús: o Discí­pulo Amado, que jamais deixara de seguí-Lo, e Pedro, que agora começa o caminho[[186]](#footnote-187).

1. *D. Candan:*

Como Mateos e Barreto, também Cancian vé Pedro como urna figura entre dois discípulos opostos: Judas e o Discípulo Amado.

Judas, traindo o amigo e mestre, revela-se diabólico, enquanto o Discípulo Amado, como urna antítese dele, aparece como o proto­tipo da aproximado tanto física como espiritual que deve existir en­tre os discípulos e Jesus[[187]](#footnote-188); mas, além de seguir o Mestre com amor total, demonstra também amor por Pedro[[188]](#footnote-189).

Temos, por conseguinte, os dois polos extremos: Judas, que se distancia sempre mais até se confundir com as trevas (13,20) e o Discípulo Amado, que entra em absoluta familiaridade com Je­sus[[189]](#footnote-190). Entre as duas posides extremas, Pedro aparece, por um la­do, como aquele que, á sombra do Discípulo Amado, nao é assim tao íntimo a ponto de receber diretamente de Jesus a revelado so­bre quem será o traidor, devendo servir-se justamente da mediado deste discípulo; e, por outro, ele quer entender, a qualquer prepo, aquilo que faz Jesus; mas, como se invertesse os papéis na relado mestre-discípulo, tenta conseguir que o Mestre fa^a a sua vontade, tomando-se ele mesmo o centro. Todavía, o que ele deve fazer é so­mente aprender a seguir o Mestre; para ele, continua a possibilidade de tomar-se verdadeiro discípulo, como mostrará o capítulo 21[[190]](#footnote-191).

1. *O antipetrinismo em Joño:*

Esta última maneira de conceber a imagem de Pedro no quarto evangelho é, na verdade, um acirramento daquela tendencia que atribui ao Discípulo Amado urna superioridade sobre Pedro[[191]](#footnote-192). Se­gundo esta tendencia, o quarto evangelho combate a imagem positi­va de Pedro, urna vez que esta poderia obscurecer a do Discípulo Amado, que é, sob todos os aspectos, superior a Pedro.

Como seus representantes temos, entre outros[[192]](#footnote-193), S. Agourides e G. L. Snyder.

1. *S. Agourides:*

Agourides vé um certo antipetrinismo já no motivo pelo qual o evangelista escrevera a obra. Para este autor, a finalidade do quarto evangelho é combater o prestigio e a autoridade de Pedro entre os leitores aos quais este evangelho se endereçava, defendendo urna su­perior posiçâo do Discípulo Amado[[193]](#footnote-194). Por isso, os passos que se referem a Pedro têm manifestadamente esta preocupaçâo. Vejamos, pois, como Agourides os lé.

Para ele, é proposital que em 1,40-42 Pedro venha a Jesus nâo diretamente, mas através de seu irmáo. A este fato, todavía, deve-se acrescentar, aínda, que, enquanto um importante discípulo continua no anonimato, o evangelista se detém em mostrar a cena da mudan- ça do nome de Simao por Pedro, nâo certamente como um elogio, mas como um comentário indicativo de seu caráter, urna espécie de pressagio do que Ihe acontecerá[[194]](#footnote-195). O antipetrinismo continua no capítulo 13, onde se denunciam as dificuldades que Pedro encontra para compreender o significado daquilo que Jesus faz, mas nâo mostra nenhuma humildade. Em seguida, ele nâo ousa perguntar di­retamente a Jesus sobre quem será o traidor (e pede a mediaçâo do Discípulo Amado), mas durante o discurso de despedida de Jesus é o primeiro a fazer perguntas. Como fazendo-lhe sombra e denun­ciando a sua atitude, temos o Discípulo Amado, que nâo pergunta nada. Nâo é acidental que urna pessoa assim importante nâo ques­tione, mas tenha a tranqüilidade de enfrentar as situaçôes. Parece que este discípulo tem urna intima sintonia com Jesus e que, através de urna intuiçâo direta, entende e aceita o real significado daquilo que Jesus está fazendo e dizendo[[195]](#footnote-196).

Agourides continua observando que, diferentemente dos sinóti­cos, Joâo, introduzindo o Discípulo Amado na historia da Paixâo, muda completamente o torn da narraçâo marquina e faz com que a recusa de Pedro em reconhecer-se discípulo de Jesus, nas mesmas condiçôes ambientáis do Discípulo Amado, tome a negaçâo de Pe­dro aínda mais grave, já que precisa que o Discípulo Amado segue Jesus até o fim[[196]](#footnote-197).

A distáncia entre os dois, sublinhando a inferioridade de Pedro, continua em 20,1-10. Para Agourides, esta narraçâo quer, certamen- te, enfatizar que a tradi^áo da Igreja de que Pedro foi o primeiro a entrar no túmulo é correta; mas quer igualmente dizer que o Discípulo Amado também estava lá, sendo o primeiro a chegar ao túmulo, o primeiro a testemunhar que este estava vazio e o primeiro a crer na Ressurreigáo[[197]](#footnote-198).

Por fim, até mesmo no capítulo 21, Pedro é, segundo Agouri- des, cheio de um vigor irracional e o seu amor necessita de provas, enquanto o Discípulo Amado aparece calmo, seguro, sem vacilagao nem dúvidas[[198]](#footnote-199).

Vé-se, pois, como todo o evangelho segue urna orienta^áo que tende a enfatizar os pontos fracos de Pedro e de sua rela?ao com Je­sús, e isto vem colocado em evidencia fazendo aparecer as virtudes de um «discípulo modelo».

Diante disto, Agourides considera que urna das miras do evan­gelista é corrigir certas concep^óes, tidas por ele como falsas, con­cementes á posicao e á autoridade de Pedro, provavelmente funda­das em textos da tradi^ao sinótica. Para ele, a autoridade por exce­lencia na vida da comunidade era aqueta inspirada no Discípulo Amado[[199]](#footnote-200).

1. *G. F. Snyder:*

Snyder afirma nao só existir um forte antipetrinismo no quarto evangelho, mas que este constituí, também, o seu maior tema. Para ele, Joáo procura enfraquecer a autoridade de Pedro como teste- munho histórico, deslocando a sua base para um outro tipo de dis­cípulo, cuja autoridade se legitima na docilidade a Jesús[[200]](#footnote-201).

Desenvolvendo esta tese, Snyder aborda os passos em que Pe­dro aparece sozinho no evangelho e aqueles em que ele aparece inte- ragindo com o Discípulo Amado, mas considera aínda 19,26-27, on­de este discípulo aparece sem Pedro. Vejamos os seus principáis ar­gumentos.

Para Snyder um primeiro sinal de antipetrinismo já se encontra em 1,40-44: admitindo que o discípulo anónimo deste passo é o mesmo discípulo que Jesus amava, ele vé que dois discípulos reco- nhecem Jesus como Messias antes de Pedro, de modo que este é «se­gundo» näo só em rela^ào a André, mas também, e, principalmente, aínda que no texto seja somente implícito, em rela^äo ao Discípulo Amado, alvo do reconhecimento do quarto evangelho[[201]](#footnote-202).

Refor^am esta idéia os passos sucessivos. Em 6,67-69 é im­portante observar que Pedro chama Jesus de «Santo de Deus», um título por excelencia messiànico e que nos outros evangelhos é asso- ciado com os demonios (Me 1,24; Le 4,34). Como no evangelho de Joäo näo aparecem demonios, este testemunho sobre a origem divi­na de Jesus é feita por Pedro. Mas a intenso do evangelista é clara: quer desgastar a imagem de Pedro, apresentando-o como demo­níaco[[202]](#footnote-203).

Em continuado, demonstra que 13,6-20, normalmente visto como urna lido de humildade e de servido, tem, na verdade, o seu real interesse na assimilado e na adesao que o discípulo deve fazer a Jesus. Pedro, recusando o servilo de Jesus, praticamente proclama a sua exclusäo do grupo[[203]](#footnote-204). E isto, considerando ainda que 13,16 afirma que o cristianismo emana da vida do Filho e nao dos apóste­los que viram o ressuscitado, e, implicitamente, que a Igreja depen­de daqueles que receberam o amor de Jesus e nao daqueles cujas vi­das foram mudadas pela Ressurreido, como é, sem dúvida, o caso de Pedro, o qual aparece, aqui, recusando a vida que Jesus ofere- ce[[204]](#footnote-205)\*. Em contrapartida, o evangelista póe, em tres passos, o Dis­cípulo Amado. Em 13,21-26 ele é o único do grupo que entendeu a intendo de Jesus e simpatizou com eia[[205]](#footnote-206). Tanto é que em 19,25-27 Jesus indica que este discípulo continuará a agir em seu lugar. Para Snyder, entäo, o texto parece dizer que o Discípulo Amado é o su- cessor terrestre de Jesus[[206]](#footnote-207). Em 20,1-10, considerando que esta era provavelmente urna historia que originalmente nao mencionava o Discípulo Amado, Snyder diz que é importante ater-se à intenso do evangelista, o qual quer salientar que a fé deste discípulo na Res- surrei^ao é conseqüéncia natural do fato de que fora ele quem com- preendera e aceitara, compartilhando de sua intimidade, o projeto de Jesús, enquanto os discípulos, representados por Pedro, aínda nao o teriam feito[[207]](#footnote-208).

Perguntando-se sobre as possíveis causas desta posi^ao forte- mente antipetrina em Joao, Snyder diz que na passagem do primei- ro para o segundo século a autoridade e a amplidáo do apostolado foi o maior problema dentro da Igreja. Inicialmente ele nao era limi­tado aos Doze; ao lado destes existia urna ortodoxia que entendía a autoridade apostólica em base a urna cadeia de tradigáo. No final do século, todavía, a questáo centrou-se sobre a autoridade de Pe­dro. Diante disto, o quarto evangelho quer reafirmar a legitimidade de sua tradigao, fundada numa especial rela^áo com Jesús, de quem recebeu autoridade[[208]](#footnote-209).

NOTAS CONCLUSIVAS DO CAPÍTULO

Os referimentos que o quarto evangelho faz sobre Pedro fo- ram, entre os estudiosos, examinados e adaptados em esquemas in­terpretativos diversos e nem sempre convergentes. Desta forma, encontramos as mais diferentes tendencias em ver a posi^ao de Pedro e o seu significado para a comunidade primitiva segundo o quarto evangelho.

Neste capítulo, procuramos apresentar estas principáis tenden­cias, com os argumentos de alguns de seus representantes. Estamos cientes de que o quadro resultante nao foi absoluto nem exaustivo, mas, nem por isso, de menor valor em fazer ver as varias possibili- dades na caracterizasao de Pedro segundo o evangelho de Joao.

Assim, encontramos, entre os estudiosos, quatro tendencias fundamentáis em considerar a concepto que Joao faz de Pedro no quarto evangelho. Elas vao desde o reconhecimento de que Pedro ocupa posi^áo de preeminente lideran^a entre os discípulos (Coulot, Cullmann), chegando a ver que os textos joaninos apontam para a

instituido do Primado (Benoit, Pesch), até a posido que vé o quar­to evangelho como sendo marcadamente antipetrino, corrigindo a autoridade erroneamente atribuida, na comunidade primitiva, a Pe­dro e transferindo-a ao discípulo a quem remonta a tradido da co­munidade joanina (Agourides, Snyder). Em meio a estas posides temos ainda duas tendencias: urna ve Pedro a partir dos dois mode­los opostos de discípulos figurados em Judas e no Discípulo Ama­do, em que Pedro aparece como um meio termo, cujo falimento nao é total, mas ainda está longe da verdadeira compreensáo e adesào a Jesus (Mateos-Barreto, Cancian). Mas é considerável, sobretudo, a insistencia de muitos estudiosos em ver Pedro à luz de sua relado com o Discípulo Amado. Esta relado pode ser matizada em quatro aspectos: para uns, há urna relado de concorréncia (Refoulé, Gun- ther, Collins); para outros, de justaposido ou complementaridade (Brown, Fernández Ramos, Schnackenburg); para outros de- ver-se-ia ver urna clara superioridade do Discípulo Amado (Cassien, Triling, Maynard, Droge), enquanto outros, ainda, véem Pedro co­mo representante do cristianismo de origem palestinense, mais preso aos aspectos institucionais, e o Discípulo Amado como representan­do o cristianismo de origem helenística e mais carismàtico (Bult- mann, O’Grady).

Este quadro resulta assira ampio e variado, de modo que qual- quer um pode, dependendo da tendencia que seguir, concluir que o quarto evangelho é antipetrino, ou, em situado oposta, encontrar traeos históricos e simbólicos do Primado de Pedro e da Igreja; nele podemos, todavía, apontar alguns pontos convergentes e salientar, também, aqueles mais discutidos e contrastantes, os quais atestam que estas tendencias nào esgotam a reserva de significado que tem Pedro e a sua missào no quarto evangelho.

As várias tendencias convergem ao menos nos aspectos a seguir:

1. Reconhecem que Pedro ocupa um lugar de destaque no quarto evangelho, seja para confirmar o seu singular papel entre os seguidores de Jesus, como líder, seja para negá-lo ou redimensio- ná-lo. Certo é que o quarto evangelho dedica um espado a Pedro como a nenhum outro. Nenhum dos doze apóstoles, na verdade, re­cebe tanta ateneo e tantas características como Pedro.
2. Pedro vem quase unanimemente caracterizado como um homem simples, ardente, impetuoso, generoso, impulsivo, teimoso, temeroso, espontáneo, imprudente. Estas características o definem como um personagem cheio de ambigüidades e limites, que o quarto evangelho nao se preocupa em esconder.
3. Os estudos sobre a posigao e o significado de Pedro no quarto evangelho seguem, geralmente, um procedimento metodoló­gico comum, fazendo distin^ao entre os passos que trazem Pedro sem o Discípulo Amado, aqueles em que estes dois discípulos apare- cem interagindo, e o capítulo 21.
4. Nos passos que se ocupam de Pedro sem mencionar o Discípulo Amado, os autores consideram a concepto joanina co­mo muito semelhante áquela da tradi^ao sinótica, destacando-o co­mo porta-voz do grupo dos Doze e desempenhando preponderante fun^áo.
5. Praticamente todas estas tendencias concordam em dedi­car particular aten^áo á associa?áo que o evangelista faz entre Pedro e o Discípulo Amado, embora esta associa^áo seja entendida diferentemente pelos estudiosos.

Quanto aos aspectos que emergem como pontos contrastantes, e que nao encontram concilia^ao entre as varias tendencias apresen­tadas, destacam-se:

1. **A natureza da fun?ao desempenhada por Pedro no quarto evangelho.** Para alguns, o quarto evangelho contesta o caráter exclu­sivo da posi^áo de Pedro e nele a sua condi^ao de primeiro nao aponía para o Primado; outros autores, numa visáo diametralmente oposta, consideram nao só que em Joáo está presente a atribuido do Primado de Pedro, mas que este se refere claramente á dire^áo dos apóstolos e da comunidade crista em geral. Existe ainda quem veja em Joáo um primado funcional de Pedro, ou a atribuido de urna missáo geral apostólica que, seguindo o prisma joanino, consis­te numa autoridade que coloca sobre o guia as obriga^óes principáis e nao sobre as pessoas por ele guiadas.
2. **A leitura das perícopes joaninas. A** utilizado do texto joa­nino para comprovar ou negar estes pontos de vista é feita de modo muito variado, de sorte que permanecen! contrastes no entendimen- to de algumas perícopes.

Por um lado, urna parte dos autores considera que 1,40-42; 6,67-71; 13,6-10.21-26.36-38; 18,10-11.15-27 e 20,1-10 colocara em relevo a ambigüidade de Pedro, que quer sempre fazer melhor que os outros, mas que, no fim, cai sempre no rebaixamento, eviden­ciando propositadamente o seu falimento. Assim, 1,40-42 mostra que Pedro nao é o primeiro a entrar na seqüela de Jesús, nao recebe um convite para seguí-Lo, nem é o primeiro a confessar a sua mes- sianidade; e quando o faz, em 6,67-71, o evangelista narra o aconte- cimento com termos que o equiparara aos demonios da tradi^áo si­nótica, ou no mínimo com termos que nao colocara em relevo a sua participa^ao, já que nao póe nada de si, e o que diz é tao-somente expressáo da fé e do conhecimento do grupo, no meio do qual se perde. Na mesma linha de sublinhar a depreciado de Pedro colo- cam-se os passos dos capítulos 13 e 18, que o apresentam também como um a mais (nao é o primeiro nem o último a ter os pés lava­dos por Jesús), e que ignora a mentalidade de Jesús, querendo, mes- mo, excluir-se de sua seqüela. Em 20,1-10, mais urna vez, ele nao é o primeiro, nem a chegar ao túmulo, nem a crer na Ressurrei$ao.

Por outro lado, outros autores véem que já em 1,40-42 Pedro assume imediatamente um lugar de destaque, sendo centro da aten^áo de Jesús, recebendo um nome de elevada significa^áo ecle- sial. Esta preeminencia continua em 6,67-71, onde ocupa urna fundo de cabera, falando pelo grupo, traduzindo, num momento dramático, a op^áo prática por Jesús. Para estes autores, a atuad° de Pedro nos capítulos 13 e 18 nao o desclassifica nem comprome­te a sua missáo e o seu lugar entre os discípulos, e em 20,1-10 o Discípulo Amado Ihe reserva, aínda na qualidade de líder do gru­po e em consonancia com os passos anteriores, a honra de entrar primeiro no túmulo.

1. **A rela^áo entre Pedro e o Discípulo Amado.** Este é um pro­blema específico do quarto evangelho, que contrasta as diversas abordagens. Nao existe mesmo um consenso sobre como entender esta relado, que condiciona, em muito, a concepdo que se faz so­bre a imagem joanina de Pedro. A presenta do Discípulo Amado amea?a a superioridade de Pedro? A constante associado entre os dois reflete urna intendo do quarto evangelho em subordinar Pedro a um discípulo ideal, como se fosse a sua consciencia reflexa, evi­denciando seus erros e limitados?

Para alguns, sim. O Discípulo Amado é, desde a sua primeira aparido em 13,20-23, superior a Pedro, cuja posido vem insistente­mente enflaquecida e confrontada com a do Discípulo Amado, fa- zendo com que se estabele?a entre eles urna relado que vem enten­dida como sendo desde urna simples rivalidade até urna deliberada competido.

Para outros, no entanto, mesmo com a presenta do Discípulo Amado, Pedro continua ocupando o primeiro lugar e a sua fundo de líder do grupo nao só é mantida, mas também reforjada, já que aparece ao lado de um discípulo que desfruta de urna especial predi- ledo de Jesús. O que existe, fundamentalmente, entre os dois, é urna espécie de justaposi^áo ou de complementaridade de fundo, em que Pedro é valorizado sobretudo como integrante da tradido de Jesús e o Discípulo Amado como o modelo inspirador da comu- nidade joanina.

1. **A significaçâo do novo nome de Simâo.** De um lado, há quem veja nele urna nítida significaçâo eclesiológica, que, evocando o seu destino, coloca Pedro desde o inicio sob a perspectiva de sua missáo. De outro lado, um bom grupo considera que a atribuiçâo do nome *Kefas* (1,42) acontece sem nenhuma associaçâo com a atri­buiçâo de poderes eclesiais, sendo, antes, um emblema de teimosia, falta de perspicacia, inaptidâo para entender Jesús, constituindo-se, portanto, um comentario indicativo de seu caráter e um presságio do que Ihe ocorrerá.
2. **A imagem de Pedro fomecida pelo capítulo 21.** Jo 21 está em continuidade com o corpo do evangelho quanto à concepçâo so­bre Pedro?

Alguns advertem que no capítulo final do evangelho Pedro so- bressai com maior força, e que o seu caráter é mais trabalhado que nos capítulos 1-20, apresentando urna imagem mais condizente com o modo como Pedro era visto no fim do primeiro sáculo, que assi- milava a imagem de Pedro áquela concebida pela tradiçâo sinótica. Por conseguinte, este capítulo assume, para estes autores, urna funçâo diferente do corpo do evangelho, visando restabelecer a pri- mazia de Pedro no trabalho pastoral, reconciliando a preeminéncia que a tradiçâo sinótica Ihe atribuí com a énfase joanina sobre o Discípulo Amado, mesmo que, para alguns, isto náo apague o forte retrato fomecido anteriormente.

Outros autores nâo constatam esta descontinuidade e frisam que este capítulo demonstra que Joâo náo concebe a sua comunida- de afastada do cristianismo das origens, mas, num grande sentido de eclesialidade, faz ver urna igreja em tomo de Pedro, que legitima, também, o Discípulo Amado: este tem vida longa e sua mensagem cristá continua significativa para o seu tempo.

Nos capítulos seguintes, propomo-nos considerar, individual­mente, as diversas perícopes petrinas do evangelho de Joáo, len- do-as a partir délas mesmas, procurando fazer urna análise que náo está voltada, em primeiro lugar, para a resposta a estas questoes, mas que nos fomecerá também material para rediscutí-las.

Capítulo II

TU SERÁS CHAMADO KHOAX  
(JO 1,41-42)

A vocado de Pedro é normalmente estudada no conjunto da narrado sobre a vocado dos primeiros discípulos de Jesus (1,35-51), de modo que a perícope específica sobre a vocado de Pedro (1,41-42) é raramente tratada[[209]](#footnote-210). E isto, nao porque ela nao seja interessante e nao possua urna marca específica, nem porque os problemas que Ihe sao atinentes tenham sido todos resolvidos. Na verdade, a brevidade e a simplicidade com que é narrada con- duzem a urna questao fundamental que é aínda hoje de todo aber­ta: como entender, no conjunto e ñas partes, as palavras que Jesus diz a Pedro, bem como o *background* ou a tradido que Ihe é subja- cente, e com esta, a relado com as perícopes correspondentes nos evangelhos sinóticos, além de outras questóes secundarias mas nao menos importantes.

A nossa análise mover-se-á a partir dos problemas implícitos no processo de forma^áo do texto (abordagem diacrónica), andan­do, entao, ao estudo do texto na sua forma final (abordagem sin­crónica). Este culminará com urna exegese da perícope, com a fina- lidade de colher o sentido de seu movimento literario e de sua composido e de dar a nossa contribuido para urna soludo com- plexiva sobre a assim chamada mudanza do nome de Pedro, ao mesmo tempo que indicará a linha que norteará a continuado de nosso estudo.

1. *O processo de formando do texto:*

A nossa investigado sobre o processo de formado de Jo 1,41-42 consistirá na comparado com os paralelos da Tradido Sinótica, na abordagem sobre a tradido subjacente a Jo 1,41-42 e sobre as etapas de sua redado.

* 1. *Comparaçâo com os textos sinóticos:*

Nos evangelhos, a narraçâo sobre o chamado de Pedro remete­se a très tradiçôes: marquina, lucana e a presente em Jo 1,41-42[[210]](#footnote-211).

A tradiçâo marquina (Mc 1,16-20 e Mt 4,18-22) ambienta o episòdio na Galiléia, num contexto de pesca, juntamente com o cha­mado de André, e imediatamente antes do chamado dos filhos de Zebedeu. Eia nào supôe algum contato formal com Jesus antes do chamado de Pedro, o qual teria ocorrido sem nenhuma preparaçâo prèvia[[211]](#footnote-212). A narraçâo de Marcos é lacónica: nâo dà nenhum traço particular de Pedro, além do fato de ser chamado primeiro que o seu irmâo.

A tradiçâo lucana (Le 5,1-11) concorda, em linha de màxima, com a tradiçâo marquina quanto ao lugar do chamado[[212]](#footnote-213), mas delà difere, de modo notâvel, quanto à colocaçâo, quanto ao tamanho e quanto à ambientaçâo[[213]](#footnote-214); assim, nesta tradiçâo, André nâo é mencio­nado e os filhos de Zebedeu recebem menor atençâo, mas a cura da sogra de Pedro é colocada antes de sua chamada, significando que antes deste episòdio Pedro tinha algum contato com Jesus. No seu conjunto, esta narraçâo se centra mais sobre Pedro, fomecendo alguns detalhes sobre eie: a barca sobre a qual Jesus subiu era sua; Jesus pediu-lhe que afastasse um pouco a barca das margens do la­go; a sua reaçâo e a daqueles que estavam com eie, pela pesca efe- tuada; e, enfim, a promessa sobre a sua futura atividade de pescador de homens[[214]](#footnote-215).

A versâo joanina contextualiza o encontró de Pedro com Jesus em lugar e situaçâo diferentes daqueles apresentados pela tradiçâo sinótica[[215]](#footnote-216): esse acontece em Betânia, no vale do rio Jordâo (1,28), onde Joâo Batista exercitava o seu ministério, e é resultado de uma rela^ao interpessoal[[216]](#footnote-217): André, um dos dois discípulos de Joao Ba­tista que seguiram Jesús, comunica a Simao, seu irmáo, a sua deseo- berta sobre o Messias e o conduz até Ele, o qual, com os olhos fitos em Simao, Ihe diz: Eí) al Eípcov... oí) KXqOfioi] Krupág (1,42).

Jo 1,41-42 tem básicamente dois motivos comuns á narra^ao de Me 1,16-18, paralela a Mt 4,18-22; e um motivo comum a Le 5,1-11®.

Um primeiro motivo conceme ao nome Simao. Em Jo 1,41 este termo é usado de maneira absoluta, sem nenhum adjunto adnomi­nal. O mesmo acontece em Me 1,16a, Mt 4,18a e Le 5,4.5. Certa- mente é um vestigio da tradi^áo[[217]](#footnote-218). Como segundo motivo comum temos a afirmado de que Jesús olha para aquele que será seu dis­cípulo: Me 1,16 e Mt 4,18 tém o aoristo de ópáco, no indicativo, en- quanto em Jo 1,42 o verbo é énPXÉnoj, no participio aoristo[[218]](#footnote-219).

Como propriamente joaninos em 1,41 podemos individuar qua- tro elementos: o uso combinado de eópícn«» no presente histórico e no perfeito do indicativo nao é atestado nos paralelos sinóticos, en- quanto é empregado em tres passos joaninos[[219]](#footnote-220), podendo ser consi­derado como um elemento redacional[[220]](#footnote-221); os termos áSeXxpóg e íóiog, se nao sao próprios de Joao, o uso de I8io<; depois de um substanti­vo com a repetido do artigo aparece também em Jo 5,43 e 7,18 e isto permite dizer que tóv áSeXcpóv tóv íSiov é redacional[[221]](#footnote-222); o uso do título Meoctíck; corresponde, por um lado, á prática da utili- za^áo de termos semíticos na perícope[[222]](#footnote-223), e por outro, faz parte da reflexáo cristológica que retoma a maior parte dos títulos atribuidos a Jesús pela comunidade joanina[[223]](#footnote-224), sendo, pois, urna característica joanina, devendo também ser redacional[[224]](#footnote-225); por fïm, a expressâo 6 écmv pE0Ep|ir]V£uónEvov Xptoxôç pode ser explicada como urna glosa redacional[[225]](#footnote-226).

Por sua vez, em 1,42 há très motivos que nao aparecem nos textos da tradiçâo sinótica: a conduçâo de Simâo a Jesús por André, o termo Kr]<pàç e a expressâo ô épjrqvEÚExai néxpoç. O primeiro motivo se insere no plano segundo o qual é construida a perícope, em que cada discípulo, urna vez feita urna experiéncia com Jesús, a comunica a alguém[[226]](#footnote-227), correspondendo, pois às intençôes do quarto evangelho. Ainda neste motivo, a construçâo de ôyœ com npôç ao inicio do versículo é pouco comum em Joño[[227]](#footnote-228), mas nao aparecendo nos correspondentes sinóticos, pode ser considerada redacional[[228]](#footnote-229). O segundo motivo, Kqipâç, é *hapax* nos evangelhos[[229]](#footnote-230), mas o seu uso aqui se insere na mesma dinámica que faz com que o evangelista use Meoaiaç (1,41) e TaPPí (1,38). Como esses termos, também é joanino. Depois, a expressâo ô éppr|VEÚExai néxpoç e a explicaçâo de Meooiaç, em 1,41, se explicam como glosa redacional.

Para muitos[[230]](#footnote-231), Jo 1,41-42 tem como *background* os textos de Mc 1,16-20, Mt 4,18-22, e um pouco mais distante Le 5,1-11. Deste modo, as narraçôes seriam harmonizadas no sentido de que em Joâo teríamos urna chamada preliminar de Simâo e dos outros dis­cípulos, os quais teriam retomado a suas atividades quotidianas, na Galiléia, até um novo chamado por parte de Jésus, como acontece nos textos sinóticos. Por outro lado, a perícope joanina teria a fun- çâo de integrar à tradiçâo sinótica os fatos que precederam e de um certo modo prepararam a adesáo definitiva dos discípulos[[231]](#footnote-232).

Todavía, além de contra estas suposiçôes pesar o fato de que o quarto evangelho nem mesmo vislumbra a possibilidade de um se­gundo chamamento, essas diversas narraçôes (Mc-Mt, Le, Jo) suge- rem, antes de tudo, que nao havia urna única tradi^ao geral, co- nhecida por todos, sobre o primeiro encontró de Pedro com Je­sus[[232]](#footnote-233), de modo que nao é possível harmonizar a narradlo joanina com a sinótica[[233]](#footnote-234). Ñas tres narragóes temos traeos de tradigöes antigas, mas cada urna tem a sua contribuido específica para o quadro de Pedro no Novo Testamento[[234]](#footnote-235). Por conseguinte, os as- sim considerados paralelos sinóticos sobre o chamado de Pedro nao figuram entre as fontes informativas utilizadas pelo autor do quarto evangelho, nao se podendo, pois, dizer que Joäo dependa, aqui, da tradi^ao sinótica.

* 1. *A tradifäo subjacente a Jo 1,41-42:*

Assim, o confronto sinótico abre-nos a possibilidade de que Jo 1,41-42, mais que paralelo as narradas dos sinóticos sobre a vo- ca?ao de Pedro, seja urna construyo típicamente joanina, no seu conjunto. Todavia, o quarto evangelho nao inventa fatos. Para dar cabo a seu trabalho claramente redacional, recolhe, certamente, os dados geradores de urna tradi^äo antiga e autónoma[[235]](#footnote-236), que além dos elementos comuns á narrado sinótica sobre a voca^ao de Pe­dro, apresenta, aínda, dois motivos comuns a Me 3,16; Le 6,14 e Mt 16,17-19[[236]](#footnote-237).

De fato, em Me 3,16 e Le 6,14 temos a informado de que Jesus mudara o nome de Simao para Pedro e em Mt 16,17-19, com urna construyo no presente do indicativo, Jesus diz que Simao é Pedro. Em Mt 16,17 temos a descrido do patronímico de Simao: Eípcov Bapuovä. Em Joäo temos a forma ó uíóg loiávvov.

Além disso, podemos observar que Jo 1,42, como Me 3,16 e Le 6,14, coloca este motivo num contexto vocacional[[237]](#footnote-238), de modo que a atribuido do nome Kr|(páq é subordinada ao chamado de Simáo, e nao á sua profíssáo de fé[[238]](#footnote-239).

Todavía, entre Joáo, de um lado, e Marcos e Lucas, do outro, existe urna diferenga: em Joao o verbo usado por Jesús está no futu­ro (KXr]0f|aT]), enquanto Marcos e Lucas, que situam a mudanza do nome por ocasiáo da constituido dos Doze, trazem respectivamente ¿TCiríOrmi e dvopáí/o, no aoristo, cujo sentido é localizar, no passa- do, este acontecimento[[239]](#footnote-240).

Comparando o texto de Joao com o de Mateus, vemos que, em ambos, a construyo verbal oú el é constitutiva e em ambos a atri­buido do nome desempenha urna fundo[[240]](#footnote-241). Todavia, Mateus insere este motivo no episodio em que Simáo reconhece a messianidade de Jesús, bem depois do primeiro encontró de Jesús com Pedro[[241]](#footnote-242). Para alguns, é possível que Joao, conhecendo Mt 16,17-18, quisesse re­cordar a promessa de Jesús a Pedro já no primeiro encontró entre eles, antecipando, pois, o momento da atribuido do nome, por mo­tivos teológicos[[242]](#footnote-243).

A insistencia do motivo da mudanza do nome de Simáo e as se- melhanQas entre as narrados apresentadas pelos quatro evangelhos permitem-nos supor a existencia de um primitivo *logion* sobre a mu­danza do nome deste apóstolo, o qual, sendo transmitido inicial­mente de forma oral, encontrou, junto as comunidades cristás a sua re-leitura e a sua reformulado Úterária, o que explica, de certa ma- neira, as diferen?as presentes nos textos[[243]](#footnote-244). Assim, este material tra­dicional foi selecionado, repensado e modelado segundo a forma e o estilo joanino[[244]](#footnote-245).

* 1. *A génese de Jo 1,41-42:*

Urna vez visto que Jo 1,41-42 representa urna corrente particu­lar, consistindo em urna re-elaborado, por Joao, de caráter notada- mente redacional, a partir de urna tradido sobre a mudanza do no- me de Simáo, convém-nos discorrer sobre a sua génese. Antes, po- rém, vejamos como alguns autores entendem esta origem.

* + 1. *Algunas propostas:*

As propostas de explicado sobre a origem e a evolu^áo de Jo 1,41-42 sao muito variadas e divergentes. Deve ser precisado, ainda, que sob este ponto de vista, os autores, normalmente, nao analisam Jo 1,41-42 como urna perícope delimitada, mas a incluem na narrado sobre a vocado dos primeiros discípulos de Jesús, em Jo 1,35-51.

Vejamos, brevemente, as propostas de estratificado do nosso texto, segundo alguns autores.

Wellhausen (1908) afirma que em 1,35-51 estao presentes dois estratos literarios. O evangelista teria reelaborado e feito algumas adidas a um texto primitivo. Tais adi^oes seriam os versículos 35.36.40a.43a.44.51[[245]](#footnote-246).

Bultmann (1941) vé que 1,35-51 é essencialmente uniforme, existindo apenas pequeñas adidas que se remontam ao evangelista mesmo. Estas adi^óes seriam: a expressao énaúptov náliv (1,35); a indicado cronológica de 1,43 e o versículo 50. O evangelista teria alterado, ainda, a composido do versículo 43, que trazia inicial­mente um discípulo, e nao Jesús, como chamando Filipe. O evange­lista quereria com esta alterado ou preparar a sedo seguinte ou suprimir o nome do discípulo chamado juntamente com André, se era este originalmente o sujeito do verbo EÚpíoiao em 1,43[[246]](#footnote-247). Para Bultmann, portanto, os versículos 40 a 42 pertencem ao estrato ori­ginal assumido pelo evangelista.

Fortna (1970) assume que Jo 1,35-50 substancialmente pertence a urna fonte pré-joanina, chamada por ele de «fonte dos sinais», a qual teria sido utilizada pelo evangelista, que fez, ao longo da pe­rícope, breves adidas. O versículo 51 seria todo adido do evange­lista. As breves adides estariam em l,35a.38a.43a, além das glosas explicativas de 1,38.41.42 e do áXqGájg de l^?[[247]](#footnote-248).

Da Sortino (1967) distingue très estratos: um mais antigo, que seria o discurso direto e original, pano de fundo da narraçâo, que retoma a voz de Jesus; a crónica histórica dos fatos, pròpria de Joáo, que deixa transparecer o seu testemunho ocular; as glosas explicativas próprias do redator que quis dar ás palavras semíticas o seu significado justo para tomá-las compreensíveis aos leitores gregos. Estas adiçôes seriara as mesmas glosas reconhecidas por Fortna[[248]](#footnote-249).

Para Hahn (1974), o evangelista teria colocado na obra diver­sos tipos de elementos: alguns seriam tirados da tradiçâo, sob urna forma já determinada, enquanto outros teriam sido utilizados mais livremente. Entre os elementos tirados da tradiçâo, estariam a cha­mada de Filipe em 1,43, que evocaría o passo de Me 1,16-20, e 1,42, que seria paralelo a Mt 16,18a[[249]](#footnote-250).

Boismard e Lamouille apresentam a hipótese de que 1,35-51 é constituido de quatro etapas. A primeira, que eles atribuem ao Do­cumento C, traz somente a vocaçâo de Filipe e Natanael em 1,43-49, sem algumas glosas. Em urna segunda etapa o Documento C seria completado, pelo que chamara Joâo II-A, com a vocaçâo de André e Simáo, procedendo muito de acordo com o Mc-inter- mediário, e sem as glosas explicativas e as referencias temporais. No curso da terceira fase, Joâo II-B, visando a precisar o texto, teria feito algumas modifîcaçôes, entre as quais as glosas que dáo o senti­do grego as palavras aramaicas nos versículos 38.41.42 e as glosas temporais de 1,39.44. Finalmente, a narraçâo teria sido modificada no versículo 45, com a introduçâo da expressâo Kai oí JipoçfjTai[[250]](#footnote-251).

Coulot (1987) volta à concepçâo de que duas etapas se sucede- ram para dar a forma definitiva a Jo 1,35-51. A primeira é obra de um redator que combinou o material pròprio do grupo joanino com as tradiçôes transmitidas pelos sinóticos, de modo a obter urna pri­meira redaçâo de Jo 1,36-50. Um segundo redator teria retocado es­ta redaçâo, introduzindo as glosas explicativas dos versículos 38.39.41 e 42 e os dados temporais de 1,25.43, além de todo o ver­sículo 51[[251]](#footnote-252).

* + 1. *A nossa proposta:*

A análise que conduzimos no confronto com a tradiçâo sinóti­ca, na qual evidenciamos, além dos pontos comuns, as expressôes e o estilo característicos de Joáo, bem como urna ponderaçâo com ba­se nos estudos precedentemente expostos, nos levam a conceber a génese e o desenvolvimento da redaçâo de 1,41-42 em très etapas fundamentáis[[252]](#footnote-253).

Vejamos em que consiste cada etapa e, naquilo que é possível, as suas linhas de desenvolvimento e os seus elementos constitutivos.

A primeira etapa remonta a um material tradicional de base, concernente à experiência vivida pelos apóstelos em questáo, no confronto de Jesús. Este material é semelhante áquele que esparsa- mente entrou na redaçâo dos evangelhos sinóticos; entretanto, a sua origem foi independente da tradiçâo sinótica. Esta tradiçâo, trans­mitida inicialmente de modo oral, foi-se desenvolvendo segundo as concepçôes e os esquemas do círculo joanino, de sorte que nao po­demos chegar, hoje, à sua forma primitiva. Este estágio explica, as- sim, porque existem semelhanças entre esta tradiçâo e a sinótica, mas deixa, também, espaço para as diferenças que sáo igualmente visíveis, já que supóe, na origem, o mesmo fato gerador, o quai fora apreendido independentemente pelas diversas tradiçôes que desem- bocam nos evangelhos.

Num segundo estágio, este material foi organizado numa perí- cope e inserida no corpo do evangelho que estava, entáo, se forman­do[[253]](#footnote-254). A coerência do processo de redaçâo e inserçâo desta perícope no conjunto do evangelho aparece sobretudo nas semelhanças estilísticas e no uso de certas construçôes gramaticais que podem ser consideradas típicas de Joáo[[254]](#footnote-255).

E por fím, num terceiro estágio, o próprio evangelista fez algu- mas adiçôes com a fmalidade de explicar o significado, em grego, dos termos aramaicos Mcooiag e Kqtpâç, de modo que acrescentou no versículo 41 a glosa ô éoxtv p£0EppT]VEüópEvov Xpioxôç e no versículo 42 ô éppr|VEÚETai nérpoç. Por conseguinte, para termos o primeiro texto do evangelista é suficiente eliminar estas glosas.

1. *Estudo da redafáo atual do texto:*

A nossa abordagem sincrónica seguirá os já consolidados pas- sos típicos desta abordagem, quais sejam: o contexto de nossa pe- rícope, a crítica textual, a estrutura do texto final e a exegese dos pontos que dizem respeito à nossa problemática e a iluminam.

* 1. *O contexto:*

Jo 1,35-51 narra, de maneira artificiosa4\*, como os primeiros discípulos vém a Jesus e apresenta a mensagem teológica e espiritual deste seguimento; constitui, pois, o contexto à luz do qual deve ser lido o encontró de Pedro com Jesus.

Esta narrado joanina do encontró dos primeiros discípulos de Jesus está articulada em duas cenas, com dois episodios cada urna40.

A primeira cena mostra o ápice do testemunho de Joáo Batista, com a passagem de alguns de seus discípulos a Jesus. O primeiro episodio traz o encontró de Jesus com André e o outro discípulo (1,35-40), enquanto o segundo narra o encontró de Pedro com Jesus (1,41-42).

A segunda cena, na qual tem inicio propriamente o trabalho de Jesus[[255]](#footnote-256), apresenta, como primeiro episodio, o convite que Jesus faz a Filipe para seguí-Lo (1,43-44), e como segundo, o encontró de Natanael com Jesus (1,45-51).

A formulagao literaria e o conteúdo religioso destas cenas sao extremamente origináis, existindo entre elas um modo idéntico de procedimento[[256]](#footnote-257). Com efeito, em ambas, o movimento dos discípu­los na diremo de Jesus segue a mesma dinàmica interna. No primei- ro episodio, os dois primeiros discípulos seguem (f|KOÁoú0r|oav) Je­sus depois que escutaram (^kougclv) as palavras do Batista (í8e ó àpvòg toü 0eoù); Simao, no segundo episodio, é levado (^yayev) a Jesus (v.42a) depois de escutar de seu irmao que ele e o outro encontraram o Meooiag (eúpqKapEV tóv Meaoíav - v.41b). De igual modo, é motivado pela experiencia de Filipe (v. 45-46) que Natanael vai a Jesus.

Depois que testemunhas qualificadas atestam a sua fé em Jesus (Joào Batista, André e Filipe), os potenciáis discípulos se aproximam Dele. E, aqui, o evangelista sublinha, em todos os episodios, a centralidade de Jesus, mostrando como Ele convence estes homens para a Sua causa, através de Seu comportamento (nxpaípEÍg, 9Eaoá|i£vo^, EÓpíoKEt, e13ev... èpxópsvov) e daquilo que Ele diz (£p%EO0£ Kai óy£o0E, oí> KÁr|0f|cn] Kqcpàg, (íkoXoú0ei poi, í3e áÁT]0(ñg lopar|Xírqg...)[[257]](#footnote-258). Como conseqüéncia, o futuro discípulo faz urna experiencia pessoal com Jesus, ao cabo da qual pronuncia urna confissào de fé (v. 41b; 45b; 49)[[258]](#footnote-259). Em todo este caminho temos, portanto, mais que urna simples narradlo do chamado dos cinco primeiros discípulos de Jesus. O evangelista narra a progressiva entrada no mistério de Cristo, por meio do gradual aprofundamento na compreensao sobre Aquele a quera os discípulos estao seguindo, oferecendo os tragos paradigmáticos do discipulado, num verdadeiro compendio acerca da vocagao crista[[259]](#footnote-260).

* 1. *Crítica textual:*

Temos um problema textual no versículo 41: para o encontró de André com Simao temos quatro possibilidades de leitura: npSrov, npúnoq, nptot, ou nenhuma destas expressdes adverbiais. Esta varian­te é importante, pois, dependendo da leitura adotada, o sentido do texto muda consideravelmente[[260]](#footnote-261):

— Ilpórov: é urna li^ao bastante documentada, sendo atesta­da por testemunhos antigos e bem diversificados. Assim, é a leitura que trazem os códigos Kc, A, B, 0, II, Y, 083, muitos códigos minús­culos[[261]](#footnote-262), f113, P66-75 e diversas versees[[262]](#footnote-263).

* + 1. npòjrog: é menos comprovada que Tlpórov. Nao obstan­te, aparece em alguns códigos maiúsculos de tradito alexandrina, como X\*, K, L, W8, na maioria dos minúsculos de tradipao grega posterior[[263]](#footnote-264) e em outros testemunhos[[264]](#footnote-265).
    2. ripoí: esta li^o é atestada por alguns manuscritos da ver- sao ítala[[265]](#footnote-266) e pela Siríaco-Sinaítica antiga.

— A omissào do termo: o minúsculo 2148 e algumas teste- munhas importantes como Tatiano *(Diatesseron),* a versao Siríaca Curetoniana, Agostinho e Crisòstomo nào trazem nenhum destes termos.

Sob o ponto de vista sintático, todas estas linóes variantes sao possíveis e dao um bom sentido ao texto. Além disso, todas elas se encontram em outros lugares no evangelho de Joño, de modo que a escolha depende da autoridade dos manuscritos e de considera^óes estilísticas. Assim sendo, convém que analisemos cada urna destas possibilidades de leitura.

* + 1. *A omissào do termo:*

A omissào da locu^áo adverbial de tempo é urna variante con- siderável, principalmente devido ao testemunho de Agostinho e de Crisóstomo, os quais podem fazer-nos remontar a um texto conhe- cido já no fim do segundo século, na Ásia Menor. É certo que, com a ausencia do termo em questáo, o texto escorre mais límpido e sem incertezas. Todavía, esta variante se explica fácilmente por haplo- grafía: a partir de um texto grego (eópícrKet oúto^ npmog xóv i'8iov áSeXtpóv) um escriba distraído teria passado de oúto^ a npmog, omitindo a segunda destas palavras[[266]](#footnote-267). Além disso, se esta fosse a leitura original, seria difícil explicar como surgiram as outras a par­tir do texto curto, urna vez que a narrado nao ofereceria nenhuma dificuldade ou possibilidade de alongamento. Podemos, pois, des­cartar esta variante.

* + 1. *IIpcoi:*

Esta leitura oferece ao texto um sentido excelente, evitando as ambigüidades que surgem com as outras variantes (nprnov e np®Tog). Com ela pode-se estabelecer o tempo do encontró entre Jesús e Simao: como André e o outro discípulo teriam chegado ao lugar onde habita Jesús por volta das quatro da tarde, o encontró com Pedro teria sido na manha do dia seguinte.

Além disso, aqueles que a assumem como a leitura que mais provavelmente representa o texto original[[267]](#footnote-268) véem que depóem a seu favor os seguintes argumentos: ela se insere no esquema crono­lógico com que seria organizada a perícope de 1,19-2,11, permitin- do que os eventos do inicio do ministério público de Jesús sejam distribuidos num espado com a dura^ao de sete dias[[268]](#footnote-269); a combi- na^áo das atestares — *vetus latina e* siríaca — nao é um teste- munho que possa ser negligenciado, sobretudo quando nao depen­de do *Diatesseron* de Tatiano, que omite esta palavra[[269]](#footnote-270); a leitura TtpcoTov, e, conseqüentemente, rtpwxog, se explicaría fácilmente a partir de em vez de IIPOITONAAEA0ON, um escriba teria lido IIPOTONTONAAEAOON com ditografía de tóv\*s; Joáo usa a mesma forma em 18,26 e 20,1; no aramaico, ao qual se remonta­ría a origem do quarto evangelho — a raíz mp do verbo prefíxado ao verbo principal da proposito pode significar tanto “em pri- meiro lugar”, “primeiramente”, como “de manhá”. As variantes exprímiriam deste modo as diversas maneiras de traduzir o mesmo original aramaico. E se poderia perfeitamente assumir npof, versáo que melhor corresponde ao contexto\*6. Todavía, devemos consi­derar dois pontos que decidem pela nao aceitado desta variante como a mais aderente ao texto: se Joáo quisesse, de fato, dizer “no dia seguinte”, usaría ¿naúpiov, segundo seu estilo, como em 1,29.35.43; esta leitura, nao obstante a importante combinado dos testemunhos, é muito pouco atestada, nao é considerada por ne- nhum dos editores modernos\*7 e nao é a *lee tío difficilior.*

* + 1. *npartoQ:*

Esta leitura tem como implicado o fato de que André levou o seu irmáo, Simáo, a Jesús, antes que seu companheiro o fizesse, fi- cando, portanto, subentendido que o outro discípulo mais tarde fí- zera o mesmo\*8.

Urna razáo para considerar esta como a melhor leitura seria o fato de que ela permite haver, implícitamente, os quatro primeiros discípulos que seguem Jesús, como nos sinóticos: André, Simáo, Tiago e Joáo (Me 1,16-20; Mt 4,18-20; Le 5,1-11). Mas isto é pre­tender demais do texto que náo diz tanto\*9.

Entre os editores modernos é urna ÜQáo preferida só por Tischendorf. Assim, é urna leitura que continua difícil; é pouco aderente ao estilo joanino[[270]](#footnote-271) e os testemunhos que a atestam sáo demasiadamente alexandrinos[[271]](#footnote-272).

* + 1. *npártov:*

Este termo é um adjunto adverbial de tempo[[272]](#footnote-273), e significa que a primeira coisa que André fez foi encontrar Pedro.

Varios indicios apontam esta como a melhor leitura: ela nao cria dificuldades no contexto; antes, oferece um excelente sentido ao texto, comandando a enumeraçâo por très vezes do verbo supícrK®, que designa très encontros: no versículo 41, André encontra Simáo; a este encontró seguem aquele do versículo 43, no qual Jesús en­contra Filipe, e aquele do versículo 45, quando Filipe encontra Na- tanael[[273]](#footnote-274); é a *lectio diffîcilior,* pois nada é dito sobre urna outra açâo de André[[274]](#footnote-275); é a liçâo mais documentada e preferida por todos os editores modernos do texto[[275]](#footnote-276), bem como pela maioria dos comenta­rios[[276]](#footnote-277); npôxov, como advérbio, é comum em Joáo. Aparece tam- bém em 2,10; 7,51; 10,40; 12,16; 15,18; 18,13; a énfase dada a ïSiov[[277]](#footnote-278) — seu próprio irmao — é muito consistente com esta liçâo; por outro lado, à objeçâo que esta leitura teria surgido por ditogra- fia de nPOITONAAEA<I>ON, pode-se contra-argumentar dizendo que a nPOITONAAEAOON se pode chegar através de haplografia de nPOTONTONAAEA<DON.

* 1. *A Estrutura do texto:*

Na organizaçâo do texto, a apresentaçâo de sua delimitaçâo ajuda a obter uma visâo de conjunto, pois condiciona a relaçâo do texto com o seu contexto, ao mesmo tempo que a esclarece e permi­te chegar à sua estruturaçâo.

* + 1. *A delimitacelo inicial:*

O episòdio do encontró entre Pedro e Jesus aparece estrei- tamente relacionado com o episòdio sobre o encontró dos dois discípulos do Batista com Jesus[[278]](#footnote-279), numa continuidade que é ga­rantida por dois fatores: nào existe ruptura alguma de tempo, pois tudo acontece sob a mesma indicalo cronològica de 1,35 (tt¡ èicaupiov)[[279]](#footnote-280); além disso, o cenano deste segundo episòdio conti­nua genérico, sem que se de indicafào precisa quanto ao lugar des­tes acontecimentos[[280]](#footnote-281).

Todavia, para a delimitafào da perícope o versículo 40 desem- penha um papel importante. Por um lado, ele reforja a continuida­de entre os dois episodios, mas por outro, funciona como a divisòria das águas, fazendo com que o primeiro episòdio seja compreendido entre os versículos 35 e 40.

O que é decisivo para que o versículo 40 assuma a característica de versículo-ponte é o fato de ser urna síntese do primeiro episodio, ao mesmo tempo que acrescenta o dado ó àòaXxpòg ¿íjunvot; Ilérpou, em referencia explícita a André. E é justamente André quem nos versículos 41-42 aparece introduzindo Simào no segui­mento de Jesus. Embora nào seja mencionado, ele aparece através do pronome oúxog e com a retomada da expressào tòv àSeXtpòv tòv i'Siov Eípcova, que nos remetem ao versículo 40 para sabermos tratar-se de André.

Outrossim, dois elementos literarios fazem com que o versículo 40 pertenfa aos versículos anteriores: os termos ¿k tòv pa0T|Twv aÒTOÙ Suo do versículo 35, com o qual forma urna inclusào, deli­mitando assim a unidade do conjunto dos versículos 35 a 40. Além disso, entre os versículos 37 e 40 existe um paralelismo sinonímico em torno do seguimento: a idéia de que os dois discípulos, esen­tando o testemunho de Joño Batista (f|KoXoú0qoav t^ Iqooú - v. 37) é retomada, ao mesmo tempo que é particularizada, quando o evangelista diz que André era um dos que haviam escutado o Batista e àKoXouèqoàvTCùv aòxò (v. 40).

Quanto aos versículos 41-42, que verdadeira e propriamente constituem a nossa perícope, por sua vez acusara urna mudanza níti­da na centralidade dos personagens em relafáo aos versículos ante­riores e tratam de mostrar como Simào chega a Jesus e o que acon­tece neste encontró. A unidade destes versículos se faz em torno da figura de Pedro, a quem a perícope se refere duas vezes como Eípov, urna como Kqcpfi?, cinco vezes por meio de expressóes pro- nominais e duas vezes com aposto.

* + 1. *Delimitagáo final:*

Quando lemos o texto, vemos claramente que esta unidade em tomo da imagem petrina se rompe no versículo 43. Ali temos, além da mudanza do personagem que interage com Jesús, duas indicares que apontam para urna mudanza de tempo e de lugar: a expressao xg éiraúptov sitúa o novo encontró no dia seguinte, e é^eXOeív elq xf|v FaXtXaíav indica um movimento em dire^ao a um lugar preciso. Por conseguinte, o versículo 43 inicia urna nova perícope, ficando limita­do no versículo 42 o encontró entre Simao e Jesús.

* + 1. *Estrutura:*

A nossa perícope pode ser estruturada da forma seguinte:

— A 41 Eópíctkei oüxoq npwxov xóv áSeXípóv xóv íSiov Xípcova

Kai Xéyei aüxqj,

— B Eúpf]Kap8v tóv Meooíav, ó éoxiv ji£0eppqv£uóg£vov Xptoxót; •

— B’ 42 flyayev auxóv npóq xóv Iqoouv. épPXév|/a^ aóx& ó lT|ooug eIjcev,

Eó si Eípwv ó uíóg lajávvou,

— A’ oí» KXr)0f|ai] Krjípag, 8 éppqvEÚExai néxpog.

Jo 1,41-42 consiste, pois, de urna narracao muito breve, for­mada somente por duas proposites, que correspondem a seus dois versículos, narrando dois ericontros, sendo que o primeiro, de André com Pedro, é trampolim para o segundo, de Pedro com Jesús, de modo que temos em Simao e em Jesús os dois protago­nistas destes encontros. Todavia, por tras desta simplicidade e li- nearidade narrativa, existe urna grande densidade e profundidade de sentido, como mostra a sua estrutura quiástica, que intercala os dois encontros: os termos A (v. 41a) e A’ (v. 42b), que dizem res- peito a Pedro, sao intercalados por B (v.41b) e B’ (v.42a), que se centram em Jesús[[281]](#footnote-282).

Garantem esta disposigáo simétrica a correspondencia entre os seus elementos.

De fato, em A e A’ temos, respectivamente, no acusativo e no nominativo o termo-chave Eíjuov, ao qual se referem os outros da­dos. Deste modo, seguem-se acumulativamente as referencias a Eípcov como xóv áSEltpóv xóv ISiov (A), ó uíóg Iwávvou, Krupág e IIÉxpog (A’). Temos, portanto, urna retomada do motivo Sípov com um progressivo desenvolvimento de sua identidade.

Quanto a B e B’, eles estabelecem um paralelismo entre o teste- munho de André de que eles eúpf|Kap£V xóv Meootav e a infor- ma^ao de que ele levara Pedro a Jesús. Estes elementos se corres- pondem, portanto, enquanto servem para precisar e concretizar o termo Msooíaq, explicando-o como Xpioróq e identificando-o com nqoou?. Assim, na organiza^ao do texto, temos, já, a concepcao de Jesús como Messias.

* 1. *Exegese:*

É á luz desta estrutura que coloca em rela$ao os varios compo­nentes literarios de 1,41-42, que procuraremos aprofundar, sob o ponto de vista exegético, a trajetória feita por Pedro, que vai desde seu encontró com André até seu encontró com Jesús.

* + 1. *Pedro e André:*

No encontró entre André e Pedro, duas situacóes sao relevan­tes: o encontró propriamente dito (A) e o testemunho dado por An­dré (B).

* + - 1. *O encontró:*

O encontró entre André e Pedro é descrito de modo muito dire­to, fomecendo apenas os dados essenciais: EÓpíoKEt oóxog np&xov xóv áSsXxpóv xóv íStov Lípcova (v. 41). Antes, todavía, no versículo 40, o texto traz as motiva^óes que impulsionaram André a tal en­contró.

Assim , o versículo 40 evoca a experiencia fundamental de An­dré, descrita em 1,35-39, e explicitamente diz que ele era slg ¿k xwv

8úo tov áKouoávTaiv napa ’Imávvou Kai áKoXoüOTjoávTov aúr®. Este versículo recupera, assim, a docilidade de André ao testemu- nho de Joao Batista. Foi porque escutou e creu ñas palavras do Ba­tista, que André, juntamente com o outro discípulo, tomou cons­ciencia da presenta de Jesús e, seguindo-O, passou a conviver com Ele, capacitando-se, deste modo, a tornar-se Seu seguidor[[282]](#footnote-283).

É sob o fascínio desta experiencia pessoal que André encontra o seu irmao, Síptov. Anteriormente, nada fora dito sobre Simao, a nao ser que era irmao de André (1,40), o que, no mínimo, faz supor que Simao era mais conhecido e servia de referéncia para André[[283]](#footnote-284). Aqui, também, nao se registrara maiores detalhes; importa ao evan­gelista narrar o encontró entre eles[[284]](#footnote-285).

Para caracterizar este encontró, o texto usa o verbo sópícKto e o advérbio de tempo KpmTov.

O verbo eúpíoKco aparece com insistencia nesta e na se^ao seguinte[[285]](#footnote-286), constituindo um motivo literario da narra^ao joanina sobre a voca?áo dos primeiros discípulos. Este verbo quer dizer encontrar, achar, descobrir, deparar-se com, ganhar algo, topar em alguma coisa. No Novo Testamento é usado tanto significando o encontró como resultado de urna procura, como também o encon­tró surpreendente, fortuito, nao intencional[[286]](#footnote-287).

Concretamente no nosso passo, Bultmann sustenta que eúpíoKco se refere — como também em 1,43.45 — a um encontró casual[[287]](#footnote-288). Todavia, duas razoes nos impingem a nao pensar como ele. A pri- meira remonta ao próprio uso joanino deste termo. Em Joao, o ato de encontrar nunca é por acaso; é sempre um encontró intencional, programado, com vistas a alguma coisa[[288]](#footnote-289). Deste modo, em virtude mesmo do uso joanino de eúpíoKO) nao pode tratar-se, aqui, de um encontró casual. A segunda razáo nos reporta á própria construyo da frase, que deixa entrever urna certa intencionalidade e procura por parte de André. Sao indicativos desta intencionalidade, por um lado, a natureza esquemática, em Joáo, das narra^óes sobre as vo- ca^óes dos primeiros discípulos e, por outro, a presenta de npdnov no versículo 41. Como vimos[[289]](#footnote-290), Jo 1,35-51 segue um esquema artifi­cioso, segundo o qual, sob o testemunho de alguém, o futuro dis­cípulo faz urna experiencia pessoal com Jesús e, impulsionado por esta experiencia, faz com que outros se coloquem no mesmo cami- nho[[290]](#footnote-291). Assim, é fascinado por esta experiencia, e nao por acaso, que acontece o encontró subseqüente.

Por outro lado, em 1,41 a forma verbal EÚpíoKEt nao é usada no absoluto. O texto diz que André EvpíoKEt npcoiov Simáo. Por­tanto, a primeira coisa que fez André foi encontrar Simáo. Isto, além de indicar que a atividade de André nao terminou aqui, coloca em evidencia a importancia e a urgencia de seu encontró com Pe­dro, sugerindo que este encontró faz parte de um acontecimento maior, nao sendo, por nada, fruto do acaso. E é este acontecimento maior que vem preparado pelo testemunho de André.

* + - 1. *O testemunho de André:*

André, ao encontrar Simáo, diz: Eópf|Kag£v róv Meooíav (B: v.41b). A estrutura quiástica da pericope mostra, colocando em correspondencia B (v.41b) e B’ (v.42a), que se trata de Jesús[[291]](#footnote-292). E, de fato, estas palavras constituem o testemunho de André acerca de Jesús, já esperável, segundo o esquema joanino de voca?áo, como conseqüéncia de seu encontró com Ele. Vejamos, entáo, as impli- cagóes desta declarado. Para tanto, levaremos em considera^áo jus­tamente os dois termos que a compóem.

Por trás do vocábulo EÓpiÍKajtEv está a comunica^áo de urna grande descoberta que náo é fruto do acaso[[292]](#footnote-293), como náo o fora o encontró de André com Simáo, como acabamos de mostrar. Na ver- dade, este EÓpqKapEV é o resultado da rela^áo de André, juntamente com um outro discípulo, com Jesús, e, indicando o cumprimento de suas expectativas, resume a caminhada que com Ele fizeram até aquele momento, cujas conseqüéncias se projetam no futuro. A significar esta situado está também o tempo verbal, o perfeito, que indica urna a^áo completa no passado, mas que seus efeitos duram até o presente e tendem ao futuro[[293]](#footnote-294). Esta caminhada come^ou com a escuta do testemunho de Joáo Batista, continuou com a iniciativa de Jesús através de sua pergunta Tí ¿¡tjteíte; (v. 38) que dá margem á pergunta seguinte dos discípulos Yappí... nou pévEu;; (v. 38)®\*, com o convite de Jesús e a constatado de que eles f|X0av, slSav nov pévei e nap’ aúrcp epetvav aquele dia (v. 39).

Foi assim que André entendeu quem é Jesús e, ao fazer-Lhe adesáo, sentiu-se impelido a anunciar esta sua descoberta, o que faz usando justamente o termo Meooíag. Este termo, que em todo o Novo Testamento ocorre somente aqui e em Jo 4,25[[294]](#footnote-295), é urna forma helenizada do correspondente aramaico xrrwo ou do adjetivo verbal hebraico nva[[295]](#footnote-296) e vem explicado, pelo evangelista, como significan­do XptoTÓq[[296]](#footnote-297), correspondéndo, pois, á utilizado, pelo evangelista, de termos semíticos[[297]](#footnote-298). Quando André diz EÚpr]Ka|iev tóv Meooíav, embora, certamente, nao compreenda a implicado real desta pala- vra, faz com que em Joáo, a messianidade de Jesús seja confessada, por seus discípulos, desde o inicio de seu evangelho". Conquanto isto, enfatizando o reconhecimento de Jesus como Messias, por par­te de André, Joäo nao idealiza os primeiros discípulos. O que ele faz é antecipar, programáticamente, o que será a gradual experiencia dos discípulos em rela^äo a Jesus, numa chave de leitura para o de- senvolvimento de urna reflexäo cristológica que interpreta a própria experiencia dos discípulos[[298]](#footnote-299) e coloca em foco a maior parte dos títulos atribuidos a Jesus pela Comunidade Crista Primitiva[[299]](#footnote-300), in­dicando que a fé no Jesus-Messias representa um dos eixos cristoló- gicos mais importantes do quarto evangelho[[300]](#footnote-301). Esta fé é o distinti­vo dos seus seguidores, a condi^äo indispensável para se obter a sal­vado e a vida perfeita[[301]](#footnote-302). E é sob a influencia desta compreensäo e desta seqüela que o quarto evangelho apresenta o inicio da rela^ao de Pedro com Jesus.

* + 1. *Pedro e Jesus:*

Reconhecendo Jesus como Meooíag, o passo natural de An­dré é conduzir Pedro a Jesus. É importante perceber em que con- di^oes ocorre este encontró e em que ele consiste, já que fornece a chave para a concep?ao que o quarto evangelho tem de Pedro. As- sim, prosseguindo a nossa análise e abordando estes componentes segundo a sua estrutura^ao, consideraremos dois pontos: o encon­tró propriamente dito, que pöe em relevo a pessoa de Jesus, e a de- clara^äo de Jesus a Pedro, que aprofunda a identidade e a missao deste discípulo.

* + - 1. *O encontró:*

O texto fornece dois dados que esclarecem como se dá o encon­tró entre Jesus e Simao: André ^yayEV aúxóv npóg xóv ’Iqoouv e Jesus aux® (B’: v. 42a).

Primeiramente, temos o verbo ay®, o qual, com os seus deriva­dos, tem o significado fundamental de conduzir, acompanhar, guiar ou introduzir alguém em um caminho de vida[[302]](#footnote-303)\*. Supöe que a pes­soa que guia tenha condi?ao para desempenhar essa tarefa[[303]](#footnote-304). Usa- do com a preposto npó ou com a sua forma prolongada Kpóg e no acusativo, indica que o ato de conduzir alguém tem urna destinado precisa, colocando, ainda, a énfase na pessoa que conduz[[304]](#footnote-305). Em Joao, apesar desta construyo ser rara[[305]](#footnote-306), este sentido se enquadra perfeitamente, correspondendo, além do mais, à intendo do redator de 1,35-51[[306]](#footnote-307): André, depois de seu testemunho, faz-se guia de seu irmao e o conduz a Jesus[[307]](#footnote-308), de modo que fica a impressáo de que ele encontrara aquele que Pedro também desejava encontrar[[308]](#footnote-309).

De fato, esta inquietalo messiànica de Pedro é sugerida tanto pelo uso de 8upf|Kag8v (além de referir-se a André e ao outro discípulo, André partilharia aqui a descoberta como resultado de urna procura comum também a Pedro) como pelo fato de eie nào oferecer nenhuma resistencia, bastando o referimento de André ao Meooicu; para colocà-lo em movimento[[309]](#footnote-310). A descoberta de André é também a descoberta de Pedro[[310]](#footnote-311). André Ihe anuncia que a espera terminou, o Messias està presente[[311]](#footnote-312).

Referindo-se à maneira corno Jesus acolhe Pedro, o texto usa o termo èppXé\|/a<;, participio aoristo de èpPIéTcco[[312]](#footnote-313). Este verbo é composto de pièno, um dos verbos típicos, em Joào, para exprimir a idéia de visao[[313]](#footnote-314), com a preposto èv, dentro. Justamente por força desta partícula, significa mais que um simples ver ou olhar material; trata-se de um olhar dentro, de modo que quer dizer fíxar os olhos em alguém, olhar com penetraçâo, intensidade e profundidade[[314]](#footnote-315), deixando entrever naquele que olha urna atitude escrutadora[[315]](#footnote-316) e, ao mesmo tempo, de entendimento e empatia[[316]](#footnote-317). Como participio aoristo, èpPXsvaç mantém urna estreita relaçâo com o verbo finito que o segue, Îéyco; e como este está também no aoristo (eUsv), a construçâo indica urna simultaneidade no passado, de modo que o è|ipXé\|/aç exprime a modalidade ou a perspectiva com que Jesús dirigiu aquelas palavras a Pedro[[317]](#footnote-318). Vejamo-las, portanto.

* + - 1. *A declaraçào de Jesús:*

Chegamos, entâo, à declaraçào de Jesús a Pedro: Zu el Zípov ó ulôç ’lœàvvou, aù KXqOf|aT| Kricpaç, seguida da nota explicativa ô éppr|V8DeTai liéxpoç (A’: v. 42b). Sobre esta declaraçào debruça- ram-se aqueles que se atribuíram o objetivo de discorrer a respeito da concepçâo que o quarto evangelho tem sobre Pedro, e ela se prestou a conclusoes diferentes[[318]](#footnote-319), de modo que permanecem al- guns problemas para a sua compreensao. Estes problemas se resu- mem básicamente em dois: como entender o futuro KXí]0f|aT) e, es- treitamente relacionado com este, as implicaçôes do nome Kqtpâç e a sua traduçâo para o grego.

1. *O futuro K^Qr]oij:*

A dificuldade em relaçâo ao vocábulo kXt|0t|oi] consiste na for­ma como considerá-lo: se maniendo o seu sentido efetivo de futuro, ou vendo-o como um caso específico do futuro com significado de presente[[319]](#footnote-320). Se o considerarmos apenas como futuro, decorre que este nao é o ato segundo o qual Jesus atribui o nome Kî|q>àç a Simâo, mas tâo-somente a profecía do significativo nome que Pedro terá no futuro[[320]](#footnote-321). Por conseguinte, a ênfase do evangelista é colocada no fato de Jesus anunciar que Simâo terá o nome de Kî|<pâç, sendo interesse seu mostrar Jesus dotado de um conhecimento divino, em virtude do quai conhece Simâo — Zù el Zípcov ó uiôç ’lœàvvou — e, ao mesmo tempo, revela o seu futuro nome[[321]](#footnote-322). Quanto à ocasiâo em que isto te­na efetivamente ocorrido, nâo é relatada claramente por nenhum evangelista. Mc 3,16 e Le 6,14 se referem à mudança do nome de Si­mâo por ocasiâo da chamada dos Doze e Mt 16,17-19 a situa no mo­mento da confissâo messiànica, no contexto do Primado[[322]](#footnote-323). Conside­rando sobretudo o possível paralelismo entre o où KXq0T|<rr] Krjtpàç de Joâo com o où el nérpoç de Mateus, bem como a correspondén- cia entre os dois tempos verbais (futuro em Joâo e presente em Ma­teus), Jo 1,42 poderia ser considerado como urna prediçâo daquela cena[[323]](#footnote-324); mas fica a possibilidade que a mudança do nome tenha ocor­rido posteriormente, no quadro da vida da comunidade pós-pascal, onde Pedro desempenhou um papel preponderante[[324]](#footnote-325).

Entretanto, a cena pode assumir ao menos quatro nuanças, que tém como ponto comum o fato de verem em KXr|0f]oi] urna redeno- minaçâo de Simâo já no seu primeiro encontró com Jesus, fazendo com que o verbo assuma, aqui, um sentido de presente.

Um primeiro matiz é apresentado por Lindars, para quem no encontró histórico entre Jesus e Simâo, Jesus teria, mais que muda­do o nome deste apòstolo, dado-lhe um apelido, para distingui-lo de outro Simâo[[325]](#footnote-326).

Um segundo matiz vé que era urna tendéncia entre os judeus evitar o uso do nome Eipœv, tanto na sua forma hebraica como na grega, pois este nome era proibido devido à ocupaçâo romana na Palestina. Os romanos quereriam, com isso, evitar motivos que faci- litassem a evocaçâo das grandes figuras militares e a conseqüente associaçâo com o nacionalismo judaico[[326]](#footnote-327).

Urna terceira nuança estabelece urna relaçâo entre a mudança do nome de Simao e o fato de outros discípulos terem também apelidos. Joâo e Tiago, filhos de Zebedeu, receberam de Jesús o nome de Boanerges, cujo significado é filhos do trovao (Me 3,17); Judas vem chamado de Iscariotes (Me 3,19); nos Atos dos Apóstolos, um certo José, chamado Barsabás, vem cognominado “o Justo” (At 1,23). Com base nestes casos, poder-se-ia pensar que Simao, como outros discípulos, teria recebido um apelido, o qual teria sido posto pelo Mestre. Jesús teria procedido, entao, con­forme o costume praticado nos grupos dos discípulos do fa­risaísmo rabínico, segundo o qual o mestre nao muda o nome do discípulo, mas o apelida, fazendo urna espécie de elogio as características de sua personalidade[[327]](#footnote-328). Deste modo, Jesús teria apelidado Pedro como KT|<pâç, referindo-se ao seu modo de ser e de agir[[328]](#footnote-329).

E, por fim, um quarto matiz reitera que o nome de Simâo fora mudado para Kqtpàç já no seu primeiro encontró com Jesús, inter­pretando o tempo futuro como fazendo parte do estilo literario da mudança de nome, evocando, assim, as mudanças de nome no Anti- go Testamento[[329]](#footnote-330): Abrâo tem o seu nome mudado em Abraáo (Gn 17,5); Sarai em Sara (Gn 17,15); Jaco em Israel (Gn 32,29; 35,10). Em todos estes casos podemos encontrar urna fórmula sintagmática fixa: negaçâo do nome atual (où KXT)9f|CTETai tô óvopa...), seguida do anúncio do novo nome (àXX’eoTai tô óvopa...) e da exposiçâo de motivos sobre esta mudança (ôti...), a quai se arrasta até mesmo por vários capítulos e supóe um contexto de bênçâo[[330]](#footnote-331). A atri- buiçào de um novo nome marca, assim, o inicio de urna nova re- laçâo com Deus, indicando a funçào ou a missâo específica que es­tas pessoas desempenharâo na historia da Salvaçâo[[331]](#footnote-332). Os nomes Abraâo, Israel, Sara, sâo, portante, nomes de missâo. A semelhança entre os sintagmas e o uso de KaXéœ permitem-nos deduzir que esta formula também é subjacente em Jo 1,42.

Dois dos très componentes do sintagma de mudança de nome no livro do Génesis sâo explícitamente presentes no texto joanino: o nome atual e o anúncio do novo nome. A altemáncia dos verbos eí- |ií e KaXéco entre o primeiro e o segundo componentes do sintagma justifica, de certo modo, que o primeiro componente em Joáo seja afirmativo. Falta o terceiro elemento, isto é, a exposiçâo dos moti­vos por que a mudança do nome é efetuada, que compreende a ex- plicaçâo do nome-missâo atribuido ao personagem. Em Joáo, Jesús náo explica o que entende por este nome e o que ele significará na vida de Pedro. Será no desenvolver dos acontecimentos, portanto nos capítulos seguintes, que isto será esclarecido. Por enquanto, te­mos esta progressâo na identidade de Simâo: de irmâo de André (A: v.41a) ele passa a filho de Joâo (A’: v.42b); e é a este discípulo, com esta identidade, que Jesús anuncia que ele será chamado Kq- (pfiç (A’: v. 42b).

E aqui aparece a força do verbo KaXé®[[332]](#footnote-333). Conjugado no futu­ro, evoca, por si mesmo, as mudanças de nome do Antigo Testa­mento, enquanto na sua forma passiva se correlaciona ao nomina­tivo do sujeito, implicando, como algo extremamente real, que o sujeito é ou *realiza* a realidade indicada pelo complemento de deno- mina^ào, de modo que ser chamado por um nome, significa real­mente ser o que este nome exprime[[333]](#footnote-334). Trata-se, portanto, de algo decisivo para a identidade de Pedro.

1. *O atributo Ki¡<pd.q:*

Ao dizer que Simào será chamado Kr|(pàq, Joao nao diz a que corresponde, no pensamento de Jesus, o nome Kqcpàg, como se esperaría que o fizesse[[334]](#footnote-335), à luz do sintagma sobre a mudanza de nome no Antigo Testamento. O que segue no texto é urna nota narrativa, apresentando a tradujo e nao a explicado deste termo para o grego. Mesmo assim Joao é muito conciso: diz somente 3 éppqveúETai flérpoq, nào fomecendo maiores detalhes para a com- preensào deste nome[[335]](#footnote-336). Nào obstante isto, e considerando que este é o segundo componente do sintagma que fomece a fórmula de mudanza de nome, podemos assumir que este termo deve ser expli­cado com qualquer coisa relacionada à vida de Simào, de modo que Kqtpfig exprime o misterio de seu ser e de sua a^ào, referindo-se à essencial fun^ào a que Simào é chamado para desempenhar na obra de Jesus[[336]](#footnote-337).

Estes dados, portanto, redimensionam a natureza do atributo Kr](pá<; no interior de Jo 1,41-42: mais que um predicativo que ne­cessita de urna explicado parentètica ou apositiva, ele constituí urna reserva de significado para a compreensao da fuñado que Simào de- sempenhará em rela?ào a Jesus e à comunidade crista, segundo a concep^áo joanina. Com este termo, o evangelista nao entende tra- duzir, aqui, um dado que se refere, apenas, a urna experiencia em particular, mas quer concentrar o que é essencial para o conjunto da historia de Pedro através do quarto evangelho.

Assim, a mudanza do nome de Simào para Kqtpñg evoca a sua missào, de modo que, já no primeiro encontró com Jesus, Simào é tido e apresentado a partir de sua particular voca^áo[[337]](#footnote-338), fazendo com que esta perícope assuma urna fun^áo programática, percorren-

do e conectando as outras perícopes sobre Pedro, que, por sua vez, projetam luzes para a compreensáo desta, urna vez que exploram di­ferentes conota^oes desta imagem.

Destarte, se estes dados nao permitem explicar o significado do nome Kqípac; e as suas implicares para Simao, sao importan­tes porque introduzem na discussáo a respeito da mudanza do no­me deste discípulo a necessidade de dar maior peso ao substrato semítico deste termo ao mesmo tempo que afirmara a sua progra- maticidade.

NOTAS CONCLUSIVAS DO CAPÍTULO

Conduzimos a nossa investigaçâo sobre Jo 1,41-42 era duas frentes: urna considerou a nossa perícope à luz da metodología his- tórico-crítica e a outra procurou fazer urna leitura de seu texto na forma como ele chegou até a nós, isto é, na sua forma final.

As indicaçôes fomecidas por ambas as análises interessam so- bretudo porque convergera para o mesmo ponto focal: relevara a importáncia das implicaçôes do termo Kqcpág na redenominaçâo de Simao, abrindo a perspectiva segundo a qual deve ser vista a figura deste discípulo e apóstolo, no evangelho de Joño.

Com efeito, é com base no estudo sobre a formaçâo do texto que retemos poder concluir que esta perícope é claramente reda- cional, de modo que podemos individuar très etapas de sua origem à sua forma atual. Para desenvolver a sua atividade redacional (se­gunda etapa), o evangelista reelaborou urna tradiçâo antiga (pri- meira etapa), possivelmente oral, sobre a mudança do nome de Simâo, a quai é mais semelhante à tradiçâo que tem como base a constataçâo acerca da mudança do nome de Pedro[[338]](#footnote-339), do que áquela que sustenta os paralelos sinóticos sobre a vocaçâo de Pe­dro[[339]](#footnote-340). Toda via, a relaçâo que mantém com aquela tradiçâo é de autonomía e independência. Esta perícope foi remodelada pelo próprio evangelista (terceira fase), que acrescentou as glosas que explicara, em grego, os termos hebraicos nela presentes. Portanto, na segunda fase da elaboraçâo da perícope, a informaçâo sobre a mudança do nome de Pedro consta somente do dado où el Eípcov ó viôç Tœàvvou, où KÁr|0f|or] Kr|(pàç (1,42), como, da mesma forma, o dado de que André encontrou o Messias diz somente EÔpqKanEv tôv Meooíav (1,41), sem maiores explicaçôes ou transli- teraçâo de termos. Deste modo, o termo Kî]<pàç é central na forma como o evangelista concebe o primeiro encontró entre Simáo e Jesús, sendo deste termo que se deve partir para a definiçào de sua identidade no quarto evangelho.

Esta conclusâo do estudo diacrónico vem confirmada pelo es- tudo sincrónico do texto. Neste estudo, vimos como a perícope nar­ra os encontros de André e de Jesús com Simâo. Nesta narraçào, André, mais que servir de um simples gancho lexical, coloca em evi- dência, numa estrutura quiástica, as figuras de Pedro e de Jésus.

A esta conclusâo também nos permite chegar a análise exegéti- ca, no decorrer da quai, entre outros pontos, aparecen a força dos termos Meooiaç e Kqtpàç. Vimos que, colocando o termo Meooîqç praticamente no inicio do evangelho, o evangelista nâo quer fazer uma idealizaçào do comportamiento dos primeiros discípulos e em particular de André, mas faz uma antecipaçâo de como os discípu­los conceberâo e entrarâo gradativamente no mistério de Jésus e de sua missâo, numa chave de leitura do que será o caminho de seqüela de Jésus, especial distintivo daquele que se faz discípulo.

O termo Kî|<pâç, inserido num sintagma que se refaz à formula de mudança de nome de significativos personagens no Livra do Gé­nesis, que implica eleiçâo e bênçâo de Ihwh, assume o caráter de missâo, constituindo nâo somente um apelido que evoca os limites ou os dotes naturais de Simáo. Por conseguinte, a denominaçâo de Simáo como Kqcpâç é também uma antecipaçâo do modo como ele viverá a experiencia de Jesús, a quai, para ser entendida, exige que se considere o seu substrato semítico.

Estabelecida a natureza redacional de 1,41-42 e a sua funçâo nítidamente programática, vejamos agora o que este programa real­mente significa e como ele se concretiza no quarto evangelho, o qual, ñas perícopes que trata de Simáo Pedro é resposta à questâo a respeito de como Simáo realiza a sua missâo de Kqcpâç, desenvol- vendo um aspecto particular desta reserva de significado. Assim sendo, depois de dedicarmos o próximo capítulo ao significado da palavra Kr|(pàç, percorreremos cada perícope que trata sobre Pedro, para, em seguida, fazermos um balanço desta sua presença, à luz deste programa.

Capítulo III

O NOME KHOAE  
NO PAÑO DE FUNDO BÍBLICO-JUDAICO  
E A SUA SIGNIFICAÇÂO EM JO 1,42

Estabelecida a natureza redacional de 1,41-42 e a sua funçào nítidamente programática, vejamos agora o que este programa real­mente significa para, depois, vermos como ele se concretiza no quarto evangelho, o qual, ñas perícopes que tratam de Pedro, res­ponde à questâo sobre como Simao realiza a sua missâo de Kî|<pâç, desenvolvendo um aspecto particular desta reserva de significado.

Para aferrarmos em que consiste este programa, partiremos do sentido etimológico do termo Kqqrôç e da simbologia implícita nele; abordaremos, em seguida, o uso que dele fez o Antigo Testamento e a literatura judaica extra-bíblica[[340]](#footnote-341), à luz do qual nos perguntaremos como, no quarto evangelho, a missâo de Simao é aquela de ser Kq<pàç.

1. *Sentido etimológico e simbólico:*

O sentido etimológico e simbólico permite-nos apreender a força do termo KT]<paç a partir do que a sua raiz sugere, com toda a riqueza inexaurível de sua expressâo. Para isto, consideraremos, em primeiro lugar, este termo em si mesmo, e, depois, os diversos termos que, em menor ou maior incidéncia, pertencem ao mesmo campo semántico.

* 1. *O termo Kt/tpaç:*

As palavras semíticas tém urna força evocativa e sugestiva que as palavras ocidentais desconhecem. Os escritores bíblicos estao ple­namente conscientes dos elementos expressives de sua língua, de sorte que muitas narraçôes bíblicas deixam bastante evidente urna

linguagem subliminar acompanhando o texto, os fatos, as palavras, os símbolos, os nomes das pessoas. Essa linguagem tem urna carac­terística essencial: origina-se de um som fundamental e de urna idéia ligada a este som. É preciso descobrir a configurado deste som, pa­ra possuir o segredo das palavras que ele cria[[341]](#footnote-342).

Assim, á base da palavra *Kefas* está um som universal, onoma- topaico, que pode ser assim representado: *keb, kef, kep, kev, gueb, guef, guep, heb, hef, hep, hev[[342]](#footnote-343).* Esta seqüéncia fonética é presente já entre os egipcios[[343]](#footnote-344), os assírios e babilonios[[344]](#footnote-345), os árabes[[345]](#footnote-346), e continua ñas culturas modernas, passando pelo sánscrito[[346]](#footnote-347), pelo grego[[347]](#footnote-348) e pelo latim[[348]](#footnote-349). Em todas estas línguas, o sentido básico do que estes sons simbolizam é: cercar, guardar, enrolar, envolver, proteger, acolher, defender[[349]](#footnote-350).

As línguas aramaica e hebraica, por sua vez, criaram um núme­ro apreciável de palavras com estes sons[[350]](#footnote-351): *Kaf:* palma da máo, ca- vidade da mño, espado còncavo, vaso levantado em forma de curva, planta ou sola do pé, turíbulo, cova; *Kafar* : abrigo, cobertura, teto, esconderijo, cobrir, encobrir, perdoar; *Kefor:* vaso, copo, cántaro; *Kofer:* piche, resina, betume; *Kaporet:* cobertura (da Arca da Alianza); *Kafas* : reunir, juntar, concentrar; *Kafash* : cobrir; *Kipah :* ramo, folha de palmeira; *Gaf:* asa, penas de ave; *Gafaf:* encobrir, ser curvo, encurvar-se; *Guf* : cercar, ser cavado, fundo; *Hafa* : ocul­tar, cobrir, velar; *Hafaf:* proteger, defender, velar, cobrir; *Hafar:* escavar, furar, abrir um poco; *Hefer* : poco, cova, cavidade, fossa, buraco; *Hob* : útero, seio, entranhas maternas, ninho, protejo, fe­cundar, chocar, guardar um tesouro, esconder; *Hufah* : abrigo, refu­gio, protejo.

As palavras nascidas deste som aparentemente nada tèm a ver urnas com as outras: palma da mao *(kaf),* piche *(kofer),* asa *(gaf),* perdoar *(kafar),* vaso *(kefor)* parecem nào ter nada em comum. To- davia, podemos ver que todas elas expressam a idéia de invòlucro[[351]](#footnote-352), de qualquer coisa que cerca, encobre, protege, defende. Assim, por exemplo, o semita, para expressar a idéia do perdào de Deus, usa o termo *kafar,* que significa, literalmente, encobrir os pecados, cobrir as faltas[[352]](#footnote-353). Exatamente o que faz a palma da mao *(kaf),* que cobre os olhos, defende-os e os abriga da luz do sol[[353]](#footnote-354), ou os ramos da pal­meira *(kipah),* que oferecem sombra e abrigo como urna tenda[[354]](#footnote-355), ou as asas da ave, com suas penas, que cobrem os filhotes no ninho[[355]](#footnote-356). A mesma coisa faz, ainda, o piche ou betume *(kofer)11.* Os carpin- teiros antigos untavam com piche caixas, gavçtas e baús, que fabri­ca vam, para impermeabilizá-los da água e dos insetos[[356]](#footnote-357).

O termo hebraico »peo aramaico XB'O sao, do ponto de vista etimológico e simbólico, parentes dessas palavras[[357]](#footnote-358). Significam a gruta formada na rocha, o rochedo escavado e abobadado, a cova arredondada, a gruta rochosa[[358]](#footnote-359) que cobre, defende e protege[[359]](#footnote-360), exatamente como fazem a palma da máo, os ramos da palmeira, as asas da ave ou o piche. Kefa constituí um abrigo natural e gratuito nos lugares afastados e desertos; serve para proteger os pastores e suas ovelhas, os viajantes e os peregrinos; para esconder ladróes, bandidos ou simples fugitivos em época de invasóes, guerras e per- seguiçôes; para abrigar os pobres que vivem ao relento[[360]](#footnote-361). A etimo­logia e a simbologia nos autorizam, portanto, a traduzir *Kefa* como rochedo escavado e abobadado, como gruta rochosa que serve de descanso, refúgio e abrigo.

* 1. *Outras palavras de significado afim:*

Este sentido específico de *Kefa* é confirmado quando conside­ramos as varias palavras que, no hebraico, servem para designar o rochedo e as suas nuanças.

Com efeito, o hebraico conhece ao menos quatro palavras que, além de »p, de um modo ou de outro, têm a ver com rocha, com pedra e seu campo de significado: px, (rn'jn, nx e »'jo. A exata distinçâo entre o que cada urna designa, exclusivamente, é difícil. Ás vezes sao consideradas como sinónimas[[361]](#footnote-362), mas a tendência é consi- derá-las, geralmente, como tendo, cada urna, a sua significaçâo prò­pria[[362]](#footnote-363), embora partindo do ponto comum, que designa a pedra ou a rocha. Na especificaçâo de seus significados, os termos px e apresentam menos dificuldade.

O termo px jamais significa a rocha em si, ou a montanha, de­signando, outrossim, a pedra pequeña ou grande, lapidada ou bru­ta, que serve para diversas finalidades: como material de cons- truçâo, caso em que pode substituir o tijolo, ou servir de alicerce, de pavimento, de pedra angular, ou de laje do edificio; como tampa para os poços de água ou para as grutas; como pedras que caracte- rizam o terreno como pedregoso, granizo; como unidade de peso utilizada nas balanças; como lápides utilizadas como altar ou para inscriçôes de leis, editos, epitafios; como amuleto e símbolo cúltico; como pedras que se atiram com as máos, com fundas ou baladei- ras[[363]](#footnote-364). Em sentido figurado aparece como evocando, por um lado, a imagem da estabilidade, da firmeza e solidez; mas por outro, tam- bém, a obstinaçâo, a teimosia, a mente dura[[364]](#footnote-365).

Já designa a pederneira, o seixo, o quartzo ou o sílex. Corresponde à nossa pedra-de-fogo; é urna pedra duríssima e ma- ciça[[365]](#footnote-366). Ê utilizada, às vezes, para indicar que se trata de qualquer coisa firme, válida, constante ou forte[[366]](#footnote-367).

A distinçâo entre sbo e ns é mais sutil, já que praticamente tra- duzem o mesmo objeto[[367]](#footnote-368), isto é, significara, ambas, a rocha, mas a rocha especialmente aguda e talhada, formando um bloco, urna montanha ou um precipicio rochoso, com fendas ou fissuras que servem, muitas vezes, como residência para os animais selvagens[[368]](#footnote-369). Justamente por estas características, um e outro termo sáo evoca­dos, metafóricamente, como imagem de lugar alto e inacessível, em que se está seguro contra o inimigo, sendo símbolo de refugio, pro- teçâo, segurança e força[[369]](#footnote-370).

*cum,* p. 7-8.245.369.555.688; E. Vogt, *Lexicon Linguae Aramaicae Veteris Testa­menti,* Roma, 1971, p. 1-2.

O termo mantém, em relaçao a estas palavras, a sua especifi- cidade. Nao Ihes é simplesmente sinónimo. Designa um tipo especial de rocha: a rocha escavada, oca; a gruta que serve como lugar de re- fúgio, descanso e acolhimento.

1. *O pano de fundo bíblico-judaico:*

Este sentido que emerge da etimologia e da simbologia se concretiza no emprego que as tradiçôes bíblica e judaica fazem do termo »p. Sao estas, em última instáncia, o universo geo­gráfico, cultural e religioso que serve de *background* para o uso joanino.

* 1. *O termo na literatura veterotestamentària:*

Vejamos como o termo \*p aparece no Antigo Testamento. Para colher melhor as nuanças deste uso, veremos as ocorrências no Texto Masorético e na traduçâo efetuada pelos LXX[[370]](#footnote-371).

* + 1. *No Texto Masorético:*

O termo qs aparece duas vezes, e no plural (d'ds), nos passos de Jó 30,6 e Jer 4,29. Vejamo-los, separadamente:

* + - 1. *Jó 30,6:*

Depois de um ousado *flashback* em que faz urna comovente e nostálgica recordaçào do passado feliz (c.29), Jó apresenta o seu presente trágico e miserável (c. 30)[[371]](#footnote-372). Olhando para trás, a situaçào foi catastróficamente mudada3\*. Jó, que antes sobressaíra pela be- neficência e pela integridade33, é agora perseguido e atacado com desprezo (30,1-10)[[372]](#footnote-373).

Interessa-nos a caracterizaçào que o texto oferece sobre aqueles que agora sâo hostis a Jó[[373]](#footnote-374): sao mais jovens do que ele; pertencem a um estrato social baixo; sao inúteis e sem dignidade[[374]](#footnote-375). Provaçôes e fome reduziram a nada as suas forças (30,3a) e se viam obrigados a vagar pelos campos, nutrindo-se com raízes e plantas selvagens (30,3b-4a). Banidos da comunidade civil, viviam à margem da cultu­ra urbana e agrícola (30,5). Sendo indesejáveis onde chegavam, viam-se obrigados a viver em terras ermas e desertas, refugiando-se nos abrigos que encontravam.

O versículo 6 descreve estes abrigos da seguíate maneira:  
ptfb n,'?ra pisa  
nos ’in

**D’BBI**

“... habitando em barrancos escarpados, em covas

e em cavernas”.

Temos, portanto, urna tríplice describo dos lugares onde esta gente habitava.

A primeira informado é de ordem mais geral; diz que eles ha- bitavam n^m pisa, que traduzimos, com a Biblia de Jerusalém[[375]](#footnote-376), como “em barrancos escarpados”. Alguns estudiosos procuram re­lacionar a raiz pía» á raiz p», que sugere a idéia de grandioso, de impressionante, de algo que causa espanto pela sua grandeza[[376]](#footnote-377), e traduzem n’bni fias por “barrancos espantosos”[[377]](#footnote-378). Mas se trata, melhor dizendo, de um equivalente ao termo árabe *^ard,* que de­signa os flancos ou as escarpas de urna montanha ou de um vale[[378]](#footnote-379), o que corresponde melhor á ambientado que vem completada com “covas” e “cavernas”.

De fato, urna segunda informado diz que eles vivem em ñas ■nn- O termo ñas é utilizado no sentido de térra, solo [[379]](#footnote-380), enquanto nn significa, aqui, buraco, cova, de modo que a expressáo designa as covas cavadas na térra[[380]](#footnote-381), covas naturais, que servem de refugio tan­to para os homens como para os animáis43.

Completando a descrido sobre o *habitat* desta gente, temos o nosso termo, no plural, a'BB. Este nao é urna mera repetido, com outras palavras, do lugar descrito, mas acrescenta um detalhe que especifica um outro tipo de refugio desta gente: trata-se de covas, também, mas daquelas cavadas ñas rochas, isto é, das grutas. As- sim, esta gente deve procurar paradeiro e alojamento nestas covas e grutas entre os barrancos, ñas escarpas das montanhas40.

* + - 1. *Jer 4,29:*

Jeremías descreve graficamente, no quarto capítulo, o avanço progressivo de um inimigo que do Norte se lança irresistivelmente contra Judá e contra Jerusalém, que, apesar das advertências do profeta, nâo efetuaram a volta necessària para Ihwh, vivendo no di- reito e na justiça. Jeremías faz o anúncio pavoroso da chegada de um inimigo terrível (v. 5-10), difícil de ser definido[[381]](#footnote-382), que vai arra­sando a terra (v. 11-26) até converter Judá e Jerusalém em ruinas, provocando urna debandada geral (v.27-31)[[382]](#footnote-383). O profeta vé os ha­bitantes de todas as cidades prestes a serem destruidas empreende- rem urna fuga para a selva, em busca de lugares inacessíveis ao ini­migo e que ponham a salvo as suas vidas[[383]](#footnote-384).

Ironicamente eles nâo fogem para as cidades fortificadas, que, en­tre tantas funçôes, urna seria exatamente a de proteger os ddadâos em tempos de assèdio[[384]](#footnote-385); vâo para lugares de refúgio ñas colinas, a campo aberto[[385]](#footnote-386). Estes lugares sao descritos como trMzr O termo D’» é hapax no Antigo Testamento. A raiz as indica algo relaciona­do com volume, densidade, espessura, e pode significar tanto “mas- sa de nuvem”, como bosque, floresta densa, matagal, lugar cheio de árvores altas, adequado justamente para esconderijo[[386]](#footnote-387).

Completando a descri^ao destes lugares, temos o termo D’O3 que no Antigo Testamento aparece só em Jer 4,29 e em Jó 30,6. Tanto num quanto noutro, se refere a um lugar de esconderijo[[387]](#footnote-388), significando nao somente a simples rocha ou a pedreira que se esca­la, mas a gruta rochosa que se presta como refugio, estancia, aloja- mento. De fato, no texto temos o verbo nb», que rege o nosso ter­mo com a preposi^áo 3.

O verbo nbs na forma *qal* exprime a a^ao de ascender, mas nao limitada apenas ao nosso subir, escalar. Assim, se com este ver­bo se diz que se sobe no teto (Jz 9,51), no monte (Ex 19,12), na ca­ma (Gn 49,4), pelas escadas (1 Re 6,8; Ez 40,61), diz-se também que se entra no carro (1 Re 12,18) e que se tem acesso a lugares altos, sem traduzir, contudo, a idéia de estar sobre (Ex 20,26; Is 24,18)[[388]](#footnote-389). Por conseguinte, ib» D’Boai nao quer dizer tanto que o povo subiu ñas erro, mas que teve acesso a estes lugares, no alto. Além disso, pela prepósito 5, temos a indicado de “em”, “dentro”[[389]](#footnote-390), de modo que nestas tros se pode entrar, ter acesso para dentro.

Esta imagem é bastante aderente á situando descrita: aos gritos dos invasores, os habitantes das cidades adentravam o bosque e se escondiam ñas grutas rochosas no alto das colinas. Estas grutas, de fato, podem se encontrar ou no sopé das montanhas, ou bem lá no alto, encravadas ñas rochas. Para Jeremias as grutas se encontra- vam no alto da montanha.

* + 1. *Nos LXX[[390]](#footnote-391):*

Vejamos como os LXX apresentam Jó 30,6 e Jer 4,29.

* + - 1. *Jó 30,6:*

Para o versículo 30,6 de Jó temos o texto seguinte: év ol oIkoi avTójv fjoav rpwyX.ai nETpwv.

Os LXX, pois, traduzem o termo a\*\*» por TpcoyXat nerpcov[[391]](#footnote-392). O termo TpcbyXri indica o buraco na térra feito por animáis roedores (como o peba, o tatú, o rato), mas também exprime as aberturas naturais ou artificiáis, significando seja o buraco em geral, seja a caverna[[392]](#footnote-393).

O substantivo feminino nérpa nao tem o seu uso etimológico de todo esclarecido[[393]](#footnote-394). No entanto, comumente se retém que no seu uso lingüístico clássico ele abarca um ampio campo de significado, indicando, propriamente, rocha sólida, pedreira, despenhadeiro, precipicio, montanha gigantesca, cachopo, penedo, penhasco[[394]](#footnote-395), em- bora venha usado, também, para designar o fragmento destacado da rocha, a simples pedra, pequeña ou grande[[395]](#footnote-396), ou aínda caver­na[[396]](#footnote-397). Além disso, o substantivo nérpa é empregado como metáfora que exprime imobilidade, firmeza, estabilidade, mas também impla- cabilidade, dureza e ausencia de sentimento[[397]](#footnote-398). Por conseguinte, a expressao rpñyXai nerpov significa os buracos feitos nos rochedos, as cavidades das rochas, ou, em outras palavras, as cavernas rocho- sas, as grutas.

* + - 1. *Jer 4,29:*

Nos LXX, Jer 4,29 assume urna forma mais longa que no Tex­to Masorético6\*:

... ànô (pœvfjç ÎTtnéœç Kai èvrexanévov xó^ou àvExœprpev nàoa x®pa •

1. eiaéôvaav eiç xà onf|Xaia
2. Kai eiç xà àXoq èKpûPqoav
3. Kai èni xàç néxpaç àvéPî|aaw...

Temos um estreito paralelismo entre estas très sentenças, a pri- meira das quais nào consta do Texto Masorético[[398]](#footnote-399). Em todas elas temos um verbo de movimento, uma preposiçào e uma referência a lugares que servem de esconderijo[[399]](#footnote-400). Os dois primeiros lugares indi­cados, onf|Xaia e ôXot], têm um campo de significado restrito, ex- primindo, respectivamente, covas ou espeluncas e bosque[[400]](#footnote-401). Regi­dos pela preposiçào eiç, que traduz básicamente a noçâo de ingres- so[[401]](#footnote-402), se referem a lugares secretos nos quais a populaçâo judaica en­tra, escondendo-se do inimigo que se aproxima.

A terceira indicaçâo de lugar, néxpaç, apresenta um campo de significado mais ampio, agrupando todo o campo semántico relati­vo a rochedo. Embora a preposiçào que o rege (éní) exprima nor­malmente a idéia de «sobre», podemos considerar também que ela, respondendo à pergunta «para onde?», assume uma conotaçào mais gérai de movimento e de extensâo[[402]](#footnote-403) e por força do contexto em que se inséré permanece, no mínimo, a indicaçâo de que se trata, como os outros dois termos, de esconderijos, de lugares de refûgio[[403]](#footnote-404).

* 1. *O termo na literatura judaica extra-biblica:*

Nos textos de Qumran descobriram-se atestaçôes particular­mente valiosas, haja vista tratar-se de textos aramaicos originarios da Palestina em tempos que precederam Jesús ou que foram con­temporáneos a Ele.

Temos, de fato, cinco atestaçôes[[404]](#footnote-405): duas no Targum de Jó[[405]](#footnote-406) e très no livro aramaico de Henoque[[406]](#footnote-407).

* + 1. *No Targum de Jó™:*

O nosso termo encontra-se na primeira linha da coluna 32 e na nona linha da coluna 33, as quais correspondem ao capítulo 39 do livro de Jó no Texto Masorético[[407]](#footnote-408).

O termo xds aparece como algo peculiar ao *habitat* de dois animais ou aves: a camurça e a águia. Assim, a primeira frase que contém o termo qD se encontra em 1 IQtgJô 32,1 que subsiste sô parcialmente[[408]](#footnote-409):

* • • W am XD3 ■•bsr

“cabra selvagem, e o part(o ”.

Esta linha, embora muito incompleta, apresenta a pergunta que Deus faz a Jó[[409]](#footnote-410): se ele sabe quando pare a xbo ’bsT1. O termo ’b»' é o estado construto de bv, que já por si mesmo designa urna espécie de cabra selvagem, que vive entre montanhas e terrenos rochosos e cavernosos, cuja reproduçâo escapa a qualquer observaçâo[[410]](#footnote-411). O ter­mo no estado absoluto é ass, compondo, assim, a insistente idéia sobre o tipo desse animal: trata-se de um animal com instinto miste­rioso e de irrefreâvel liberdade, que anda pelos penhascos e se es­conde nas cavernas rocho sa s[[411]](#footnote-412).

A segunda frase também é fragmentada, e está em HQtgJô 33,9, que corresponde a Jó 39,28 ®°:

* • • ppn fctz1 asa ( a “Numa gruta vive e (là) pemoita...”.

Interessam-nos os termos que sâo usados para descrever a águia. Temos os verbos pp’ e e o nome comum XD3. O verbo p# nâo oferece nenhuma dificuldade, e na forma *qal* significa mo­rar, habitar, permanecer em algum lugar[[412]](#footnote-413); já a forma verbal pp' deve corresponder à forma pbm do Texto Masorético[[413]](#footnote-414), um imper- feito *hitpatel* de pb, que nesta forma e tempo, salientando o caráter de permanéncia, significa permanecer, escolher para si mesmo como morada ou estáncia[[414]](#footnote-415). O lugar que a águia escolhe para si como moradia permanente vem indicado como xas.

* + 1. *No livro aramaico de Henoque:*

Sao très as atestaçôes de asa no livro aramaico de Henoque.

A primeira encontra-se em 4QEn(a) 1 ,ii 8, um texto muito lacu- noso[[415]](#footnote-416), e corresponde ao passo de 1 Henoq 1,4, do texto etíope:

pnnoni bbu npbíñ n ( pb un

bbh mas *bu* ) n'mp p pin

( ) jo pnocn \*6 n’(Do)

“Observai os sinais (do verao; que por eles o sol queima) e abrasa; e vós buscáis sombra e refugio dele (sobre a térra que queima) e nao podéis caminhar ás pressas pela cinza nem pelas (pedr)as á causa do (sol)”[[416]](#footnote-417).

Trata-se do anúncio de urna teofania, que vem preparada pela contraposi^áo que se verifica entre a natureza e o comportamento humano[[417]](#footnote-418).

As outras duas atestares se encontrara em 4QEn(e) 4,iii,19 e 4QEn(c) 4,3, que correspondem, respectivamente, a 1 Henoq 89,29 e 89,32, do texto etíope[[418]](#footnote-419). Trazem, como parte de urna descri^ao ale­górica sobre a peregrina^áo dos israelitas pelo deserto com Moisés — aqui representado como cordeiro —, os episodios relacionados ao Sinai: a subida de Moisés ao monte e a experiencia idolátrica do povo com o bezerro de ouro[[419]](#footnote-420).

Assím, em 4QEn(e) 4,iii, 19-20 temos:

m nn fjb whb pb(o mnxi • • •

( )m

“E o cordeiro subiu até o cume de um alto penhasco

e o Sfenhor....)[[420]](#footnote-421).

E em 4QEn(c) 4,3:

P HDD pboi K«n(3  
• • • n’»)Dnxb xn» xnn

“... pela) segunda vez e subiu ao cume deste penhasco.

E o rebanho come^ou a perverCter-se...)[[421]](#footnote-422).

Em todas estas passagens, o termo assume o sentido de es­carpa, rochedo, parte de urna regiáo montanhosa, de penhascos. O acento nao parece ser colocado, em todo caso, tanto no aspecto lo­cativo, “sobre a rocha”, mas na indicado de urna regiáo pedregosa, ñas alturas[[422]](#footnote-423).

1. *O termo Krjtpaq em Jo 1,42:*

Temos, agora, condi^oes de dizer como entender o termo Kr|<pag no passo joanino. Veremos, antes, as diversas interpre- taQÓes que existem a respeito.

* 1. *Diferentes interpretares:*

O termo Kqtpág, aplicado a Simáo, no quarto evangelho, nao encontra, entre os estudiosos, urna significará© unívoca. As vozes sao dissonantes, e muitas vezes o ponto de partida na discussáo nao é o próprio termo Kr|(pá<;, mas o seu correspondente grego Ilérpog, de modo que se perde de vista muito do substrato semítico na consi­derará© sobre a missáo de Simáo Pedro[[423]](#footnote-424).

Todavia, entre os estudos que abordam o termo Kqtpa«;, exis­tem básicamente dois modos de considerá-lo: como apelido coloca­do por Jesús, fazendo alusáo a determinados traeos de sua persona- lidade, ou como indicativo de sua missáo.

Como partidarios do primeiro modo de conceber a atribuirá© do nome Krupag a Simáo, podemos citar O. Karrer, J. Mateos-J. Barreto, R. Pesch, C. Coulot e B. Lindars.

Assim, Karrer[[424]](#footnote-425) diz que Jesus encontrou em Simáo proprieda- des suficientes para dar-lhe urna responsabilidade especial: ele é sim­ples e sincero na sua conduta; tem urna vivacidade sanguínea que faz com que aparejara a sua teimosia e a impulsividade de suas ati- tudes; mas também é dotado de solidez e profundidade de caráter. Deste modo, já no primeiro encontró Ihe dera o apelido Kqcpfig, pa- lavra que agrupa toda esta gama de significados.

Mateos e Barreto[[425]](#footnote-426) também considerara que Jesus, ao dar este apelido a Simáo, denota a sua obstinado e teimosia; todavía apli­cara estas características nào à sua personalidade era geral, mas à sua concepto messiànica. Porque tem firmes convienes em um messianismo político, Simào nào se apresenta a Jesus por iniciativa pròpria; deixa-se passivamente conduzir por André, nào mostra en­tusiasmo por Jesus, nào pronuncia nenhuma palavra. Tudo isto, de modo emblemàtico, està confido no apelido Kr|(pàq.

Pesch[[426]](#footnote-427), Coulot[[427]](#footnote-428) e Lindars[[428]](#footnote-429), seguindo o mesmo ponto de vista, ponderam que segundo o costume que o mestre tinha de apeli- dar o discípulo[[429]](#footnote-430), nào se excluí que Jesus tenha dado a Simáo o apelido Kqtpñ«;, reconhecendo nele, imediatamente, resistencia, du­reza e teimosia. Todavía, essas características de sua personalidade teriam recebido um significado novo depois da Ressurreido, em vista do papel que Pedro desempenhava na comunidade cristá.

Por outro lado, entre os estudiosos que considerara o fato de a denominado de Simáo como Kr|(pág ser indicativa da missào que ele desempenhará, nào poucos se limitara a fazer esta constatado, nào indo além na análise em busca de como entender esta missào. Entre aqueles que a explicam temos: J. Betz, M. É. Boismard, S. Ci- priani e M. P. Da Sortino.

Betz e Boismard entendem, fundamentalmente, a denominado de Simáo como Kr|(pàg, a partir de urna auto-identificado de Jesus. Ele, retomando, do Antigo Testamento, a imagem de Deus como rocha ou pedra de Israel[[430]](#footnote-431), se designa a Si mesmo como XíQoq que, rejeitada pelos construtores, tomou-se pedra angular. Jesus, en- quanto rocha ou pedra, atribuiu a Simáo esta mesma identificado, estabelecendo com ele urna relado toda particular, fazendo-o parti­cipar da sua fundo de pedra. Esta relado entre Jesus-XíGog e Si- máo-KT|(pfig, contudo, fora já estabelecida por Orígenes[[431]](#footnote-432); é, pois, em continuidade com Ele, que, para Betz, Simáo será, entáo, repre­sentado, encamado, manifestado visível da rocha de Jesús, parti­cipando, ele mesmo, desta fundo[[432]](#footnote-433), enquanto Boismard sublinha que é porque Cristo foi a pedra por excelencia, que pode dar tam- bém a Simáo o poder de tomar-se Pedra[[433]](#footnote-434).

Cipriani[[434]](#footnote-435) e Da Sortino[[435]](#footnote-436) consideram que, chamando Simáo de Kqtpág, Jesús quer exprimir que um novo homem está para de- senvolver-se no pescador da Galiléia; ele será urna rocha de funda­mento sobre a qual se construirá um edificio. Assim, Pedro náo é urna das tantas pedras que servem para construir o edificio da Igre- ja, mas o fundamento rochoso da comunidade eclesial fundada por Jesús, a rocha fundamental sobre a qual toda a Igreja se sustenta. A fundo de Pedro, portanto, náo é algo pessoal, mas estrutural, per- tencente á construdo da Igreja[[436]](#footnote-437).

Conquanto sugestivas, estas interpreta^des tém os seus limites.

Em relado ao primeiro tipo de interpretado, isto é, em re­lajo á interpretado do nome Kr|(pd<; como fazendo alusáo a traeos da personalidade de Simáo, já mostramos como este é nome de mis- sáo, tipificando, programáticamente, como ele viverá a experiéncia de Jesús[[437]](#footnote-438). Além disso, a análise etimológico-simbólica e o uso des­te termo no Antigo Testamento e na literatura judaica náo dáo sus- tenta^áo á caracterizado de «p como teimoso, obstinado, impetuo­so, seguro de si, forte. Em nenhum momento o termo assume estas conotades, que poderiam, talvez, ser espelhadas em termos como sñnbn ou ms, mas que tampouco aparecem com esta denotado negativa[[438]](#footnote-439).

Contra as interpretares sugeridas para a missào de Simào em decorrènda do seu ser K.r)<pâç, pesam ao menos très dados.

Entre os numerosos títulos cristológicos que o quarto evange- Iho atribui a Jesus nâo se encontra aquele de pedra-rocha[[439]](#footnote-440), de modo que Joâo jamais chama Jesus de rocha nem fala dele como pedra angular, embora em toda urna série de passos do Novo Testa­mento Jesus apareça como XiOoç[[440]](#footnote-441).

Esta imagem cristológica nâo pode, portanto, e sem mais, ser­vir de base para a imagem que a missào de Simào corno Kriipâç sus­cita no quarto evangelho. Outra coisa é que o Jesus joanino tivesse a visào da Igreja diante dos olhos, quando reuniu os primeiros dis­cípulos diante de si[[441]](#footnote-442).

A imagem de pedra para a construçâo e de pedra que se toma angular é expressa, no hebraico, com px, que no grego se toma XiGoç[[442]](#footnote-443). Nem px e »p, nem liéoç e Kqtpâç sào meramente sinóni­mos, de modo a poderem ser intercambiàveis. No contexto joanino, as idéias de «construçâo» e «fundamento» nâo sâo explicitamente presentes; estas aparecem, melhor dizendo, no contexto mateano, com o quai a pericope joanina nâo tem relaçâo de dependência[[443]](#footnote-444).

* 1. *Significaçâo de Kt]<pàç, em Jo 1,42:*

Devemos, portanto, apontar urna significaçâo para Kqtpâç, que em Joâo é indicativo da missâo de Simâo, que seja mais ade­rente ao seu substrato etimológico-simbólico e semítico. E o fare- mos, mostrando inicialmente como o termo grego k pipete; corres­ponde ao nosso \*p, e aplicando, depois, o resultado dessa relaçâo ao texto joanino.

* + 1. *A forma grega Kiftpaç:*

O termo Kptpàç é urna grecizaçâo do aramaico xd'3 ou do he­braico »p, sendo assimilado como nome masculino da primeira declinalo[[444]](#footnote-445). Nào existem problemas quanto a esta identifi- ca?ào[[445]](#footnote-446). Assim, a base para entender o Kqtpùg joanino é tanto o termo semítico »p, como as palavras que contèm esta raiz, as quais participam do mesmo campo de significado1\*[[446]](#footnote-447).

A palavra Kqtpag é classificada, normalmente, como um subs­tantivo comum e considera-se nào haver instancias que atestem ter sido utilizada como nome pròprio personativo antes dos escritos neo-testamentários\*\*[[447]](#footnote-448). Entretanto, J.A. Fitzmyer, afirma, em um artigo bastante convincente[[448]](#footnote-449), que «p pode ser considerado tam- bém como nome pròprio. Ele fundamenta a sua posilo, a partir de duas constataQÒes: as semelhan^as de \*p com outros nomes pró- prios, principalmente egipcios, e urna publicado de E.G. Krae- ling[[449]](#footnote-450), sobre um texto de um papiro da colonia judaica de Elefanti­na, em aramaico, datado do oitavo ano do rei Dario (Dario II, 424-402 a. C.). Neste texto, o nome \*p aparece numa lista de teste- munhas de um documento segundo o qual um certo Zakkur transfe­re um escravo, chamado Yedaniah, a um certo Uriah.

Deste modo, Kqcpàg nào é desconhecido corno nome pròprio, e Simào nào é a primeira pessoa a recebé-lo. Conquanto, esta ates­tado nào tolhe o caráter único da atribuido do nome a Simào por Jesus. Ainda nào foi provado que este nome era usado entre os ju- deus da Palestina, e do tempo de Jesus[[450]](#footnote-451); o seu uso no Antigo Tes­tamento e na literatura judaica é muito limitado, aparecendo so- mente como substantivo comum; nos evangelhos, Jo 1,42 é *hapax legomenon* e na literatura neo-testamentària Kr](pàg està presente so- mente na carta aos Gálatas[[451]](#footnote-452) e na primeira carta aos Corintios[[452]](#footnote-453), onde sempre se refere a Simao[[453]](#footnote-454).

Kr|<pa<;, portanto, nao era o nome de Simao, normalmente; ele o receben de Jesús como um nome-símbolo, como um programa da missáo que desempenhará: no seguimento de Jesús, ele será Kqtpag.

* + 1. *O seu significado programático:*

O Krupág do evangelho de Joño nao é diferente daquele que emerge do quadro etimológico, simbólico, geográfico e cultural da Palestina.

Assim, quando Jesús diz a Simao ov kXt)0t|ch] Kqtpcu;, está anunciando a sua missao que será, sim, aquela de ser rocha. Mas a análise que conduzimos mostra urna nova perspectiva deste rochedo: trata-se de um rochedo escavado, de urna gruta cavada na rocha, de urna gruta protetora, que serve de defesa, refugio e moradia. Isto será Simao, para o quarto evangelista. Seguindo Jesús, tomar-se-á esta gruta, que o coloca numa perspectiva continua de relacionamento com os outros, para os quais, com constante dedicando e cura, será abrigo, repouso, moradia, defesa, prote^ao, espado comum.

Este significado nao é colocado em discussao pela nota narrati­va 5 épjiT|V£Ú£Tai Ilérpo^ (1,42). Esta nota é um esforzó de explici- ta^ao, para os leitores do evangelho[[454]](#footnote-455), do termo semítico Kqtpdg, e nao deve ser visto como urna tradu^ao ou como um simples equiva­lente grego, já que o verbo éppqveúo), além de *traduzir,* significa in­terpretar, descrever, fazer entender um pensamento, explicar o que de urna língua estrangeira parece obscuro[[455]](#footnote-456), e em Joño o seu uso se deve, provavelmente, ao influxo do aramaico[[456]](#footnote-457).

Apesar disso, foi a esta nota que geralmente se deu ateneo, de sorte que se procurou compreender a mudanza do nome operado por Jesus em Pedro a partir da etimologia grega, destacando-se, principalmente, os aspectos seguintes:

— O termo néxpoq é visto em rela^ao com o termo afim néxpa, e nesta rela?ao a questao centrai consiste em discernir se am­bos os termos tém ou nao o mesmo significado. Se pelas atesta$òes do grego clàssico néxpa ocorre usualmente com o sentido de rocha ou penhasco, e néxpoq como fragmento de rocha ou pedra, os dois termos sào, às vezes, intercambiàveis[[457]](#footnote-458) e a tendéncia, hoje, é assu- mir que tanto no grego clàssico corno no biblico, nào é possivel fa- zer urna clara distinto entre esses dois vocàbulos[[458]](#footnote-459).

— néxpog nào aparece no Novo Testamento corno nome comum[[459]](#footnote-460) e enquanto alguns retém que este termo nao é utilizado como nome pròprio antes da era crista[[460]](#footnote-461), ha quem defenda a ates- ta^ào deste nome ao menos em época contemporànea a Jesus[[461]](#footnote-462).

— Recentemente houve um esforzó de fazer derivar o termo néxpog do aramaico ao mesmo tempo que se afirmou nào se poder estabelecer urna palavra ou raiz aramaica que subjaz à pala- vra grega nérpa[[462]](#footnote-463).

Todavía, ao menos no que concerne à problemàtica de Jo 1,41-42, a questào deve ser colocada em outros termos: é antes de tudo o vocàbulo Kqcpàg e a sua simbòlica que merecem aten- çâo[[463]](#footnote-464). Por outro lado, néxpoç é a forma que se afirmou, com o de- correr do tempo, na Comunidade Cristâ Primitiva, como denomina­tivo de Simâo. Assim, quando o evangelista diz que Kr|(pàç éppri- veuetcu flÉTpoç (1,42), integra ou assume também este modo esta- belecido de denominar Simâo. O significado de Jléxpoç, por sua vez, além da significaçâo mesma do termo, pode ser, particularmen­te, iluminada pelo *logion* de Mt 16,18 (où si IléTpoç, Kai éni xaúii] xg néxpq oÍKoSo|if]oa) pou xqv ¿KK^qoíav) no qual, dada a relaçâo entre IIÉxpoç-7céxpa-oiKoSojif]CTœ, aparece evidente o sentido de pedra ou rocha de fundamento, bem como a idéia de edificaçâo e construçâo, pelo que Simâo se toma a pedra fundamental para a nova comunidade reunida por Jesús[[464]](#footnote-465). Desta forma, a simbólica contida em IléTpoç, de algum modo complementa aquela do termo Kqcpâç, acrescentando algumas nuanças, mas nâo a substituí.

NOTAS CONCLUSIVAS DO CAPÍTULO

Neste capítulo indagamos sobre o significado do termo Kr|<pci<;, haja vista ser este central na concepto que o quarto evangelho tem sobre Pedro: como o Msoaíat; é urna antecipa^ao, em chave pro­gramática, de como os discípulos entraráo gradativamente, ao lon­go do evangelho joanino, no mistério e na missáo de Jesús, assim também Kr|<pá<; é um nome-programa, que antecipa, em reserva de significado, a experiencia do discipulado (e a missáo que déla de­corre) de Simáo com Jesús.

Éste termo, sobre o qual Jesús nao dá nenhuma explicado e o evangelista se limita apenas a, posteriormente, explicá-lo na língua grega, é raro. Jo 1,42 é *hapax* nos evangelhos e na literatura paulina aparece oito vezes, todas elas para denominar Simáo, de modo que como contexto natural para a compreensáo deste termo restam o Antigo Testamento e o mundo judaico. De fato, Kqtpag correspon­de á palavra aramaica XD'3 ou ao «p hebraico.

Como termo semítico, exploramos, inicialmente, aquilo que chamamos de sua configura^áo sonora, para, percorrendo, em di­versas línguas, palavras que apresentam este mesmo som, chegar a um significado original de fundo. A origem deste vocábulo é um som universal *(keb-kef-kep-gueb-guep-heb-hef* e demais combi- najóes) que exprime sempre a idéia de cercar, guardar, segurar, defender, amparar, abrigar, acariciar, amamentar, fermentar, ou denota objetos relacionados com estas ajóes. Á luz disto, o signifi­cado de xd’3 ou \*p que comumente é traduzido como rocha ou pedra, vai redimensionado, chegando a significar, diferenciando-se de vocábulos como px, s^o, í^n ou ms, o rochedo escavado, a caverna na rocha, a gruta. De fato, os dicionários etimológicos por nós consultados apresentam claramente a diferencia entre os ter­mos que designam a rocha, a pedra que serve a diversas fun^óes (s\*?©, t^nbn, nx, px) e a rocha escavada (\*p).

Colocamos esta significajáo em confronto, analisando os tex­tos de Jó e Jeremías, do Targum de Jó e do livro Henoque, únicos textos em que aparece o nosso termo, respectivamente no Antigo Testamento e em Qumran.

Vimos como Jó e Jeremías confirmam, amplamente, este signi­ficado. Trazem D'DO como as grutas que servem de refugio a um tipo de gente marginalizada, ou como esconderijos para onde acorrerlo os israelitas diante da iminente invasáo estrangeira. Esses passos, tanto no Texto Masorético como na Septuaginta apontam para este signi­ficado.

O 1 IQtgJó — numa atestajáo particularmente interessante por se tratar de um texto num aramaico do primeiro século antes de Cristo, portanto, contemporáneo a Jesús e ao quarto evangelista — traz o nosso termo em dois passos. A primeira ocorréncia (32,1) se dá num modo pleonástico, reforjando a caracterizajáo de um tipo de cabra selvagem que anda pelos penhascos e se esconde ñas caver­nas rochosas; na segunda ocorréncia (33,9), aparece como a rocha escavada que servindo de abrigo para a águia passar a noite, indica o lugar de sua moradia.

Ñas atestajóes do livro aramaico de Henoque — 4QE(a) 1 ii 8; 4QEn(e) 4 iii 19; 4QE(c) 4,3 — é que a conotajáo de antro, gruta ou caverna nao é muito evidente; no primeiro passo, contudo, o nosso termo indica as pedreiras ou penhascos em paralelismo antitético á térra arenosa e poeirenta, mas que em ambas é difícil de caminhar com o sol forte. Nos outros dois passos, é também a idéia de pe- nhasco ou de regiáo ingreme e alta que está em foco. Estes passos náo expressam, em todo caso, somente a idéia de urna rocha ou de urna pedra fírme e maciza.

A análise deste paño de fundo, bem como a considerajáo da nota narrativa 8 éppr|veÚETai nérpoq de 1,42, nos dáo condi jóes de

entender como no quarto evangelho a missao de Simáo será aquela de ser Kritpaq-nérpo^. É como se Jesús Ihe dissesse: “Tu serás *Kefas,* urna caverna escavada na rocha, no alto da montanha. É ai dentro que eu vou gerar, custodiar, proteger, acolher, guiar, edificar o meu povo”. O encontró de Simáo com Jesús abre-lhe estas perspectivas, para as quais ele nao caminhará de forma linear. Antes, deverá fazer urna aproximado muito lenta e gradual, atravessará, inclusive, o oposto e a negado Daquele do qual se aproximará.

Percorreremos, em seguida, cada urna das outras perícopes que tratam sobre este percurso de Simáo Pedro, para depois fazermos um balando desta presenta, á luz deste programa.

Capítulo IV  
«E NÓS CREMOS E CONHECEMOS...»  
(JO 6,67-71)

Depois de 1,41-42, a primeira vez que Simao Pedro aparece no quarto evangelho é na perícope constituida por 6,67-71. De lá até aqui, percorreu, anónimamente, o seu caminho de seguimento a Jesús, e aqui, num momento de balanço, faz urna confissâo que mostra a concepçâo que conseguiu formar sobre Jesús.

Os termos desta confissâo, bem como a situaçâo em que Pedro a professa, sâo muito densos de significado para a compreensáo do quadro que o quarto evangelho tece sobre Pedro. Nao entendemos, portanto, focalizá-los isoladamente. Levaremos em consideraçâo to­da a perícope, segundo, inicialmente, os procedimentos da análise sincrónica e depois, detendo-nos num problema levantado pela his­toria da tradiçâo, veremos a tradiçâo que está á base desta perícope.

1. *Estudo sobre o Texto Final:*

O texto final é estudado por meio da abordagem do contexto no qual 6,67-71 é inserido, da crítica textual, seguida da análise de sua estrutura e da exegese, aprofundando os temas fundamentáis da perícope com a finalidade de interpretar o seu sentido complexivo.

* 1. *O contexto:*

Très pontos iluminam particularmente a leitura de nossa pe­rícope: a visao global sobre o capítulo 6; o seu contexto imediato, que é constituido pelos versículos de 60 a 66; e a funçâo que ela as­sume no capítulo 6.

* + 1. *O dinamismo geral de Jo 6:*

O capítulo 6 desen volve, numa maneira típicamente joanina[[465]](#footnote-466), a auto-revelaçâo de Jesús como Pao da Vida[[466]](#footnote-467). O capítulo abre-se

com a narrado sobre o sinal da multiplicagao dos pàes para saciar o povo que segue Jesus (v. 1-15), e se concluí com a tomada de po­silo dos discípulos em relagao a Jesus (v. 60-71). Mas o capítulo se caracteriza sobretudo pelo discurso de Jesus (v. 26-59), de modo que tudo gira em tomo dele, seja preparando-o ou mostrando as suas conseqüéncias.

Neste discurso Jesus se auto-revela e se confronta com os seus ouvintes (’louSaíoi)[[467]](#footnote-468). Todo o discurso segue urna coerencia lógica de fundo, insistindo na fé como comunhäo e adesäo a Jesus, que é o Pao da Vida. Este duplo aspecto — fé e Pao da Vida — constituí o dina­mismo que faz com que o discurso seja articulado assim[[468]](#footnote-469): nos ver­sículos 26 e 27 Jesus fala de um alimento que nao perece e exige urna fé completa; entre os versículos 28 e 40 Jesus fala de si mesmo como o Pao descido do céu e sublinha a importancia da fé na sua pessoa; de 41 a 51, diante da incredulidade manifestada pelos TovSaiot, Jesus insiste na necessidade da fé, como dom do Pai celeste, e de novo se apresenta como Pao descido do céu, mas precisa, agora, que este pao é a sua carne; nos versículos de 52 a 59, os ’louSaíoi reafirmam a sua incredulidade e Jesus insiste que a sua came e o seu sangue sao dados como alimento e como bebida para a salvado do mundo. Deste mo­do, à medida que o discurso evoluì, a revelado de Jesus se faz mais precisa e progressivamente se centra na sua pessoa e na sua missäo[[469]](#footnote-470).

Quanto aos ouvintes de Jesus, identificados nos versículos 41 e 52 como ’louSaîoi[[470]](#footnote-471), à medida que o discurso revelativo avança, cresce também, gradativamente, a resistência deles, de modo que a sua incredulidade vem paulatinamente desnudada[[471]](#footnote-472). Com efeito, no versículo 28, a multidâo impressionada positivamente com as pala- vras de Jesus, mostra urna boa vontade genérica[[472]](#footnote-473): nâo se refere di- retamente às palavras de Jesus do versículo 27 — èpyà^Ea0E... tf|v Ppwotv tf)v pévounav siç Çœfiv aìóvtov... — mas, referindo-se às ëpya tou 6eov, pergunta como realizá-las; esta velada disposiçâo so- fre urna guiñada no versículo 30. Se antes estavam dispostos a fazer qualquer coisa para cumprir as obras de Deus, agora exigem de Jesus algum sinai para que possam crer Nele”, esquecendo-se da multiplicaçâo dos pàes e nao entendendo que o sinai, por excelèn- cia, é o pròprio Jesus (v. 32-36). Esta queda na incredulidade se acentúa no versículo 41. Dai em diante, os ’lovSaìoi nào falam mais com Jesus, mas murmuram entre si (èyôyyuÇov). Nao podendo acei­tar a origem celeste de Jesus, opòem urna constataçâo evidente, que somente reforça o grande equívoco deles: conhecem as origens de Jesus; Ele nao pode ter descido do céu. No versículo 52, eles se sen- tem ainda mais provocados pois consideram insensatas as palavras de Jesus[[473]](#footnote-474), e, escandalizados, altercam entre si.

Portanto, avallando as afirmaçôes de Jesus segundo o limitado universo da pròpria experiencia, os ouvintes de Jesus passam do simples XéyEiv com Jesus, ao yoyyùÇetv e pàxopat. Nesta escalada rumo à incredulidade, o verbo yoyyuÇœ, usado no versículo 41, indi­ca a aversào dos ’louSaïoi em relaçâo a Jesus, traduzindo o ultraje, ao menos em potencia, se nao já em ato, em rela^áo á sua pessoa[[474]](#footnote-475), enquanto o verbo páxopat, em 6,52, se refere a urna contenda, ori­ginada pela altera^ao dos ánimos, que leva á ruptura[[475]](#footnote-476). Deste mo­do, nao mais se dirigindo a Jesús, mas murmurando e litigando en­tre si, os ’Iov8aíoi, no final do discurso de revelado, se voltam in­crédulos contra Jesús[[476]](#footnote-477). Este mesmo processo de incredulidade é re­tomado e aplicado aos discípulos de Jesús em 6,60-66, que constituí o contexto ¡mediato de 6,67-71.

* + 1. *O contexto imediato: 6,60-66:*

Com a observado do versículo 59 — TaCta slnsv év trovay«^ 8t8áaKcov év Kacpapvaoúp — termina o ensinamento na sinagoga de Cafarnaum e, depois disso, nao se fala mais nos Tov8aíot. Todavía, as palavras de Jesús permanecen! em seus efeitos e, continuando o afunilamento entre os ouvintes de Jesús, o evangelista passa a mostrar as repercussóes deste discurso no grupo dos discípulos (v. 60-66) e no dos Doze (v. 67-71), e o faz de modo que cada urna dessas etapas apresenta o mesmo movimento progressivo — mas com resultados opostos — na dire^áo de urna tomada de posi^áo definitiva em rela^áo a Jesús e á sua re­velando[[477]](#footnote-478).

Nos versículos 60-66 temos um movimento que vai da dúvida á decisáo de abandonar Jesús. Como os Tov8aioi (6,41), os paGriTÚ?[[478]](#footnote-479) também murmuram e colocara em questao a possi- bilidade da adesdo a Jesús: EKkrjpóg éortv ó lóyog oúxog- tí^ 8úvaxai aóxov áKOÚetv; (6,60). Estes termos nao refletem urna dúvida sobre o poder ou nao poder escutar, em sentido físico. A

verdadeira questâo é de adesâo, de aceitaçâo interior[[479]](#footnote-480). Para eles, o discurso de Jesus, mais que ininteligível, é um discurso inaceitável sob o plano da fé[[480]](#footnote-481).

Jesus, nâo se surpreendendo com esta manifestaçâo de incredu- lidade, reitera a qualidade de seu discurso — as suas palavras sao nvcCpa e Çœf] (6,63) — e desnuda a falta de fé entre os discípulos. Acelerando a tomada de posiçào, precipita o epílogo do drama: denuncia o comportamento de seus seguidores, que consiste num processo que vai do murmurar e do escandalizar-se, ao nâo crer; do ser discípulo, à traiçâo. As coisas sâo claras, agora; entâo, muitos discípulos àrtfiXOov eiç rà ônioœ (6,66), isto é, voltam atrás, esclare­cen! as dûvidas, resolvem nâo mais estar com Jesus[[481]](#footnote-482). Por isso, oôkéti jiet’ aÒToC 7C£pi£7cáTOvv (6,66). Como conclusâo de sua crise de fé, interrompem definitivamente o discipulado e consumam a sua incredulidade[[482]](#footnote-483).

* + 1. *A funçâo de 6,67-71 no capitulo 6:*

Estes versículos nâo só entram na concepçâo global do discurso do capítulo 6, mas constituem o ponto no quai desemboca todo o capítulo, de modo que sem eles, ficaria truncado o dinamismo do discurso de Jesus[[483]](#footnote-484). Recolhendo temas tratados por Jesus ao longo do discurso — como a *Palavra,* a Fé e a *Vida* —, os versículos 67-71 desenvolvem ainda o mesmo tema da crise de fé e de adesâo a Jesus, mas agora, num contundente epílogo, o aplicam ao estreito círculo dos íntimos seguidores de Jesus, ou seja, aos Doze, e isto, como conseqüência, ainda, do discurso de Cafamaum[[484]](#footnote-485). Assim, esta se- çâo mostra que as palavras de Jesus pôem a nu também o compor- tamento dos Doze, mostrando que eles estao expostos à mesma ten- tacao de nao aceitar a revelacào de Jesus. Em virtude desta si­tuando, Jesus quer deixar claro: tudo o que é dúbio ou subliminar deve ser abandonado. Submetendo os Doze à prova e à crise, convi- da-os a renovarem a escolha deles: ou continuum a seguí-Lo, acei­tando a Sua revelando — por mais desconcertante que possa parecer — ou O abandonara[[485]](#footnote-486). Deste modo, toma-se transparente quem é verdadeiramente discípulo e quem tem somente urna fé provisoria e, por isso, inautèntica[[486]](#footnote-487).

Estes versículos adquirem, pois, urna grande importancia no movimento e no pensamento do capítulo 6 e de todo o evangelho, sendo, mesmo, o cume de um itineràrio. Eles assumem a funnao de mostrar o efeito que as palavras de Jesus provocaram nos seus se­guidores mais íntimos[[487]](#footnote-488). Assira, a confissào de Pedro aparece no firn de urna cadeia e pòe-se, num decisivo momento de crise e de re­cusa geral de Jesus, como contrapartida à falsa concepndo sobre Je­sus e à falta de fé nào somente dos Tov8aìot, mas também do am­pio grupo dos discípulos de Jesus. E é exatamente esta situando que faz sobressair a profundidade de sua confissào: quando muitos ce- dem, Pedro, em nome dos Doze, ousa andar contra a correnteza e, decidido a continuar com o Mestre, faz urna completa confissào de fé no *mistério* de Jesus[[488]](#footnote-489).

* 1. *Crítica textual:*

O versículo 69 apresenta um problema de crítica textual que in­terfere significativamente na nossa perícope. Neste versículo as pa­lavras ditas por Pedro a Jesus sào apresentadas pelas diversas auto­ridades textuais com variantes notavelmente distintas. Podemos elencar sete possibilidades de leitura:

* ó XpioTÓ«;: é a leitura que traz Tertuliano.
* ó uíóg toü Oeoü: é apresentada por um manuscrito da íta­la e pela versao Siríaca Curetoniana.
* ó víó^ toü Geoü to6 ^fflvxog: consta de um manuscrito mi­núsculo (17), do manuscrito que está à base da segunda versao Georgiana e em Cipriano.

— ó Xptaròg ó áyiog toü 0eo6: é a combinalo presente no papiro 66, nas versóes Coptas Sahidica, Bohairica e Sub-Àchmimica.

* ó XptoTÒg ó uiòg toü 9eoù: é a leitura feita pelos maiús- culos C3 e ®, por alguns códigos minúsculos gregos[[489]](#footnote-490), por alguns manuscritos da versào ítala[[490]](#footnote-491), pela Vulgata, pela Siriaca Sinaitica, além das versòes Armena e Georgiana e dos padres Vitorino Roma­no e Cirilo;

— À leitura anterior, acrescentam toù ^wvTog: os códigos maiúsculos K, A, II, W, ® (corrigido) e 0250; alguns manuscritos minúsculos[[491]](#footnote-492); alguns manuscritos da versào ítala[[492]](#footnote-493) e da Siriaca[[493]](#footnote-494), um manuscrito da versào Copta Bohairica, da Gòtica e Georgiana, além do Diatesseron e dos padres Cipriano, Basilio e Crisòstomo.

* ó aytog toü 9eoG: é a forma adotada pelos códigos maiús­culos 8, B, C\*, D, L e W, pelo P75 e por um manuscrito das versóes ítala, Copta Sahidica e Bohairica.

Praticamente nào existe dúvida de que esta última leitura seja a mais primitiva. Os manuscritos que a suportam sao mais significati­vos, e as outras linóes variantes podem ser facilmente explicáveis co­mo tentativas de harmonizado com outros passos joaninos[[494]](#footnote-495)\* ou com a confissáo de fé feita por Pedro segundo os evangelhos sinóti­cos[[495]](#footnote-496), especialmente por Mateus[[496]](#footnote-497).

* 1. *Estrutura:*

Vejamos como a nossa perícope pode ser delimitada, antes de apresentarmos a sua estrutura e de procurarmos fazer urna leitura segundo a correspondencia de seus elementos estruturantes.

* + 1. *Delimitando de 6,67-71:*

A delimitado de nossa perícope entre os versículos 67 e 71 pode ser efetuada sem grandes dificuldades, já que existem claros indicios literarios.

No versículo 66, temos urna espécie de fechamento sobre os fa- tos narrados anteriormente, cuja ado se desenvolvía no círculo mais ampio dos discípulos de Jesus: como posicionamento diante do discurso de Jesus, mui tos (¿k toutou) nâo andavam mais com Ele[[497]](#footnote-498). Este versículo forma urna inclusäo com o versículo 60, já que os termos èK toutou noXXoi èie t®v pa0T)TÔv aÛTOÙ (v.66a) evocara jtoXXoì oóv àKovaavTeç èK twv paOrjTÒv aÒTOV (v. 60a). Esta inclusäo faz que o versículo 66 forme uma unidade com os ver­sículos precedentes.

O versículo 67, embora dê continuidade a estes dados, restringe a açào ao campo dos Doze, introduzindo, portanto, uma mudança nos interlocutores de Jesus. Nâo é mais aos muitos discípulos (koZXoí tôv paOqTÒv aÒTOv) a quem Jesus se dirige, mas ao restrito grupo dos Doze (ScoSeko), nos quais provoca também uma tomada de posiçâo. Temos, pois, uma continuidade temática numa situaçâo nova.

Outro elemento literario que ajuda a fundamentar esta relaçâo ao mesmo tempo de continuidade e descontinuidade é a conjunçào oòv: aparecendo sempre como a segunda palavra na frase, é uma conexâo de conseqüência, fazendo proceder a narraçâo, sem perder de vista o que antecede, mantendo, pois, de algum modo, o tema principal[[498]](#footnote-499).

O limite final da perícope é colocado no versículo 71, já que em 7,1 temos a expressâo perù Taura. Esta expressäo, em Joâo, desem- penha primeiramente uma funçâo literaria e nâo cronológica, de modo que assinala, normalmente, o inicio de uma nova temática, abrindo, conseqüentemente, uma nova perícope ou seçâo[[499]](#footnote-500). De fato, o capítulo 7 se situa em outras circunstâncias de lugar (irspienáTEi ó Tqoouç èv t^ TaliXaiq - 7,1) e de tempo (^v Sè èyyùç f| éopTij tôv ’louôaiœv - 7,2), e nele nâo sâo mais os SóSekq, mas oí àSeXipoi as pessoas que interagem com Jesus (7,3).

Além disso, temos um motivo literario que dá coesâo ao texto e garante a sua delimitaçâo: o termo SóSeko. Este vocábulo, atri- buido aos discípulos de Jésus, aparece très vezes no nosso passo, duas das quais constituindo uma inclusâo, de modo que moldura a pericope entre os versículos 67 e 71, garantindo um destacamento em relaçâo àquilo que antecede e àquilo que segue o texto.

* + 1. *Estrutura:*

O texto de 6,67-71 pode ser assim estruturado:

**— A** 67 eIkev oúv ó ’Iqaoùç toîç SœSsKa,

!

Mf| Kai **a** vpeïç

**b** Oé^ete viráyeiv;

¡

(“àresKpiOTi aúrcp Eíjuov nérpo«;, b’sKúpie, npòg riva ártEXevoópeOa;

( ditata ^cofíq aicovíou

**a’** 69 Kai fjpeíq nEKioTEÚKapEV Kai éyvÓKajiEV orí oí) eI ó fiyio^ roo 0eo6.

I

70 àiCEKpiOq aÙTOÌq ó Iqooút;, **a** O£>k èyò vpàq roug SráÓEKa ¿^E^E^ápqv; **b** Kai é£ úpmv eí<; 8tápoXóg éariv.

**— « > c** 71 eXeyev 8è TÓv ’Ioú8av Lípmvog ’laKapubrov •

***i* b’** oÒTog yap e^eX^ev 7tapa8t8óvat aùxóv, **a’** eI<; ¿k TÓv SóSsKa.

A estrutura mostra que a nossa perícope está organizada quias- ticamente, apresentando a forma A-B-B’-A’[[500]](#footnote-501), na qual a segunda parte dos elementos que a estruturam, isto é B’-A’, apresenta uma elaborado nao somente mais longa, como também mais trabalhada internamente. Vejamos a correspondencia entre estes elementos e como eles, individualmente, estao organizados.

A correspondencia entre A (v. 67a) e A’ (v. 70-71) reside basica­mente no fato de que, em ambos os elementos, é Jesus quem fala e se dirige ao mesmo grupo de interlocutores, os Doze. Assim, A e A’ estao organizados de tal modo, que fazem um estreito paralelismo. Este paralelismo é tanto de ordem morfológica como sintática. Morfologicamente eles se correspondem através dos termos ’Iriooúg e SáSeKa, presentes tanto em A como em A’. Sintaticamente, ambos os elementos tém o mesmo sujeito, ’Iqoovg, e o mesmo complemen­to verbal, os Doze. Em A este complemento aparece com o numeral ScóósKa, enquanto em A’ aparece com o demonstrativo auwíg. Por­tanto, a perícope comeza com a referencia á fala de Jesús dirigida aos Doze, e termina, também, com as palavras de Jesús aos Doze. Este último elemento é muito elaborado; lembrando a eleizao dos Doze, fala particularmente sobre um deles.

Entre **A** e **A’,** temos os componentes centráis e paralelos do quiasmo, B (v. 67b) e B’ (v. 68-69). Á pergunta de Jesús (pq Kai úpcíg 0¿Xexe újráysiv; - v. 67b) corresponde a longa resposta de Pedro (v. 68-69), encabezada igualmente por urna pergunta (upóq xíva ánsXEüoópeOa;), que prepara a sua confissao de fé. No pri- meiro elemento (B), Jesús coloca a pergunta que deve levar os Do­ze a urna decisáo; esta decisáo é apresentada no segundo elemento (B’). Assim, á pergunta se os Doze também querem ir embora, cor­responde a resposta feita de modo interrogativo, que indica que eles estáo decididos a continuar com Jesús. B e B’ se correspon- dem, portanto, em urna relazao de proposta e resposta; tanto é que o ópEÍq (a) e o únáyEiv (b) de Jesús sao recolhidos por Pedro, de modo quiástico, com o KúpiE, npóg xíva árt£X.EVoóp£0a; (b’) e Kai flpEig KEinoTEÚKapEV Kai éyvóKagEV **(a’).**

Considerando individualmente os termos do paralelismo, mere- cem atenzáo B’ e A’, cuja construzao é bastante trabalhada e com­plexa, nos quais podemos observar também urna estrutura interna.

Em B’ (v. 68-69) podemos encontrar, aínda, urna correspon­dencia quiástica:

**- a** 68 Kvpia, npó? xíva ánEXEVoópEOa;

r- **b** í»úpaTa alcovíov S%eiz, **b’** 69 Kai nETuaxEÚKapEV Kai éyvÓKagEV

L a’ dxi oú e! ó fiyioq xov 0eov.

Entre **a** e **a’** temos duas correspondencias: um paralelismo anti­tético entre npóg xíva **(a)** e oí) si **(a’),** e um paralelismo sinonímico entre KúpiE **(a)** e ó &yio<; xov 0eov **(a’),** fazendo com que esta última expressao defina como, para Simao, Jesús é Senhor.

Em b-b’, ao úÚ^axa ^cofjg alcovíov £Xei? (b) corresponde Kai flUEig nETCiaxEÚKajiEV Kai éyvÓKapEv (b’), que indica um comporta- mento de fé, decorrente do reconhecimento de que Jesús tem pala­vras de vida eterna. Além disso, o pronome pessoal oú, implícito na forma verbal eyeiZ (a’), corresponde, a modo de contraste, a f|pEÍ<; (b), reforjando a relazáo entre Jesús e os Doze.

Em A’ (v. 70-71), Jesús traz á tona que foi ele quem escolhera os Doze, e constata a presenta daquele que ele chama de StáPoXo?. A interpretado do evangelista o identifica com Judas e diz que ele entregará Jesús.

Este elemento é construido segundo urna estrutura concéntrica, apresentando a forma a-b-c-b’-a’. Este sistema tem um preámbulo narrativo que coliga as palavras de Jesús á decisáo dos Doze, mani­festada por Pedro em B’ (v. 68-69). De fato, é por esse motivo que Jesús ánsKpíOq aóroíg.

O primeiro e o último membros do paralelismo concéntrico, designados como a (v. 70b) e a’ (v. 71c), se corresponden! pela pre­senta do termo SóSeku, o qual faz urna espécie de inclusáo. Deste modo, a fala da eleido dos Doze, enquanto a’ se refere a um dos Doze.

Em a notamos ainda o significativo achego éycb-úpág que estabelece urna clara distindo entre Jesús, que elege, e os Doze, que sao eleitos. Esta diferenciado é acentuada pelo uso do verbo éKXéyo|xat, o qual, no indicativo aoristo medio, indica que a ado de eleger, feita pelo sujeito, é a seu favor[[501]](#footnote-502). Temos, entáo, reconfir­mado o conceito de livre iniciativa de Jesús: tanto na eleido como na chamada dos Doze, a iniciativa é só de Jesús[[502]](#footnote-503). Isto é muito importante para o que vem em continuado.

Estas distindes colocam em maior evidéncia a passagem que se dá entre a e a’: urna passagem do grupo dos Doze a um dos Doze, o qual vem individualizado em c (v. 71a), num comentário que o evangelista faz para esclarecer as palavras de Jesús: ”EXsyEV 8e tóv ’Ioú5av Síptovog TaKapwbTOü. Temos, entáo, os membros b (v. 70c) e b’ (v. 71b), concéntricos em relado a c (v. 71a), que dizem respeito a Judas, qualificando-o como 8iá0olog (b) e como aquele que napa8i8óvat Jesús (b’). Temos, portanto, este movimento conver­gente: entre os Doze (a-a’) existe um que, nao correspondendo á eleido gratuita de Jesús, nao está do Seu lado, mas mostra-se, em vez disto, Seu inimigo, StápoXog (b), justamente levando a termo extremo o distanciamento de Jesús, entregando-O (b’). Este discí­pulo é Judas (c).

* 1. *Exegese:*

Á luz desta estrutura literaria, empreenderemos a nossa leitura exegética de Jo 6,67-71, de modo que analisaremos: a problemática dos Doze e a sua relaqao com Jesús (A-A’); e a pro-vocaqáo ou pro­posta de Jesús com a correspondente resposta de Pedro (B-B’). Esta análise, conquanto, vai limitada ao nosso campo de interesse, que é Pedro e o seu mundo de rela^óes.

* + 1. *Os Doze:*

Em A (v. 67a) e A’ (v. 70-71), primeiro e último elemento do quiasmo, Jesús fala da eleicáo dos Doze e constata a presenta, no meio deste grupo, de um Siá^oXog. Daqui emergem dois aspectos que nos interessam sob o ponto de vista exegético: os Doze, e um dos Doze, que é 3iá0oXo<;.

* + - 1. *A condi^ao dos Doze:*

De fato, esta é a primeira vez que Joáo menciona os Doze[[503]](#footnote-504), e o faz com muita insistencia; este termo aparece nos versículos 67.70 e 71, constituindo urna inclusáo tanto na pericope como um todo (A-A’), como no último elemento estruturante (A’: a-a’)[[504]](#footnote-505). A énfase, no entanto, nao está no número dos apóstolos, enquanto tais, mas na natureza da condiqáo e na especial posi^ao que eles assumem a esta altura dos acontecimentos, e ao longo do evangelho. Com efei- to, ñas vezes em que o termo SóóeKa é mencionado fazendo referen­cia aos discípulos, ele aparece num contexto de deser^ao ou de falta de fé, de modo a evocar o genuino discipulado, aquele que vive na intimidade e na fidelidade a Jesus[[505]](#footnote-506).

No nosso texto, além disso, a natureza desta condilo dos Doze é sublinhada, por um lado, pela contraposi^ào dos pronomes pessoais, e, por outro, pelo verbo è^EXe^óp-qv.

A significativa construyo da perícope, que relaciona èyó e ópòc; (A’: a - v. 70b), ov e fipeig (B’: b-c - v. 68c-69a), funciona como defi- nindo os papéis, determinando a justa medida dos Doze, fazendo ecoar o “Éu” de Jesus diante deles, acentuando a diferenciaQào e a importancia de Jesus na dinámica do grupo[[506]](#footnote-507), de modo que, na chamada dos Doze, a iniciativa é única e exclusivamente de Jesus[[507]](#footnote-508).

Esta é a mesma conceptúo presente no verbo usado por Jesus em A’-a (v.70b). Ali temos o verbo èKXéyopat no mèdio e no acusativo, significando escolher para si alguma coisa, fazer para si mesmo a pròpria escolha[[508]](#footnote-509). Dos evangelhos sinóticos, semente Lucas40 usa esta expressào para referir-se à escolha dos Doze entre um número maior de discípulos[[509]](#footnote-510), de modo que esta idéia de elei^ào é tipicamente joanina. Usado em Jo 6,70, este termo retoma em 13,18; 15,16.19. E nestes passos, embora os Doze nào sejam explícitamente mencionados como tais, é a eles a quem Jesus fala, de modo que se trata do mesmo conceito de fundo: elei^áo dos Doze. Em todos estes passos, é significativo que seja sempre Jesus a proclamar-se o autor da elei^ao, usando, em forma solene, o pronome da primeira pessoa do singular ’Eyó. A elei^ao acontece, portanto, na historia pessoal dos discípulos e é obra exclusiva de Jesus[[510]](#footnote-511). Ele os elege, por escolha pròpria. Para ser discípulo e permanecer como tal, antes de tudo a pessoa tem que ser chamada por Jesus. Por isso, ele deixa bem claro quando pergunta — Oúk éy® úpag toíx; SóSeKa é^eXc^ápriv; (6,70) —, exortando os Doze a terem particularmente presente o dom gratuito do discipulado e da amizade deles com Jesus[[511]](#footnote-512). Por conseguinte, mesmo tendo sido es- colhido por Jesus, o grupo dos Doze deve tomar livremente cons- ciéncia de que o dom desta escolha comporta um empenho que deve ser definitivamente assumido por eles[[512]](#footnote-513). Este processo de conscien- tizaçâo mostra que o dom da eleiçâo nâo força absolutamente a li- berdade do grupo, mas se concretiza num ámbito que vai da fé à in- credulidade, da obediência à desobediéncia, da adesâo incondicional à ruptura definitiva com Jesus.

Deste modo, vemos que, tanto para o número SróósKa como para o conceito de eleiçâo, o contexto que Ihes é peculiar é aquele de deserçâo e crise no discipulado. E é à luz deste binomio que se deve ver a aparente mas estonteante contradiçâo: um dos eleitos de Jesus O entregará.

* + - 1. *Judas: um dos Doze...:*

A referência a Judas, ¡mediatamente depois da confissa© de Pe­dro (A’, v. 70-71), enfatiza o trágico elemento do falso discipulado e o faz com insisténcia, como evidencia o esquema concéntrico em torno de Judas: Judas (c) é um dos Doze (a’) que foram eleitos por Jesus **(a),** mas que sendo StâPoXoç **(b),** ëpeXXev napaSiSóvat Jesus **(b’).** Certamente esta observaçâo é feita, por Jesus, com um certo to­que de espanto e de angustia, pois é incompreensível que entre os Doze escolhidos por Jesus esteja um que O entregará aos judeus[[513]](#footnote-514). Diante disso, supós-se que existisse, na comunidade joanina, urna objeçâo de que fosse o pròprio Jesus a chamar o traidor para fazer parte do reservadíssimo grupo dos Doze, de modo que o evangelista visasse eliminar esta dificuldade anunciando, repetidamente, que Je­sus conhecia desde o inicio quem o entregaría[[514]](#footnote-515).

Mas à luz das constataçôes sobre os Doze e sobre a caracteri- zaçâo da eleiçâo como dom e compromisse, esta aporia toma-se mais explicável. Na verdade, o é^EXe^ápqv de Jesus em a (v. 70b) está a dizer que, no chamado e na escolha ou eleiçâo dos Doze, a iniciativa e a açâo é só de Jesus[[515]](#footnote-516), enquanto as afirmaçôes centradas em Judas **(b-c-b’:** 70c-71b) denunciara que ao abandonar a seqüela de Jesus a iniciativa da a$ào é toda e tào-somente do discípulo[[516]](#footnote-517). A atividade de Judas se insere neste quadro, sendo o epilogo do ca- minho em dire^ào oposta à adesào a Jesus. Ao napa5i8óvai Jesus, Judas nào assume a sua tarefa e nào corresponde ao dom da eleiQào. Portanto, Jesus nào erra na elei^ào de Judas; ao contràrio, o caso deste discípulo mostra aos Doze que o fato de terem sido es- colhidos por Jesus nào Ihes garante automaticamente a permanencia na fidelidade[[517]](#footnote-518).

Ao fazer esta escolha, Judas mostra-se partidário daqueles que nào créem (6,64), como alguém a quem o Pai nào concedeu ir a Jesus (6,65) e que é incapaz de praticar as obras deste (13,17). E é o pròprio Jesus quem pòe às claras esta sua realidade: nào obstante seja um dos doze[[518]](#footnote-519), é SiáPolog e entregará Jesus. Nos evangelhos sinóticos, é Pedro quem aparece com esta prerrogativa; Jesus o cha­ma de oaravag quando eie procura persuadi-Lo a nào ir a Jerusa- lém para morrer[[519]](#footnote-520). Joào omite este dado em rela^ào a Pedro, pois, para ele, é Judas quem representa a influencia satànica[[520]](#footnote-521).

À base da palavra 8tápolog existe um ampio campo de signifi­cado: òdio, calùnia, acusa^ào, denùncia, engano, separalo e mai­dico, de modo que o 8iápoXog se caracteriza como inimigo, acusa­dor, adversário, sedutor, como aquele que gera divisào[[521]](#footnote-522). O seu campo de a^ào se explica sobretudo no intento de querer dividir Deus ou Jesus e os homens, separando-os. E esta qualifica^ào vem aplicada a Judas, que estava para entregar Jesus[[522]](#footnote-523). Assim, Judas é 8tà0oXoç nâo somente porque é um instrumento de oaxavâç, mas porque se assume inimigo de Jesús, consentindo, desde o inicio, com aquele que é homicida e mentiroso, assumindo o seu partido, recu­sando a mensagem de Jesús e declarando nao pertencer mais ao nú­cleo de seus escolhidos.

Todavia, as implicaçôes desta açâo de Judas sao freqüentemente mal interpretadas. A palavra usada para caracterizar a açâo de Judas, napaSiÓóvat, precisamente, significa: colocar nas máos de alguém; negociar ou colocar-se, para a própria comodidade, de acordo com alguém; entregar a um tribunal ou para a execuçào de urna senten- ça[[523]](#footnote-524). Em Joâo este termo nâo tem o profundo timbre teológico que tem em Marcos, em relaçâo à teología do Filho do Homem[[524]](#footnote-525), mas assume principalmente um sentido técnico. Além das referencias a Ju­das[[525]](#footnote-526), Joâo usa este termo em très ocasiôes: para dizer que os judeus entregaram Jesús a Pilatos[[526]](#footnote-527)\*, para dizer que Pilatos o entregou para ser crucificado[[527]](#footnote-528), e para dizer que Jesús, na cruz, entregou o espiri­to[[528]](#footnote-529). Nenhum destes passos conota ou deixa implícita a idéia de des- lealdade, de perfidia ou de traiçâo; de modo que também a açâo de Judas, expressa com este mesmo termo, nâo é carregada com estas tintas. Quer somente traduzir o fato de que Judas entrega Jesús. É a combinaçâo SiâpoXoç-napaSiôôvai que denuncia que Judas nâo comunga da mentalidade de Jesús, mas se excluí de seu programa. O fato de nâo pertencer a Jesús (b: v. 70c), o levará a napaóíSopi Jesús **(b’:** v. 71b), consumando assim o processo de incredulidade desenca- deado com o discurso de Jesús sobre o Pao da Vida, o qual portara já os ’lovôaïoi e muitos discípulos à dispersâo.

* + 1. *De proposta em resposta:*

Vejamos os outros dois elementos do quiasma, que trazem a pergunta feita por Jesús aos Doze, e a resposta de Pedro, em nome deste grupo.

* + - 1. *A proposta de Jesús:*

Com o desmascaramento da incredulidade de muitos que seguiam Jesús, drásticamente se haviam encolhido as fileiras dos discípulos; por um momento Jesus antecipou a possibilidade da desistencia até mesmo dos seus mais íntimos seguidores, os Doze. Assira, num contexto verdadeiramente tràgico, Jesus pòe-lhes a pergunta: Mf] kcù ópei«; OéletE ímáyeiv; (B: v. 67b).

Jà a formulaQào desta pergunta implica que tal defec^ào é in- crivel e ainda temida, mas que urna resposta negativa dos discípulos é virtualmente assumida[[529]](#footnote-530). De fato, apesar de ser possível que o pq deixe transparecer urna certa hesitado[[530]](#footnote-531), urna questào direta for­mulada com esta partícula espera urna resposta negativa[[531]](#footnote-532), sendo, no nosso caso, um encorajamento à firme perseveranza, como se Jesus antecipasse a resposta que Pedro dará em seguida[[532]](#footnote-533).

Por outro lado, a dramaticidade da pergunta aparece, ainda, na precisào dos verbos GéXco e ímáyw. O campo de significado do ter­mo 0éX(o pode ser assim resumido: ter inten?ào, estar disposto a, de- cidir-se por, ter vontade de, querer tomar urna decisào definitiva, querer resolutamente, perseguir urna meta. Esta prontidào no que­rer nào é, necessariamente, expressào de urna inclina?ào naturai, podendo ser, também, o resultado de urna concessào, de urna cons- tri?ào ou mesmo de urna provocalo, surgindo como rea?ào a con­cretas solicita?óes[[533]](#footnote-534), e, neste caso, torna-se um critèrio determinan­te na conduta de quem decide. Desta forma, o nosso OéXste deixa transparecer a disposta vontade ou a firme resoluto diante da pos­sibilidade de continuar segurado Jesus na qualidade de discípulo, mas denota também, como conseqüéncia da pro-voca^ào da Reve- la?ào de Jesus, urna inclina?ào na dire?ao contrària — seguida pelos discípulos nos versículos 60-66 —, a qual vem esclarecida com o verbo segúrate, o infinito completivo de *ónáym.* Este é um termo fa­vorito de Joao[[534]](#footnote-535), que o aplica aos discípulos aqui e em 15,6, onde significa partir, ir embora, abandonar o Mestre[[535]](#footnote-536).

Portanto, esta pergunta de Jesus enfatiza a distintaci entre os Doze e os outros discípulos, estimulando-os a fazer urna genuina confissào de fé. Ao mesmo tempo que coloca a vontade e a confian- ta deles à prova, Jesus quería que os Doze examinassem todas as razôes para que continuassem em sua companhia; para Jesus, ficar sem seguidores é bem mais aceitável do que mudar seu programa messiànico, por isso, convida os Doze a fazer urna especie de balan- ço que leve ou à renovaçâo da adesâo com a conseqüente aceitaçâo de sua revelaçào, ou ao abandono de sua seqüela. Isto porque o grupo dos discípulos da fé deve ser decisivamente individualizado diante do mundo dos incrédulos[[536]](#footnote-537).

* + - 1. *A resposta de Pedro:*

À pergunta que Jesus dirige aos Doze (B: v. 67b), questionan- do-os se também querem ir embora, corresponde a resposta de Pe­dro (B’: v. 68-69), organizada quiasticamente, ressaltando quatro aspectos, cada um dos quais levamos, ora, em consideraçào[[537]](#footnote-538).

1. *Kópie, npôç uva àneteDaópsda; (6,68b):*

Nesta frase, que é, na verdade, urna contra-pergunta de Pedro, très dados merecem atençào: a pròpria formulaçâo da interrogaçâo, o verbo ànEXEUoópExa e o termo vocativo Kùpic.

1. *A formulaçâo da frase:*

Quanto à frase, interessa-nos a sua pessoa gramatical e a forma interrogativa.

Esta pergunta de Pedro é formulada na primeira pessoa do plu­ral, o que é muito importante para o entendimento do conjunto da perícope. Poder-se-ia tratar de um plural majestático, mas a si- tuaçâo nâo é para tanto. Jesus, diante da desistencia de muitos em segui-Lo, faz urna pergunta aos Doze, querendo saber a posiçâo de­les. É respondendo a Jesus que Pedro usa a primeira pessoa do plu­ral[[538]](#footnote-539). Fala, portanto, em nome dos Doze, assumindo urna funçâo de porta-voz do grupo.

Très outros elementos confirmam este caráter de representativi- dade de Pedro: o evangelista nào traz, em seguida, o parecer de ne- nhum outro discípulo, embora isto fosse esperável, já que o momento é realmente decisivo para os que querem continuar seguindo Jesus; em 6,69 Pedro continua falando, e a sua fala se articula formando, através do enfático pronome da primeira pessoa do plural (f|ji£Ïç)[[539]](#footnote-540), um paralelismo entre Jesús e os Doze, distanciando-os dos muitos discípulos de fé inadequada e que voltam atrás; e Analmente, quan- do Jesús retoma a palavra, no versículo 70, continua falando aos Doze, de modo que toda a perícope sublinha a importancia deste grupo. Assim, falando em nome dos Doze, Pedro tipifica a resposta deste grupo á pro-voca^áo de Jesús; suas palavras traduzem a sínte- se do que significou, para o grupo, a convivencia com Jesús e a con- cepcao que conseguiram formar a respeito dele.

Quanto á sua forma interrogativa, esta chama a aten^áo por­que a pergunta feita por Jesús espera urna resposta decidida[[540]](#footnote-541). To­davía, a forma interrogativa da resposta de Pedro nao exprime in­certeza ou dúvida sua, ou de quem ele representa; mas tem a finali- dade de preparar a declara^áo que está para fazer, de modo que é o conjunto de sua fala que é a resposta a Jesús[[541]](#footnote-542).

1. *O verbo ánépxopai:*

Pedro faz a sua contra-pergunta usando o verbo ánep/opat (éXsúaopat). A raiz deste grupo de verbos £p%- tem tanto o signi­ficado de ir, transferir-se e acorrer, como aquele de vir, chegar, per- tencer e tornar-se[[542]](#footnote-543), de modo que no Novo Testamento em geral, e no quarto evangelho em particular, ep/opat e seus derivados se en- contram nestas duas acep^oes fundamentáis[[543]](#footnote-544).

Freqüentemente, os sinóticos descrevem, com este verbo, o acor­rer dos homens a Jesús, o qual se completa depois no seguimento como discípulo; mas é sobretudo em Joáo que emerge o grande con- teúdo teológico dos ditos com ep^opat. Este conteúdo se desenvolve básicamente seguindo dois filóes essenciais: a vinda de Jesús[[544]](#footnote-545) e a vinda ou ida dos homens a Ele[[545]](#footnote-546). O movimento de ir a Jesús é urna decisao determinante, equivale á preparado interior para tomar-se seu discípulo[[546]](#footnote-547); todavía, a última e determinante instancia neste processo nao é a vontade dos homens, mas a de Deus[[547]](#footnote-548).

Assim sendo, este termo nos labios de Pedro tem um sentido muito mais que locativo. Nao é que eles nao tenham aonde ir ou a quem recorrer. Pedro nao afirma, simplesmente, que nao existe alguém que possa atraí-los, ao qual eles se possam transferir e do qual possam tomar-se adeptos. Implícito neste questionamento vem dito, já, que é a Jesús a quem eles querem seguir, ou melhor, continuar seguindo como discípulos, excluindo a possibilidade de deixá-Lo, chamando, antitéticamente, em causa o versículo 66, em que ¿k Toúxoü noXXoi ¿k t©v |iaOqT©v aurou AicfíkOov elg rá ótcíctco Kai ovkéti pEi’auTOV nepiEnátow. E esta mesma conceptúo vem reforjada pelo vocativo KÚpie.

1. *O vocativo KÓpie:*

Em Joáo, o nome Kúpiog[[548]](#footnote-549) aparece, ás vezes, fazendo referen­cias ao Jesús histórico[[549]](#footnote-550), principalmente ñas alocuQÓes usadas pelas pessoas, e em especial pelos discípulos, para dirigir-se a Jesús[[550]](#footnote-551). Nesses casos, KÚpioq tem sempre algo a ver com as boas maneiras e com a conceptúo de autoridade, expressando, pois, a idéia de pode­roso, justo, válido, autorizado, competente, legitimo, importante, decisivo, fundamental[[551]](#footnote-552). Em virtude disso, o nosso texto, ao apre­sentar Pedro dirigindo-se a Jesús com Kúpie, estaría a dizer que Pe­dro reconhece em Jesús, em nome do grupo do qual ele é porta-voz, a autoridade legítima e competente, na qual encontra resposta para a sua pergunta.

Todavia, o termo Kúpiog exprime sobremaneira o estado glo­rioso de Jesús, de sorte que Jesús é Kúptoc; enquanto ressuscitado. Esta conota^áo também nao é excluida dos passos que parecem tra- duzir um modo cortés de relacionamento dos discípulos com Jesús, já que o vínculo personalíssimo que caracteriza as retardes entre os discípulos e Jesús vem reavivado e sigilado pela fé na Ressur- reiçâo[[552]](#footnote-553). À luz disso, ao dirigir-se a Jésus chamando-O Kupte, Pe­dro estaría usando um título de fé. De fato, esse sentido vem corro­borado pelo contexto de sua confissào e pela estrutura desta, jà que o paralelismo na estrutura interna de B’ (v. 68-69), coloca ó aytoç ton 0eov **(a’)** como explicitaçâo de Kúpie **(a).**

1. *'Pi)fiara (cofjç aiaivion ê/eiç (6,68c):*

Pedro descarta a possibilidade de desertar e confessa que Jésus tem palavras de vida eterna. Podemos entender esta afirmaçâo num duplo nivel: numa primeira instância ela retoma o discurso de Ca­famaum[[553]](#footnote-554) e, numa segunda, se refere ao conjunto do ensinamento de Jésus como um todo[[554]](#footnote-555).

Très aspectos garantem a referência ao discurso de Cafamaum.

Temos, inicialmente, a organizaçâo do capítulo 6[[555]](#footnote-556). Todo ele está centrado no evento de Cafamaum, de modo que o que antecede a este evento lhe é preparaçâo, e o que lhe segue é reaçâo. Assim, o evangelista traz, aqui, a reaçâo dos Doze, manifestada por Pedro, depois que apresentara a reaçâo de muitos discípulos que decidiram voltar atrás no seguimento de Jesús. Na organizaçâo gérai do capí­tulo, portanto, esta declaraçâo de Pedro traduz o movimento opos­to áquele da incredulidade e da defecçâo diante de Jesús e de sua mensagem revelada no grande discurso de Cafamaum.

Um segundo aspecto que indica esta relaçâo com o discurso de Cafamaum é a semelhança das palavras de Pedro com as palavras de Jesús no versículo 63[[556]](#footnote-557). Neste versículo Jesús diz que ...tú ^f|paTa & èyœ XeXáXqKa ôpïv nvEvjtá ècmv Kai Ç®f| ècmv. No versículo 68 Pedro retoma esta expressâo com ligeiras mo- dificaçôes: ^fipara Çœfjç aîœviov ë/etç. Trujara, aqui, retoma o inteiro discurso de revelaçâo que no versículo 60 os discípulos acharam duro[[557]](#footnote-558). Jesús diz que estas suas palavras revelam urna realidade divina que só o espirito pode fazer compreender e que é fonte de vida somente para o homem que eré[[558]](#footnote-559).

Como terceiro ponto que relaciona a declaraçâo de Pedro ao discurso de Cafamaum temos a retomada de um motivo que percorre, de modo diverso, todo o discurso, ou seja, o tema da vida eterna. Éste aparece, diretamente, em 9 versículos do discurso de Cafamaum[[559]](#footnote-560), os quais mostram, fundamentalmente, que Jesús é a Vida, enquanto Revelador de Deus, e que como tal dá aos que créem a possibilidade de urna vida auténtica. Retomando este motivo e colocando-o como um qualificative das palavras de Jesús, Pedro reconhece as palavras de Jesús como dizendo respeito à verdadeira e á própria etemidade divina e reconhece que Nele nao pode nao existir algo de Divino, reconhecível só pela fé[[560]](#footnote-561).

Pedro, portanto, em nome dos Doze, endossa as palavras que Jesús tinha dito, o que implica que os Doze aceitam a sua revelaçâo, mostrando-se como aqueles que créem em Jesús como dador da Vi­da, por força do Espirito que nele opera[[561]](#footnote-562).

Conquanto isto, podemos ver, também, ñas palavras de Pedro, urna aceitaçâo do ensinamento global de Jesús. A falta do artigo xá ñas palavras de Pedro (6,68) que retomam as de Jesús (6,63) aponta também para urna extensâo mais ampia, englobando tudo aquilo que é revelaçâo de Jesús, e nao exclusivamente, o discurso de Cafar- naum[[562]](#footnote-563). Além disso, o ensinamento do discurso de Cafamaum nao sofre soluçâo de continuidade em relaçâo ao ensinamento global de Jesús; antes, o discurso de Cafamaum é urna perfeita amostra do ensinamento de Jesús[[563]](#footnote-564). De fato, para o quarto evangelho, as pa­lavras de Jesús nao sao, primeiramente, ensinamentos sobre Deus, sobre a Verdade ou a imortalidade; antes disso, sao atos criativos, doadores de Vida[[564]](#footnote-565).

A referéncia de Pedro as palavras de Jesús passa, portanto, do discurso particular de Cafamaum, ao conjunto de sua revelaçâo[[565]](#footnote-566).

As suas palavras nao sao restritas a Cafamaum; sao urna adesao de­finitiva a Jesús e á sua mensagem geradora de Vida para quem eré.

1. *Kai ifaeiQ nemox&ÓKaiisv Kai ¿yvcÓKa/iev (6,69a):*

A declarado de Pedro sobre a fé dos Doze (6,69) é formulada com dois verbos que sao típicos de Joao: 7n<7T8Úeiv e yivóokeiv, os quais, além do significado individual, devem ser considerados, tam- bém, na rela^áo que existe entre eles.

1. *O verbo nurceÚEiv:*

O verbo tcioteúeiv é característico de Joao tanto pela freqüén- cia com que aparece como pelo seu uso lingüístico. Enquanto o substantivo tcíotu; é de todo ausente no quarto evangelho, apare- cendo, todavia, 24 vezes nos sinóticos10\*, o verbo ocorre 98 vezes em Joao, contra as somente 11 vezes de Mateus, as 14 de Marcos e as 9 de Lucas[[566]](#footnote-567). Nestas 98 vezes, encontram-se cinco usos lingüísti­cos: tcioteúeiv slg com o acusativo aparece em 36 passos[[567]](#footnote-568), en­quanto tcioteúeiv com o dativo em 18 e com a preposi^ao completi­va orí em 13 passos, sendo que temos aínda 30 vezes a forma abso­luta e urna o neutro acusativo[[568]](#footnote-569).

A ausencia do substantivo e a preferencia pela forma verbal in­dicara que Joao nao concebe a fé como urna abstrajo, mas como um empenho ativo, fruto de urna disposi^ao interior[[569]](#footnote-570). Além disso o ato de crer, no quarto evangelho, desponta sobretudo como res­posta afirmativa á revela^áo da palavra de Jesús[[570]](#footnote-571).

Com efeito, tcioteúeiv slg parece ser a expressao chave do uso joanino em rela^áo aos termos sobre a fé. Exceto em 14,1b — tcioteúete Elg tóv Oeóv — os passos de tcioteúeiv slg com o acusativo indicara que a fé é direcionada exclusivamente á pessoa de Jesús[[571]](#footnote-572). Por outro lado, quando é usado com o dativo, as palavras de Jesús estáo sempre presentes no complemento verbal, indicando, portanto, a credibilidade á sua palavra[[572]](#footnote-573). Os textos em que 7uoT8Ú8iv é seguido pela preposi^ao óti enunciam conteúdos de fé, proclamando Jesús como o Cristo, o Filho de Deus, ou contém urna forma cristológica que recolhe, na sua profundidade, sob a forma de profissáo de fé, como os homens apreendem algum aspecto fun­damental da revelado de Jesús[[573]](#footnote-574).

Numa palavra, portanto, a fé em Joao é eminentemente cristo- lógica[[574]](#footnote-575), e significa a aceitado da auto-revela^ao de Jesús, traduzi- da concretamente na adesáo incondicional á sua pessoa e á sua mensagem. E esta adesao vem indicada tanto no seu momento ini­cial — é o que sugere o uso do verbo no aoristo —, como na sua permanencia — indicada pelo uso do presente e do perfeito, como é o caso de 6,69[[575]](#footnote-576).

1. *O verbo ytváoKeiv:*

rivdxTKStv é particularmente freqüente em Joao[[576]](#footnote-577); indica um conhecimento que colhe a realidade das coisas[[577]](#footnote-578), seja por experien­cia de comunhao e de intimidade[[578]](#footnote-579), seja através da prática[[579]](#footnote-580), de urna intuido[[580]](#footnote-581) ou de urna dedu^ao[[581]](#footnote-582), de urna informado[[582]](#footnote-583) ou de urna aprendizagem[[583]](#footnote-584). O processo de yivdxyKsiv, por conseguin- te, nao se exaure numa determinada esfera do conhecimento, mas se atua na experiencia, exprimindo a idéia de familiaridade, de amiza- de e de conhecimento pessoal. Este processo, quando indicado pelo perfeito de yivcdqkeiv, denota a idéia de urna convicio adquirida durante o mesmo, implicando tratar-se de persuasao e de pleno co­nhecimento [[584]](#footnote-585).

Neste quadro, conhecer Jesús, mais que informar-se sobre par­ticulares de sua vida histórica ou entrar numa relamió mística com Ele, significa, portanto, fazer a sua experiencia, acolher a historici- dade da sua Revelado, crescer na sua companhia e na sua amiza- de[[585]](#footnote-586), e reconhece-lo na sua unidade com o Pai e na sua missao pela santificaoao do mundo[[586]](#footnote-587).

1. *A rela$ao entre yiváaKeiv e maTeúeiv:*

Aparece, assim, a estreita rela^ao entre YivdxyK8iv e Tnareúeiv[[587]](#footnote-588). De fato, YivóaK8tv ocorre, as vezes, como um conceito paralelo a 7CIOT8Ó81V[[588]](#footnote-589); as vezes o objeto destes dois verbos nao se diferen­cia[[589]](#footnote-590). Estes verbos aparecem tanto na sucessáo jaorsoeiv- Yivá)OK8iv[[590]](#footnote-591), como Ylv6aKeiv-7Ucn:8Ú8iv[[591]](#footnote-592). Conquanto isto, YivG)QK8tv e 7noT8Ó8tv nao sao conceitos idénticos e nao estao sem- pre juntos[[592]](#footnote-593). Pelo contrario, a adesao mais vital e pessoal da fé é, em certo sentido, anterior, constituindo-se, pois, num meio para se alcanzar o conhecimento[[593]](#footnote-594). Mesmo quando no texto o termo yivd)QK8iv antecede ntaxeueiv, eles garantem esta relaçâo, nao que- rendo, portanto, dizer que o conhecimento antecede à fé, mas que se trata de um conhecimento profundo, adquirido pela fé[[594]](#footnote-595). Assim, o yivóaKetv implica urna auténtica atividade intelectual, motivada e iluminada pela fé[[595]](#footnote-596), de modo que em Joao a fé amadurece em co­nhecimento, o que faz, por outro lado, com que todo o conhecimen­to em Joâo permaneça, sempre, ligado estreitamente à fé[[596]](#footnote-597), fazen- do com que exista urna influéncia mútua entre o aprofundamento do conhecimento e o progresso da fé: a fé leva a melhor conhecer Jesús, e o conhecimento mais profundo Dele conduz a urna fé mais inabalável[[597]](#footnote-598).

Destarte, se em 6,69 o termo éyvÓKapev indica, por força do perfeito, urna possessao adquirida, um conhecimento firme e está- vel; ligando-se ao também perfeito[[598]](#footnote-599) 7t8niQT8üKa|i8v, insiste, enfáti­camente, que o conhecimento de Pedro e do grupo que ele repre­senta é resultado de um aprofundamento na fé[[599]](#footnote-600). Portanto, quan- do Pedro diz f|p8Îç nentaTeÚKapev Kal éyvÓKapev óti (6,69a), faz urna enfática afïrmaçâo sobre a fé e o conhecimento do grupo de discípulos que ele representa, reivindicando para eles a posse de um maduro e estável comportamento de fé que desemboca num conhe­cimento que penetra profundamente até o mistério mesmo da pes- soa de Jesus. À esta altura, a experiència deles com Jesus toma-se um ato de fé definitiva: eles estào no estado de fé e de conhecimen- to; decidiram permanecer com Jesus. Esta convicçâo de permanecer com Jesus é reforçada pelo paralelismo entre b e b’, na estrutura in­terna de B’ (v. 68-69)[[600]](#footnote-601): o seu comportamento de fé e conhecimen- to é fruto, também, de seu aprofundamento progressivo sobre a pa- lavra de Jesus, condiçâo indispensável para tomar-se verdadeiro discípulo[[601]](#footnote-602).

1. *Zo el ó âyioç too 9eov (6,69b):*

Esta parte da declaraçâo de Pedro sobre a concepçâo que os Doze formaram acerca de Jesus (v. 69b) merece atençâo nos seus dois elementos constitutivos: a expressâo verbal e o predicativo, o quai é entendido diversamente pelos estudiosos.

1. *Zò eï:*

Na verdade, o où el com que Pedro se dirige a Jesus, mais que um simples verbo de ligaçâo, equivale à formula de revelaçâo èy® £Ì|it que por bem quatro vezes Jesus usara durante o capítulo seis[[602]](#footnote-603). Esta formula veterotestamentària é transferida, em Joâo, do Pai a Cristo que revela o Pai, exprimindo a vizinhança que existe entre Jesus e Deus, constituindo urna formula característica para a auto-manifestaçâo de Jesus no mais íntimo de seu ser[[603]](#footnote-604).

Assim, a confissäo de Pedro aparece, sob este aspecto, como urna resposta de aceitaçâo e adequaçâo (où el) à auto-revelaçâo de Jesus (èyw elpt) corn todas as suas conseqüências[[604]](#footnote-605).

1. *’O âyioç too Oeov:*

O predicativo ó ôytoç tou 08oC é raro como definiçâo de Jesus, sendo mesmo um *hapax* joanino. Mas, além de Jesus, o termo âyioç[[605]](#footnote-606) é usado em Joâo para designar somente o Espirito (1,33; 14,26; 20,22) e o Pai (17,11). Este dado, por si só, indica, num pri- meiro nivel, urna esfera de transcendencia contida no termo, o qual, de fato, como sublinha Bultmann[[606]](#footnote-607), denota a esfera do divino, urna concepto que é ancorada no Antigo Testamento, expressando nào somente um atributo de Deus, entre tantos, mas algo que cons­tituí o mais íntimo de Deus, aquilo que faz com que o divino seja di­vino, evocando o que é do dominio pròprio de Deus[[607]](#footnote-608).

A santidade de Deus é a sua transcendencia nào criada, a sua majestade que se revela na glòria[[608]](#footnote-609). Deste modo, dizendo que Jesus é ó ayiog toó 0eoü, Pedro reconhece, no mínimo, que Jesus pertence a esta esfera, denotando a sua descendencia e a sua origem14\*, indi­viduando a sua relado pessoal com o divino e determinando a posi^ao essencial em que ele se encontra em relado a Deus: urna posilo de vizinhan^a, de íntima com un ha o140.

Este primeiro nivel de compreensao, no entanto, carece de um esclarecimento ulterior; todavia, os diversos autores nào chegaram a urna opiniào comum.

Além deste sentido que acabamos de ver, há quem pense que a declarado de Pedro, em virtude da expressáo ó &yio<; tov 0eov tem um pano de fundo sacerdotal ou sacrificai[[609]](#footnote-610), de modo que a ex­pressáo em questáo evocaría a designado dos sacerdotes enquanto eles vém santificados por Deus e sao denominados santos. Os sus­tentadores desta interpretado, além de Lev 21,6s, se apoiam em Jo 10,36 e 17,19, considerando que, nestes passos, Joáo usa o verbo áyiú^Eiv para expressar a santificado do Filho pelo Pai através da morte e a continuado deste ato, pelo Filho, santificando-se ele mes- mo pela sua morte. Na declarado de Pedro, portanto, estaría urna aceitado de Jesus como Sacerdote e urna alusáo à sua missào sacri­ficai [[610]](#footnote-611). Nào obstante considerarmos que, na confissào de Pedro, a conotado de Jesus como alguém que se consagrou a si mesmo co­mo um sacrifìcio para o mundo nào seja de todo ausente, já que nào se pode, absolutamente, excluir da santificado de Jesus o sentido de sacrificio[[611]](#footnote-612), retemos que este sentido vem especialmente colocado em evidencia nos versículos 70-71, que fazem clara referencia à his­toria da Paixào de Jesus[[612]](#footnote-613).

Evocando os passos de Dt 8,3 e 30,11-20, outros autores[[613]](#footnote-614) re- lacionam a confissào de Pedro com a profecía, e consideram que Pe­dro reconhece em Jesus o profeta por excelencia, o novo Moisés, com a missào de transmitir aos homens as palavras de vida eterna. Todavía, contra esta concepto pesam as observares de Stock[[614]](#footnote-615) e La Potterie[[615]](#footnote-616), segundo as quais ó &yio^ toü Oeoü nào é um termo denotativo, em primeiro lugar, de missào.

Um outro grupo de autores[[616]](#footnote-617) entende a expressào ó &yio<; toó Oeoü como tendo um sentido messiànico. De fato, «Santo de Deus» é também o título messiànico usado pelos endemoninhados para atestar a identidade de Jesus em Me 1,24 e Le 4,34[[617]](#footnote-618); «santo» é também um título messiànico na literatura apócrifa, para quem o Messias era santo por antonomàsia[[618]](#footnote-619); e este sentido se encaixa per- feitamente no dinamismo do capítulo 6, fazendo com que a resposta de Pedro se oponha à murmurado dos judeus e ex-discípulos que nào tém urna concepto exata sobre Jesus e o seu messianismo.

Entào, dizendo que Jesus é ó fiyiog tov Oeoü, Pedro, além de colocar Jesus na esfera do divino, vizinho ao Pai e ao Espirito, faz, também, urna solene profissào de fé no messianismo de Jesus, corri- gindo urna concepto temporal e política, apresentada pela multi- dáo que quería proclamar Jesus rei após a multiplicado dos páes (6,15). Trata-se, pois, de urna concepto messiànica, que entrevé a transcendencia de Jesus. A sua origem divina, muito acentuada ao longo do capítulo 6 — Jesus se deu a conhecer como enviado de Deus (v.29), como pao vivo descido do céu (v. 38.41), como Filho (v. 40) — é agora acentuada por Pedro, que reconhece que ele pos- sui palavras de vida eterna, aceitando plenamente estas palavras. Chamando-o Santo de Deus, Pedro evoca a sua qualidade de Mes- sias[[619]](#footnote-620), que se manifesta como Filho de Deus e Revelador escatolò­gico, com a missao, portanto, de pela revelado de sua palavra, dar vida ao mundo[[620]](#footnote-621). A filia^ao eterna de Jesus é, pois, a alma de sua messianidade. E isto é motivo bastante para que os discípulos, por intermèdio de Pedro, reiterem o seguimento Dele como discípulos.

1. *Comparacao com os textos sinóticos em vistas da tradicào de*

*Jo 6,67-71:*

Numa leitura diacrònica de 6,67-71 emerge um significativo problema para o nosso estudo, q qual diz respeito à tradito que es­taría na origem deste texto[[621]](#footnote-622). À base desta discussao, está a ques- táo da rela$ao com a tradito sinótica[[622]](#footnote-623).

Esta rela$ao é comumente colocada como urna questao de equivalencia, na qual se procura tomar urna posi^ao se se trata ou nao do mesmo acontecimento. Neste quadro, o problema a ser es­clarecido é se a profissao de fé de Pedro, apresentada no quarto evangelho, é a mesma que trazem os sinóticos, e se se pode falar em transposigao e dependencia joanina, no que tange a este passo, em relagáo aqueles evangelhos.

Entre os protestantes, ordinariamente, admite-se que a confis- sáo de Pedro, em Joáo, é urna transposigáo da análoga confíssáo apresentada pelos sinóticos[[623]](#footnote-624), embora algumas vozes admitam esta identifícagáo somente como provável[[624]](#footnote-625).

Até meados da década de sessenta, os exegetas católicos, geral- mente, consideravam nao se tratar da mesma confíssáo de fé[[625]](#footnote-626) e que querer reduzí-las ao mesmo fato seria, além de arbitrario, urna violencia aos textos[[626]](#footnote-627). Por volta da segunda metade desta década, nota-se urna mudanga de posigáo, de modo que, hoje em dia, é mais comum encontrar quem sustente a identidade ou equivalencia entre as narragóes joanina e sinótica sobre a profissáo de fé em Jesús, fei- ta por Pedro[[627]](#footnote-628).

Colocada nestes termos, todavia, a questáo pode deixar na sombra a relagáo em si, simplifícando-a, e caindo, aínda que invo­luntariamente, na polarizado[[628]](#footnote-629).

Numa sinopse do contexto mais ampio, no qual se insere a con- fissao de Pedro, podemos verificar um denominador comum que fornece urna sequéncia bastante anàloga e que constitui o esquema contextual de fundo comum a ambas as tradi^òes: urna multipli- cacào dos pàes, a caminhada de Jesus sobre as àguas, um pedido de um sinai, a observacào de Jesus sobre os pàes, a profissào de fé de Pedro e o anùncio do destino de Jesus[[629]](#footnote-630). Nesta sequéncia, a confis- sào de Pedro representa o ponto culminante: a missào de Jesus na Galiléia é infrutifera, termina na indiferen?a. Chega o momento de clarifìca?ào em rela^ào à sequela de Jesus. E é assim que em ambas as tradi^Ses temos a antecipa^ào, na profissào de Pedro, da fé dos discipulos e da incredulidade dos judeus[[630]](#footnote-631).

Detendo-nos, depois, na pròpria confissào de Pedro, vemos emergir notàveis diferen^as quanto a situalo geogràfica, ao movi­mento do diàlogo, à pergunta de Jesus e à resposta de Pedro[[631]](#footnote-632).

No quarto evangelho a cena é situada em Cafamaum[[632]](#footnote-633), en- quanto os sinóticos falam de Cesaréia de Filipe[[633]](#footnote-634).

Nos sinóticos, o diálogo entre Jesus e os discípulos se desenvol- ve em très tempos: inicialmente temos urna primeira combinaçào de urna pergunta de Jesus e urna resposta dada pelos discípulos (tercei- ra pessoa do plural); depois temos urna segunda pergunta de Jesus com a resposta, desta vez, dada por Pedro; como terceiro ponto, se­gue a informaçâo do evangelista de que Jesus impós silèncio. Joào trouxera, anteriormente, perguntas de Jesus a seus discípulos, de­pois que estes acharam duras as palavras de Jesus durante o discur­so de Cafamaum, mas este episòdio é muito diferente e nào entra corno paratelo aos sinóticos[[634]](#footnote-635).

Quanto ao teor da pergunta de Jesus, nos sinóticos o acento es­tá em como os discípulos apreenderam a identidade de Jesus: 'Ypeïç 8è riva jie XéyeTe elvat;17<s. Em Joào a pergunta é formulada de ou- tro modo e persegue outra finalidade: nào se centra na concepçào que os Doze formaram sobre Jesus, mas na possibilidade de que êtes venham a abandoná-lo. Jesus coloca os Doze diante de urna esco- Iha: ir embora ou continuar a segui-Lo. A sua expectativa, todavía, é que êtes nâo o abandonem[[635]](#footnote-636). Em Cesaréia, na visâo sinótica, Je­sus nem supôe que os discípulos poderiam cogitar de abandonâ-Lo; o pano de fundo de sua pergunta é o que pensa a gente sobre Ele.

Enfîm, a resposta dada por Pedro apresenta, em Joâo, um conteûdo mais elaborado, chamando em causa a concepçào que os discípulos têm sobre Jesus e fazendo-Lhe adesào corn cláusulas sobre Jesus e sobre o estado de fé do grupo[[636]](#footnote-637). Nos sinóticos, por sua vez, a resposta de Pedro se concentra na afirmaçâo da iden­tidade de Jesus[[637]](#footnote-638) que vem apresentado como XpttrTÔç. O signi­ficado deste termo pode ser deduzido de sua última ocorréncia em Me 15,32, onde os sacerdotes, escamecendo de Jesus crucificado, dizem entre si: ó Xpiorôç ó PaotXcùç ’Iopaf|X KarapáT® vñv àtrò tou oraupov. Etes explicam o Xptarôç como PaoiXeùç ’lopaqA. e, com tais palavras, se referem, também à condenaçâo de Jesus em 15,26: ó PaniXeùg t®v ’lovSaíov[[638]](#footnote-639). Assim, na sua confissào, Pedro reconhece Jesus como o rei que, segundo a expectativa messiànica, é mandado por Deus ao povo de Israel como o seu ùltimo rei e que o conduz à salvado definitiva[[639]](#footnote-640). Em Joao, o termo Xpioróg é au­sente, embora o significado que ele encerra seja apresentado na ex­clusiva expressào joanina úyioq toó Oeoü (6,69), na qual existe tam- bém um sentido messiànico, que se contrapee à conceptúo nao exa­ta que os judeus formaram sobre a messianidade de Jesus[[640]](#footnote-641).

Num balando geral, estas diferen^as sao muito significativas e podemos admitir que nao sao devidas somente a motivos redacio- nais e de ordem teológica. Elas acenam à possibilidade de que Joao dispunha de um material ou de urna tradito independente que teria sido peculiarmente transformada por ele. Esta tradito, no entanto, possivelmente, se refaz à mesma tradito oral que está na base dos textos sinóticos, a qual se referia ao mesmo fato gerador[[641]](#footnote-642). Mais do que isto, os textos nao nos permitem afirmar.

NOTAS CONCLUSIVAS DO CAPÍTULO

Frisamos os elementos que Jo 6,67-71 apresentam como contri- bui^áo á visáo que o quarto evangelista tem sobre Pedro.

Do estudo sincrónico emergem os seguintes pontos:

— Mesmo que exista a tendencia de considerar que nesta perícope Pedro e Judas aparecem relacionados, o que temos é que a confissao de Pedro faz vez de contrapartida ao movimento de re- jei^áo a Jesús que culmina com a trai^áo de Judas.

— Judas nao faz sombra a Pedro. Eles nao aparecem em pa­ralelismo antitético; antes, eles nao vém nem mesmo comparados, nao servindo de referencial um para o outro.

— O referencial para a compreensáo do comportamento que Judas terá é a elei^ao dos Doze (A-A’: v. 67.70-71). Embora esta seja dom gratuito de Jesús, implica um empenho que Judas nao assumi- rá, o que faz com que ele se alinhe, já, como inimigo de Jesús.

— Pedro, a seu tumo, tem como referencial a pessoa e as palavras de Jesús. É Jesús com quem ele é confrontado e a quem presta contas (B-B’: v. 67b-69). De fato, a pergunta de Jesus — Mp koì ójwíg OéXsrE únáyeiv; — ao mesmo tempo que provoca nos Do- ze urna revisào da possibilidade de seguir ou nào Jesus, os encoraja à perseveranza, estimulando-os a continuar na adesào à sua pessoa.

— Pedro capta esta situalo e faz urna profissào de fé, a qual assume urna funzào de representatividade, tipificando a con- cepzào do grupo (fala no plural), e ocupando o auge do processo desencadeado no capítulo 6.

Ele deixa claro que os Doze encontraram em Jesus a resposta às buscas (uso da contra-pergunta, de Kópie e àneXeooopeOa) e adquiriram, através da convivencia com eie, urna convicio e um maduro comportamento de fé (uso de nenioTeÓKapEv e èyvÓKapsv e no perfeito) como adequando (o où e! evoca o ’Ey© sìpi de Jesus) e adesào incondicional à auto-revelazào de Jesus e ao Seu messianis­mo, servindo de contraponto à concepzào inexata de um messianis­mo demonstrada pela multidào, no inicio do capítulo 6.

É por isso que Pedro pode, endossando as palavras de Jesus, reconhecer que Este pertence à pròpria etemidade divina (ÒH piara ^cofjg ai©viou) e confessar também que Eie està numa relazào espe­cial com Deus, porque é, na esséncia, Deus (dyioq tov 0eov).

Estes dados nào sào colocados em discussào pelo estudo dia­crònico. Este mostrou que, embota exista um denominador comum entre Jo 6,67-71 e os textos sinóticos de Me 8,27-30; Mt 16,13-20 e Le 9,18-21 — com seus respectivos contextos —, as diferenzas nào sao menos significativas, de modo que podemos inferir que a tra- dizao que está na base do nosso texto, mesmo sendo paralela àquela sinótica, é urna tradirà© autónoma, nào atrelando-o à confissáo de Pedro na versáo sinótica.

Capítulo V  
«VOCÊ AGORA NÂO SABE O QUE EU ESTOU FAZENDO»  
(JO 13,6-10a.21-26.36-38)

No capítulo 13 temos très cenas em que Pedro interage: duran­te o lava-pés; na ceia, quando é identificado o traidor; e na previsao da negaçâo de Pedro. Apesar de muito diferentes, estas cenas tém entre si estreitas relaçôes. Para entendermos o alcance destas re- laçôes, situaremos estas cenas no conjunto do capítulo e depois as estudaremos especificando as suas implicaçôes para o quadro joani- no sobre Pedro.

1. *Visao de conjunto do capitulo 13:*

Muitos estudos foram dedicados a este capítulo[[642]](#footnote-643) e normalmen­te a tendéncia entre os exegetas é considerar 13,1-30 como urna uni- dade literaria e ver 13,31-38 como introduçâo ou transiçâo aos dis­cursos de despedida de Jésus, iniciando urna unidade que vai até 14,31[[643]](#footnote-644). Entendemos, com Niccacci[[644]](#footnote-645) e Manns[[645]](#footnote-646), que o capítulo 13 constituí urna unidade, cuja organizaçâo gérai pode ser assim apre­sentada:

Introdujo: v. 1-3

- A - v.4-11: A^ao simbólica de Jesús (Lava-pés) nao compreen- dida por Pedro

r B - v. 12-15: A a^ao de Jesús deve tomar-se a?áo dos discí­pulos

r C - v. 16-20: Anuncio do traidor

L C - v. 21-30: Identificado do traidor

L B’ - v. 31-35: O mandamento do amor e a partida de Jesús em decorréncia da saída de Judas

L A’ - v. 36-38: Pedro nao compreende a partida de Jesús

A primeira cena (A) é constituida pelos versículos 4-11, que apresentam Jesús lavando os pés de seus discípulos e interpretam este gesto como um simbolismo qualificativo da Hora de Jesús. O versículo 4, que está em estreita rela^áo com o versículo 3[[646]](#footnote-647), passa da introdujo á descrido do gesto de Jesús, numa cena que vai até o versículo 11, já que, no versículo 12, a conjundo subordinada óte, além da partícula oóv, dá inicio a urna nova unidade temporal.

Esta segunda unidade (B) vai até o versículo 15, e mostra que a ado de Jesús (tí ic£icoÍT)Ka ópiv - v. 12) deve tomar-se ado dos discípulos (KaOdx; éy® ¿noÍT|oa ópív Kai ó|i£Í<; jtoitíte - v. 15); estes, com dedica^ao e fé, devem penetrar na obra de Jesús, de modo que daquilo que Jesús faz decorre para eles o dever de fazer o mesmo[[647]](#footnote-648).

Urna inclusáo constituida pela fórmula dp^v ápf|v Xéyo úpiv e pelo verbo népt® delimita a unidade C entre os versículos 16 e 20. Esta unidade se concentra na consciencia que Jesús tem sobre os que escolhera para seguí-Lo, anunciando, aínda de modo velado, a trai?ao de Judas (também referida já em 13,11).

Em 13,21 temos o inicio de urna nova unidade, C’, que cometa com Tañía Eincbv e vai até o versículo 30. Depois do anuncio da traigo, várias perguntas procuram identificar o traidor e mais urna vez o tema da ignorancia dos discípulos vem á tona. Esta unidade se corresponde com C, que se ocupa, justamente, com o anuncio do traidor, cuja conexáo é reforjada ainda pela expressáo Tañía elnóv, que sugere urna continuidade imediata com o que precede.

Urna nova subdivisao (B’) é introduzida pela expressáo tempo­ral óte oñv no versículo 31, que até o versículo 35 apresenta um discurso de Jesús aos seus discípulos. Este discurso é centrado na ¡mínente partida de Jesús e ñas suas conseqüéncias para os discípu­los, estando em claro paralelismo com os versículos 12-15 (B’). Na verdade, encontramos duas correspondencias literarias entre as duas unidades: o versículo 31 com os termos Sis oñv é^f¡X0Ev e Xéyei ’Iqoov«; evoca óte oñv SviyEv... eltrev añioíg do versículo 12, su- blinhando o mesmo dinamismo presente naquela cena[[648]](#footnote-649): como do «fazer» de Jesús decorre para os discípulos o imperativo de agir co­mo Ele, daquilo que faz Judas, excluindo-se do número dos discípu­los, segue a partida de Jesús, com a sua glorificaoáo e o mandamen- to do amor[[649]](#footnote-650). O outro ponto de contato verifica-se entre os versícu­los 34 e 15, através da conjunçâo KaOœq, que organiza estes versícu­los de modo semelhante[[650]](#footnote-651).

A última cena (A’) é constituida pelos versículos 36-38, que apresentam mudança de personagens em relaçào a B’, fazendo Pe­dro intervir. Temos entre os dois passos, urna mudança do “vós” dos discípulos ao “tu” de Pedro. Em 14,1, Jesus volta a se dirigir aos discípulos em geral, delimitando a nossa cena em 13,38.

Existem varias correspondéncias entre A’ (v. 36-38) e A (v. 4-11): ambas as cenas trazem um diálogo entre Jesus e Pedro; o versículo 36 apresenta a mesma oposiçâo que o versículo 7, entre “agora” e “mais tarde” (v. 7: úpn x pexá Tañía; v. 36: vñv x uoTEpov); no versículo 37 Pedro nao compreende o sentido do àKolouOéœ e a distinçào temporal que o acompanha. Como se opu- sera ao serviço prestado por Jesus no lava-pés (13,8), procura tam- bém impedir a “partida” de Jesus[[651]](#footnote-652); como os versículos 4-11 termi­nara cora a prediçâo sobre o traidor, assim também, os versículos 36-38 terminara cora a previsao da negaçâo de Pedro[[652]](#footnote-653).

Esta organizaçâo mostra que o capítulo 13, como um todo, evoca o serviço do amor de Jesus para com os seus discípulos e a obrigaçâo-missâo de eles repetirem este serviço. Quem quiser ser Seu discípulo deve imitá-Lo neste gesto, que, mais que urna obri- gaçào ritual, implica a participaçào mesma do destino de Jesus. Ve­rificamos, de fato, toda urna moldura da cena, construida em torno da evocaçâo da Hora de Jesus[[653]](#footnote-654): além da contextualizaçâo do ver­sículo 1, npó 5è xfjç êopxrjç toó náa%a, vários termos indicara nos versículos iniciáis que Jesus tem plena consdéncia[[654]](#footnote-655) de viver os mo­mentos decisivos de sua missào (eiSœç... ôxt úXOev añxoñ 1) ñpa - peTaP'Q... npôç xóv naxépa (13,1); npôç tôv Ôeôv ónáyEi (13,3b)); existem também vários termos que evocara o seu sacrificio cora urna alusáo simbólica ao dar e recobrar a vida (eiç xéXoç f)yánqoEV - v. 1; TÍOrpiv - v.4; 21a08v xa ípáxta - v. 12)[[655]](#footnote-656); os repetidos acenos ao traidor (xou StaPóXov 1]8t] PeptapcÓTo«; eig xf]v KapSíav iva napaSot aüxóv ’Ioú8ag... - v.2; Kai úpete; Ka0apoí éoxe, álX’oúxi návxeg - v. 10-11; f|8ei yáp xóv napaStSóvxa aúxóv - v. 11; todo o anuncio e identificagáo do traidor - v. 21.30) e á partida de Jesús (Ext piKpóv peG’ ópeov eipi e okou éyó úndyeo - v. 33; kov únáyetg; - v. 36). Assim, a Sua morte na cruz é o Seu servido por excelencia, que habilita os discípulos a continuarem com a mesma obra em fa­vor dos homens. Isto será possível com a sua Ressurreigáo. Por en­guanto eles nao tém condigoes de entender plenamente o gesto e a obra de Jesús; deveráo ser purificados tanto interiormente — corres- pondendo á agáo e as intengóes de Jesús — como no grupo dos discípulos, no qual se evidenciará, definitivamente, quem nao pode- rá comungar de sua mentalidade.

1. *Os passos petrinos do capítulo 13:*

Os passos nos quais Pedro atua se encontrara em posigóes es­tratégicas: em A (v.4-11) e A’ (v. 36-38), abrindo e fechando o ca­pítulo, e em C’ (v. 21-30), um dos elementos centráis do esquema concéntrico. Nestes passos, a atitude de Pedro revela-se como em­blemática, traduzindo a condigáo e as possibilidades do discípulo diante dos eventos que se aproximara. Vejamo-los, individualmente.

* 1. *13,6- 10a: O diálogo entre Jesús e Pedro a propósito do lava-pés:*

Fagamos urna análise desta perícope, com a sua estrutura e lei- tura exegética. Antes, porém, interessa-nos urna questáo textual.

* + 1. *Crítica textual:*

Para o versículo 10, existem várias possibilidades de leitura, sendo que as principáis se resumem em duas: existe um texto curto e outro longo, de sorte que a expressáo el pf| xoú<; 7tó8a<; nao ocorre no Código x, no minúsculo grego 579, em muitos manuscritos da Vulgata, em Tertuliano, Orígenes e em outros padres[[656]](#footnote-657), enquanto o texto longo, isto é, com esta expressáo, é atestado pela maioria dos manuscritos.

Considerando a credibilidade dos manuscritos, a li^áo longa, com eí jif| toíx; nóbaq, deveria ser a preferida[[657]](#footnote-658), mesmo que nao fi- cassem resolvidos os problemas da interpretacáo do versículo[[658]](#footnote-659).

Todavía, por motivos de crítica interna, a li$ao breve pode ser considerada como original[[659]](#footnote-660). E como razóes despontam as se- guintes[[660]](#footnote-661):

— O principio geral de que urna li^ao curta tem maiores chances de corresponder ao texto mais primitivo do que urna longa.

— A idéia geral do versículo 10 é que aquele que tomou banho está todo limpo; a ÜQáo com pi’i xobq nóSaq implica tuna res- tri^áo desta idéia, já que, ao dizer que os pés devem ser lavados, dá a entender que eles nao estáo limpos.

— Nos manuscritos que trazem a ÜQáo longa, a expressáo xovg *nóóaq* deveria estar depois de víyaoOai, como aparece em alguns manuscritos.

— O texto curto é a *lectio difficilior:* se alguém tomou ba­nho, nao tem necessidade de lavar-se. Por que, entáo, Jesús lava os pés dos discípulos? Para explicar esta diñculdade, teria sido acres- centado “se nao os pés”; inversamente, se o texto longo fosse pri­mitivo, nao haveria razáo para esta expressáo ter sido eliminada em alguns manuscritos[[661]](#footnote-662).

Assim com a h?áo curta — ó XeXovpévog oók 6%ei xpeíav vü|/a<y0ai, áXX’ 6artv KaOapóg 5Xog — que nega, absolutamente, a necessidade de lavar-se a quem está completamente limpo, Jesús procura convencer Pedro a desistir desta idéia e a descobrir o verda- deiro significado do gesto por ele executado[[662]](#footnote-663).

* + 1. *Estrutura:*

A composiçâo do diálogo entre Jesus e Pedro compreende os versículos 6-10a. Nos versículos 10b-11 temos urna espécie de am- pliaçâo das últimas palavras de Jesus a Pedro, enfatizando, com a purificaçâo dos discípulos, o efeito da açâo de Jesus[[663]](#footnote-664).

A partícula oúv delimita o inicio do diálogo no versículo 6, o qual apresenta, também, urna inclusâo com o versículo 10, através do verbo vûrwù. Este verbo é retomado, ainda, no centro do diálo­go, que apresenta um esquema ternàrio: Pedro fala très vezes, Jesus responde très vezes. É Pedro quem abre o diálogo, mas sempre que fala é como reaçâo a urna iniciativa de Jesus.

Seguindo urna técnica tipicamente joanina[[664]](#footnote-665), o elemento bási­co na progressáo do diálogo é o mal-entendido. Pedro, primeira- mente, se supreende com a açâo de Jesus (v. 6b-7), depois entende mal o significado fundamental desta açâo, recusando o gesto de Jesus (v. 8) e, como reaçâo oposta, pedindo um banho completo (v. 9-10a).

Todavia, por trás deste esquema narrativo, existera várias cor- respondéncias entre os elementos da perícope, que permitem estru- turá-la do seguinte modo[[665]](#footnote-666):

- A 6 EpxExat oùv npôç Lipœva Iléxpov Xéysi aùx^, Kuptc, où pou vîkxeiç toùç nôSaç;

!

7 àncKpiGq ’Iqaovç Kai eIkev aùxcp, X) èyœ noi© où oùk olSaç âpxt, yvóoij Sè pexà xauxa.

**- C** 8 XéyEt aôxœ Iléxpoç,

Où pi) viyrçç pou xoùç nôSaç eîç xôv alœva.

**L C’** ànEKpi0T] Tqooùç aùxcp, ’Eàv pr) vi\p<n oe, oùk £%eiç pépoç psx’ èpov

Í

9 XéyEt aúxá) Lípcov Iléxpog, Kúpie, pf) xovg KÓSa<; pou póvov áXXá Kai *tac,* X£tPaí Kai tt]v K£tpalr]v.

!

10 Xéysi aúx^ ó Tr)oov<;,

'O XEloupévo«; oúk e%ei xpsíav víyaoGai, áXX’ eoxiv KaÓapdg *ókoq.*

Temos um texto estruturado segundo um paralelismo con­céntrico.

Em A (v. 6), após a describo do fato do lava-pés, presente nos versículos 4-5[[666]](#footnote-667), temos a reapáo de Pedro a este gesto de Jesús, que mostra o inicio de sua incompreensáo; já em A’ (v. 10a), temos a última resposta de Jesús, que esclarece definitivamente a incom­preensáo de Pedro. A correspondencia entre estas partes do para­lelismo é garantida pelo verbo vínxco que, presente em ambas, re­forja a importancia ou a necessidade do gesto de lavar os pés e faz com que A (v. 6) e A’ (v. 10a) se correspondam como iñtro- du^áo-conclusáo ou problema-solupáo. A’ dá a razáo convincente do motivo que levou Jesús a lavar os pés, e táo somente os pés, dos discípulos, indicando a Pedro que ele deve descobrir o significado mais profundo deste gesto. A pergunta feita por Pedro em A en­contra, aqui, resposta.

Entre B (v. 7) e B\* (v. 9), embota nao exista urna corresponden­cia garantida por termos que se evoquem mutuamente, podemos perceber urna semelhanoa a nivel temático. B’ concretiza o que B afirma. Em B Jesús diz que o que ele está fazendo Pedro nao pode entender agora. B’ demonstra como esta incompreensáo acontece. B e B’, portanto, sublinham a ignorancia presente de Pedro[[667]](#footnote-668).

Como termos centráis do paralelismo concéntrico temos C e C’, respectivamente formados pelos versículos 8a e 8b, que, reto­mando o verbo víkt® (víyxK-víy®), apresentam as posigóes ab­solutamente divergentes (oó pf|-éáv pf)) de Pedro e de Jesús em rela^áo ao lava-pés. No centro do diálogo temos, aínda, o essencial tema do pépog, que, paradoxahnente, vem (desconsiderado, de al- gum modo, por Pedro, com a expressáo tóv ai&va.

Todo o paralelismo gira, portanto, em torno da crescente in­compreensáo de Pedro, que passa da pergunta sobre a possibilidade de Jesús lavar-lhe os pés á decidida recusa para, depois, permitir e desejar ter nao só os pés lavados, mas, também, a cabera e as máos.

* + 1. *Leitura exegética:*

Com base na estrutura emergem os principáis pontos para urna leitura pormenorizada daquilo que diz respeito á figura de Pedro. Enfocaremos, pois, a sua surpresa e a sua incompreensáo, e conside­raremos o lava-pés como condicáo para o discipulado. Estes pontos nos permitiráo evidenciar o comportamento de Pedro e entender a sua ignorancia em relacáo ao que Jesús está fazendo.

* + - 1. *A surpresa de Pedro:*

Muito se discutiu sobre a natureza, o lugar e o momento em que se lavavam os pés, bem como sobre o seu significado simbólico ritual ou sacramental[[668]](#footnote-669); no entanto, pouca aten^áo se deu ao fato mesmo que é Jesús quem lava os pés dos discípulos.

Normalmente se retém que esta a^áo fazia parte da etiqueta da hospitalidade oriental: parece que existía o hábito de se tomar ba- nho antes de ir á casa de alguém; ao chegar lá, só os pés eram lava­dos[[669]](#footnote-670). Entre os judeus este servido era reservado aos escravos pa­gaos, e, em geral, o patráo nao o podía exigir de um circuncidado[[670]](#footnote-671). Deste modo, compreende-se a rea^ao de Pedro. Comungando desta mentalidade, ele nao necessitava de muita explicado para saber que nao competía ao Mestre lavar os pés dos discípulos[[671]](#footnote-672). Ele percebeu o contraste que existe entre a dignidade do mestre e o seu servido de escravo e resiste, de modo nobre, em aceitá-lo. A sua rea^ao é, pois, concebida em termos muito naturais e enérgicos. O acento vai colo­cado nao no lava-pés em si mesmo, mas no dado de que este servido é prestado por Jesús, que é o Mestre[[672]](#footnote-673). De fato, a surpresa de Pedro com o gesto absurdo de Jesús vem indicado tanto pela forma como se exprime (urna pergunta), como pelo vocativo Kúpie e pela colo- ca^ao enfática dos pronomes.

Kúpie, ctú pou vÍKieu; roúg nóóag; (v. 6b) é urna interrogado que exprime, de modo cortés, urna recusa, mas sublinha, sobretu- do, o caráter surpreendente do gesto que Jesús está fazendo[[673]](#footnote-674). Com o vocativo Kúpie, Pedro, como já o fizera em 6,69-71[[674]](#footnote-675), re- conhece Jesús como seu absoluto Mestre e, refazendo-se á sua con- fissáo de fé de 6,68-69, expressa todo o seu amor, venerado» ma’ ravilha e reverencia como discípulo[[675]](#footnote-676). Por conseguinte, nao se de­ve exagerar ao ponto de ver que Joáo concebe Pedro como tendo introjetado a mentalidade da dominado e que nao aceita, porque se ve súdito, o servido de um mestre que estabelece a igualdade[[676]](#footnote-677), ou que nâo pode admitir que o Messias se rebaixe a fazer um ser- viço de escravo[[677]](#footnote-678).

Na pergunta de Pedro temos, ainda, o pronome crû em po- siçâo de grande ênfase, no inicio da proposiçâo, e seguido do pro­nome pou. Esta ênfase e quase justaposiçâo dos pronomes pessoais coloca em relevo o quanto é paradoxal, para Pedro, o gesto de Jesus. O crû-Jesus e o pou-Pedro traduzem bem a surpresa do apòstolo[[678]](#footnote-679).

Estes pronomes nâo colocam Jesus e Pedro em oposiçâo, nâo fazem contrastar um gesto de humildade de Jesus com o orgulho de Pedro[[679]](#footnote-680).

O problema é que Pedro, surpreso com o gesto de Jesus, fica, num primeiro instante, só no nivel da materialidade deste gesto. Nâo consegue captar o que ele representa e, por conseguinte, tam- pouco apreende a sua importancia. Com efeito, na continuaçâo do diálogo, Jesus insiste na necessidade de lavar os pés dos seus discí­pulos, exige que Pedro supere a sua surpresa e aponta para a impor- tância e o efeito do gesto que está executando. Interessam-nos as palavras de Jesus no versículo 10, que, mais que urna explicaçâo do significado do lava-pés, é um reconhecimento e urna exigéncia que implica obediéncia[[680]](#footnote-681).

Com os termos ó leXoupévoq e KaOapôç Jesus, na verdade, nâo quer somente recordar a Pedro que ele e os outros discípulos torna­ram banho e que nâo têm necessidade de outro para ficarem lim- pos[[681]](#footnote-682). Estes termos acenam para aqueles que se tomaram discípu­los, e indicam a permanéncia em Jesus[[682]](#footnote-683). Destarte, Jesus, ao dizer que Pedro está limpo porque tomou banho, por um lado, faz refe­rencias a 6,66-69 e reconhece que ele já expressara a sua fé em Jesus, e, por outro, reitera que esta fé nâo é, ainda, perfeita. A verdadeira fé em Jesús implica, portanto, a aceitaçâo de sua morte como meta e cume de sua missâo, bem como a própria disponibilidade de, a seu tempo, passar pela perseguiçâo e pela morte[[683]](#footnote-684). Deixar-se lavar os pés por Jesús significa entrar nesta perspectiva e acolher o dom que Ele está para fazer de Si mesmo na cruz[[684]](#footnote-685). É fundamental que «o discípulo Pedro» supere a surpresa e tenha os seus pés lavados por Jesús.

* + - 1. *A incompreensao de Pedro:*

À medida que o diálogo prossegue, Joáo deixa particularmente claro que Jesús tem pleno conhecimento do que está fazendo; Ele sabe que a hora de seu retomo para o Pai chegou. E este é exata- mente o conhecimento que falta a Pedro, cuja incompreensao, em vez disso, é crescente. A sua incompreensao aparece explícitamente em B (v. 7), nas palavras de Jesús; em B’ (v. 9), que, com o equívoco de Pedro, concretiza a declaraçâo anterior de Jesús; e no embate en­tre o où pf| vü|tqç pou de C (v. 8a) e o èàv pi) viyiû oe de C’ (v. 8b).

1. 19 èytà *noiw où oôk olôaç âpri, yvàag ôè pera rama (v.7):*

Jésus nâo se maravilha com a surpresa de Pedro. Responde à sua pergunta de modo incisivo, como indicam os pronomes enfáti­cos ô èy<b Jtotœ e où oùk olSaç[[685]](#footnote-686); todavía, Jésus nâo repreende Pe­dro pela sua surpresa, que indica incompreensao. Antes, através do pronome où, dá um relevo que sublinha a sua incapacidade — jà evidenciada pelo verbo olôa na forma negativa[[686]](#footnote-687) — de, somente com as suas forças humanas, entender as implicaçôes do lava-pés e deixa transparecer um significado bem mais profundo, que escapa totalmente a Pedro4\*. Jésus exonera, pois, Pedro da culpa por esta ignorancia, deixando explícito, em seguida, que Pedro nâo entende, por enquanto (&pu), porque nâo pode; e faz o anuncio de que ele entenderá para raOra.

O adverbio de tempo &ptt é típicamente joanino[[687]](#footnote-688) e é usado enfáticamente para indicar um intervalo de tempo entre o presente e um futuro bem determinado[[688]](#footnote-689), que vem precisado pelo g£Tá rauta. Jesús, portanto, nao só aceita o mal-entendido de Pedro, mas escla­rece que esta sua situado nao é definitiva.

A expressáo petá rauta coloca o nosso passo na mesma linha dos textos que falam da compreensáo que é dada através da Ressur- reioao[[689]](#footnote-690). Agora os discípulos nao compreenderáo estas coisas, mas quando Jesús for glorificado, eles recordaráo que sobre isto fora escrito ou que Ele Ihes tinha dito. Por conseguinte, assim como só depois da Ressurreioao de Jesús os discípulos compreenderáo o ple­no significado da purificaQao do templo (2,12) e de sua entrada triunfal em Jerusalém (12,16), também somente depois da Ressur- rei^áo Pedro compreenderá o motivo pelo qual Jesús lavara os pés dos discípulos. Deste modo, na perspectiva do pensamento joanino, petó rauta nao se refere, primariamente, á explicadlo dada no dis­curso que segue ao lava-pés (13,12s), a qual é só urna revela?áo par­cial; ela alude ao tempo que segue as circunstancias da Morte e Res- surreiQáo de Jesús, quando será completada a sua missáo[[690]](#footnote-691).

Das palavras de Jesús, portanto, parece que o sentido do seu gesto deve permanecer escondido ou velado até a sua Ressurreidáo. A luz disto, o mal-entendido de Pedro serve para proceder a um es- clarecimento maior por parte de Jesús (v. 8b) e, teológicamente, in­dica que na Hora de Jesús os discípulos estao cheios de incompreen- sao; somente o Espirito Ihes revelará o sentido do agir de Jesus e do Seu caminho em dire^ào à morte. É somente com o dom do Espirito da Verdade que os discípulos poderáo compreender, em toda a sua profundidade, o misterio de Jesus.

1. *Kopie, pri tovq itódaq, pon póvov* dAAú... *(v.9):*

Estas palavras demonstram como a constatado de Jesus sobre a incapacidade de Pedro compreender o que Jesus estava fazendo **(B:** v. 7) se concretiza. Pedro entende a necessidade do lava-pés em termos físicos e quantitatives, equivocando-se mais urna vez[[691]](#footnote-692). Pe­dro entendeu que o servido que Jesus estava prestando era impor­tante, mas nao apreendeu em que modo. Nao entendendo que o dom de Jesus é completo em si mesmo, e pensando que a uniäo com Jesus depende do número ou da extensáo física da lavagem, cai no extremo oposto; mostra-se disposto a fazer-se lavar as outras partes do corpo, para obter, com seguranza, a sua parte com Cristo[[692]](#footnote-693).

A sua reaQäo está, deste modo, em continuidade com seu com­portamento anterior (A: v.6)[[693]](#footnote-694) e revela, por um lado, a sua índole impetuosa e o seu caráter fogoso, bem como coloca em evidencia o seu afeto e o seu apego a Jesus[[694]](#footnote-695), além do temor de ter que sepa- rar-se dele[[695]](#footnote-696), mostrando que ele tinha aderido pessoalmente ao Mestre. Por outro lado, eia revela que Pedro confunde a atitude vi­tal que inspira o modo de agir de Jesus, näo podendo, conseqüente- mente, traduzí-lo em programa pessoal de vida. Conquanto isto, a sua pessoa nao aparece antipática. Eia é descrita em termos huma­nos e este seu equívoco é visto sempre á luz da afirma^äo de Jesus: näo podes entender agora[[696]](#footnote-697).

1. *Ov pij víipyq pov toÒQ nóòaq sìq* tòv *ai^va (* v. *8a):*

Esta resposta de Pedro confirma e acirra o seu mal entendido. Ele, persistindo em pensar somente na impropriedade de ter os seus pés lavados por Jesus, confunde, a este ponto, completamente, o gesto e as palavras do Mestre[[697]](#footnote-698), e recusa, com absoluta obstinado, o seu servido.

A sua negalo é multo forte. De fato, a construyo où é urna negalo que nao admite dúvidas[[698]](#footnote-699). Nada pode alterar, portan­to, segundo Pedro, a sua decisào de nào deixar Jesus lavar-lhe os pés, de modo que é inútil Jesus insistir[[699]](#footnote-700). Todavía, embora a nào aceitado deste gesto de Jesus equivalila, na pràtica, a nào estar dis­posto a comportar-se como Ele, estas palavras de Pedro sào fruto de seu profundo respeito pelo Mestre e conseqüéncia do fato que eie ainda nào acolheu, em toda a sua profundidade, a revelado de Je­sus[[700]](#footnote-701). Deste modo, mais urna vez, nào é contra o lava-pés em si que ele reage, mas contra a obstinada decisào de Jesus mesmo lavar-lhe os pés. Pode ser que ele entenda mais do que aquilo que consegue articular, mas ele está ainda confuso; nào aferra o sentido das pa­lavras de Jesus e nào entende que, com este gesto, Jesus se situa na perspectiva que guiou toda a sua vida; nào entende, embora intua, que um discípulo possa e deva adotar a mesma atitude[[701]](#footnote-702). Por isso, quase ingenuamente, teima com Jesus.

Jesus, a seu tumo, faz urna declarado de necessària separado das coisas, e exige absoluta submissào. A primeira condilo para ser discípulo é o auto-abandono. E isto Ele exige e espera de Pedro. A construyo èàv pú» embora hipotética, nào indica dúvida; eia se contrapee à obstinada recusa de Pedro e se refere ao lava-pés como um evento esperado e desejado por Jesus. Sem isto, se desatam os la?os do discipulado[[702]](#footnote-703).

* + - 1. *O Lava-pés como possibilidade de discipulado:*

As palavras de Pedro em C (v. 8a) motivara as de Jesus era C’ (v. 8b); ambas encontram-se em estreita relaqáo. Pedro diz que nào deixa, absolutamente, Jesus lavar os seus pés eig tòv alcòva, enquan- to Jesus reafirma que assira Pedro nào terá pépo<; consigo. Estas duas palavras, alcòva e pépog, se corresponden na medida em que evocam a condilo futura de Pedro[[703]](#footnote-704). De algum modo, o tòv alcòva abre caminho para o pépo^ dito por Jesus, o qual se aplica também à situalo de Pedro, em conseqüéncia deste aconteci- mento[[704]](#footnote-705).

No quarto evangelho a expressào èxeiq pépo^ é *hapax[[705]](#footnote-706)’,* mas na literatura joanina, eia aparece em Apoc 20,6\*\*, fazendo referen­cia à recompensa eterna[[706]](#footnote-707). Ao longo do capítulo 13, por sua vez, verifica-se urna rela$ào entre «ter parte», «sofrimento» e «doario da vida», a qual ilumina a compreensào de èxeu; pepo«; (v. 8b), de sorte que a participado no sofrimento de Jesus é condilo necessària pa­ra ter parte com Ele na glòria do Pai[[707]](#footnote-708). Assim, ter parte com Jesus nào é só urna realidade futura gloriosa[[708]](#footnote-709) nem tampouco somente urna realidade extremamente terrena que diz respeito à participado na ceia com Jesus[[709]](#footnote-710); engloba, isto sim, tanto a participado e coope­rado na sua missào — com as suas conseqiièncias — como a parti­cipado na sua heran^a que é a sua vida e glòria futura. Ocupando o centro de nossa pericope, pépog surge corno urna categoria funda­mental para o discipulado, dando o objetivo da razào pela qual Je­sus lava os pés dos seus discípulos. Este seu gesto pode, portanto, tanto abrir como fechar para os seus seguidores a possibilidade de continuar no discipulado, pois os coloca em condido de “seqüela”, e faz com que permaneçam unidos a Jesus. O discipulado, alias, so- frerá um salto qualitativo; a seqüela consistirá em participar da sor­te e da herança de Jesus. Em última instância o lava-pés coloca o discípulo em companhia de Jesus[[710]](#footnote-711) e possibilità ao discípulo ter a vida eterna com Ele. Sem o lava-pés, o discípulo se auto-exclui, au­tomaticamente, desta seqüela[[711]](#footnote-712).

* 1. *Jo 13,36-38: a promessa de seqüela e o anuncio da negaçâo de Pedro:*

Em 13,36-38 temos um novo diálogo entre Pedro e Jesus. Joño faz Pedro retomar as palavras de Jesus de 13,33, quando anuncia, com urna linguagem misteriosa, a sua partida. O diàlogo começa com urna pergunta de Pedro, que denota urna compreensào parcial e, portanto, superficial, daquela revelaçâo de Jesus, abrindo cami- nho para urna maior elucidaçâo por parte de Jesus, embora quanto mais o diàlogo avança menos Pedro apreende a revelaçâo de Jesus. Deste modo, temos, mais urna vez, o esquema tipicamente joanino, segundo o qual a revelaçâo de Jesus progride em espirai, em base a mal-entendidos dos interlocutores e esclarecimentos por parte de Je­sus, o qual já aparece em 13,6-10a, insistindo sobre os equívocos de Pedro, como acabamos de verificar[[712]](#footnote-713). Vejamos a estrutura dessa perícope, para, a partir déla, abordamos os pontos exegéticos ati­nentes a Pedro.

* + 1. *Estrutura:*

O texto podo ser esquematizado da seguinte maneira: **A** 36 Aéyei aót^ lípov flétpoç, Kúpie, noû ÙKàyeiç; **A’** án£Kpí0T| aôt^ ’Ir|aoCç, "Onou ÚKáyro

**B** où óúvaaaí poi vuv àKoXouOqoai, àKoXou0f|aei<; 8è uarepov. **B\*** 37 Xéyei aÙTCù ô flétpoç, Kúpie,

Sià tí où Súvapaí ooi àKoXovéfjoai ûpti;

**C** Tqv úOb únép aou 0t)ocú.

**C’** 38 ánoKpívetai ’Ir|aovç,

Tf]v aou ónép èpoû 0f|creiç;

**B”** àpf|v àpflv Xéyœ CT°i, oô pù àXéKtœp (pœvfpm ëœç où àpvù<m p£ tpiç.

O texto apresenta, portanto, um esquema narrativo paralelísti- co na forma A-A’-B-B’-C-C’-B”, embora a relaçâo entre os seus membros nao seja de tudo perfeita, como mostranti B (v. 36c), que é bem mais elaborado que B\* (v. 37a) e B” (v. 38b), e B”, que mantém um paralelismo apenas temático com os correspondentes B e B’.

A (v. 36a) e A’ (v. 36b) se correspondem, além das introduçôes típicas da narraçâo do diálogo (XÉysi-ánEKpí0r|), com os advér- bios nov e ônou e com o verbo ônàyœ. Estes termos, ditos por Pedro e repetidos por Jesus, levantam, de modo enfático, a questáo sobre a partida de Jesus.

B (v. 36c), B\* (v. 37a) e B” (v. 38b) referem-se à impossibilidade de Pedro, agora, seguir Jesus. O paralelismo entre B e B’ é ga­rantido pelas expressoes o£> Súvaoaí poi-oó óúvapaí ooi e vvv àKoXovQfjaai-àKoXovôfiaai &pxi.

B (v. 36c) apresenta, ainda, um outro elemento que nao aparece em B’ (v. 37a), o àKoXovOfpeiç Sé Corepov. Além disso, B apresen­ta, internamente, urna estrutura elaborada quiasticamente: (a) vvv, (b) àKOÀ.ov0fjoai, (b’) àKolov0V|O£iç Sé, e (a) üorgpov, em que os termos internos b e b’ enfocam a seqüela, enquanto os termos exter­nos a e a’, o tempo desse seguimento (presente e futuro).

B’ (v. 37a) mostra que das palavras de Jesus em B (v. 36c), Pe­dro retoma somente o aspecto da impossibilidade do seguimento presente; nào se dà conta da promessa de seqüela futura.

B” (v. 38b), como já indicamos acima, mantém com B (v. 36c) e B’ (v. 37a) urna correspondencia de ordem apenas temática, ilus­trando urna das razóes por que Pedro nao pode seguir Jesus agora.

C (v. 37b) e C’ (v. 37c) apresentam estreitas correspondéncias literárias, pois a afirmaçào de Pedro de que dará a vida por Jesus (C) é totalmente repetida, salvo a necessària mudança da primeira à segunda pessoa, por Jesus (C’).

* + 1. *Leitura exegética:*

Levantamos, a partir do texto esquematizado, e em consonàn- cia com a apresentaçâo que Joáo faz de Pedro, très aspectos para urna leitura particularizada: a retomada, por Pedro, da temática da partida de Jesus; o dado de que Pedro nâo entende a promessa de que seguirà Jesus; e o como Jesus acolhe a atitude de Pedro.

* + - 1. *Pedro retoma a questào sobre a partida de Jesus:*

Depois de afastado o traidor, Jesus dirige-se aos discípulos fiéis e lhes anuncia que vai embora (13,31-33). Como eles nâo O podem seguir, deixa-lhes um mandamento que, se observado, manterá o Seu espirito vivo entre eles (13,34-35).

Pedro, por sua vez, sentindo que a partida de Jesus é o ponto central de tudo o que Jesus revelou[[713]](#footnote-714), e nao podendo ficar satisfeito com a promessa implícita de urna presenta na ausencia de Jesus, o interrompe para urna explicado: IIov ónáyEtg; (v. 36a). O verbo ónáyco, aquí, é compreendido, normalmente, como referindo-se à partida de Jesus na cruz, à gloria do Pai[[714]](#footnote-715). Todavía, a inteira per- gunta de Pedro é entendida diferentemente pelos estudiosos. Há quem veja que eia é indicio ou até mesmo fruto de irrita^ao que re­lacionaría as palavras de Jesus com áquelas de Jo 7,35 e 8,21, de modo que Pedro se sentiría comparado aos judeus incrédulos[[715]](#footnote-716), ou que, como eles, nao conheceria o que Jesus dissera sobre a Sua par­tida[[716]](#footnote-717). Outros véem aqui urna indicadlo de que Pedro retém de Je­sus só o que Ihe interessa e nao aquilo que Ihe toca como discípu­lo[[717]](#footnote-718)^ que, por isso, tocado pelo fato de Jesus ir embora, o dado de ser discípulo, amando os seus companheiros (13,35), Ihe repropóe outra realidade muito dura para ele[[718]](#footnote-719).

No entanto, devemos considerar que Jesus diz no versículo 33 o que já dissera aos judeus em 7,33 e 8,21, mas com significativas modifica<jóes. Os judeus nao podem seguir Jesus porque nao créem; aos discípulos, Jesus anuncia a Sua partida, e diz somente que eles nao poderao seguí-Lo. O clima das duas situares é bem diferente[[719]](#footnote-720). Por outro lado, Jesus nào responde claramente, até 16,5, que ele está indo para a morte. O lugar para o qual Jesus se dirige durante a sua partida, ou ao qual torna, é indicado, em Joño, somente urna vez, com um termo aparentemente espacial. É o caso de 14,2a, com a expressao “na casa do meu Pai’’. Em todos os outros referimentos Ele usa sempre urna linguagem misteriosa, ou com o advérbio indeterminado “onde”, ou com urna fórmula que sublinha a idéia de urna rela^ào pessoal[[720]](#footnote-721). Outrossim, a in- tendo de Pedro[[721]](#footnote-722) ao fazer esta pergunta é, como Jesus também dá a entender insistindo com o ¿koXoü6t)cteu; (v. 36c)[[722]](#footnote-723), seguí-Lo aonde Ele vai[[723]](#footnote-724).

O fato de Pedro nao fazer alusäo ao mandamento do amor do versículo 35 näo significa que nao Ihe tenha dado importancia[[724]](#footnote-725). Por tras de sua pergunta existe a demonstrado de sua prontidäo em seguir Jesus, e até mesmo urna vaga intuido de que neste caminho existe a presenta da morte[[725]](#footnote-726).

Destarte, Pedro coloca-se na mesma linha de comportamento que demonstrara durante o lava-pés[[726]](#footnote-727). Mostra-se extremamente de­voto ao Senhor[[727]](#footnote-728), embora nao apreenda totalmente o sentido de Sua ado e de Seu programa. A sua fé e o seu conhecimento sao, ainda, e tém que sé-lo, inadequados.

* + - 1. *Pedro nao entende a promessa de que seguirá Jesus:*

A verdadeira e própria pergunta de Pedro näo é diretamente respondida por Jesus. Ele näo se refere, ñas suas palavras seguintes (v. 36b-c), ao interrogativo de lugar koü, mas direciona a sua res­posta para o futuro do discípulo, relacionando a Sua partida com o seguimento que Pedro fará de Sua pessoa[[728]](#footnote-729). Vejamos como Jesus expressa esta relado e como Pedro a acolhe.

1. *A promessa de Jesus:*

O texto insiste assaz fortemente na idéia de seqüela. De fato, o B (v. 36c) da estrutura vem quiasticamente organizado:

- a - 06 Súvaoaí poi vüv

1. b - áKoXovOfjoai,

L b’ - ÄKoXov0f|<yEig 8é

**- a’ - UCTTEpOV**

Deste modo, os membros centráis (b e b’) se referem ao úko- XovGéto, no infinito aoristo e futuro do indicativo, e os extremos (a e **a’)** refor^am a distincäo temporal, indicada pelas formas verbais, com vöv **(a)** e öcrcepov **(a’). À** partida de Jesus seguirá, portanto, a seqüela de Pedro[[729]](#footnote-730).

’AKolouGéw é urna importante palavra para a linguagem do discipulado[[730]](#footnote-731). Seguir Jesus é a exigencia básica para quem quer tor- nar-se seu discípulo[[731]](#footnote-732). Embora este termo nao indique ainda o mar­tirio, do contexto se deduz que seguir Jesus quer dizer, em último caso, seguí-Lo na Sua morte e na Sua glòria[[732]](#footnote-733). Antes de seguir Je­sus na Sua glòria (12,26; 14,3) é necessàrio que O siga na morte (21.18-19)[[733]](#footnote-734)\*.

Insistindo na idéia de àKoXouOéo), Jesus quer encorajar Pedro, e faz urna explícita promessa de que a ele tocará percorrer o mesmo itineràrio, em diremo da mesma meta, ao mesmo tempo que deixa claro que isto nao é possivel agora. Por enquanto, como indica a expressao oò Svvacai poi vvv àKoXouGfjaai, Pedro deixará escapar, ou se lhes escaparäo, quaisquer oportunidades para come^ar esta se­qüela[[734]](#footnote-735). Esta mesma idéia é reforjada com a distingo temporal en­tre vöv e uoTEpov, que, como a distingo entre ápri e perú rauta feita por Jesus em 13,?[[735]](#footnote-736), projeta luz sobre os acontecimentos, enca- minhando-os para a perspectiva de sua Morte e Ressurrei^ào[[736]](#footnote-737). Por conseguíate, esta incapacidade de Pedro seguir Jesus agora, em con­fronto com a possibilidade posterior, acena para o fato de que, para seguir Jesus, Pedro deve antes tomar-se maduro[[737]](#footnote-738). Mas isto nào de- penderá, fundamentalmente, do desenvolvimento ou melhoramento de seu caráter, e sim da a?áo salvífica de Jesús. Nao está, pois, na própria liberdade do discípulo, escolher e determinar o como seguir Jesús; esta escolha é um presente divino", urna elei?áo[[738]](#footnote-739).

1. *Como Pedro acolhe esta promessa de seguimento:*

A rea^áo de Pedro transparece quando ele retoma as palavras de Jesús (B’: v. 37a) e quando faz a promessa de que dará a vida por Ele (C: v. 37b).

1. *diá tí oó óóvapaí aoi aKoAovOrjoai ápti; (13,37a):*

Pedro mostra-se pouco sensível e nao se conforma com a pro­messa de um seguimento posterior. Insistindo em perguntar 8iá tí oó Súvapaí ooi áKoA.ou0f)oai &pxi; Pedro revela que, mais urna vez, nao pode captar a profundidade das palavras-relevaQao de Jesús. Considera o áKoXouOéo na sua materialidade, como urna possibili- dade humana, e sem considerar a sua relajo com a partida de Je­sús, ignora a natureza redentora desta[[739]](#footnote-740). Nao aceita o fato de nao poder acompanhar Jesús agora e inverte a ordem dos conceitos: pa­ra ele, é mais importante a distintió temporal. Ele retoma, assim, o aoristo incoativo de áKolovOéco e o adverbio &pxi[[740]](#footnote-741), insistindo no imediato principio da seqüela. A intenso de Pedro pode ser exce­lente[[741]](#footnote-742), mas ele nao pode entender que Jesús deve abrir o caminho, e que o que ele fará será urna seqüela e nao urna companhia[[742]](#footnote-743)\*.

1. *Tifo y/v/r/v poo ónép aoó 0f¡o(o (13,37b):*

Mesmo na sua limitada compreensao, Pedro intui que este ca­minho é de risco e que pode assumí-lo em grau extremo. Irónica­mente[[743]](#footnote-744), portanto, Joáo faz Pedro assumir, com excessiva seguran­za, urna linguagem que é peculiar a Jesús. Pedro se propóe a agir como o Bom Pastor, sobre o qual Jesus, incisivamente falara no capítulo 10, fazendo aquilo que, na verdade, Jesus estava fazendo por eie: dar a vida[[744]](#footnote-745).

A seguranza excessiva de Pedro[[745]](#footnote-746) aparece ainda através do verbo tì0t)|u. Of]oco, em posilo enfàtica, està quase contradizendo a afirmado que o tempo verbal, futuro, quer fazer aparecer segu­ra[[746]](#footnote-747). Embora nào perceba, mesmo que seguramente o reivindique, o alcance do que significa projetar a sua vida no sentido que Jesus projeta a Sua, de suas palavras transparece urna ingenua adesào a Jesus, mostrando o seu despreparo para a Paixào de Jesus.

* + 1. *Como Jesus acolhe o comportamento de Pedro:*

O comportamento de Jesus em relajo a Pedro nao aparece ex­plícitamente no texto, mas pode ser verificado através de tres si- tuacòes: da promessa de que Pedro O seguirá depois (B: v. 36c); da repetido, como espelho, da pretensào deste discípulo dar a vida por Jesus (C’: v. 38a); e da subseqüente previsáo de que Pedro O negará (B”: v. 38b).

Em B (v. 36c), nao obstante o paralelismo antitético entre vvv e üoTEpov, a idéia de tempo é subordinada. O acento principal na co- locaQào de Jesus se refere á possibilidade do seguimento[[747]](#footnote-748). Jesus garante que Pedro O seguirá. Além do enfático áKolouOéo, o futu­ro traduz também esta certeza, indicando ou fazendo pressentir que, a seu tempo, Pedro, certamente, terá as condicòes para tanto[[748]](#footnote-749). Deste modo, Jesus nào recrimina Pedro pela sua descabida pergun- ta; ao contràrio, mostra urna certa compreensào pelos seus limites e relaciona a Sua partida com a vida de Pedro, assegurando-lhe a condirlo de discípulo. Isto o faz, mantendo o mesmo caráter um tanto misterioso de sua Revela^ào, isto é, mantendo-se no seu nivel de compreensào.

Descendo ao modo de pensar de Pedro, que assume um segui­mento material e presente, considerando-se em condi^oes de dar a sua vida, como resgate, por Jesus, Jesus retoma ao pé da letra as pa­lavras do discípulo, mas na forma interrogativa. A este nivel, tanto a interrogagào como a posilo enfática da forma verbal Otjocu;, no fim da pergunta — que coloca em dúvida toda a seguranza que o futuro por si mesmo exprime[[749]](#footnote-750) — fazem com que Jesús revele, com urna certa ironia, a inconsistencia dessas palavras: Pedro nao dará, como e quando julga podé-lo, a sua vida por Jesús. Antes, agindo aínda segundo esta mentalidade — a referencia ao canto do galo in­dica um espado de tempo muito curto, próprio naquela noite, até a alvorada, fazendo alusáo á categoría de tempo segundo a qual Pe­dro se move[[750]](#footnote-751) — Pedro negará Jesús, jurando repetidamente nao conhecé-Lo. O termo ápvf|OT] é um conjuntivo prospectivo, que tem, portanto, o sentido de futuro e assume o caráter de certeza: se­guramente, sem nenhuma dúvida, Pedro negará Jesús[[751]](#footnote-752). Com este anuncio, Jesús quer, na verdade, fazer com que Pedro caia em si, to­me consciencia de sua justa medida e redimensione a sua vida se­gundo a mentalidade de Jesús[[752]](#footnote-753). Este anuncio nao pode ser isolado de seu contexto nem determinar negativamente o testemunho que Pedro dá de Jesús. Ele está inserido numa perícope cuja énfase está na previsáo de que Pedro seguirá Jesús, e, quando oportuno, parti­cipará de seu destino. A previsáo da negado nao sela o destino de Pedro e nao é fruto de urna posi^áo conscientemente assumida con­tra Jesús.

Assim, passando, de novo, ao modo de pensar de Jesús, a exata repetidlo das palavras de Pedro dá um ná0o<; singular á sua inter­vengo, como se ele aceitasse a sua verdade essencial e olhasse, mais adiante, para o tempo em que esta promessa se cumprirá113.

2.3. *13,21-26: Pedro intervém na identificando do traidor:*

O membro C’ (13,21-30) do esquema concéntrico com que se organiza o capítulo 13, é centrado, com vimos[[753]](#footnote-754), na identificado do traidor, afunilando e detalhando os dados apresentados com o anuncio de que Jesús sería traído, em C (13,16-20). Este membro compóe-se de duas partes bem determinadas: os versículos 21-26 in- dicam, de fato, o traidor, e nos versículos 27-30, Jesús o exorta a fa­zer logo o que ele tem que fazer. As duas pequeñas partes sáo co­nectadas por meio do vocábulo Ywpíov (v. 26.27), além da evidente continuidade de cena e de a?ao[[754]](#footnote-755).

É na primeira parte, isto é, em 13,21-26, que temos a presenta de Pedro. Diante da perplexidade dos demais discípulos com o anuncio, agora concreto, da trai^ao, Pedro pede a um discípulo ca­racterizado como o discípulo que Jesús amava, para perguntar ao Mestre quem é aquele que O entregará.

Este é o primeiro dos dois únicos passos em que Pedro aparece sem interagir diretamente com Jesús[[755]](#footnote-756), e tambán o primeiro passo em que aparece ao lado deste discípulo[[756]](#footnote-757), suscitando numerosas questoes relativas tanto á relamió de Pedro com este discípulo, como com Jesús, bem como em tomo das condi^óes em que Pedro faz a referida pergunta.

Antes de procedermos á leitura exegética, na qual estes proble­mas vém á tona, vejamos a crítica textual e como a perícope pode ser estruturada.

* + 1. *Critica textual:*

Nesta perícope existem varias linóes variantes. Discutamos bre­vemente, e somente as mais significativas, já que a escolha de urna ou outra nao incide diretamente sobre o quadro joanino acerca de Pedro.

Em 13,24 um considerável grupo de manuscritos e versóes (P66 ADKWA0Ilfl.l3 Byz sy cop), com pequeñas variantes, atestam nuGéoGai ríg av eít|, enquanto outro (B C L X 068 33 892 pe lat) traz Kai Xéyei aórcb, Einé tí<; éonv..., além de x, que com­bina as duas linóes. Ambas sao claramente antigas, mas a segunda se adapta melhor ao quarto evangelho, já que é mais simples e característica do estilo joanino, o qual prefere o discurso direto aquele optativo[[757]](#footnote-758).

Em 13,26, XajiPávet Kaí é omitido por alguns manuscritos e versóes ( K\* D ® it vg sin pesh). Talvez os demais manuscritos te- nham acrescentado esta expressáo de modo a evocar a asao de Jesús durante a última ceia como referindo-se á Eucaristía[[758]](#footnote-759). Ainda neste versículo, o P“ k A 0 T e outros manuscritos, com pequeñas va- riasdes, léem páyag xd ycopíov ¿ntScbaco aóx$, o que é sinal de que estes antigos manuscritos procuravam melhoramentos estilísticos. Por outro lado, sao típicamente joaninos o uso de dois verbos fini­tos ligados pela conjunto Kaí e a tendencia a evitar os verbos com- postos[[759]](#footnote-760).

* + 1. *Estrutura:*

Esta perícope pode ser estruturada da seguinte maneira:

1. Taina eítwbv Ti]ctov<; érapáxGn to nveúpari Kai épapTÚpqCTfiv Kai eíkev,

**- A** ’Apfjv ápf|v Xéyco ópív 6n eí? ópcov napaSóoei pe.

1. SpXejtov eig oí paGnTOi ánopoúpevoi nspi xívo? Xéysi.

**- a** 23 f|v ávaK£Íji£vo<; elq ¿k tóv paOqTCóv aóxoü t- **b** év KÓXncp tov Tt|oov, l— **h’** Rv ó vó lto ó ’Incrnòr

**L b’** 6v ÚYÓJta ó Tqcoúg.

L- **a’24** veúei oóv ToÓTcp Lípcov néxpog

**C** Kai Xéyst aór^, Einé tíq éanv rapì 06 XéyEt.

**L B’** 2S ávaneacov oóv ¿keívo«; oütox; èni tó orfiOog toó Tnoov XéyEi aÙTÒ,

Í

Kúpts, xíg ¿cttiv; 26 ànoKpivETai ’IqooCg, ’Ekeívói; èoTiv $ èyà> 0áya> tó ycopíov Kai Sòcco aína». Báyag oóv tó \|/copíov SíScomv T0Ú89 Sípcovo^ Tmcapidnou.

A perícope está estruturada seguindo, pois, um paralelismo concéntrico, sob a forma A-B-C-B’-A’.

A (v.21b-22) e A’ (v.25b-26) se corresponden! na medida em que ambos se referem á identidade do traidor. Existem, assim, va­rias expressoes que se chamam em causa reciprocamente, segundo urna progressiva revelad0 da identificado daquele que entregará Jesús. Deste modo, á expressáo partitiva e indeterminada eíq é^ ópñv de A (v.21b-22), corresponde o interrogativo xí«; éoxiv, os de- monstrativos — menos indeterminados — ¿keivo; e tróxó«;, e o no- me próprio ’Ioú5q Síptovo«; ToKapióxov de A’ (v. 26). Igualmente o nepi xívo«; de A vem decisivamente retomado na interrogado tí«; éoxiv; de A’. Temos, entao, um movimento que vai da suspeita de quem será aquele que entregará Jesús (el«; ¿4 - nepi xívo;) ao

conhecimento de que ¿keívo; é Judas.

A correspondencia entre B (v. 23-24a) e B’ (v. 25) é garantida pelas expressoes el«; ¿k xtov |xa0T)Tñv auxoO/xoÚTq) e év x^ KÓXntp xou Tqoov, de B, que se correspondem, respectivamente, com ¿keívo«; e oOxto«; éni xó CTxfjGo«; xou Tqoov de B’. Estes membros do paralelismo apresentam um outro discípulo que aparece em contraposido a Judas. Podemos, de fato, ver que as expressoes partitivas el«; é^ óptov de A e el«; ¿k xtov paGqxóv aóxov de B estabelecem um certo paralelismo antitético entre estes membros.

Além disso, B (v. 23-24a) está organizado internamente segun­do um esquema quiástico (a-b-b’-a’), apresentando, nos extremos **(a-a’),** as referencias gerais — el«; ¿k xtov pctGrixtbv aurou e xoúxcp — ao outro discípulo, que vem definido em b-b’ como aquele que está év xtp KÓlnq) xou Tqoov e que t)yáita ó Tt|ctov«;. Estar apoiado no peito de Jesús é urna prerrogativa de quem é por Ele amado.

Em C (v. 24b), no centro da perícope, temos o imperativo elné e a expressáo xí; éoxiv nepi oó Xéyei, que, como ponto de conver­gencia, costura a interado entre os vários personagens, nos outros membros do paralelismo.

* + 1. *Leitura exegética:*

Á luz desta estrutura, discutiremos sobre as principáis questóes atinentes á presenta de Pedro na perícope. Veremos as circunstan­cias que envolvem as suas palavras e os dados sobre sua relado com o Discípulo Amado e com Judas.

* + - 1. *As circunstancias em que Pedro fala:*

O efeito que as palavras de Jesús provocam nos discípulos é de estupor e perplexidade. Eles fícam constrangidos e passam a colocar em dúvida a inocencia deles; ninguém ousa perguntar a Jesús quem O entregará, como que admitindo a possibilidade de ser cada um deles[[760]](#footnote-761). O silencio se faz pesado. Cabe a Pedro por fim ao emba­razante incómodo, intervindo. Assim, é ele quem toma a iniciativa para pedir que Jesús revele, logo, de quem se trata. A sua azao apa­rece, pois, súbitamente, como em favor dos discípulos, de modo que ele age como porta-voz ou catilisador do grupo[[761]](#footnote-762).

Apesar disso, Pedro nao fala diretamente com Jesús; serve-se de outro discípulo, caracterizado como o Discípulo Amado **(B, b-b’:** v.23-24a). Os termos que definem a sua comunicazao com este discípulo sao veúei e Xéysi.

Neúet, literalmentre, quer dizer que Pedro acenou com a ca­beza, num gesto necessário para chamar a atenzao para que o discí­pulo se inclinasse mais na sua direzao e pudesse entender o que ele diría[[762]](#footnote-763).

Surgem aquí duas questóes extremamente afins: a ordem dos discípulos para a ceia, e o porqué de Pedro nao falar diretamente com Jesús.

Prat, estudando a disposizao á mesa e os lugares de honra entre os judeus contemporáneos de Jesús, afirma que eles seguiam o cos- tume geral do mundo semita de comer espreguizado ou semi-deita- do, apoiando o corpo no cotovelo esquerdo[[763]](#footnote-764). Aínda á luz deste costume, a disposizao dos discípulos durante a última ceia seria triangular, com cinco discípulos em cada um dos lados, e dois discí­pulos com Jesús no centro, sendo que o lugar á esquerda de Jesús era o de maior honra, enquanto á sua direita ficava o segundo lu­gar[[764]](#footnote-765). Prat deduz, por outro lado, que o discípulo que Jesús amava e Pedro estavam respectivamente á direita e á esquerda de Jesús. Para ele, a informazao de que o Discípulo Amado se inclina sobre o peito de Jesús (13,25) é plausível somente se Jesús, apoiado sobre o cotovelo esquerdo, teria, á sua direita, este discípulo; além disso, pa­ra que pudesse fazer sinais sem chamar a atenzao e sem ser visto pe­los demais, Pedro deveria ter se inclinado por tras do corpo de Jesús e se aproximado ao ouvido do outro discípulo. Este movimento é facilitado se Pedro estiver á esquerda de Jesús[[765]](#footnote-766).

Brown considera também que o Discípulo Amado está á direita de Jesús, e sugere que é Judas quem ocupa a sua esquerda, para que Jesús possa dar-lhe o bocado de pao[[766]](#footnote-767). Isto nao seria estranho, já que, como tesoureiro, ele poderia ter assegurado um tal lugar entre os discípulos. Kuhn[[767]](#footnote-768) releva que ñas refeicóes dos essénios e em Qum- ran, se podía falar somente segundo a ordem e a disposicáo á mesa. Com base neste dado, concluí que o Discípulo Amado estaría em lu­gar superior a Pedro e que tinha direito de falar primeiro com Jesús.

O texto mesmo nao diz nada sobre a posi^ao que Pedro ocupa- va, sendo certo somente que ele nao estava num lugar favorável pa­ra perguntar alguma coisa a Jesús[[768]](#footnote-769). A sua a^áo, por outro lado, pode ser explicada, como sugere Brown[[769]](#footnote-770), simplesmente como se ele estivesse a urna certa distancia e nao quisesse fazer tal pergunta gritando[[770]](#footnote-771). O texto nao insinúa outras interpretacóes, nem a sua estrutura tece particulares relaces sobre Pedro; coloca, outrossim, as suas palavras no centro do paralelismo, o que faz com que estas sejam o ponto de chegada e de partida do movimento da perícope, resumindo — na sua pergunta estáo representados todos os perso- nagens e acóes — toda a problemática do momento, embora esta, em consonancia com a situa^ao das duas perícopes anteriores[[771]](#footnote-772), se Ihe escape.

* + - 1. *Pedro, o Discípulo Amado e Judas:*

A presenta do discípulo que Jesús amava abre, nesta perícope, a questáo sobre a sua relaQáo com Pedro. Vejamos em que termos esta problemática aparece no texto.

A describo sobre este discípulo se concentra em B (v. 23), com as expressòes f|v ávaKEÍ|i£Vo<; sl<; ¿k x<bv |iaOr]XG)v aóxoC (a), év x<ñ KÓlntp xou ’It|ooù (b) e 6v f|yána ó Tqooíig (b’), e vem retomada em B’ (v.25), com a referencia de que ele àvansocòv ... ènì xò oxfjOoq xov Tqoov.

A expressao fjv ávaKEÍpEvog ... év xm KÓXjwp xou Tqoou ex­prime mais que o simples fato de que este discípulo estava coloca­do assim próximo de Jesus só fisicamente, à mesa. Evocando 1,18, assume um sentido simbólico mais profundo[[772]](#footnote-773), estabelecendo urna semelhan^a de relajo entre *Jesus-o Pai* e *Jesus-este discípulo.* Ambas relaces se fundam na intimidade e na confidencia. Assim como Jesus repousa no seio do Pai, este discípulo repousa em Je­sus, indicando que o verdadeiro discípulo está em Jesus como Je­sus está no Pai[[773]](#footnote-774).

Esta privilegiada condilo de discípulo é aínda reforjada por dois recursos. Pela associalo entre os termos év x^ KóXncp e 6v f|yána, que sugerem esta especial intimidade[[774]](#footnote-775), e pela frase mesma 5v f]yána ó TqooC<;, que, colocada inteiramente no firn do período (v. 23), e quase fora do contexto ¡mediato, assume um relevo parti­cular, que sublinha a situado especial deste discípulo, marcada pelo reconhecimento de urna exclusiva uniáo de amor[[775]](#footnote-776).

É, portanto, indiscutível que o evangelista sublinha a privilegia­da condilo deste discípulo como o homem de confianza de Jesus. Poder-se-ia, além disso, afirmar, comparativamente, que o Discípu­lo Amado representa, mais que Pedro, o verdadeiro discípulo, sendo mesmo um espelho para Pedro[[776]](#footnote-777); e que entre o Discípulo Amado e Jesus nào existem barreiras, enquanto Pedro nao pode tomar inicia­tiva de falar com Jesus, nào está ao seu lado, nao compreende o seu amor[[777]](#footnote-778), ocupando urna posilo inferior áquela ocupada por este discípulo[[778]](#footnote-779). Todavía, mima leitura apologética, poder-se-ia alegar, em desvantagem para o Discípulo Amado, que ele, urna vez conhe- cendo a identidade do traidor, nada faz para evitar a tragèdia, nào exercendo, por conseguinte, a fun^áo de mediador nem para Pedro nem para os outros discípulos[[779]](#footnote-780), ou mesmo que nào Ihe estaría in- dicado o maior lugar de honra na mesa, com Jésus, existindo um outro com esta prerrogativa[[780]](#footnote-781).

Conquanto sugestivas estas insinuaçôes, très dados dizem que a intençâo do texto nâo é estabelecer uma comparaçào entre os dois discípulos:

— A narraçâo nâo insiste sobre o Discípulo Amado; ela se ramifica e nos versículos 21-30 a atençâo é colocada sobre a traiçâo como tal[[781]](#footnote-782). Explícitamente sobre o Discípulo Amado nâo se diz mais nada até 19,26.

— Igualmente a narraçâo se descuida do fato de Pedro ter pedido ao Discípulo Amado que perguntasse a Jesús sobre quem era o traidor, nâo fomecendo mais nenhuma comunicaçâo entre os dois[[782]](#footnote-783).

— Aínda, o dado de que o Discípulo Amado apareça ao la­do de Pedro nada afirma em favor de uma comparaçào ou compe- tiçâo entre os dois. Na verdade, a estrutura revela claramente, con­trapondo A-A’ (v. 21.26) a B-B\* (v. 23-24a.25) que o confronto é en­tre o falso e o verdadeiro discipulado, entre Judas e o Discípulo Amado[[783]](#footnote-784), de sorte que nâo apresenta nenhuma associaçâo entre Pedro e este discípulo, nem estabelece nenhum confronto entre eles. Em virtude disso, é também fortuita a associaçâo de Pedro a Judas. Nâo existe, na concatenaçâo da perícope, nenhuma sugestáo nesse sentido[[784]](#footnote-785).

NOTAS CONCLUSIVAS DO CAPÍTULO

Na unidade literária que é o capítulo 13, existem très cenas que fomecem dados típicamente joaninos acerca da concepçâo de Pe­dro[[785]](#footnote-786). Cometa com o diálogo de Pedro com Jesús durante o la- va-pés, no qual póe a base para a relapao mestre-discípulo; depois, na pergunta sobre o traidor (v. 21-26) e no anuncio da seqüela pos­terior de Pedro e de sua nega^ao (v. 36-38) traz outros aspectos do discipulado, dedicando urna especial ateneo a este tema.

Estas cenas primam por mostrar as tendencias gerais das atitu- des de Jesús e de Pedro. Elas insistem, por um lado, no pleno conhe- cimento de Jesús. Ele é alguém que age e detém um saber secreto, chave de seus atos. Aquilo que ele sabe e faz nem Pedro nem os ou­tros discípulos estao em condi?óes de compreender sozinhos. Por outro lado, mostram que Pedro nao compreende a necessidade nem a iminéncia da Paixáo, entendendo mal, num esquema típicamente joanino, a Revelagáo de Jesús.

Esta sua incompreensáo, nao obstante constante e declarada, nao assume um caráter negativo. Pedro é tido, por um lado, como representante dos discípulos, e por outro, se insere na dinámica da revelado e da a?áo salvífíca de Jesús.

Com efeito, os seguintes pontos mostram que Pedro é represen­tante do grupo dos discípulos: a mudanza, sem solu^áo de continui- dade, entre os pronomes oú e úpete; entre os versículos 7 e 10a e, in­versamente, em 13,38 e 14,1, urna mudanza que equivale, em outras palavras, á passagem do “tu” de Pedro ao “vós” dos discípulos; a sua intervengo em prol da identificado do traidor, que é colocada em seguida á constatado da perplexidade dos discípulos; e mesmo a sua incompreensáo, a qual caracteriza também a situado dos discí­pulos antes da Paixáo; a indeterminado do lugar que Pedro ocupa na última ceia, e a ordem segundo a qual os discípulos tém os pés lavados tomam-se, em vista disso, de secundaria importancia.

Inserida na dinámica da revelado progressiva de Jesús e de sua a^áo salvífica, a falta de conhecimento de Pedro e sua incompreen- sáo em relapao a Jesús assumem um caráter de provisoriedade; nao podem ser definitivas. Váo somente até a Paixáo, Morte e Ressur- rei^áo de Jesús. Até ai ele vivera o paradoxo: professara a sua fé em Jesús, quer corresponder a esta fé, mas nao conhece suficientemente o seu projeto e a sua mentalidade, a ponto de chegar á plenitude de sua adesáo. É com a Ressurrei?ao que o Espirito Ihe revelará o sen­tido do agir de Jesús e de Sua morte; e que ele terá, entáo, condi^óes de seguí-Lo. No momento, mesmo que ele nao entenda, isto Ihe é assegurado.

Chama-nos, de fato, a ateneo, as numerosas cláusulas futuras no texto. E isto nao é por acaso. Inserem-se na mesma dinámica do oí) Klq0T|cn] Kr|(pñq de 1,42, indicando, na sua trajetória, já algu- mas características de como será Kr|(pa<;.

Pedro nao aparece, de novo, até 18,10.

**PEDRO NEGA A SUA CONDIQÁO DE DISCÍPULO  
E O SEU PASSADO DE ADESÁO A JESUS**

**(JO 18,10-11.15-27)**

**Na narrando sobre a Paixáo temos a presenta de Pedro em duas cenas consecutivas[[786]](#footnote-787): no jardim, quando reage á prisáo de Je­sús ferindo um dos adversarios (v. 10-11); e no palacio de Anás, on­de, enquanto acontece o interrogatorio de Jesús (v. 19-24), Pedro nega ser Seu discípulo (v. 15-18.25-27), confirmando assim a previ- sao feita por Jesús em 13,36-38.**

**Estas cenas sao importantes pela orientado cristológica que tém e porque progridem no sentido de esclarecer em que consiste o seguimento de Jesús. Em ambas as dimensoes a figura de Pedro aparece diretamente envolvida, de modo que evidenciar como ocor­re a sua participado nestas dimensoes é um grande passo na apre­sentado da concepdo que o quarto evangelho faz de sua pessoa. Procederemos, assim, ao estudo destas duas perícopes, e no final re­tomaremos, numa abordagem conjunta, as principáis características do nosso discípulo.**

1. *18,10-11: Pedro fere um servo do sumo sacerdote:*

**Antes da leitura exegética, vejamos o contexto em que esta pe- rícope se encontra.**

* 1. *O contexto dos v. 10-11:*

**O quadro em que Pedro corta a orelha de um funcionário do sumo sacerdote se insere na primeira das cinco partes que compoem**

a narraçâo joanina sobre a Paixâo, a quai compreende os versículos 1-11 e apresenta Jésus num jardim, no outro lado do Cedrón. Esta cena é composta de uma introduçâo (v. 1-3) e da narraçâo sobre a prisào de Jésus (v.4-11), que é apresentada em très etapas[[787]](#footnote-788).

Os versículos 1-3 fazem a apresentaçâo dos personagens que aparecem na cena, escalando-os claramente em duas categorías: Jésus e os seus discípulos (v. lb.2b) e Judas e os adversarios de Jé­sus; estas duas categorías estâo presentes em todo o desenrolar da açâo até o versículo 11, sendo que os adversarios de Jesús domi­nara a primeira etapa (v.4-6); os discípulos de Jesús, em geral, ocupara a atençâo da segunda (v. 7-9), enquanto um discípulo pre­cisamente determinado, Pedro, a terceira (v. 10-11). Assim, em 4-6 Jesús declara a sua identidade (éyó eipi) e seus adversários caem por terra diante desta sua revelaçâo (v. 5-ób)[[788]](#footnote-789); em 7-9 temos uma nova declaraçâo de Jesús que visa defender os seus discípulos[[789]](#footnote-790) e nos versículos 10-11 temos o gesto de defesa de Pedro que quer im­pedir a prisào de Jesús, e a Sua conseqûente reaçâo, recusando o gesto do discípulo[[790]](#footnote-791).

Este esquema é costurado pela conjunçâo oúv, que aparece sempre como o segundo termo na abertura de cada subdivisao das cenas[[791]](#footnote-792).

Os versículos 10-11 constituem, entáo, claramente, urna pe- quena unidade de cena dentro dos versículos 4-11: nao sao mais Judas e os adversarios de Jesús, nem os discípulos considerados globalmente, quem interage com Jesús, mas é específicamente Pe­dro. E isto dura até 18,12, quando, além de um novo oCv, temos urna nova mudanza de lugar e de personagens, voltando á tona os adversários de Jesús, que O prendem e O conduzem a Anás[[792]](#footnote-793). Por outro lado, esta cena (v. 10-11) mantém com 18,1-9 urna estreita conexáo, reproduzindo dois tipos de atitude fortemente presentes nestes versículos.

A primeira atitude que faz conexáo entre os versículos 10-11 e os demais versículos que descrevem a cena do jardim é a total liber- dade assumida por Jesús. Todas as subdivisdes acentuam a liberda- de com a qual Jesús abraca a Paixáo, enfatizando o Seu poder e a Sua vitória[[793]](#footnote-794), numa imagem antecipada de Sua glorificacáo na cruz[[794]](#footnote-795), É nesta perspectiva que se insere a Sua recusa em aceitar o gesto de defesa oferecido por Pedro: Tó noTiíptov 6 SéScoKév pot ó narfip ot> pfi níto avió; (v. 11).

Urna segunda conexáo é representada pela figura de Pedro. Ele reproduz o mesmo tipo de comportamento dos adversários de Jesús; apesar de atribuir á arma e á violencia urna finalidade oposta, tam­bém usa délas, demonstrando estar, pelo menos até um certo ponto, no mesmo nivel deles[[795]](#footnote-796).

18,28-40; 19,1-16; 19,17-26; 19,29-42), enfatizando a sua força na estruturaçâo de toda a narraçâo.

* 1. *Exegese:*

Abordaremos, em primeiro lugar, a intervenijao de Pedro e, em seguida, veremos a atitude de Jesús como rea^áo que redimensiona essa interven^ao.

* + 1. *A intervengao de Pedro (18,10):*

Vejamos como o evangelista apresenta esta cena, atentando pa­ra a describo sobre a a^áo de Pedro, em si mesma, e para a moti- va^áo desse seu gesto.

* + - 1. *A afao de Pedro:*

A a$ao de Pedro é descrita pelo evangelista de modo detalhado e preciso. Salientamos a seqüéncia das infbrmaQÓes: Pedro, que tinha urna espada (e%(dv pá/aipav), desembainhou-a (eIXkvctev aÚTTjv) e feriu (ÉnaioEv) o empregado do sumo sacerdote, decepando-lhe (ánéKoyev) a orelha direita.

Nao é por acaso que o evangelista diz que Pedro tinha urna es­pada. Ele usa o participio presente de ex®, que parece sublinhar este fato como insólito[[796]](#footnote-797): sucede que Pedro tinha urna espada. Esta in- fonna^áo é procedente, haja vista que ordinariamente nao era per­mitido portar armas ñas grandes festas e sobretudo na noite de Pás- coa[[797]](#footnote-798). Assim, ao frisar que Pedro estava armado, é como se o evan­gelista quisesse antecipar algo do que acontecería.

Em seguida, o evangelista enfatiza o movimento de Pedro, de dois modos: mesmo que seja evidente nao se poder ferir alguém com urna espada embainhada, diz que Pedro eiXkuqev a espada e Snat- oev o servo do sumo sacerdote. Além disso, os verbos indicativos desta seqüéncia (£X.kw e naíio) estáo no aoristo, servindo para su- blinhar a qualidade do golpe: único e certeiro[[798]](#footnote-799).

O efeito deste golpe é indicado logo em seguida. Ainda um ao­risto (árcéKoyev) diz que Pedro cortou, isto é, decepou, a orelha di- reita deste servo. Benoit[[799]](#footnote-800) pensa que Pedro tenha escolhido delibe­radamente a orelha direita como um sinal de desafio, já que, segun­do a lei vigente sobre a indenidade, esta tinha maior valor; Mateos e Barreto[[800]](#footnote-801) véem também urna intencionalidade de Pedro em ferir justamente a orelha direta, e dizem, além disso, que, com este gesto, Pedro estaría se confrontando nao somente com o servo, mas com a institui^áo do sumo-sacerdócio, pleiteando a sua destituido.

Todavia, o texto nao se refere a nenhuma intenso de Pedro fe­rir exatamente a orelha direita deste servo. Insiste, antes, em dizer que fora um golpe certeiro e forte. Assim, o golpe poderia ser desfe- rido para acertar de cheio este servo, o qual nao esperaría nenhum tipo de reado e, nao tendo tempo para defender-se, instintivamente teria se desviado para a esquerda, de modo que a espada tería desli­zado sobre o seu capacete, golpeando a rasgao, decepando a sua orelha. Por conseguinte, a orelha direita nao é vista, por Pedro, co­mo alvo premeditado, nao implicando, por se tratar mesmo da ore­lha direita, um particular gesto de desafio ao servo ou ao grupo que ele representa.

* + - 1. *A motivafao de Pedro:*

Este gesto de Pedro serve, por um lado, como indicador de sua personalidade, colocando em evidencia o seu caráter impetuoso e arrebatado e a sua coragem física[[801]](#footnote-802). Cortar a orelha de um servo do sumo sacerdote, naquelas circunstancias, era um gesto forte e com­prometedor, urna tentativa de resistencia que o levaría, certamente, á morte, se nao fosse a intervengo de Jesús[[802]](#footnote-803).

Pedro eré que, desta maneira, estaría defendendo o seu Mestre e, segundo a sua mentalidade, valia a pena correr o risco. Afínal, prometerá dar a vida por Jesús. Como a profecía de que Pedro ne­gará Jesús se cumprirá em seguida, em certo sentido, temos aqui o cumprimento de sua promessa de dar a vida por Jesús[[803]](#footnote-804), a qual nao se concretiza porque Jesús intervém para redimensionar a atitude de Pedro.

Por outro lado, e nao obstante a heroicidade de Pedro, este ges­to é revelador de sua motivado de fundo: está a dizer que Pedro agiu assim porque nao compreendeu Jesús nem o significado de Seu dom, nao considerando a Sua morte como um acontecimento sal- vífico e como manifestado do amor de Deus[[804]](#footnote-805).

Pedro continua a nao aceitar a separado e a morte de Jesús; insistindo em continuarem unidos, quer impedir, de todo jeito, a Paixáo, e faz uso da violencia, equiparando-se, pois, aos inimigos de Jesús, que vieram com armas para prendé-Lo[[805]](#footnote-806). Além disso, este gesto revela que Pedro nao prestou atendo ao que Jesús dissera aos seus inimigos, ou ao menos nao está levando em considerado: á<pex8 TOÓTOug ÓKáyetv (v. 8)[[806]](#footnote-807). Em vez de obedecer e partir, aceitando o dom de Jesus e demonstrando compreender a Sua men- talidade e o Seu seguimento, Pedro se obstina na sua posilo; resiste e nao se recorda da advertencia de Jesus, que predissera a sua traigo enguanto ele fazia o propósito de dar-Lhe a vida (13,38). De fato, em 13,36-38 nao se acrescenta nenhuma referencia se as pa- lavras de Jesus provocara urna maior compreensào em Pedro, de modo que, entre a sua forte (re)azao ao gesto de antecipa^ao da Paixao (13,6) e à partida de Jesus (13,36-38)[[807]](#footnote-808) e a sua (re)acào ao inicio do cumprimento daquele anuncio (18,10-11) existe urna ínti­ma continuidade[[808]](#footnote-809).

Pedro, portanto, nao dà um passo atrás na sequela do Mestre; continua a mostrar a ambigüidade de sempre: fizera adesào a Jesus, mas nào pensa nem age como Ele; nao consegue renunciar à sua pròpria mentalidade e às suas próprias seguranzas[[809]](#footnote-810). Esta sua ambi­güidade é acentuada quando se considera a atitude de Jesus: é Ele quem, ao dar a Sua pròpria vida, defende Pedro.

* + 1. *A IntervenQao de Jesus:*

No versículo 11 Jesus se dirige a Pedro em dois tempos. Na pri- meira parte de sua fala diz 0áXe tV]v pá%atpav eig rf]v 0f|KT|v, recu­sando, assira, a resistencia oferecida por Pedro. Num segundo mo­mento, e em continuazáo ao primeiro, diz, como motivalo de sua recusa: tó norfipiov 6 SéSoKév poi ó narfip ou pf| nía» aireó;

* + - 1. *Jesus recusa a prote^ao de Pedro:*

*A* mesma decisáo com que Jesus intervira para liberar os discí­pulos aparece ñas Suas palavras dirigidas a Pedro. Jesus sabe aquilo que vai passar e que é Ele quem dirige tudo. Por isso, ordena a Pe­

dro que se mantenha tranqüilo e nao faca absolutamente nada para impedir o desenrolar dos acontecimentos[[810]](#footnote-811): BáXe Tf|v páxatpav elq tíjv 0f|Kr|v (18,1 la). Jesús usa mais urna vez um imperativo, que no aoristo exprime urna proibi^ao categórica, sublinhando a radicalida- de do comportamento que Pedro deve assumir: ele deve embainhar, urna vez por todas, a espada; é absolutamente proibido o seu uso[[811]](#footnote-812). O acento é colocado no dado de que nada deve mudar o destino de Jesús; Ele aceita tudo com consciencia e prontidao[[812]](#footnote-813).

Esta sua resignado, portanto, coloca-se na dimensáo do dom e do cumprimento da vontade do Pai, sublinhando que o trabalho de unidade entre Jesús e os seus discípulos nao se constrói segundo a maneira humana, como quería insistir Pedro.

Varios textos, com efeito, indicam que só o Pai pode doar e ga­rantir esta unidade, e que o caminho que a ela conduz nao passa pe­la incompreensáo nem pelo violencia, mas pela gloria de Jesús que, conseqüéncia da vontade do Pai, se manifesta na sua Paixáo[[813]](#footnote-814).

Por trás desta sua ordem, nao é difícil imaginar, por um lado, que Ele concebe o seguimento de Sua pessoa na liberdade. A Sua seqüela deve ser livre, fruto de urna decisáo pessoal, nao forjada pelas circunstancias. Este nao é o momento de se fazer nenhuma escolha. Os discípulos já tiveram oportunidade para tanto, antes, e Pedro fizera, em meio a muitas desistencias e mal-entendidos quanto ao messianismo de Jesús, a sua confíssáo de fé (6,69-71)[[814]](#footnote-815). Por outro lado, fíca o fato de que Jesús tem plena consciencia de que Ele deve morrer sozinho. A Sua morte, essencialmente única, devia ser separada da morte dos discípulos[[815]](#footnote-816). Aliás, estes nao esta- vam, aínda, capacitados para seguí-Lo, justamente porque Ele de- veria, antes, dar-lhes a vida.

* + - 1. *A motivafao da recusa da prote^áo de Pedro:*

A ordem dada a Pedro é seguida pela frase: tó noTiípiov ó SéSwkév jiot ó naTqp oí) gf] nío adró; (18,11b). Esta frase pronun­ciada por Jesús é, ordinariamente, considerada como urna pergunta retórica que, por tras de um enérgico protesto, demonstra até que ponto era evidente que Jesús devia beber aquela ta?a3‘. Na verdade, temos aqui urna dúplice nega^ao (oú gf|) com um conjuntivo (níco), numa frase interrogativa, o que equivale a urna forte afirmacao[[816]](#footnote-817). Jesús reafirma a sua disposi^áo em prosseguir livremente no dom de si. Indicativo da intensidade desta Sua decisáo é também o verbo niveo, cujo conjuntivo aoristo, aqui usado, pode indicar a Sua von- tade de beber até o fim este cálice[[817]](#footnote-818).

Em Joáo noTfjpiov aparece somente neste passo[[818]](#footnote-819), numa cons- trucao com anacoluto[[819]](#footnote-820), de modo que é colocado em sobressalén- cia, no inicio da proposito, e retomado com um pronome (aóróg), no lugar que gramaticalmente Ihe toca[[820]](#footnote-821), numa frase que, além de indicar grande como^áo[[821]](#footnote-822), serve para apresentar, enfáticamente, es­te cálice como dom do Pai (tó noTiípiov 6 SéScdkév pot ó narrip), expressáo de sua vontade, evocando nao tanto um aspecto escatoló- gico com alusáo ao julgamento divino, mas a pronta acolhida que Jesús faz deste dom[[822]](#footnote-823). Jesús aceita voluntariamente a Paixáo; pode- ría derrotar definitivamente os Seus inimigos sem a intervençào de Pedro; portanto, se Ele se abandona e cede diante da violéncia dos inimigos, é porque esta é a vontade do Pai[[823]](#footnote-824). A perspectiva, pois, aponta para a missâo de Jesús e insiste na gratuidade e na liberdade com que Ele a aceita. Assim, recusando toda e qualquer resistencia da parte de Pedro, que O distancie do cumprimento da vontade do Pai, Jesús se auto-entrega. Do jardim, é levado a Anas (v. 12-13), dando inicio à segunda parte da narraçâo da Paixáo. O texto mes- mo trata de dizer que Pedro seguia Jesús, e o faz entrar no palacio do sumo sacerdote, onde negará ser discípulo de Jesús, como vere­mos em seguida.

1. *18,15-27: Pedro nega ser discípulo de Jesús:*

Os passos que se referem a Pedro, nesta cena, nao carecem da explicitaçâo do seu contexto, ja que se distribuent! ao longo de toda a segunda das cinco partes em que se subdivide a narraçâo da Paixâo no quarto evangelho[[824]](#footnote-825), ocupando nela um lugar muito im­portante. Vejamos, entáo, como o texto está organizado para, de- pois, proceder á leitura exegética, relevando, como sempre, os pontos atinentes a Pedro. Vejamos, todavía, antes, algumas ques- tóes relacionadas à transmissâo do texto, que influem na apresen- taçâo de Pedro.

* 1. *Crítica textual:*

Interessam-nos très problemas: no versículo 15 urna leitura va­riante traz um artigo antes da referéncia ao “outro discípulo”; o problema da ordem dos versículos, sobretudo do 24; e urna variaçào na conjunçâo deste mesmo versículo.

* + 1. *18,15: âXkoç paOrjT^Q:*

Existe urna liçâo variante apresentada por alguns manuscritos (x2 C L G 054 y113) que coloca o artigo definido antes de ôXXoç ga0r|Tf]ç. Todavía, esta liçâo atesta a tendência, manifestada já mili­to cedo, de identificar este discípulo com o Discípulo Amado, evo­cando os passos de 13,23 e 20,2, de modo que a leitura sem artigo deve ser preferida, como é também a atestada pelos manuscritos mais importantes (entre os quais estâo P66 K\* A B W T e muitas versôes)[[825]](#footnote-826).

* + 1. *A ordem dos versículos:*

A seqüência usual dos versículos 13-27 en volve ao menos duas dificuldades: no versículo 13, Jesus é conduzido à presença de Anas e o que se segue se dà diante deste[[826]](#footnote-827); a informaçào de que Jesus é conduzido a Caifas, que era o sumo sacerdote em exercicio, se dá somente no versículo 24 (embora os versículos 15.16.19.22 já fizessem, antes, referência explícita ao sumo sacerdote), de modo que resulta estranilo que Joào apresente com tantos detalhes o in­terrogatorio diante de Anás, praticamente sem importância, e que nao diga nada sobre o julgamento decisivo diante de Caifas[[827]](#footnote-828). Além disso, o versículo 25 repete ao pé da letra o final do versículo 18, de modo que à primeira negaçào segue a introduçào da segun­da, mas esta é narrada somente no versículo 25, de modo que as negaçôes de Pedro ficam separadas pelo interrogatòrio de Jesus, abrindo espaço para a suposiçâo de que na origem fossem coloca­das em continuidade.

E, de fato, varios manuscritos procuram resolver esta dificulda- de, alterando a ordem dos versículos. Temos très tipos de tentativa: o manuscrito 225 interpola o versículo 24 no meio do versículo 13 (de- pois de npœxov); o manuscrito 1195, urna liçâo marginal da versao Siriaco-Harcleana, um código do Lecionário Siríaco Palestiniano, e Cirilo de Alexandria, propòem urna repetiçâo do versículo 24 depois do versículo 13; e, por fim, a versäo Sinaítico-Siríaca apresenta urna complexa ordenado dos versículos: 12.13.24.15.19-23.16-18.26-27.

Estes deslocamentos fazem com que o julgamento de Jesus te- nha sido efetuado sob a presidencia de Caifás e, além disso, a leitura apresentada pela Sinaítico-Siríaca coloca juntas as duas cenas sobre a nega^ao de Pedro; todavía, nao explicam como o versículo 24 po­de ter sido separado do versículo 13\*\*, nem por que os soldados le- vam Jesus primeiramente a Anas, já que difícilmente Joäo teria in­cluido este dado — que nao é considerado pelos sinóticos — por acaso[[828]](#footnote-829). É possível que estes arranjos, especialmente o da Sinaíti­co-Siríaca, tenham sido influenciados pelo *Diatesseron* de Tatia- no[[829]](#footnote-830), que combinava os quatro evangelhos, alterando com freqüén- cia a ordern dos acontecimentos segundo a narrando de um dos evangelhos. No entanto, pode refletir aínda urna tentativa indepen­dente de harmonizar Joäo com os sinóticos[[830]](#footnote-831).

Como estas variantes nao comportara melhoria no texto transmitido, e considerando a credibilidade dos manuscritos (P60-66 K ABCDKLWA0Ü 054 y13 e outros minúsculos), o versícu­lo 24 deve permanecer no seu lugar[[831]](#footnote-832). Para ir ao encontró das difi- culdades que permanecem com a manutengo do versículo 24 no seu atual lugar, a crítica literaria moderna, preferentemente, atri- bui á tradigäo joanina um valor próprío, de modo que o evangelis­ta teria modificado, segundo suas intenses teológicas, urna fonte pré-joanina, sendo, todavia, difícil individualizá-la, já que a teria assimilado e intensamente reelaborado4\*.

* + 1. *A conjunfào de 18,24:*

Existem diversas variaQÒes quanto à conjunto que liga a frase ànéoTeiXev aùròv ó "Avvat; SeSepévov npòt; Kaíácpav tòv àpxte- péa. O P66, além dos manuscritos BC\*LNXAII® 025 Z1, varios minúsculos e versòes trazem oòv, enquanto K Z13 pc lat sy trazem 8é e outros manuscritos (A C3 D8 054) omitem qualquer conjunto. Tudo isto contribui para mostrar a perplexidade dos escribas e dos intérpretes devido à posi?ào ocupada por este versículo dentro do capítulo 18. É claro que oòv, além de se enquadrar no uso joanino desta conjunto[[832]](#footnote-833), se adequa, perfeitamente, neste lugar, pois nao deixa margem à hipótese de interpolalo; Sé, ao contràrio, seria um vestigio de que este versículo viria depois de 18,13; seria, portanto, a leitura melhor se valesse a hipótese do deslocamento[[833]](#footnote-834).

* 1. *Estrutura:*

A pericope, para efeito de estruturaçâo, pode ser subdividida em duas partes, que apresentam a seguinte estrutura[[834]](#footnote-835):

**- A** ,s ’HkoXovOei Sè t© ’IqooC Eip©v néxpoç

Í

Kai âXXoç pa0r]TÎ]ç. ô 8è jia0tiTf]ç èKsîvoç v yvmoTÔç t© àpxtepeï Kai CTUvetCTfjXôev ’ItjctoC eiç t^v aCXfjv roß àpxtepéœç,

**L A’** 16 ó 8è néxpoç eloxfiKct npôç x^ Ovpqi ë^©.

**B’** é¡;f¡X0EV oôv ó pa0T]vf]ç ó &XXoç ó yvœoxôç tou àpxtepé©ç Kai ebœv x^ 0vp©p^ Kai eioxiyayev tòv néxpov.

chen, 1972, p. 62-99; Dodd, *Historical Traditions,* p. 133-139; F. Hahn, *Der Prozess Jesu nach dem Johannesevangelium,* Zürich-Neukirchen, 1970, p. 23-96, espec. 58-67.

17 Xéyei oùv x^ néxpcp f| nai8ÍQKT| f| Ovpcopóc;, b Mf| Kai cw ¿k xñv pa0T]xc5v el xoC àvOpónov xoúxou;

c Xéyei éxeívog, Oók eipí.

Í

18 eíoxf)Keioav 8é oí 806X01 Kai oí ónrjpéxai àv0paKiàv nenoiriKÓxeg, óxi vvx0? Kai èOeppaivovxo- fjv 8é Kai ó fléxpog pex’ aóxñv éoxòg Kai Oepgaivópevog.

-► B[[835]](#footnote-836): V. 19-24: Testemunho de Jesus diante do sumo sacerdote.

d’ 25 THv 8é Eípwv FTétpog éot©? Kai  
Geppatvópevo?.

elnov oúv aúr©,

**II**

**L A’ a”**

b’ Mf| Kai tri) ¿k t&v paG^TÓv aùxoù el;

c’ f)pvf|aaTO ¿keìvo? Kai elnev, Oük elpí.

26 Xéyet el? ¿k tóv 8oúl®v tov ápxiepéío?, CTuyyevf]? &v oC ánéKoyev Ilérpo? ró drúov, b” Oúk èy© oe el8ov èv Ki'pKp per’ aÓTOv;

c” 27 itáXtv oóv f|pvT|aaTO Ilérpo?, Kai eúGé©? àXÉKTop éqxóyqaev.

Os versículos 15-16 formara, entáo, urna primeira sessáo, orga­nizada num esquema paralelístico, segundo a forma A-B-A’-B’, que póe Pedro e um outro discípulo lado a lado. De fato, A (v. 15a) e A’ (v. 16a) expressam o movimento de Pedro (Sípov Flérpo? em A e ñéipo? em A’): em A seguia (^KoXoúOei) Jesús, mas em A’ está fora do recinto, parado (eíorr)K£i) na porta. Este movimento é intercala­do com B (v. 15b) e B’ (v. 16b), que, praticamente com os mesmos termos, se referem a um discípulo conhecido do sumo sacerdote, e dizem que este discípulo também seguia Jesús, entrou com Ele no pátio, e depois saiu e fez Pedro entrar.

Ésta sessáo, portanto, introduz Pedro no cenário dos versículos 17-27, os quais constituem a segunda sessáo da perícope, e seguem um esquema concéntrico, na forma A-B-A’. Um oóv introduz, no versículo 17, a primeira nega^áo de Pedro, cujo relato é interrompi­do no versículo 19, onde ainda um oóv introduz o depoimento de Jesús, e é retomado no versículo 25, com um Sé, que coloca as duas outras nega^óes de Pedro em contraposipáo ao testemunho de Jesús.

As correspondencias entre A (v. 17-18) e A’ (v. 25-27) podem ser evidenciadas por um paralelismo (a-b-c-d-d’-a’-b’-c’-a”-b”-c”) que narra as très negaçôes de Pedro segundo um mesmo esquema. Tanto em a (v. 17a) como em a’ (v. 25b) e a” (v. 26a) temos um ver­bo (Xéyei-elnov-XéYEi) que introduz a pergunta do interlocutor de Jesus, identificado em a como a porteira, em a’ como os empre- gados e guardas do sumo sacerdote (sujeito oculto) e em a” como um empregado do sumo sacerdote, parente daquele que teve a ore- Iha decepada por Pedro. Em b-b’-b” temos as perguntas feitas a Pe­dro; b (v. 17b) e b’ (v. 25c) seguem a mesma formulaçâo, com prati­camente os mesmos termos (pf| Kai av ¿k tôv paGqrôv...), sendo que em b temos o adjunto adnominal rou ávQpomou toútou, en- quanto em b’ temos avioù; a formulaçâo de b” (v. 26b), por outro lado, tem outros termos, referindo-se à estada de Pedro no jardim, com Jesus. Em c-c’-c” temos as respostas de Pedro, referido em c (v. 17c) e c’ (v. 25d) como èKEÏvoç e em c” (v. 27) como nérpoç. As suas palavras em c e c’ sào exatamente iguais (oúk elpí), em c” o discurso é indirete, e é dito que ele de novo negou Jesus. Temos aín­da d (v. 18) e d’ (v. 25a), que fazem a passagem entre a primeira ne­gaçâo (A: v. 17-18) e a segunda e a terceira (A’: v. 25-27), de modo que d’ retoma as palavras do final do versículo 18, retomando tam- bém o tema da negaçâo interrompido pela intercalaçâo da descriçâo do interrogatorio de Jesus.

O elemento B (v. 19-24) da segunda sessâo se intercala á nar- raçâo da negaçâo de Pedro, e pode, aínda, ser estruturado do se- guinte modo:

**- a** 19'O oóv àpxiepeùç fjpÓTntrev tóv ’It|oovv nepi t©v pa0TiTÔv aÔTOÛ Kai nepi rfjç StSaxñ? aóroG.

Í

20 àneKpiOî] aÔT^ ’It]oovç, ’Eyà nappijaig XeXáXi]Ka tô Koopcp, èyd) nàvTOTE èSiôaÇa èv auvayray^ Kai èv r® isp^, ÔTtou nàvteç ol ’louSaïot ovvépxovTai, Kai èv KpunT® èXàXr|aa oùSév.

21 ri ps èpœrçç; éptínnoov toùç àKT]KOÔTaç ri ¿XáXnaa aôtoîç • ïSe oôtoi oïSaaiv fi elnov èy®.

Í

22 TaÙTa 8è aGroû einôvTOÇ elç 7tap£OTr|K<B<; tôv ôjtnpetôv ëôœKEV ^ántapa tô ’I^aou eítuóv, OGrœç àitoKpivr) tô> àpxiepsï;

**b’** 23 ànEKpiOii aÙT® ’It]oovç, Eî kok®ç è^-à^oa, papwpnoov TCEpi tou KOKOÙ • eI Sè Kalœç, tí ps Sépsiç;

**- a’** 24 ànéoTEikEV oôv aùxôv ó "Avvaç SeSepévov npôç Kaïàçav tôv àpxiEpéa.

Este elemento (B), portanto, está elaborado segundo um para­lelismo concéntrico: **a-b-c-b\*-a’.** Além do oúv, que, em **a** (v. 19) e **a’** (v. 24), serve para dar continuidade à narraçào, estes membros se correspondan por trazerem em causa os mesmos personagens, de modo que, em a, temos o interrogatorio de Jesus feito pelo sumo sa­cerdote, que, em **a’, O** transféré para o sumo sacerdote Caifas. Em **b** (v. 20-21) e b’ (v. 23) temos duas respostas de Jesus sobre o Seu ensi- namento, que, além do explícito ’Iqooûç, se correspondent através do verbo XaXéo (urna vez no perfeito (XÉXáXqKa) e très no aoristo (éXáX.r)CTa)) e do interrogativo tí pe. No centro temos c (v. 22), que traz a bofetada que um dos guardas deu em Jesus.

2.3. *Exegese:*

A estruturaçào dos versículos 15-27 mostrou-nos que estes versículos se subdividem em 15-16 e 17-27, sendo que os versículos 15-16 colocam Pedro e um outro discípulo lado a lado, enquanto os versículos 17-27 contrapôem a negaçâo de Pedro com o interrogatò­rio de Jesus diante do sumo sacerdote, colocando em relevo a cen- tralidade do testemunho de Jesus, à luz do qual devem ser vistas as negaçôes de Pedro.

Procederemos na nossa análise exegética, centrando-nos, pois, nestes très aspectos fundamentáis propostos pela estrutura: a re- laçâo entre Pedro e este outro discípulo, o testemunho de Jesus, a negaçâo de Pedro.

* + 1. **18,15-16: Pedro e um outro discípulo:**

Os versículos 15-16, num esquema paralelístico, dizem que Pedro e um outro discípulo seguiam Jesus. Chama a atençâo o dado de que, numa cena assim cheia de detalhes, este discípulo fica anónimo e que ele nao só pode circular livremente naquele ambiente — que deveria ser, no mínimo, hostil aos seguidores de Jesus — mas, além de entrar com Jesus, interfere fazendo também Pedro entrar no pàtio do sumo sacerdote. Disto decorrem, pois, os dois pontos centrais destes versículos: a identificaçâo deste discípulo e a sua relaçâo com Pedro.

* + - 1. *A identidade do outro discípulo:*

Ê somente Joño quem menciona um outro discípulo em com- panhia de Pedro. Este discípulo permanece anónimo e a única infor- maçào que poderia ajudar na sua identificaçâo, além da companhia de Pedro, é que ele era conhecido do sumo sacerdote. Ê, portanto, nestes dois dados, o anonimato e a sua conexâo com o sumo sacer- dote, que podemos nos basear para considerar a possibilidade de sua identifîcaçâo.

1. *O conhecimento do sumo sacerdote:*

No versículo 15 é dito que um outro discípulo f|v yvœoTÔç tô àpxtepeï[[836]](#footnote-837). Nâo existe, todavía, urna tradiçâo que identifique a na- tureza da conexáo entre este discípulo e o sumo sacerdote[[837]](#footnote-838), e a for­ça precisa do adjetivo yvaxnôç é muito discutida entre os estudio­sos. Para alguns, este termo pode significar «conhecido de vista», ou simplesmente que nâo era um desconhecido[[838]](#footnote-839). Para outros, se refere ao conhecimento em termos de amizade ou de familiaridade[[839]](#footnote-840).

No quarto evangelho este termo aparece somente neste pas- so[[840]](#footnote-841), mas insistindo, por bem duas vezes, na idéia de que este discí­pulo é conhecido do sumo sacerdote. E tendo em vista o que se se­gué ¡mediatamente a esta constataçâo — o discípulo pode entrar e sair do recinto, intervém fazendo Pedro entrar — este termo, mes- mo que nâo chegue a indicar algum nivel de parentesco, parece indi­car mais do que um simples e ocasional conhecimento; parece deixar ver um contato devido certamente nâo a razóes ocasionáis, um con­tato que inspirava até mesmo o respeito dos subordinados do sumo sacerdote[[841]](#footnote-842).

1. *O anonimato do discípulo:*

Dois dados indicam o anonimato deste discípulo: a auséncia de um nome que o identifique, e a auséncia de artigo.

Embora presente em alguns manuscritos, a melhor leitura nâo comporta o artigo definido anteposto a ûlloç naOqTTiç[[842]](#footnote-843), de sorte que se trata de «um outro discípulo», indeterminado, e nâo «do ou­tro discípulo»[[843]](#footnote-844), caso em que poderia ser identificado com o disci- pulo que Jesus amava, o qual reaparece ao pé da cruz (19,26) e no episodio da corrida ao sepulcro (20,2.3.8).

Este anonimato, além disso, é mais significativo quando se con­sidera que Joào, mais do que os sinóticos, identifica escrupulosa­mente, e com tamanha exatidao, os discípulos que menciona, e que esta sua tendencia à precisào se estende a outras pessoas e lugares[[844]](#footnote-845), de modo que é inconcebível que a falta de identifica^ào deste discí­pulo seja devida à inadequada informa^ào ou a um lapso de memò­ria do evangelista. Deve existir, sem dùvida, urna razào para que Joào fa?a uso do anonimato. Comumente se relaciona o motivo deste anonimato à possibilidade de identifica^ào do discípulo, mas, como veremos a seguir, eie deve ser buscado na relajo entre este discípulo e Pedro[[845]](#footnote-846).

1. *A possibilidade de identifìcacào deste discípulo:*

Ao longo do tempo foram propostas várias identifica^òes para este discípulo: seria o discípulo que Jesus amava, mas nào seria Joào; seria o Discípulo Amado que era também o filho de Zebedeu; seria um outro discípulo; seria urna criacào do evangelista6\*.

A tradirlo o identificou desde muito cedo com o pròprio Joào, filho de Zebedeu, e conseqüentemente com o discípulo que Jesus amava e com o autor do quarto evangelho. Para os Padres, comu­mente, a expressáo ñXlog paOqTifc parece indicar que este discípulo nào é desconhecido dos leitores do evangelho, de modo que o discí­pulo anónimo é o pròprio evangelista. Eie nào se identifica por mo­dèstia, evitando que a sua presenta no pàtio do sumo sacerdote seja vista corno un gesto de coragem[[846]](#footnote-847). Esta hipótese encontra sustenta­dores ainda hoje[[847]](#footnote-848), mas surgiu também a hipótese de que se trate de um discípulo secreto de Jesus, como José de Arimatéia (19,38), Ni- codemos (3,1), ou mesmo um discípulo da Judéia; existindo ainda a possibilidade de ser urna cria^ào do evangelista para proporcionar a introduco de Pedro na cena do julgamento de Jesus[[848]](#footnote-849).

Entre as razóes comumente apresentadas como garantías da identificagáo entre este discípulo anònimo com o Discípulo Amado e com Joáo, filho de Zebedeu[[849]](#footnote-850), podemos apresentar: a sua estreita relajo com Pedro, pois o vir associado com Pedro é urna nota característica do Discípulo Amado[[850]](#footnote-851); como o Discípulo Amado era o único que se encontrava ao pé da cruz (19,25-27), claramente se deduz que ele nào renegou Jesus nem fugiu da Paixào, de modo que, se existia um discípulo no pàtio do sumo sacerdote, deveria ser ele[[851]](#footnote-852); a expressáo filXo^ aparece, em alguns manuscritos,

em 18,15, fazendo coincidir com 20,2, onde esta mesma expressáo aparece e é especificada que se trata do discípulo que Jesus ama­va[[852]](#footnote-853), de modo que em 18,15 o evangelista omite esta identificalo para sublinhar o amor com que o discípulo responde ao amor de Jesus, entrando no pàtio com Eie[[853]](#footnote-854); também, nos Atos dos Após­telos, Joño é companheiro de Pedro[[854]](#footnote-855); a fòrmula ó 5è paOqTfii ¿K£Ìvo<; de 18,15 se liga com 21,7 e 21,23, onde o discípulo em causa é claramente o Discípulo Amado[[855]](#footnote-856).

As maiores dificuldades para esta identifîcaçâo sâo as seguin- tes: este discípulo é conhecido do sumo sacerdote, o que é muito es­tranilo e fica sem explicaçâo[[856]](#footnote-857); o fato de que este discípulo aparece ao lado de Pedro nâo é uma razâo segura para identificá-lo com o Discípulo Amado, além disso, esta presença tem um significado di­ferente daquela de 20,2-8 e 21,7[[857]](#footnote-858); a falta do artigo nâo permite es- tabelecer uma referência com 13,23 e nâo se vê motivo para que este discípulo nâo fosse caracterizado do mesmo modo aqui[[858]](#footnote-859).

Para os que defendem esta identifîcaçâo, tais objeçôes pode- riam ser contra-argumentadas, assumindo que este discípulo nâo seria conhecido exatamente do sumo sacerdote, mas de algum mem­bro de sua corte[[859]](#footnote-860), ou mesmo que Joâo pertencia a um alto estrato social. Outros vêem que uma relaçâo entre o pescador da Galiléia e o sumo sacerdote seria facilmente explicável se eie fosse conhecido na casa do sumo sacerdote pela profîssâo de pescador, pelo trabalho do pai, ou ainda por uma atribuiçâo de uma linhagem sacerdotal; eie seria aparentado com qualquer familia sacerdotal se sua màe, Salomé, fosse irmà de Maria, que, segundo Le 2,36, era prima de Elisabete, da estirpe de Aarào[[860]](#footnote-861).

Todavia, permanecem os dados de que, quando se refere ao Discípulo Amado, nos outros passos, o evangelista o identifica co­rno tal, e que se fosse esta a sua intençâo, aqui, nâo haveria motivo para nâo fazer o mesmo. Assim, procurar identificar este discípulo pode ser um trabalho inútil[[861]](#footnote-862); é melhor ficar com o seu anonimato e procurar vê-lo à luz de sua relaçâo com Pedro.

* + - 1. *A relaçâo entre Pedro e este outro discípulo:*

Como observamos[[862]](#footnote-863), os versículos 15-16 estabelecem um para­lelismo entre Pedro e um outro discípulo. Très elementos deste para­lelismo servem de base para entendermos a relaçâo entre os dois: Si- máo Pedro e (koí) um outro discípulo seguiam (f|KoX.oúOei) Jesus; este outro discípulo entrou com Jesus (ovveuriiìèev) no pàtio do sumo sacerdote, enquanto Pedro ficou (eioTf|Kei) perto da porta; o outro discípulo saiu e levou (ei<yf|YaYEv) Pedro para dentro.

1. *Simào e (¡caí) um outro discípulo:*

Quando o texto diz que Simào Pedro e um outro discípulo se- guiam Jesus, ele os coloca um ao lado do outro, sem estabelecer maiores rela^òes[[863]](#footnote-864). De fato, o küí que temos é urna conjunto coor­denativa aditiva, que coliga os dois personagens num mesmo movi­mento, aquele de seguir Jesus.

1. *O outro discípulo entrou (aoveiaíjXdev) com Jesus enquanto Pedro ficou (eiaxriKa) fora:*

A unidade de comportamento entre esses dois discípulos, indi­cada pela conjunto Kaí, parece interromper-se em seguida. Sucede que o outro discípulo entrou com Jesus, enquanto Pedro ficou fora, a ponto de se atribuir nào só urna diferen^a de comportamento en­tre os dois discípulos, mas também um contraste construido pelo evangelista. Assim, Charboneau[[864]](#footnote-865) vé que o paralelismo entre Pedro e o outro discípulo descreve dois modos de seguir Jesus num mo­mento de crise. O outro discípulo, com a sua liberdade de ir e vir, permanece senhor de si mesmo, maniendo toda liberdade no “co- ra^áo da violencia”, de modo que a unidade entre Jesus e os discí­pulos, destruida com o inicio da Paixáo, fica concentrada neste discípulo. Pedro, em contraposi^ao, na crise, cede. Para na porta e se entretém com os servos.

Igualmente Mateos e Barreto[[865]](#footnote-866) véem que este discípulo con­trasta com Pedro porque entra com Jesus prisioneiro, disposto a correr a mesma sorte, sendo assim conhecido como discípulo, ao passo que Pedro, nào entrando com Jesus no pàtio, é equiparado a um mercenàrio que nào dá a vida pelas suas ovelhas[[866]](#footnote-867). Do mesmo modo, para Maynard[[867]](#footnote-868) e Refoulé[[868]](#footnote-869), este passo marca a superiori- dade espiritual do outro discípulo, apresentando claramente o fali- mento de Pedro enquanto discípulo.

Apesar destas opinides, os próprios termos do paralelismo nos levam a refietir em outra diremo. Sobre este outro discípulo é dito, cortamente, que ovveKrfiXGev com Jesús. O verbo ovv-épxopai quer dizer ir junto, reunir-se, alcanzar[[869]](#footnote-870), implicando, por conse- guinte, que este discípulo estava a par das coisas e tinha dominio da situado[[870]](#footnote-871). E, de fato, o texto nao diz outra coisa, a nao ser a insis­tente percepcáo de que este discípulo era conhecido do sumo sacer­dote, o que explica como ele podía circular sem dificuldades, de mo­do que se poderia pensar que era este outro discípulo quem nao era reconhecido como discípulo de Jesús. A ruptura que se verifica aqui nao é entre Jesús e os discípulos, como pretende Charboneau, mas entre Jesús e o mundo que nao o acolheu e que nao reservará outra sorte para os seus discípulos.

De Pedro é dito que estava ali fora, em pé. O verbo ícrvqni, usado intransitivamente, significa estar em pé, colocar-se, ficar pa­rado[[871]](#footnote-872). Esta é a atitude de Pedro: ele estava ali, parado ñas ime- diacóes da porta, para ver se poderia entrar. O termo nao se refere, por conseguinte, a hesita^óes ou medos de Pedro. Se Pedro nao circulava livremente, havia razoes para tanto. O golpe de espada o havia colocado em evidencia, de modo que poderia ser reconhecido, como alias o fora mais tarde, como discípulo. Além disso, o in­terrogatorio era privado, possivelmente cada pessoa era identificada na entrada, como sugere a presenta da porteira[[872]](#footnote-873), sendo normal que Pedro enfrentasse dificuldades em poder entrar[[873]](#footnote-874). Esta situa­dlo, de modo algum, é depreciativa para Pedro; antes, demonstra que ele, mesmo por vias tortas, se dera a reconhecer como discípulo de Jesús.

1. *O outro discípulo levou (elariyayEv) Pedro para dentro:*

As duas figuras nao sao colocadas como rivais ou contrastan­tes; ao invés, o outro discípulo, aproveitando-se de sua influencia, faz-se de intermediario e propicia a entrada de Pedro. O texto diz que este discípulo elcrriYaYEV xóv IJérpov (v. 16b), fazendo notar, portanto, que entraram juntos, de modo que Pedro estava manifes- tadamente garantido por este discípulo[[874]](#footnote-875).

Este gesto do discípulo encontra interpretares diferentes. Ma­teos e Barrete[[875]](#footnote-876) pleiteiam que o outro discípulo oferece a Pedro a oportunidade de declarar\*se discípulo e seguir Jesus na Sua entrega à morte, mas Pedro, levado passivamente para dentro do pàtio, nào està disposto a fazer esta passagem. Brown[[876]](#footnote-877) coloca-se na mesma linha quando releva que um discípulo que nào nega Jesus no pàtio vem colocado em contraste com Pedro, que quería seguir Jesus mas, urna vez introduzido naquele lugar, termina por negá-Lo e será marcadamente ausente na Cruz, quando este outro discípulo emer- girá como verdadeiro seguidor de Jesus. Kragerud[[877]](#footnote-878) lê este fato à luz da parábola do Bom Pastor, que em 10,2-3 diz que aquele que entra pela porta é pastor; o porteiro abre-lhe a porte e as ovelhas escutam a sua voz. Pedro seria, entáo, apresentado como pastor. Todavía, estas très concepçôes sâo criticáveis enquanto pretendem dizer mais do que o texto diz ou permite dizer.

O texto diz que é graças à intermediaçâo do outro discípulo que Pedro pode entrar no pàtio do sumo sacerdote, e que este outro discípulo consegue esta mediaçâo na qualidade de conhecido do su­mo sacerdote, de modo que nao existe outro significado para o seu gesto. Se ele quisesse proporcionar a Pedro urna ocasiào para pro­fessar o seu discipulado, estaría contrariando a vontade de Jesus que já em 13,36 dissera que Pedro e os outros discípulos nao pode- riam seguí-Lo agora e, no jardim, impedirá qualquer reaçào de Pedro[[878]](#footnote-879).

É certo que entre 18,15-27 e 10,1-16 existera muitos termos co- muns (Syetv, àKoXouOeìv, auXq, yivóijKEiv, eîoeZOeïv, è^sXOeïv, 0úpa, éupœpôç), mas estes termos nào garantem, por si mesmos, a relaçào entre os dois passos. Esta interpretaçào supôe que o evange­lista possa ver no pàtio do sumo sacerdote um simbolo do Reino de Deus e no sumo sacerdote um simbolo do Pai, e nada no quarto evangelho autoriza urna transposiçâo deste tipo[[879]](#footnote-880). Destarle, Aca­rnos somente com estes dados: um outro discípulo é responsável por fazer Pedro, que se tinha colocado em evidència na cena do jardim, entrar no pàtio do sumo sacerdote; mas isto nào estabelece nenhu- ma relaçào de superioridade nem permite tecer outras consideraçôes acerca dos dois discípulos. A presença deste discípulo neste episodio limita-se a, materialmente, fazer Pedro entrar no pàtio do sumo sacerdote, nâo escondendo intençôes nem desempenhando alguma fun^ào teològica, seja no episòdio corno tal, seja na Paixào", de modo que està era a razào de sua presenta.

* + 1. *O testemunho de Jesus:*

Na estrutura paralelistica concèntrica da se^ào relativa ao in­terrogatòrio de Jesus efetuado pelo suino sacerdote (B: v. 19-24), o testemunho de Jesus é colocado em evidència pelos membros b e b’, que trazem duas respostas suas: urna ao sumo sacerdote, e outra a um dos servos que Lhe dà urna bofetada.

* + - 1. *A resposta de Jesus ao sumo sacerdote:*

Ao interrogatòrio doloso do sumo sacerdote, que intencionava comprometer Jesus e os discipulos[[880]](#footnote-881), Jesus deixa sem resposta a sua indagalo sobre os discipulos, corno se quisesse mantè-los livres de toda a responsabilidade[[881]](#footnote-882) ou negasse aos seus adversàrios incré- dulos a autoridade de julgar os que creram Nele[[882]](#footnote-883), e fixa a ateneo só sobre Si e sobre o Seu ensinamento.

A ateneo sobre a Sua pròpria pessoa é manifestada com a en­fàtica repeti^ào do pronome pessoal èyó, que por bem trés vezes é citado nos versiculos 20-21 e com a seguran^a e a liberdade que de- monstra ao replicar, de modo peremptório, a Anàs (18,22).

O ensinamento de Jesus aparece com o verbo ìaiéto, mencio- nado très vezes em 18,21-22, um verbo tècnico em Joào para indicar o caràter revelador da Palavra de Jesus[[883]](#footnote-884), e com os verbos 8t- Sóokg) e Xéy<n. Jesus insiste sobre a transparència e a universalidade do que revelara e diz que a sua doutrina deve ser reconhecida pela ateneo que os seus lhe dedicaram[[884]](#footnote-885).

A transparencia do ensinamento de Jesús aparece através de dois dados: do pronome ¿yó colocado em grande relevancia, que aparece, já, como urna contraposi^ao polémica em relajo aos inter­locutores de Jesús que se reúnem em segredo[[885]](#footnote-886), e da oposi^áo entre as sentenQas ¿yá nappT]oíq t© KÓopq) e ¿v KpunT®

éXáXr|oa ovSév (v.20). Aqui, o termo nappr|oía, em oposito a KpvrtTÓq, significa as abertas, as claras, em plena liberdade; o verbo XaXécD, no perfeito, se refere a toda a atividade de Jesús no passado e á sua intenso de continuar no presente[[886]](#footnote-887), ao passo que, no aoristo negativo, nega absolutamente que tenha falado as escon­didas ao menos urna vez[[887]](#footnote-888); e o oúSeíg está em posi^áo enfática, de modo que Jesús fala com a serenidade daquele que nao tem nada que ocultar, pois, absolutamente, anunciou abertamente a sua reve- la$ao[[888]](#footnote-889).

A universalidade aparece estreitamente ligada á transparencia do ensinamento de Jesús — “falei as claras para o mundo” — e é sublinhada pela combinado particularmente enfática entre o advér- bio de tempo jióvtote — que quer dizer: sempre, em todo o tempo — e o adjetivo indeterminado návxEq — que quer dizer: todos, sem exce^áo —, de modo que Ele reafirma que sempre ensinou na sina­goga e no templo, lugares abertos a todos os judeus, sem exce^ao, nao existindo, portanto, razoes para desconfiar de que Sua doutrina fosse secreta ou dirigida a um grupo seleto[[889]](#footnote-890).

Mostrando o caráter público e universal de Seu ensinamento, nao acolhido pelos judeus incrédulos, Jesús nao tem motivo para revelar mais nada ao sumo sacerdote. O tempo de reveladlo diante do mundo acabou, tudo já foi dito; só aqueles que O escutaram e fazem a vontade do Pai conhecem a Sua doutrina e sabem que Ele vem de Deus[[890]](#footnote-891). E estes sao chamados, agora, em causa. Jesús pede que eles sejam escutados como testemunhas; agora seu testemunho deve ser continuado pelos seus seguidores[[891]](#footnote-892). As suas palavras sao: ’Epéxiioov xoug ÓKT|KoÓTa<; tí ¿XáX.r|oa aÚTOÍg • í5e oútoi oíSatnv S eínov éyá (v.21). Estas nao sao afirmares gerais. O verbo épcoTáco chama a aten^áo mais para a pessoa que para o objeto e exige um destinatario presente[[892]](#footnote-893). Este é tambán o sentido do par­ticipio perfeito do verbo áKoúo e do pronome oótoi, que se referem a pessoas presentes, que eram habéis em falar com conhecimento de causa, já que escutaram, interiorizaram e recordam bem o que Ele disse[[893]](#footnote-894). Destarte, podem visar Pedro ou o outro discípulo, presen­tes na assisténcia ou ñas imediaQoes.

* + - 1. *A resposta de Jesús ao servo do sumo sacerdote:*

As declarares de Jesús sobre a Sua doutrina provocam urna rea?áo imediata de um dos guardas que O esbofeteia e pergunta se aquele é jeito de se responder ao sumo sacerdote. Esta bofetada ocupa o centro da estrutura paralelística (c: v.22), chamando a aten^ao para o comportamento hostil dos adversarios de Jesús. Na verdade, este servo simboliza o grupo judaico que nao aceitou a revelado de Jesús, e a bofetada é um claro símbolo desta nao acei­tado[[894]](#footnote-895).

A reaQao de Jesús é urna resposta cheia de dignidade e, em sin­tonía com o seu comportamento durante todo o processo[[895]](#footnote-896), de­monstra a irracionalidade do gesto injurioso recebido, colocando em crise todo o procedimento a que é submetido[[896]](#footnote-897), pedindo que se demonstre em que Ele nao proceden bem. O verbo XaXéw, apesar de, num primeiro aspecto, referir-se á exposi^áo legítima de sua de- fesa no versículo 23U7, aparece aquí pela quarta vez no diálogo e, confirmado pelo dado de que a bofetada representa a rejei^áo dos judeus incrédulos á revelado de Jesús, assume o mesmo significado dos versículos 21-22, reiterando a retidáo de sua revelado durante todo o Seu ministério[[897]](#footnote-898).

* + 1. *Pedro nega a sua condiçâo de discípulo:*

Nos versículos 17-18 e 25-27 a atençâo é concentrada em Pedro e na sua condiçâo de discípulo. Joâo insiste em caracterizá-lo como discípulo, mas mostra urna nâo correspondência de Pedro a esta condiçâo, através de duas constataçôes: nâo obstante o episodio do jardim, Pedro seguia Jésus; entretanto, ao entrar no pátio do sumo sacerdote, por très vezes, nega ser discípulo Dele.

* + - 1. *Pedro seguia Jesús mas nâo podía dar testemunho dele:*

Nâo parece sem valor que, nesta perícope, se fale de Pedro co­mo discípulo. Este termo constituí, de fato, urna palavra temática nesta seçâo[[898]](#footnote-899): aparece nos versículos 15-16, falando de um outro **discípulo;** nos versículos 17.25, nos quais Pedro nega ser **discípulo;** no v. 19 Jesús é interrogado sobre seus **discípulos.** Todas estas refe- rências têm a ver com Pedro, o qual aparece na abertura da seçâo, justamente numa constataçâo de que, com um outro discípulo, seguia Jesús.

Nâo conhecemos os motivos pelos quais estes discípulos se- guem Jesús[[899]](#footnote-900); a sugestáo de que ao menos Pedro o faça por curio- sidade difícilmente é satisfatória[[900]](#footnote-901). Todavia, podemos considerar que este seguimento é descrito no imperfeito (f|Kokoú0et), exprimin- do bem o suspense e a ansiedade desse continuar a seguir Jesús[[901]](#footnote-902). Com este seguimento, ambos estâo infringindo a vontade de Jesús manifestada ainda no jardim, que era a de que eles fossem embora ilesos (18,8-9). O texto nâo diz, mas possivelmente indica duas coi­sas: ambos os discípulos demonstram nâo ter assimilado o alcance da ordem de Jesús aos seus adversários e a Sua prontidâo para dar a vida, o que coloca em maior evidencia a pessoa de Jesús; além disso, mais que querer mostrar a coragem de Pedro, esta sua seqüela o insere no caminho ao longo do qual se cumprirá o que Jesús pre- dissera e mostrará por que, agora, ele nâo pode seguir Jesús aonde Ele está indo[[902]](#footnote-903).

De fato, a narraçâo joanina mostra Pedro percorrendo um caminho que parece urna involuçâo no seguimento de Jesús. O versículo 15 diz que Pedro seguia Jesús. Já vimos que o verbo àKoXovOéœ é, por excelència, um verbo que designa o discipula­do[[903]](#footnote-904); por outro lado, o versículo 18 diz que Pedro está parado en- tretido entre os servos e guardas. Este versículo descreve o estado de Pedro com o mesmo verbo (ïcrrr|jii) que descreve o estado de seus adversários. Apresenta os servos eíoTT|Keioav, isto é, num perma­necer espontáneo de pessoas que, nao tendo mais nada que fazer, comentam como terminaráo as coisas[[904]](#footnote-905); dizendo que Pedro |let’ aÚTMV êoTœç Kai Qeppaivôpevoç, apresenta Pedro no meio de­les, parado, como se tivesse as mesmas motivaçôes e, com medo de ser identificado[[905]](#footnote-906), nao revelará a sua identidade de discípulo.

A imagem plástica sugere, assim, urna parada no seguimento de Jesus. De fato, diante do tribunal, Jesus manda que interpelem os que o escutaram, mas Pedro nao está mais ali como alguém que es- cutou e interiorizou a mensagem de Jesus, nâo consegue, como já o fizera, no bem e no mal[[906]](#footnote-907), testemunhar a sua adesâo[[907]](#footnote-908).

* + 1. *A tríplice negaçâo:*

Em Joâo, a narraçào da negaçâo de Pedro encontra-se dividida em duas partes organizadas, como vimos, de modo paralelístico (A-A’). A primeira negaçâo acontece logo depois que Pedro é intro- duzido no pàtio do sumo sacerdote (A: v. 17-18) e as duas últimas (A’: v. 25-27) sao colocadas após o interrogatorio de Jesus (B: v. 19-24), mas com urna indicaçâo de que acontecem simultánea­mente. Vejamos os termos e o significado teológico da tríplice ne­gaçâo.

1. *Os termos da negaçâo de Pedro:*

Analisemos as très negaçôes, considerando quem faz a pergun- ta, o teor da pergunta e da resposta de Pedro.

A primeira pergunta (v. 17a) que géra a primeira negaçâo é fei- ta pela empregada (f| JtatSíoKT| f| Ovpœpôç) que tornava conta da porta, após conceder a Pedro o direito de acesso ao pàtio; a segunda pergunta (v. 25a) traz um sujeito oculto indeterminado (terceira pes- soa do plural) e é constituido, seguramente, pelo grupo dos servos e oficiáis que estavam se esquentando ao fogo (v. 18); já a terceira pergunta (v. 26) é apresentada por alguém que participara da prisáo de Jesús e que nao só fora testemunha da intervenQao de Pedro com a espada, mas que era também párente do servo ferido.

Muitos duvidam de que urna mulher pudesse vigiar o ingresso no patio do sumo sacerdote, especialmente á noite, e em ocasides de tanto movimento[[908]](#footnote-909). Mas a questao deve ser vista no conjunto dos personagens que interagem com Pedro, os quais revelam urna pro- gressiva complexidade de situado. Estes personagens representam, na verdade, urna evolu$ao na periculosidade a que Pedro é expos­to[[909]](#footnote-910). De urna simples porteira, passamos a um grupo de guardas e servos informalmente reunidos e fora de oficio, e chegamos a urna pessoa que testemunhara a violencia de Pedro, e que, falando enfáti­camente (oúk éycó ge e18ov)[[910]](#footnote-911), representa urna ameaca e o ame- dronta[[911]](#footnote-912).

Quanto ao teor, a primeira e a segunda perguntas sao formula­das praticamente do mesmo modo. A única diferenga é que a segun­da pergunta, traz aÚTOü no lugar de tou ávOpénou toútou. A por­teira, portanto, se refere a Jesús falando “deste homem”, porque Ele tinha apenas entrado; ao usar oútou, a segunda pergunta subli- nha que agora Jesús era o objeto geral das discussdes, de sorte que a ateneo de todos se concentrava Nele[[912]](#footnote-913). Assim, temos as duas per­guntas:

v. 17b: **b - Mf] Kai** aú ¿k twv jiaúqTWV el tou ávGpónou toútou; v.25b: **b’ - Mi] Kai** oí) ¿k t&v **|iaOi]T&v** aóroC el;

Dois elementos merecem destaque nestas perguntas:

— Ambas sao introduzidas com a expressao pf| Kai e tém o verbo no indicativo. Urna pergunta na ordem direta com jiq e no modo indicativo normalmente espera urna resposta negativa[[913]](#footnote-914). Assim, a serva deixara Pedro entrar mas nào esperava que eie fosse discípulo de Jesus, nào constituindo, portanto, nenhuma amea^a para Pedro. O Kaì crú, que aqui assume o sentido de “também tu”, nào leva em considerando o outro discipulo — o Kaì é usado tam­bém em b’ (v. 25b) e là nao existe nenhuma referencia a este discípu­lo — mas os muitos discípulos, em geral[[914]](#footnote-915). Do mesmo modo, no versículo 25, embora pelo clima da narrando se possa deduzir que urna certa suspeita recai sobre Pedro[[915]](#footnote-916), em virtude do pf| Kaì se es­pera dele urna resposta negativa[[916]](#footnote-917).

— Ambas as perguntas ndo indagam se Pedro conhece ou ndo Jesus, mas se é discípulo Dele. Colocam assim em crise a per- tenna de Pedro ao movimento de Jesus, a sua identidade como dis­cípulo.

A terceira pergunta dirigida a Pedro é:

v. 26b: b” - Oòk èyó oc slSov èv rà Kf|7rq) per’ aòxou;

Diferentemente das perguntas anteriores, esta é introduzida com oòk, que deixa transparecer urna maior incisividade e certeza, de modo que espera urna resposta positiva[[917]](#footnote-918). É como se o servo dissesse: “Eu mesmo, em pessoa, nào te vi com Ele no jardim?”. Além disso, a pergunta nào se centra no aspecto geral se Pedro é discípulo de Jesus; evoca o fato concreto que Pedro estava com Jesus no horto e tomou a iniciativa de reagir, ferindo o seu parente — o que o identifica também como discípulo, mas com urna agravante de que traz urna prova concreta daquilo que suspeita. Assim, paulatinamente, como a apresentacào dos interlocutores já atestara, o cerco se restringe, como que forjando Pedro a confessar, de urna vez por todas, a verdade que ele teima em negar.

De fato, as tres respostas de Pedro revelam a mesma intencào: negam absolutamente qualquer possibilidade de que o que suspei- tam dele seja verdadeiro. Isto transparece seja ñas palavras que o

evangelista usa para introduzir as declaraQÒes de Pedro, seja nas próprias palavras dele.

Para introduzir as palavras de Pedro o evangelista usa expres- sòes verbais que também sublinham a progressiva nega?ào de Pedro. Na primeira temos Xéyei, na segunda f]pvf|oaTO Kaì elnev e, na terceira, nóXtv f|pvfioaro, o que progressivamente passa do disse, ao negou, e ao negou de novo (renegou). O aoristo usado na segunda e na terceira introduces e o advérbio de tempo usado na terceira, parecem expressar a angustia de um Pedro pressionado, e a sua vontade de acabar, de urna vez por todas, com este argu­mento[[918]](#footnote-919).

Na primeira e na segunda negado, temos um discurso na or- dem direta, de modo que traz as palavras de Pedro: Oók eipí. Na terceira negado temos somente a narrado do evangelista que cons­tata que, de novo, Pedro negou Jesus. Entre os evangelhos, a ex- pressào oók elpí, sem complemento, se encontra somente em Joño[[919]](#footnote-920). Aqui estabelece urna correspondencia antitética com a ex- pressào éyó eípt pronunciada por Jesus, ao longo do episodio do jardim (18,5.6.8), de sorte que a negado ovk corresponde ao prono­me pessoal éyd), que denota identidade[[920]](#footnote-921). Assim, em vez de revelar a sua identidade, como Jesus, Pedro recusa confessar a sua relado com o Mestre, o que equivale a negar a pròpria identidade e ficar sem nenhuma[[921]](#footnote-922). À sua resposta é, de fato, seca; ele fala o menos possível, proferindo urna lacònica mentira, para se livrar da inopor­tuna amea^a que o seu passado com Jesus ora representa. E selando esta sua opdo, pela terceira vez, o evangelista se limita a afirmar, sem necessidade de outros esclarecimentos, que Pedro de novo ne­gou Jesus.

1. *O significado da negando de Pedro:*

O sentido da negado de Pedro é melhor evidenciado por meio da considerado de dois fatores: pela ausencia de referencias ao re- morso de Pedro, após a negado; e pela intercalado do depoimento de Jesus diante do sumo sacerdote, entre as negadas de Pedro, divi- dindo-as em duas partes, o que coloca em maior evidencia o zelo de Jesus pelos Seus discípulos.

Em Joào nào existem referencias a imprecares e remorsos de Pedro após o canto do galo[[922]](#footnote-923). Nào é dito, como nos sinóticos[[923]](#footnote-924), que Pedro se recordou das palavras de Jesus e chorou amargamente. É significativo que Joào nào se tenha interessado por este detalhe. É que ele nào ve este episodio a partir da historia de Pedro, aumen­tando ou diminuindo a sua responsabilidade ou acentuando a he­diondez de sua negalo. O referencial para a significando do com­portamento de Pedro é o comportamento de Jesus, que, na liberda- de, abrana a Paixào. Para o evangelista, portanto, a simples justapo- sinào entre a narranào da negando de Pedro e o canto do galo basta para que o leitor evoque, na memoria, a profecía de Jesus que dá significado à negando de Pedro143: essa dá cumprimento ás palavras de Jesus, confirmando, assim, que Pedro ainda nao tem condinóes de seguí-Lo. Mas o leitor deve recuperar, também, a certeza de que urna outra profecía, feita quase simultaneamente àquela[[924]](#footnote-925), se cum- prirá: agora Jesus vai preparar um caminho que será percorrido, posteriormente, por Pedro.

A Paixào é, portanto, a divisoria das águas. Sem a morte de Je­sus — que é, na verdade, a Sua glorificando[[925]](#footnote-926) — Pedro é alguém amedrentado, fechado no seu presente sem memoria, o que o impe­de de ser coerente na sua fé e na sua adesdo a Jesus, nao podendo testemunhar, publicamente e em condinóes adversas, o seu discipu­lado.

Por outro lado, a estruturando do texto joanino que coloca as neganóes de Pedro contemporáneas à defesa de Jesus, produz um contraste dramático entre a defeenào de Pedro e o depoimento de Jesus, que enfrenta corajosamente os Seus inquisidores e protege os Seus discípulos[[926]](#footnote-927). Isto faz com que a Paixào seja o momento no qual Jesus ganha definitivamente os discípulos para Si[[927]](#footnote-928) : nào obs­tante a sua marcada solidào e a evidente ausencia dos discípulos, notadamente de Pedro, Jesus, que intervira por eles no jardim, por duas vezes se refere aos discípulos, agindo de novo por eles, prote- gendo-os e pedindo que eles sejam escutados. A intendo de Jesus, aqui, nào é simplesmente acusar-lhes a incapacidade ou a ingrati- dào, nem tampouco querer ser comparado a eles, aparecendo su­perior. À luz de 13,37-38[[928]](#footnote-929)°, podemos dizer que Jesus vé, no futu­ro, a adesào que eles farào. A Paixào é enfim inexorável; quando Jesus diz aos Seus inquisidores que perguntem aos Seus discípulos, é corno se previsse um futuro próximo, em que Pedro e os discípu­los viverlo sem ambigüidade as suas adesdes a Jesus, entre a me­moria de Seu testemunho e a experiencia da Ressurrei^ào que os toma conscientes de que O escutaram, interiorizaram a sua Reve­lará© e sao chamados a dar testemunho.

1. *Rela$ào com a tradiado sinótica:*

Estes dois episodios (18,10-11.15-27) sao testemunhados pelos quatro evangelhos, de sorte que a comparalo entre eles, eviden­ciando os pontos comuns e as características exclusivas de Joáo, ajudam a mostrar a énfase e os motivos teológicos próprios do quarto evangelista, iluminando a imagem que tem de Pedro.

A fim de evidenciar melhor os aspectos joaninos em relagao aos sinóticos, subdividimos este episodio em duas se^oes, que cor- respondem ao seu desenvolvimento narrativo, referindo-se à trans­ferencia de Jesus ao sumo sacerdote, a qual é acompanhada por Pe­dro, que, em seguida, na casa do sumo sacerdote, nega ser discípulo de Jesus[[929]](#footnote-930).

*Giovanni,* III, p. 372; Poppi, *Sinossi,* II, p. 522; Charboneau, “L’Interrogatoire de Jésus”, p. 193; La Potterie, *Exegesis IV1 Evangelii,* p. 79.

* 1. *18,10-11: a resistencia oferecida por Pedro:*

Urna relacjáo com os correspondentes sinóticos permite colocar em destaque dois aspectos específicamente joaninos: a contextuali- za^áo do episodio á luz do dom e o marcado interesse pela figura de Pedro.

Somente Joño traz, na ordem que Jesús dá a Pedro para em- bainhar a espada (v. 11), a referencia ao cálice (xó noxí]piov), que é urna clara conota^ao de total e livre subordinado á vontade do Pai[[930]](#footnote-931).

O interesse pela pessoa de Pedro, característico do texto joa- nino transparece nos aspectos seguintes: é somente Joño quem iden­tifica, no versículo 10, o discípulo (Zípwv néxpog) e o servo (MáXxog) que é ferido por este discípulo; conquanto para o quarto evangelista Pedro esteja longe de corresponder á mentalidade de Jesús e aja segundo os critérios deste mundo, ele aparece, em re­lado aos sinóticos — embora estes nño o identifiquem — numa conceituado muito melhor. De fato, Joño nño narra, como Lucas (22,50-51)[[931]](#footnote-932), a cura operada por Jesús, que restitui a orelha ao ser­vo, o que podería ser urna indicado de anulado da ado de Pedro, já que tudo era restabelecido, como antes. Além disso, Joño nño traz, como Mateus[[932]](#footnote-933), a repreensño a Pedro, alegando que quem usa a espada morrerá pela espada (Mt 26,52b). O texto joanino nño emite tácita condenado ou repreensño a Pedro, além da ordem, sem julgamento, páXe ... elg xf|v OfjKTiv[[933]](#footnote-934); nada das pesadas pa- lavras proferidas por Jesús, segundo Mateus, alertando que o feitipo vira contra o feiticeiro, sño evocadas em Joño ou aplicadas a Pedro[[934]](#footnote-935).

* 1. *18,15-16: Pedro segue Jesús enquanto este é levado ao sumo sacerdote:*

Referindo-se á transferencia de Jesús para o sumo sacerdote, depois da prisao no jardim, os sinóticos[[935]](#footnote-936) dizem que Pedro seguía Jesús ánó paKpóOev, referindo-se com isto a urna certa hesitado de Pedro e enfraquecendo o motivo da seqüela[[936]](#footnote-937). Joao diz simples- mente que Pedro seguía Jesús. Além disso, enquanto nos sinóticos Pedro entra, sem maiores dificuldades, no patio (auXf|), e vai ter junto dos guardas (pera tov DKqperov)[[937]](#footnote-938), para o quarto evangelis­ta, Pedro tem que superar certas difículdades, sem deixar espado pa­ra a covardia, como mostram as referencias á sua entrada no patio. Também é exclusivo do quarto evangelho colocar ao lado de Pedro um outro discípulo que entra eig rqv auXf)v tod ápxiEpéog (18,15), e depois intermedia a entrada de Pedro. É como se mais na frente se fizesse importante a presenta dele, e ele contribuísse para o cumpri- mento de um plano[[938]](#footnote-939).

* 1. *18,17-27: Jesús e Pedro no palacio do sumo sacerdote:*

Esta cena, embora ancorada claramente na tradipao sobre a ne­gado de Pedro, sublinha especialmente a peculiaridade joanina que concebe a Paixao como glorifica?ao de Jesús[[939]](#footnote-940). Isto aparece sobre- tudo na disposiçâo narrativa da cena e no quadro que Joáo apresen­ta sobre Jesus.

De fato, apesar de os evangelistas seguirem o mesmo esboço gérai, com très negaçôes de Pedro e um depoimento de Jesus diante do sumo sacerdote, Joâo aproveita a entrada de Pedro como oca- siâo para narrar a primeira negaçâo (18,17), e somente depois infor­ma que Pedro se dirige à roda de pessoas em torno do fogo para se esquentar (18,18). Em seguida passa à narraçâo do inquérito de Jesus ( 18,19-24), para depois prosseguir com a narraçâo sobre a ne­gaçâo de Pedro (18,25-27). Esta construçâo dà urna nota vel contra- posiçâo entre Jesus e Pedro, na narraçâo do quarto evangelista, su- blinhando, por antitese a Pedro, a atitude de liberdade e oferta de Jesus[[940]](#footnote-941).

O quadro que o quarto evangelista tece sobre Jesus é também muito especial e contribui para evidenciar a Sua glorifîcaçâo. Assim, durante a narraçâo do depoimento de Jesus, Joâo nâo menciona os insultos e açoites que Lhe sâo impostos[[941]](#footnote-942).

Este quadro sobre Jesus aparece, ainda, como o centro do qual diverge e para o qual se dirige a açâo de Pedro, sendo à luz deste quadro que vâo vistos e redimensionados os tantos detalhes tipica­mente joaninos, como também as omissôes de outros tantos conhe- cidos dos sinóticos no que diz respeito à sua negaçâo. Estes detalhes servem sempre, e em ùltima instancia, a sublinhar a grandeza de Jé­sus e relativizar a pessoa de Pedro. Assim, os sinóticos concebem a negaçâo feita por Pedro como negaçâo da pessoa de Jesus, o quarto evangelista centra a questâo sobre o seu discipulado16\*. Com um taxativo oúk eigí, Pedro nega claramente, nao admitindo em nenhu- ma hipótese ser considerado como discípulo de Jesus e aumentando aínda mais o caráter único e exclusivo da Paixáo abracada por Jesus[[942]](#footnote-943). Jesus vai irreversivelmente só, mas isto nao constituí um drama, nem emite nenhum juízo de valor sobre Pedro[[943]](#footnote-944). As suas respostas sao, pois, como um eco da solidao de Jesus.

Esta característica joanina ganha mais importancia, quando se considera que os evangelhos sinóticos, aínda, sao unánimes em tra- zer a reacáo de Pedro após o canto do galo[[944]](#footnote-945): recorda-se das pa­la vras de Jesus e chora amargamente[[945]](#footnote-946). Além disso, Lucas acentúa a gravidade da negacáo de Pedro, dizendo que Jesus se voltou e olhou para ele, enquanto o galo cantava[[946]](#footnote-947). Joáo nao faz nenhuma referencia a esta situacáo; nao está interessado no destino pessoal de Pedro, se nao enquanto ressalta Jesus. Para Pedro, fica o exemplo do Mestre, como alguém com pleno poder sobre os Seus adversarios e sobre os Seus discípulos, e em absoluta comunháo com o Pai, de modo que tudo o que está acontecendo está sob o Seu controle, in­clusive a atitude de Pedro. Esta, mais que frisar urna triste condicáo de Pedro, realca, na verdade, a glorificacáo de Jesus e aponta para o futuro, quando Pedro será plenamente discípulo. Por enquanto, ele deve fazer o seu caminho[[947]](#footnote-948).

NOTAS CONCLUSIVAS DO CAPÍTULO

Estudamos, neste capítulo, as duas perícopes do capítulo 18 que tratam sobre Pedro: v. 10-11 e v. 15-27. Estas duas cenas se correspondem tanto pelo aspecto formal como pelo tema que Ihes é comum.

O tema de fundo, comum ás duas perícopes, é o processo salvi­fico levado adiante por Jesus e nao entendido nem aceito por Pedro, que, de varias maneiras, o obstaculiza.

Na primeira perícope, este processo entra na sua reta final, com Jesus entregando-se voluntariamente aos seus adversarios, mas pro- tegendo e garantindo a incolumidade dos discípulos. Pedro, com sua primaria intromissào, serve para realzar claramente a disponibi- lidade de Jesus em cumprir a vontade divina, e a Sua firmeza em nào distanciar-se desta via.

Além disso, o episodio do jardim preludia a importancia de Pe­dro na cena seguinte. Esta, nao obstante a manifesta vontade de Je­sus de que os discípulos fossem embora, traz Pedro seguindo-O, vencendo, com a ajuda de um outro discípulo, as dificuldades de en­trar no pàtio — dificuldades que sao seguramente aumentadas em virtude de sua reapào no jardim —, relevando, pois, a importancia da sua presenta no significado do desenvolvimiento da historia. A sua atitude é colocada lado a lado com a de Jesus. Jesus, que no jar­dim tomara iniciativa, se identificara, defenderá os Seus e Se entre­gara como dom, continua protagonista da situado. Apesar de pri- sioneiro e sem liberdade de a?ào, nào perde a liberdade da palavra; pergunta ao sumo sacerdote o motivo do interrogatorio, nega-Se a dar maiores esclarecimientos a respeito dos discípulos e da Sua dou- trina, dizendo que aqueles que O escutaram e entenderam podem dar testemunho, e deixa um servo do sumo sacerdote sem resposta, diante de um gesto que poderia humilhá-Lo. Pedro, num sentido in­verso, muda radicalmente de atitude: nào está mais disposto a com- bater, furta-se a identificar-se como discípulo, mas está inexplicavel-

historia fosse bem mais simples que ñas tradi^oes atuais. Muitos estudos (entre os quais podemos citar: Dauer, *Die Passionsgeschichte,* p. 22-60; Sabbe, “The Arrest of Jesus”, p. 203-234; Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 401-416) procuraram indivi­dualizar aquilo que do texto pertence á fonte e aquilo que pertence ao evangelista, chegando, muitas vezes, a resultados opostos. Permanece o dado de que o teor e a amplitude destes estágios podem ser reconstruidos somente aproximadamente, sem consentir que se exprimam juizos definitivos. Cf. Fortna, *The Gospel of Signs,* p. 119-122; Id., “Jesus and Peter at the High Priest’s House”, p. 379-383; Talavero Tovar, *Pasión y Resurrección,* p. 58; Sanders, *John,* p. 392-393; Giblin, “Confron­tations in John 18,1-27”, p. 214; Brown, *The Gospel,* II, p. 837; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 345-347.364.

mente ali. E é isto que Jesus, agora, quer dele. Desta sua presenta surge um posterior sentido para as duas cenas: Pedro tinha que es­tar lá. Aquele era o momento em que se devia cumprir urna parte das palavras de Jesus pronunciadas em 13,36-38: Pedro, que inten- cionava seguir Jesus e dar a sua vida por Ele, nao poderia acompa- nhá-Lo agora; antes, O negaría. Mas depois O seguiría.

Estes dois episodios, portanto, estào mima relajo de cumpli­mento e preparalo ou prelùdio com 13,36-38. Cumprimento, en- quanto mostram Pedro agindo e seguindo Jesus, motivado pela sua intenso, que nao o faz, como advertirá Jesus, dar a sua vida por Ele, mas o leva à negado de seu discipulado. Preparado, porque confirma que a outra parte da profecía de Jesus se cumprirá, depois que ele tenha feito o seu caminho.

Assim, a olhos vistos, a a^ao de Pedro neste capítulo aparece brutal, impulsiva, precipitada e equivocada, por urna parte, e omis- sa e covarde, por outra; teologicamente, todavía, eia é reprovável, para Joao, somente porque leva à inadimplència do designio salvifi­co do Pai. Compreende-se, assim, porque Joào nào condena Pedro nem exprime comentários que o desaprovem. Na verdade, para ele, diferentemente dos sinóticos, Jesus, no jardim, dá a Pedro somente a ordem de absolutamente interromper o que está fazendo, mas nào se delonga em analisar o comportamento dele, nem acrescenta pa­lavras que o coloquem em situado embarazosa. Do mesmo modo, durante a negado, o quarto evangelista é extremamente parcimo- nioso: as respostas de Pedro, em compararlo com as trazidas nos si­nóticos, sao monossilábicas; ele nào se refere ao olhar de Jesus que, juntamente com o canto do galo, provoca a crise de Pedro, segundo Lucas; nào fala da recordado que Pedro tem das palavras de Jesus nem do seu pranto, que acentuariam o seu drama e o seu falimento. Para o quarto evangelista, é já bastante que ele veja ruir a sua con- cepzao de discípulo e presencie o triunfo de Jesus e de sua Reve- laráo. O seu caminho de real adesào a Jesus se faz muito mais lenta­mente do que ele supunha; passa, inclusive, pela experiencia do oposto desta adesào.

Capítulo VII  
«AINDA NÂO TINHAM COMPREENDIDO QUE...  
ELE DEVIA RESSUSCITAR»  
(JO 20,1-10)

Permanecendo fiel à tradito evangélica, o quarto evangelista, depois da narralo sobre a Paixào e Morte de Jesus, narra algumas apariQÒes do Ressuscitado, em prosseguimento à constatalo de que o sepulcro estava vazio. Esta constatalo assume, em Joào, urna marca característicamente sua, já que apresenta a visita de Pedro ao sepulcro, ao lado do Discípulo Amado, mima maneira muito elabo­rada, e, ao inicio de urna apresentacào graduai, mostrando o germe da fé no Ressuscitado. Neste episòdio Pedro mantém urna incrivel continuidade com o quadro até entào dele apresentado pelo quarto evangelista, de modo que este pode ser considerado como um episó- dio-síntese sobre Pedro, mas ao mesmo tempo despontam elementos indicativos, já, de urna transformado que se evidenciará e se con- cretizará nos últimos episodios petrinos, no capítulo 21. Procurare­mos evidenciar estes dois aspectos fundamentáis da perícope, par- tindo de urna breve visao sobre o capítulo 20, que nos permitirá si­tuar os versículos 1-10 na ampia perspectiva dos acontecimientos pascáis, ao mesmo tempo que colher a sua especificidade; em segui­da, e depois de vermos como se apresenta a questào da transmissao textual, tentaremos agrupar, por intermèdio da estrutura do texto, os principáis elementos para urna leitura exegética da perícope, sem­pre no que tange ao nosso personagem.

1. *Visao geral sobre o capítulo 20 como contexto dos* v. *1-10:*

O capítulo 20 traz o reencontró de Jesus com os seus discípu­los, o qual se toma realidade através das apari^óes pascáis. Ao descrever esta sèrie de reencontros, o evangelista o faz de modo tal que todo o capítulo descreve a génese e o desenvolvimento da fé pascal[[948]](#footnote-949).

Este capítulo pode ser dividido em duas seçôes: 20,1-18, que se desenvolve em tomo do sepulcro, e 20,19-29, cujos fatos acontecem no cenáculo, com um epílogo constituido pelos versículos 30-31[[949]](#footnote-950). A primeira seçâo consta de dois episodios, situados na manhâ do pri- meiro dia da semana, os quais consistem na constataçâo do sepulcro vazio por Maria Madalena, Pedro e o Discípulo Amado (v. 1-10) e na apariçâo de Jesus a Madalena (v. 11-18). A segunda seçâo tam- bém traz dois episodios: o encontró dos discípulos com o Ressusci­tado (v. 19-25), situado na tarde do primeiro dia da semana, e a apariçâo a Tomás (v. 26-29), oito dias depois[[950]](#footnote-951).

O primeiro episodio da primeira seçâo (v. 1-10) consta de dois grupos de movimentos: Madalena vai ao sepulcro, constata a re- moçâo da pedra e vai a Pedro e ao Discípulo Amado, que váo ao sepulcro e constatam o que está dentro deste.

Os versículos 11-18 fazem um progresso decisivo rumo à fé pas­cal, mostrando urna evoluçâo que vai do sinai da ausência desem- penhado pelo sepulcro à presença de Jesus. O texto mostra Madale­na no sepulcro, que vê inicialmente dois anjos, e depois Jesus, ao que segue a sua confïssâo de fé e a declaraçâo de Jesus. Por trás des­ta narraçâo temos o drama do progressivo reconhecimento da pes- soa de Jesus, por parte de Madalena, cuja fé deve ser radicalmente transformada[[951]](#footnote-952).

O primeiro episodio da segunda seçâo (v. 19-25) traz o encontró dos discípulos com o Ressuscitado, no cenáculo. Após a descriçâo da vinda de Jesus através das portas fechadas, Ele se dà a conhecer pela constataçâo de suas màos e do lado de seu corpo golpeado por um soldado com urna lança[[952]](#footnote-953), seguindo-se alguns fatos como a alegría dos discípulos, a missào em nome de Cristo e a comunicaçâo do Espirito, de modo que a fé pascal aparece como passagem do medo à alegría da presença do Senhor Ressuscitado[[953]](#footnote-954).

No segundo episòdio (v. 26-29) temos o encontró de Jesus Res- suscitado com Tomás, que nâo esta va no cenáculo anteriormente e, diante do comunicado dos demais, se mostrara incrédulo. Após a descriçâo sobre a vinda de Jesus, segue a constataçâo, por parte de Tomás, das mâos e do lado golpeado de Jesus, além de sua confis- sào de fé e a bem-aventurança pronunciada por Jesus para os que crêem sem ter visto, do que se depreende que a fé dos cristâos (que crêem sem ter visto Jesus Ressuscitado) se coliga com a experiéncia fundante dos primeiros testemunhos da ressurreiçâo[[954]](#footnote-955).

Os quatro episodios desenvolvem-se, portanto, seguindo um processo estrutural idèntico, que consiste basicamente de très elementos: relaçâo de alguns personagens com lugares que têm diretamente algo a ver com o Ressuscitado; constataçâo visual do que está dentro destes lugares ou do que pertence à pròpria pessoa do Ressuscitado; descriçâo de fatos que decorrem desta consta­taçâo visual[[955]](#footnote-956). O tema unificador de toda a narraçâo é o ver[[956]](#footnote-957), de modo que ao interno de Jo 20,1-29 existe um movimento que descreve os primeiros testemunhos da Ressurreiçâo através de um aprofundamento progressivo sobre Jesus, cuja visâo exprime a plénitude de fé somente em 20,25 com a expressâo éœpàKapev ròv KÚpiov.

As relaçôes entre os personagens sâo muito importantes, pois cada um deles se define pela sua relaçâo com Jesus[[957]](#footnote-958), de modo que entre a primeira e a ùltima cena existe toda urna progressâo em que esta relaçâo é aprofundada.

Assim, o ponto de partida, constituido justamente pela nossa perícope (v. 1-10), mostra que a fé no Cristo Ressuscitado repousa, antes de tudo, no testemunho daqueles que viram e contemplaram o sepulcro sem Jesús, e entenderam as Escrituras, iniciando um pro- cesso — de visâo e reconhecimento do Ressuscitado — que tende na direçâo de um movimento final que proclama beatos aqueles que nao viram mas creram (20,29), situando a fé pascal numa perspecti­va eminentemente eclesial[[958]](#footnote-959).

1. *Crítica textual:*

Entre os versículos 3 e 10 existem varias liçôes variantes, mas sâo, em geral, apresentadas por testemunhas textuais de pouco va­lor. Todavia, ainda que nao apresentem maiores problemas na es- colha, merecem atençâo, no nosso estudo, aquetas que se referem aos versículos 8 e 9.

* 1. *20,8:*

Neste versículo existem duas questoes.

Urna primeira questáo é colocada pela expansao do código Be- za (D) que introduz um ovk antes de éníoxEUOEv. Com isto, o versí­culo 9, que se refere ao fato de que os discípulos nao tinham ainda entendido as Escrituras, nao traria maiores dificuldades de com- preensao, já que se colocaría em continuidade com o versículo 8, que atestaría, portanto, que o Discípulo Amado, após ter visto o se­pulcro vazio e os varios objetos em ordem, nao teria crido. Con- quanto este esclarecimento, a leitura com ovk reduz o enfoque prin­cipal da narraçâo, fazendo com que ela se ocupe praticamente da descriçâo da incredulidade dos discípulos[[959]](#footnote-960). Além disto, a leitura sem oók é quase unánimemente atestada pelos manuscritos, e deve ser a preferida.

A segunda questáo se refere à expressâo eISev koí ènioTEUoev. As testemunhas textuais 69 124 Syspal georg colocam esta expressâo no plural. Mas esta leitura é um claro indicio de reflexâo e correçâo

**«AINDA NAO TINHAM COMPREENDIDO QUE... ELE DEVIA RESSUSCITAR» 213** dos copistas, que querem fazer com que o texto explícitamente diga que também Pedro alcanza a fé[[960]](#footnote-961).

* 1. *20,9:*

Neste versículo, os códigos x\* b c q ff2 r mudam o plural ^Seictov em ^Set. Esta é também urna obvia corre^áo de copistas que procuram harmonizar os versículos 8 e 9, mas alterando o 9. Colocando, portanto, o dado da nao compreensao da Escritura no singular, fazem com que se refira somente a Pedro, contrastando com o Discípulo Amado que no versículo 8 vira e crera. Esta leitura também é recusada porque o plural, além de ser a *lectio difficilior,* é melhor atestada pelos manuscritos e, portanto, mais garantida.

1. *Estrutura:*

Esta perícope é urna vivaz narrativa sobre a visita de Pedro e do Discípulo Amado ao sepulcro de Jesus, motivada por urna prèvia visita de Madalena. O texto ocupa-se com ateneo da ida deles ao sepulcro, da inspe^ao que fazem là e da rea^ao que apresentam diante dos dados colhidos. Porém, estas tres etapas tém dados que se entrecruzam e se evocam de modo que podemos dispó-la assim:

1. Tg Sé ptp tóv oaPpáTCüv Mapía f| MaySaXqvf] épxetat np®t OKOtíag éxi o6ar]<; eíg tó p vi] peí o v taxi piénei tóv AíGov fjppévov ¿k tov pvTjpeíov.

2Tpé%£t oúv Kai Spierai npóg Eípcova Flérpov «cal npò<; tóv ñXXov pa0r,TT]v 6v ¿«píAci ó ’Itioov«; Kai Xéyet aÚTOÍg, Upav tóv KÚptov ¿k tou pvqpeíov Kai oók oíSapev nov éO^Kav aúxóv.

**-A** 3 ’E^fjXOev oùv ó nétpog Kaì ó àXXog pa0r,Tf)<; Kai fipxovTO elg tò pvTipeiov.4 ¿rpsxov 8è oi Suo ópoù •

**al** Kai ó 6XXog pa0T|Tf|g npoéópapev Tà%iov toC néTpov Kai f|X,0€v npmoq elq tò pvT|p£Ìov,5 Kai napaKÙyag

**bl** pXéKei KEÍpeva xa ò0óvia,

¡

od pévxoi slafjXOev.

6 cpxexai oòv Kai Eipcov néxpog àKoXxwOcov avx^ Kai 8ÍCTÍÍX08V €Ìg TÒ PVTIP8ÍOV,

B *f* Kai 08®p8i tò ò0óvia Keipeva,

I b2)7 Kaì tò oov8àpiov, 6 ùv ¿ni Tfjg KcipaXfig aÒTOv, / oò p£TÒ t®v ò0ovi©v Keipevov àXXà x®pig l èvTETvXtypévov fiiq ¿va tónov.

**a3 8** tòte oòv eicrijlOev Kai ó &XX.og pa0T|Tf]g ó èX,0<»v npóJTog eig tò pvqpEÌov

**b3** Kai el8ev

c Kai ènÌCTTevoEV-’oò8éw yàp f|8eiCTav tt]v ypa<pf]v l ÒTt 8eì aÙTÒv ¿k vsKpàv àvacrrfjvai.

**L A’** 10 ànfiX0ov oòv nàXiv npòg aÒTOùg oi paOijTai.

Os versículos 3 e 10 constituem um claro inicio e firn da cena: os dois discípulos vào (A: v. 3-4a) e retomara (A’: v. 10) do tùmulo. Verifica-se, assira, um paralelismo antitético entre A e A’ com os verbos è^-qX0£v e àrt-qlOov.

Em B (v. 4b-9) temos o verdadeiro e pròprio desfecho do episò­dio, organizado num triplice movimento, que permite visualizar o texto na forma **al-bl-a2-b2-a3-b3-c,** em que **al, a2** e **a3** retomara, individualmente, os personagens insistentemente apresentados em **A,** e os pòem num progressivo e atento avizinhamento ao sepulcro e ao que está confido nele. Assim, em **al** diz-se que ó **áXXoq pa0qTf|g npoÉópajiEv** Táxtov toü ITérpou Kai **i|k0£v** npwTog sig tò pvqpEÍov Kai **itapaKÚyag** (v. 4b-5a); em **a2** é dito que **Spxstai** oóv Kai ¿ípcov flÉTpog ùkoXovGcdv avrò Kaì EÌaqXOEV eiq tò pvqpeíov (v. 6), idéia que vem repetida em **a3** (v. 8a), referindo-se ao Discípulo Amado.

Temos, pois, um progressive aproximar-se ao sepulcro (saíram jun­tos, um corre mais, chega antes, se inclina, mas nâo entra; o outro chega, entra e sô entâo aquele que chegara antes, entra).

Em **bl, b2** e **b3** temos a descriçâo do objeto de observaçâo des- tes discípulos no túmulo, e esta descriçâo segue também urna clara progressividade, que visa precisar, gradualmente, a aproximaçâo que eles fazem de Jésus Ressuscitado[[961]](#footnote-962). Esta progressividade trans­parece tanto na descriçâo dos objetos que sâo vistos no túmulo, co­mo nos próprios verbos utilizados para descrever esta visáo.

Quanto aos objetos vistos, passamos do simples KeíjiEva xa óOóvta de **bl** (v. 5b), à mais acurada descriçâo de **b2** com tú **óOóvta** KEÍpsva, Kai tó **aovóápiov,** ô f)v èni rrjç KEtpaXfjç aÔTOÙ, oí» peià tôv ôGoviœv KEÍpevov àXXà xœpiç èvTETüXiypévov eiç ëva rônov (v. 6b-7), em que se descrevem minuciosamente os objetos e como estes se encontram. Embora b3 (v. 8b) nâo faça explicita referêneia, o objeto de visâo é o mesmo de **b2,** mas com um certo aprofunda- mento do significado.

Os verbos utilizados para descrever o ato visivo também dei- xam entrever esta progressâo: em **bl** (v. 5b) temos o pXénet do Discípulo Amado, que é o mesmo verbo utilizado para descrever a apressada constataçâo de Maria Madalena no versículo 1; a visâo referida em **b2** (v. 6b) é já com o verbo Oeopéo, e aquela de **b3** (v. 8b) com eISev.

Em c (v. 8c-9) temos a reaçâo do Discípulo Amado, seguida de uma nota que se refere à condiçâo dos dois discípulos antes da experiência do sepulcro. Este, por sinal, adquire um relevo todo especial: tudo gira em funçâo dele, encontrado vazio, e é como se deixasse ou procurasse fazer com que a realidade do sepulcro fa- lasse por si mesmo[[962]](#footnote-963).

1. *Exegese:*

Procedemos à explicitaçâo exegética sobre o texto, atendo-nos aos très pontos que, partindo do texto estruturado, compôem a perícope, isto é, a ida dos dois discípulos ao sepulcro feita, inicial­mente, juntos (A: v. 3-4a); o desfecho do episodio, com o tríplice movimento como delineado em **al-bl-a2-b2-a3-b3-c (B:** v.41b-9); e o retomo dos discípulos (A’: v. 10).

* 1. *A descrifao sobre a ida dos dois discípulos ao sepulcro:*

O capítulo 20 cometa dizendo que, no primeiro día da semana, María Madalena vai ao túmulo, quando aínda era escuro[[963]](#footnote-964), e vé que a pedra que obstruía a entrada do túmulo fora deslocada[[964]](#footnote-965). Perplexa, e sem veicular, aínda, a possibilidade da Ressurrei^ao, vai correndo dizer a Pedro e ao Discípulo Amado, que levaram o Se- nhor embora. Diante da noticia, estes dois discípulos váo, também na carreira, ao túmulo. Deste modo, no quarto evangelho, María Madalena assume um papel de mediadora muito importante entre o túmulo e os discípulos[[965]](#footnote-966), e a cena que descreve a sua visita aparece sobretudo como introduqao á narrapao da corrida de Pedro e do Discípulo Amado ao túmulo com a conseqüente descoberta de que este estava vazio[[966]](#footnote-967).

* + 1. *Mapía ... epxerai npóq Zípxova néxpov Kai npóq tov áÁÁov pa0r¡r^v ... (20,2):*

Quando se refere á ida de María Madalena aos discípulos, o texto diz que ela se dirige npóq Eípcova ITétpov Kai npóq tóv álXov jia0T)TÚv (v. 2). Brown se refere á idéia corrente de que María se di­rige precisamente a Pedro porque ele era líder dos seguidores de Je­sús, mas considera mais provável que seja porque Pedro nao tinha fúgido como os outros discípulos[[967]](#footnote-968). Convém deixar claro, no entan­to, que nao é por acaso que Pedro nao fugiu. A sua insistencia em continuar a seguir Jesús, apesar da intervencáo deste em prol de que os soldados deixassem os discípulos ir embora livremente (18,8) se insere mima perspectiva que, nitidamente, aponta para um futuro no qual Pedro seguirá Jesús[[968]](#footnote-969).

Por outro lado, a repeti^áo da preposi^áo npóq sugere alguma distincáo de lugar, indicando provavelmente que os dois discípulos estavam em lugares diferentes, mesmo que nao fosse distante um do outro[[969]](#footnote-970). Embora isto nao seja dito explícitamente, é muito sugesti­vo e aumenta o grau de signifícalo da énfase que é dada a Pedro, que aparece em primeiro lugar ñas duas vezes em que os dois discí­pulos sao mencionados juntos, nesta cena (v.2-3)[[970]](#footnote-971), numa tácita aceitado de que era tido como líder natural entre os discípulos, as- sumindo mais urna vez esta fun^ao[[971]](#footnote-972). Todavía, este significado é re- dimensionado á luz da globalidade e do plano com que o quarto evangelista arquiteta a sua narracao.

* + 1. *expsxpv óé oi óóo ópoij (20,4a):*

Referindo-se ao como os dois discípulos se dirigem ao sepulcro de Jesús, Joáo diz que eles váo correndo, ao menos inicialmente, e juntos (A: v. 3-4)[[972]](#footnote-973).

Dizendo, no versículo 4, que váo correndo (erpe/ov), Joáo evi­dencia o despreparo dos discípulos, que náo esperam a Ressur- reÍQáo. Podemos entender, por isso, como nesta cena o sepulcro adquire um relevo especial. O termo pvqpEÍov[[973]](#footnote-974) é mencionado qua- tro vezes entre os versículos 3 e 10[[974]](#footnote-975), sublinhando o quanto a idéia de que Jesús estava morto era presente entre os discípulos. Diante desta situaçâo, enquanto correm ao sepulcro tudo pode passar pela cabeça de Pedro e do Discípulo Amado, menos alguma profecía do Antigo Testamento ou algum referimento de Jesús que acenem à sua Ressurreiçâo.

Torna-se, pois, mais significativo o clima de pressa iniciado por Madalena e continuado pelos dois discípulos. Nao por nada o verbo tpéxœ — que significa correr, atravessar correndo um percurso — se torna um verbo característico que bem descreve o estado de agi- taçào e curiosidade dos discípulos[[975]](#footnote-976), em conseqûência da noticia de que o túmulo estava aberto. Nesta agitaçâo Pedro e o Discípulo Amado nâo param para pensar; é sintomático que em toda a cena nao trocam nenhuma palavra, nao comunicam nada um ao outro, como se algo mais importante ocupasse o pensamento de ambos. Destarte, a anotaçâo de que eles váo juntos (oí 8úo ópov) nao expri­me alguma comunhao de projeto, nao quer significar que eles com- binam de ir juntos; ela é só preparaçâo para a narraçâo que segue, quando se evidencia, com maior clareza, o papel dos dois discípulos em toda a cena[[976]](#footnote-977).

* 1. *O desfecho do acontecimento:*

O desfecho do episodio é mostrado, como vimos na organi- zaçào do texto, numa intercalaçâo de movimentos com muitos de- talhes comunicados seja velada, seja subliminarmente (B: v. 4b-9). Após dizer que os dois discípulos váo juntos ao sepulcro, temos urna bifurcaçào no texto, que se ocupa individualmente dos discípu­los, mostrando a aproximaçào deles ao sepulcro **(al-a2-a3),** a des- criçào do que eles vêem **(bl-b2-b3)** e como reagem **(c).** Destes très movimentos ocupar-nos-emos em seguida.

* + 1. *A aproximaçào dos discípulos ao sepulcro:*

A aproximaçào dos discípulos ao sepulcro é mostrada em très etapas, sendo que **al** e **a3** se ocupam do Discípulo Amado e **a2** de Pedro.

* + - 1. *A chegada do Discípulo Amado ao sepulcro:*

A ida do Discípulo Amado ao sepulcro é descrita em dois tempos, intercalados pela descriçâo da chegada e da entrada de Pedro. O evangelista diz, em 20,4b-5, que ó ôXXoç pa0T]TT|ç npoéSpapcv ràxtov tou nérpou Kai f|A.0ev npÔTOç elç tô pviipeïov, Kai napaKÙyaç piénet KEÎpeva rà ôOôvia, oô pévTOt £Íof¡X.0£v, e no versículo 8 afirma que tóte oúv (isto é, depois da averiguaçâo feita por Pedro) £Íof¡X.0£v koí ó âXXoç pa0T|rf|ç ó èX0œv KpàiTOÇ eîç tô p.VT]p£ÏOV Kai EÏÔEV Kai èniOTEDCTEV.

É evidente que o evangelista dá importância ao fato de que o Discípulo Amado chega primeiro ao túmulo e atribuí um significa­do especial ao fato de que ele corre mais veloz do que Pedro[[977]](#footnote-978). Ao menos très dados sâo indicativos disto, embora seja mais sutil a cla- rificaçâo do que este significado venha a traduzir.

Um primeiro dado indicativo aparece na insistente repetiçâo da idéia de que o Discípulo Amado chega primeiro ao túmulo. Esta idéia é mencionada por nada menos que très vezes entre os versícu­los 4 e 8: diretamente nos versículos 4b e 8a (al-a3), e, por impli- caçâo, já que se refere ao fato de que Pedro chega depois, no versí­culo 6a (a2).

Além disso, chama a atençâo a construçâo pleonástica npoé- SpapEV xáxtov toó üérpou (al: v.4b), urna vez que normalmente seria suficiente dizer eSpagev xáxtov toû IléTpou[[978]](#footnote-979). Este pleonasmo ganha mais força porque vem seguido da expressâo koí f|X0£v npœwç eîç tô pvripeïov, que é quase redundante, já que, se o Discípulo Amado corre com maior velocidade, é lógico que chegue antes[[979]](#footnote-980). Assim, por tras desta construçâo enfática, deve estar algo mais do que um simples uso retórico das figuras de linguagem.

Também fonéticamente existem indicaçôes de que urna certa prioridade do Discípulo Amado é colocada em evidência. Soa mar- telante a combinaçâo npoéSpapcv-npœToç, como frisando sono­ramente o éxito deste discípulo[[980]](#footnote-981).

As explicaçôes a respeito da significaçâo destes detalhes nao sâo, normalmente, satisfatórias. Elas quase sempre consideram o dado da corrida em si, salientando a proeza do Discípulo Amado, a despeito de Pedro, tecendo, quando muito, um paralelismo entre os dois, em relaçâo a Jesús. Assim, há quem retenha que o Discípulo Amado chega antes porque é mais jovem[[981]](#footnote-982) e nao é casado[[982]](#footnote-983); ou que nao é improvável que o evangelista queira, com isto, exaltar o Discípulo Amado[[983]](#footnote-984), dizendo que o amor corren mais depressa do que o temor e a dúvida, ou que corre mais veloz aquele que tem experiencia do amor de Jesus, um amor concreto que impinge à pro­cura diligente do Senhor, colocando-O como centro de sua vida[[984]](#footnote-985). Contra estas opinides, Chaplin[[985]](#footnote-986) argumenta que é difícil, se nao extremamente duvidoso, que, através do quarto evangelho, alguém ame Jesus mais intensa e ferozmente do que Pedro, e que a indi- cado do outro discípulo como «discípulo amado» nao se refere ao amor do discípulo por Jesus, mas o caracteriza, tào-somente como destinatario privilegiado do amor de Jesus.

Picaremos no subjetivismo, se procurarmos atribuir o significa­do destes dados — o Discípulo Amado corre mais veloz e chega ao túmulo antes que Pedro — levando em considerado somente eles mesmos. Eles sao cheios de significado, mas a sua decodificado só pode ser feita à luz da performance dos dois discípulos através de toda a cena. A análise individual mostra que os dados sao significa­tivos, mas nao basta para precisar o que realmente significam, pois nào consideram a rede de rela?óes cruzadas que o evangelista esta- belece na elaborado de sua narrado. Por conseguinte, devemos considerar que a anotado de que o Discípulo Amado corren mais veloz e chegou antes ao sepulcro **(al:** v.4b) é completada em **a2** (v. 5b) com o dado de que ele nào entrou e somente em a3 (v. 8a) é comunicado que a sua entrada acontece depois da de Pedro **(a2:** v. 5c-6a).

De fato, surpreende como a narrado, a partir do versículo 5, toma-se abruptamente lenta[[986]](#footnote-987) e como a dinamicidade da narrado quase desaparece, para ser retomada no versículo 8 (a3), evocando todo este movimento, no passado. A forma verbal fjXÓev (v.4b), aoristo de gpxopai, indica aqui o fim da corrida, exprimindo, pois, que este discípulo chegara à sua meta[[987]](#footnote-988), e contrastando, de um certo modo, com o ëTp£%ov do inicio do versículo, que exprime toda a força do movimento que o discípulo faz para chegar o quanto an­tes ao sepulcro de Jesus. Mas depois de tanto correr, e chegando ao firn da corrida, paradoxalmente, este discípulo somente se inclina diante do sepulcro; depois, se entretém e espera Pedro, como suge- rem os termos où pévxot £íot)A,0ev **(a2:** v. 5b) e tote oúv £ÍofjX0£v **(a3:** v.8a)[[988]](#footnote-989).

Como para o dado anterior, também em relaçào a este, se pro- curou evidenciar o seu sentido, de maneira que muitos exegetas ofe- recem explicaçôes de ordem pràtica.

Para alguns[[989]](#footnote-990), o Discípulo Amado, ao chegar ao sepulcro, teria sido agrilhoado, a principio, pelo temor de urna triste descoberta e, em seguida, pela admiraçâo e pelo espanto; para outros[[990]](#footnote-991), ele teria rido receio de ficar, ritualmente, contaminado; outros, aínda[[991]](#footnote-992), véem na sua atitude um gesto de reverencia a Pedro, de modo que, urna vez satisfeita a sua legítima curiosidade, teria deixado a Pedro a decisao do que se deveria fazer, reconhecendo-o, pois, como líder dos discípulos, possivelmente insinuando o seu Primado[[992]](#footnote-993). Para Mateos e Barreto, esta reverencia do Discípulo Amado para com Pedro é fruto de sua sintonia com Jesus, e depois da negaçâo de Pe­dro este gesto proporciona a sua reconciliaçâo com o Mestre[[993]](#footnote-994). Certamente, os dois primeiros tipos de interpretaçâo nâo correspon- dem ao retrato que o quarto evangelho idealiza sobre este discípu­lo[[994]](#footnote-995) e nao se pode exagerar no quanto ele manifeste, aqui, reverên- cia a Pedro[[995]](#footnote-996), embora pareça insinuar a posiçâo preeminente que Pedro tinha conquistado entre os discípulos. O teor desta preemi- néncia, como também o profundo significado de todo o movimento do Discípulo Amado, poderá ser melhor evidenciado á luz da teia de dados com que o evangelista tece a sua narra^ao, vista no seu conjunto40.

* + - 1. *A chegada de Pedro ao sepulcro:*

Em a2 (v. 5c-6a), após a notifíca^áo de que o Discípulo Amado nao entrara, aínda, no túmulo, temos: gpxerai oóv Kai Sípaw Ilérpo^ áKoXouO&v avr® Kai glofjXOev elg tó pvqjieiov (v. 6a). Desta describió merecem atenpáo dois aspectos sobre a entrada de Pedro no túmulo: ele chegou (SpxEtai) seguindo (áKoX.ov0wv) o Discípulo Amado, e entrou (eIotíÍÓev) no túmulo.

O primeiro aspecto levanta urna difículdade com o verbo áKoX.oü0é<o. Na terminología joanina este é um verbo típico para descrever a seqüela e o discipulado[[996]](#footnote-997). Portanto, se este verbo assu- me aqui este sentido, o evangelista estaría dizendo, ñas entrelinhas, que Pedro “seguía” o Discípulo Amado, colocando a énfase no fato de que é este último discípulo quem assume a lideranpa no processo que leva á fé na RessurreÍQao[[997]](#footnote-998), subordinando a funpáo de Pedro áquela do Discípulo Amado. Todavía, o verbo pode ser considerado como sendo um detalhe narrativo, de modo que se refere ao se- guimento no seu sentido material[[998]](#footnote-999). Esta possibilidade parece ser confirmada pelo dado seguinte, que tem solupáo de continuidade com este, caso o evangelista sublinhe, aqui, urna superioridade do Discípulo Amado.

Na verdade, se o evangelista dera importancia ao fato de que o Discípulo Amado correu mais depressa e chegou antes **(al:** v. 4b-5a), dá igualmente importancia ao fato de que é Pedro quem entra primeiro no sepulcro (a2: v. 5c-6a). A mudanza brusca do tempo verbal entre o fim do versículo 5 (aoristo) e o inicio do versí­culo 6 (presente) marca urna ruptura no progresso do pensamen- to[[999]](#footnote-1000), e a forma verbal utilizada para descrever a entrada de Pedro no sepulcro (v. 6a), um aoristo (eIcttíXGev), chama a aten^áo para o seu comportamento resoluto, indicando que ele entra corajosamen­te[[1000]](#footnote-1001). Assim, apesar de só chegar depois, Pedro entra no sepulcro co­mo alguém dotado de urna decisáo e firmeza que em nenhum modo podem passar despercebidas[[1001]](#footnote-1002). É só entào, como sublinha o advér- bio de tempo tòte com a conjungáo oúv (a3: v. 8a)[[1002]](#footnote-1003)\*5, que o Discí­pulo Amado entra.

Nao existe um consenso, entre os exegetas, sobre a significadlo destes dados. Alguns deles — entre os quais podemos citar Brown[[1003]](#footnote-1004) e Panimolle[[1004]](#footnote-1005) — consideram que estes detalhes revelam urna certa emulado entre os dois discípulos[[1005]](#footnote-1006), havendo mesmo quem con­sidere que estes dados refletem urna certa tensao entre o ambiente petrino e o círculo joanino, de modo que Pedro, entrando primeiro no túmulo, representa os judeus cristaos que creram primeiro, mas que tèm urna fé inferior; enquanto o Discípulo Amado, que corre mais veloz do que Pedro mas o espera para entrar no túmulo, representa a Igreja de origem paga, que adere a Jesus somente depois dos judeus-cristáos, mas que é mais perfeita na fé. Esta explicando é proposta por Loisy\*50 e Bultmann\*51, e tem a sua linha alegórica ampiamente desenvolvida por Kragerud[[1006]](#footnote-1007), que, além de ver nos dois um símbolo das Igreja judaica e gentílica na apreensao que fazem da fé, os considera como representantes de dois tipos de ministérios: um pastoral, local, representado por Pedro; e outro profètico, que caracteriza especialmente o ambiente joanino\*53.

Schnackenburg6\* e Mahoney[[1007]](#footnote-1008) apontam razóes teológicas para a apresentaçâo separadamente da performance dos dois discípulos neste passo: Pedro, como líder dos Doze e elemento de conjunçâo com a tradiçâo de Jesus, deveria ser testemunha da realidade dos fa- tos do sepulcro, e o Discípulo Amado deveria dar a resposta de fé decorrente destes dados[[1008]](#footnote-1009). Como nos dados anteriores, urna signifi- caçào sobre este detalhe pode ser estabelecida somente levando em consideraçâo o conjunto dos dados apresentados na perícope, o que faremos mais adiante.

* + 1. *A averiguaçâo do túmulo por parte dos dois discípulos:*

A vistoria que os discípulos efetuam no túmulo é descrita em **bl** (v. 5b) e **b3** (v. 8b) para o Discípulo Amado e em **b2** (v. 6b-7) pa­ra Pedro. O Discípulo Amado, chegando primeiro ao túmulo, se in­clina (jtapaKÛyaç) e vê (Prènci) os panos de linho no chao. A sua vistoria se completa somente depois que Pedro entra no sepulcro; ai, também ele entra e vê (eïôev) e segue a sua reaçâo. É Pedro que, embora chegue depois, entra decididamente e, realizando urna visto­ria no túmulo, vê (Oeœpeï) os panos de linho estendidos no chao e o sudàrio enrolado à parte.

Em relaçâo à vistoria, portanto, dois aspectos sâo centrais e merecem atençâo: a qualidade da visâo dos dois discípulos e a des- criçâo daquilo que eles encontram no túmulo. Estes dois aspectos estâo, além do mais, em direta conexâo com a reaçâo dos discípu­los, ponto alto da narraçâo deste episodio do sepulcro.

* + - 1. *A qualidade da visâo dos dois discípulos:*

Como acabamos de constatar, o evangelista usa très verbos pa­ra designar, nos diversos momentos da cena, a visâo dos discípulos:

mente o oposto destas: Pedro, mais velbo, representa o mundo dos gentíos, ante­rior ao povo eleito; o Discípulo Amado, mais jovem, simboliza a sinagoga. Como Pedro entra por primeiro no sepulcro de Jesus, assim também o mundo gentío creu no Cristo antes que a sinagoga.

84 Schnackenburg, *Giovanni,* ITI, p. 508-509.

pXénco (em **bl),** Oeopéo (em **b2)** e ópáco (em **b3)[[1009]](#footnote-1010).** Em virtude disto, aparece a questáo se podemos reconhecer nestes verbos, aqui e no quarto evangelho em geral, urna significagao pròpria, atribuindo a cada um deles um aspecto específico da percep^áo visual. Os exege- tas assumem, normalmente, posÍQÓes divergentes. Certos autores[[1010]](#footnote-1011) nao dáo a estes verbos urna especificaoao propria e consideram que nao exprimem algum valor semántico especial, sendo usados como recurso estilístico para variar os termos na narrado, sendo, portan­to, sinónimos60. Outros autores[[1011]](#footnote-1012), em opiniao contraria, conside­ram que cada um dos verbos designativos do ver ocupam, no quar­to evangelho, um lugar pròprio, revelando urna progressao na sua significado teológica[[1012]](#footnote-1013). Diante de tal diversidade de opinióes, con- vem-nos levar em considerado o uso que o quarto evangelho faz dos diversos verbos do campo semántico da visáo, antes de de- ter-nos no seu significado apresentado em 20,3-10[[1013]](#footnote-1014).

1. *Os verbos de «visào» no quarto evangelho:*

Joáo dispóe no presente e no imperfeito de pXéw e Oecopéco, sendo que no presente usa preferentemente Oecopéco. No aoristo, Joáo usa ópáco e Oeáopai, enquanto no perfeito e no futuro usa, normalmente, ópáco[[1014]](#footnote-1015).

Para Traets[[1015]](#footnote-1016) estes dados concernentes aos tempos verbais de- vem ser levados em considerado quando devemos interpretar os passos em que os verbos designativos da visào estào presentes. As- sim, quando o evangelista quer exprimir a ado em curso ou a si- multaneidade de duas ou mais ad^s, Traets observa que encontra­mos necessariamente pièno» ou Óewpé®, já que é o tempo presente que é chamado em causa; quando a ado é já terminada mas conti­nua em seus efeitos no presente, ou mesmo quando se refere a urna ado simplesmente passada, o evangelista usa ópá® ou Qeàopat, pois deve fazer uso do perfeito ou do aoristo[[1016]](#footnote-1017).

A escolha do verbo é, portanto, sempre segundo Traets, limita­da, em parte, pelo tempo e pelo aspecto da apào.

Assira, na nossa perícope, temos o presente pièno (20,5), o presente 0e®pé® (20,6) e o aoristo elScv (20,8). A utilizado destas formas verbais, entào, seria condicionada pelo uso que o evange­lista faz dos verbos do ver, segundo os tempos. Este critèrio escla­rece o motivo segundo o qual o evangelista usa eíSev e nao um dos outros dois verbos. Todavia, nào ajuda a encontrar as razóes pelas quais, no nosso passo, o evangelista usa piène» na primeira vez e Oempém na segunda, e porque usa ópáco e nao Oaáopat na terceira vez. Impóe-se-nos, entào, verificar mesmo como estes verbos apa- recem ao longo do evangelho, antes de esclarecer o uso deles no passo em questao.

1. *BMnuo:*

Ñas 18 vezes em que usa pièno[[1017]](#footnote-1018), Joào se refere sempre, em primeiro lugar, à imagem visual ordinària, à perceppào com o olho, à faculdade da visào[[1018]](#footnote-1019); mesmo que este possa ser indicativo de um significado que vai mais além da simples constatado visiva, esta permanece sempre como a expressáo central[[1019]](#footnote-1020).

1. *&E(j)péa>:*

O verbo Occopéa» aparece 24 vezes em Joao[[1020]](#footnote-1021), das quais 11 ve- zes tem Jesus como o objeto da visào, referindo-se a ele como Jesus, Filho, Filho do Homem, ou com o pronome pessoal do caso obliquo da primeira Pessoa; urna vez refere-se à visào daquele que O enviou; seis vezes refere-se a situa^Ses que dizem respeito a Jesus; urna vez trata da visào do Espirito da Verdade, e em bem cinco ve­zes o verbo se refere a realidades diversificadas[[1021]](#footnote-1022).

Entre estas realidades que chamamos de diversificadas, para efeito de agrupamento, estao um cegó de nascimento (9,8), um lobo (10,12), a atividade dos fariseus que nao conseguem impedir que a gente siga atrás de Jesus (12,19), dois anjos (20,12) e a morte (8,51). Tirando este ùltimo, em que o verbo indica mais exatamente provar, conhecer ou experimentar[[1022]](#footnote-1023), em todos estes passos Gsrapéto indica claramente observar atentamente, perceber, escrutar, notar, de mo­do que segue, assira, a acep^ào geral deste termo no Novo Testa­mento.

Quanto às situaQÒes que dizem respeito a Jesus, temos duas ve­zes os seus sinais como objeto do Osopéct) (2,23; 6,2), urna vez as suas obras (7,3), a sua glòria (17,24), a associalo de Jesus com um profeta (4,19), e urna vez ainda, na nossa perícope, as suas vestes fú­nebres (20,6). Em 2,23, o verbo Oeopéro aparece em relajo com nioTEÙco[[1023]](#footnote-1024): vendo os sinais que Jesus fazia, muitos acreditaram Ne- le. O fruto desta visào é a fé em Jesus, de sorte que o ato de ver tra- duz mais que um simples e espontaneo gesto visual, referindo-se, mesmo, a urna visào demorada, que chega à contempla^ào, embora permaneva no campo exterior. O passo de 6,2 refere-se também à contemplalo dos sinais de Jesus: urna grande multidào O seguía somente pelos beneficios exteriores e nào por causa de urna fé mais profunda[[1024]](#footnote-1025). O passo de 7,3 traz as palavras dos irmàos de Jesus que se referem à necessidade de Jesus ir à Judéia para que os discípulos possam ver as suas obras. Pela resposta de Jesus e pela motiva^ào deles, que supòem que Jesus procura estima e poder em público, se depreende que o que eles consideram para esta visäo das obras de Jesus é urna apañado sensacional, a qual o evangelista vé como falta de fé na verdadeira missào de Jesus, de modo que os “Seus irmäos” nao entendem o caráter de sinal de Suas obras[[1025]](#footnote-1026). Em 17,24, o Oempé® se refere à idéia da contemplado da gloria de Jesus. Ele quer que onde Ele esteja, também os seus discípulos estejam consigo para contemplarem a Sua gloria. Um pequeño matiz traz o passo de 4,19, quando a Samaritana ve que Jesus é um profeta. Pelo que Ele fez, eia aprofunda a sua conceptúo sobre Jesus, sem ainda chegar a urna profissào de fé.

Nos passos em que o objeto do verbo é Jesus, Aquele que O en- viou, ou o Espirito, o Qewpém serve para exprimir sempre urna per- cepdo atenta, minuciosa sobre o mistério de Jesus, que será com­pletado por urna decisào de fé, expressa sempre com outro termo. Assim, em 6,62, Ocopé® se refere à visäo do Filho do Homem su­bindo para o lugar que estava antes, cuja visäo coloca as pessoas que se escandalizavam com as palavras de Jesus diante de urna reve­lado a que deveräo dar urna resposta que deveria ser de fé. Do mesmo modo, em 6,40, a visäo deve conduzir à fé, mas näo consti­tui em si mesma urna visäo de fé. Neste passo, corno .em 12,44-45 (e 2,23), a construdo sintètica relaciona Oe®pé® com nioreú®, de mo­do que a fé resulta como fruto da contemplado. No conjunto dos passos 16,10.16.17.19, o ver Jesus se refere a dois modos de visäo: um consiste em vé-lo no seu ministério terreno, e aqui o verbo usa­do é 0e®pé®; e o outro modo se refere à sua vida futura, exprimin- do o encontró com Jesus que se atua na fé, e aqui o verbo usado é ópá®. Em 14,19s, nega-se ao mundo hostil a Jesus a possibilidade de contemplá-Lo ressuscitado, e se abre esta possibilidade aos discí­pulos, sem que se exclua que eles chegaräo à visäo de fé. E final­mente, em dois passos, 0£®pé®, num contexto narrativo, refere-se ao fato de que os discípulos (6,19) e Maria Madalena (20,14) véem Jesus. Em ambos os passos, o ato visivo indica que estas pessoas se däo conta da presenta de Jesus[[1026]](#footnote-1027). Especialmente Maria Madalena vé Jesus, mas este processo de visäo somente se completa em 20,18, quando a visäo se traduz mima visäo de fé.

Em todos estes passos, o ver (Occopé®) indica urna visäo que é mais que urna pura percep^äo sensível ou um puro testemunho ocu­lar da historia de Jesus; ele traduz sempre a idéia de urna visäo pro­longada, e que, mesmo permanecendo no seu aspecto exterior, é um passo que se faz necessàrio para se chegar ao encontró com Jesus, quando o ato visivo será descrito como urna visào de fé.

©ecopéco, portanto, é o verbo que o quarto evangelista usa para designar a visào que abrange somente o aspecto exterior, mesmo que se trate de urna visào atenta e minuciosa. Referindo-se a Jesus ou às realidades que Ihe dizem respeito, traduz sempre urna visào atenciosa e apurada, mas ainda sensível e corpórea[[1027]](#footnote-1028).

1. *Geóoiioì:*

Já o verbo Ocáopai é usado seis vezes em Joào, das quais cinco no aoristo e urna no perfeito (1,32).

Traduz a no^ào de contempla^ào absorta, e embora nào se reti­ra necessariamente à percep^ào espiritual de realidades superiores, vislumbra sempre a compreensào de urna realidade que se esconde por tras da realidade material à que se refere[[1028]](#footnote-1029). Assira, este verbo é usado para dizer que: Jesus ve os discípulos se aproximarem dele (1,38); os discípulos vèem os campos prontos para a colheita (4,35); Jesus contempla a grande multidào, antes da multiplicacào dos pàes (6,5); mas também se refere à visào da glòria do verbo (1,14) e ao fato de que os judeus, vindo à casa de Maria, viram o que Jesus fez e creram Nele (11,45). Em todos estes passos Qeáopai acena sempre a realidades mais profundas que aquelas materialmente vistas.

1. *'Opaco:*

O verbo ópám é usado 65 vezes em Joào, sendo 10 no futuro, 19 no perfeito e 36 vezes no aoristo[[1029]](#footnote-1030).

Usado no futuro, traduz urna visào que se refere à realidade da esfera divina ou a Jesus ressuscitado. Assira, em 1,39.50 e 11,40, faz referencias à glòria de Deus, e, em 19,35.37, acena também a esta glòria, simbolizada pelo sangue e pela agua. Em 16,16.17.19.22, Je­sus insistentemente se refere ao tempo em que os discípulos nào mais O verào, e àquele imediatamente posterior, quando O verào de novo, mima clara alusào à sua Paixào e Ressurreicào.

Nas 19 vezes em que é usado no perfeito, traduz urna experiencia ou visào profunda, que deixa impressào durável, referindo-se quase sempre a um contato direto com Jesus ou a urna visào de fé[[1030]](#footnote-1031), en- quanto o aoristo cobre todos os significados da visâo[[1031]](#footnote-1032), desde o simples ver (6,22.24; 9,1; 18,26; 19,6), o ver relacionado a Jesus e ao Seu mistério (1,46; 4,29; 12,21), ao Espirito (1,33), à contemplaçâo da gloria de Cristo (12,41), aos sinais operados ou relacionados com Jesus (6,14.26.30; 20,8), até mesmo à visâo do Jesus ressuscitado (20,20.25.29).

'Opá® se afirma, assim, como o verbo que Joáo usa sempre que quer expressar urna visâo que chega à profundidade e que pode confundir-se com a fé, de modo que é este o verbo que Ihe serve pa­ra traduzir a visâo em toda a sua plénitude, referindo-se freqüente- mente à fé[[1032]](#footnote-1033). Destarte, em 20,3-10, o ponto de chegada de todo o caminho de aprofundamento do ver é indicado com o verbo ópáco[[1033]](#footnote-1034), fazendo com que a visâo exterior seja collùda com fé e se tome urna imagem interior que permanece[[1034]](#footnote-1035).

Por conseguinte, existe, para Joáo, toda urna graduaçâo entre os verbos designativos do ver, de sorte que náo sao meramente re­cursos estilisticos ou sinonímicos; e sobretudo onde eles aparecem citados numa mesma perícope, é significativa, para a compreensáo do texto, a progressâo que se estabelece entre estes termos, deven- do-se, pois, evidenciar a relaçâo que existe entre eles.

1. *Os verbos designativos da visâo em 20,3-10:*

E este é sobejamente o caso do nosso texto, que reúne très dos quatro verbos essenciais designativos da visâo em Joáo, em apenas quatro versículos. No versículo 5 o processo em curso é sublinhado pelo presente pXéw, que indica, por isso, a constataçâo visual pura e simples, náo acrescentando nada. O processo continua dizendo que Pedro 0e®pei, de modo que o sepulcro é objeto de urna explo- raçâo metódica, de urna observaçâo curiosa, minuciosa e atenta por parte dele9\*, que o coloca, já por força do verbo da visâo emprega­do, diante do mistério de Jesus, sem, contudo, chegar a urna visâo de fé. Enquanto isto acontece (a açâo náo está ainda concluida), o outro discípulo entrou e viu, levando a termo a vistoria do sepulcro.

A a^áo é levada a cabo, portanto, pelo outro discípulo, como indica a forma verbal elSev. E o seu cumplimento sugere, ao mesmo tem­po, urna compreensao maior do que o sepulcro naquele estado pode indicar.

Assim, o objeto direto de eISev (v. 8), embora esteja gramati­calmente ausente, é a mesma visáo do que já é dito antes, por oca- siáo da vistoria de Pedro (v. 6), mas com um aprofundamento de sua significado; o verbo elóev recebe, pois, um conteúdo mais pro­fundo, de modo que a visáo do Discípulo Amado penetra completa­mente no significado do que vé (elScv, aoristo), ao mesmo tempo que completa aquela de Pedro (Oecopéo), presente), e se abre á reali- dade da Ressurreido[[1035]](#footnote-1036). Deste modo, é somente com o terceiro ver­bo que a visáo dos objetos mortuários ganha significado e estes tomam-se sinal da Ressurreido; mas entre o primeiro ver (Poético), o segundo (0E®péa>) e o terceiro (ópáo), existe todo um desenvolvi­miento que aprofunda o tipo de visáo até chegar á visáo de fé do Discípulo Amado.

* + - 1. *A descrifáo sobre o que Pedro e o Discípulo Amado en- contram no túmulo:*

A descrido acerca dos objetos que Pedro e o Discípulo Amado encontram no sepulcro de Jesús[[1036]](#footnote-1037) é essencial na narrado joanina, já que os sitúa em direta conexáo com a reado destes discípulos e confirma o estado deles já demonstrado pelos verbos de visáo[[1037]](#footnote-1038). É dito que o Discípulo Amado, chegando primeiro ao túmulo, vé Kcípeva rá ó0óvia (B-bl: v. 5b). Simáo chega e entra, náo se limita a fazer o mesmo que o outro discípulo, mas olha atentamente e além de rá óOóvta KEÍpsva vé ró oov8áptov... oú peTá tcov ó0oví<nv KEÍpsvov àXXà %wpì<; èvxExuXtygévov EÌg Iva xónov **(B-b2:** v. 6b-7). Temos, portanto, descrito em detalhes como os discípulos encontra- ram os objetos no sepulcro.

Os Ò0óvta consistem, geralmente, em panos de linho, de qual- quer tamanho e forma, com varias utilidades, entre as quais o uso para envolver os corpos dos defuntos[[1038]](#footnote-1039). Diz-se que eles estavam KEÍpeva. O verbo KEipat, que aparece nos versículos 5.6 e 7, sempre no participio e referindo-se à posilo das telas, significa jazer, estar estendido, estar abandonado, estar situado ou colocado; refere-se antes de tudo a pessoas, mas pode referir-se também a coisas e significa estar em algum lugar. Sublinha nào só a idéia de presenta, mas também a posilo seja em relajo ao lugar onde um objeto fo­ra colocado, seja em rela^ao a outros objetos, referindo-se, também ao modo em que este se encontra [[1039]](#footnote-1040). No nosso texto, está a indicar que, como antes jazia o corpo de Jesus, estendido, envolvido ñas te­las, agora estào ali somente as telas, nào mais o corpo[[1040]](#footnote-1041).

A respeito do sudàrio[[1041]](#footnote-1042) diz-se que estava xcopìg èvxExvXtypévov Eig eva xónov. Temos aqui duas expressoes que, pela fun^ao sintática que assumem, constituem dois aspectos distintos:

— A prepósito zwpí? Quer dizer separadamente, à parte. Nao acentúa, todavía, a distancia entre as telas e o sudario, mas a exclusào mùtua entre ambos em relajo ao espado que ocupam: o

**«AINDA NÂO TINHAM COMPREENDIDO QUE... ELE DEVIA RESSUSCITAR»** 233 sudàrio nâo estava entre as telas, mas separado destas; sem, conta­do, exprimir a idéia de distância[[1042]](#footnote-1043).

— A expressâo que começa com eîç nâo indica somente “num lugar”, em oposiçâo a “um outro lugar”; eia exprime a con- cepçâo de unidade ou de identidade, querendo dizer que o sudàrio estava ali, no mesmo lugar de antes[[1043]](#footnote-1044).

O verbo èvTvXiooœ, além disso, tem um ampio significado, po- dendo exprimir desde rodar, rolar, girar urna coisa ao redor de si mesma, enrolar urna peça de tecido, enrolar urna coisa ao redor de urna outra, colocar urna coisa em forma de rosca, envolver urna peça do vestuario. No nosso texto é usado no participio perfeito, in­dicando que o sudario estava ainda como estava antes, como se ti- vesse conservado a forma da cabeça de Jesus[[1044]](#footnote-1045)\*. Nâo existia ne- nhum sinal de pressa ou desordem[[1045]](#footnote-1046). E é assim que os dois discípu­los encontram as coisas, embora levem tempo para perceber a reali­dade que elas representam. De fato, na primeira vez em que o Discí­pulo Amado vé os óOóvia, estes nâo assumem nenhum papel espe­cial, como também nâo assumem na vistoria de Pedro. Embora a sua inspeçâo seja atenta e o impressione[[1046]](#footnote-1047), a sua visâo permanece exterior (ÓEopéo) e nâo consegue ir além da visâo da materialidade dos objetos. Ê somente com a entrada do Discípulo Amado que os óOóvia se revestem de um significado especial, e, por força do verbo ópáo, a maneira como ele vé o estado destes objetos constituí um sinal, chave para o entendimento dos fatos[[1047]](#footnote-1048).

As telas e o sudario, portanto, nao sao dados que por si só fa- lam[[1048]](#footnote-1049). É prerrogativa do verbo ópáco fazer com que estes objetos se tomem, para o Discípulo Amado, um *semeion* que desencadeará um processo cujo auge será a fé na Ressurreipáo[[1049]](#footnote-1050).

* + 1. *A reafao dos discípulos:*

É normal esperar que o evangelista diga algo a respeito da reapáo de Pedro e do Discípulo Amado diante do *semeion* mostrado no sepulcro.

Acerca de Pedro, o evangelista diz que entrou no sepulcro e viu que tudo estava em ordem; no entanto, nao é dito que ele chegou a urna atitude de fé (b2: v. 6b-7). O mesmo ocorre no primeiro movimento do Discípulo Amado (bl: v. 5b), o qual se inclina no sepulcro, mas nao se acrescenta nenhum comentário sobre a sua reapáo. Esta é indicada somente no seu segundo movimento (a3-b3: v. 8), criando na cena toda una evolupáo que destaca o progresso feito por este discípulo, sendo ele quem cometa **(al-bl:** v.4b.5b) e termina **(a3-b3-c:** v. 8-9) a apao, pres­tigiada sobremaneira pelo dado de que é justamente Pedro quem em **a2-b2** (v. 5b-7) efetua a vistoria. A declaradlo que se refere á reapáo do discípulo (c: v. 8c) é melhor entendida quando também se leva em considerapáo o comentário imediatamente seguinte (v. 9), no qual o evangelista constata, como conseqüéncia concreta deste episodio, que os discípulos aínda nao tinham entendido as Escrituras que falam sobre a Ressurreipáo. No que se refere a Pedro, o evangelista nao traz nenhuma afirmapáo de que tenha chegado á fé, mas também nao o nega. Nao obstante isto, algo pode ser deduzido a partir do versículo 10, quando diz que estes discípulos ájtfjXOov oúv náXiv 7tpóq aúroíx;.

* + - 1. *O Discípulo Amado creu (20,8c):*

Depois de contar que o Discípulo Amado entrou no sepulcro e viu aquilo que também Pedro vira, o texto diz somente que esse discípulo éníoTevoev (v. 8c). Joäo nao diz, pois, em que ele creu. Perguntando-se sobre que coisa este discípulo viu e em que ele creu, Agostinho considera que este discípulo se persuade da verdade das palavras de María Madalena[[1050]](#footnote-1051). Todavía, e apesar desta interpre- ta^ao ser reafirmada por alguns autores modernos[[1051]](#footnote-1052), devemos con­siderar quatro elementos:

— Um primeiro diz respeito ao fato de que precedentemente este discípulo, inclinando-se no sepulcro, tinha constatado o mesmo (v. 4b-5b), assim como Pedro, que entrara e minuciosamente obser­vara o sepulcro (v. 6b-7), e nao há referencia ao fato de que tenham crido[[1052]](#footnote-1053).

— Além disso, o verbo ópáco, usado segundo urna gra- dua^ao típica dos verbos de visäo (ßXäw no v. 5 e Oeopéco no v. 6), exige que se trate, aqui, de urna visäo que chegue á interioridade da fé[[1053]](#footnote-1054).

— Esta atitude de fé é ainda exigida, como observam varios autores[[1054]](#footnote-1055), pela passagem do presente histórico na narrado sobre Pedro ao aoristo na narrado sobre o Discípulo Amado, bem como pela rápida sucessäo dos verbos el5ev Kai ¿tuoteuoev, e, ainda, pelo modo como o verbo moTEÚco é utilizado. Quando este verbo apare­ce sem complemento verbal, no quarto evangelho, encerra primaria­mente um estado espiritual ativo de urna verdadeira fé em Jesus[[1055]](#footnote-1056).

— Um último elemento sugere que existe urna conexäo entre o ¿kíoteuctev do versículo 8 e a precedente falta de compreensäo da Escritura, por parte do discípulo, indicada no versículo 9, de modo que existe urna certa relado causal (garantida pelo yáp) entre o ato de fé do discípulo e o quanto é dito depois, a propósito da ignoran­cia da Escritura, sobre a Ressurreido[[1056]](#footnote-1057).

Estes dados, portanto, permitem somente urna conclusáo: o Discípulo Amado asstune a atitude de urna verdadeira fé na Res­surreido[[1057]](#footnote-1058).

Por outro lado, é mister considerar, ainda, que alguns autores, procurando entender a fé do Discípulo Amado, afirmam que com este elóev Kai éníoTEuaEv nao é dito que ele alcanzara a fé comple­ta. Schnackenburg[[1058]](#footnote-1059) e La Potterie[[1059]](#footnote-1060) real^am que a forma verbal éníoTEuoEV é um aoristo ingressivo, indicando que se trata de urna fé inicial e ainda imperfeita, fazendo com que o evangelista queira dizer que este discípulo, diante dos sinais manifestados no túmulo, comeQou, sim, a crer, nao chegando, entretanto, a urna fé completa na Ressurreido. Hartmann[[1060]](#footnote-1061) e Rigaux[[1061]](#footnote-1062) acrescentam que este discípulo nao comunica a sua fé nem a Pedro, nem a Madalena, nem aos demais, mas volta para casa, de modo que a sua fé nao excerce nenhuma influencia sobre ele nem o tira do anonimato, já que, quando reaparecerá em 21,20-25, parece desconhecido ao lei- tor, sendo necessário recordar que era aquele que durante a última ceia se inclinou sobre o peito de Jesús[[1062]](#footnote-1063). Embora seja indiscutível que aqui se trata de um aoristo ingressivo, apontando, portanto, pa­ra a fé ainda embrionaria do Discípulo Amado, devemos reconhecer que nao é este o aspecto que é colocado em énfase pelo evangelista. Trata-se, aqui, de reconhecer o fato mesmo — e nao é pouco! — de que o Discípulo Amado chega a crer, e o processo pelo qual o faz, o que é melhor evidenciado na constatado seguinte: ouSénm yáp ^Sciaav xf|v ypaq>f)v..., onde o advérbio oúSénco, bem mais que um

**«AINDA NAO TINHAM COMPREENDIDO QUE... ELE DEVIA RESSUSCITAR»** 237 simples sinónimo de oónco, enfatiza que ainda nao tinham mesmo, até entáo, entendido a Escritura, sublinhando, pois, a importancia do que este discípulo alcan^ou agora[[1063]](#footnote-1064).

* + - 1. *Ainda nao tinham compreendido a Escritura (20,9):*

Embora se refira á situapáo em que se encontravam os discípu­los antes de irem ao sepulcro, este é um outro dado que permite re- fletir sobre a situa^ao dos discípulos e precisar um pouco mais a reapao do Discípulo Amado, esclarecendo a importancia do que os discípulos encontram no túmulo e a rea^áo que daí decorre.

Após ocupar-se individualmente dos discípulos, o evangelista volta a considerá-los conjuntamente, na comum incompreensao em rela<;áo as Escrituras no que diz respeito á Ressurrei?ao[[1064]](#footnote-1065)\*. A pressa com que se dirigem ao sepulcro os coloca na mesma perspectiva de María Madalena (ela fora ao sepulcro, vira a pedra deslocada, nao pensou na Ressurrei^ao, mas, na carreira, foi ao encontró dos discí­pulos) e confirma a informa$áo de que ouSéna» yáp ^Setaav tt|v ypatpijv óti Seí aúróv ¿k veKpwv ávaarfjvai (v. 9).

Joáo utiliza dois verbos, yivómco) e ol5a, para traduzir o co­nhecimento que os homens tém de Jesús ou de realidades a Ele afins. O primeiro verbo indica, normalmente, urna entrada progres- siva no conhecimento, sem se referir á sua possessáo realizada[[1065]](#footnote-1066), enquanto o segundo se refere a um conhecimento já adquirido, con­siderado em si mesmo[[1066]](#footnote-1067), e, utilizado negativamente, significa mais que urna falta de compreensáo, mas urna ignorancia radical, chegando mesmo á ausencia de comunháo interior[[1067]](#footnote-1068). E no nosso texto temos exatamente este segundo verbo, e na forma negativa.

A Ressurrei^ao de Jesús era, portanto, algo totalmente inusita­do para estes discípulos, que ignoravam radicalmente que a Escritu-

**ra apresentasse alguma referencia a ela[[1068]](#footnote-1069). Assim era a situado de­les, quando receban o aviso de Madalena[[1069]](#footnote-1070).**

**E é justamente porque nao tinham entendido aínda a Escritura quando se refere á Ressurreioao[[1070]](#footnote-1071), que eles váo ao sepulcro[[1071]](#footnote-1072). Fica, entáo, explicada a dificuldade em relagáo ao plural ^§£ioav[[1072]](#footnote-1073): este termo nao está em contraste com o versículo 8c (que se refere ao Discípulo Amado, dizendo que ele viu e creu), nem é necessária a in- trodugao de María Madalena na cena para justificar este plural, já que se refere á situado dos discípulos antes de irem ao sepulcro[[1073]](#footnote-1074). Deste modo, se esclarece: antes de irem ao sepulcro nem Pedro nem o Discípulo Amado entendiam a Escritura[[1074]](#footnote-1075); é pelo fato de que este discípulo vai, entra e ve (elSev) os objetos particularmente dispostos** *(semeion)* **que ele tem a oportunidade de se recordar e compreender o que diz a Escritura sobre a Ressurreicao[[1075]](#footnote-1076). A reacio deste discípulo, entao, consiste em, vendo o** *semeion,* **compreender a Escritura, e atra­vés desta alcanzar a certeza de que Jesús ressuscitou[[1076]](#footnote-1077).**

* + 1. *O silencio em relafao á reafao de Pedro:*

O evangelista nao diz nada sobre a read° de Pedro. Nao diz, explícitamente, como se esperaría, que ele chegou á fé na Ressur- rei^áo por ter encontrado o sepulcro vazio, as telas e o sudario.

Diante desta situado, há quem considere que este siléncio nao implica que Pedro nao tenha crido, de modo que o evangelista tam­bém diría, indiretamente, que Pedro alcan^ou a fé na Ressurreido no mesmo momento que o Discípulo Amado[[1077]](#footnote-1078). Bultmann[[1078]](#footnote-1079) sus­tenta que, se nao fosse assim, o evangelista teria específicamente di­to que Pedro nao crera.

Contrariamente, há também quem afirme que na constatado sobre a fé do Discípulo Amado está implícito o dado de que Pedro continua na obscuridade e nao chegou á fé na Ressurreido, apesar do sinal do túmulo vazio e das vestes mortuárias[[1079]](#footnote-1080). Winday[[1080]](#footnote-1081) considera que nada é dito sobre a reado de Pedro, após a sua cons­tatado daquilo que deverá provocar no seu companheiro a fé na Ressurreido, porque o Discípulo Amado deve manter o papel que Ihe é constantemente assinalado, isto é, aquele de testemunha privi­legiada e tipo ideal do crente.

Estas opinides, no entanto, se apresentam limitadas, urna vez que procuram deduzir do texto o que ele nao dá margem, numa preocupado de mostrar um final feliz para ambos os discípulos, nos casos em que se sustenta que Pedro também chega á fé, ou de selar, em favor do Discípulo Amado, um contraste que, já no inicio do episodio, marcava os dois discípulos: eles partiram juntos para o túmulo, na carreira, mas o Discípulo Amado correu mais e chegou primeiro. Também aquí teríamos urna primazia deste discí­pulo sobre Pedro, através da afirmado sobre a fé na Ressur­reido[[1081]](#footnote-1082). Brown[[1082]](#footnote-1083) reconhece este contraste, mas diz que exerce um efeito secundário e acidental, já que os dois discípulos, através do quarto evangelho, sao apresentados como amigos e nao como rivais.

Permanecendo somente no ámbito desta perícope, podemos afirmar que a rela?áo entre os dois discípulos nao é o tema nem o motivo principal da narrado. Esta, como vimos, cometa apresen­tando os dois discípulos indo juntos ao sepulcro, e termina com os dois deixando o sepulcro; entre o cometo e o fim da cena, temos urna evolu^ao em que se coloca em evidencia o Discípulo Amado em dois momentos **(al-bl:** v. 4b. 5b; **a3-b3:** v. 8a.b), intercalados pe­la atua^ao de Pedro (a2-b2: v. 5c-7).

Considerados isoladamente, os varios aspectos que compoem estes elementos levam a significa^oes diferentes. É claro que, em al- guns deles, o evangelista atribuí urna superioridade ao Discípulo Amado em relajo a Pedro, enquanto em outros é Pedro a ser colo­cado em evidencia. No entanto, dois dados devem ser levados em considerado: no conjunto do episodio, os dois discípulos nao tém importancia em si mesmos, ou numa comparado entre eles, para se estabelecer quem é melhor[[1083]](#footnote-1084). A perícope se constrói com todo um desenvolvimento gradual que aproxima os discípulos da realidade do sepulcro sem Jesús e aponta para a realidade muito mais profun­da e eficaz, que se evidenciará no grito de “É o Senhor!”, por parte do Discípulo Amado, com a conseqüente ado de Pedro no capítulo 21, cheia de significado para a vida da comunidade crista. Além dis­so, o papel do Discípulo Amado nao obscurece, em nenhum mo­mento, a figura de Pedro; antes, o coloca em relevo e o revaloriza, seja pelo seu gesto de espera, seja pela ampia presenta de Pedro na perícope e pelo comum tratamento que o evangelista dispensa aos dois na saída da cena.

* + 1. *O retorno dos dois discípulos:*

O episodio se concluí no versículo 10, com o texto dizendo que ánfjXOov oóv náXtv npó<; aÓTobq oí paOqTaí. Estas palavras dáo margem a urna certa dificuldade, pois nao exprimem claramente pa­ra onde os discípulos váo, fazendo surgir diversas opinioes. Lagran- ge[[1084]](#footnote-1085) diz que, do texto, nao necessariamente decorre que os discípu­los voltam para o mesmo lugar. McCasland[[1085]](#footnote-1086) sustenta que eles voltam para a Galiléia, abrindo um bom gancho para o capítulo 21, ambientado justamente ali. La Potterie140 considera que, seja qual for o lugar, este retomo parece implicar urna volta á situa$áo de dis- persao, evocando o passo de 16,32; para ele, confirmaría esta con- diQáo a conjunto oóv, que indica que este retomo é apresentado como efeito de urna grande desilusao, urna conseqüéncia do fato de nao terem entendido a Ressurreiíao[[1086]](#footnote-1087). Tanto Bultmann[[1087]](#footnote-1088) como Brown[[1088]](#footnote-1089)® acham natural supor que os dois discípulos voltem ao lu­gar em que estavam quando Madalena os chamou; para esses auto­res, ainda, a finalidade deste versículo é também fazer os discípulos saírem de cena para dar lugar a um outro protagonista, María Ma­dalena, que dará continuidade ao processo rumo á fé na Ressur- rei$áo.

Um dado comum a todas estas interpretares é que elas consi- deram a frase em seu sentido material: os discípulos voltaram para casa pu para o lugar em que estavam antes. Mas, se é este o sentido, fica difícil entender a cena anterior em que o Discípulo Amado, após ver o *semeion* que o leva a entender a Escritura, eré na Ressur- rei^áo, como também, a perspectiva que se abre para o capitulo 21, o qual, desde o inicio, através da imagem da pesca, está cheio de indicios que apontam para a idéia-base do cumprimento da missáo, especialmente por parte de Pedro. Por conseguinte, é justo reconhe- cer que as palavras ánfjkQov oCv náXtv npóg aórov^ oí paOqraí se- jam ao mesmo tempo portadoras de um significado simbóli- co-espiritual, indicando o caminho interior que estes discípulos co- mepam a percorrer.

O verbo ánépxopai é um dos compostos de Épxopat, que parti­cularmente no quarto evangelho importa pelo seu significado trans­lato ou teológico, ficando em segundo lugar o seu sentido local[[1089]](#footnote-1090). De fato, é com este verbo e seus compostos que o quarto evangelho se refere aos conceitos básicos sobre a *vinda-ida* de Jesús ao Pai, e sobre a *ida* (adesáo) dos homens a Jesús, conceitos altamente teoló­gicos.

Específicamente o verbo ánépxopai ocorre 21 vezes em Joño, sendo que em seis passos assume um sentido locativo determina­do[[1090]](#footnote-1091) e em sete vezes é usado intransitivamente, designando o movi- mento de sair, afastar-se[[1091]](#footnote-1092). Nos demais passos é o sentido translato que é privilegiado: duas vezes se refere à necessidade da partida de Jesus para o Pai, a firn de que os discípulos possam receber o Pará­clito (16,7bis); por très vezes se refere à procura de Jesus por parte dos homens (4,47; 6,68; 12,19) e urna vez traduz a situaçâo de de- serçâo e crise em que muitos discípulos voltam atrás e nâo seguem mais Jesus (6,66). Somente urna vez (11,46) é usado com a prepo- siçâo npôç, referindo-se ao fato de que alguns judeus foram aos fa- riseus e lhes referiram sobre o que Jesus fîzera. Neste uso, também podemos ver mais que um simples dado locativo; trata-se de entrar em contato com os fariseus, que claramente se perfilam como inimi- gos de Jesus.

Assim, se este verbo significa mesmo partir, ir embora, distan- ciar-se[[1092]](#footnote-1093), no quarto evangelho assume matizes teológicos variados, expressando além do sentido locativo (cujo complemento é introdu- zido por eîç ou itépav), tanto a viuda de Jesus entre os homens co­mo a sua partida para o Pai, e também o movimento de ir atrás (com o movimento respectivamente contràrio de cessar de ir atrás) como discípulo de Jesus, de modo que ele nos autoriza a ver, em 20,10, algo mais que um simples retorno locativo dos discípulos.

Ajuda-nos nesta significaçào já o simples dado de que a expres- sáo «voltaram para casa» é urna traduçâo apenas aproximativa de àjtfjlOov oóv náXiv npôç aùroùç oí paOqTaí, que literalmente signi­fica “voltaram para si mesmos”[[1093]](#footnote-1094), em que o pronome da terceira pessoa do plural assume um sentido reflexivo, coincidindo com o sujeito (oí paOqTaí), denotando um sentido mais interior e pessoal que local135. Além deste passo, a expressâo npôç aôrovç ocorre em mais très ocasiôes, no evangelho de Joâo[[1094]](#footnote-1095), sendo que em uma de- las (7,50) é com o verbo Xéy®, equivalendo simplesmente ao nosso “disse-lhes”, e nas outras duas aparece com verbos que denotanti movimento, mas em ambos os casos o acento nâo é colocado no sentido locativo, se nâo, no que o texto deixa transparecer: em 6,17, diz-se que já estava escuro e Jesus ainda nâo viera encontrar os discípulos (kuí GKOTÍa ^8t| éyeyóvet Kai oGnco élqlúOet npóg aÓTOug ó ’Ir|aoüg). A ausencia de Jesús, coincide, além de com as trevas, com o vento e a tempestade que se avizinham[[1095]](#footnote-1096). Em 18,29, Pilatos sai ao encontró dos judeus (é^fjX0€v oóv ó niñato:; e^co npóq aÓTodg Kai tpqcív...), perguntando que acusapáo eles tém con­tra Jesús, numa cena artificiosamente construida, na qual os verbos de movimento sao muito importantes para a compreensáo da narra- Qao do quarto evangelho[[1096]](#footnote-1097). Esta expressáo é aínda sinónima de urna outra[[1097]](#footnote-1098), elq tú I8ta, que aparece em Jo 1,11; 16,32 e 19,27. Apesar da tendencia, principalmente dos exegetas, em traduzir esta expressáo como «na sua casa», La Potterie[[1098]](#footnote-1099) mostrou que Ihe é perfeitamente aderente um significado simbólico-espiritual mais profundo, segundo o qual estas palavras, aplicadas ao Discípulo Amado que «acolhe» María, se referem á intimidade, á vida interior que caracteriza verdadeiramente aqueles que se colocam com Jesús numa rela^áo de discípulo.

No nosso passo, e á luz das indicares aquí trazidas, a expres­sáo áwfjXOov oóv náXtv npó^ aótouq oi paOqTaí, portanto, indica muito mais que o movimento material de locomover-se de um lugar para outro, traduzindo, na verdade, o voltar-se destes discípulos pa­ra dentro de si mesmos, para un espado espiritual típico de quem é discípulo[[1099]](#footnote-1100), num movimento que dá a entender que eles conti- nuam, numa espécie de síntese pessoal, aprofundando o que o Dis­cípulo Amado tinha acabado de entender e crer, isto é, a atitude de fé na RessurreÍQáo, partindo da Escritura.

1. *Confronto com os sinóticos:*

Mesmo que se diga que nao existem verdadeiros e auténticos paralelos para Jo 20,3-10 nos evangelhos sinóticos[[1100]](#footnote-1101), encontramos algo em comum em Le 24,12, que diz que, depois da visita ao se­pulcro, as mulheres váo aonde os discípulos estáo e anunciam o que descobriram em rela^áo ao sepulcro de Jesús, mas os discípulos nao Ihes dao crédito, exceto Pedro, que “levantou-se e correu ao tú­mulo; inclinando-se, porém, viu apenas os len?óis e voltou npóq éavxóv, muito surpreso com o acontecido”.

Com exce^áo das particularidades na conclusáo, que em Lucas traz a surpresa de Pedro com o que acontecerá — enquanto Joáo fala da fé do Discípulo Amado mas nao se refere a Pedro —, os da­dos de Joáo estáo, na esséncia, presentes em Lucas: a ida ao sepul­cro na carreira, a referéncia ao inclinar-se no sepulcro e a visáo dos len^óis fúnebres. Porém, em Joáo, a cena é bem mais desenvolvida e construida com detalhes relativos aos objetos e as pessoas que acor- rem ao sepulcro[[1101]](#footnote-1102).

Alguns estudiosos consideram que, mal assegurado textualmen­te[[1102]](#footnote-1103)\*, Le 24,12 seria um resumo secundário de Jo 20,3-10[[1103]](#footnote-1104). Mas hoje a maioria dos comentarios é favorável á tese da autenticidade deste versículo[[1104]](#footnote-1105), havendo mesmo quem veja, além disso, como sendo Lucas a fonte que está á base de Jo 20,3-10[[1105]](#footnote-1106), enquanto ou- tros sustentam que as semelhan^as entre as narrares de Lucas e Joáo sugerem que Le 24,12 e Jo 20,3-10 repousam sobre urna mes- ma e antiga tradiçâo que relata a visita de Pedro ao túmulo de Jé­sus, a quai estaría, já desde muito cedo, coligada à tradiçâo sobre a visita efetuada pelas mulheres108. Todavía, as duas narraçôes sâo muito diferentes, a ponto de nâo podermos sustentar nem a prove- niência de urna fonte escrita comum, nem a influência direta de urna sobre a outra, o que nâo exclui a possibilidade de um contato ainda a nivel de tradiçâo oral, que certamente tratava de urna apariçâo de Jesus a Pedro109.

Conquanto, isto nâo impede que a presença do Discípulo Ama­do ao lado de Pedro seja, como propôe a maior parte dos exege- tas[[1106]](#footnote-1107), uma precisâo a um dos estratos mais recentes do quarto evangelho, de modo que o dado de que Pedro assume uma funçâo preponderante é um fato que se insere já na mais tenra tradiçâo[[1107]](#footnote-1108). Esta tradiçâo é reelaborada pelo evangelista, segundo a sua fmalida- de teològica, distribuíndo entre Pedro e o Discípulo Amado os da­dos que originalmente eram de competência exclusiva de Pedro[[1108]](#footnote-1109), fazendo com que o cume da narraçâo esteja na afirmaçào de que os dois eminentes discípulos — Pedro e o Discípulo Amado — forain os primeiros a constatar que Jesus nâo estava mais no túmulo e con­templaram o *semeion* que ele deixara. Como é o Discípulo Amado a autoridade do quarto evangelho, no qual a fé desempenha uma fun­çâo central, é a ele que o evangelista atribui, ao menos explícita­mente, por primeiro a fé na Ressurreiçâo[[1109]](#footnote-1110). Por outro lado, a in- clusào deste outro discípulo nâo diminui a atuaçâo de Pedro, nem o papel que ele desempenha em rela^áo aos dados da tradi^ao reela­borada por Joáo, urna vez que os dados continuam a exprimir subs­tancialmente as mesmas situares e já ali nao é dito, explícitamente, que Pedro chega á fé na Ressurrei$ao; e nem mesmo é esta — como nao o era na fonte — a finalidade do episodio.

NOTAS CONCLUSIVAS DO CAPÍTULO

Podemos constatar no estudo de Jo 20,1-10, tanto em si mes­mo, como na sua relaja o com Le 24,12, como se dá o surgimento da fé na Ressurrei?áo. Neste processo, a figura de Pedro aparece ao la­do da do Discípulo Amado, com quem partilha a caminhada. Leitu- ras parciais da perícope procuraran! colocar em evidencia ou um ou outro discípulo, ressaltando os diversos elementos que apontam seja para a atribuido de urna maior importancia assumida pelo Discípu­lo Amado, seja para um destacado papel de Pedro que assume, mais urna vez, a fun?ao de líder dos discípulos.

Assim, por urna parte, observa-se que o evangelista coloca em destaque o Discípulo Amado, insistindo em dizer por bem tres vezes (v. 4.6a.8) que ele chegou primeiro ao túmulo — idéia que também é enfatizada através da construyo pleonástica npoéSpapev rágiov e da idéia de “primeiro” contida na fonéticamente enfática dupla de palavras npoéSpapav-np&TOt; (v.4) — e dizendo explícitamente que ele eí8sv Kai éníoTevoev (v. 8).

Mas de outra parte, o evangelista releva a presenta de Pedro, mencionando-o sempre em primeiro lugar ñas duas vezes em que o traz junto do Discípulo Amado (v. 2.3), e dizendo que o Discípulo Amado espera Pedro, reconhecendo-lhe o direito ou a autoridade de entrar por primeiro no sepulcro.

Além disso, estes dados estáo em intima conexáo, como eviden- ciou a estrutura do texto, de sorte que a decodifica^áo do seu signi­ficado deve ser feita á luz da performance dos dois durante toda a cena, e para a qual um claro referencia! é o conteúdo do túmulo aberto, relegando a um nivel secundario urna possível avalia^áo do comportamento dos dois discípulos em si mesmos, ou á luz um do outro. E, neste sentido, nao resiste a urna leitura aprofundada e glo- balizante, urna inten^áo do quarto evangelho em mostrar urna supe- rioridade do Discípulo Amado em detrimento de Pedro, de modo a dizer que o Discípulo Amado creu na Ressurrei?áo, enquanto Pedro continua na incredulidade. O texto coloca estes dois discípulos igualmente presentes no germe da fé na Ressurrei?áo, embora tra- duza esta realidade de dois modos ligeiramente diversificados. Sobre o Discípulo Amado, é dito que ele passa da constatado visual (PXénei - v. 5) à visào de fé (el8ev Kaì ènioTenaev - v. 8); enquanto sobre Pedro, o quarto evangelho, que é muito sobrio em explicitar as reades deste discípulo, diz que ele Oeopet (v. 6) os lenQÓis fúne­bres e o sudàrio ali, como estavam antes, mas sem Jesus. Nào faz outras referencias ao seu estado, a nao ser aquelas implícitas nesta afirmado; mas também nao diz que ele nao creu. Este fato nao aparece, em absoluto, como um aspecto que diminua a expectativa sobre Pedro; ao contrario, ele é revalorizado, seja pelo comporta­mento do Discípulo Amado em relado a ele, seja pela transfor­mado que se efetua em ambos os discípulos — já que passam da contundente ignorancia da Escritura e do total despreparo para a Ressurreido, ao caminho interior de aprofundamento da descober- ta feita pelo Discípulo Amado —, seja pela chave de leitura que se abre. Este passo deve ser lido, na verdade, na perspectiva do capítu­lo 21, em que é o Discípulo Amado quem reconhece Jesus na pessoa do desconhecido que está à margem do lago, enquanto eles pescam, após o que temos toda urna concentrado sobre a pessoa de Pedro e sobre a sua missáo.

**Capítulo Vili**«TU, SEGUE-ME!»  
(JO 21,1-14.15-23)

Depois de Jo 20,1-10, o quarto evangelho volta a dedicar aten- Qao a Pedro, individualmente, no capítulo 21, onde finalmente encontra termo a sua missáo, ficando esclarecido e concretizado o sentido de sua voca^áo.

Entretanto, no mínimo parece estranho que, após os eventos narrados no capítulo 20, devidamente concluido em 20,30-31, o evangelista ainda se ocupe de algum fato. E eis que ele o faz, e num modo todo inesperado: colocando os discípulos no mar de Tibería- des, numa pesca, nao deixando, aparentemente, um mínimo sinal de que eles já tinham entrado no “novo tempo do Ressuscitado”. E no meio dos discípulos — e através de todo o capítulo — desponta a fi­gura de Pedro. É ele quem toma a iniciativa de ir pescar e ocupa o centro da cena; é com ele que Jesús trava um diálogo vital sobre o seguimento, dando-lhe urna missáo.

Existem muitos problemas em rela^áo a este capítulo, os quais giram, em maior ou menor escala, em torno de sua autenticidade, de sua autoría, de sua perten^a e funQao no conjunto do quarto evangelho.

Nao podemos deter-nos em considerar estes problemas[[1110]](#footnote-1111). Para nós é suficiente reter a opiniáo mais freqüente de que o capitulo 21

foi acrescentado ao quarto evangelho quando este já tinha sido con­cluido[[1111]](#footnote-1112). Tal adigao tena sido efetuada pelo mesmo autor do evan­gelho ou por um seu discípulo[[1112]](#footnote-1113), o qual nao teria remodelado o final do evangelho já elaborado e nao fizera confluir os dados, eliminan­do, por conseguinte, contradigóes como a dupla conclusao (20,30-31; 21,24-25), a retomada por parte dos discípulos de suas atividades estáveis como pescadores nao obstante terem recebido urna missáo (20,21-23), a incapacidade dos discípulos de reconhecer o Ressuscitado, a adigao de urna nova apari^áo de Jesús após a pro- clamagáo da bem-aventuranga sobre os que creram sem ter visto (20,28).

No entanto, seja como for, o nosso principal interesse reside, como nos capítulos anteriores, na forma atual da narragao.

Deste modo, após verificarmos brevemente como este capítulo está organizado no seu texto final, procederemos á leitura exegética de suas unidades, partindo de como elas estáo estruturadas, e tendo sempre a figura de Pedro como ponto de referencia. Considerare­mos também a relagáo destas unidades com os seus possíveis parale­los sinóticos, especialmente Le 5,1-11 e Mt 16,17-19, mas somente

siología de Juan 21 (Pedro y Juan al servido de la Iglesia)”, in AA.W., *Ministerio y Carisma. Homenaje a monseñor García Lahiguera,* Valenda, 1975, p. 11-52; J. Breck, “John 21: Appendix, Epilogue or Conclusion?”, *SVlad* 36 (1992) 27-49. naquilo que possa ajudar a colocar em luz a especificidade do quar­to evangelho no tratado acerca de Pedro.

1. *Divisâo do Capitulo 21:*

Sob o aspecto literario, Jo 21 constitui urna ampia unidade com um conjunto narrativo bem ordenado[[1113]](#footnote-1114). Mas nao obstante es­ta unidade, nao existe entre os autores urna uniformidade em pre­cisar quais sejam as diversas subdivisoes internas que sao coligadas e entrançadas de modo singular.

Há quem articule este capítulo em duas partes formadas pelos versículos 1-14 e 15-25, sendo que esta última parte é composta de duas unidades discursivas (v. 15-17.18-23) e urna conclusiva (v. 24-25)[[1114]](#footnote-1115) ; há também quem considere o versículo 1 como introduçâo a todo o capítulo, seguida de urna parte central que comporta très quadros menores (v. 2-14.15-17.18-23), e urna conclusao ao capítulo e ao evangelho (v. 24-25)[[1115]](#footnote-1116). Entretanto, parece claro que os versículos 24-25 nao fazem diretamente parte desta unidade, mas sâo anotaçôes que se referem ao que foi escrito precedentemente (v. 24) e ao que se poderia aínda escrever (v. 25)[[1116]](#footnote-1117). Assim, a maioria dos autores divide o capítulo em duas partes (v. 1-14 e 15-23) seguidas de urna conclusao (v.24-25)[[1117]](#footnote-1118), embora atribua diferentes relaQÓes ao interno da segunda parte[[1118]](#footnote-1119).

A primeira parte (v. 1-14) constituí um episodio ùnico, e a sua delimitado é garantida por dois recursos lingüísticos: o primeiro consiste no |iexú raura de 21,1, que é urna expressao familiar ao quarto evangelho, utilizada para fazer urna transido para outro episodio e acrescentar, portanto, um argumento novo[[1119]](#footnote-1120). Aqui eia exerce, pois, esta fundo, contrastando, além disso, com 20,26, quando a indicado temporal Kai p€0’f|pépad òktw situa bem preci­samente no tempo a aparido de Jesus a Tomás[[1120]](#footnote-1121). Temos, em re­lado a este evento, urna mudanza de tempo, sem, todavia, estabele- cer com ele urna relado cronológica. O segundo recurso utilizado para a delimitado consiste no dado de que no inicio e no firn do episodio temos as expressoes ¿(pavépoCTev éauxóv náXiv ó Tqtrov^ toig pa0T)Taí<; (v. 1) e toüto í)8t| rpúov ¿<pav£pá)0T| TqooCg xoig pa0r)raíq (v. 14) como claro aceno à aparido de Jesus, formando urna inclusao que encerra todo o episòdio[[1121]](#footnote-1122).

Os versículos 15-23 tèm a mesma situado espado-temporal que os versículos 1-14[[1122]](#footnote-1123). Nao obstante a inclusao sobre a aparido de Jesus entre os versículos 1 e 14, que poderia fazer supor que os ver­sículos 15-23 pertencem a um outro contexto histórico[[1123]](#footnote-1124), a expres- sáo cronológica óre oóv úpíoxrioav (v. 15) coliga os dois episodios e, sem estabelecer rupturas, situa o diálogo entre Jesus e Pedro depois da refeido, como se Jesus somente esperasse terminar a refeido para comedar o diálogo com Pedro, o que, além de colocar as duas cenas em continuidade[[1124]](#footnote-1125), faz com que a primeira seja tam- bém urna preparado para a segunda.

1. *Jo 21,1-14:*

Procederemos ao estudo da primeira perícope (21,1-14), aten- do-nos, como fizemos anteriormente, aos aspectos atinentes a Pedro. Após a crítica textual, veremos a sua estrutura, da quai tira­remos os pontos para a leitura explicativa.

* 1. *Crítica textual:*

Existe urna gama de variantes na perícope, mas nao sao, geral- mente, significativas, nem pela possibilidade de leitura que levan­tan!, nem pela força dos manuscritos que as sustentam. Em relaçâo ao nosso estudo, existe urna variante no versículo 11 que, embora nao traga problemas, merece ser apresentada.

Alguns manuscritos, entre os quais x W L T, trazem évéPq no lugar de avépr|. Esta variante é, no entanto, claramente, urna tenta­tiva de esclarecer urna dificuldade presente no versículo, em relaçâo à meta do ávaPaívco, que nao é fácilmente dedutível do contexto, de modo que nao é de todo claro o movimento de Pedro descrito com este verbo. Com a variante évéPq, afirmar-se-ia, sem dúvidas, o seu movimento de subir no barco.

* 1. *Estrutura:*

Esta é urna perícope dialógico-narrativa, cujos elementos de diálogo e de narrado podem ser distribuidos da seguinte maneira:

**- A** 1 Metù taina ècpavépœoEV éautôv Káliv ó ’lT]aovç toïç pa0T]taîç ¿kí tfjç KalàGGT]ç tfjç TiPepiàôoç • ètpavépaxyEV ôè o6t©ç.

2 fjoav ôpou Eipœv nétpoç Kai Oœpaç ó Xeyôjaevoç Aiôopoç Kai Na0avaf)X, ó ànô Kavà tfjç FaXtXaiaç Kai oi tou ZePeSoîov Kai &XXot èK tœv pa0T]tœv aôtoo ôüo.

**b** 3 XéyEi aôtoïç Eipœv nétpoç, 'Y^áy© áXiEÚEiv.

X^youoiv aôtô, ’Epxóp£0a Kai fjpeïç aôv ooi.

**c** èÇi]X0ov Kai èvépr|oav eîç tô kXoïov, Kai èv èKEÎvrj tg WKti èKÎaoav oôôév.

I

4 Kpœtaç ôè flôî] y£vopévT]ç ëotT] ’It]qovç eîç tôv aiyiaXôv, oô pévtot ^ôfiioav oi pa0T]tai ôti ’I^aouç èotiv.

!

5 XéyEi oôv aôtoïç ó ’Inoooç, natôia, pf| tt Kpooçàyiov àK£Kpi0T|aav aôtô, O¿.

6 ó ôè eIkev aôtoïç, BàXctE eîç tà ÔE^ià pépî] tou nloÎOÜ tÔ SÍKtüOV, Kai £Ôpf|Q£t£.

c1 SPaXov oôv, Kai oÔKéti aôtô éXKÙoai ïaxvov ànô tou kXt|0oüç tôv ix0vœv.

**a2** 7 Xéyei oóv ó pa0T|xflç èKeïvoç ôv flyána ó ’Iqoovç tío Ilexpcp, eO KÙpiôç èoxiv.

Síp©v oúv néxpoç àKovoaç ôxi ó Kúpióg èoxiv xôv è7csvôt)TT|v ôieÇdxyaxo, flv yàp yvpvôç, Kai ëpalcv éauxôv eiç xflv OàÀaoaav,8 oí ôè àXkoi pa0qxai xœ nkoiapicp flX0ov, où yàp floav paKpàv *ànà* xflç yflç àXXà œç ànô nqxœv StaKooiœv,

OüpOVXBÇ XÔ ÔÎKXVOV XÔV ÎX0VÛ)V. 9 ÔÇ OÔV àTcéPqoav eiç xflv yflv PXétcoüoiv àv0paKiàv t KBipévqv Kai ôyàpiov èKiKBÎpEvov Kai àpwv.

**b2** 10 Xéyei aôxoïç ó ’Ir|ao6ç, !’EvéyKaxe *ànà* xôv ôyapiœv ôv èwiàoaxe vvv.

711 àvépq oôv Eipcov ITéxpoç Kai eîXkvgev tô ôîkxüov eiç xflv **c3]** yflv jiEGTÔv lx0vœv peyàXœv éKaxôv nevxflKovxa xpiôv • ( Kai xooovxœv ôvxœv oôk èox^^n Sîkxüov.

**b3** 12 XéyEi aôxoïç ó ’Iqoovç, Aeuxb àpioxfloaxB.

a3 oôSeiç ôè ¿xóXpa xôv pa0qxôv è^exâaai aôxôv, Su xiç si;

eiôôxeç ôxi ó Kvptôç èoxiv.

**c4** 13 ëpxexai ’Irçoouç Kai XapPàvsi xôv àpxov Kai ôiôûxnv aôxoïç, Kai xô ôyàpiov ôpoiœç.

**\*- A’** 14 xouxo flôt] xpixov è<pavsp(i)0T] ’Irçoovç xoïç pa0qxaïç èyfip06iç ¿k vBKpœv.

Temos, assim, urna perícope organizada segundo urna ordem narrativa, na forma A-B-C-C’-B’-A’. Nos extremos temos A (v. 1) e A’ (v. 14) que, como vimos, constituem urna inclusao com termos relativos á apari^áo de Jesús aos discípulos: ¿(pavépcoaev éavxóv ... ó ’Iriaoug xoig paOqxaig/écpavépaxrev 8é ouxog (A) e écpavepóOq ’Iriooug xoig pa0r|xaig (A’). Temos, aínda, dois termos que, num certo sentido, se correspondem, já que assinalam tratar-se de urna outra apari?ao de Jesús, e nao da primeira: náXtv (A) e q5r| xpíxov (A’). O evangelista, portanto, insiste que é numa apari?ao do Res­suscitado que se desenvolve este episodio[[1125]](#footnote-1126).

Como elementos internos temos B-C-C’-B’, que desenvolvem o que acontece aos discípulos em quatro momentos subseqüentes e pro- gressivos, segundo a rela?ao deles com Jesús: em B (v.2-3) temos os discípulos sem Jesús, indo pescar; em C (v. 4-6) os vemos intera­gir com Jesús que, das margens do mar, Ihes dirige a palavra, mas eles nao O reconhecem; em C’ (v. 7-9) temos o reconhecimento de Jesús por parte do Discípulo Amado e a ida ao encontró Dele, enca­bezada por Pedro; em B’ (v. 10-13) temos Jesús entre os discípulos que sabem tratar-se mesmo do Senhor.

Além desta organizazáo narrativa, verifíca-se um movimento antitético entre B (v. 2-3) e B’ (v. 10-13) e entre C (v.4-6) e C’ (v. 7-9). Em B, sem Jesús, os discípulos fatigam toda a noite, mas nao pescam nada (xf¡ wktí éníaoav oóSév - v. 3). Esta idéia é reto­mada antitéticamente em B’, quando Jesús pede que tragam alguns dos peixes que pescaram (évéyKaxe *ánd* xwv óyapíwv d>v éntáoaxE vvv - v. 10b) e se constata que sao grandes e mui tos (psoxóv ixOúwv |ieyáXü)v ¿Kaxóv n£VXT|Kovxa xptwv - v. 11b). Em C, Jesús está em pé, na praia, mas os discípulos nao O reconhecem; em C’, como conseqüéncia da pesca realizada, temos a passagem do nao conheci- mento de Jesús á constatazáo de que este homem é Jesús. Entre estes membros, os seguintes termos se correspondem: oí) pévxoi fjSEicrav oí paOrixai óxt ’Iqooüz éoxiv (v.4) e o duplo ó KÚpióg énxiv (v. 7).

Além disso, tanto B-B’ como C-C’ sao marcados, por um lado, pelos verbos do campo semántico da fala (sete vezes Xáy©; urna vez ánoKpívopai e ókoú®), e por outro, pela narrado descritiva dos movimentos dos personagens. A combinado destes elementos dia­lógicos e narrativos faz com que tenhamos como espinha dorsal um esquema básico do tipo a-b-c, em que as letras «a» se referem á apresentado ou identificado dos personagens, as letras «b» trazem as falas deles, enquanto as «c» narram as ázoes que decorrem dos diálogos ou das simples afirmazóes dos personagens. Este esquema aplica-se sobretudo a B-C, onde temos claramente a construzáo a-b-c, enquanto em B’-C’ ele apresenta alguma variazáo: em B’ te­mos duas falas de Jesús (b2-b3: v. 10.12a) com duas ázoes decorren- tes délas (c3-c4: v. 11.13), além da referencia ao conhecimento de Jesús (a3: v. 12b); em C’ falta o elemento do diálogo entre os perso­nagens (b). Assim, em a (v. 2) temos a apresentazao dos discípulos que váo á pesca; em a1 (v.4) a introduzáo de Jesús na cena; a2 (v. 7a) e a3 (v. 12b) insistem aínda sobre a apresentado de Jesús referindo-se, respectivamente, á Sua identificazáo por parte de um discípulo e á constatado de que os discípulos sabiam que aquele homem era o Senhor. Em b (v. 3a) temos o diálogo entre Pedro e os demais discípulos; em b1 (v. 5) temos também um diálogo entre Je­sús e os discípulos, com duas falas de Jesús e tuna dos discípulos aos quais o texto se refere indeterminadamente, com a terceira pessoa (áKEKpí0r|oav aux®); em b2 (v. 10) e b3 (v. 12a) temos duas ínter- vençôes de Jésus que pede aos discípulos para trazerem alguns peixes recém-apanhados e os convida a comer. Estas colocaçôes de Jésus sâo seguidas das açôes respectivas dos discípulos que, todavía, nâo falam. Em c (v. 6b) temos a açâo dos discípulos após o diálogo: vao pescar, mas nâo conseguem pegar nada; em c1 (v. 6b) temos a pesca feita pelos discípulos após o diálogo com Jesús, extremamente frutífera; em c2 (v. 7b) vemos os movimentos de Pedro e dos discípu­los que vao ao encontró de Jesús após O terem reconhecido; em c3 (v. 11) temos aínda urna açâo de Pedro, que sobe no barco e arrasta a rede para a terra; e em c4 (v. 13) a açâo de Jesús, que distribuí páo e peixe entre os discípulos.

* 1. *Exegese:*

À luz desta estrutura temos, entâo, très aspectos que, conjunta­mente, definem a compreensáo da figura de Pedro nesta cena: a sua apresentaçâo, os diálogos nos quais ele aparece como um dos inter­locutores, e o seu agir. Nestes très aspectos Pedro aparece sempre em primeira linha, tomando iniciativas, assumindo urna funçâo cen­tral, urna posiçâo absolutamente destacada em relaçâo aos demais personagens. Vejamos estes aspectos em seus pormenores.

* + 1. *A apresentaçâo de Pedro (21,2):*

Em A (v. 1) o texto nos apresenta os discípulos que estâo ¿ni rfjç 0aXàoor|ç Tfjç TtPepiàSoç, e aos quais Jésus aparecerá. Traz uma lista de sete discípulos, encabeçada por Simâo Pedro (v. 2)[[1126]](#footnote-1127). Este elenco deu margens a diversas opiniôes, urna vez que nâo é isento de subentendidos, pois somente très sâo identificados pelo nome e dois aparecem com a denominaçâo oí tou ZsPeSaiov[[1127]](#footnote-1128).

Diante disto, Lagrange[[1128]](#footnote-1129) considera a expressâo Kai oí tou ZePeSaíov uma glosa com a intençâo de identificar os dois discípu­los referidos somente como &XXot èk tôv pa0î|rœv aÔTov Súo. Hà também quem, evocando Jo 1,41-43, identifique os dois discípulos anónimos com Filipe e André[[1129]](#footnote-1130). Isto faria com que os discípulos que durante o ministério de Jesus tinham desempenhado um papel relevante fossem recordados também no final do evangelho[[1130]](#footnote-1131). Ou- tros autores, ainda, renunciando à identificando individual dos discí­pulos, centram a atenndo na simbólica do número sete. Schnacken- burg considera que este número, que na linguagem semítica indica plenitude, pode significar que os discípulos representan! a futura co- munidade crista[[1131]](#footnote-1132). Já Mateos e Barreto véem o número sete como indicando urna totalidade determinada, que indica a universalidade das nanóes, fazendo urna referencia direta aos pagaos[[1132]](#footnote-1133). Entretanto, o número de sete discípulos parece nao traduzir aquí um simbolis­mo deste nivel[[1133]](#footnote-1134); pode referir-se aos discípulos, em geral, indicando simplesmente que nem todos estavam presentes[[1134]](#footnote-1135). Além disso, o evangelista nao está preocupado com os discípulos como um todo. Estes, na verdade, assumem desde o inicio da cena um lugar secun­dario, ficando mesmo, ao longo do episodio, à sombra de Pedro[[1135]](#footnote-1136). Assira, já na apresentanào que faz dos discípulos nesta cena, o quar­to evangelho chama a atenndo sobre Pedro, mencionando-o em pri- meiro lugar na lista e referindo-se a ele com a dùplice denominando Sípwv flérpog. Ao longo da perícope será sempre com o nome du­plo (Síp®v nérpoq) que Pedro será mencionado[[1136]](#footnote-1137). E esta é a pri- meira vez que isto acontece. Referir-se a Pedro com o nome duplo Eípov néipog é urna característica típica de Joáo[[1137]](#footnote-1138), mas ele jamais se referirá a Pedro numa mesma perícope sempre com esta expres- sáo. Deste modo, com o nome Eípcov que evoca a condilo do nos- so discípulo até o seu encontró com Jesus, aparece o nome néxpog que, além de fazer alusdo á situando em que recebeu este nome[[1138]](#footnote-1139), dado por Jesus, chama-a em causa, abrindo perspectiva para a mis- sào que o novo nome indica. Destarle, jà na apresentacào deste discipulo, e no modo como o evangelista se refere a ele, transparece aquilo que acontecerá no desenrolar do episodio, colocando Pedro numa posilo singular em relajo aos demais discípulos, apontando para a compreensào e para a realizadlo de sua missào.

* + 1. *O diálogo em que Pedro é um dos interlocutores (21,3):*

O primeiro diálogo da cena acontece por iniciativa de Pedro, que comunica aos outros discípulos a sua inten^ao de pescar (ónáyco ákieÚEiv - v. 3a), e estes respondem que o acompanharao (¿pxópeOa Kai avv ooí - v. 3b). Temos aqui mais do que urna simples ou casual troca de palavras; preparado pela apresentacào de Pedro e dos demais discípulos, este diálogo, na verdade, é o ponto de partida para todo o episodio da pesca e para o que dele segue, explicitando o que acontece a Pedro após a glorificalo de Jesus[[1139]](#footnote-1140). Por isso, é significati­vo que a iniciativa de ir pescar parta de Pedro e que seja ele a comu­nicar aos demais, atraindo-os também para fazer o mesmo[[1140]](#footnote-1141). Esta decisao de Pedro e a pronta adesao dos outros discípulos devem ser vistas num dùplice aspecto, que considera o teor das declarares e o que elas podem significar ou deixam transparecer.

Para as palavras de Pedro, o evangelista apresenta a expressio ónáy® ákieúeiv. Temos aqui um presente e um infinitivo de objetivo ou firn, de raro uso em Joao[[1141]](#footnote-1142). O verbo áXtcú®, um *hapax* no Novo Testamento[[1142]](#footnote-1143), significa pescar. McDowell[[1143]](#footnote-1144) mostra que este verbo, usado com o presente 6náy®, exprime nao tanto a intendo momen­tánea de ir pescar, mas indica urna continuidade de ado, sugerindo que ele retorna ao seu antigo modo de vida e que assim pretende continuar. Por conseguinte, os discípulos parecem assumir um trabalho ordinàrio, continuado[[1144]](#footnote-1145), e entre eles é Pedro quem mais claramente exerce a profissäo de pescador, desempenhando o papel de líder[[1145]](#footnote-1146).

Todavía alguns autores levantam dificuldades quanto ä credibi- lidade destes dados, considerando improvável que Pedro e os outros discípulos tivessem voltado as suas antigas ocupares depois dos acontecimentos do capítulo 20 e sobretudo depois do envio por par­te de Jesus em 20,21. Alguns resolvem estas dificuldades admitindo a possibilidade de que este evento seja cronológicamente anterior aos narrados no capítulo 20[[1146]](#footnote-1147), podendo-se mesmo identificá-lo com a primeira apari^ao de Jesus aos discípulos em geral, muña nar­rado independente do capítulo 20[[1147]](#footnote-1148), ou com a Cristofania a Pedro referida em 1 Cor 15,3-5 e Le 24,34[[1148]](#footnote-1149), ou aínda com o final de Mar­cos — que teria sido perdido — que traria também este episodio[[1149]](#footnote-1150). Outros autores consideram que os discípulos retornam ás suas ocu- paQÖes somente durante o tempo em que Jesus os instruirá a perma­necer na Galiléia (Me 16,7), entre a festa de Páscoa e Pentecostés, de sorte que estariam utilizando um tempo livre, e que a missäo que Ihes fora confiada em 20,21 confere um poder que será exercido no momento oportuno[[1150]](#footnote-1151).

No entanto, o texto mesmo pode nao suscitar estes problemas. É certo que a decisäo de Pedro de ir pescar evoca a sua precedente profissäo de pescador; todavia, a idéia do quarto evangelista nao se reduz a referir-se á atividade de Pedro. Ao menos quatro pontos corroboram esta significacao:

— O desenrolar da cena, embota centrado na pesca, aponta para um mistério que sempre vai além e que tem a ver com o Res­suscitado;

— A pesca por iniciativa de Pedro é contraposta áquela de iniciativa de Jesus, mostrando que a tarefa dos discípulos — cuja ênfase recai em Pedro — só é possivel com o comando e com a aju- da do Senhor;

— A performance de Pedro é constante em toda a cena; des­de o inicio é eie quem toma a iniciativa e age sempre, sendo capaz de reunir e motivar os demais para a açào, assumindo a funçào de catalisador dos demais, o que o coloca mima condiçâo privilegiada para a missào;

— O verbo óreayco, com o qual Pedro se refere ao seu «ir», é o mesmo utilizado por Jesus em Jo 15,16, ocasiào em que destina todos para irem (ónáyqTE) e produzirem fruto[[1151]](#footnote-1152), numa clara refe- rência à missào.

Deste modo, a evocaçâo do *Pedro pescador* näo é outra coisa senào o modo pelo qual o evangelista dà relevo à sua nova missào, deixando-a transparecer, já, numa espécie de antecipaçào, por meio da imagem da pesca[[1152]](#footnote-1153).

* + 1. *A atuaçào de Pedro:*

Além da apresentaçâo e do diálogo em que Pedro aparece co­mo protagonista, é sobretudo a sua atuaçào ao longo do episodio que fomece os dados fundamentáis para a definiçâo de sua figura. A presença concreta de Pedro aparece, explícitamente e sempre em primeiro plano, seja na realizaçào da pesca (B-c: v. 3b), jogando-se ao mar após a identificaçào de Jesus (C’-c2: v. 7b-9), seja na pronti- däo em responder, com atos, às palavras de Jesus, arrastando a rede para a praia (B’-c3: v. 11). A sua presença é também implícita em outros dois momentos: quando os discípulos obedecem a Jesus e jo- gam a rede ao mar (C-c1: v. 6b) e na partilha do pao e do peixe, por Jesus (B’-c4: v. 13). O modo de agir de Pedro está, como veremos, em continuidade com a sua figura que emerge dos capítulos anterio­res, mas principalmente indica a missào que ele assumirá em virtude de ser Pedro.

* + - 1. *A realizaçào da pesca (21,3b.6b):*

A pesca é realizada em dois tempos: o primeiro consiste no trabalho notumo e infrutífero dos discípulos (B-c: v. 3b), e o se­gundo representa o trabalho sob o comando de Jesus, quando se faz día (C-c1: v. 6b). Embota a referéncia aos discípulos seja geral, dadas as circunstáncias da cena, podemos assumir, implícitamente, que Pedro continua a sua fun^ao de líder do grupo, envolvendo-se em primeira pessoa.

Após as palavras dos discípulos ép%óji£0a Kai Tupiste; ovv ooí (v. 3a), aderindo á idéia de Pedro, o texto diz que eles é^fjXOov Kai évéprpav aiq tó nXotov, acrescentando logo em seguida Kai év éKEÍvij tQ vvktí éníaoav ovSév (v. 3b). Os dois primeiros dados in- sistem no fato de que os discípulos váo pescar, enquanto o último, insiste no insucesso da pesca.

De fato, a forma verbal é^fjXOov é mais do que um simples verbo gráfico, indicador de urna mera ando anterior á idéia princi­pal, que é pescar, já que antes de entrar no barco devem sair de ca­sa[[1153]](#footnote-1154). Esta forma serve para sublinhar pleonasticamente os movi- mentos compreendidos no ato de pescar, dando-lhes importancia (nao se trata de urna pesca banal), além de indicar que os discípu­los estavam reunidos na mesma casa[[1154]](#footnote-1155), acentuando assim a idéia de unidade.

A mesma fuñado assume a informando segundo a qual os discí­pulos évépqoav eí<; tó nXoiov[[1155]](#footnote-1156)\*. Esta expressáo, juntamente com a que se refere ao dado de que os discípulos saíram de casa, é, em si, secundaria, mas ganha relevo no contexto, que se detém em detalhes aparentemente insignificantes, enquanto omite os dados relativos á fadiga dos discípulos em pescar toda a noite em váo.

Na verdade, o evangelista, depois de trazer estes detalhes nar­rativos, vai diretamente a outro ponto de interesse, isto é, ao insu­cesso da pesca, constatando que év ¿keívij tt¡ vvktí éníaoav oúSév (21,3b). O dado temporal é significativo para a interpretando de todo o episodio, trazendo consigo urna contradinao que é indicio de urna significando mais profunda[[1156]](#footnote-1157). Inicialmente, os discípulos pescam á noite, que é considerada o melhor tempo para pescar[[1157]](#footnote-1158); entretanto, apesar de o tempo ser favorável, eles nao conseguem pegar nada. E, aqui, o evangelista deixa claro que isto acontece na- quela noite, de modo que o pronome demonstrativo enfático éKEÍvr) diz que precisamente naquela noite nao tiveram sucesso, o que quer dizer, em outras palavras, que o fracasso nao era, antes, comum entre eles40.

O evangelista sublinha ainda o caráter insólito desta pescaría, dizendo, em seguida, que npotag Sé yevo|iévng Sott| ’Iqooug eiq róv aiytaXóv (v. 4a). O amanhecer coincide com a presenta de Jesús, assim como a noite coincide com a sua ausencia[[1158]](#footnote-1159). O que acontece de noite e de dia, sem Jesús ou com Jesús, tem dimensoes muito diferentes. Ao perguntar IlaiSía, nf| u icpoacpáyiov £%£xe; (v. 5), Jesús bem sabia que os seus discípulos nao tinham obtido éxito em seus estorbos[[1159]](#footnote-1160), e esperava, de antemáo, urna resposta negativa, como indica a formulaban da pergunta[[1160]](#footnote-1161). Com esta interrogavao Jesús coloca ainda em maior evidencia o fracasso dos discípulos, que Ihe respondem com um monossilábico oü. A inten^ao de Jesús nao é submeter os discípulos ao ridículo, mas constatar que com seus únicos esfor^os fatigaram em vao[[1161]](#footnote-1162); assim, oferece-lhes ajuda, indicando-lhes o lugar onde devem lanzar a rede: Búhete slq xa Se^iá jiépT| too nkoíou tó 8ÍKTUOV (v.óa)[[1162]](#footnote-1163)\*. Sem mais delongas os discípulos lan^am a rede[[1163]](#footnote-1164), e, embora de dia, pescam tanto que nao conseguem puxar a rede para fora (v.ób)[[1164]](#footnote-1165).

Estabelece-se assim um contraste entre a esterilidade do traba- Iho dos discípulos sem a presenta de Jesús e a abundancia da pesca com a Sua presenta. Destituidos da ajuda de Jesús, os discípulos sao incapazes de realizar a tarefa a que se lan^aram; temos aqui a comprova?áo das palavras de Jesús na alegoría da videira e dos ra-

mos: como o ramo que nâo fica unido à videira nâo pode dar fruto, assim também os discípulos nâo poderâo dar frutos se nâo estive- rem unidos a Jésus (Jo 15,4-5)[[1165]](#footnote-1166).

Esta é urna cena, portanto, que, indo além de sua conotaçâo material representada por mais urna pescaría efetuada pelos discípu­los, denota a missao deles[[1166]](#footnote-1167), chamando a atençâo para o fato de que é na obediência a Jesús que esta se atua e se cumpre. E isto os discípulos, principalmente Pedro, parecem ter captado. Em seguida, eles nâo pedem explicaçâo de nada; Pedro prontamente obedece à palavra de Jesús, como indicio de que está apto para a missao[[1167]](#footnote-1168).

* + 1. *Pedro atira-se no mar (21,7b-9):*

Nesta presença de Pedro existera dois movimentos a serem con­siderados, além do dado inicial de que é o discípulo que Jesús ama- va quem reconhece o Senhor: Pedro se cinge com a sobre-veste e se lança no mar.

1. *O Discípulo Amado diz: «É o Senhor!» (21,7a):*

O discípulo que Jesús amava reconhece, por aquilo que aconte- ceu, que o personagem que está na praia é o Senhor e comunica esta sua descoberta a Pedro (21,7a)[[1168]](#footnote-1169). Sobre esse discípulo o evangelista nâo dissera aínda nada claramente neste capítulo, mas ele está inclu­ido entre os companheiros de Pedro do versículo 2, de modo que também seguiu Pedro na sua decisao de ir pescar[[1169]](#footnote-1170).

Praticamente todos os estudiosos admitem que entre Pedro e o Discípulo Amado intercorre aqui a mesma relaçâo que no corpo do evangelho, estando em plena harmonía especialmente com 20,3-8[[1170]](#footnote-1171), de sorte que mais urna vez este discípulo é colocado em evidencia, agora como tendo intuido mais rápida do que Pedro e reconhecen- do súbitamente Jesús, já que o amor Ihe capacita a tanto[[1171]](#footnote-1172). Embora Pedro ocupe um lugar importante, teñamos, assim, urna certa pre­cedencia do Discípulo Amado sobre ele, do qual esta cena eviden­ciaría o seu caráter impulsivo, enérgico e impetuoso, mas incapaz de, por si, compreender o significado da fecunda pesca[[1172]](#footnote-1173). Este seu comportamento estaría mais de acordo com aquele manifestado em 18,10-11[[1173]](#footnote-1174), embora mostrasse considerável progresso: crendo ñas palavras do Discípulo Amado, ele adotara um comportamento con- seqüente, nao tendo necessidade de constatar pessoalmente, para se asseverar do testemunho do discípulo[[1174]](#footnote-1175).

Todavía, esta considerado nao é dita no texto — que nao faz referencia ao fato de o Discípulo Amado ter reconhecido primeiro Jesús, mas simplesmente diz que Xéyei oóv ó paOriTfig ¿Ksivog ov ^yána ó Ttioov^ néipto, 'O KÚptóg éortv (v. 7a) — e nao leva em conta que a preocupado do evangelista nao é medir a grandeza ou a mediocridade de um em relado ao outro. Se assim fosse, nao se entendería como o Discípulo Amado, após a descoberta de que era *o Senhor* quem estava na raíz daquele acontecimento, pratica- mente sai de cena, de modo que o evangelista nao se refere ao efeito que esta identificado provoca nele, nao bastando o reconhecimento para caracterizá-lo como estando em sintonía com Jesús. Além dis­so, poder-se-ia constatar urna certa dependencia sua em fundo de Pedro, ao qual comunica a sua descoberta como mostrando a inca- pacidade de concretizar suas escolhas e decisdes, e, por conseguíate, a sua adesáo a Jesús. Nao é esta, portanto, a chave de leitura para o texto. Embora juntos, nao sao comparados. Toda a dinámica do episodio e do capítulo apontam noutra diredo: na missáo de Pedro e também na do Discípulo Amado — sobre as quais o evangelista se ocupará na segunda parte do capítulo. Simáo, escutando que *é o Senhor,* prontamente se coloca em movimento rumo a Jesús. É isto que o texto diz[[1175]](#footnote-1176).

1. *Pedro cingiu-se com a veste (21,7b):*

Pedro, escutando que é o Senhor, tóv ért£vSÚTT|v SiE^ótrato, f)v yáp yvpvóg (v. 7b). Vejamos a descri^ao e o significado deste gesto.

É difícil compreender o estado em que Pedro se encontrava. Embora o texto diga f|v yáp yupvóg[[1176]](#footnote-1177), portanto, que ele estava nu, podemos aferir que ele nao estava nu em sentido total, já que a nudez completa ofendería a sensibilidade israelítica e nao era indicada a quem deveria trabalhar durante toda a noite exposto ao frío[[1177]](#footnote-1178). Confirmaría esta possibilidade o próprio termo que o quarto evangelista usa para referir-se a esta pe^a do vestuario: trata-se do énevSÚTiig. Este termo[[1178]](#footnote-1179), segundo a etimología e o emprego judai­co, designa a sobreveste, urna veste usada sobre a roupa; no caso do pescador, consistía numa especie de casacáo de linho ou túnica, as vezes sem mangas, que usava sobre urna vestimenta mais sucinta, mas mais adequado á atividade da pesca[[1179]](#footnote-1180).

Esta atitude de Pedro normalmente é vista como um gesto de pudor ou de polidez; ele, por nao querer apresentar-se diante do Senhor vestido sucintamente, cingiu-se com a veste, embora nao fosse muito prático, já que deveria lan^ar-se na água[[1180]](#footnote-1181). Deste modo, mesmo na pressa e sob dificuldades, Pedro seria consciente de dever reverencia ao Senhor[[1181]](#footnote-1182). Mas autores como Kremer[[1182]](#footnote-1183) e Mateos e Barreto[[1183]](#footnote-1184) véem aqui urna densa linguagem simbólica utilizada por Joâo, para referir-se aos pecados de Pedro[[1184]](#footnote-1185), caso em que a sua nu­dez indicaría a falta da veste pròpria do discípulo. Caba considera estes simbolismos um tanto sofisticados, mas diz que permanece o fato de que a nova missâo de Pedro nâo elimina a realidade de Si- mào Pedro pecador[[1185]](#footnote-1186).

Além disso, para colhermos o significado do gesto de Pedro, é interessante considerar o verbo com o qual o evangelista descreve a sua açâo: SiaÇœvwpt. Este verbo significa cingir, e aqui é usado no mèdio (Sid/boa-ro), implicando que a açâo se reflete sobre Pedro, como urna açâo reflexiva: ele se cinge com a veste à cintura[[1186]](#footnote-1187). Pe­dro, portanto, apanhara esta peça de seu vestuario e a amarrara em volta da cintura a firn de que nâo fosse por demais tolhido em seus movimentos. Assim, temos um detalhe, que na lògica narrativa é muito preciso, e continua a tendencia já verificada por ocasiâo da descriçâo da ida de Pedro e dos demais discípulos à pescaría, que, além do gesto material, colocava ênfase no que significaría a pesca para os discípulos e em especial para Pedro. Do mesmo modo, al- guns elementos indicanti que este gesto de Pedro evoca um outro gesto, feito por Jesus, por ocasiâo do lava-pés. De fato, além de 21,7, o verbo ôiaÇôvvujii é usado somente em 13,4.5[[1187]](#footnote-1188), descreyendo o movimento de Jesus que se prepara para lavar os pés dos discípu­los, cingindo-se com um Xévuov. Como aquele gesto prefigurava o serviço voluntario de Jesus através do dom de sua vida[[1188]](#footnote-1189), também podemos dizer que este gesto prefigura a entrega espontánea e deci­dida de Pedro, que, indo ao encontró de Jesus, apresenta-se pronto para viver o seu discipulado.

1. *Pedro se lança no mar (21,7c):*

Pedro, portanto, cingindo-se com a sobreveste, ëpaXev éavtòv eiç rf|v QáXaooav (v. 7c), enquanto os outros discípulos irò nXoia- pí<p fjXOov... ovpovTEÇ tò Síktvov TÔv IxQûœv (v. 8). Assim, aparece claramente a diferença entre o comportamento de Pedro e o dos discípulos. Estes, ao que parece, nâo tinham nenhuma pressa[[1189]](#footnote-1190); to- davia o acento nào está colocado sobre a velocidade, mas sim, sobre o modo como se dirigem à praia: nao nadando, mas de barca[[1190]](#footnote-1191).

Procurou-se entender esta diferença de atitudes, de modo que as consideraçôes sao varias, divergentes, mas, as vezes, complemen­tares. Viu-se, por exemplo, que os discípulos reagiram fríamente, nao demonstrando tanto ardor como Pedro, mas seguindo o lado prático para se aproximar de Jesús[[1191]](#footnote-1192); que Pedro é o único a jogar-se no mar porque é o único que deve retificar sua conduta preceden­te[[1192]](#footnote-1193); que Pedro se joga na água para alcançar Jesús o quanto an­tes[[1193]](#footnote-1194), ou mesmo antes dos outros discípulos[[1194]](#footnote-1195). Mais recentemente, Gee[[1195]](#footnote-1196) considerou que o gesto de Pedro fora provocado por apreen- sáo e complexo de culpa, de modo que Pedro, jogando-se na água, provavelmente atrás do barco, quería evitar um encontró, para ele temível, com o Mestre que ele negara[[1196]](#footnote-1197). Certamente a atitude de Pe­dro é impulsiva e emocionada, e como tal difere da atitude dos seus companheiros — os quais, podemos deduzir, se preocupam com a rede — e se coloca também em continuidade com a caracterizaçâo de Pedro no corpo do quarto evangelho, que o apresenta como um homem de açâo entre os discípulos. No entanto, nao é que Pedro se destaque dos discípulos porque queira ser diferente, melhor, mais ágil, ou que ele quer (porque quer) ser o primeiro a chegar aonde es­tá Jesús. O texto diz somente que ele se lança na água; nao faz, pois, nenhuma consideraçâo sobre o lugar; nao se depreende do texto que ele quisesse evitar Jesús, e, no passo seguinte, o vemos prontamente correspondendo à mensagem das palavras do Mestre.

É conseqüente, portanto, pensar que Pedro reage meio automáti­camente à constataçâo do Discípulo Amado, nao reprimindo a sua espontaneidade e a sua agitaçao interior, andando concretamente ao encontró de Jesús. Sob esta ótica, entño, o jogar-se de Pedro ao mar confere-lhe um perfil muito particular, que abre perspectivas para o diálogo descrito nos versículos 15-17 a9: ele manifesta, assim, a seu modo, o seu amor por Jesús, preparando a confissáo de seu amor, que se atuará na atribuido de sua missáo por parte de Jesús.

* + 1. *Pedro arrasta a rede para a margem (21,11):*

Outro ponto em que a narrando coloca Pedro em evidencia é **B’-c3,** quando traz a sua pronta atua^ao como resposta ao pedido de Jesús para que trouxessem alguns peixes que haviam pescado. O texto diz ávépT] oCv Sípcov néxpoq Kai eíXkvoev xd Síktuov elq xqv yfjv peoTÓv IxOúwv gEyálmv éKaxóv jt£vxf|Kovxa xpióv Kai xoooúxwv dvxcov oúk ¿oxío9t| xó Síkxvov (v. 11), e vem após o pedido de Jesús dirigido a todos, évéyKaxE ánó x©v óyaptav óv ¿niáuaxs vuv (v. 10)[[1197]](#footnote-1198).

Nao obstante o pedido de Jesús ser feito a todos, é Pedro quem toma, portanto, a iniciativa e arrasta a rede para a praia. Este seu gesto é muito significativo[[1198]](#footnote-1199) e se coloca em continuidade com suas iniciativas anteriores de ir pescar e jogar-se na água. Vejamos os principáis elementos aqui descritos.

1. *’Avé^t] o6v Zíptov Plérpoq (21,Ha):*

A expressáo que narra o primeiro movimento de Pedro — ávéPq oóv Sípwv Iléxpog (v. 1 la) — é um tanto discutível, pois em- bora o verbo nao tenha um sentido intransitivo, falta o complemen­to verbal. Alguns autores[[1199]](#footnote-1200), com maior ou menor incisividade, a léem á luz de 21,7 que diz que Pedro se jogou no mar, e levantam a possibilidade de que somente agora Pedro está chegando á praia, de sorte que os outros discípulos chegaram antes, remando. Mas con­tra esta interpretando pesa o fato, como observam Bultmann[[1200]](#footnote-1201) e Brown9\*, que se o quarto evangelista diz que Pedro partiu antes, deveria certamente dizer que nào teria chegado primeiro, se era isto o que ele quería dizer. No entanto, mesmo descartada esta possibili- dade, continuam algumas dificuldades quanto à compreensào de àvapaivco, o qual, mesmo aparecendo dezesseis vezes em Joào, deixa margem a interpretacào diversa[[1201]](#footnote-1202).

Joào jamais usa este verbo no sentido de subir no barco, mo­vimento que é ordinariamente descrito com èpPaivco[[1202]](#footnote-1203), o qual constituí, assim, o verbo técnico para designar subir a bordo, em­barcar[[1203]](#footnote-1204). Fora do quarto evangelho temos tres ©correncias de àvaPaivco em conexào com tò tcXoìov — Mt 14,32; Me 6,51 e At 21,6[[1204]](#footnote-1205) —, e em todas significa claramente embarcar. Conside­rando justamente estes últimos dados, Brown" diz que o ávéPq em 21,11 descreve Pedro subindo a bordo do barco para tirar a re­de. Bultmann [[1205]](#footnote-1206)°, no entanto, considera que isto nào pode ser, pois a rede nào estava dentro do barco[[1206]](#footnote-1207). Para este autor, os discípu­los, juntamente com Pedro, guiando o barco à terra, teriam salta­do ainda na água; Pedro, ao comando de Jesus, sobe (ávép^) à margem e arrasta a rede[[1207]](#footnote-1208). Schnackenburg[[1208]](#footnote-1209) afirma que num es- tágio anterior da narralo, àvépr| significava que Pedro tinha su­bido ou saído à praia, mas que no atual contexto o seu sentido nào é claro. Para nós, o texto fica aberto a ambas as possibilidades, le­vantadas por Bultmann e Brown, as quais nào alteram a simbólica da rede e da barca na composiçâo do quadro sobre Pedro, nem alte- ram a sua atuaçâo.

1. *Kai eÏAKvaev tô ôîktdov eiç ttjv yrjv... (21,11b):*

Assim, Pedro responde, concretamente, ao pedido de Jesús: arrasta (eíX.Kuasv) para a terra a rede (v. 1 Ib), e o evangelista preci­sa que esta estava cheia de 153 peixes grandes, e que, apesar de se- rem tantos, a rede nâo se rompeu (v. 11c). Com tais detalhes, cujo significado procuramos esclarecer em seguida, chegamos ao cume da presença de Pedro na cena da pesca.

A açâo propriamente de Pedro é descrita com o verbo §Xk(o. O seu valor fundamental é arrebatar, arrancar, arrastar, tirar ou atrair10\*. Este verbo é usado cinco vezes pelo quarto evangelista, duas das quais se referem à atraçâo dos homens por parte de Deus (6,44) ou de Jesús (12,32); urna se refere ao fato de que Pedro tra- zia consigo urna espada (18,10) e as outras duas vezes estáo na nossa perícope, onde, em 21,6, é dito que os discípulos nao tinham forças para puxar a rede com os peixes, e, em 21,11, que Pedro arrasta a rede com os peixes até a praia[[1209]](#footnote-1210). Especificamente na nossa perícope, ëlKœ designa urna das operaçôes que compreen- dem o ato global da pesca: arrastar a rede para a terra firme. Tal operaçâo é executada em varias fases e, possivelmente, nao por urna única pessoa[[1210]](#footnote-1211).

Estes aspectos sao significativos, pois designam a Pedro ao menos dois atributos. O Primeiro consiste na capacidade (positiva) de atrair os peixes (ou o que eles significam). À luz de 6,44 e 12,32, Pedro se poe, portanto, em condiçâo de atrair os homens para o Pai[[1211]](#footnote-1212), o que o coloca numa dimensâo de missâo — que é mais bem evidenciada pelo fato de que no versículo 6 os discípulos nao podiam arrastar a rede com os peixes — preparando, assim, embo­ta com outra imagem, a cena seguinte. O segundo atributo se refe­re à liderança sobre o grupo. Apresenta um Pedro de iniciativas, mas nao tanto de açôes individuáis. Esta açâo, por força justamen­te do verbo ëlK<o, pode designar um trabalho decisivamente coor­denado por Pedro, de modo que, como observa Lightfoot[[1212]](#footnote-1213), ma- nifesta mais urna vez a funçâo que Pedro exerce como cabeça dos discípulos[[1213]](#footnote-1214).

Esta signifîcaçâo implícita na açâo de Pedro é confirmada, aínda, pela simbólica dos cento e cinqüenta e très peixes e pela re­de que nâo se rompe[[1214]](#footnote-1215). Foram propostas muitas hipóteses sobre a compreensâo deste número, sem que, como observa Bultmann[[1215]](#footnote-1216), se tenha chegado a uma explicaçâo satisfatória. Estas hipóteses tendem geralmente a interpretá-lo de modo simbólico, alegórico ou através da gematria, sendo, todavía, incerto em que medida ele tem valor simbólico ou corresponde a um dado histórico. Sem pre- tendermos ser completos, acenamos às interpretaçôes mais signifi­cativas[[1216]](#footnote-1217).

Jerónimo[[1217]](#footnote-1218), comentando o texto de Ez 47,6-12, diz que Opiano, um poeta da Cilícia que viveu no segundo século depois de Cristo, declarou que existem cento e cinqüenta e très variedades de peixe. Com base nisto, considera que este número, em Joao, significa a universalidade do trabalho dos apóstolos, cuja missâo envolve todos os homens, já que cada espécie simboliza uma naçâo ou categoría humana[[1218]](#footnote-1219). Agostinho[[1219]](#footnote-1220) considera o 153 como sendo a somatória dos números de 1 a 17, e o interpreta como significando todos aqueles que estao incluidos na obra da Salvado, e que, inspira­dos pelos sete dons do Espirito, vivem segundo a Lei (Os Dez Man- damentos). Gregorio Magno[[1220]](#footnote-1221) desenvolve esta idéia de Agostinho e decompondo 153 em 3 [10 x 3 4- 7 x 3], ve no número 10 as a^óes humanas pautadas sobre os 10 Mandamentos, no 7, aquetas funda­das nos sete dons do Espirito e no 3 ve um símbolo da Trinidade, tra- duzindo a idéia de unidade no Espirito. Cirilo de Alexandria[[1221]](#footnote-1222) de- compunha o número em 100 + 50 + 3, onde 100 corresponde á to- talidade das criaturas racionáis, 50 aos judeus e 3 á Trindade; este número subentendería, portanto, a salvando universal do homem.

Insistindo no significado simbólico, alguns exegetas modernos procuram explicar este número por meio da gematria, um estratage­ma da interpretando rabínica, que substitui um nome pelo corres­pondente valor numérico de suas letras[[1222]](#footnote-1223). Entre os muitos estu- dos[[1223]](#footnote-1224) destacamos que Vulliaud[[1224]](#footnote-1225) considera o número 153 como o número do cordeiro pascal; Eisler[[1225]](#footnote-1226) vé urna subdivisáo constituida por 76 e 77, sendo que o primeiro número corresponde ao nome Sípwv e o segundo a ’Ix^úq; para Kruse[[1226]](#footnote-1227), o número 153 represen­ta a soma dos valores numéricos das letras hebraicas corresponden­tes á expressáo “Igreja do Amor” (ranxn ^np)[[1227]](#footnote-1228). Outros autores, aínda, apresentam ligeiras modificanóes as explicantes dadas já pe­los Padres. Hoskyns[[1228]](#footnote-1229), partindo da idéia da somatória de 1 a 17 proposta por Agostinho, representa cada unidade com um “ponto”, e os arranja segundo a forma de um triángulo eqüilátero, com 17 pontos em cada lado, vendo nesta perfeinao triangular um símbolo da “única e perfeita pesca”; Mateos e Barreto[[1229]](#footnote-1230) véem em 153 a so­ma de tres grupos de 50, mais um 3, que é também o multiplicador; aqui, o número 50, colocado em relajo com o 5.000 da multipli­cando dos páes, designa a comunidade do Espirito, enquanto o tres, que multiplica a comunidade, é o número da divindade e represen­taría Jesús.

Todas estas tentativas de explicando, além das críticas que indi­vidualmente se.podem fazer á cada urna délas[[1230]](#footnote-1231), aparecem, por um lado, arbitrarias e subjetivas e, sem conseguirem mostrar que este número assim fora pensado pelo evangelista e recebido pelos leito- res, correm o perigo de fazer o texto refletir os interesses ou a men- talidade de quem o està interpretando; por outro lado, podemos en­contrar urna constante em todas estas propostas, isto é, todas elas apontam para a idéia da totalidade e da perfei^ào, que podem per- feitamente constituir um elemento vàlido para a interpreta^ào do nùmero. Assim, e com a maioria dos exegetas modernos, sem pro- curarmos um sentido alegórico ou simbòlico específico para o nù­mero 153, vemos a possibilidade de que este seja um nùmero eleva­do, que subentende a extensào ou a universalidade da missào dos discípulos, entre os quais Pedro aparece como figura típica[[1231]](#footnote-1232).

Completa esta concepqào a constatado de que, nao obstante os peixes serem tantos, a rede nao se rompeu (toooútgív óvtcov ovk èaxio9r| ró Síktvov - 21,11). O verbo que significa tanto romper, lacerar, como dividir ou separar[[1232]](#footnote-1233), ocorre somente mais urna vez no quarto evangelho, quando se refere ao fato de que os soldados lan^aram a sorte sobre a tùnica, para nào a dividirem[[1233]](#footnote-1234). Este episodio insiste, de dois modos, na idéia da unidade: a tùnica era sem costura, feita de urna ùnica pe^a, de cima até em baixo (19,23), e os soldados nào a rasgam para dividí-la entre eles (19,24). A tùnica, com esta dupla característica, é considerada como símbo­lo do momento no qual os filhos dispersos de Israel sao reconduzi- dos à unidade em tomo da cruz de Jesus, abrindo urna clara pers­pectiva em dire^ào do acontecimento da Igreja e de sua unidade[[1234]](#footnote-1235).

Esta mesma perspectiva continua em 21,1-14, agora refletida numa nova imagem: nao se trata mais da túnica que nao é dividida, mas da rede que nao se rompe, de modo que está em foco nao mais o momento fundante da Igreja[[1235]](#footnote-1236), mas a tarefa de sua manutengo na unidade, colocando todo o episodio da pesca numa perspectiva ecle- siológica — que ocupará o interesse de Joáo sobretudo na perícope seguinte. Dizendo que é Pedro quem arrasta a rede para a térra e que ela nao se rompe, o evangelista sublinha a sua habilidade em executar esta tarefa, prefigurando-o como o mentor da unidade que caracteriza a Igreja[[1236]](#footnote-1237). No entanto, esta imagem nao é de todo ex­plícita e de fato o leitor do evangelho se ressente de que o evange­lista nao se dedicara exclusivamente á missao atribuida a Pedro. Assim, esta missao de Pedro, ainda difusa através da pesca, adquire urna apresenta^áo diversa na imagem do pastor, de sorte que a tare­fa particular que recebe em 21,15-23, é já implícita no significado essencial do episodio da pesca[[1237]](#footnote-1238), que mostra um Pedro cheio de iniciativas, mas sobretudo em condi^des de servir e custodiar a uni­dade. Passemos, pois, a 21,15-23.

1. *Jo 21,15-23:*

Vejamos os principáis problemas relativos á transmissáo tex­tual, a sua estrutura^ao, e, partindo desta, os elementos essenciais para a sua leitura exegética.

* 1. *Crítica textual:*

Nesta perícope temos muitas pequeñas lindes variantes, mas ater-nos-emos somente áquelas que podem influir na compreensao sobre a concepçâo que o evangelista faz de Pedro. E, neste sentido, temos duas leituras, as quais se repetem nos versículos 15.16.17: o modo como Jesús chama Pedro (Eíptov ’Itoáwov) e o como ele se re­fere ás pessoas que confía a Pedro (ápvía-Jtpópaxa-Trpopáxia).

* + 1. *Eíptov 'latávvov:*

Em 21,15.16.17 muitos manuscritos trazem urna variante para o nome do progenitor de Pedro: lêem ’tova no lugar de ’toávvov. Entre estes manuscritos destacam-se: A C2 E G H K fam113. Entre­tanto, a liçào com ’toávvou é mais antiga, como atestara o P\* X B C D L W, entre outros, que formara urna evidéncia convincente em favor desta leitura. Além disso, a mesma variante ocorre em 1,42, onde o texto preferível é aquele com ’toávvov. Provavelmente, ’to­va aparece por assimilaçâo de Mt 16,17; tentou-se reconciliar estas duas leituras afirmando-se que ’Icoáwou é urna helenizaçào do he­braico ’tova.

* + 1. *'Apvía-npóPaxa-npoPáxia:*

Aínda nos versículos 15-17 temos algumas variantes que colo­cara em discussâo o termo utilizado por Jesús como objeto da açâo comandada a Pedro: ápvía, npópara e npoPárta.

No versículo 15 poucos manuscritos (C\* D) e a Vetus Latina trazem apocara, mas a maioria dos manuscritos, entre os quais os mais autorizados, trazem pócncs xà àpvia pou. Este termo ápvía é *Hapax* nos evangelhos13\* e a liçâo com npópaxa pode ser entendida como urna assimilaçâo aos versículos 16 e 17, unificando o termo comum aos très versículos. Existe maior incerteza quanto às liçôes dos versículos 16 e 17, já que os principáis manuscritos diferem na leitura que trazem. Os manuscritos X D W ® T f13, entre outros, trazem npópaxá pov, enquanto urna variante é apresentada por B C 565, entre outros, que trazem o diminutivo plural npoPáxta tanto para o versículo 16 como para o versículo 17, enquanto o código Alexandrino traz repodara para o versículo 16 e npoPárta para o 17. O termo npopáxta nao aparece em nenhuma outra parte do No­vo Testamento, de sorte que os copistas nao o teriam introduzido para substituir o vocábulo npóPaxa que, na sua forma singular ou plural, ocorre 39 vezes nos textos neo-testamentários[[1238]](#footnote-1239). Por conse- guinte, seria mais provável que npopáxta fosse presente em ambos os versículos[[1239]](#footnote-1240), como atestam os códigos encabezados pelo Vatica­no, e que as leituras com o grau normal npóPaxa, atestada pelo Si- naitico, entre outros, sejam tentativas dos copistas de introduzir urna palavra mais usual, ou conformando assim este passo com Jo 10, que traz 15 vezes o termo KpóPaxov. Todavía, permanece, com isto, urna dificuldade relevante: seria mais difícil entender como o código Alexandrino teña mudado a sua leitura só num versículo, deixando o outro como estava. Assim, é melhor supor que os códi­gos encabezados pelo Sinaítico e pelo Vaticano sejam tentativas de uniformizar, diferentemente, os dois versículos, e que a leitura mais primitiva seja aqueta que faz o Alexandrino.

* 1. *Estrutura:*

Em 21,15-23 temos urna prevaléncia do elemento dialógico, com alguns dados narrativos que fazem com que a perícope seja or­ganizada essencialmente em dois blocos de diálogos, devidamente introduzidos pelas circunstancias que os envolvem, de sorte que po­de ser assim estruturada:

**A** 15 "Ore oóv f|píoTT]CTav

**a** Xéyet tw Eípmvi néxpcp ó ’lT]aoüz, Sípcov Icoávvou, áyanz? pe nXéov xoúxmv;

**b** Xéyet aóx^, Nai Kúpte, oí) olSag óti ipil© oe.

**c** Xíyei aux®, Bóctke xá ápvía pov.

**a1** 16 Xéyei aux® náXiv Seúxepov, £íp®v ’I®áwoi), áyanzg pe;

**b1** Xéyei aux®, Nai KÚpie, ov olSag óxi <ptX® ce.

**c1** Xéyei aóx^, noípaive xa npóPará pov.

**a2** 17 Xéyet aúx$ xó xpíxov, Eíp®v ’koáwov, tptXeíg pe;

!

éXü7tf|0T] ó nétpog öxt elirev aóx$ tó xpíxov, «btXeíz pe; Kai Xéyei aux®, Kvpte, návxa oí> olSag, ctv yivóoKeiz óxi <ptX® ce.

Í

Xéyet aux9 ó ’lT]oovg, Bómce xá npoßdrid pov.

18 ápf]v ápfjv Xéy® aoi, öxe ifc veóxepo?, ¿^ávweg oeavxóv Kai neptenáxeiq öjiov ijöeXez ’ öxav 8é yi]pá<ri]z. éxxeveiz xáq xeipáq oov, Kai äXXoz ce ^®oet Kai oioet önou oó OéXeiz\*

C 19 tovto Sé elirev <rq|iaív(ov noícp Oaváxcp So^ánet TÓV 0£ÓV. Kai TOVTO sllCÓV

D Xéyet aóxñ, ’AkoXovGei got.

S

20 ’EittCTTpaipeiq ó üérpoi; pXénei tóv paOr]Tf|v 6v fiyáíta ó ’InooCg áKoXovOovvra, 5? Kai dvénecrev év t^ Seínvip ¿ni tó ottí0o<; avTOv Kai elnev, Kúpte, tú; écmv ó napaSiSoúg tre;21 tovtov oCv l&bv

Í

b3 ó néTpoq Xéyei t$ ’It]ctov, Kúpie, oSto? Sé tí;

a3 22 Xéyet adro ó ’iTjoovg, ’Eav avTÓv 0éX© jiéveiv &o<; épxopai, tí npóg oé;

D’ CTÚ poi ¿KoXoúOei.

Í

23 é^fjXGev oSv oSto^ ó Xóyo<; eú; xov^ áSeAxpoix; óti ó pa9r]ni<; ¿keivo^ ovk dnoOvi] ctkei ■ oók elnev Sé aórcp ó ’iTjooík; 6ti oók áitoOvijcrKEi *dXk\* ’Eáv aóróv 0éX® pévetv éax; épxopat, tí jtpóg oé;

Temos, pois, um paralelismo cujos membros se correspondent na forma A-B-C-D-A’-B’-D’-C’.

A e A’ apresentam as circunstancias em que os dois diálogos acontecem. A circunstancia descrita em A (v. 15a) cometa com a conjunto temporal óte, situando o diálogo após a refeipao em que Jesus reparte pao e peixe entre os discípulos. A’ (v. 20), além da cir­cunstancia de lugar (éniorpaipEÍ^ ó ñérpo«;), introduz também o discípulo que Jesus amava como tema do diálogo entre Pedro e Je­sus (... P^énet tóv pa0qrf]v 6v ^yána ó Tqoovg áKokouGouvxa...).

B (v. 15b-18) e B’ (v. 21-22a) se correspondem enquanto am­bos consistem de diálogos e tém os mesmos interlocutores: Jesus e Pedro. O primeiro diálogo, entretanto, é centrado em Pedro e é co- meQado por Jesus, enquanto o segundo se ocupa do futuro do Discípulo Amado, e é Pedro quem puxa o assunto. Além disso, o primeiro diálogo é bem mais elaborado e articulado, tratando-se de um tríplice bloco, contendo cada bloco urna intervengo de Pe­dro, no meio de duas de Jesus, das quais a primeira é sempre urna pergunta e a segunda, comeando sempre com um imperativo (PócncE-noíjiaivE-PóoKE), urna atribuido de urna tarefa. Todo o diálogo se desenvolve em fungáo de um tema: o amor de Pedro por Jesus e a missáo decorrente deste amor.

C (v. 19a) e C’ (v.23), por sua vez, se correspondem como pa- lavras do evangelista que tratam de esclarecer ou interpretar as pa- lavras de Jesus que, somente pelo diálogo, possam permanecer enigmáticas para o leitor. Assim, C (v. 19a) retoma as palavras de Jesús presentes em B-c2 (v. 18) sobre o futuro definido de Pedro, trazendo explicanóes sobre a sua morte gloriosa, enquanto C’ (v. 23) comenta as palavras de Jesús de B’-a3 (v. 22a) sobre o futuro indefi­nido do discípulo que Jesús amava.

D (v. 19b) e D’ (v.22b) trazem aínda palavras de Jesús que, de modo indiscutível e enfático, chama Pedro á sua seqüela: ’AkoXoúOei poi e oú pot áKoXoúOei. Estes elementos sao muito mais que simples últimos elementos do paralelismo; constituem a conclusáo concreta de que, em última instancia, se chega com o diálogo.

* 1. *Exegese:*

Procederemos á leitura do texto, concentrando-nos em B (v. 15b-18) e B’ (v. 21-22a), isto é, nos dois diálogos propriamente ditos, que suscitam, em cadeia, os demais elementos do paralelismo (C-D; C’-D\*), os quais seráo incluidos, e portanto, abordados indi- retamente, na tratativa sobre as falas de Pedro e de Jesús.

* + 1. *2l,l5b-18: O primeiro diálogo:*

O primeiro diálogo é constituido de urna tríplice pergunta de Jesús, com urna tríplice resposta de Pedro, seguida de um tríplice mandamento referente á missáo de Pedro (B: v. 15b-18). Este trípli­ce movimento apresenta urna crescente dramaticidade, e tem seu ponto culminante na formulando da terceira pergunta, resposta e ta- refa confiada a Pedro[[1240]](#footnote-1241).

Por praticidade na tratativa dos aspectos comuns, considerare­mos a pergunta e a resposta conjuntamente **(a-b-a^-a2-!)2),** após o que nos dedicaremos á tarefa atribuida a Pedro (c-c1-«2) com a nota informativa do evangelista sobre o destino de Pedro (C: v. 19a), além do convite para o seguimento (D: v. 19b), o que nos fomecerá elementos para perceber os objetivos que o evangelista visa com os versículos 15-17.

* + - 1. *A formulando das perguntas e respostas:*

Após a indicando cronológica ote oúv ^píoTqoav (v. 15a), que coliga o diálogo com a cena anterior, Jesús se dirige a Pedro e diz: Eípov ’Iwávvou, áyanqg pe nXéov toútgjv; **(a:** v. 15b). Ele ainda por duas vezes insiste nesta pergunta (a^a2: v. 16a. 17a), formulando-a, porém, de modo ligeiramente diferente: na segunda vez, nao se refe­re mais ao termo de comparando nléov toútov, enquanto, na terceira, muda o verbo: se ñas duas primeiras vezes usara áyaná®, na terceira traz (piÀÉm. As respostas de Pedro também apresentam algumas modificaçôes: as duas primeiras **(b-b1:** v. 15c. 16b) sao exa- tamente iguais, nâo trazendo a referencia ao termo de comparaçâo nXéov xoúxwv, usado por Jesus na primeira pergunta. Em ambas, Pedro evoca o conhecimento de Jesus (crû olôaç) e reitera o seu amor, utilizando, porém, o verbo (ptXéw. A terceira resposta **(b2:** v. 17b) traz urna dùplice referencia ao conhecimento de Jesus (jcdv- xa où oïSaç, où yivwokeiç...) e reafirma o seu amor por Jesus, usando sempre o verbo (ptXé®.

A profundidade do diálogo, conseguida pela tríplice formu- laçâo das perguntas e respostas, através das alteraçôes acima obser­vadas, ganha mais evidência pelas observaçôes narrativas que tra- tam de puntualizar os movimentos do diálogo. O narrador, atenta­mente, observa: Xéyei xm Sípwvt fléxp® ó ’Iqoouç (a: v. 15a), Xéyet aux® náXtv Seúxepov **(a1:** v. 16a), XéyEt aùxm xó xpíxov **(a1:** v. 17a), éXunT|0T] ó Iléxpoç ôxt eIkev aùx® xò xpíxov, OtXsïç pe; Kaì léyEt aux® (b2: v. 17b.c). Na narraçào do diálogo, além disso, alguns pon­tos merecem particularmente a atençâo, seja por aquilo que signifi- cam, seja pelas dificuldades que apresentam na compreensâo de seu significado. Assim, detemo-nos, em seguida, nos seguintes aspectos: a forma pela qual Jesus se dirige a Pedro, Sípwv ’Iwávvou; o termo de comparaçâo *nXéov* xoúxwv usado por Jesus e nâo refendo por Pedro; a atitude de Pedro durante o transcorrer da cena; e os verbos utilizados por Jesus e por Pedro, áyaná® e (piXéw.

1. *O modo como Jesus trata Pedro:*

Jesus se dirige a Pedro, chamando-o Líp®v ’Iwávvou **(a:** v. 15b). Este modo de tratamento suscita diferentes interpretaçôes entre os exegetas. Schwank[[1241]](#footnote-1242) lança a hipótese de que o quarto evangelista sugere a idéia de que Pedro é um discípulo e filho espiri­tual de Joâo Batista, e que seria com este referencial que Jesus se di­rigiría a ele neste momento, como o fora por ocasiâo do primeiro encontró entre eles, narrado em 1,42. Esta mesma idéia é retomada e desenvolvida por Mateos e Barreto[[1242]](#footnote-1243), segundo os quais Jesus, ao dirigir-se a Pedro deste modo, o consideraría como um reformista que esperava um Messias simplesmente renovador da instituiçâo. Lightfoot[[1243]](#footnote-1244) pensa que Jesus nâo se dirigiu a Pedro chamando-o de Lipwv Iléxpoç porque este discípulo caira na desgraça depois da ne- ga^áo, enquanto Brown'41 considera mais plausível a tese de que Jesús, dirigindo-se a Pedro com o seu patronímico, o queira tratar de modo menos familiar, colocando em dúvida a sua amizade. Já Westcott[[1244]](#footnote-1245) vé que, com este tratamento, Jesús chama atengáo ao homem natural, distinto das prerrogativas de apóstolo.

Deve-se considerar, no entanto, que é deveras improvável que, no final do evangelho, após a RessurreiQáo, Jesús se dirija a Pedro com termos que, no mínimo, mostram falta de empatia entre os dois e que colocam em evidencia outras adesóes do discípulo, como urna filia^áo a Joao Batista, ou mostram urna inaptidáo de Pedro já que Jesús duvidaria de sua amizade — e justamente agora, que Ele está para confiar-lhe a insólita missáo de pastor de seu rebanho. Este modo de Jesús tratar Pedro é, sem dúvida, significativo e destoa da maneira consueta pela qual Ele se dirige ao discípulo. É certo que esta expressáo evoca as palavras de Jesús a Pedro, no primeiro en­contró entre eles (l,41-42)[[1245]](#footnote-1246). No entanto, podemos supor que esta evoca^áo é intencional, de modo que o evangelista tem em mente todo aquele passo, no qual Simáo recebera o nome Kqcpaq, que virá a traduzir a sua missáo. O evangelista retoma, explícitamente, a pri- meira parte do dito de Jesús (1,42b); a segunda parte (1,42c) aparece sob a forma do comando para apascentar o rebanho de Jesús. Por conseguinte, a forma de tratamento de Jesús em relaqáo a Pedro em 21,15-17 atualiza a missáo que já tinha deixado entrever quando, em contraposiqáo á cóndilo presente de Simáo, Filho de Joáo, Ihe anunciou que ele seria *Kefas.* Esta evoca^áo é mais significativa quando se observa que Jesús, fora destes dois passos, jamais cha- mou Simáo pelo seu patronímico ou por *Kefas.* Destarte, retomar aqui o nome Eíjuov ’Icoávvou quer dizer aludir ao eminente papel do discípulo, o qual, no final do evangelho, é esclarecido por Jesús, conquanto náo retome o simbolismo ínsito em *Kefas* evocando este mesmo termo, mas a imagem do pastor que deve alimentar o seu re­banho.

1. *O termo de comparaQáo ntéov toótgjv:*

Gramaticalmente a expressáo kXéov toútcov pode ser entendida como neutra e traduzida como «me amas mais do que amas a estas coisas?», isto é, mais que os utensilios de pesca, á qual Pedro retor­nara. Neste sentido, Jesús exigiría urna escolha definitiva entre a antiga profissao de Pedro e o servido exclusivo que está para assu- mir[[1246]](#footnote-1247); mas kAxov toútwv pode ser considerada urna expressáo masculina que, por sua vez, dá margens a duas traduQÓes possíveis: «me amas mais do que amas estes (discípulos)?» e «me amas mais do que estes me amam?». Além do fato de que as referencias aos utensilios de pesca nao sao mencionadas no contexto imediato, seria ridículo, na mentalidade joanina, propor a Pedro escolher entre Je­sús e os aderemos de pesca[[1247]](#footnote-1248). Também estaría fora da visáo joanina propor urna escolha entre Jesús e os discípulos! Por isso, com a maioria dos estudiosos, é preferível considerar nXéov toútwv urna expressáo masculina e assumir a última signifíca^áo, caso em que Jesús pede a Pedro um amor maior do que o dos outros[[1248]](#footnote-1249).

A pergunta, considerada em si mesma, parece estranha, já que dá a entender que, com ela, Jesús estaría favorecendo a rivalidade entre os discípulos, enquanto em várias outras ocasides ele de­monstrara nao tolerar a competí^áo entre eles, e já deixara claro, em Joáo, que o seu amor é particularmente dedicado ao Discípulo Amado[[1249]](#footnote-1250). Com base nisto, há quem encontré aquí urna alusáo obvia as extravagantes reivindica^óes de Pedro, que declarara anterior­mente estar pronto para dar a sua vida por Jesús (13,37)[[1250]](#footnote-1251), en­quanto, no Cenáculo, Jesús tinha colocado isto em dúvida e predito a sua negabao[[1251]](#footnote-1252)®. Outros autores admitem que esta forma comparativa pode ser urna alusáo á proeminéncia que Pedro alcanza posterior­mente entre os Doze[[1252]](#footnote-1253), estabelecendo um confronto com outros dis­cípulos que implica um poder de jurisdi^áo superior para Pedro[[1253]](#footnote-1254).

Bultmann[[1254]](#footnote-1255) propóe que nao se deve deter seriamente no que esta expressáo possa implicar, pois ela é tuna tentativa redacional de fa- zer entrar no quadro os outros discípulos e coligar os versículos 15-17 com os anteriores.

Certamente este termo de comparadlo nao vai sobrevalorizado, já que na segunda e na terceira perguntas é deixado de lado, e mes- mo na sua primeira resposta Pedro, significativamente, evita esta comparaoao[[1255]](#footnote-1256). Além do mais, os outros discípulos, que nos versí­culos 1-14 sao mencionados seis vezes, agora sao referidos somente com este toútgjv e depois desaparecem de cena. O personagem prin­cipal do drama, junto a Jesús, é propriamente Pedro, no qual Jesús, em todo o diálogo, se concentra, aceitando as suas respostas e cons- tituindo-o pastor de seu rebanho. É em vista desta fun^áo que se pode entender a insistencia de Jesús em provar o maior amor de Pe­dro [[1256]](#footnote-1257). Jesús nao se atém, pois, a estabelecer urna compara^ao entre os níveis do amor dos seus discípulos, mas tende a esclarecer a cons­ciencia de Pedro para esta tarefa, sem, todavía, referir-se a alguma super auto-estima por parte de Pedro.

C. *A atitude de Pedro:*

Varios elementos dispersos na perícope contribuem para se co- Iher o comportamento que caracteriza Pedro durante o diálogo com Jesús. Embora nao seja objetivo do texto quando traz as palavras de Jesús Sípov ’Icoávvou, áYaxqg pe nléov toútcov; (v. 15), a atitude de Pedro também transparece por esta ocasiáo, já que na resposta Pedro nao retoma este motivo. Igualmente na repeti^áo de suas res­postas se depreende alguma indicado, seja pela repeti^ao ou pela introdu^áo de novos termos, seja pelo intercambio proposital de al- gumas palavras.

A primeira reposta de Pedro nao corresponde exatamente á pergunta feita por Jesús; Pedro nao se confronta com os outros discípulos, mas confessa com sinceridade e simplícidade o seu amor pelo Mestre. Evitando atribuir a si mesmo urna superioridade no amor ao Senhor, lan?a-se completamente em Jesús, dizendo na pri­meira e na segunda vez Nai KÚpte, oí) oISag oti (pilco ge (v. 15c e 16b) e, na terceira, Kúpie, návxa oú ol8ag, oü yiváKncsi^ óti (pilco oe (v. 17b).

A terceira resposta sublinha o seu modo suplicante de di- rigir-se a Jesús, remetendo ao próprio Jesús a responsabilidade de sua situaçâo[[1257]](#footnote-1258), enquanto a mudança dos verbos relativos ao conhecer, além de sublinhar o tom emocional do passo[[1258]](#footnote-1259), acentúa a divindade de Jesús[[1259]](#footnote-1260), apelando ao singular conhecimento intuitivo (olôaç) e experimental (yivûXTKeiç), que ele tem de Pedro, como resultado de terem estado juntos tanto tempo[[1260]](#footnote-1261). Pedro, por si mesmo, nao pretende nada, nem arrisca nada sobre o seu futuro; despoja-se da segurança que tem de si mesmo e humildemente confía no seu *Senhor,* consciente de que nada de sua situaçâo é a Ele desconhecida, muito menos o amor que sente por Ele[[1261]](#footnote-1262).

D. *O significado de dyanáco e <púéa>:*

Referindo-se ao amor que Pedro realmente sente por Jesús, Jesús usa o termo áyanára ñas duas primeiras indagaçôes, e (piléœ na terceira, enquanto Pedro usa <piXé<» nas suas très respostas. Muito se tem explorado sobre esta altemância e sobre o significado dos dois verbos, sendo que alguns dizem que é significativa a mudança dos termos, conquanto outros digam que os verbos meramente se encaixam no uso de sinónimos ou quase-sinónimos que caracteriza o passo, de sorte que, para estes, a altemância entre óyanáco e tpiXéœ nâo encerra nenhum significado específico180.

A distinçâo entre áyaná® e tptXéœ ressai a Orígenes[[1262]](#footnote-1263), para quem àyaKàœ evoca algo de mais divino (OctÓTEpov), caracterizan- do-se como amor espiritual, enquanto qnXéœ seria mais camal e hu­mano. A mesma distinçâo é feita por Ambrosio[[1263]](#footnote-1264) e é reafirmada por muitos estudiosos do século passado e inicio deste, que, assu- mindo ser esta distinçâo significativa, encontram várias nuanças na significaçâo de Jo 21,15-17. Assim, para estudiosos como West- cott[[1264]](#footnote-1265), Trench[[1265]](#footnote-1266) e Abbott[[1266]](#footnote-1267), <piZ¿o) significa o amor como afeiçâo natural, denotando um amor mais emocional e afetivo, en- quanto *áyaitáca* exprime um tipo mais nobre e espiritual de amor, embora, por exemplo, segundo Westcott, Pedro evoca, aqui, um amor apenas natural, porque nao se aventura em afirmar um amor superior, ao passo que Trench considera que Jesús exige inicialmen­te um amor reverencial, mas com a terceira pergunta aceita a pro- clamaçâo do amor de Pedro como afeto natural. A maior parte dos exegetas modernos[[1267]](#footnote-1268) pensa que esta variaçâo seja apenas formal e nao encontra urna clara distinçâo entre o significado de àyanâœ e qnXéú), sendo para alguns artificial ver que Jesús faça, aqui, alguma distinçâo entre estes termos. Todavía, existem alguns estudos que recuperam a tendencia de atribuir a existencia de nuanças entre os dois verbos[[1268]](#footnote-1269). Antes de determo-nos na problemática específica de 21,15-17, percorreremos o corpo do quarto evangelho para melhor evidenciar a relaçâo que se estabelece entre estes dois verbos.

a) *O sentido de ayanáco e tptkéco no quarto evangelho:*

O quarto evangelho tem urna marcada preferéncia pelo verbo àyajiàœ, o quai é usado 37 vezes por Joáo[[1269]](#footnote-1270), mesmo que seja signi­ficativo o uso que faz de qnXéœ: 13 vezes, ao passo que no resto do Novo Testamento temos 12 vezes160. Um levantamento estatístico sobre os sintagmas em que aparecem estes termos fomece indi- caçôes significativas que encaminham a discussâo sobre o sentido destes termos em Joño. Percorreremos, através do quarto evan- gelho, os passos em que Joâo usa àyanâœ e <piXé©, o que nos permi­tirá detectar, se existem, as características predominantes de um e de outro verbo, e considerar os passos em que eles parecem ser inter- cambiáveis.

1. *O uso de áyanáco:*

Das 37 vezes que áyanáo) aparece no quarto evangelho, em 10 situaçôes Deus aparece como o sujeito, sendo que em seis o destina­tario de seu amor é Jesus, referido quase sempre como “Filho” 17°, e em quatro ocasiôes sâo os homens171. Jesus é o sujeito deste verbo em 12 passagens, quatro das quais aparecem sob a expressào tòv paO^Tfiv ôv ^yána ó ’Irpouç172; urna vez se refere ao Pai como a meta de Seu amor (14,31); e, nos demais passos, se refere ao Seu amor pelos discípulos, indeterminadamente, ou pelos Seus ami­gos173. Nas outras 15 citaçôes, o sujeito deste verbo é o homem, no singular ou no plural, referindo-se, por sete vezes, ao amor por Je­sus 174, quatro vezes aparece no contexto do mandamento do amor deixado por Jesus175, em duas vezes o complemento do verbo sao as trevas, que os homens preferem à luz (3,19), ou a gloria dos homens em vez da de Deus (12,43). As outras duas vezes consistem do nosso passo (21,15-16), onde Jesus se dirige a Pedro perguntando-lhe àyanqç pe;

1. *O uso de qnkéo):*

Quanto a (piXéœ, temos o seguinte quadro: duas vezes tem o Pai como sujeito, sendo destinatarios de seu amor o Filho (5,20) e os discípulos (16,27a); très vezes tem Jesus como sujeito, duas das quais se referem a Lázaro e suas irmás (11,3; 11,36) e urna à identifi- caçào do Discípulo Amado (20,2); urna vez se refere ao amor dos discípulos por Jesús (16,27b); urna vez aínda se refere ao amor do mundo, do qual os discípulos, por causa da escolha feita por Jesús, estao separados (15,19), e áqueles que amam a própria vida (12,25). As outras cinco, das 13 citaçôes, se encontram no nosso passo, sen­do urna vez pronunciada por Jesús, très vezes por Pedro, e urna pelo evangelista[[1270]](#footnote-1271).

1. *Característica predominante de áyanáco e cpiAéco:*

Desta averiguaçâo estatística, podemos constatar urna carac­terística bastante emergente no uso de *áyanáco:* sublinha mais a di- mensao religiosa-espiritual do amor (tem 22 vezes Deus ou Jesús co­mo sujeito, e quando se refere aos homens, em ao menos 11 vezes o objeto do amor se relaciona com a esfera religiosa ou espiri- tual-oblativa), denotando um amor que conduz ao dom generoso de si. Quanto a cpiXéco, nao vemos despontar urna característica defini­dora do tipo de amor que este vocábulo representa. Nao se destaca entre os 13 passos um uso mais específico majoritário.

1. *Passos em que áyanáco e cpifáco parecem inter cambiáveis:*

Cruzando estes dados, podemos ver que, numa primeira leitura de alguns passos, *áyanáco* e cpiXéco parecem ser intercambiáveis, o que pede que estes passos sejam considerados mais atentamente. As- sim, ambos os vocábulos designara o amor do Pai pelo Filho (áyanáco em 3,35 e cpiXéco em 5,20); com ambos os termos se diz que o Pai ama os discípulos porque estes amam Jesús *(áyanáco* em 14,21-23 e cptXáco em 16,27); ambos os vocábulos aínda designara o amor de Jesús por Lázaro *(áyanáco* em 11,5 e cptXéco em 11,3.36) e pelo Discípulo Amado (cpiXéco em 20,2 e áyanáco em 13,23; 19,26; 21,7.20).

À primeira vista, entáo, Jo 3,35 — ó naxpp àyanç xôv víóv... — parece ser paralelo e semelhante a 5,20 — ó yàp naxpp (piXei tôv víóv... —, o que faz pensar que os termos àyanq e cpiXct sejam inter­cambiáveis, sem que isto acarrete urna alteraçâo do sentido das fra­ses. No entanto, existe urna distinçâo entre os dois termos, que nao pode ser desconsiderada[[1271]](#footnote-1272). Em 3,35 o verbo áyanáco traduz a gene- rosidade e a estima que o Pai tem pelo Filho, em funçâo do que Ele Ihe dá todo o poder[[1272]](#footnote-1273). Ê porque ama o Filho que o Pai entrega tu- do em suas màos, isto é, em seu poder[[1273]](#footnote-1274). Em 5,20, ao contràrio, re- provado pelos judeus por pretender fazer-se igual a Deus, Jesus res­ponde que eie nào toma, por si mesmo, nenhuma iniciativa, mas que ele age e julga como o seu Pai, o qual nào tem segredos para seu Filho. O amor do Pai se exprime, aqui, como um amor de inti- midade e confianza no Filho; traduz um abandono espontáneo entre o Pai e o Filho, unidos por urna dilegào recíproca, que pòe o Filho no mesmo nivel de dignidade do Pai. Jesus nào faz nada que o Pai nào queira e o Pai revela absolutamente tudo ao Filho[[1274]](#footnote-1275).

Outro conjunto de textos que parecem alternar (ptXéto e àya- náoj aparece no discurso de despedida de Jesus, e é constituido por 14,21-23 e 16,27. Nestes textos Jesus afirma que Deus corresponde ao amor que os discípulos sentem por Jesus: quem ama Jesus, será também amado pelo Pai de Jesus. Todavia, podemos individuar al- guns aspectos típicos de 14,21-23 que usa áyanáco, e de 16,27 que traz o verbo (piXéco.

Em 14,21-23 se esclarece que a íntima relaQào que se abre aos discípulos se fundamenta no amor e dele provém[[1275]](#footnote-1276). Este amor dos discípulos por Jesus, todavia, aparece como algo mais que o apego natural que desenvolveram durante a convivencia com o Mestre[[1276]](#footnote-1277); ele é mesmo fruto de um caminho que se faz segundo a observado de seu mandamento e de sua vontade, como mostra o contexto da perícope (14,15-24)[[1277]](#footnote-1278) que constantemente defíne o discípulo como aquele que observa os mandamentos de Jesus. Assim, quando os discípulos vivem na fé em Jesus e na fídelidade à sua palavra, serào amados pelo Pai; alcan^arao, portanto, a comunháo íntima de amor e de vida com Jesus e com Deus[[1278]](#footnote-1279).

Em 16,27 Jesus retoma este tema, revelando aos discípulos que “o pròprio Pai vos ama porque me amastes”. A situado, porém, nào é a mesma, de modo que nào temos um simples retomo e repe- tiçào do tema. Antes, em 14,21-23, esta comunháo dos discípulos com o Pai e com Jesús, além de ser expressa com àyarcàœ, era per- meada pelo caráter de exigéncia. Agora, a insistencia sobre o cum- primento do mandamento è ausente e a amizade que Jesús assegura- ra aos discípulos em 15,15, garantindo-lhes, numa espécie de con­forto, haver-lhes revelado tudo o que ouvira do Pai, é ampliada à participaçâo da imediata amizade de Deus, a qual é urna dádiva de­le, em consideraçào pelo amor e pela fidelidade que estes discípulos tém pelo Filho[[1279]](#footnote-1280).

Na narraçâo sobre a ressurreiçâo de Lázaro temos, também, o uso alternado de qnXéœ e áyaná®. Em 11,3 temos a informaçâo de que as duas irmàs mandam dizer a Jesús que aquele que ele ama (<piXé(o) está doente. No versículo 5 é dito que Jesús amava (áyaKáw) Marta, sua irmâ e Lázaro; o versículo 36 reporta, aínda, a exclamaçâo dos judeus “vede como ele o amava ((piXéœ)!”. Embora nao se perceba imediatamente os matizes no uso de (piléœ e àyanâœ, podemos constatar que as très expressôes de amor provêm de personagens diferentes, e que cada uma traduz uma concepçâo particular ou um matiz do amor. A mensagem das irmàs que visa induzir Jésus a vir em socorro do amigo enfermo[[1280]](#footnote-1281) evoca, cer- tamente, a estreita amizade que existe entre eles[[1281]](#footnote-1282) e é, de certo modo, um apelo à compaixâo humana[[1282]](#footnote-1283). Por sua vez, quando o evangelista confirma a afeiçâo de Jésus por aquela familia, utiliza o verbo àyanâœ[[1283]](#footnote-1284), o que mais que simplesmente constatar, de novo, o amor entre Jesús e a familia de Lázaro, visa sobretudo explicar porque Jesús nâo foi imediatamente ao encontró do amigo[[1284]](#footnote-1285): em vez de alarmar-se com a informaçâo e de seguir os impulsos humanos e os laços da amizade que o ligam a Lázaro, Jesús parece refletir e consultar o Pai[[1285]](#footnote-1286). Assim, ele nâo se dirige imediatamente á casa de Lázaro nâo é por falta de afeto pelo amigo, mas por um motivo superior[[1286]](#footnote-1287). Ele tem consciencia de que esta duenda de Lá­zaro servirá para manifestar a gloria de Deus, que se revelará de modo todo particular pela atua^áo do Filho. O amor de Jesus, co­mentado pelo evangelista, assume, entào, a acep^ào específica de um amor reflexivo, sobrenatural, religioso e superior. Jesus ama afe- tuosamente Lázaro (v. 3), mas o ama também e sobretudo em fun- Qào de Deus (v. 5)[[1287]](#footnote-1288). Quando Jesus, nào contendo sua emo^ào, chora, a multidào exclama: “Vede como ele o amava” (v. 36). O verbo <piXé(o, aqui utilizado, segue a mesma acep^ào do versículo 3: longe de ser insensível ou incapaz de ter compaixào, Jesus se apega às pessoas que ama e compartilha o sofrimento délas[[1288]](#footnote-1289)\*.

Um último grupo de textos que nos interessa, antes do nosso passo sobre Pedro, diz respeito ao discípulo que Jesus amava. Este, como vimos, aparece em cinco ocasides, quatro das quais com áyanám e urna com qnXém, precisamente 20,2, que diz que María Madalena vai a Simao Pedro e ao outro discípulo, que Jesus amava. Sanders[[1289]](#footnote-1290), procurando detectar alguma diferen^a no modo com que o evangelista se refere a este discípulo, considera que o verbo em 20,2 incluí também Pedro na cláusula, e que qnXéo) — e nào áyanáco — é o verbo adequado para descrever a atitude de Jesus em relajo a Pedro[[1290]](#footnote-1291). Isto, no entanto, nào tem sentido nem mesmo gramaticalmente, pois o demonstrativo tóv ftXlov implica que se trata de um discípulo diferente de Pedro[[1291]](#footnote-1292). Além disso, podemos constatar que o Discípulo Amado é designado sempre por urna fórmula padráo estereotipada 6 |ta0T|Tf|í ov fjyána/éipíXei ó ’Ir|ooú(;, que emprega, assim, tanto áyanáo como qnXé®. Esta fórmula é empregada sempre em narrares, como comentário do evangelista identificando este discípulo, nào aparecendo jamais nos discursos diretos. Mesmo que traduza sempre a idéia de urna particular predileçâo que este discípulo desfruta em relaçâo a Jésus, algum acento específico pode ser notado principalmente em alguns contextos: esta predileçâo é feita de afeiçâo e reciprocidade em 13,23 e 21,20[[1292]](#footnote-1293); de intimidade e confiança em 19,26[[1293]](#footnote-1294)°.

b. *O sentido de áyanáco e <pikéa> em Jo 21,15-17:*

Este caminho pelo quarto evangelho contribui para confirmar que a língua do evangelista é ordinariamente precisa e que urna leitu- ra atenta dos passos com áyanáo e (piXéw revela nuanças notáveis. Embora em sintagmas praticamente semelhantes, verificamos que áyaná® designa sobretudo[[1294]](#footnote-1295) o amor como adesáo incondicionada que conduz ao dom generoso de si, denotando tanto um amor des­cendente de Deus a Cristo e aos homens, ou ascendente destes a Deus. Mesmo quando entre os homens os destinatarios do amor sao os outros homens, este termo sublinha sempre a dimensao espiritual, o amor como fonte da vida crista. Já (piXéœ traduz mais o amor de amizade, acenando ao aspecto afetivo e colocando o sujeito e o desti­natario do amor no mesmo nivel de intimidade e confiança[[1295]](#footnote-1296).

Esta diferenciaçâo ilumina particularmente a leitura de 21,15-17, onde temos duas vezes o verbo áyaná© e cinco das treze ocorréncias joaninas de (piXéw. Podemos, entáo, dizer que existe urna intenciona- lidade no uso destes verbos. ’Ayanáco é utilizado por Jesús ñas duas primeiras perguntas que dirige a Pedro, mas, na terceira, este verbo é mudado para tpiXéco, que é também o verbo utilizado nas très respos­tas de Pedro. Além disto, comentando o efeito que a terceira pergun- ta de Jesús provoca em Pedro, o evangelista usa mais urna vez (ptXéco. Utilizando áyanáco, Jesús requer de Pedro nao urna simples afeiçâo de amigo, urna inclinaçâo de sentimento ou simpatía, mas o amor re- ligioso que ele deu a conhecer aos discípulos (17,26), que implica o dom total de si, a aspiraçâo de dar a vida por aqueles que se ama. Es­te amor significa, em outras palavras, urna consagraçâo que se traduz num plano de total fidelidade e obediéncia, finalizado no serviço exclusivo ao Senhor. Pedro, por sua vez, aparece muito comedido, mede bem as palavras, nao se arriscando a dar o passo maior do que a pema. Evocando o conhecimento de Jesus, responde afirmati­vamente, mas muda o verbo para (ptXéœ, pontualizando e reconhe- cendo o tipo de amor que nutre por Jesus: é um amor emocional, apaixonado, urna afeiçâo natural. Insistindo em esclarecer a re- soluçâo e a consisténcia do amor de Pedro, Jesus repete (náXtv SeÚTEpov) a pergunta e Pedro dá urna resposta exatamente igual á primeira: mantém o seu comportamento de afeto natural que sente pelo Senhor[[1296]](#footnote-1297). Jesus volta a falar, mas usando o mesmo verbo usa­do por Pedro, chamando a atençào sobre o que Pedro dissera antes e perguntando-lhe se tem certeza do que afirma. Pedro recalca, pela terceira vez (b2: v. 17b), a profissâo de seu amor com «piXéœ. Na sua resposta, omite o ainda seguro «sim» das suas duas respostas ante­riores e se refaz ao conhecimento perfeito de Jesus, repetindo por duas vezes o oú referente a Jesus (jrávza où olSaç, où yivœoKeiç...). Este modo de responder a Jesus vem ao encontró da sinceridade e da justa medida do que tenta expressar com o seu <ptXœ os, refor- çando-as. Nâo coloca em si a força da argumentaçâo para conven­cer Jesus, mas chama em causa a pròpria experiencia de Jesus: “Nâo só sabes bem o tipo de amor que sinto por ti; além disso, tu o sentes e experiencias!”[[1297]](#footnote-1298). Temos assim um desenvolvimento progressivo que visa a esclarecer da parte de Pedro, numa espécie de reflexáo so­bre os sentimentos[[1298]](#footnote-1299)\*, o seu amor e, portanto, a sua pertença a Jesus. Este é o momento da tomada de consciência de Pedro. Que Jesus aceita este tipo de amor de Pedro é confirmado na missâo que também por très vezes lhe conféré. E esta é a perspectiva que o esti­mula a fazer as perguntas a Pedro. O acento nâo é colocado no fato de Jesus duvidar de Pedro, mas no dado de que, para desenvolver a missâo que lhe está sendo confiada, Pedro deve ser consciente de sua condiçâo e de sua capacidade de amar e de seguir a vontade de Jesus. Entregando-se nas mâos do Senhor, Simâo, o filho de Joâo, se coloca na dimensâo justa e requerida para a missâo[[1299]](#footnote-1300).

* + - 1. *A atribuiçâo da missâo:*

À tríplice pergunta de Jésus (a-ax-a2) e à tríplice resposta de Pe­dro (b-b^b2) segue-se também o tríplice comissionamento por parte de Jésus (c-c\*-c2: v. 15d.16c.17c), que confia a Pedro o seu rebanho.

Também aqui devemos prestar atençâo às nuanças das palavras utilizadas por Jésus, já que a linguagem é extremamente elaborada e sutil. Na primeira atribuiçâo da missâo, Jésus diz Pooke xà àpvia pou (v. 15d); para formular a segunda pergunta, Jésus usa uma ex- pressào totalmente distinta: noipatve xà npópaxá jiov (v. 16c). Na terceira vez, faz uma espécie de síntese das duas anteriores, dizendo PÔGKE xà npoPáxiá pou (v. 17c) — que alcança o mais alto ponto do movimento crescente sobre a missâo confiada a Pedro[[1300]](#footnote-1301) — e acrescenta as palavras àjiqv à^qv XÉy© oot, ôte i)ç vE©x£poç, êÇœvwEç CEavxôv Kai nEpiEnâxEiç ôtcov q0EÀ£Ç' ôxav ôè yqpàaqç, êKXEvsîç xàç %EÏpàç cou, Kai ôXÎoç as Ç©crei Kai oïgei ônov oô OéXeiç (v. 18).

Temos, portanto, na atribuiçâo da missâo, dois grupos de vo- cábulos (PóoKE-rtoípatvE e àpvia-npôPaxa) cujos campos se­mánticos têm a ver com o pastoreio, de modo que a exatidâo da ex- tensâo do significado desses termos e a imagem bíblica do pastor sâo ponto de partida para a compreensâo da missâo que Jésus atri­buí a Pedro.

1. *Os verbos que désignant a missâo: Bóoko) e noinaivo):*

Os dois verbos que defînem a açâo de Pedro sâo Pôoko e îtoipaiv©, que recorrem respectivamente nove e onze vezes no Novo Testamento, mas que em Joâo sâo utilizados somente neste passo: Bóctk© nos versículos 15 e 17, e noipaív© no versículo 16[[1301]](#footnote-1302). Muito se discutiu acerca do significado destes verbos e da possibilidade de que possam exprimir conceitos distintos, apesar de próximos[[1302]](#footnote-1303).

Bóokco[[1303]](#footnote-1304) é urna das atívidades próprias do pastor. Geralmente se refere ao pasto — o alimento do rebanho — e significa alimentar, manter, dar de comer, guardar, conservar com recato[[1304]](#footnote-1305) e, principal­mente quando aparece na voz passiva, se refere ao gado ou ármente que vém nutridos, conduzidos ao pasto[[1305]](#footnote-1306). IIoi|iaíva) é também urna palavra que pertence fundamentalmente ao mundo pastoril[[1306]](#footnote-1307), ex- pressando a atividade do pastor que cuida e apascenta o rebanho[[1307]](#footnote-1308). Todavía, assume urna nuança particular quando, tanto em Homero como no Ático e na Koiné, é usada no sentido figurado para indicar guiar, proteger, comandar, govemar, reger, sendo usada para expres- sar a imagem da direçao de urna comunidade de pessoas[[1308]](#footnote-1309).

No Novo Testamento Póokcú ocorre somente nos evangelhos. Seis das sete vezes que ocorre nos sinóticos refere-se ao episodio dos endemoninhados gadarenos[[1309]](#footnote-1310), dizendo que urna manada de porcos estava pastando (PooKopévîi) e que aqueles que a apascentavam (oí 8è pôQKOvreç) fugiram. O outro passo em que ocorre este verbo é Le 15,15, na comumente chamada parábola do filho pródigo. Ali também este verbo se refere à atividade de dar de comer aos porcos. Assim, destes passos, podemos aferir que Póokco assume tanto o sig­nificado de pastar ou procurar pasto no campo, como também de apascentar, atividade daqueles que cuidam para que os animais (nos nossos passos, sempre os porcos) tenham nutrimento, pasto[[1310]](#footnote-1311).

O verbo noipaívú), por sua vez, tem um emprego mais distribu­ido pelo Novo Testamento[[1311]](#footnote-1312), e com exce^ào de Le 17,7 e 1 Cor 9,7, onde aparece com o sentido pròprio de cuidar ou apascentar o rebanho, aparece sempre com urna conota^ào figurada ou traslada: apascentar Israel (Mt 2,6)[[1312]](#footnote-1313), apascentar os eleitos, a Igreja ou o re­banho de Deus (Apoc 7,17; At 20,28; 1 Pt 5,2), apascentar a si mes- mo (Jd 12)2I!>, apascentar as na^òes (Apoc 2,27; 12,5; 19,15). Em to­dos estes passos o verbo noipaivai, sem chegar à especificidade de Pógkco, adquire um sentido traslado, que implica urna fun^ào de guia, tutela ou comando de um grupo ou comunidade, colocando-se em continuidade com o sentido deste verbo no Antigo Testamento, onde é utilizado para designar a ampia metáfora pastoral, no senti­do de governar com eqüidade, reger, reunir os dispersos, cuidar dos fracos e pequeños[[1313]](#footnote-1314), e tais sào as prerrogativas antes de tudo de Deus[[1314]](#footnote-1315), em contraposi^ño aos pastores ou falsos pastores que fali- ram na sua missào[[1315]](#footnote-1316). Em nenhum destes passos aparece a coli- ga?áo entre pócncco e noipaívco[[1316]](#footnote-1317), o que faz com que Jo 21,15-17 seja de todo singular. A distingo entre estes dois verbos remonta a Filón, para quem Póctkgj denota a a^ào daqueles que fomecem nu­trimento aos animais, enquanto noipaivœ se refere mais ao poder de dominio ou governo de quem custodia o rebanho[[1317]](#footnote-1318). Para eie, por­tanto, ambos os termos se referem ao oficio do pastor, embora Póctk® se refira à alimentaçào do rebanho, aos cuidados para que este encontre alimento, enquanto noipaivœ define o oficio de pastor de modo mais abrangente, reconhecendo a sua funçâo de guia e cus­todia da unidade do rebanho.

Podemos aplicar ao quarto evangelho as nuanças decorrentes destes dados, e ver que, usando estes dois verbos, mais que um re­curso estilístico, o evangelista visa precisar a cura pastoral confiada a Pedro, segundo dois campos semánticos que indicanti as principáis valéncias da imagem sobre o pastor. E isto é confirmado pelas ex- pressóes que indicam as pessoas confiadas a Pedro: Bóoke tú **ápvía** pov, noípaive xa **npópaxá** pov; Póqke xa **npopáxiá** pov.

1. *Os substantivos ápvíov e npóflatov:*

Exceto Jo 21,15, no Novo Testamento ápvíov aparece exclusi­vamente no Apocalipse[[1318]](#footnote-1319).

O vocábulo ápvíov é originalmente o diminutivo de àpiiv[[1319]](#footnote-1320), e significa pequeño cordeiro, cordeirinho, designando ainda a ovelha de ambos os sexos[[1320]](#footnote-1321). Nos LXX designa sempre o cordeiro[[1321]](#footnote-1322).

O termo npópaxov[[1322]](#footnote-1323) e a sua forma diminutiva Kpopáxtov sao comumente usados no plural e servem para indicar o quadrùpede, em contraposiçâo aos répteis e batráquios, e em particular designa tanto os animais domésticos mansos (entre os quais o boi e o cava­lo), como os animais para sacrificios[[1323]](#footnote-1324). Muito cedo passou a indi­car o rebanho minuto, cujas cabeças principáis sâo constituidas de ovelhas e cabras[[1324]](#footnote-1325). Nos LXX indica prevalentemente o rebanho pequeño[[1325]](#footnote-1326), mas pode assumir o significado de animal para o sacri­fìcio[[1326]](#footnote-1327), e é usado também em sentido traslado para indicar o povo judeu que aparece muitas vezes como ovelha perdida, como pecado­res que caminham lado a lado como ovelhas[[1327]](#footnote-1328). O Novo Testamen­to segue estas mesmas acepçôes, indicando, com este termo, além de sua acepçâo pròpria233, o sentido figurado ou metafórico do povo de Deus, o fim específico de Sua açâo escatològica[[1328]](#footnote-1329).

Assim, embora seja difícil fazer urna distinçâo absoluta entre os quatro termos que se altemam nas très comissòes de Jesus a Pe­dro[[1329]](#footnote-1330), à luz de suas acepçôes no grego, no Antigo e Novo Testa­mento, podemos reter que a expressâo de 21,15, Póqke tú ápvía pov, implica o trabalho de provisao do alimento para os cordeiros que tém ainda necessidade de ser alimentados, enquanto o noipaivs xá npópará pou, de 21,16, se refere mais diretamente à atividade de conduçâo e guia das ovelhas, que, embora crescidas, tém necessida­de de ser guiadas[[1330]](#footnote-1331). O diminutivo npoPáxtov encontra-se somente em Jo 21,17. A sua raridade pôe a énfase no sentido de pequeña ovelha[[1331]](#footnote-1332). Além disso, a alternáncia entre os termos tem a sua im- portância para mostrar que Jesus fala de todo o rebanho, abarcan­do a totalidade deste, a começar pelos pequeños[[1332]](#footnote-1333). Entao, nao se pode simplesmente ver que tù apópara representara os outros apos­tólos, distintos dos simples fiéis representados por xá ápvía, e que ambos estao subordinados a Pedro[[1333]](#footnote-1334). Ao contrario, cada commis- sào que Jesus atribui a Pedro expressa um aspecto complementar do oficio apostòlico pastoral que lhe está confiando, enfatizando, algu- mas mais e outras menos, os aspectos de sua cura pastoral: conheci- mento, familiaridade, afetividade, solicitude, proteçâo, dedicaçâo, guia, direçâo[[1334]](#footnote-1335). E estes aspectos podem ser confirmados pela sim­bólica bíblica do pastor. Vejamos, entáo, como esta simbólica é as- sumida no Antigo Testamento e nos Evangelhos, para depois deter- mo-nos em como Pedro é pastor em Jo 21,15-17.

1. *O pastor como simbólica bíblica:*

A imagem do pastor atravessa toda a Escritura[[1335]](#footnote-1336), do Génesis ao Apocalipse[[1336]](#footnote-1337), e em très acepçôes principáis, conforme se refira a Deus, aos homens e a Jesus.

1. *Deus como pastor:*

A figura do pastor descreve, antes de tudo, o comportamento de Deus, que ama, guia, nutre e defende o seu povo. Israel, assim, experimenta de modo particular a vizinhança do Deus-Pastor, do Deus que se faz companheiro de caminhada[[1337]](#footnote-1338). Israel é como um rebanho que Ihwh liberta do Egito, guia pelo deserto e o conduz à terra prometida; é, ainda, o rebanho que se divide porque rompe a Aliança e sofre a deportaçào, embora os planos de Ihwh sejam res- taurá-lo e reunificá-lo[[1338]](#footnote-1339)\*5, mima visao que se prolonga numa pers­pectiva escatològica, segundo a qual o Messias esperado vira a ser, por exceléncia, pastor de Israel[[1339]](#footnote-1340).

1. *Os guias do povo ou da comunidade como pastor:*

A tradito biblica utilizou a figura do pastor para ilustrar tam­bém o ministério de quem é preposto à guia do povo ou da comuni- dade. Assim, as funnòes compreendidas nesta imagem, mesmo sen­do por excelencia de Ihwh, sao também atribuidas a alguns manda­tarios eleitos por Ele. Este título, pois, é atribuido a Moisés e a Aaráo[[1340]](#footnote-1341), que interpretam o papel de intermediarios, em nome de Deus, para a libertando do Egito; aplica-se também ao rei[[1341]](#footnote-1342)\* e a urna sèrie de homens encarregados de guiar o povo. A todos estes, todavia, sào colocadas algumas condinoes e se insiste numa sèrie de funnòes que devem desempenhar na qualidade de pastor, as quais podem ser recolhidas, corno propóe Bosetti[[1342]](#footnote-1343), em quatro campos semánticos: aquele da condunào, do cuidado, da libertado e da alianza, sendo que todos os quatro estáo relacionados com a autori- dade e com o poder de governar[[1343]](#footnote-1344). O campo semántico da con- ducào evoca principalmente a imagem do pastor que caminha adiante do rebanho, percorrendo, junto, a estrada; o campo semán­tico do cuidado agrupa o conjunto de andes que se referem à manu- tennáo do rebanho, fazendo com que o pastor nao seja somente aquele que guia o rebanho, mas também que cuida de sua vida, con- duzindo-o ao pasto, provendo-lhe alimentando e agua; o campo se­mántico da libertanáo consiste em defender e vigiar as ovelhas, ga- rantir-lhes a unidade, evitando-lhe os perigos da caminhada, as ameanas das feras e dos malfeitores; o último campo de anáo do pastor, se refere ás relanoes de comunháo recíproca, ligando afeti- vamente o pastor ao pròprio rebanho: o pastor conhece o seu re­banho, está junto dele, segue-o constantemente, vive com ele fazen­do com que este o siga com confianna.

1. *Jesus como pastor:*

A tradináo crista, como derivando fiel do patrimonio bíblico, se ilumina neste, de modo que o cristianismo nascente se apropria da simbólica pastoral, aplicando-a, essencialmente, a Jesus e à sua missáo[[1344]](#footnote-1345).

1. *Jesus como Pastor nos Sinóticos:*

Nos evangelhos sinóticos, Jesus é designado como o Pastor Messiànico prometido no Antigo Testamento, cuja missäo se atua mima tríplice valéncia:

* na reuniáo do rebanho disperso e sujeito à perdiçâo (Mt 15,24; Le 19,10): assim como a dispersâo é a imagem da ruina, a reuniâo significa que o tempo da salvaçâo está próximo;
* no anuncio de Sua morte e de Seu retomo (Me 14,27-28; Mt 26,31-32): o destino do pastor tem corno conseqûência a disper­sâo do rebanho, mas o acento é colocado também sobre a purifi- caçào e a salvaçâo do rebanho[[1345]](#footnote-1346), de modo que a morte de Jesus, por um lado, avia a dispersâo e a dizimaçào, mas, por outro, consti­tui um paradoxo: a grei purificada é recolhida e passa a constituir o novo povo de Deus, sob a guia do Bom Pastor (Me 14,28);
* no julgamento escatològico (Mt 25,31-32; Le 12,32): co­rno um rebanho disperso, os povos pagàos serào reunidos em tomo do Filho do Homem, e a execuçâo da sentença é comparada à sepa- raçâo entre as ovelhas e as cabras. Após o juizo, segue o Reino da Graça que Deus instaura sobre o pequeño rebanho, que de novo se­ra guiado pelo Pastor[[1346]](#footnote-1347).

1. *Jesus como Pastor em Joäo 10:*

Joáo interpreta a missào e o destino de Jesus utilizando a figura do pastor que dá a vida por seu rebanho. Ele dedica todo um capí­tulo, o 10, à revelaçâo de Jesus como o pastor escatològico[[1347]](#footnote-1348), con- traposto á figura daqueles que, embora sob a veste de pastor, sao ladroes e brigantes, estranhos e mercenarios. Assim, diferentemente dos ladroes e dos brigantes, Ele entra pela porta (10,1-2); á dife- ren^a dos estranhos, Ele é conhecido pelo guardiao e pelo rebanho que O segue com instintiva seguranza (10,3-4)25<s, enquanto foge dos desconhecidos e estranhos; diferentemente dos mercenarios que se póem, vilmente, em fuga, Ele se importa com as ovelhas e as de- fende contra toda a especie de perigo (10,11-13).

Jesús se define como o Bom Pastor (éycb eip ó notpfiv ó KaXóg - 10,11.14)[[1348]](#footnote-1349), identificando-se com o pastor referido em 10,1-15 e reivindicando nao só a propriedade das ovelhas (10,28-29), mas pre­cisando imediatamente como se caracteriza o verdadeiro pastor, isto é, com um conhecimento profundo, análogo áquele que existe entre Ele e o Pai (10,15.27.30), com a disposi^áo de dar a vida pelo re­banho (10,15.17.18) que será reunido, como único, em tomo de um só Pastor, que Ihes garante a vida eterna (10,16.28)[[1349]](#footnote-1350).

1. *Pedro como pastor em Jodo 21,15-17:*

As fun^óes e condeces que se pediam dos pastores no Antigo Testamento e que nos sinóticos e no quarto evangelho aparecem re­lacionadas a Jesús também podem ser aplicadas, em Joáo[[1350]](#footnote-1351), a Pe­dro como pastor, de sorte que ele, em 21,15-17, vem comissionado por Jesús no ampio campo de atua^ao que engloba a simbólica pas­toral, devendo guiar o rebanho de Jesús, fortificando os fracos, cu­rando os doentes, reconduzindo os que se distanciam, procurando os que se perdem, ocupando-se, com bondade e mansidáo, do bem de todos.

Além disso a fun^áo pastoral de Pedro é iluminada pela de Jesús — principalmente como é apresentada em Jo 10 —, pela pro­fecía sobre o futuro de Pedro (21,18-19a) e pelo convite para a se- qüela de Jesús (21,19b.22b).

1. *A funcào pastoral de Pedro à luz de Jo 10:*

Entre Jo 21 e Jo 10 existe urna sèrie de correspondencias temá­ticas e lexicais, o que faz com que o desempenho pastoral de Pedro se insira na perspectiva desta última perícope, devendo também as- sumir as qualidades que contra-distinguem o Bom Pastor.

Além da ambientado geral, em fundo da simbólica pastoral, no capítulo 10 temos 17 das 21 vezes que o termo npópatov ocorre no quarto evangelho; em 21,15-17 temos duas vezes, além das ou- tras expressóes que evocam claramente esta temática2®\*.

Em Jo 10 e 21,15-17 temos, respectivamente, a aplicado a Je­sus e a Pedro da figura do pastor e da ado figurativa de apascentar. Em ambas as passagens, há urna insistencia em dizer que as ovelhas sào de Jesus (10,3.4.16; 21,15.16.17)[[1351]](#footnote-1352).

A ado de Jesus prima pela cura diligente das ovelhas: Ele tem familiaridade com elas, sacrifica-se por elas e procura reuní-las na unid ade[[1352]](#footnote-1353). Mesmo que a Pedro nao seja aplicada a imagem do conhecimento e da familiaridade que, no capítulo 10, o Bom Pastor tem com o rebanho, em 21,15-17 é chamada em causa urna forte componente afetiva, condilo para que Pedro possa receber a mis- sao, de sorte que ele recebe o encargo pastoral em conexào com a sua prova de amor a Jesus. E isto o capacita à relado pas- tor-ovelha, com o rebanho de Jesus, o qual é aqui descrito com ter­mos que indicam delicadeza e necessidade de protedo.

Converge ainda para a descrido de Jesus e de Pedro como pas­tor, o fato de que Jesus guia e dà a sua vida por suas ovelhas (10,11). A expressào tì)v yvzùv pov tiOr^i (ónèp tcòv npopàrov) se repete, com pequeñas alterados, quatro vezes entre 10,15 e 10,18, indicando que Jesus dispunha de sua pròpria vida e com piena liber- dade a entrega pela salvalo do rebanho[[1353]](#footnote-1354). O comissionamento de Pedro coloca-se na mesma linha, pois é seguido das referencias ao dom de sua vida (v. 18-19)[[1354]](#footnote-1355)\* e do convite para o seguimento de Jesus.

1. *A profecía sobre o futuro de Pedro:*

A referencia à morte de Pedro reveste-se de urna imagem anti­tética entre a sua juventude e a sua velhice, a qual ilustra a evolujào na sua vida, como conseqüéncia de sua missào: quando era jo- vem[[1355]](#footnote-1356), eie se cingia e andava por onde quería; quando será velho, estenderà as màos e outro Ihe cingirá e o conduzirà aonde eie natu­ralmente nào quer (21,18)[[1356]](#footnote-1357).

Esta linguagem, um tanto enigmática, se refere à morte do discípulo, como o evangelista comenta logo em seguida, no ver­sículo 19, com xovxo 5é elnev oripaívcav jcoícp Gavár® Sondasi tòv 0EÓV. Esta frase tem um certo paralelismo com aquelas de 12,33 e 18,32, que sào urna observado do evangelista, após o anuncio, por parte de Jesus, de sua glorificarlo através de sua morte. É provável, portanto, que assuma a mesma funaio aqui, referindo-se, agora, a Pedro[[1357]](#footnote-1358), e reforjando a idéia de urna morte violenta deste dis­cípulo, já indicada ñas palavras de Jesus: 6xav Sè yqpáoij«;, éKXEvsíq xdg X£Ípd<; oou, Kai dXXog ge ^óoei Kai olast ónov ov OéIek; (v. 18). Esta linguagem adapta-se muito bem aos detalhes de urna crucifixào[[1358]](#footnote-1359), mas a sua intendo primaria é dizer que morrer manifestando a gloria de Deus será o auge da dedicado do discípu­lo. O tema da glorifíca^áo do Pai une, assim, a morte de Pedro áquela de Jesús. Para ambos, morrer em obediencia e fé é glorificar Deus[[1359]](#footnote-1360). Como Jesús, Pedro glorificará o Pai com a sua morte, a qual aparece como urna confirmacáo de seu amor por Jesús — por­que ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos (15,13) — ao mesmo tempo que dá cumprimento á sua mis- sao[[1360]](#footnote-1361), repetindo a imagem do Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas[[1361]](#footnote-1362).

1. *O convite: ’AkoXoóOei /íoi (21,19b.22b):*

A manifestado do amor de Pedro e o cumprimento de sua mis- sáo sao sintetizados por Jesús quando o exorta com as palavras ¿KoXoúOei poi (v. 19b e 22b)[[1362]](#footnote-1363). De fato, nao existe ruptura alguma entre estas palavras e as anteriores: Pedro é convidado por Jesús a segui-Lo na morte, e por extensáo, ele é chamado a apascentar o re- banho do mesmo modo que Jesús também o faz, o que significa que a sua missáo será desenvolvida em termos de discipulado[[1363]](#footnote-1364). Deste modo, o tom da missáo de Pedro é mantido segundo o plano da se- qüela de Jesús, a qual se coloca na perspectiva da morte violenta do discípulo[[1364]](#footnote-1365).

Este convite liga-se muito provavelmente á declarado feita por Pedro, de que ele daría a vida por Jesús (13,37), ocasiáo em que Je­sús Ihe dissera que, aonde estava indo, Pedro nao O poderia seguir naquele momento, mas depois (13,36). Portanto, a seqüela que nao fora possível a Pedro durante a paixáo de Jesús se concretiza agora. Ele pode assumir o caminho do verdadeiro discípulo[[1365]](#footnote-1366). Durante a vida de Jesús, o Seu seguimento implicava o abandono de tudo[[1366]](#footnote-1367); agora requer a aceita^ao em percorrer o mesmo caminho, de sorte que o áKoXoúdet pot assume urna tríplice conota^áo: refere-se, em seu sentido literal, ao ir atrás[[1367]](#footnote-1368), seguir; implica ou aponta, em se­gundo lugar, para o seguimento de Jesús até a morte, através do martirio[[1368]](#footnote-1369), fazendo com que seja significativa a repeticáo do convi­te ao seguimento no versículo 22, no contexto, aínda, da morte de Pedro: Pedro é aquele que, em dedicada serenidade, segue o cami­nho decretado por Jesús até o martirio, o qual aparece, portanto, como o cume de seu discipulado e de sua missáo pastoral[[1369]](#footnote-1370), dizen- do, portanto, muito sobre o tipo de ministério que se espera deste discípulo[[1370]](#footnote-1371). Mas este convite traduz, também, numa terceira cono- ta^áo, um comportamento de constante seguimento, como discípu­lo. Antes, Pedro fora comissionado com o trabalho de pastorear o rebanho de Jesús; agora, curiosamente, ele é chamado «a seguir», um comportamento típico das ovelhas, e nao do pastor. Assim, Pe­dro, na sua missáo, nao perde de vista a sua condicáo: ele é pastor, como Jesús, mas ao mesmo tempo pertence ao Seu rebanho, como ovelha. Pedro náo perde, pois, como pastor, a sua condi^áo de ovelha. Por conseguinte, com o áKoloúOEi pot, Pedro é chamado a superar-se constantemente e a continuar a seqüela de Jesús, que cul­minará com a morte.

33.1.4. *A finalidade de 21,15-17:*

Normalmente existem dois modos de entender o objetivo que o quarto evangelista visa com 21,15-17. Um primeiro modo considera que estes versículos visam a recuperaçâo ou reabilitaçâo de Pedro e um segundo vê aqui urna forma solene de atribuiçâo da missâo pas­toral a Pedro. A mola chave na argumentaçâo para ambos os mo­dos é a concepçâo que se faz da tríplice pergunta de Jesus e, tam- bém, das très respostas de Pedro.

Já Ambròsio[[1371]](#footnote-1372) e Agostinho[[1372]](#footnote-1373) estabelecem urna relaçao entre as très negaçôes de Pedro (18,17-25) e o episodio contado em 21,15-17, e hoje estes versículos sâo mais comumente entendidos co­mo urna reabilitaçâo de Pedro[[1373]](#footnote-1374): ele, que havia negado Jesus por très vezes, é interrogado e confessa agora também por très vezes o seu amor pelo Senhor, o que faz, portanto, corn que a tríplice ne- gaçâo seja contrabalançada pela tríplice afîrmaçâo de afeto e pela declaraçâo que o comissiona a exercer a missâo de apascentar o re- banho de Jesus. Deste modo, Pedro é completamente recuperado e restabelecido na sua funçâo de discípulo e de apòstolo, a quai havia perdido com a negaçâo de Jesus. Além do dado de que ambas as si- tuaçôes sâo descritas, intencionalmente e de modo estereotipado[[1374]](#footnote-1375), por très vezes, os defensores deste paralelismo consideram très ele­mentos que os apoiam nesta idéia: o episodio contado em 21,15-17 faz diretamente alusào às negaçôes de Pedro, que, de fato, renegou Jesus por medo de seguí-Lo e de arriscar a pròpria vida e que, com a terceira pergunta (21,17), Jesus atinge a raiz que causou aquela defecçâo de Pedro; a insistência de Jesus sobre a segurança do quan­to Pedro afirma faz com que ele se recorde de sua pròpria obsti- naçào em nâo aparecer um dos discípulos de Jesus[[1375]](#footnote-1376); e, por último, a referência à tristeza de Pedro é urna indicaçào de que, se o evange­lista nâo assinalou alguma reaçâo dele ao canto do galo (18,27), agora finalmente deve se compenetrar e perceber o que fez[[1376]](#footnote-1377). To­davía, nâo é universalmente aceito o discurso de que com estes ver­sículos o evangelista visasse urna reabilitaçào de Pedro para o disci­pulado. Para Westcott, as très perguntas de Jesus sobre o amor de Pedro nâo podem chamar em causa a tríplice negaçâo, nâo evocan­do a experiéncia de Pedro no momento da Paixâo. Para ele, Pedro se entristece nâo só porque Jesus lhe pergunta pela terceira vez, mas também porque a formulaçâo da pergunta é mudada[[1377]](#footnote-1378). Da mesma opiniâo é Goguel, que nâo vê no episodio alguma alusâo à cena da negaçâo, e considera que a triplice pergunta nâo é suficiente para se estabelecer urna relaçâo entre os dois episodios[[1378]](#footnote-1379). Làconi nota que a missào pastoral é conferida a Pedro já no primeiro conjunto de pergunta-resposta (21,15), e isto faz com que nâo tenha sentido coli­gar a cena muito rigorosamente com a triplice negaçâo; se fosse este o caso, seria natural esperar que a missào viesse atribuida somente após a terceira pergunta, quando Pedro teria obtido o perdào de Je­sus[[1379]](#footnote-1380). No entanto, é exagerado negar que exista qualquer relaçâo entre este passo e a negaçâo durante o julgamento de Jesus. Na trí­plice pergunta de Jesus sobre o amor de Pedro, podemos ver um aceno implícito às suas très negaçôes, e no convite a seguí-Lo pode­mos, igualmente, supor que de algum modo a seqüela fora inter­rompida, de sorte que nao se pode também negar a tendencia do evangelista em reabilitar Pedro, aqui, embora ele nao pretenda so­mente mostrar que Jesus conceden completo perdao a Pedro[[1380]](#footnote-1381). O principal ponto do episodio continua sendo o ministério pastoral atribuido a Pedro e a referencia á sua morte, á imitacao de Cristo, como auge de sua seqüela, de modo que, concretamente, o amor de Pedro por Jesus se exprimirá na fidelidade á missáo que Ihe é respei- tosamente atribuida.

* + 1. *21,21-22a: O segundo diálogo:*

Correspondendo ao primeiro diálogo (B: v. 15-18), todo ele voltado para a figura de Pedro, temos um segundo diálogo (B’: v. 21 -22a), o qual se refere ao discípulo que Jesus amava. Este diálo­go, bem mais simples e breve, é constituido por urna intervenQáo de Pedro (b3: v.21b) e urna de Jesus (a3: v.22a), ao que seguem, como para o primeiro diálogo, as palavras imperativas de Jesus dirigidas a Pedro sobre o seguimento (D’: v. 22b) e o comentário do evangelista (C’: v. 23) sobre o que Jesus disse acerca do Discípulo Amado. De- temo-nos ñas falas de Pedro e de Jesus, aludindo indiretamente aos outros componentes estruturais.

* + - 1. *A pergunta de Pedro:*

Em obediencia ás palavras de Jesus, ¿koXovOei poi (v. 19b), Pedro se póe a seguí-Lo, como é indiretamente indicado pela ex- pressáo éiucrTpcupEig ó líérpog (v.20), que exprime urna inversáo em relacao ao caminho que fazia, como fruto de sua decisáo de se­guir Jesus e em resposta ao convite recebido[[1381]](#footnote-1382). Alguma coisa Ihe chama a aten^áo; Pedro, portanto, se volta, e ve o discípulo que Je­sus amava. Esta visáo provoca nele urna rea^ao que o faz tomar ini­ciativa e perguntar a Jesus, KúpiE, oóro<; Sé tí; (v.21). Estas pa­lavras de Pedro sao singularmente breves e contundentes: “Senhor, e este? O qué?”; elas constituem, pois, urna frase elíptica, que nao está claramente terminada, podendo-se subentender “que coisa fará? ”, “o que Ihe acontecerá? ”, ou outras semelhantes, mas todas acenam para a sorte futura deste discípulo[[1382]](#footnote-1383).

Nao existe, no texto, nenhuma indicaQáo que permita entender esta pergunta em sentido psicológico, de desacordó, inveja ou temor de que este outro discípulo escapasse do martirio[[1383]](#footnote-1384), nem mesmo no sentido de que Pedro visasse descobrir o caminho do Discípulo Amado para imitá-lo[[1384]](#footnote-1385)\*. É, ao contrario, verossímil, ver um interes- se por alguém com que Pedro nutre amizade e com o qual condivi- diu a sua experiencia de seguimento de Jesús, nos momentos mais determinantes[[1385]](#footnote-1386); sobretudo, é possível ver, aqui, urna preparando para o dito de Jesús sobre o futuro deste discípulo, que até agora nao estava definido[[1386]](#footnote-1387).

* + - 1. *A resposta de Jesús:*

Jesús responde a Pedro (v. 22) referindo-se ao Discípulo Ama­do (éáv aÓTÓv 0éAxo péveiv Sgx; épxopai, tí Kpó^ eré;) e insistindo em chamar Pedro (nú pot áKoÁ,oú0Ei) — como já o fizera no ver­sículo 19.

’Eáv é urna conjunpáo subordinada hipotética, que nao indica só dúvida, mas também o cumplimento de um acontecimento en- quanto esperado e desejado[[1387]](#footnote-1388); por conseguinte, Jesús admite a pos- sibilidade de ter esta intennao, mas nao a afirma categóricamen­te198. O objeto desta possível inten^áo de Jesús é que o Discípulo Amado péveiv eox; 8p%opai. O infinito completivo péveiv no con­texto da declaraQao sobre a morte de Pedro como auge de seu segui­mento a Jesús, e da pergunta formulada por ele sobre o que será do Discípulo Amado, só pode significar permanecer em vida[[1388]](#footnote-1389). Já a

prepósito got; com o verbo no presente (£p%opai) corresponde á nossa expressáo prepositiva «até que», tendo um sentido de futu­ro[[1389]](#footnote-1390): “Se eu quero que ele permane^a até que eu venha...”.

Com esta resposta Jesús sugere um futuro impreciso para o discípulo que Ele amava, cujo destino permanece, propositalmen- te, enigmático e nao deve interessar a Pedro[[1390]](#footnote-1391). As suas palavras tí npdq oé; (v. 22) sublinham a independencia dos caminhos de cada um destes dois discípulos, e indica que a sorte deles é e per­manece inequivocavelmente fruto da iniciativa e da vontade divi­na[[1391]](#footnote-1392). Por outro lado, o evangelista se vale, neste dito de Jesús, de um esquema freqüente no seu evangelho, em que urna revelacáo de Jesús, apresentada em forma enigmática, é seguida de urna incom- preensáo e depois de urna explicado devidamente aprofunda­da[[1392]](#footnote-1393). A incompreensáo fica por conta dos assim chamados “irmáos” (v. 23), entre os quais divulgou-se a noticia de que aque- le discípulo nao morrerá, concepto que o quarto evangelista pre­tende, agora, corrigir30\*.

Esta situa^áo, em aberto, do Discípulo Amado, é contraposta á clara situado de Pedro, a quem Jesús repete com énfase: oú pot áKoloúOei (v.22b). Esta expressáo tem o oú enfático e focaliza a aten^áo na missáo de Pedro, distinguindo-a daquela do Discípulo Amado, de sorte que é dito mais urna vez que a voca^ao específica de Pedro e daquele outro discípulo sao distintas embora aquela do discípulo que Jesús amava permane^a misteriosa[[1393]](#footnote-1394). A temática des­tes versículos é, portanto, a diferen^a entre os destinos de Pedro e do Discípulo Amado, que mais urna vez aparecem juntos mas com atitudes diferentes300, cabendo, assim, a pergunta sobre qual seja o interesse do autor em rela^áo aos dois discípulos.

A referencia á posicao privilegiada deste discípulo na última ceia (xdv paOr|Tf]v 6v fjyána ó ’IpaoOq... Kai ávéneoEV év SEÍJtvtp ¿ni tó orfiGo«; aóroC - v. 20) acentúa a posi^ao especial que ele continua a desfrutar em relajo a Jesús[[1394]](#footnote-1395). Este discípulo nao morrerá mártir, mas nao obstante isto, é igualmente chamado a dar testemunho de Jesús e é com base no seu testemunho que se fundamenta a tradicao da comunidade joanina[[1395]](#footnote-1396). Quanto a Pedro, Ihe toca o martirio, e Jesús Ihe deixa isto claro depois que fez urna tríplice confissáo de amor e específicamente sendo encarregado, por Jesús, como pastor, manifestando a sua disponibilidade de dar a vida.

Todavia, difícilmente duas coisas sao prováveis: que estes versículos sejam urna defesa contra o desprezo pelo discípulo que Jesús amava pelo fato de que ele nao sofreria o martirio; e que es- teja presente, nesta cena, urna tendencia a minimizar a pessoa de Pedro. A pergunta de Pedro nao é formulada no sentido de escla­recer se o discípulo sofrerá ou nao o martirio[[1396]](#footnote-1397), e embora a res­posta de Jesús pressuponha que o pévetv significa, num certo sen­tido, alguma vantagem sobre o ter que dar a vida[[1397]](#footnote-1398), Pedro nao é desclassifícado de modo nenhum, nao existindo nenhum ataque á significacao de sua missáo pastoral e de seu discipulado[[1398]](#footnote-1399). Existe, isto sim, urna insistencia em reconhecer o outro tipo de discipulado, também auténtico como o de Pedro, que prima pela capacidade de acesso ao pensamento ou á mentalidade de Jesús[[1399]](#footnote-1400).

Deste modo, o evangelista encontra um fim adequado á histo­ria dos dois discípulos que assumiram um importantíssimo papel no seu evangelho: a proeminéncia de Pedro aparece nítidamente já no capítulo 6, e eles aparecem juntos ñas situa^óes mais centráis, como discípulos, entre 13,1 e 20,10. Esta proeminéncia, associada ao silén- cio sobre eles ñas cenas de 20,11-31, deixam, conquanto, a narra?áo sobre eles estranhamente incompleta. Agora, a historia deles se completa, considerando urna série de motivos que, através do evan­gelho, ficaram pendentes e fazendo com que o interesse do evange­lista por esses discípulos alcance o ápice, justamente, no final de seu evangelho, focalizando as suas diferentes voca^oes e modos de se­guir o mesmo mestre, Jesús[[1400]](#footnote-1401).

Esta orientado é confirmada pela abordagem sobre a rela^áo deste capítulo com possíveis passos sinóticos, de que nos ocupare­mos em seguida.

1. *Paralelo com os sinóticos:*

O capítulo 21 de Joao é, como vimos, todo centrado na figura de Pedro que é estabelecido na missáo de conduzir o rebanho de Jesús e cujo futuro se prefigura como o seguimento de Jesús até o dom de sua vida.

Nao existem nos evangelhos sinóticos um episodio que possa ser considerado como correspondente deste passo. Existem, isto sim, varios passos[[1401]](#footnote-1402) com ditos de Jesús que evocam, em maior ou menor escala, a mesma situado, mas que nao podem ser considera­dos como paralelos de Jo 21. Entre estes passos, sobretudo Le 5,1-11 aparece como mais próximo a Jo 21,1-14 e Mt 16,17-20 a Jo 21,15-17.

* 1. *Jo 21,1-14 e Le 5,1-11:*

Jo 21,1-14 é comumente visto como sendo paralelo a Le 5,1-11. Fazendo um confronto entre os dois passos, percebe-se que coexis- tem notáveis semelhan^as e muitas, e nao certamente casuais, dife- reneas.

Entre as muitas semelhan^as podemos relevar: a pesca dos discípulos acontece durante a noite; nao pescam nada e fatigam muito; Jesús ordena-lhes lanzar de novo a rede; os discípulos obede- cem e pescam urna extraordinaria quantidade de peixe; o efeito na rede é mencionado; Pedro é o único a reagir; Jesús é chamado Senhor; Pedro aparece denominado como Simao Pedro[[1402]](#footnote-1403).

Como principáis divergencias podemos citar: em Lucas a cena é colocada no inicio do ministério galilaico e prepara a chamada dos primeiros discípulos, enquanto em Joáo é apresentada como um evento pós-pascal, após o qual Pedro recebe a sua missao pastoral; a rea^ao de Pedro em Lucas é a prostra?ao aos pés do Senhor, pe- dindo-lhe que se afaste, já que ele é um pecador (5,8), enquanto em Joño o sinal da pesca prodigiosa revela a identidade de Jesús ressus­citado e Pedro, sem aterrorizar-se com a presenta do Senhor, se jo- ga no mar para ir ao seu encontró (21,7); em Lucas as barcas sao duas. Além disso, sao particularidades joaninas: a presenta do Discípulo Amado, de Natanael e de Tomás; o alimento consumado com o Senhor; o número e a insistencia sobre a qualidade dos peixes; e a rede que nao se rompe.

Estas semelhan^as e diferentes levaram os estudiosos, quase sempre, a considerar Le 5,1-11 e Jo 21,1-14 como duas reda^des do mesmo e idéntico fato[[1403]](#footnote-1404), divergindo-se, todavía, quanto ao estable­cer qual das duas perícopes é considerada a mais original sob o ponto de vista histórico. Concretamente, um certo número de comentadores pensa que Lucas antecipou durante o ministério terrestre de Jesús urna narrado sobre a pesca. Entre estes, estao: Gils[[1404]](#footnote-1405), Brown[[1405]](#footnote-1406),

Bemard[[1406]](#footnote-1407), Bultmann[[1407]](#footnote-1408), Fitzmyer[[1408]](#footnote-1409) e Grass[[1409]](#footnote-1410). Todavia, a tese oposta, isto é, urna localizado primitiva da tradido sobre a pesca milagrosa durante o ministerio terrestre de Jesús tem também mui- tos defensores e parece ganhar terreno, sobretudo após os estudos de Fortna[[1410]](#footnote-1411) e Pesch[[1411]](#footnote-1412). Entre seus sustentadores estao, ainda, Dil- lon[[1412]](#footnote-1413), Becker[[1413]](#footnote-1414), Schweizer[[1414]](#footnote-1415), Hoffmann[[1415]](#footnote-1416), Benoit[[1416]](#footnote-1417), Coulot[[1417]](#footnote-1418) e Schnackenburg[[1418]](#footnote-1419). Boismard, por sua vez, no seu comentario aos evangelhos sinóticos[[1419]](#footnote-1420), considera que esta é urna narrado de pesca milagrosa inicialmente no contexto das aparides pascáis; todavia no seu comentario ao quarto evangelho[[1420]](#footnote-1421), afirma que é somente com Joáo II-B que se dá a transferencia, para depois da páscoa, do terceiro sinal cumprido por Jesús na Galiléia.

Entretanto, Da Sortino[[1421]](#footnote-1422), Abogunrin[[1422]](#footnote-1423) e Shaw[[1423]](#footnote-1424), conside­rando as diferen^as entre os personagens envolvidos ñas duas cenas e as modalidades das duas pescas, além do fato de as diferencas entre as duas narracóes serem mais significativas que as semelhanpas — pa­ra eles, as correspondencias verbais entre os dois textos podem ser in­significantes, pois, como os dois passos descrevem um evento seme- Ihante, é normal que existam algumas correspondencias verbais —, sao do parecer que os textos de Lucas e Joáo existiram, provavelmen- te, como tradicóes independentes, já originalmente[[1424]](#footnote-1425). Se assim fora — é impossível tomar urna posicao categóricamente — se reforjaría a possibiÚdade de que a historia adaptada e inserida no capítulo 21 fos- se a narrajáo perdida sobre a primeira aparijáo de Jesús ressuscitado a Pedro, mencionada em 1 Cor 15,5-8 e referida em Me 16,7 e Le 24,34, mas que nao é narrada no quarto evangelho[[1425]](#footnote-1426).

Sem pódennos asseverar muito, o que parece certo é que em ambos os relatos temos um substrato comum: um encontró de Jesús com Pedro, urna confissáo deste discípulo e urna missáo que Ihe é confiada[[1426]](#footnote-1427). Todavía, a figura de Pedro é assimilada de modo bem diferente nos dois episodios. Em Le 5,1-11, a perspectiva com que Pedro se move é do encontró que assinala o inicio de seu seguímen- to — embora Pedro já tivesse tido contato anterior com Jesús, como mostra o episodio narrado anteriormente, segundo o qual Jesús vai á casa de Pedro e cura a sua sogra (4,38-39) —, o que faz com que a sua imagem seja menos dramática e evoque menos a sua historia passada. Jesús está sobre a barca de Pedro e fala á multidáo. Quan- do termina, ordena a Pedro que lance de novo a rede ao mar. Pe­dro, depois de constatar que pescara a noite inteira e em váo, diz que, por causa da palavra de Jesús, o fará de novo[[1427]](#footnote-1428). Assim, a identidade de Jesús nao constitui um problema para Pedro; porém, diante da pesca prodigiosa e em condijdes adversas, se amedronta, e confessando-se pecador, pede que Jesús se afaste dele (v. 8). Esta é a reajáo normal de quem, diante da manifestajáo do Deus Santo, se reconhece limitado, imperfeito[[1428]](#footnote-1429).

Em Joáo, a atitude de Pedro é outra. Depois que ele experi­mentara a ausencia de Jesús com a sua morte, e de ter vivido a si- tua^ào do sepulcro vazio e das vestes mortuárias como crqnEÍov, co­mecara a fazer um caminho interior para integrar em si a nova si­tuarán[[1429]](#footnote-1430). Agora, basta o grito do Discípulo Amado — É o Senhor! (21,7) — para que ele se jogue no mar e, sem nenhuma hesitacao vá ao seu encontró.

Em Lucas, a cena se confini com a atribuicào de urna missào a Pedro — «Nao tenhas medo, doravante serás pescador de homens» (Le 5,10) — e com a constatalo de que os discípulos (além de Si- mào, estao presentes Tiago e Joáo, que sao os filhos de Zebedeu) comecaram a seguir Jesus, caso em que o alcance teológico do verbo áKoXouOéú) indica que de simples pescadores eles se fazem discípu­los, comecando a caminhar com Jesus.

Joào persegue, no entanto, outro objetivo. A cena prossegue com Jesus inquirindo Pedro sobre o seu amor — no episòdio lucano nào existe ainda historia para tanto — e atribuindo-lhe a missào de apascentar o seu rebanho em estreita conexào com a indicacào de sua morte. A cena da pesca funciona como urna antecipacào desta missào de Pedro, mostrando que ele está preparado para tanto[[1430]](#footnote-1431).

* 1. *Jo 21,15-17 e Mt 16,17-20:*

Específicamente quanto a 21,15-17 os estudiosos sào quase concordes em admitir a possibilidade de urna certa relacào com ou- tros ditos de Jesus que atribuem a Pedro urna posilo de preemi­nencia[[1431]](#footnote-1432), existindo mesmo quem admita que o episòdio narrado nestes versículos seja urna variante da delegalo de Pedro como líder da comunidade, narrada em Mt 16,17MS; todavía, nào se pode provar urna direta rela?ào histórica a nivel de tradito3445, o que é, ao contràrio, improvável, por causa das diferen^as entre os dois epi­sodios e pelas diversas posturas que tém as palavras dirigidas a Pe­dro por Jesus em cada um destes passos[[1432]](#footnote-1433).

Ambos os passos acontecem depois de urna confissa© de Pe­dro[[1433]](#footnote-1434), a qual, em Mateus[[1434]](#footnote-1435), é fruto de urna revelado, enquanto em Joao é fruto do conhecimento de Jesus[[1435]](#footnote-1436). Além disso, em Ma- teus a confissao se dá no contexto da predico da Paixáo, ao passo que em Joao se trata de um evento pós-pascal, embora a Paixao seja evocada, indiretamente, através da evocado da nega?ao de Pe­dro[[1436]](#footnote-1437). Todavía, sao as palavras mesmas de Jesus que sao bem dife­rentes: em Mateus, temos urna promessa futura (16,18b-19), e em Joao (21,15d.l6c.l7c), temos urna investidura no imperativo; o acento sobre a autoridade é mais forte em Mateus, através do sím­bolo da chave (KÀEtSóg); a imagem que Mateus fornece sobre o «li­gar e desligar» (Séta-lóto) tem um caráter mais legalistico[[1437]](#footnote-1438) e é ausente da acentuado joanina que, além do evidente sinal de auto­ridade, tem um ainda mais evidente acento sobre o amor e a ©bri­gala© de proteger e guiar o rebanho de Jesus, além do dar a pròpria vida[[1438]](#footnote-1439). Todavia, no que se refere á conexäo com a tradi^äo pré-evangélica, podemos pensar mima tradi^ao comum á qual cada um dos evangelistas deu forma independente e situou no seu rela­to[[1439]](#footnote-1440), sendo que em ambas as transmissöes permanece um elemento básico, segundo o qual Jesus concede urna rnissao especial a Pedro sobre a comunidade.

NOTAS CONCLUSIVAS DO CAPÍTULO

Neste capítulo examinamos Jo 21, com as duas perícopes que o compöem: 1-14 e 15-23. Pudemos relevar que estas duas perícopes nao sao estanques. Embora sejam claramente delimitadas por te­máticas próprias (um episodio narrativo sobre a pesca e dois diá­logos entre Jesus e Pedro sobre a missäo deste discípulo e a do Discípulo Amado, respectivamente) e por elementos literarios (co­mo a inclusäo - v. 1: étpavépoxrEV éauxóv náXiv ó ’Iqooug xoíg pa0T)TaÍ5.../é<pavÉp(oa£v 8é obran; e v. 14: xouxo fjSr) xpíxov étpavEpódp Tqaovg xoíg paOqxaíg...), existem vários elementos de conexäo entre elas, como nos referimos ao longo deste capítulo, e que agora os retomamos numa visao de conjunto: a nota cir­cunstancial que abre a segunda perícope öxe oöv f|píoxT]oav (v. 15) corresponde e retoma o versículo 12, que traz as palavras de Jesus 5eCte ápioTiíoaTE, concluindo, assim, a primeira perícope e inician­do a segunda, mas em íntima continuidade. Além disso, a men^ao de Jesus nos versículos 14 e 15 e urna certa rela?ao entre o inicio da primeira cena, após a apresenta^ao dos personagens — XÉyet aúxoiq Eípcov néxpo; (v. 3) —, e o inicio da segunda — léyct tö Sípmvi IJérpcp ó ’Ipooug (v. 15) — fazem com que as duas partes nao este- jam inteiramente independentes ou desconectadas entre si.

Sobretudo, a continuidade e unidade do capítulo 21, sempre na sua forma final, é fomecida, pela gradual aten^ao que coloca em Pe­dro e no Discípulo Amado[[1440]](#footnote-1441), os quais, com Jesus, säo os protago­nistas principáis da pesca (v. 1-14) e sao também envolvidos nos versículos 15-23, que registram o diálogo entre Jesus e Pedro, cuja aten^ao é dirigida, em primeiro lugar (v. 15-19), exclusivamente a Pedro, e em seguida (v. 20-23), ao Discípulo Amado. Na verdade, cai aos olhos do leitor a forte presença de Pedro, que percorre todo o capítulo 21. Ele aparece cheio de iniciativa: é sua a idéia de ir pes­car, que encadeia todo o acontecimento (ÔJiàyœ áXieúeiv - v. 3); é ele quem, diante do reconhecimento do homem que estava na mar­gena, feito pelo Discípulo Amado, se lança ao mar, com prontidáo, para chegar o quanto antes a Jesus (v. 7); é ele, aínda, quem arrasta para a terra a rede cheia de peixes (v. 11). Estes gestos marcam a pessoa de Pedro, sublinhando a imagem do pescador que, com deci- sáo, se dedica ao seu traballio; a sua valencia simbólica é reforçada pelo simbolismo dos peixes muitos e grandes, e pela rede que nao se rompe (21,11), constituindo, entáo, um preludio para a missâo que Pedro receberá em seguida.

Com efeito, no primeiro diálogo que se segue (B: v. 15-17) ás imagens da pesca, dos peixes e da rede, subentram as imagens do pasto, do apascentar, das ovelhas e dos cordeiros, as quais sâo apli­cadas insistentemente a Pedro, através do tríplice interrogatorio so­bre o seu amor, com o conseqüente tríplice comando que defíne e atribui a sua missâo. Ê difícil nâo ver aqui alguma conexao com o episodio de 18,17-18.25-27, o que faz com que o texto seja, de certo modo, urna reabilitaçâo de Pedro. Todavia, nâo se trata apenas de mostrar o perdáo de Jesus. A cena evoca e atualiza, através do tam- bém triplamente repetido Eipœv ’lœàvvov, o encontró inicial de Je­sus com Simâo, o filho de Joáo, em 1,41-42, quando anunciou que ele seria *Kefas,* orientando-se essencialmente para o encargo do mi- nistério de Pedro. Este encargo concretiza a missâo apenas anuncia­da em 1,42, inserindo-a num quadro eminentemente cristológico e colocando-a, fundamentalmente, na prospectiva do discipulado. Tanto é que, aos imperativos de sua missâo, seguem os imperativos da seqüela, condensados no verbo àKoXovOéû) (v. 19.22.23), e o anúncio de seu destino, que coroará o seu seguimento, através do martirio.

Esclarecida a situaçâo de Pedro, resta a do Discípulo Amado, que, ao longo do evangelho, e em momentos fundamentáis, esteve ao seu lado. Segue-se, pois, um segundo e breve diálogo (B’: v. 21-22a), por iniciativa de Pedro, sobre o destino daquele discípu­lo, bem diferente do de Simâo Pedro, que vai ao martirio. O destino do Discípulo Amado condensa-se na locuçâo verbal pévetv ëœç ëpxopai (v. 22), que, à luz dos versículos 24-25, indica que ele está destinado a ser a testemunha sobre a quai se apoia a tradiçâo da co- munidade joanina. Nesta presença do Discípulo Amado ao lado de Pedro, alguns autores encontrara espaço para confirmar a tese da ri- validade entre os dois. No entanto, o texto nâo pôe a autoridade de Pedro como pastor e mártir em confronto com a autoridade do

Discípulo Amado. O que o quarto evangelista faz é mostrar a pecu­liar relacáo de Pedro com Jesús e o lugar especial que ocupa na co- munidade crista; ele afirma, ainda, a sua própria posicáo, colocando o Discípulo Amado junto a Pedro, fazendo reconhecer um outro modo de ser discípulo, também auténtico como o de Pedro, que se caracteriza pela intimidade com a mentalidade de Jesús. Temos a es­te ponto urna síntese acerca dos dois discípulos, fechando muitas questóes que, no corpo do evangelho, permaneceram pendentes, e abrindo, ao mesmo tempo, urna nova perspectiva impregnada de imagens eclesiológicas, as quais seráo por nós evidenciadas a seguir, no capítulo conclusivo.

A CONCEPÇÂO JOANINA SOBRE A PESSOA  
E A MISSÂO DE PEDRO

**(CûNCLUSÔES)**

A nossa reflexâo conclusiva versará sobre dois quadrantes fun­damentáis: a pessoa e a missào de Pedro. Este duplo aspecto permi­te percorrer, resumida e sistemicamente, o caminho por nós efetua- do até aqui, e apresentar, mima abordagem complexiva, a con- cepçâo que o quarto evangelista faz de Pedro. Esta abordagem, ainda, possibilità detenno-nos naqueles pontos que entre os estudio­sos joaninos nâo encontram conciliaçâo[[1441]](#footnote-1442), para propor urna possibi- lidade de leitura.

1. *A pessoa de Pedro no quarto evangelho:*

Neste primeiro quadrante, abordaremos très tópicos: os termos que designanti Pedro, corn a sua conseqûente significaçâo; o seu refe- rencial; e a trajetória que ele percorre como discípulo de Jesus.

O primeiro tópico contribui para elucidar a questào do proce­dimento que o evangelista usa para referir-se a Pedro, fazendo um passo decisivo na direçâo da significalo destes termos[[1442]](#footnote-1443); o segundo tópico esclarece a rede de relaçôes de Pedro e particularmente a questâo de sua relaçâo com o Discípulo Amado[[1443]](#footnote-1444), apontando quem é, na realidade, o seu referencial; já o terceiro tópico retoma o itine­rario que Pedro percorre e propóe urna chave que pretende superar as divergências e contradiçôes na leitura das perícopes joaninas que tratam sobre Pedro[[1444]](#footnote-1445).

* 1. *Os termos que désignant Pedro:*

Em Joào, a pessoa de Pedro é mencionada quarenta vezes, em seis capítulos, sendo que o evangelista se serve de diversos apelati-

vos: Sípcov, Eíprov ó uíóg ’Icoávvou, Kqcpaq, néxpog, Lípcov néxpog, Sípcov ’Icoávvou[[1445]](#footnote-1446).

A única vez que Síjicov ocorre sozinho é em 1,41, quando o evangelista narra que Andró encontrou Lípcov e Ihe referiu sobre o encontró com o Messias. Depois disto, Eípcov ocorre somente em conexao com nérpo:;, com exceváo de 1,42 e 21,15.16.17, em que aparece, sempre pronunciado por Jesús, com expressoes que se refe- rem ao patronímico do discípulo — Lípcov ó uío^ Icoávvou e Xípcov 'Icoávvou[[1446]](#footnote-1447) — e que evocam a sua condi^ao antes de ser chamado por Jesús.

O nome composto Eípcov néxpo^ e o simples Uéipoq sao usa­dos 17 vezes cada um: 1,40; 6,8.68; 13,6.9.24.36; 18,10.15.25; 20,2.6; 21,2.3.7.11.15 e 1,42.44; 13,8.37; 18,11.16bis.l7.18.26.27; 20,3.4; 21,7.17.20.21, respectivamente. Note-se, no entanto, que Jesús ja­máis se dirige a este discípulo chamando-o simplesmente nérpog e que, após 1,42, o evangelista nao omite nenhuma vez este termo.

O aramaico Kqcpag é usado somente urna vez, e por Jesús[[1447]](#footnote-1448). Trata-se do primeiro encontró entre eles, quando atríbui a Simáo um nome que exprimirá a sua missáo (1,41-42). Nesta perícope, aín­da, existe urna concentrado dos nomes que se referem a Pedro. En­contramos praticamente todos os nomes deste discípulo: Zípcov, Eípcov ó uíóq ’Icoávvou, Kqcpa^, Sípcov riéipog. Durante o desen­volver do evangelho, no entanto, estes termos praticamente se res- tringem a dois: Sípcov IJérpoq e íléxpog, e a distribuido destes ter­mos nao é táo casual, como á primeira vista possa parecer.

a concepçAo joanina sobre a pessoa e a missAo de pedro

323

Parece claro que um critèrio joanino é introduzir Pedro na cena com o nome composto Sipœv nérpoç. Ê forçado, por conseguinte, encontrar urna relaçâo entre Pedro e Judas, por meio do patroními­co deste último e do nome do primeiro[[1448]](#footnote-1449). Podemos afirmar simples- mente que Sipœv era um nome muito comum no tempo de Jesus e que, históricamente, estes dois personagens assim se chamavam[[1449]](#footnote-1450). Referir-se a alguém com o seu patronímico, sobretudo quando se tratava de alguém que tinha um nome muito comum, também era urna pràtica comum àquele tempo[[1450]](#footnote-1451), e Jesus mesmo a utiliza para Simâo. Por outro lado, as estruturas das pericopes em questâo (6,68.71; 13,2.6; 13,24.26) mostram que Pedro nâo interage nem mantém alguma associaçâo com Judas; estes discípulos sâo mencio­nados em cenas cruciais sobre o discipulado, mas o comportamento deles nâo é associado nem *é* feita alguma analogia entre eles[[1451]](#footnote-1452). Também carece de fundamentaçâo dizer que o evangelista usa ini­cialmente Eipœv néxpoç, e que quando este discípulo nâo corres­ponde às expectativas de Jesus, passa a chamâ-lo de nérpoç, para voltar a usar Eipœv néxpoç, quando eie se recupera[[1452]](#footnote-1453). É mais ra-

zoável assumir um dado que, sem ser carregado de conota^áo posi­tiva ou negativa, considera que, ao menos no corpo do evangelho, o nome ó ITéxpo^ é escrito quando o nome completo Eípaw Fléipog já ocorreu no mesmo passo[[1453]](#footnote-1454). Urna repassada sobre as perícopes con­tinua esta hipótese.

A primeira referencia a Pedro é feita em 1,40, com o nome completo Sípcov IIéxpo$. Na mesma perícope, em 1,44, temos nérpoq, sozinho. Do mesmo modo, em 13,8.9 temos ó üérpog por­que o nome completo ocorre em 13,6, introduzindo o discípulo na cena. Em 13,37 ó Iléxpo^ segue o Xípov Iléxpog de 13,36. Em 18,10 temos a primeira referencia a Pedro na cena com Lípov néxpoi;, e em 18,11 ele aparece, de novo, com o simples Iléxpog. Na perícope seguinte temos que, entre 18,16-18, o nome üérpog é usado quatro vezes, após o nome completo em 18,15, que introduz o episodio. Igualmente, Iléxpog em 18,26.27 e 20,3.4.6 segue o Sípcov Iléxpoq, que aparece em 18,25 e 20,2. Temos, pois, que em todos estes pas- sos, urna característica joanina é incluir o nome completo somente urna vez no mesmo passo, e sempre no inicio, introduzindo este per- sonagem[[1454]](#footnote-1455).

Entretanto, mais que a simples constatalo deste uso caracte­rísticamente joanino, interessa-nos vislumbrar o que ele possa signi­ficar. Nào é puro acaso que, depois de 1,42, o evangelista sempre in- clua, no modo de referir-se a esse discípulo, o termo flérpog, que traduz a missào recebida no primeiro encontró entre o discípulo e Jesus, e que o introduza nos episodios em que interage, sempre com os dois denominativos Eíptov ílérpog. Também nao é por acaso que Jesus jamais se refere a ele chamando-o de néxpoi;. À luz do nosso estudo, podemos dizer que, ao incluir sempre o nome duplo Zípmv néxpog no inicio de cada episodio, o evangelista evoca a tensáo que existe entre a condilo presente de Pedro — representada pelo seu nome atual ou civil (Síp®v) — e a missào que está incumbido de de­senvolver (ou está para desenvolver) — representada pelo nome programático néxpoi;[[1455]](#footnote-1456). Durante as cenas, após introduzir este per- sonagem com o nome Sigœv nérpoç, o evangelista continua a cha- má-lo somente de nérpoç, o que denota que ele está interessado nâo na pessoa de Pedro, enquanto tal, mas enquanto, de um modo ou de outro, prepara ou aponta para a sua missào. Jesus, por sua vez, jamais o chama pelo nome nérpoç, denotativo de sua missâo, sugerindo que esta ainda nâo fora realizada por ele. Assira, a cons­tante tensâo que assinala a vida desse discípulo é representada, pro­gramáticamente, na forma como ele é denominado, a qual deve ser vista segundo urna chave que aponta para a sua experiencia final no seguimento de Jesus, mas que, ao mesmo tempo, resgata, sempre, a dimensáo presente e limitada de Pedro: aquele que será Kqcpâç, gru­ta, pastor, custode da unidade da Igreja, é o mesmo Sípov, pesca­dor, cheio de limitaçôes e ambigüidades, de sorte que nunca se per­de de vista a sua condiçâo e a sua fragilidade.

Esta chave de leitura é confirmada pelo capítulo 21, apesar de nele o procedimento sobre a denominaçâo de Pedro nâo ser, apa­rentemente, tâo lógico, ou nâo se verificar tâo claramente como nos capítulos de 1 a 20. Este procedimento continua válido para a se­gunda parte do capítulo (v. 15-23), em que Pedro é introduzido, no versículo 15, como Sipœv nérpoç, e, em seguida, nos versículos 17.20 e 21 vem referido como ó nérpoç — apesar de temos urna va­riaçâo que parece quebrar esta ordem lógica: por très vezes, entre os versículos 15 e 17, Pedro é chamado Lípcov ’koávvov. Esse esquema nâo se aplica, ainda, aos versículos 1-15, pois Pedro é introduzido, em 21,2, com Lípwv nérpoç, mas, em 21,3, em vez do simples ó nérpoç, temos o mesmo nome composto Eipœv nérpoç. Ainda, no versículo 7, a ordem usual aparece invertida: ele é chamado nérpoç em 7a e Sipœv nérpoç em 7b.

Os autores que consideram que os termos (piXéto-àyanâœ, àpvia-Jipôpara e Koipaivœ-pôoKCO sâo sinónimos[[1456]](#footnote-1457), acreditara, geralmente, que esta variaçâo se insere na mesma lógica com que o evangelista redige este capítulo, constituindo, portanto, urna variaçâo estilística, sem maiores significados na alteraçâo dos termos. Todavía, podemos ver que este procedimento nâo é somente um mero recurso estilístico, mas visa matizar algum aspecto relativo ao nosso dis­cípulo. Encontramos, na verdade, algumas semelhanças com a pe- rícope inicial sobre Pedro: concentraçâo dos vários nomes designa- tivos deste discípulo, em que despontam os outros únicos casos de utilizaçâo da forma Éíptov e do patronímico ’lœdwou, e, também, o outro único episodio em que Jesus se dirige a Pedro chamando-o pelo nome. Isto serve, por um lado, para colocar este passo em relaçâo com a perícope inicial sobre Pedro, evocando, assim, a sua condido de antes de ser discípulo de Jesús e, sobretudo, a situado em que re­cebe dele o nome indicativo de sua missáo. Por outro lado, aínda, mostra que com o conferimento da missáo, quando Pedro, realmente, se coloca na condido de discípulo, em sintonía com a mentalidade de Jesús, a tensáo entre o «ser Simáo» e o «vir a ser Kefas» — táo mar­cada no inicio do capítulo 21, com a insistente repetido de Eípcov íléxpog em 21,2.3 e a inversao dos nomes em 21,7, que nao deixa de chamar a atendo do leitor para a denominado deste discípulo — cometa a ser superada e a sua missáo a ser realizada. De fato, depois que a missáo é atribuida a Pedro em 21,15-17, nem o evangelista nem Jesús se referem a ele como Síjuov ou como Éípov Jlérpog: ficam só com o denotativo de sua missáo, isto é, com Jlérpog.

* 1. *O ponto de referencia para Pedro:*

É significativo, na concepdo que o quarto evangelho faz sobre a pessoa de Pedro, o ponto que este discípulo tem como referencia. Os estudiosos normalmente o apresentam como sendo o Discípulo Amado. Reconsideraremos esta possibilidade e, em seguida, tecere- mos a rede de relapóes de Pedro através do quarto evangelho, numa análise que redimensionará esta relado (Pedro-Discipulo Amado) e indicará qual é o referencia! de Pedro.

* + 1. *A relaQáo entre Pedro e o Discípulo Amado:*

Urna das questoes que suscitam muita discussáo e que náo en- contram solud° ainda hoje, mas que fomecem dados centráis para apreender a concepdo que Joáo faz acerca de Pedro, é a rela?áo deste com o discípulo que Jesús amava. Ordinariamente se relaciona os dois discípulos e se procura evidenciar a intendo do evangelista ao apresentá-los propositalmente juntos em 13,21-26; 20,1-10 e 21,7.20-23, em abordagens que, tentando esclarecer a relado entre os dois, se limitam a tratar desta relado partindo déla mesmo[[1457]](#footnote-1458).

Evitamos, por um lado, no desenvolvimento de nosso estudo, quando consideramos as perícopes individualmente, urna tomada de posido quanto a estas tendencias. Por outro lado, ficou evidencia­do que, em nenhuma das perícopes em que Pedro e o Discípulo

Amado interagem, o evangelista tem a intenso de estabelecer urna compara^ao entre os dois, exaltando um a despeito do outro. De fa- to, se em 13,21-26 — a perícope em que o Discípulo Amado entra em cena — este discípulo é apresentado como desfrutando de gran­de intimidade com Jesús[[1458]](#footnote-1459), nao se depreende, todavía, um rebaixa- mento de Pedro, e o texto nao apresenta paralelos ou ligacoes entre os dois, que venham a relevar algum aspecto de um em detrimento do outro. Antes, a estrutura do texto mostrou que a aten^áo da pe­rícope está voltada para a identifica^ao do traidor. Ela está organi­zada num paralelismo concéntrico em que A (v. 21b-22a) e A’ (v. 26) se referem á identidade do traidor, enquanto B (v.23-24a) e B’ (v. 25) se referem ao discípulo que Jesús amava, o qual, se estiver em alguma contraposi^áo nao será com Pedro, mas com quem trairá Jesús[[1459]](#footnote-1460). Igualmente, a relajo entre Pedro e o Discípulo Amado nao é o motivo principal da narrado de 20,1-10, episodio que traz a cor­rida dos dois ao sepulcro. É claro que em alguns momentos a supe- rioridade é atribuida ao Discípulo Amado, mas, em outros, é Pedro quem é melhor colocado em evidencia[[1460]](#footnote-1461); mas a perícope, centrada na constatando de que o Discípulo Amado viu e creu (centro da estrutura), aponta para urna realidade mais profunda que se entende á luz do capítulo 21[[1461]](#footnote-1462), quando este mesmo discípulo reconhece Jesús, dizendo a Pedro “É o Senhor!” (21,7), após o que Pedro se joga no mar para ir ao Seu encontró. Neste episodio, como frisamos, o Discípulo Amado nao obscurece nem subvaloriza a participando de Pedro. O evangelista está preocupado em indicar as pistas e preparar o decisivo encontró destes discípulos com o Ressuscitado[[1462]](#footnote-1463). No último episodio em que temos os dois discípulos juntos (21,21-22a), a pergunta que Pedro faz sobre o destino deste outro discípulo nao indica algum desacordó ou inveja de Pedro em relaQáo ao Discípulo Amado. Existe, antes, um interesse positivo de alguém com quem condividiu a fundamental experiencia de seguir Jesus, ao mesmo tempo que coloca em relevo que o destino dos discípulos está ñas màos de Jesus e do Pai e abre a possibilidade para o esclarecimento de urna questao até entáo pendente e nao sem importancia para a comunidade joanina, sobre o destino do Discípulo Amado[[1463]](#footnote-1464). A contraposicào entre o seguimento de Pedro e a permanencia do Discípulo Amado nào estabelece urna diferenciaQáo qualitativa, di- zendo que a este último cabe um melhor destino; isto coloca, antes, cada um no seu lugar, indicando que o sucesso de um nao depende do fracasso do outro.

Deste modo temos que ver com reservas urna leitura que colo­que estes discípulos em comparado e tente compreender a figura de um em funQào do outro. Nao existem indicios de que Joño queira, em algum ponto, e servindo-se do Discípulo Amado, diminuir a pessoa e a missào de Pedro. Vemos urna explícita aceitadlo de seu papel e de sua missào, o que nao impede de sublinhar também a grande dignidade do Discípulo Amado, garante da tradito joani­na2\*. A relaQáo entre estes discípulos se apóia, portanto, mima ou- tra base, como veremos a seguir.

* + 1. *A rede de relaQÓes de Pedro:*

Para entendermos a natureza do vínculo existente entre Pedro e o Discípulo Amado, é necessària urna abordagem que nao se reduza a ocupar-se somente deles mesmos, mas que considere toda a rede de rela^des que o evangelista tece para Pedro. Por conseguinte, de­vemos verificar o perfil das aQÓes e das relaQÓes entre as pessoas que aparecem ñas cenas em que Pedro assume parte ativa no quarto evangelho. Através do «modelo de influencia recíproca», tirado da análise narrativa[[1464]](#footnote-1465), podemos verificar com quem Pedro interage e, conseqüentemente, quem interage com ele, vendo que associa^oes significativas podemos relevar. Esta análise redimensionará a com- preensáo da rela^áo entre Pedro e o Discípulo Amado, colocando-a na sua justa dimensáo e indicando qual é o referencial para Pedro.

Podemos esquematizar como segue a rede de relances de Pedro ao longo do quarto evangelho:

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Pericope** | **Agente** | **Influencia verbal exercida -►** | **Receptor** |
| 1,41-42 | André | encontra | Simao |
|  | André | diz que encontrou o Messias | Pedro |
|  | André | conduz a Jesús | Pedro |
|  | Jesus | fita | Pedro |
|  | Jesus | diz que ele se chamará Kefas | Pedro |
| 6,67-71 | Jesus | Pergunta se eles nao querem ir embora | Doze |
|  | Pedro | responde: “A quem iremos...?” | Jesus |
|  | Jesus | diz que fora Ele quem os escolhera, e que um O entregará | Doze |
| 13,6-10 | Jesus | lava-lhes os pés | discipulos |
|  | Jesus | aproxima-se de | Pedro |
|  | r | — | J |
|  | Pedro | diz: “Senhor, tu lavar-me os pés? ” | Jesus  J |
|  | r— Jesus | responde que ele nao compreenderá | Pedro |
|  |  | este gesto agora, mas mais tarde | 1 |
|  | r |  |  |
|  | Pedro | diz: “jamais me lavarás os pés” | Jesus |
|  |  | J |
|  | r |  |  |
|  | Jesus | insiste respondendo: “se nao te lavo, nao terás parte comigo” | Pedro 1 |
|  | r |  |  |
|  | Pedro | pede que Ihe lave também as máos e a cabera | Jesus 1 |
|  | r |  |  |
|  | Jesus | diz que quem se banhou está puro. Os discípulos estáo puros, exceto um, que O entregará | Pedro |

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Perícope Agente -♦** | **Influencia verbal exercida ->** | **Receptor** |
| 13,21-26 Jesus | diz que alguém O entregará | discípulos |
| Pedro | faz sinal para que pergunte a Jesus | D.A. |
| D.A. | pergunta: “Quem é, Senhor? ” | Jesus |
| Jesus | diz que é aquele a quem Ele der |  |
|  | o pao umedecido no molho | D.A. |
| 13,36-38 Pedro | pergunta para onde vai | Jesus i |
| f | — | 1 |
| Jesus | diz que aonde vai, ele nao pode | Pedro |
|  | seguí-Lo, agora | 1 |
| f | ••••••••• | 1 |
| Pedro | insiste perguntando por que nao pode | Jesus |
|  | ir e promete dar a vida por Ele | 1 |
|  |  |  |
| Jesus | questiona esta promessa e anuncia | Pedro |
|  | a sua negalo |  |
| 18,10-11 Pedro | fere a sua orelha | Maleo |
| Jesus | diz-lhe que embainhe a sua espada | Pedro |
| 18,15-27 Pedro e | seguem | Jesus |
| outro discípulo |  |  |
| outro discípulo | entra com Jesus no pàtio | — |
| Pedro | fica fora | — |
| outro discípulo | fala com a porteira e |  |
|  | introduz | Pedro |
| porteira | pergunta-lhe se nao é | Pedro |
|  | um dos discípulos de Jesus |  |
| Pedro | responde que nao | — |
| Pedro | aquece-se ao fogo | — |
| Servos | perguntam-lhe se nao é | Pedro |
|  | um dos discípulos de Jesus |  |
| Pedro | nega | — |
| Parente de Maleo | diz-lhe: nao te vi no | Pedro |
|  | jardim com eie? |  |
| Pedro | negou novamente | — |
| 20,1-10 Madalena | vai a | Pedro e D.A. |
| Madalena | diz que retiraram | Pedro e D.A. |
|  | o Senhor |  |
| Pedro e D.A. | dirigem-se ao sepulcro | — |
| D.A. | corre mais depressa |  |
|  | chega primeiro | Pedro |
| D.A. | nao entra, ve os panos |  |
| Pedro | chega depois | — |
|  | Entra no sepulcro, ve |  |
|  | os linhos e o sudàrio |  |
| D.A. | entrou, viu e creu | — |
| Pedro e D.A. | retomam | — |

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Perícope** | **Agente -♦** | **Influencia verbal exercida** | **-\* Receptor** |
| 21,1-14 | Pedro | diz que vai pescar | discípulos |
|  | Discípulos | dizem que váo com ele | Pedro |
|  | Jesús | diz se nao tém peixe | discípulos |
|  | Discípulos | respondem que nao | Jesús |
|  | Jesús | manda lanzar a rede | discípulos |
|  | Discípulos | lan^am-na e pescam muito | — |
|  | D.A. | diz que é o Senhor | Pedro |
|  | Pedro | atira-se no mar | — |
|  | Jesús | diz para trazerem alguns | discípulos |
|  |  | peixes |  |
|  | Pedro | arrasta para a térra a rede | — |
| 21,15-23 | Jesús | pergunta se ele O ama | Pedro J |
|  | i |  |  |
|  | Pedro | diz que sim | Jesús |
|  | r | — | J |
|  | Jesús | ordena de apascentar | Pedro |
|  |  | os seus cordeiros |  |
|  | Jesús | pergunta se ele O ama | Pedro i |
|  | f | —. | 1 |
|  | Pedro | diz que sim | Jesús । |
|  | r |  | 1 |
|  | Jesús | ordena de apascentar | Pedro |
|  |  | as suas ovelhas |  |
|  | Jesús | pergunta se ele O ama | Pedro i |
|  | f |  | 1 |
|  | Pedro | diz que sim | Jesús  1 |
|  | r | — | J |
|  | Jesús | ordena de apascentar | Pedro |
|  |  | as suas ovelhas e o convida |  |
|  |  | a seguí-Lo |  |
|  | J |  | ——— \_i |
|  | Pedro | pergunta sobre o D.A. | Jesús J |
|  | i' |  |  |
|  | Jesús | diz que isto nao importa | Pedro |
|  |  | a Pedro, e renova o |  |
|  |  | convite para o seguimento |  |

Esta planilha de intera^áo permite constatar que Pedro intera­ge, ao longo de todo o evangelho, com Jesús (6,68; 13,6-9; 13,36-38; 21,15-23), com o Discípulo Amado (13,24), com Maleo (18,10), e com alguns discípulos (21,1). Também permite constatar quem interage com Pedro: André (1,41), Jesús (1,42; 13,6-10; 18,11; 21,15-18), um outro discípulo (18,15), a porteira (18,16), os servos e guardas (18,25), um parente de Maleo (18,26), Maria Ma- dalena (20,2), o Discípulo Amado (20,4; 21,7).

Exceto Jesus, as demais pessoas com quem Pedro interage nao provocam nenhuma retroa^äo, isto é, nao agem estabelecendo urna influencia recíproca: em 13,24, Pedro faz sinal ao Discípulo Amado para que pergunte a Jesus sobre quem Ele está fatando. A a?ào des­te discípulo näo incide, depois, sobre Pedro. Igualmente, quando, em 18,10, Pedro corta a orelha de Maleo, é significativo que o texto nao traga, da parte deste, alguma rea^ao que recaia sobre Pedro. Além disso, chama a aten^äo que a influencia verbal (a^áo) de Pe­dro se refere sempre a algo relacionado com a pessoa de Jesus[[1465]](#footnote-1466): o corte da orelha de Maleo tem como motivado a defesa de Jesus, as- sim como o motivo de seu pedido ao Discípulo Amado visa esclare­cer quem é o traidor de Jesus.

As pessoas que sao agentes na interaeäo com Pedro, por sua vez, revelam os mesmos aspectos, colocando em evidencia sempre, direta ou indiretamente, a pessoa de Jesus: em 1,41-42 — perícope que näo traz nenhuma retroa^ao de Pedro —, temos a insistente in- tera^áo de André, cuja influencia verbal se faz sempre mais precisa e desemboca em Jesus, preparando o encontró de Pedro com Ele[[1466]](#footnote-1467). Desta intera^äo näo se depreende um acento na passividade de Pe­dro ou no dado de que ele é chamado somente em segundo lugar; a énfase está no processo que desemboca no seu encontró com Jesus, com a indicalo de seu nome programático[[1467]](#footnote-1468). Um outro discípulo, em 18,15, introduz Pedro no pàtio do sumo sacerdote, onde estava Jesus, mas a sua intera^äo termina aqui, enquanto Pedro está outra vez com Jesus, ainda que seja para traí-Lo. A cena continua com pessoas que tomam iniciativa de perguntar a Pedro sobre a sua per- ten$a ao círculo de Jesus (18,17.25-26). Ele nega e o texto narra sim- plesmente a sua influencia verbal (Xéyei - elnev - fipv^aaxo), näo se referindo ao receptor (que era antes o agente da pergunta) de sua resposta. Näo se estabelece entre estas pessoas nenhum vínculo de influencia, como näo acontece também em 20,1-10: Maria Madale- na comunica a Pedro e ao Discípulo Amado que retiraram o Senhor do sepulcro. Estes dois discípulos väo ao sepulcro; enquanto näo se fala mais de Madalena interagindo com eles, se insiste muito em descrever progressivamente a aproximaçâo ao sepulcro como lugar da ausência de Jesus[[1468]](#footnote-1469). Embora juntos, nâo é narrada nenhuma in- fluência verbal entre Pedro e o Discípulo Amado, durante o cami- nho, a nâo ser urna constataçâo de que o Discípulo Amado prece- deu Pedro na corrida (rcpoéôpapev táxtov)[[1469]](#footnote-1470). O que eles têm a ver é com Jesus. Do mesmo modo, em 21,7, quando o Discípulo Amado (agente) reconhece que o homem que está na margem é o Senhor, Pedro (receptor) se lança no mar. A palavra do Discípulo Amado é suficiente para colocâ-lo em movimento na direçâo de Jesus, mas nâo provoca urna influência recíproca (interaçâo) entre os dois dis­cípulos.

Desta rede de interaçâo é particularmente significativa a pre- sença do Discípulo Amado. E eia é significativa — e sobre isto pra­ticamente nâo se deu atençâo — enquanto ajuda a colocar em evi- dência o caminho que Pedro percorre rumo a Jesus. Serve para esclarecer a mentalidade de Pedro e a acentuar a sua distância em relaçâo a Jesus, realçando as suas dificuldades, compreensiveis co­mo discípulo, de aderir e dedicar-se espontáneamente a Ele. A re­laçâo Pedro-Discipulo Amado se configura, pois, corno urna relaçâo instrumental, de caminho, interessando-nos enquanto aponta para eles enquanto discípulos e ilumina as suas relaçôes corn o Mestre.

* + 1. *Jesus como o referential de Pedro:*

Esta análise narrativa mostra, ainda, e sobretudo, que é princi­palmente com o pròprio Jesus que Pedro interage. É também Jesus quem mais se dirige a Pedro. É somente entre Pedro e Jesus que te­mos açôes retroativas, continuando o esquema de interaçâo do tipo *Jesus -» Pedro — Pedro -» Jesus* ou, *Pedro -» Jesus — Jesus -> Pe­dro,* em que o agente se dirige ao receptor que, por sua vez, se toma agente enquanto o agente de antes se toma receptor (13,6-11; 13,36-38; 21,15-23).

Existe, na verdade, urna progressiva interaçâo entre Pedro e Jesus, segundo um movimento em que o discípulo se move de suas

concepzóes e seguranzas pessoais e humanas, até conseguir identifi- car-se com a mentalidade de Jesús[[1470]](#footnote-1471). Este movimento focaliza Jesús como aquele que contrasta com Pedro a cada estágio da narrativa, subvertendo o seu equilibrio, estimulando-o ou desafiando-o a to­mar decisdes e empreender novas ázoes, indicando que é em funzao de Jesús que Pedro gravita e é sensível: se em 1,41-42 Pedro nao rea­ge, em 6,67-71, mesmo que Jesús se dirija aos Doze, a reazao nao é destes, mas de Pedro, que, espontáneamente, toma a palavra e fala em nome de todos, evidenciando claramente a sua funzao de repre- sentazao[[1471]](#footnote-1472), mas principalmente revelando, num momento de incre- dulidade generalizada, a sua adesao a Jesús. É aínda Jesús quem póe Pedro ou a sua concepzáo a respeito de Jesús em crise, durante o lava-pés. Temos um verdadeiro embate entre os dois, em que Jesús, conquanto aceite os limites de Pedro (diz que Pedro nao com- preende agora, mas entenderá mais tarde), insiste em cumprir aque­le gesto que se caracteriza, fundamentalmente, por ser urna ante- cipazáo de seu servizo na paixáo e na cruz[[1472]](#footnote-1473). Jesús age, aínda, com um misto de dureza e compreensáo em 13,36-38. Pedro quer enten­der Jesús, mas demonstra que nao consegue: quer saber onde Jesús está indo, e por que nao pode acompanhá-Lo, prometendo dar a vida pelo Mestre. Jesús freia o seu entusiasmo e prediz a sua ne- gazáo, isto depois de deixar subentendido que Pedro terá um futuro diferente[[1473]](#footnote-1474). A tensáo entre o ser de Pedro e o seu seguimento de Je­sús vem mais urna vez acentuada em 18,11, quando Jesús o poe

à prova, mandando embainhar a espada[[1474]](#footnote-1475). No capítulo 21 temos um Pedro sem dúvida marcado pela Paixào de Jesus, mas transfor­mado. Emblemático é o seu comportamento em 21,15-17, onde dei- xa de lado todas as suas próprias seguranzas e concepzòes e, num ciclo de interazào *{Jesus -► Pedro-Pedro -► Jesus — Jesus -► Pedró)* que se repete très vezes, entrega-se decisivamente a Jesus e recebe Dele a sua missào, sendo admitido na mentalidade de Jesus[[1475]](#footnote-1476).

Podemos, portanto, tirar, daqui, duas conclusóes: podemos di- zer que, em Joao, as intercedes de Pedro com as demais pessoas, em especial com o discípulo que Jesus amava, nào sào centráis nem de­terminantes, em si mesmas, nao podendo ser decisivas na definizao da funcào, do «status» ou da condilo de Pedro, seja no quarto evangelho, seja no interior da comunidade joanina. Além disso, e em continuidade, o referencial básico para Pedro é a pessoa e a pro­posta de Jesus. Em última instancia é sempre com Jesus que Simao bate e debate e é Jesus quem direta e indiretamente revela a sua am- bigüidade e a sua falta de preparo para tomar-se verdadeiramente discípulo. Isto nao significa, todavia, que o quarto evangelho seja antipetrino; ao contràrio, a figura de Pedro serve para colocar em maior evidencia a pessoa de Jesus e resume o drama humano de ter que converter-se à sua mentalidade, contando, todavia, com a certe­za, largamente anunciada por Jesus, de que trilhará o mesmo ca- minho do Mestre e Lhe farà adesáo incondicional.

* 1. *A trajetória de Pedro como discípulo:*

A pròpria trajetória que Pedro percorre indica o seu drama de ser discípulo, mostrando que o seu processo de aproximazào a Jesus é marcado pela lentidào e por muitas incompreensoes; ele progride gradual e penosamente, passando, inclusive pelo oposto — isto é, pela negado — do que é ser discípulo de Jesus.

É interessante perceber que a presenta de Pedro no quarto evangelho se dá num «crescendo» que corresponde justamente á evoluto desta sua trajetória: a sua atuazào, que na primeira parte do evangelho[[1476]](#footnote-1477) é de um certo modo discreta (1,41-42; 6,67-71), se acentúa na segunda parte (13,6-11.24.36-38; 18,10-11.15-27; 20,1-10; 21,1-14.15-23), quando o discipulado é marcadamente chamado em causa[[1477]](#footnote-1478). Este percurso, no entanto, pode ser indicado como tendo très ciclos que, embora qualitativamente distintos, se supóem reci­procamente[[1478]](#footnote-1479): urna aproximaçâo inicial; urna fase intermediaria, marcada por um distanciamento de Pedro em relaçâo a Jesús e mo­tivado, principalmente, pela nào compreensâo de Sua pessoa e de Sua mensagem; e a aproximaçâo final[[1479]](#footnote-1480)®.

* + 1. *A fase inicial:*

A aproximaçâo inicial de Pedro a Jesús está inserida na tam- bém fase inicial da Revelaçâo de Jesús (c. 1-12) e se traduz em duas experiencias que apresentam, já, urna imagem assinalada pelo «vir a ser» deste discípulo, que extrapola a sua dimensáo exclusivamente pessoal e aponta para a formaçâo da comunidade crista: 1,41-42 e 6,67-71.

A cena de 1,41-42 visa mostrar como Pedro chega a Jesús e o que acontece neste encontró: André comunica ao seu irmáo que ele e um outro encontraran! o Messias, e conduz Pedro a Jesús. Aparen­temente surpreende um papel excessivamente passivo assumido por Pedro; ele náo diz nenhuma palavra, náo reage nem a André nem a Jesús[[1480]](#footnote-1481). No entanto esta cena é vista sob outra ótica: André con­duz, intencionalmente, Pedro a Jesús, designando este último como Messias. É sob a influência desta compreensâo[[1481]](#footnote-1482) que o quarto evan­gelho apresenta o inicio da relaçâo entre Jesús e Pedro, de modo que podemos perceber, neste passo, algo mais que a pura passivida- de de Pedro. Depreende-se, na verdade, urna certa inquietalo mes­siànica neste discípulo, que, juntamente com a descrivo da atitude de Jesus, demonstra que o evangelista visa algo mais que denunciar a indiferenca em Pedro.

A inquietalo messiànica que traduz a predisposigao de Pedro para o seguimento de Jesus aparece quando André se dirige, em pri- meiro lugar, a este discípulo dizendo que encontraram o Messias. O advérbio de tempo na expressáo eópímcei oírog npmov (1,41a) deixa sub-entendido o caráter de urgencia do encontró com Pedro e com o £Úpf|Kap£v de 1,41b, que, apesar de num primeiro nivel se re­ferir a André e ao outro discípulo, indica que André partilha a sua descoberta com Pedro como alguém com quem partilhava também a busca[[1482]](#footnote-1483), tanto é que Pedro nao oferece nenhuma resistencia. Bas­ta o referimento de André para se colocar a caminho.

O encontró com Jesus é também singular. Acenando à sua si- tuacào atual — Su el Sípov ó uíóg Ta»ávvou (1,42b) —, Jesus frisa a identidade presente de Pedro e o faz ver-se num espelho, reconhe- cendo aquilo que ele está sendo, mas também, subitamente, anuncia a perspectiva que pautará a sua vida, traduzindo-a já no seu nome com as palavras oí) Kqcpág (1,42c)[[1483]](#footnote-1484), acentuando, assim,

nao tanto o que este discípulo é, agora, mas o que será, como fruto de sua experiencia como discípulo.

É só em 6,67-71 que o quarto evangelista, explícitamente, noti­fica que Pedro se expóe. Antes, temos várias referencias aos discípu­los em geral (2,2.17; 3,22; 4,8.27.31; 6,3.19), e a Filipe e André (6,7- 8), mostrando urna sèrie de atividades por meio das quais os discípulos entravam em contato com Jesus e podiam conhecer me- Ihor Aquele a quem estavam seguindo. Neste periodo, portanto, muito sobre Jesus se esclarece; o seu discurso parece duro (oKXqpóg) para muitos (6,60) que abandonam o seguimento (6,66). Tendo seguido Jesus neste período, Pedro pode fazer o seu teste- munho de fé, que é indicativo também do papel que neste período passou a desempenhar no grupo: como porta-voz dos Doze, age de­monstrando aquilo que Jesus significa para ele e para os demais que continuam a seguir Jesus, corrigindo urna concepto errónea sobre a messianidade de Jesus[[1484]](#footnote-1485) e aceitando, com urna adesào incondicio­nal, a auto-revela^ao de Jesus445. Eles decidem permanecer com Je­sus, como conseqüéncia de urna experiencia que se configura agora como um ato de fé definitivo em Jesus e na sua mensagem[[1485]](#footnote-1486).

* + 1. *O distane lamento:*

Pedro, portanto, se entrega totalmente ao seguimento de Jesus. À primeira vista parece urna adesao total, cujo sinai é a absoluta de- cisao de continuar a seguir Jesus, näo vendo em outrem a capacida- de de oferecer-lhe um projeto de vida ao qual valha a pena aderir[[1486]](#footnote-1487). Mas por meio de suas atitudes, à medida que os fatos se sucedem e apontam para a glorificado final de Jesus[[1487]](#footnote-1488), pode-se perceber que seu itinerario como discípulo tinha apenas come^ado. Pedro mani­festa muita generosidade, entusiasmo, impulsividade e amor a Jesus, mas também tem excesso de confianza em si mesmo e em suas possi- bilidades, continuando a pensar segundo suas categorias. Por isso, experimenta urna crescente dificuldade em compreender Jesus e as exigencias para o Seu seguimento.

Assim, Pedro está bem intencionado em 13,6-10, quando näo quer deixar Jesus lavar-lhe os pés, mas corre o risco de, sem saber, excluir-se de Sua sequela[[1488]](#footnote-1489). Na verdade, com a sua reado, mostra

evangelho — que redimensiona as concep^óes messiánicas nao exatas sobre Jesus, e indica o Seu verdadeiro messianismo. Cf. supra, cap. 4, p. 127-128. que nào tem em mente a mesma concepto que Jesus tem de Si e de Sua missao. Surpreende-se[[1489]](#footnote-1490) e nào indo além da materialidade do gesto, nào apreende a importancia deste, porque nào entende o que eie significa. Nào passa pela mente de Pedro[[1490]](#footnote-1491) que o lava-pés é urna antecipaQao da «Hora» de Jesus, e que a verdadeira fé — que ele confessata em 6,69 — implica entrar nesta perspectiva, acolhendo o dom que Jesus está para fazer de Si na Cruz, e sendo disponível pa­ra, a seu tempo, fazer a mesma doa^áo.

Um Pedro dividido entre ingenuidade, incompreensào e vonta- de de acertar, aparece também em 13,36-38, que continua a mostrar os equívocos deste discípulo[[1491]](#footnote-1492). Ele quer estar próximo de Jesus, compreender o ainda misterioso anúncio de Sua partida, mas nào consegue. Porque nào comunga da mesma mentalidade, entende ainda menos (e nao aceita) a promessa de que ele seguirá Jesus de­pois; Pedro quer saber porque nào pode seguí-Lo agora, já que se vé em condi^des de inclusive dar a vida por Jesús[[1492]](#footnote-1493). Mas esta decla- racào de disponibilidade e seqüela incondicionada nào faz mais do que colocar em maior evidencia dramática a tríplice nega^áo que logo em seguida é anunciada por Jesus (13,38b)[[1493]](#footnote-1494).

É durante a Paixào, entáo, que Pedro experimentará seus limi­tes na forma mais contundente. Embora o quarto evangelho seja muito sobrio em discorrer sobre os sofrimentos de Pedro[[1494]](#footnote-1495), deixa transparecer toda a precariedade de seu compromisso e a ambigüi- dade de seu seguimento:

— Em 18,10-11, Pedro se insere na mesma perspectiva vio­lenta que motiva os que se perfílam contra Jesus para aprisioná-Lo, e julga necessàrio defender o seu Mestre recorrendo à mào armada. Por trás disto está o fato de que ele continua apegado ás suas pró- prias seguranzas (que o impedem de entregar-se totalmente a Jesus) e a querer evitar, a todo o custo, a Paixào. Fizera adesào a Jesus, mas nao age nem pensa como Ele[[1495]](#footnote-1496).

— Em 18,15, Pedro continua, ansiosamente e em suspense, a seguir Jesus, mas para e se entretém com os guardas, confundin- do-se entre eles, até que eles percebem a sua presenta e o interro- gam[[1496]](#footnote-1497).

— A negado que Pedro faz de Jesus se configura, no quarto evangelho, como sendo essencialmente a desconfissào de seu disci­pulado, e é apresentada como um momento de irònica transparen­cia: Pedro é coerente, inconscientemente, com as suas convienes, pois nào é discípulo, nem age como tal. Esta sua tomada de posilo ganha mais realce quando Joño a divide em duas partes, intercala­das pelo interrogatorio feito a Jesus (18,19-24), que acontece simul­taneamente, e enfatiza a coragem e a liberdade com que Jesus en­frenta os seus inquisidores.

A «Hora» de Jesus coincide, pois, com a grande crise de Pedro, a qual mostra como a sua adesào a Jesus era superficial e o faz an­dar por descaminhos, negando inclusive aquilo que será a sua expe­riencia definitiva como discípulo que trilha o mesmo caminho do Mestre, porque entende e comunga da Sua mentalidade.

* + 1. *A aproximafao final:*

Nos capítulos 20 e 21 temos o epilogo da experiencia de Pedro com Jesus, que muitos autores a definem como «volta», «retomo»,

«conversao» ou, ainda, «reabilita^áo»[[1497]](#footnote-1498) e que, todavía, será melhor concebida se definida como sendo a sua aproxima^áo final a Jesús, já que o processo de conversao de sua mentalidade percorre todo o evangelho[[1498]](#footnote-1499), o qual nao nó anuncia mas prepara, isto é, cria con- dÍQÓes para a sua experiencia de adesáo total a Jesús, tanto em nivel pessoal, como de missáo.

Em 20,1-10, temos a ida de Pedro e do discípulo que Jesús amava ao sepulcro, mostrada com urna intercalado de movimentos que, com a averiguado do túmulo[[1499]](#footnote-1500), num progressivo movimento de aproximado a Jesús, enfatiza o processo que desemboca na gé- nese da fé pascal, o qual, na pericope, alcanza o seu auge com a de­clarado de que o Discípulo Amado elbev koí éníoTEvoev (20,8), e tem o seu termo no referimento ao caminho interior que os dois discípulos come^am a percorrer (20,10)[[1500]](#footnote-1501), refazendo as suas sínteses pessoais, recuperando ou atualizando atitudes interiores e critérios de comportamento, que os tomam predispostos a agir como verda- deiros discípulos, que, compreendendo as Escrituras, créem na Res- surreido[[1501]](#footnote-1502).

Esta predisposido é evidente em 21,7 e 21,11 e se atua, particu­larmente, no diálogo de 21,15-17.

No primeiro passo, o texto diz sem maiores delongas que o Discípulo Amado, diante dos fatos, disse a Pedro: “É o Senhor!”, e que Pedro se lan^ou ao mar para ir ao Seu encontró. Sintético, o texto traz urna informado que nao só nao é secundária, mas serve a indicar a motivado de Pedro: Tóv énevSÚTqv Ste^ócaTO (21,7b). Com isso, Pedro cumpre um gesto que prefigura a sua entrega es­pontánea e definitiva a Jesús, indicando que vai ao seu encontró pronto para ser discípulo6\*.

Em 21,11, temos também urna pronta reapao de Pedro diante de urna solicitado feita por Jesus para que os discípulos trouxessem alguns peixes recém-pescados: arrastou a rede para a terra. E o evangelista notifica: a rede estava cheia de 153 grandes peixes, e, apesar de serem tantos, eia nào se rompeu. A simbólica aqui usada evoca urna sintonia de Pedro com a missào de Jesus, atribuindo-lhe a capacidade de atrair os homens ao Pai e de custodiá-los na unida- de[[1502]](#footnote-1503), antecipando assim o decisivo diálogo de 21,15-17.

Este diálogo tem urna tríplice pergunta de Jesus, urna tríplice resposta de Pedro, e um tríplice comissionamento de Jesus a Pedro (o terceiro dos quais incluí o anúncio de sua morte) e se concluí com um convite ao seguimento[[1503]](#footnote-1504). Pedro, portanto, nào é mais aquele que nào entendeu Jesus e negou ser Seu discípulo; ao con­tràrio, està se tornando o verdadeiro discípulo, aquele que O se­gue, primeiramente, no exercicio do ministério pastoral, e, depois, «até a morte»[[1504]](#footnote-1505).

Deste modo, se aparentemente poder-se-ia pensar que Pedro perderà o entusiasmo e a generosidade sentida e espontánea de an­tes, pois nào se atreve a afirmar — como o teria feito antes da Pai- xào[[1505]](#footnote-1506) — que eie ama Jesus nkéov toútov[[1506]](#footnote-1507), o que temos nele é luna tomada de consciencia de seus limites, o que faz com que a sua en­trega agora nào seja motivada por seus critérios, mas pela palavra de Jesus que o chama. Assim, embora pareva menos entusiasta, na realidade é agora que a sua adesào se faz mais lùcida e duradoura, pois eie està pronto para seguir Jesus na profundidade da vida de fé. E, de fato, é notòrio o intento de acostar a figura de Pedro àquela de Jesus, nesta perícope: ele é configurado como pastor, à maneira de Jesus; a sua morte ganha sentido sacrificai e serve, corno a de Jesus, para glorificar Deus. Estes dados sao singulares porque é Jesus quem, no evangelho, é Pastor, e, sobretudo, porque o tema da gloria, freqüente em Joao[[1507]](#footnote-1508), tem exclusivamente por sujeito Jesus e o Pai. Esta é a única excedo: quem glorifica Deus, com a sua mor­te, aqui, é Pedro. O quarto evangelho reafirma, assira, runa profun­da uniào entre a figura de Pedro e aquela de Jesus. Com Pedro, em sintese, é a a?ào mesma de Jesus que continua entre os homens. Ve­jamos, entào, como sua apào ou seu ministério se configurara, se­gundo Joño.

1. *A missao de Pedro no quarto evangelho:*

O segundo quadrante de nossa reflexáo final consistirá de dois tópicos: o primeiro, mais conciso, situa a missao de Pedro como de­corrènda e como continuadlo de sua relajo com Jesus, enquanto o segundo, ligando as duas imagens básicas de 1,41-42 e de 21,15-17, se ocupará da missao de Pedro como *Kefas* e como *pastor.* Estes tó­picos permitem-nos ir ao encontró da discussáo, que permanece pendente entre os estudiosos, sobre a natureza da fundió desempe- nhada por Pedro segundo o quarto evangelho, sobre a significadlo de seu nome, bem como sobre a problemática que o capítulo 21 en­cerra[[1508]](#footnote-1509).

* 1. *A missao de Pedro como decorrènda e continuando de sua relafào com Jesus:*

Normalmente nao se percebem o caráter missionàrio do pri­meiro encontró de Jesus com Pedro e a provisoriedade de sua expe­riencia como discípulo que nao entende Jesus, acentuando-se, prin­cipalmente, o dado de que o quarto evangelho é basicamente cristo- lógico e individualistico, enfatizando a necessidade da fé individual como resposta á reveladlo de Jesus, e insistindo fortemente sobre o aspecto da relajo pessoal de Pedro com Cristo, a qual, como a dos demais discípulos, nao assume, em Joao, urna perspectiva missionà­ria que se atua na comunidade eclesial[[1509]](#footnote-1510).

Devemos considerar, no entanto, que o quarto evangelho nao está interessado em mostrar as vicissitudes de Pedro, corn suas crises e fracassos, bem como toda a trajetória que eie percorre como discí­pulo, apenas para reforçar a necessidade de sua fé corno resposta individuai à proposta de Jesus. Temos, entre Jesus e Pedro, urna re- laçâo biunivoca. Pedro coloca Jesus em evidència[[1510]](#footnote-1511), servindo, en- tâo, à causa cristológica do quarto evangelho, mas ao mesmo tem­po, e como um reflexo, é colocado em evidència por Jesus, do qual recebe a sua missao, abrindo, portanto, claras perspectivas eclesio- lógicas.

Destarle, a trajetória que Pedro percorre, segundo o quarto evangelho, tem urna finalidade bem precisa, cujo crivo é a sua expe- riència como discípulo que é questionado e plasmado por Jesus, de maneira que a sua missao é conexa com a sua relaçao com Jesus, sendo, na verdade, decorrência e continuaçâo desta. Com efeito, a sua missao é anunciada em 1,41-42, passo em que a atençâo é foca- tizada sobre a iniciativa de Jesús. É Ele quem acolhe Simáo, trazido por André — que ve em Jesús o Messias esperado —, e de livre ini­ciativa atribui-lhe um novo nome, expressáo do novo caminho de vida que Pedro trilhará, assumindo urna posi^ao chave na forma^áo da comunidade crista. A missáo de Pedro nasce, pois, sob o signo da iniciativa de Jesús, deixando subentendido que a sua realizaQao se dará, também, sob este mesmo signo. E de fato, em 21,15-17, após a partilha dos peixes entre os varios discípulos, Jesús se dedica, exclusivamente, a Pedro, e, aínda por sua iniciativa, atribui-lhe a missáo de apascentar o Seu rebanho, sob o signo de Seu amor e de Seu seguimento. Entrementes, a convivencia com Jesús expóe Pedro (13,6-9; 13,37-38; 18,10; 18,17.25-27) e mostra que, porque ele é chamado a acolher e a guiar os outros (1,42; 21,15-17), deve, antes de tudo, olhar para si mesmo e desprender-se (13,8; 13,36; 18,11; 18,21), porque só a entrega de si mesmo consente pór-se em relacáo, e numa relajo que seja de servido e doacáo, e nao de instrumentali- zacao. O contato com Jesús ensina a Pedro que, para tomar-se guia espiritual, deve-se percorrer junto a estrada, superando as situares de dependencia, compartilhando as asperezas do caminho e os im­previstos que o trajeto reserva. Ensina também que o seu servido só terá sustentado se permanecer em sintonía com Jesús. Por si só, Pe­dro conhecerá muitos limites e sombras e deverá ser reintegrado ou chamado de novo por Jesús[[1511]](#footnote-1512). Por si mesmo, Pedro desviaría a atendo de sua missáo e continuaría a interessar-se pelo que nao de­ve, como indica, em 21,21, a sua preocupado — aínda que bem in­tencionada — com o destino do Discípulo Amado[[1512]](#footnote-1513). Na gratuida- de, Jesús o acolhe, com as suas limitares, e o repetido «Segue-Me» (21,20,21) fica como urna reserva de significado: é, para Pedro, um modo de superar-se sempre e continuar a seqüela. Pedro será sem- pre discípulo.

* 1. *Pedro como* Kefas *e como* Pastor:

A missáo de Pedro é anunciada, a nivel programático, já no seu primeiro encontró com Jesus e, embora nao seja tratada nos passos seguintes, continua como pano de fundo deles — já que, quando apresenta a pessoa de Pedro, o evangelista se interessa em eviden­ciar aqueles aspectos que ajudam a entender os seus condicionamien­tos, as suas dificuldades e o seu processo de amadurecimento em vista de sua missáo — e se completa no capítulo 21 que evoca 1,41-42 e concretiza a missáo de Pedro num contexto e com imagens eminentemente eclesiológicos.

Vejamos como pudemos afirmar a programaticidade de 1,41-42 e a sua imagem comunitària, para depois vermos como esta imagem se concretiza no capítulo 21 através da mediaçâo da imagem do pas­tor, nao sem percorrer, antes, o caminho desta imagem no corpo do quarto evangelho.

* + 1. *O anuncio da missáo de Pedro em 1,41-42:*

A primeira perícope que trata sobre Pedro, 1,41-42, fornece a chave de leitura para a compreensao da concepçâo que o quarto evangelho tem sobre ele, porque assume um caráter de programati­cidade e de missáo.

* + - 1. *O caráter programático de 1,41-42:*

A programaticidade evidencia-se tanto no modo pelo qual acontece o encontró de Pedro com Jesus, como ñas palavras mes- mas que Jesus pronuncia. O encontró de Pedro com Jesus acontece sob os auspicios de um outro programa. De fato, em 1,35-51, te­mos urna grande concentraçâo de títulos cristológicos aplicados a Jesus, entre os quais o de Messias, que, particularmente, assinala a experiéncia dos personagens envolvidos no episodio de 1,41-42. André, após conviver com Jesus, diz a Simào eúpf]Kagev tóv Meooíav. Esta afirmaçâo é o resultado da experiéncia de André e do outro discípulo, resumindo a caminhada que fizeram até aquele momento, mas abre, também, por força do perfeito (£Ópf|KapEv), perspectivas de futuro, de modo que continuará, agora, partilhada com Pedro, a experiéncia da descoberta e da convivéncia com o Messias. Todavia, isto nao significa que André apreenda, no inicio do evangelho, as implicaçôes desta afirmaçâo, mas expressa que, em Joâo, a messianidade de Jesus é proclamada, programática­mente, desde o inicio, e que será progressivamente desenvolvida através da auto-revelaçâo de Jesus, com a conseqüente purificaçào da concepto que os interlocutores de Jesús fazem a respeito do seu messianismo[[1513]](#footnote-1514).

Desta forma, é á luz do programa que desenvolverá para Jesús, que o evangelista apresenta o programa que se referirá a Pedro. E seguindo Jesús *Messias* que Pedro se tomará *Kefas.* Tanto é que a estrutura da perícope relaciona, quiasticamente, os elementos refe­rentes a Pedro e a Jesús, em que B-B’ (v. 41b.42a) concretizam o ter­mo Mecoíag aplicando-o a Jesús, intercalando A-A’ (v.41a.42b), que relacionam Simáo com o novo nome Kqcpag[[1514]](#footnote-1515). O programa K.r)<pa<;, para Simáo, será esclarecido á medida que também ficará mais esclarecido o programa Meooíag atinente a Jesús. Por enquan- to, ele é somente apresentado.

Além disso, ñas próprias palavras ditas por Jesús está contida a programaticidade de Kqtpaq para Simáo. Ao dizer oí) kXtiOtioij Kqcpag, Jesús se refaz a urna tipología que, no Antigo Testamento, é utilizada para assinalar urna nova rela^áo com Deus, segundo o sintagma:

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| negaçâo do nome atual | anúncio do nome novo | motivos para a mudança |

Neste sintagma, o terceiro componente aparece bem mais de­senvolvido, estendendo-se por vários capítulos, e traduzindo aspec­tos que na vida do personagem serviráo para comprovar a mudanza do nome. O personagem passa, entáo, a agir fazendo jus ao novo nome recebido[[1515]](#footnote-1516). Jesús, ao aplicar esta fórmula a Simáo, náo expli­ca os motivos da mudanza do seu nome para Kqcpag. Mas isto náo significa que ele transcure o terceiro componente do sintagma: será com o desenvolver dos acontecimentos que se compreenderáo os motivos, de sorte que podemos asseverar que Simáo agirá para cor­responder áquilo que agora recebe como programa de vida, caben- do, entáo, a questáo sobre em que consiste este programa.

* + - 1. *O nome Kr^cpaq em funfao da missao:*

Tanto á luz, aínda, do estilo literario da mudanza de nome no Antigo Testamento, como em virtude do valor que o nome apresen- ta na mentalidade semítica, podemos dizer que 1,41-42 apresenta o programa da missâo de Pedro: Simáo recebe o novo nome em fu- nçâo de urna missâo[[1516]](#footnote-1517) no seio do movimento de Jesus; por conse- guinte, para a decodificaçào do programa missionàrio de Simáo, ocorre decodificar o vocábulo Kqtpàç[[1517]](#footnote-1518).

Kqcpàç é *hapax legomenon* nos evangelhos e quando deveria re- ferir-se a Simáo com este termo, o quarto evangelista usa nérpoç, urna tentativa de traduçâo para o grego do aramaico \*p — do qual KTjtpâç é urna grecizaçâo —, fazendo com que este vocábulo original permaneça como fonte de significado para a missâo de Simáo.

Urna signifîcaçâo fundamental deve ser definida a partir da for­ça evocativa da etimologia e da teia simbòlica do vocábulo \*p, se­gundo as quais as *Kefas* sâo grutas rochosas que formam urna espé- cie de abrigo natural e gratuito nos lugares afastados e desertos, muito conhecidas pelos habitantes pobres da Palestina, servindo pa­ra abrigar, acolher e proteger os pastores e suas ovelhas, os peregri­nos surpreendidos pela noite, pelo frió e pela tempestade, os fugiti­vos em épocas de invasóes, de guerras e de perseguiçôes, os fracos em busca de recobrarem as suas forças[[1518]](#footnote-1519). Essa signifîcaçâo passa pelo crivo das palavras que no hebraico e aramaico têm o mesmo campo semántico, e do uso vetero-testamentário e judaico. As pa­lavras pK, ms e »bo, apesar de terem sempre algo a ver com a rocha ou com a pedra, têm, sempre, urna signifîcaçâo especifica, que nào se confunde com a de H3- As atestaçôes de Jó 30,6 e Jer 4,29, consideradas tanto no Texto Masorético como na Septuaginta, estâo em linha de continuidade com este significado, como também as cinco atestaçôes distribuidas entre o Targum de Jó (duas) e o livro aramaico de Henoque (très)[[1519]](#footnote-1520).

Assim sendo, esta é, também, a signifîcaçâo que está à base de Jo 1,41-42. Jesus ao atribuir a Simáo um novo nome, o faz em fun- çâo da missâo que este desempenhará. A signifîcaçâo deste nome deve ser buscada no seu contexto semítico, nas atestaçôes do Antigo Testamento e do Judaismo; mas, permanecendo como programático e velado, cada passo em que, ao longo do evangelho, Pedro atua, re­velará alguma faceta desse ser *Kefas,* vindo ao encontró da signifi- caçâo bàsica apontada pelo seu substrato semítico[[1520]](#footnote-1521).

* + 1. *A missào* Kefas *através do quarto evangelho:*

Podemos entrever duas modalidades de acenos que, no corpo do quarto evangelho, focalizam algum aspecto do ser *Kefas* como missào de Pedro: urna negativa e outra positiva.

Negativamente, em dois momentos Jesus deixa transparecer urna situaçâo futura diferente daquela que Pedro experimenta, suge- rindo que o seu falimento como discípulo nao é a sua última possi- bilidade, nao servindo, pois, como categoría para traduzir o ser *Ke­fas* na sua vida.

Em 13,7 e 13,36, respectivamente, Jesus diz:

X) èyò notó cru oôk ol8aç ôpn, yvdxm ôè però rauta e "Onou ÔKàyœ oí> Súvaoaí poi vCv àKoXouOfjoai, àKoX.OD0r|O£iç ÔÈ batepov.

Temos um mesmo esquema na construçâo das duas afîrmaçôes: um dado referente a Jesus (ô èyœ noiœ e ônou UTtâyœ) é impossivel a Pedro, agora (oÔK...dpti e où...vùv), mas lhe será possivel depois (...8è |i£Tà rauta e ...8è uotepov).

Nestes passos, Jesus nào repreende Pedro pela sua falta de compreensâo. É característica de Sua atitude nao emitir juizos sobre a pessoa deste discípulo. Embora o coloque em crise, aceita os seus limites e lhe dá a garantía de que os superará, nao por méritos seus, mas por vontade do pròprio Jesus. Temos, assim, realçada, por um lado, a incapacidade de Pedro, por si sô, isto é, com as suas prô- prias forças, compreender ou poder seguir Jesus; mas por outro la­do, e nao menos evidente, temos assegurado que esta é urna si- tuaçào provisoria8\*. Chegará o tempo — indicado com as partícu­las pEtá rauta e uorepov e contraposto (8é) a um presente definido por dpri e vùv, que deslocam este salto qualitativo de Pedro para após a Ressurreiçâo de Jesus — quando Pedro, como garante Jesus, nao só compreenderá (olSa) o pleno significado do gesto de Jesus, mas farà completa e continuada adesâo, seguindo-O (àKoXouOéœ) na Sua morte e na Sua gloria.

Positivamente, em cada perícope podemos denotar algum as­pecto que caracterize Pedro como *Kefas,* de sorte que esta con- cepçâo percorre, subliminarmente, todos os «passos petrinos» do quarto evangelho.

— Em 6,67-71, Pedro personifica a liderança e a capacidade de, num momento decisivo e de dispersáo, aglutinar o grupo e man- té-lo coeso, sendo o porta-voz dos Doze. Esta sua capacidade, que aparece aínda em 13,21, emana, todavia, nào de suas qualidades pessoais, nem da falta de opçôes ou de oportunidades, nem por nâo terem aonde ir ou a quem seguir, mas da convicçào de que ninguém — a nao ser Jesús — poderá apresentar-lhes um projeto de vida, ao quai valha a pena aderir[[1521]](#footnote-1522). Pedro testemunha que o conhecimento que ele — e o grupo que ele representa — tem de Jesús é estável, profundo, adquirido pela fé[[1522]](#footnote-1523) na revelaçâo de Jesús, que ele agora professa. Emerge, assim, urna característica de Pedro como *Kefas-.* líder dos irmáos, em profunda comunhâo com a Pessoa e a propos­ta de Jesús.

— Ñas varias cenas do capítulo 13 e em 18,10, Pedro apare­ce extremamente ativo, cheio de iniciativas. Em situaçôes de omis- sâo e passividade, Pedro se coloca e se expoe[[1523]](#footnote-1524), nao tendo medo de ser burilado por Jesús. Submete-se a um duro e humilde tirocinio que o faz amadurecer, tomar consciência de suas possibilidades e de seus limites, morrer no «seu eu» e desenvolver a sensibilidade pelas necessidades dos outros. A sua relaçâo com Jesús (e conseqüente- mente a sua religiosidade) é espontánea, transparente e imediata, livre de convençôes, formalismos e de segundas intençôes. No ser *Kefas,* Pedro nâo tem suas verdades para esconder e defender a qualquer preço; nâo teme ser colocado em crise por Jesús, superar as suas contradiçôes e inconsistências, e abrir-se aos demais.

— 18,15-27 apresenta um outro elemento iluminador para o ser *Kefas,* jà que, entre luzes[[1524]](#footnote-1525), evidencia as sombras de Pedro, que recusa, em vez de assumir, a sua condiçâo de discípulo. Pedro, mes- mo como *Kefas,* permanece sujeito ao falimento. Nâo tem assegu- raçâo especial por parte de Jésus. Nesse sentido, é um discípulo a mais, que deve zelar pela sua seqüela. Esta nuança reforça, portan­te, o dado de que Pedro é *Kefas* em constante comunhâo com Jésus.

O ser *Kefas* atrela, portanto, Pedro a Jesús, e ganha consistencia e valor na comunháo com Ele.

* + 1. *A concretizacao da missao de Pedro em Jo 21:*

O capítulo 21 introduz urna nova imagem para a missao de Pe­dro. Embora ele nao seja chamado declaradamente de pastor, assu- me — evocando a sua imagem bíblica[[1525]](#footnote-1526) — as fundes deste, de sor- te que devemos relacioná-lo com a simbólica de *Kefas de 1,41-42,* para denotar a missao de Pedro.

A relado entre a simbólica que encerra o termo *Kefas* e aquela em tomo da imagem pastoral parece, á primeira vista, gratuita, e o único líame que entre elas ¡mediatamente desponta é que sao duas imagens aplicadas a Pedro, urna no inicio e a outra no fim do quar- to evangelho, sem maiores afinidades entre elas. Além disso, que Si- máo seja chamado Pedro nao é nenhuma novidade, os sinóticos também o atestam; que em Jo 21 Pedro receba a fundo de pastor tampouco traz grandes inova^oes, sobretudo quando se considera que no Antigo Testamento Ihwh delegava esta fundo aos «condu- tores» de seu povo.

Todavía, dois aspectos fazem com que a ligado entre estas duas imagens, aparentemente tao distintas, seja procedente e consi­derada, com grande *insight* na pessoa de Pedro, fornecendo dados altamente significativos para a economía do quarto evangelho no que diz respeito á sua conceptúo sobre o discipulado e sobre a pes­soa e a missao de Pedro: a correspondencia entre as duas perícopes em que estas duas imagens sao utilizadas, e a significado mesma que ambas as imagens assumem em Joao.

* + - 1. *A correspondencia entre as duas imagens:*

A relado entre 1,41-42 e o capítulo 21, especialmente os ver­sículos 15-17, fica mais evidente quando se consideram os seus con­textos mais ampios, que apresentam correspondencias tanto em nivel literario como temático.

Colocando 1,19-51 e 21,1-25 num quadro comparativo, no­tamos, ¡mediatamente, a repetido de termos como Simáo, Filho de Joao (1,42; 21,15-17) — único passos em que ocorre esta ex- pressáo —, Natanael[[1526]](#footnote-1527) (1,47-51; 21,2), dois discípulos nao identifi­cados, ¡mediatamente, por nome (1,35.37; 21,2), bem como a aten- ?ao dada aos lugares de procedencia de pessoas (1,43-45; 21,2) e as expressóes *Segue-me* (1,43; 21,19.22), *virou-se para tras e viu* (1,38; 21,20) e outras nao exatamente iguais, mas relativas á identidade de Jesús[[1527]](#footnote-1528), que tém cunho eminentemente teológico[[1528]](#footnote-1529).

Quanto ao dinamismo das perícopes, o chamado em cadeia, com o qual é constituido 1,35-51[[1529]](#footnote-1530), é quebrado quando em vez de Pedro encontrar Filipe é Jesús quem assume este papel (l^)[[1530]](#footnote-1531)\*. Além disso, André e Filipe sao associados a Jesús por meio do ver­bo áKoXouÓéo) (1,40.43), e, com Natanael, fazem urna confissao ou urna declarado a respeito de Jesús (1,41.45.49). De Pedro, no en­tanto, nao se acusa urna rea?ao ao nome recebido, nao se diz clara­mente porque Jesús Ihe atribuí o novo nome nem se explícita a fun- <?ao que assumirá dentro da comunidade crista.

Diante disso, e considerando a trajetória que Pedro percorre no quarto evangelho[[1531]](#footnote-1532), sugerimos que as respostas de Pedro com a profissáo de seu amor por Jesús (21,15-17) — que sao urna madura confissao de entrega e adesao a Jesús[[1532]](#footnote-1533) — e o uso do verbo ÓKoXouOéco (21,19.22) dao plenitude á experiencia de Pedro com Jesús e expostam os elos da cadeia, quebrados em 1,41-42, com a entrada de Pedro em cena, para o fim do evangelho, de modo que, no capítulo 21, Pedro é descrito como experimentando, em plenitu- de, a sua condi^ao de discípulo-apóstolo[[1533]](#footnote-1534), fazendo com que os capítulos 1 e 21 se completem, no que se refere a Pedro, existindo entre eles urna rela^ao de anuncio e cumprimento.

Esta leitura, por um lado, supera pontos de vista reducionistas como aqueles que véem que o chamado de Pedro é estabelecido so­mente no capítulo 21 e que, conseqüentemente, em 1,41-42, Pedro nao é totalmente chamado por Jesús, nao inserindo-se, desde entáo, no seu seguimento[[1534]](#footnote-1535). Por outro lado, leva em considerado a ca- minhada que Pedro efetua ao longo do evangelho, dando sentido as suas quedas e a seu «come^ar de novo», e faz com que á imagem do *Kefas* como definidora, programáticamente, da plenitude de Pedro como discípulo e apóstolo, subentre a da pastoral, com a mesma valencia.

* + - 1. *Valencia das duas imagens:*

As duas imagens sao, pois, evocadas, urna como anúncio — cu KXqGfitrr) Kqtpag —, e a outra como cumprimento — o pastor que apascenta (Pómco/noipaívío) o rebanho de Jesús. A profundidade da unidade entre as duas supóe o valor simbólico imediato de ambas, mas o ultrapassa para alcanzar urna significa^ao funcional aplicada, que assume urna valencia tanto cristológica como ecle- siológica.

1. *Valencia cristológica:*

A valencia cristológica do ser *Kefas* e *Pastor* se atua tanto em virtude da natureza do discipulado, como do modo pelo qual essas duas imagens sao atribuidas a Pedro e da significa^ao intrínseca a elas.

Na narrado sobre a vocaQao dos primeiros discípulos — na qual se insere a de Pedro — e no contexto da confissáo de Pedro (6,67-71), fica muito claro que o fato de ser discípulo depende da decisáo soberana de Jesús e nao da livre escolha de quem se sente atraído por Ele". Por outro lado, Joáo expressa de modo claro e exaustivo, na linguagem que Ihe é peculiar, o sentido dado à con- diçâo de discípulo: «Se vocês guardarem a minha palavra, vocês de fato serâo meus discípulos; conhecerâo a verdade e a verdade liber­tará vocês» (8,31-32). É, pois, por iniciativa de Jesus e na continua fidelidade a Ele que se delineia o caminho do discípulo, cujo àpice é a sua missâo, que tem, portanto, raizes cristológicas.

À luz desta premissa sobre o discipulado, ambas as imagens aplicadas a Pedro sâo trazidas à ribalta por Jesus e mantèm com Eie um vínculo essencial. Elas acontecem em momentos em que Jesus ocupa o centro das atençôes, desfrutando de urna reconhecida auto- ridade, que O toma buscado por todos. Assim, é corno protagonista que Jesus pronuncia, em 1,42, où KXr]0f]oi] Kr|(pàç, e, em 21,15-17, PóoKE/noipaive xa npópatá pou, ligando definitivamente o destino e a missâo de Pedro à Sua pessoa: ser *Kefas* e *Pastor* sâo, no fundo, categorías que emanam de Jesus e traduzem mesmo algo de Sua pròpria pessoa e de Sua pròpria missâo. Ao menos très dados, rela­tivos a 1,41-42 e 21,15-17, vêm ao encontre dessa asserçâo: o fa- zer-se *Kefas* consiste num continuo conformar-se de Pedro à vonta- de e à mentalidade de Jesus — o que se dá no curso do quarto evan- gelho[[1535]](#footnote-1536) —; o paradigma segundo o quai Pedro exercera a sua mis­sâo de Pastor é o pròprio «Ser Pastor» de Jesus, já que a funçâo pastoral de Pedro se configura nos moldes do Bom Pastor de Jo 10, urna imagem, por excelência, cristológica; no comissionamento de Pedro, em 21,15-17, existe urna nítida insistência na constataçâo de que o rebanho é e permanece de Jesus[[1536]](#footnote-1537), de maneira que a relaçâo que Pedro estabelece com o rebanho é de guia e nâo de propriedade. Além disso, o pròprio Pedro permanece subordinado a Jesus, nâo devendo, nunca, perder de vista a sua condiçâo de discípulo[[1537]](#footnote-1538).

As próprias funçôes que as metáforas *Kefas* e *Pastor* em si mes- mas exprimera, sâo prerrogativas de Jesus. A compreensâo do povo de Deus como um rebanho é parte de um simbolismo quase que na­tural[[1538]](#footnote-1539). Em Ezequiel 3410\*, o profeta denuncia os chefes corruptos de Israel como falsos pastores de Deus[[1539]](#footnote-1540). Em vez de nutrir o re- banho, eles o pilham; em vez de protegé-lo, deixam que vague des­norteado, e, disperso, seja devorado pelos animáis selvagens. Os pastores, portanto, devem ser depostos de seus oficios, e o pròprio Deus guardará suas ovelhas, como um pastor guarda seu rebanho num dia escuro e nublado. Ele as conduzirá para fora do seu lugar de exilio, reunirá o rebanho disperso e o conduzirá para a terra on­de ele encontrará boa pastagem. Deus nutrirá suas ovelhas e Ihes dará repouso e elas O conhecerao; Deus, as salvará e colocará um Pastor á frente délas. Para o quarto evangelista, esta profecía é as- sumida plenamente por Jesus que, em Jo 10, se auto-proclama *Bom Pastor[[1540]](#footnote-1541).* Ele fala das ovelhas que sao pilhadas por salteadores, ne- gligenciadas por mercenários, dispersadas e dilaceradas por lobos. Mas o *Bom Pastor* as salva dos lobos, ele as conhece e trará outras ovelhas de um rebanho diferente, e haverá um só Pastor e um só re­banho. Jesus acusa tanto aqueles que roubam, matam e destroem o rebanho (10,1.10), como os mercenários que abandonam o rebanho ao lobo (10,12-23), e, em contraste com estes, se apresenta como Único Pastor, que conduz as ovelhas, fomece-lhes pastagens, as traz de volta quando se dispersam, livra-as do lobo, realiza a salvalo délas, dando a vida por elas (10,28). Essa seqüéncia de atribuicòes do *Bom Pastor* nào só é transferida para Pedro, em 21,15-17, mas està em intima rela$ào com as atribuicòes implícitas em *Kefas.* Esta simbòlica, como vimos[[1541]](#footnote-1542), pertence a um campo semántico que tra- duz a idéia de invòlucro, protecào, cobertura, defesa, nào se diferen­ciando das idéias-mestras que pautam a a^ao do Bom Pastor: prote­ger, nutrir, guardar, reunir, conduzir, manter a unidade[[1542]](#footnote-1543).

Assim, as duas imagens atribuidas a Pedro como caracterizado- ras de sua missào sào prenhes de urna conotacào «istològica, intro- duzindo novas categorías na cristologia joanina, mas sendo, tam- bém, por esta preservada e reforjada, de sorte que esta valencia é o crisol da missào de Pedro, colocando-a em continualo á de Jesus.

1. *Valencia eclesiológica:*

Cercar, guardar, proteger, defender, envolver, conduzir, recon- duzir, apascentar, guiar, acolher, reunir sào termos que se interca- lam numa seqüéncia que, como denominador comum das imagens de *Kefas* e *Pastor,* evocam a dimensao relacional da missao de Si- máo, assumindo urna valencia altamente comunitaria, fazendo com que a simbólica de *Kefas* e *Pastor* seja elemento constitutivo de ecle- siologia, fornecendo, portanto, dados para a eclesiologia do quarto evangelho. Vejamos como as duas imagens real^am características definidoras de eclesiologia e as implica?óes que délas aparecem para a eclesiologia do quarto evangelho.

*Kefas* é um rochedo escavado, urna gruta. Pode-se entrar nela, refugiar-se na caverna como pastor, como ovelha, peregrino, perse­guido, pobre, necessitado. Esta gruta torna-se asilo protetor, mora- dia, abrigo, casa do pobre e do marginalizado, dos pastores e das ovelhas ao relento, dos perseguidos por ladróes e malfeitores.

A imagem da gruta evoca, naturalmente, a idéia de assembléia. Alias, igreja, na concepto semítica e bíblica, tem um marcado significado que aponta para a comunidade de pessoas, reunidas em assembléia, convocadas por Deus[[1543]](#footnote-1544).

Assim sendo, Joáo apresenta urna feliz imagem para o seu modelo eclesiológico: as pessoas abrigam-se dentro de grutas! É dentro da gruta que elas sao convocadas, acolhidas, reunidas. Pe­dro é, entao, esta gruta. Desponta, por conseguinte, urna imagem eclesiológica única na missao que Jesús Ihe atribuí: é dentro desta gruta que Jesús vai gerar, reunir, construir, consolar, proteger, guiar, acolher, o seu povo[[1544]](#footnote-1545).

A simbólica *pastoral* explicita, ainda mais, a valência eclesioló- gica ínsita na simbólica do *Kefas,* detalhando a missâo de Simáo Pe­dro com urna tríplice asserçâo:

Bóokg tú ápvía poo noígatve xa npópará pou Bógke tú npopáuá pou.

Gâchter constata que, na literatura do Oriente Próximo, exis- tem exemples que mostram o costume de se repetir urna coisa très vezes, e que isto ocorre quando se trata de solenizar um testemunho ou nos casos de contratos que conferem algum tipo de direito ou de disposiçâo legal. Apoiando-se nesta constataçâo, ele sustenta que na cena de 21,15-17, construida artificialmente em torno da tríplice re- petiçâo, temos também urna fórmula jurídica de conferimento ofi­cial de um mandato, em que Pedro recebe urna funçâo característica especial de Pastor[[1545]](#footnote-1546). Porquanto seja inadequada urna interpretaçâo estritamente jurídica deste passo[[1546]](#footnote-1547), nao se pode negar o encargo, como autoridade, delegado por parte de Jesús, e, portanto, a parti- cipaçâo de Pedro na missâo designada pelo Pai a Jesús de proteger e guiar os homens que fazem parte de seu rebanho[[1547]](#footnote-1548). Pedro recebe a incumbencia de apascentar o rebanho, chamando em causa a sim­bólica pastoral, a partir da quai, e principalmente à luz do Antigo Testamento, é possivel considerar que o seu ministério implica urna certa autoridade sobre o rebanho[[1548]](#footnote-1549). No entanto, nao tem sentido procurar, em 21,15-17, um ato formal do oficio ou do Primado de Pedro, ou algo que fundamente essas instituiçôes. O evangelista está consciente da autoridade apostólica conferida a Pedro por Jesús, mas isto é apenas um lado da questáo. Temos que considerar, tam­bém, que a combinaçâo da terminologia utilizada em 21,15-17 e o seu paralelismo com Jo 10 determinara a forma como Pedro desem- penhará a sua autoridade:

— Mesmo nao podendo fazer urna distinçâo absoluta entre os pares PôtTKw/IIoijiaivœ e ápvíov/npóParov, pudemos reter[[1549]](#footnote-1550) que Póctke xá ápvía pou traduz a apáo de prover alimento para os cordeiros que necessitam ser alimentados, ao passo que Iloípaive xá npópatá pov se refere, mais específicamente, á condupao das ove- Ihas que, mesmo crescidas, tém necessidade de ser guiadas, en- quanto a combinapáo dos termos na terceira asserpao (Pógke xá npopáxiá pov) está a traduzir a universalidade do rebanho, sem perder de vista a especial cura pelos pequeños.

— O conteúdo da imagem pastoral do capítulo 10 é transfe­rido, em Jo 21, para Pedro, num caso único em que um dos símbo­los crístológicos joaninos mais significativos[[1550]](#footnote-1551) se alarga de Jesús a um discípulo, iluminando a perspectiva eclesiológica do quarto evangelho: em 10,1-18, o trapo distintivo do pastoreio de Jesús nao é a autoridade ou o poder que exerce sobre o rebanho, mas o conhe- cimento íntimo das ovelhas e o amor que Ihes dedica. Na guia da comunidade crista, Pedro terá as mesmas características do Bom Pastor: deverá conhecer e apascentar as ovelhas, conduzindo-as á pastagem, vigiando-as para manter a unidade, protegendo-as dos perigos e dando a vida por elas.

A combinapáo entre *Kefas* e *Pastor* mostra urna nova perspecti­va para o ser Igreja; gera urna dimensao que enfatiza mais a simbó­lica da missáo do que o seu aspecto institucional. O exercício da au­toridade de Pedro é integrado na estrutura de servipo; além de nem sequer cair na suspeita de ser dominio sobre a comunidade, ele tem, sempre, o caráter de entrega servipal e se abstrai de elementos poste­riormente cristalizados, de sorte que o oficio pastoral e o Primado sao categorías que nao sao abrangidas por esta imagem, nao fazen- do, pois, parte do ideário do evangelista[[1551]](#footnote-1552). A autoridade de Pedro, a modelo de Jesús, se configura como conhecimento, dedicapáo, gratuidade, entrega, familiaridade, afetividade, solicitude, protepáo, guia, condupáo, acolhimento, reuniáo, sendo urna garantía para que o povo de Jesús encontré um referencia! e se mantenha na unidade. Sao estas as categorías que Pedro abrapou e que devem pautar a or- ganizapao da Comunidade Crista, segundo o paradigma joanino.

NOTAS CONCLUSIVAS FINAIS

Á guisa de conclusáo, podemos dizer que a conceppao feita pe­lo quarto evangelho acerca de Pedro póe énfase no caminho que ele percorre como discípulo, mas incide, também, na conceppao eclesio­lógica do evangelista.

O percurso que Pedro faz, no evangelho de Joâo, nâo é aleato­rio. Segue urna linha fundamental que o faz confrontar-se constan­temente com Jesus e lentamente assumí-Lo como seu referencial. Nesse sentido, Joäo é multo sobrio em discorrer sobre as falhas de Pedro e em apresentar suas reaçôes fináis, nâo acrescentando, prati­camente, comentários pessoais que indiquem posicionamento ou julgamento a respeito de Pedro. Qualquer tomada de posiçâo em re­laçâo a Pedro, antes do capítulo 21, é parcial e nao respeita a in- completeza de sua experiência. Para o quarto evangelista é claro que Pedro vai assimilando a mentalidade de Jesus e preparando-se para o discipulado, nâo devido a suas qualidades humanas e espirituais, mas à escolha de Jesus. E isto nâo constitui nenhum demérito para Pedro. Antes, funciona como alerta que extrapola a experiencia de Pedro e nos adverte: ele e nós, no seguimento de Jesus, corremos, por nós mesmos, o risco de agir segundo a nossa mentalidade e nâo encamarmos radicalmente o Seu projeto.

A énfase no discipulado de Pedro suscita, ainda, urna dùplice perspectiva:

— Enquadra-se na maneira pela qual o quarto evangelista concebe o discipulado, que representa dignidade prioritària na ecle- siologia joanina, cuja grandeza é determinada pela relaçâo de amor com Jesus. Na verdade, o itinerario de Pedro e o seu destino sáo urna prova de que, no seu papel como *«Gruta e Pastor»,* foi dada prioridade ao amor ao discipulado.

— Concorre decisivamente para que o discipulado nâo pare e nâo se satisfaça somente com a íntima uniâo ou comunhäo com Jesus, fazendo com que os discípulos constituam um grupo fechado, que se basta a si mesmo, se acolhe, se ajuda e se ama, mas que nâo se abre às necessidades e às exigéncias do mundo circundante. Essa é justamente a grande força da conotaçâo eclesiológica da atuaçâo de Pedro no quarto evangelho. E dentro da simbólica da Gruta e do Pastor, o cerne da eclesiologia reside numa relaçâo pessoal e perma­nente com Jesus, que é o critèrio legitimador para o carisma de Pe­dro como líder do grupo dos Doze e para a sua autoridade no ser- viço à comunidade. Esta conexáo, ainda, descarta um possível criti­cismo em relaçâo aos oficios e funçôes na comunidade, superando leituras que — rechaçando essas categorías ou retendo-as irrelevan­tes — consideram que, para o quarto evangelista, o importante é o discipulado. Pedro como Gruta e Pastor contribui para que a ecle­siologia do quarto evangelho seja peculiarmente formada pela cris­tologia. Estas sâo imagens que o mantém ligado a Jesus e fornecem os critérios de seu relacionamento com as outras pessoas. Joâo evita imagens que possam levar a relacionar Pedro com Jesus e com a Igreja como alguém que já passou ou como urna presença fría e inerte. Ao contràrio, usa imagens carregadas de dinamicidade e afe- tividade que mantêm, para a eclesiologia joanina, urna orientaçâo cristológica de fundo. Em vez de entrar na Vida Eterna ou no Reino de Deus como num lugar, precisamos inserir-nos em Jesus — é o pròprio Jesus quem, para o quarto evangelho, encama em si o Rei­no de Deus (3,3.5) e se revela como a Vida (14,6)! — para fazer par­te de Sua comunidade. Este é o caminho percorrido por Pedro, que é a Gruta e o Pastor que acolhe e guia o povo de Jesus. Destarte, Kefas e a imagem pastoral sâo fontes de significado para entender- mos o discipulado e a missâo de Pedro. Mas elas também fornecem urna tipologia — ainda que às avessas, já que fala da Gruta e nâo de quem entra nela; do Pastor, e nâo de quem é guiado por ele — que ilumina a Comunidade Crista segundo o quarto evangelho. Quem acorre à Gruta em busca de seu acolhimento, siléncio, intimi- dade, familiaridade, proteçâo? Quem é rebanho de Jesus, que tem necessidade de continuar a ser guiado pelo Pastor? Essas sâo pers­pectivas que decorrem das duas imagens e apontam para o lugar so­cial e teológico da comunidade crista na ótica joanina, e que, por força, ficam, aqui, em aberto.

**BIBLIOGRAFIA**

1. *FONTES E SUBSÍDIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS.*

Aland, K., *Synopsis of the Four Gospels* (Greek-English Edition of the *Synopsis Quattuor Evangeliorum),* Stuttgart, 81987.

Aland, K., *Vollständige Konkordanz zum griechischen Neuen Testament: Unter Zugrundelegung aller kritischen Textausgaben und des Textus Receptus,* I-III, Berlin-New-York, 1978-1983.

Aland, K.-Black, M.-Martini, C.M.-Metzger, B.M.-Wirgren, A., *The Greek New Testament,* London, 31975.

Benoit, P.-Boismard, M. É., *Synopse des Quatre Évangiles en Français avec parallèles des Apocryphes et des Pères,* I-II, Paris, 1972.

Hatch, E.-Redpath, H. A., *A Concordance to the Septuagint and the Other Greek Versions of the Old Testament,* I-III, Oxford, 1897.

Lisowsky, G., *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament,* Stuttgart, 1958.

Morgenthaler, E., *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes,* Zurik- Frankfurt am Main, 1958.

Morrison, C., *An Analytical Concordance to the Revised Standard Version of the New Testament,* Philadelphia, 1979.

Nestle, E.-Aland, K., *Novum Testamentum Graece,* Stuttgart, 261987.

Pesch, R., *Synopse nach Johannes. Mit einer Auswahl-konkordanz bearbei­tet und Konkordanz übersetzt von R. Pesch,* Zurich, 1981.

Poppi, A., *Sinossi dei Quattro Vangeli. Introduzione generale e commenta,* I-II, Padova, 1990.

Séguineau, R.-Odelain, O., *Concordance thématique du Nouveau Testa­ment,* Paris, 1989.

Storniolo, I-Balancin, E., *Biblia Sagrada. Ediçao pastoral,* Sao Paulo, 1983.

Wigram, G. V., *The Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance of the Old Testament,* London, 51963.

Wright, A., *A Synopsis of the Gospels in Greek with Various Readings and Critical Notes,* London, 31906.

1. *BIBLIOGRAFIA GERAL UTILIZADA:*

Abbott, E.A., *Johannine Grammar,* London, 1906.

Abbott, E.A., *Johannine Vocabulary. A Comparison of Words of the Fourth Gospel with those of the Three,* London, 1905.

Abogunrin, S. O., “The Three Variant Accounts of Peter’s Call: A Critical and Theological Examination of the Texts (Jn 21,1-19)”, *NTS* 31 ;1985) 587-602.

Ackroyd, P. R., “The Hundred and Fifty-three Fishes in Joh XXI, 11”, *JTS* 10 (1959) 94.

Agnew, F., “Vocatio primorum discipulorum in traditione synoptica - Mk 1,16-20; Mt 4,18-22; Lk 5,1-11; Jn 1,35-51”, *VD* 46 (1968) 129-147.

Agourides, S., “Peter and John in the Fourth Gospel”, in F. L. Cross (ed.), *Studia Evangelica,* IV, Berlin, 1968, p. 3-7.

Agourides, S., “The Purpose of John 21”, in B. L. Daniels-M.J. Suggs (ed.), *Studies in the History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Ciarde,* Utah, 1967, p. 127-132.

Albright, W. F., “A Biblical Fragment from the Maccabaean Age: The Nash Papyrus”, *JBL* 61 (1937) 145-176.

Albright, W. F.-Mann, C. S., *Matthew* (The Anchor Bible, 26), New York, 1971.

Allen, L.C., *Ezekiel 20-48* (Word Biblical Commentary, 29), Dallas- Texas, 1990, p. 155-165.

Alonso Schökel, L. *Manuale di Poetica Ebraica,* Brescia, 1989.

Alonso Schökel, L., *[Dónde está tu hermano? Textos de fratenidad en el libro del Génesis* (Institución San Jerónimo, 19), Valencia, 1985.

Alonso schökel, L.-Sicre Diaz, J., *Job. Comentario teológico y literario* (Nueva Biblia Española), Madrid, 1983.

Alonso Schökel, L.-Sicre Diaz, J., *I Profeti,* traduçâo do original espanhol *Los Profetas,* Madrid, feita por T. Tosatti-P. Brugnoli, Roma, 1984.

Ambrosius, *Expositio Evangelii secundam Lucam, PL* 15, 1607-1944.

Annen, F., *Heil für die Heiden. Zur Bedeutung und Geschichte der Tradition vom besessenen Gerasener. Mk 5,1-20, par.,* Frankfurt am Main, 1976.

Asensio, F., “Jeremias”, in J. Leal (ed.), *La Sagrada Escritura. Texto y comentario. Antiguo Testamento* (BAC, 312), Madrid, 1970, p. 409-639.

Aubineau, M., “La tunique sans couture. Exégèse patristique de Jean 19,23-24”, in P. Granfield-J. A. Jungmann (ed.), *Kyriakon. Fest­schrift Johannes Quasten,* Munster, 1970,1, p. 100-127.

Augustinus, *Enarratio in Psalmum, PL* 37, 1168.

Augustinus, *Sermones,* Traduçôes de P. Bellini-F. Cruciani-V. Tanulli, Roma, 1984.

Augustinus, *Tractatus in Iohannis Evangelium, PL* 35, 1019-1976.

Bacon, B. W., *The Fourth Gospel in Research and Debate,* New York, 1910.

Bailly M. A., *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français,* Paris, 1901.

Balaguê, M., “La prueba de la resurrección (Jn 20,6-7)”, *EstBib* 25 (1966) 169-192.

Barclay, W., *“Akolouthein:* The Disciple’s Word”, in Id., *New Testament Words,* London, 1964, p. 24-28.

Barclay, W., *“Ekklesia'.* The God’s Church”, in Id., *New Testament Words,* London, 1964, p. 44-47.

Barrett, C.K., *The Gospel according to St. John. An Introduction With Commentary and Notes of the Greek Text,* London, 1962.

Bartholomew, G.L., “Feed my Lambs. John 21,15-19 as Oral Gospel”, *Semeia* 39 (1987) 69-96.

Bauer, W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature,* traduçâo e adaptaçào feita por W. F. Amdt-F. W. Gingrich, do original alemäo *Griechisch-Deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der übrigen urchristlichen Literatur,* Berlin, \*1949-1952, Chicago-London, 1957.

Bauer, W. *Das Johannesevangelium* (Handbuch zum Neuen Testament, 6), Tübingen, 1933.

Bauernfeind, O., nàxogai, *GLNTNX,* 1427-1430.

Bauernfeind, O., rpéz©, *GLNTXm,* 1411-1431.

Baumgartner, W.-Koehler, L., *Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament,* I-IV, Leiden, 1967.1974.1983.1990.

Beasley-Murray, G. R., *John,* Waco, TX, 1987.

Beawery, R., “Voulez-vous partir, vous aussi? - Jn 6,60-69”, *AssSeign* 52 (1974) 44-51.

Becker, J. *Das Evangelium nach Johannes,* I-II, Gûtersloh-Wûrzburg, 1979.

Beekmann, P. *L’Évangile selon St. Jean d’après les meilleurs auteurs ca­tholiques,* Bruges, 1951.

Beigbeder, O., *Lexique des symboles,* Yonne, 1972.

Benoit, P., “Marie-Madeleine et les disciples au tombeau selon Joh 20,1-18” *BZNW 26* (1960) 141-152.

Benoit, P., *Passion et Résurrection du Seigneur* (Lire la Bible, 6), Paris, 1966.

Benoit, P., “La Primauté de saint Pierre selon le Nouveau Testament”, *Istina* 2 (1955) 305-334.

Benoit, P., “Rassegna su «Pietro nel Nuovo Testmento», di Brown e altri”, *RB* 87 (1980) 459-460.

Benoit, P., “Saint Pierre d’après O. Cullmann”, in Id., *Exégèse et Théo­logie,* II, Paris, 1961, p. 285-308.

Bernabë, C., “Trasfondo Derasico de Jn 20”, *EstBib* XLIX (1991) 209-228.

Bernard, J. H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to St. John* (The International Critical Commentary), I-II, Edinburg, 1953-1958.

Best, E., “Peter in the Gospel according to Mark”, *CBQ* 40 (1978) 547-558.

Betz, J., “Christus, Petra, Petrus”, in J. Betz-H. Fries (ed.), *Kirche und Überlieferung. Festschrift für J. R. Geiselmann,* Freiburg, 1960, p. 1-21.

Bianchi, E., “II Ritomo di Pietro”, *ParSpV* 2 (1990) 173-197.

Blank, J., “The Person and Office of Peter in the New Testament”, *Concilium* 83 (1973) 42-55.

Blass, F.-Februnner, A., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento,* (Supplementi al *Grande Lessico del Nuovo Testamento,* 3), Brescia, 1982.

Blinzler, J., *Johannes und die Synoptiker,* Stuttgart, 1965.

Blinzler, J., *El Proceso de Jesus. El proceso judío y romano contra Jesucristo, expuesto y juzgado según los más antiguos testimonios,* traduçâo do original alemao *Der Prozess Je su,* Regensburg, feita por J. Muñoz, Barcelona, 1959.

Bockel, P., “L’Appel”, *MondeB* 27 (1983) 4-5.

Boismard, M.É., *Du Baptême a Cana - Jean 1,19-2,11.* (Lectio Divina, 18), Paris, 1956.

Boismard, M.É., “Le chapitre 21 de saint Jean: Essai de critique litté­raire”, *RB* 54 (1947) 473-501.

Boismard, M.É., “Le lavement des pieds (Jn 13,1-17), *RB* 71 (1964) 5-24.

Boismard, M. É., “Problèmes de critique textuelle concernant le Quatrième Évangile”, *RB* 60 (1953) 347-371.

Boismard, M. É.-Lamouille, A., *L'Évangile de Jean. Synopse des quatre Évangiles en Français,* tome III, Paris, 1977.

Boisacq, E., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque étudié dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes,* Heidelberg,41950.

Bonningues, M., *La Foi dans l'Évangile de Saint Jean,* Brussels, 1955.

Borgen, P., “John and the Synoptics in the Passion Narrative”, *NTS* 5 (1958-59) 246-259.

Bornkamm, G., “Ser discípulo”, in Id., *Jesús de Nazaret* (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 13), traduçâo do original alemâo *Jesus von Nazareth,* W. Kohlhammen, 81968, feita por S. Pablos, Salamanca, 21982, p. 151-159.

Bosetti, E., *Il Pastore. Cristo e la chiesa nella prima lettera di Pietro* (Associazione Biblica Italiana - Supplementi alla Rivista Biblica, 21), Bologna, 1990.

Bosetti, E., *La Tenda e il Bastone. Figure e simboli della pastorale biblica,* Milano, 1992.

Bosetti, E., “La terminologia del pastore in Egitto e nella Bibbia”, *BbbOr* 140 (1984) 75-102.

Botha, J. E., “The Case of Johannine Irony Reopened -1: The Problematic Current Situation”, *Neotestamentica* 25 (1981) 209-220.

Botha, J. E., “The Case of Johannine Irony Reopened - II: Suggestions, Alternative Approaches”, *Neotestamentica* 25 (1981) 221-232.

Boyle, J. L., “The Last Discourse (Jn 13,31-16,33) and Prayer (Jn 17): Some Observations on their Unity and Development”, *Biblica* 56 (1975) 210-222.

Braun, F.-M., *Évangile selon saint Jean* (La Sainte Bible, 10), Paris,31951.

Breck, J. “John 21: Appendix, Epilogue or Conclusion?”, *SVlad* 36 (1992) 27-49.

Bright, J., *Jeremías. Introduction, Translation and Notes* (The Ancor Bible, 21) New York, 1965.

Brown, F.-Driver, S. R.-Briggs, C. A., *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament,* Oxford, 1962.

Brown, R. E., *La Comunità del Discepolo Prediletto, Luci e ombre nella vita di una chiesa al tempo del Nuovo Testamento,* traduQao do originai inglés *The Community of Beloved Disciple,* New York, 1979, feita por G. Natalini, Assisi, 1982.

Brown, R.E., “The Date of the Last Supper”, *BiToday* 11 (1969) 727-733.

Brown, R.E., *The Gospel according to John.* A New Translation with Introduction and Commentary (The Anchor bible, 29-29 A), New York, I-II, 1966, 1970.

Brown, R. E., *As Igrejas dos Apostolos,* tradugao do original ingles *The Churches the Apostles Left Behind,* Ramsey-N.J., 1984, feita por I. F. L. Ferreira, Säo Paulo, 1986.

Brown, R.E., “Jo 21 and the First Appearance of the Risen Jesus to Peter”, in É. Dhanis (ed.), *Resurrexit. Actes du Symposium Interna­tional sur la Résurrection de Jésus.* Rome 1970, Città del Vaticano, 1974, p. 246-265.

Brown, R.E., *La Passione nei Vangeli,* tradugäo do original inglés *A Crucified Christ in Holy Week. Essays on the Four Gospel Passion Narratives,* New York, 1986, feita por E. Gatti, Brescia, 1988.

Brown, R. E., “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, in Brown, R. E.- Donfried, K. P.-Reumann, J. (ed.), *Pietro nel Nuovo Testamento* (Bibbia e Rinnovamento), traduco do originai inglés *Peter in the New Testament,* New York-Paramus-Toronto, 1973, feita por S. Lugato, Roma, 1988, p. 151-171.

Bultmann, R., “Die Frage nach dem messianischen Bewusstsein Jesu und das Petrusbekenntnis”, *ZNW* 19 (1919/20) 165-175.

Bultmann, R., yivdxrKio-YVGxyTÓc;, *GLNTÚ,* 461-542.

Bultmann, R., *The Gospel of John. A Commentary,* traduQäo do original alemäo *Das Evangelium des Johannes,* Göttingen, 1964, feita por G. R. Beasley-Murray, Oxford, 1971.

Bultmann, R., *The History of the Synoptic Tradition,* Oxford, 1963.

Bultmann, R., jucrrevo), *GLNT* X, 337-488.

Büchsel, F. 8i8copi, *GLNTB,* 1171-1190.

Caba, J., *Cristo, Pan de Vida. Teologia eucaristica del IV Evangelio. Estudio exegético de Jn 6* (BAC, 531), Madrid, 1993.

Caba, J., *De los Evangelios al Jesús Histórico. Introducción a la Cristologia* (BAC, 316), Madrid, 21980.

Caba, J., *Resucitó Cristo, mi esperanza. Estudio exegético* (BAC, 475), Madrid, 1986.

Campenhausen, H. Von, “Zur Auslegung von Joh 13,6-10”, *ZNW* 33 (1934) 259-271.

Cancian, D., “Il Discepolo Amato nel IV Vangelo”, *Par Vi* 29 (1984) 278-289.

Caragounis, C.C., *Peter and the Rock* (Beiheft zur Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche, 58), Berlin-New York, 1990.

Carbone, S. P.-Rizzi, G., *Le Scritture ai tempi di Gesù. Introduzione alla LXX e alle antiche versioni aramaiche,* Bologna, 1992.

Carniti, C., “L’espressione «il Giorno di IHWH»: Origine e evoluzione semantica’’, *BbbOr* 12 (1970) 11-25.

Carson, D. A., *The Gospel according to John,* Grand Rapids-MI, 1991.

Cassien, B., “John XXI”, *NTS* 3 (1956-1957) 132-136.

Cassien, B., “Saint Pierre et l’Église dans le Nouveau Testament - Le problème de la primauté”, *Istina* II (1955) 261-302.

Cerfaux, L., “La charité fraternelle et le retour du Christ (Jn XIII, 33-38)”, *ETL* 24 (1948) 321-332.

Cerfaux, L., *“Kyrios”, DBS* V, 200-228.

Cerfaux, L., “Les Miracles, signes messianiques de Jésus et oeuvres de Dieu, selon l’évangile de saint Jean”, in L. Cerfaux-J. Coppens-B. Rigaux (ed.), *L’Attente du Messie* (Recherches Bibliques), Desclée de Brouwer, 1958, p. 131-138.

Chantraine, P., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots,* I-II, Paris, 1968.

Chantraine, P., “Les nomes de l’agneau en grec: àpf|v et àpvôç”, in J. Bengler-O. Kuss (ed.), *Corolla Linguistica. Festschrift E. Sommer,* Wiesbaden, 1955, p. 12-19.

Chaplin, R. N., *Evangelho de Joño* (O Novo Testamento interpretado versículo por versículo, IV), Sâo Paulo, 1983.

Charbonneau, A., “L’Arrestation de Jésus, une victoire d’après la facture interne de Jn 18,1-11”, *ScEsp 34 (1982) 155-170.*

Charbonneau, A., “L’Interrogatoire de Jésus d’après la facture interne de Jn 18,12-27”, *ScEsp* 35 (1983) 191-210.

Charlesworth, J.H., “Has the Ñame «Peter» Been Found among the Dead Sea Scrolls?”, in B. Mayer (ed.), *Christen und Christliches in Qumranl,* Regensburg, 1992, p. 213-223.

Charlier, J. P., “La notion du Signe (chhieïov) dans le IVe évangile”, *RSPT 43* (1959)434-448.

Charpentier, È., “Jour de Pâque: Le tombeau vide (Jn 20,1-9)”, *EV* 79 (1969) 262-266.

Chrysostomus, J., *Homiliae LXXXVIII in Joannem, PG* 59,23-482.

Cipriani, S., “La Confessione di Pietro in Giov 6,69-71 e i suoi rapporti con quella dei Sinottici (Me 8,27-33 e paralleli)”, in AA.W., *San Pietro. Atti della XIX Settimana Biblica,* Associazione Biblica Italiana, Brescia, 1967, p. 93-111.

Cipriani, S., “Pietro nei Sinottici”, *MiscFranc* 74 (1974) 318-345.

Cirlot, J. E., *Diccionario de Símbolos,* Barcelona, 1969.

Claudel, G. *La Confession de Pierre. Trajectoire d’une périepe évangélique,* Paris, 1988.

Codina, V., “¡Es el Señor! La parábola del lago (Jn 21)”, *SalT* 76 (1988) 187-194.

Coenen, L-Beyreuther, E.-Bietenhard, H., *Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento,* traduçâo do originai alemào *Theologisches Begriffslexikon zum N.T.,* Wuppertal, 1970, feita por A. Dal Bianco- fi. Liverani-G. Massi, Bologna, \*1976.

Collins, R. F., “Discipleship in John’s Gospel”, *Emmanuel* 91 (1985) 248-255.

Collins, R. F., “John’s Gospel: A Passion Narrative?”, *BïbToday* 24 (1986) 181-186.

Collins, R. F., “The Representative Figures of the Fourth Gospel”, *DowR* 94(1976) 26-42.118-132.

Colson, J., *L’énigme du disciple que Jésus aimait,* Beauchesne, 1969.

Compagnoni, P., *Il Paese dello Splendore,* Milano, 1987.

Coulot, C., “Les figures du maître et de ses disciples dans les premières communautés chrétiennes (Jn 1,35-51)”, *RevSR* 59 (1985) 1-11.

Coulot, C., “La pêche miraculeuse”, in Id., *Jésus et le disciple. Étude sur l’autorité messianique de Jésus* (Études Bibliques-Nouvelle Serie 8), Paris, 1987, p. 111-132.

Coulot, C., “Pierre dans la tradition johannique”, *MondeB* 27 (1983) 24-25.

Coulot, C., “La vocation des disciples dans l’évagile de Jean” in Id., *Jésus et le Disciple. Étude sur l’autorité messianique de Jésus* (Études Bibli­ques-Nouvelle Serie, 8), Paris, 1987, p. 195-246.

Craigie, P.C.-Kjelly, P. M.-Drinkard, J. F., *Jeremiah 1-25* (Word Biblical Commentary, 26), Dallas, 1991.

Cullmann, O., “L’apôtre Pierre instrument du diable et instrument de Dieu”, in A. J. B. Higgins (ed.), *New Testament Essays, Studies in Memory og T. W. Manson,* Manchester, 1959, p. 94-105.

Cullmann, O., “eïôev Kdi ¿niorevcrev. La vie de Jésus, objet de la “vue” et de la “foi” d’après le quatrième Évangile”, In AA.W., *Aux sources de la Tradition Chrétienne. Mélanges offerts à M. Goguel,* (Bibliothèque Théologique), Neuchâtel, 1950, p. 51-62.

Cullmann, O., *Der joharmeische Kreis. Sein Platz im Spätjudentum, in der Jüngerschaft Jesus und im Urchristentum. Zum Ursprung des Johan- nesevangeliums,* Tübingen, 1975.

Cullmann, O., néxpa, fléxpoç, Kqtpâç, *GLNTK,* 109-160.

Cullmann, O., *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer. Das historische und das theologische Petrusproblem,* Zürich-Stuttgart, 1952.

Curtis, K.P.G., “Luke XXIV,12 and John XX, 3-10”, *JTS* 21 (1971) 512-515.

Curtis, K.P.G., “Luke XXIV, 12”, *JTS* 22 (1972) 542-548.

Cyrillus Alexandrinus, *Commentarium in Iohannis Evangelium, PG* 73,9-1056; 74,9-756.

D’a, S. J., “Le bon Pasteur: Révélation de la miséricorde (Ez 34; Sal 23; Jn 10)”, *VieSpir* 106 (1962) 699-706.

D’Aragon, J. L., “Le caractère distinctif de l’Église Johannique”, in AA.VV., *L’Église dans la Bible* (Studia Biblica), Bruges, 1962, p. 53-66.

Da Sortino, P.M., “La Vocazione di Pietro secondo la Tradizione Sinottica e secondo S. Giovanni”, in AA.W., *San Pietro. Atti della XIX Settimana Biblica,* Associazione Biblica Italiana, Brescia, 1967, p. 27-57.

Da Spinetoli, O., *Luca, il vangelo dei poveri* (Commenti e Studi Biblici), Assisi, 1986.

Da Spinetoli, O., *Matteo. Il vangelo della Chiesa* (Commenti e Studi Biblici), Assisi, 1983.

Da Spinetoli, O., *Il Vangelo del Primato,* Brescia, 1969.

Dauer, A., *Die Passionsgeschichte im Johannesevangelium. Eine traditions­geschichtliche und theologische Untersuchung zu Joh 18,1-19,30,* Mün­chen, 1972.

Davidson, B., *The analytical Hebrew and Chaldee Lexicon,* London-New York, 1930.

De Jonge, M., “The Use of ó Xpunôç in the Passion Narratives”, in J. Dupont (ed.), *Jesus aux origines de la christologie,* Leuven, 1989, p. 169-192.

De Jonge, M., “Nicodemus and Jesus: Some Observations on Misunderstanding and Understanding in the Fourth Gospel”, *BJRL* 53 (1970) 337-359.

De Solages, B., “Jean, fils de Zébédée et l’énigme du disciple que Jésus aimait”, *BLitEc 13* (1972) 41-50.

Debrunner, A., Xéy©, *GLNT* VI, 199-220.

Delebecque, É., “Dans le tombeau vide - Jean 20,7-8”, *BBudé* (1979) 171-174.

Delebecque, Ê., “La mission de Pierre et celle de Jean: Note philologique sur Jean 21”, *Biblica* 67 (1986) 335-342.

Delebecque, É., “Retour sur Jean XX, 9”, *RB* 96 (1989) 81-93.

Delling, G., ôicdy®, *GLNTXW,* 535-542.

Delorme, J., “Analyse Narrative de Jean 18,1-12”, *SémBib* 1 (1975) 5-8.

Derrett, J. D.M., “Domine, tu mihi lavas pedes? (Studio su Giovanni 13,1-20)”, *BbbOr* 21 (1979) 13-42.

Desiderio, F., *O reencontro. Anàlise das relaçôes do individuo consigo mesmo e com os outros,* Sâo Paulo, 1980.

Dhorme, P., *Le livre de Job,* Paris, 1926.

DIez Macho, A., *Apócrifos del Antiguo Testamento,* IV, Madrid, 1985.

Dillon, R.J., *From Eye-Witnesses to Ministers of the Word* (Analecta Biblica, 82), Roma, 1982.

Dinkler, E., “Die Petrus-Rom Frage”, *ThR* 25 (1959) 189-230.

Dodd, C. H., *Historical Tradition in the Fourth Gospel,* Cambridge, 1963.

Dodd, C. H., *The Interpretation of the Fourth Gospel,* Cambridge, 1954.

Domeris, W. R., “Jn 6,69; Mk 1,24: The Holy One of God as a Title for Jesus”, *Neotestamentica* 19 (1985) 9-17.

Dreyfuss, P., “La primauté de Pierre à la lumière de la théologie biblique du reste d’Israël”, *Istina* 2 (1955) 338-346.

Dreyfuss, P., “Le thème de l’héritage dans l’Ancien Testament”, *RSPT* (1958) 3-49.

Droge, A. J., “The Status of Peter in the Fourth Gospel: a Note on John 18,10-11”, *JBL* 109 (1990) 307-311.

Drumwright Jr., H. L., “The Appendix to the Fourth Gospel”, in E. J. Vardman (ed.), *Studies in Memory of H. Trantham,* Texas, 1964, p. 129-134.

Duke, P. D., *Irony in the Fourth Gospel: Shape and Function of a Literary Devices,* Atalanta, 1985.

Dupont, L.-Lash, C.-Levesque, G., “Recherche sur la structure de Jean 20”, *Biblica* 54 (1973) 482-498.

Edanad, A., “Johannine Theology of the Church”, *Jeevadhara* 15 (1986) 136-147.

Edwards, R. A., *The Gospel according to St. John,* London, 1954.

Egger, W., *Metodologia del Nuovo Testamento. Introduzione allo studio scientifico del Nuovo Testamento* (Studi Biblici), Bologna, 1989.

Elliott, J.K., “Kqcpâç - Eipov fléxpoç - ó néxpoç: An Examination of New Testament Usage”, *NT* 14 (1972) 241-256.

Ellis, P.F., “The Authenticity of John 21”, *SVlad 36* (1992) 17-25.

Emerton, J. A., “The Hundred and Fifty-three Fishes in Joh XXI,H”, *JTS* 9 (1958) 86-89; 11 (1960) 335-336.

Erman, A., *Ägyptisches Glossar,* Berlin, 1911.

Ernst, J., “Noch einmal: Die Verleugnung Jesus durch Petrus”, in A. Brandenburg-H. J. Urban (ed.), *Petrus und Papst,* Münster, 1977, p. 43-62.

Ernst, J., // *Vangelo secondo Marco* (Il Nuovo Testamento Commentato), I-II, traduçâo do originai *Das Evangelium nach Markus,* Regensburg, 1981, feita por S. Faini, Brescia, 1991.

Evans, E., “The Verb ATAIIAN in the Fourth Gospel”, in F. L. Cross (ed.), *Studies in the Fourth Gospel,* London, 1957, p. 64-71.

Fabris, R., *Giovanni,* Roma, 1992.

Fabris, R., “Giuda (Lettera di)”, *NDTB,* p. 678-681.

Fedalto, G., *San Pietro e la sua Chiesa tra i Padri d’Oriente e d’Occidente nei primi secoli,* Roma, 1976.

Fernandez Ramos, F., “La comunidad joánica”, *CiTom* 106 (1979) 541-586.

Fernández Ramos, F., “El Discípulo Amado”, *StLeg* 22 (1981) 37-74.

Fernández Ramos, F., “Seguimiento y persecución - reflexiones en tomo a la comunidad joánica”, *StLeg* 24 (1983) 81-135.

Ferraro, G., “Giovanni 6,60-71: Osservazioni sulla struttura letteraria e il valore della pericope nel IV Vangelo”, *RivBiblt* 26 (1978) 33-69.

Ferreira, A. B.H., *Novo Dicionàrio da Lingua Portuguesa,* Rio de Janeiro, 1986.

Feullet, A., “La Confession de Pierre en saint Jean (6,67-69) et in saint Matthieu (16,13-18)”, *Divinitas* 30 (1986) 17-40.

Feuillet, A., “Dans le sillage de Vatican II. Réflexions sur quelques versets de Jn 6 (w. 14-15; 67-69) et sur le réalisme historique du quatrième évangile”, *Divinitas* 30 (1986) 3-52.

Feuillet, A., “La découverte du tombeau vide en Jean 20,3-10 et la foi au Christ ressuscité. Étude exégétique et doctrinale”, *EV il* (1977) 257- 266.273-284.

Feuillet, A., “Les *ego imi* christologiques du quatrième Évangile”, *RechSR* 54 (1966) 5-22; 213-224.

Fitzmyer, J.A., “Aramaic Kepha’ and Peter’s Name in the New Testa­ment”, in E. Best-R. Mcl. Wilson (ed.), *Text and Interpretation.*

*Studies in the New Testament,* Presented to M. Black, London-New York, 1979, p. 121-132.

Fitzmyer, J. A., “The Contribution of Qumran Aramaic to the Study of the New Testament”, *NTS* 20 (1973-1974) 382-497.

Fitzmyer, J. A., *The Gospel according to Luke* (The Anchor Bible, 28-28a), Garden City-New York, I-II, 1981-1985.

Fitzmyer, J. A., “The Name Simon”, in Id., *Essays on the Semitic Background of the New Testament,* London, 1971, p. 105-112.

Foerster, W., StdßoXog, *GLNT*II, 924-950.

Foerster, W„ Kupio;, *GLNTN,* 1341-1391.1450-1494.

Fohrer. G., *Das Buch Hiob,* Stuttgart, 1963.

Fortna, R. T., *The Gospel of Signs. A Reconstruction of the Narrative Source Underlying the Fourth Gospel* (Society for New Testament Studies, Monograph Series, 11) Cambridge, 1970.

Fortna, R. T., “Jesus and Peter at the Hight Priest’s House. A Test Case for the Question of the Relation between Mark’s and John’s Gospels”, *NTS* 24 (1978) 371-383.

Fossati, L., “Che cosa vide Giovanni entrando nel sepolcro e perché credette?”, *Renovatio* 9 (1974) 500-507.

Franzmann, M.-Klinger, M., “The Call Stories of John 1 and John 21”, *SVlad* 36 (1992) 7-15.

Freed, E. D., “Variations in the Language and Thought of John”, *ZNW* 55 (1964) 167-197.

Freire, W., *Participios duplos e verbos onomatopaicos,* Säo Paulo, 1953.

Frieling, R., *Agape. Die göttliche Liebe im Johannes-Evangelium,* Stutt­gart, 1936.

Gaffney, J., “Believing and Knowing in the Fourth Gospel”, *TS* 26 (1965) 215-241.

Galilea, S., *El Seguimiento de Cristo,* Bogota, 1989.

Garcia Cordero, M., “Comentario al Libro del Profeta Jeremias”, in Id., *Biblia comentada-III: Libros Proféticos* (BAC, 209), Madrid, 1961, p. 392-713.

Gardini, G., “Note linguistico-filologiche”, *Henoch* 4 (1982) 170-172.

Gächter, P., “Das dreifache «Weide meine Lämmer»”, *ZTK* 69 (1974) 328-344.

Gächter, P., “Die Form der eucharistischen Rede Jesu”, *ZkT* 59 (1953) 419-441.

Gächter, P., *Petrus und sein Zeit,* Innsbruck, 1958.

Gee, D. H„ “Why did Peter Spring into the Sea? (Jn 21,7)”, *JTS* 40 (1989) 481-489.

Gesenius, W., *Thesaurus philologicus criticus Linguae Hebreae et Chaldeae Veteris Testamenti,* I-III, Lipsiae,21842.

Ghiberti, G., “Dall’incredulità alla fede (I Racconti della Risurrezione nel Vangelo di Giovanni)”, *ParVi* 18 (1973) 137-146.

Ghiberti, G., *Il fatto della Risurrezione nel capitolo XX del vangelo di San Giovanni in relazione agli altri racconti pasquali,* diss. Pontifìcia Uni­versitas Gregoriana, Roma, 1969.

Ghiberti, G., “Giovanni 20 nell’esegesi contemporanea”, *StPatav* 20 (1973) 293-336.

Ghiberti, G., “Missione e Primato di Pietro secondo Giovanni 21”, in AA.W., *San Pietro. Atti della XIX Settimana Biblica,* Associazione Biblica Italiana, Brescia, 1967, p. 167-214.

Ghiberti, G., *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni confrontati con le altre tradzioni neotestamentarie* (Studi Biblici, 19), Brescia, 1972.

Ghidelli, G., “Bibliografia Biblica Pietrina”, *Scuole* 96 (1968) 62-110.

Giblet, J., “Développements dans la théologie johannique” in L. De Jonge (ed.), *L’Evangile de Jean - sources, rédaction, théologie* (BETL, 44), Leuven, 1976, p. 45-71.

Giblin, C.H., “Confrontation in John 18,1-27”, *Biblica* 65 (1984) 210-232.

Gils, F., “Pierre et la foi au Christ Ressuscité (1 Cor 15,3b-5; Lc 24,34; Me 16,7; Jo 21)”, *ETL* 38 (1962) 5-43.

Glesbrecht, H., “The Evangelist John’s Conception of the Church as Delineated in his Gospel”, *EvQ* 58 (1986) 101-119.

Glombitza, O., “Petrus der Freund Jesus. Überlegung zu Joh XXI, 15ff”, *NT 6* (1963) 277-285.

Gnidovec, F., “Introivit... et vidit et credidit (Jn 20,8)”, *EstBib* 41 (1983) 137-155; 42 (1984) 415-419.

Goedt, M. De, “Un schème de révélation dans le Quatrième Évangile”, *NTS* 8 (1961) 142-150.

Goguel, M., *L’Église Primitive. Jésus et les Origines du Christinisme,* Paris, 1947.

Goppelt, L., noTT|piov, *GLNTX,* 262-291.

Goppelt, L., rpdry©, *GLNTXIU,* 1439-1444.

Gordis, R., *The Book of Job. Commentary, New Translation and Special Studies,* New York, 1978.

Gorgulho, G., “A Manifestalo da Glòria”, *REB* 30 (1970) 71-85.

Gorgulho, G., *Zacarias, a vinda do Messias pobre,* Petropolis, 1985.

Grant, R. M., “One Hundred Fifty Three Large Fish (John 21,11)”, *HTR* 42 (1949) 273-275.

Grass, H., *Ostergeschehen und Osterberichte,* Göttingen, 1964.

Green, S. G., *Handbook to the Grammar of the Greek Testament,* London, 1905.

Gregorius Magnus, *Homiliae XL in Evangelia, PL* 76, 1075-1312.

Greimas, A. J.-Courtes, J., *Semiòtica. Diccionario razonado de la Teoria del Lenguaje,* Madrid, 1982.

Grigsby, B., “Gematria and John 21,11 - Another Look at Ezekiel 47,10”, *ExpTim* 95 (1983) 177-178.

Grossouw, W.K., “A Note on John XIII, 1-3”, *NT* 8 (1966) 124-131.

Grundmann, W„ xpi®, *GLNTXN,* 845-856.939-1092.

Grundmann, W., “Verständnis und Bewegung des Glaubens im Johan- nesevangelium”, *KerDog* 6 (1960) 131-154.

Grundmann, W., “Zeugnis und Gestalt des Johannesevangelium”, *NT* 3 (1959) 82-97.

Guillaume, J. M., *Luc interprete des anciennes traditions sur la Résurrec­tion de Jésus,* Paris, 1979.

Gunther, J. J. A., “The Relation of the Beloved Disciple to the Twelve”, *TZBas* 37 (1981) 129-148.

Gutiérrez, G., *El Dios de la Vida,* Lima, 1989.

Gutiérrez, G., *Parlare di Dio a partire dalla sofferenza dell’Innocente. Una riflessione sul libro di Giobbe,* traduçâo do originai espanhol *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente. Una reflexión sobre el libro de Job,* Lima, 1986, feita por T. Tosatti, Brescia, 1986.

Hahn, F., “Die Jüngerberufung Joh 1,35-51”, in J. Gnilka (ed.), *Neues Testament und Kirche. Festschrift R. Schnackenburg,* Freiburg-Basel- Wien, 1974, II, p. 172-190.

Hahn, F., *Der Prozess Jesu nach dem Johannesevangelium,* Zürich-Neu­kirchen, 1970.

Hanhart, K., “The Structure of John 1,35-4,54”, in AA.W, *Studies in John. Festschrift for J. N. Sevenster* (Supplements to Novum Testa- mentum, 24), Leiden, 1970, p. 22-46.

Hartman, L., “An Attempt of a Text-centered Exegesis of John 21”, *ST* 38 (1984) 29-45.

Hartmann, G., “Die Vorlage der Osterberichte in Joh 20”, *ZNW* 55 (1964) 197-220.

Hauck, F. pév©, *GLNTNW,* 25-66.

Hauck, F., vini©, *GLNTNH,* 1021-1028.

Hesse, F„ /pi©, *GLNTXN,* 856-890.

Hieronymus, *Commentario in Ezechielem, PL* 25, 15-490.

Hieronymus, *Epistola CXXVII, PL* 22, 1087-1095.

Hoffmann, P., “Auferstehung”, *TRE 4,* p. 450-467.478-513.

Hoffmann, Y., “The Day of the Lord”, *ZA W 93* (1981) 37-50.

Holladay, W., *Jeremiah - 1. A Commentary on the Book of the Prophet Jeremiah, chapters 1-25,* Philadelphia, 1986.

Hornung, A., “Nachfolge im Lichte der Apostelberufungen (Jn 1,35-51; Mk 1,16-20; 2,13s; 13,13-15; Lk 5,1-11)”, *Claret* 10 (1970) 79-108.

Hoskyns, E.C., *The Fourth Gospel,* F.N. Davey (ed.), London,21947.

Hoskyns, E.-Davey, N., *The Riddle of the New Testament,* London, 1958.

Hultgren, A. J., “The Johannine Footwashing (13,1-11) as Symbol of Eschatological Hospitality”, *NTS* 28 (1982) 539-546.

Iafolla, P., “Giovanni, il figlio di Zebedeo, il discepolo che amava e il IV Vangelo”, *BbbOr* 28 (1986) 95-110.143-153.

Jacquemin, P. E., “Les premiers disciples du Messie (Jn 1,35-42)”, *AssSeign* 33 (1970) 53-61.

Janssens De Varebeke, A., “La structure des scènes du récit de la passion en Jn 18-19. Recherches sur les procédés de composition et rédaction du quatrième évangile”, *ETL* 38 (1962) 504-522.

Jaubert, A., *La date de la Cène. Calendrier biblique et liturgie chrétienne,* Paris, 1957.

Jaubert, A., *Leitura do Evangelho segundo Joào* (Cademos Bíblicos, 18), traduçâo do original francés *Lecture de l’Évangile selon Jean,* Paris, 1976, feita por J. R. Vidigal, Sâo Paulo, 1982.

Jeremias, J., àpviov, *GLNT* I, 923-926.

Jeremias, J., *Jerusalém no tempo de Jesus. Pesquisas de historia económico- social no periodo neotestamentàrio* (Nova colegào bíblica, 16), tra- dugào do original alemào *Jerusalem zur Zeit Jesus,* Göttingen, 1969, feita por M. Cecilia-M. Duprat, Säo Paulo, 1983.

Jeremias, J., XíOog, *GLNT* VI, 725-754.

Jeremias, J., *The Parables of Jesus,* tradugào do original alemäo *Die Gleichnisse Jesu,* Gottingen,21962, feita por S. H. Hooke, New York, 1963.

Jeremias, J., *Les paroles inconnues de Jésus,* traduco do original alemào *Unbekannte Jesus wor te,* Gütersloh, 1963, feita por R. Henning, Paris, 1970.

Jeremias, J., 7coipr|v-TCoipvTi, *GLNTX,* 1193-1236.

Joubert, H. L. N., “The Holy One of God - John 6,69”, *Neotestamentica* 2 (1968) 57-69.

Joüon, P. P., *Grammaire de THébreu Biblique,* Roma, 1982.

Kaefer, J.P., “Les discours d’adieux en Jn 13,31-17,26. Rédaction et théologie”, *NT 26* (1984) 253-282.

Karavidopoulos, J., “Le role de Pierre et son importance dans l’Église du Nouveau Testament: problématique exégétique contemporaine”, *Ni­colaus* 19 (1992) 13-29.

Karrer, O., “Simon Petrus, Jünger-Apostel-Felsenfundament”, *BiKi* 23 (1968) 37-43.

Kasper, W., *Jesús, el Cristo* (Verdad e imagen, 45), tradugäo do original alemào *Jesus der Christus,* Mainz, 1974, feita por S. Talavero Tovar, Salamanca, 1986.

Käsemann, E., *L'Enigma del IV Vangelo. Giovanni, una comunità in conflitto con il cattolicesimo nascente* (Sola Scriptura, 6), tradugào do originai alemào *Jesu letzter Wille nach Johannes 17,* Tübingen, 1966, feita por K. Genre-E. Genre, Torino, 1977.

Kittel, G., àKoXovOéco, *GLNT* I, 567-582.

Kittel, G. ¿kovco, *GLNTX,* 581-604.

Kittel, G., SoKé<o, *GLNTU,* 1343-1398.

Kittel, G. Xéyco, *GLNT* VI, 284-380.

Klaiber, W., *Rechtfertigung und Gemeinde. Eine Untersuchung zum pauli- nischen Kirchenverständnis,* Göttingen, 1982, p. 11-21.

Kleinknecht, H., Xéy©, *GLNT VI,* 220-259.

Kragerud, A., *Der Lieblingsjünger im Johannesevangelium. Ein exege­tischer Versuch,* Oslo, 1959.

Kraeling, G. G., *The Brooklyn Museum Aramaic Papyri: New Documents of the Fifth Century B.C.from the Jewish Colony at Elephantine,* New York, 1969, p. 224-231.

Kremer, J., “Zur Diskussion über das leere Grab”, in É. Dhanis (ed.), *Resurrexit. Actes du Symposium International sur la Resurrection de Jésus,* Roma, 1970, Città del Vaticano, 1974, p. 137-168.

Kremer, J., *Die Osterbotschaft der vier Evangelien,* Stuttgart, 1968.

Kruse, H., “Magni pisces centum quinquaginta tres (Jo 21,11)”, *VD* 38 (1960) 129-148.

Kuhn, K. G., &yioç, *GLNTl,* 260-270.

Kuhn, K. G., *Konkordanz zu den Qumrântexten,* Gôttingen, 1960.

Kuhn, K. G., “The Lord’s Supper and the Communal Meal at Qumran”, in K. Stendahl (ed.), *The Scrolls and the New Testament,* New York, 1957, p. 65-93.

La Potterie, I. De, “El Buen Pastor”, in Id., *La Verdad de Jesús. Estudios de Cristologia Joanea* (BAC, 405), Madrid, 1979, p. 54-88.

La Potterie, I. De, “Il cammino giovanneo della fede”, *ParSpV* 17 (1988) 156-171.

La Potterie, I. De, “Et à partir de cette heure, le disciple l’accueillit dans son intimité”, *Marianum,* (1980) 84-125.

La Potterie, I. De, *Exegesis IV\* Evangeli!- De Narratione Passionis et Mortis Christi, loh 18-19,* Roma, 1978.

La Potterie, I. De, “Genèse de la foi pascale d’après Jn 20”, *NTS* 30 (1984) 26-49.

La Potterie, I. De, “Nascere dall’Acqua e dallo Spirito. Il testo batte­simale di Gv 3,5”, in I. De La Potterie-S. Lyonnet (ed.), *La Vita secondo lo Spirito, condizione del Cristiano,* Roma, 1967, p. 35-74.

La Potterie, I. De, “Ol8a et yivdxTK© - Les deux modes de la con­naissance dans le quatrième évangile”, *Biblica* 40 (1959) 709-725.

La Potterie, I. De, “La parole de Jésus «Voici ta Mère» et l’accueil du disciple”, *Marianum* (1974) 1-39.

La Potterie, I. De, *La Passione di Gesù secondo il Vangelo di Giovanni,* Milano, 1988.

La Potterie, I. De, “Structura Primae Partis Evangelii Johannis”, *VD* 47 (1969) 130-150.

La Potterie, I. De, “Le témoin qui demeure: Le disciple que Jésus aimait”. *Biblica* 67 (1986) 343-359.

La Potterie, I. De, “La tunique non divisée de Jésus, symbole de l’unité messianique in The New Testament Age”, in W. C. Weinrich (ed.), *The New Testamentage. Essays in Honor of Bo Reicke,* Mâcon, 1984, p. 127-138.

La Potterie, I. De, “La tunique sans couture, symbole du Christ grand prêtre”, *Biblica* 60 (1979) 255-269.

La Potterie, I. De, *La Vérité dans S. Jean* (Analecta Biblica 73-74), I-II, Roma, 1977.

Làconi, M., “Il fondamento del ministero di Pietro in Gv 21,1-23”, in P.-R. Tragan (ed.), *Fede e Sacramenti negli scritti giovannei, Atti del VI Convegno di Teologia Sacramentaria,* Roma, 1965, p. 165-198.

Lagrange, M.-J., *Évangile selon saint Jean* (Études Bibliques), Paris, 81948.

Lamarche, P., “Le possédé de Gerasa (Mt 8,28-34; Mc 5,1-20; Le 8,26-36)”, *NRT 90* (1968) 581-597.

Lampe, P., “Das Spiel mit dem Petrusnamen - Mt 16,18”, *NTS* 25 (1978/ 79) 227-245.

Le Déaut, R., “Une haggadah targumique et les “murmures” de Jean 6”, *Biblica* 51 (1970) 80-83.

Leal, J., “Comentario al Evangelio de Juan”, in J. Leal (ed.), *La Sagrada Escritura - Nuevo Testamento -* 7 (BAC, 207), Madrid, 1964, p. 781-1107.

Leaney, A.R.C., “Jesus and Peter: The Call and Post-Resurrection Ap­pearances”, *ExpTim* 65 (1953-54) 381-382.

Leaney, A.R.C., “The Resurrection Narratives in Luke (xxiv, 12-53)”, *NTSW* (1955) 110-114.

Leon-Dufour, X., *Les Évangiles et l’histoire de Jésus,* Paris, 1963.

Leon-Dufour, X., “Récits de la Passion”, *DBS* VI, 1419-1491.

Liddell, H.G.-Scott, R., *A Greek-English Lexicon,* Oxford,’1961.

Lightfoot, R. H., *St. John’s Gospel. A Commentary,* C. F. Evans (ed.), Oxford, 1956.

Lindars, B., “The Composition of John XX”, *NTS* 7 (1960/61) 142-147.

Lindars, B., *The Gospel of John,* (New Century Bible), London, 1972.

Lohmeyer, E., “Die Fusswaschung”, *ZNW* 38 (1939) 74-94.

Loisy, A., *Le Quatrième Évangile,* Paris, 21921.

Lowe, J., *Saint Peter,* New York, 1956.

Lüthi, W., *St. John’s Gospel: An Exposition,* Edinburgh-London, 1960.

Mahoney, A., “A New Look at an Old Problem (John 18,12-14.19-24)”, *CBQ* 27 (1965) 137-144.

Mahoney, R., *Two Disciples at the Tomb: The Background and Message of John 20,1-10,* Frankfurt am Main, 1974.

Malatesta, E., *St. John’s Gospel (1920-1965): A Cumulative and Classified Bibliography of Books and Periodical Literature on the Fourth Gospel* (Analecta Biblica, 32), Roma, 1967.

Manns, F., “En marge des récits de la résurrection dans l’Évangile de Jean: Le verbe voir”, *RevSR* 57 (1983) 10-28.

Manns, F., “Le lavement des pieds. Essai sur la structure et la signification de Jean 13”, *RevSR* 55 (1981) 149-169.

Marrow, S. B., *John 21: An Essay in Johannine Ecclesiology,* diss. Ponti­ficia Universitas Gregoriana, Roma, 1968.

Marshall, I. H., *The Gospel of Luke. A Commentary on the Greek Text,* Exeter, 1978.

Marzotto, D., “Un solo unico pastore (Gv 10,16)”, *Scuole* 103 (1975) 834-843.

Mateos, J.-Barreto, J., *Dizionario Teologico del Vangelo di Giovanni,* traduçâo do originai espanhol *Vocabulario teològico del Evangelio de Juan,* Madrid, 1980, feita por T. Tosati, Assisi, 1982.

Mateos, J.-Barreto, J., *El Evangelio de Juan. Análisis linguistico y comen­tario exegético,* Madrid, 1979.

Maurer, C., qxîÇ©, *GLNTXIU,* 429-444.

Mayer, G., oíd kôs, *TWAT IN,* 107-111.

Maynard, A. H., “The Role of Peter in the Fourth Gospel”, *NTS* 30 (1984) 531-548.

McDowell JR., E. A., “Lovest Thou Me? A Study of John 21,15-17”, *RExp* 32 (1935) 422-441.

McKay, K. L., “Style and Significance in the Language of John 21,15-17”, VT 27 (1985) 319-333.

McPollin, J., *John,* Dublin, 1979.

Mees, H., “Petrustraditionen im Zeugnis kanonischen und ausserkanoni- schen Schrifttums”, *AugR* 13 (1973) 185-203.

Meillet, A.-Ernout, A., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des mots,* Paris,31951.

Menken, M.J.J., “John 6,51c-58: Eucharist or Christology?”, *Bíblica* 74 (1993) 1-26.

Mercer, S., *A Sumero-Babylonian Sign List,* New York, 1966.

Mercier, R., “Lo que el «otro discípulo» vio en la tumba vacía - Juan 20,5-7”, *RevBíb* 43 (1981) 3-32.

Merklein, H., “Die Ekklesia Gottes. Der Kirchenbegriff bei Paulus und in Jerusalem”, *BZ* 23 (1979) 48-70.

Merli, D., “Lo scopo della risurrezione di Lazzaro in Giov 11,1-44”, *BbbOr* 12 (1970) 59-82.

Metzger, B. M., *A Textual Commentary on the Greek New Testament,* Stuttgart,31971.

Meyer, R., kôXkoç, *GLNTN,* 761-768.

Michaelis, W., ópáco, *GLNTVIU,* 885-1035.

Michel, O„ oIko5oji¿©, *GLNTVH1,* 385-408.

Milik, J. T., *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4,* Oxford, 1976.

Milik, J.T., “Problèmes de la littérature hénochique à la lumière des fragments araméens de Qumrân”, *HTR* 64 (1971) 333-378.

Milik, J. T., *GU scavi del «Dominus Flevit» (Monte Oliveto-Gerusalemme) - Parte I: La necropoli del periodo romano,* Jerusalém, 1958.

Minear, P. S., “The Audience of the Fouth Evangelist”, *Interp* 31 (1977) 339-354.

Minear, P. S., “The Beloved Disciple in the Gospel of John. Some Clues and Conjectures”, *NT* 18 (1977) 105-143.

Minear, P. S., “The Original Functions of John 21”, *JBL* 102 (1983) 85-98.

Mlakuzhyil, G., *The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel,* (Analecta Biblica, 117), Roma, 1987.

Mollat, D., *L’Évangile et les Epîtres de saint Jean* (La Sainte Bible), Paris, 31973.

Mollat, D., “O Evangelho segundo Sâo Joño”, *BJ* 1979-2040.

Mollat, D., “La foi pascale selon le chapitre 20 de l’Évangile de Saint Jean. Essai de théologie biblique”, in É. Dhanis (ed.), *Resurrexit. Actes du Symposium International sur la Résurrection de Jésus,* Roma, 1970, Città del Vaticano, 1974, p. 316-339.

Moloney, F. J., “John 20: A Journey Completed”, *AusCathRec* 59 (1982) 417-432.

Moloney, F. J., “The Structure and Message of John 13,1-18”, *AustralBR* 34 (1986) 1-16.

Moreno, J., “El discípulo de Jesucristo según el evangelio de S. Juan”, *EstBíb* 30 (1971) 269-311.

Morris, L., *The Gospel according to John. The English Text with Introduc­tion, Èxposition and Notes* (The New International Commentary on the New Testament), Grand Rapids-MI, 1971.

Moule, C. F.D., “The Individualism of the Fourth Gospel”, *NT* 5 (1962) 171-190.

Murphy, R.A.T., *Days of Glory (Jn 13-20): The Passion, Death and Resurrection of Jesus Christ,* Michigan, 1980.

Napole, G. M., “Pedro y el Discipulo Amado en Juan 21,1-25”, *EstBib* 52 (1990) 153-177.

Nauck, W., “Die Bedeutung des leeren Grabes fur den Glauben an dem Auferstanden”, *ZNW 47* (1956) 243-267.

Naville, E., “Le XVII Chapitre de la Genèse”, *ZAW 44* (1926) 135-145.

Neirynck, F., “AHHAOEN nPOE EAYTON - Le 24,12 et Jn 20,10”, *ETL* 54 (1978) 104-118.

Neirynck, F., “EE TA IAIA - Jn 19,27 (et 16,32)”, *ETL* 55 (1979) 357-365.

Neirynck, F., “Jean II-A et L’Évangile de Matthieu. La vocation de Simon Pierre (1,40-42)”, in Id. *Jean et les Synoptiques. Examen critique de l’exégèse de M.É. Boismard* (BETL, 49), Leuven, 1979, p. 188-203.

Neirynck, F., “La particule oôv en Jean. Caractéristiques stylistiques et critique littéraire”, in Id., *Jean et les Synoptiques. Examen critique de l’exégèse de M. É. Bosimard* (BETL, 49), Leuven, 1979, p. 227;278.

Neirynck, F., “John and the Synoptics”, in M. De Jonge (ed.), *L’Évangile de Jean - sources, rédaction, théologie* (BETL, 44), Leuven, 1976, p. 73-106.

Neirynck, F., “John and the Synoptics: The Empty Tomb Stories”, *NTS* 30 (1984) 161-187.

Neirynck, F., “The Other Disciple in Jn 18,15-16”, *ETL* 51 (1975) 113-141.

Neirynck, F„ “DAPAKYTAS BAEIIEI. Lc 24,12 et Jn 20,5”, *ETL* 53 (1977) 113-152.

Neirynck, F., “Pierre et l’autre disciple en Jn 20,1-10 et 18,15-16”, *ETL* 53 (1977) 430-445.

Neirynck, F., “Tradition and Redaction in John XX, 1-18”, in E.A. Livingstone (ed.), *Studia Evangelica* VII (1973/82) 359-363.

Newman, J. H., “Pureté et amar. La sainteté de Jean et de Pierre”, *VSp* 113 (1965) 314-323.

Niccacci, A., “L’unità letteraria di Gv 13,1-38”, *EuntDoc* 29 (1976) 291-323.

Nicholson, G.C., *Death as Departure. The Johannine Descent-ascent Schema,* Chicago, 1983.

Nicol, G.G., “Jesus’ Washing the Feet of the Disciples: A Model for Johannine Christology?”, *ExpTim* 91 (1979-1980) 20-21.

Nolli, G., *Evangelo secondo Giovanni* (Testo greco, neovolgata latina, analisi filologica, traduzione italiana), Città del Vaticano, 1986.

O’Grady, J. F., “Individualism and Johannine Ecclesiology”, *BibTB* 5 (1975) 227-261.

O’Grady, J. F., “The Role of the Beloved Disciple”, *BibTB* 9 (1979) 58-65.

Oepke, A., gXw, *GLNT* III, 467-470.

Oepke, A., Xoó©, *GLNT* VI, 793-830.

Orge, M., “El «Semeion» de la «Hora» (Jn 13,1-17)», *Claret* 5 (1965) 95-139.

Origenes, *Catena Fragmentorum XXII, GCS* 10.

Origenes, *Commentaria in Evangelium Joannis, PG* 14,21-830.

Origenes, *Selecta in Threnos, PG* 13,605-662.

Ortiz, R., “Saiba com quem voce està falando...”, *RevCult* 41 (1986) 189-208.

Painter, J., “The Church and Israel in the Gospel of John: a Response”, *NTS 25* (1978-79) 103-112.

Painter, J., “The Farewell Discourses and the History of Johannine Christianity”, *NTS* 27 (1980-81) 525-543.

Panimolle, S., *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* I-III, Bologna, 1978.1981.1984.

Pasquetto, V., *Da Gesù al Padre. Introduzione alla lettura esegetico- spirituale del Vangelo di Giovanni,* Roma, 1983.

Pasquetto, V., *Incarnazione e comunione con Dio. La venuta di Gesù nel mondo e il suo ritorno al luogo d’origine secondo il IV Vangelo,* Roma, 1982.

Passoni Dell’Acqua, A., “Pietro e la roccia. Puntualizzazione dell’analisi filologica di un libro recente”, *RivBiblt* 61 (1993) 189-199.

Pereira, F., “Maria Magdalena apud sepulcrum - Jn 20,1-18”, *VD* 47 (1969)4-21.

Perry, J. M., “The Evolution of the Johannine Eucharist”, *NTS* 39 (1993) 22-35.

Pesch, R., “The Position and Significance of Peter in the Church of the New Testament. A Survey of Current Research”, *Concilium* 64 (1971) 21-35.

Pesch, R., “Die reiche Fischfang”, in F. Neirynck (ed.), *L’Évangile de Luc. Problèmes littéraires et théologiques. Memorial L. Cerfaux* (BETL, 32), Gembloux-Leuven, 1973, p. 225-244.

Pesch, R., *Simon Petrus. Geschichte und geschichtliche Bedeutung des ersten Jüngers Jesu Christi* (Päpste und Papsttum, 15), Stuttgart, 1980.

Pesch, R.-Kratz, R., “Jesus beruft Simon, Andreas und die Söhne des Zebedäus (Mk 1,11-20; Mt 4,14-22; Lk 5,1-11; Jn 1,40-42; Jn 21,1-14)”, in Id., *So liest man synoptisch: Anleitung und Kommentar zum Studium der synoptischen Evangelien,* I, Frankfurt am Main, 1975, p. 50-54.

Pesch, R.-Kratz, R., “Jesus sagt den Verrat des Judas voraus (Mk 14,18-21; Mt 26,21-25; Lk 22,21-33; Jn 13,21-30), in Id., *So liest man synoptisch: Anleitung und Kommentar zum Studium der synoptischen Evangelien,* VII, Frankfurt am Main, 1980, p. 39-44.

Pesch, R.-Kratz, R., “Petrus bekennt Jesus als den Messias (Mk 8,27-30; Mt 16,13-20; Lk 9,18-21; Jn 6,66-69), in Id., *So liest man synoptisch: Anleitung und Kommentar zum Studium der synoptischen Evangelien,* VI, Frankfurt am Main, 1979, p. 18-26.

Philips, G. L., “Faith and Vision in the Fourth Gospel”, in F. L. Cross (ed.), *Studies in the Fourth Gospel,* London, 1957, p. 23-35.83-96.

Philo Alexandrinus, *Legatio ad Caium,* introduçâo traduçâo e notas de A. Pelletier, Paris, 1972.

Philo Alexandriunus, *Quod deterius potiori insidiari soleat,* introduçâo, traduçâo e notas de I. Feuer, Paris, 1965.

Pierret, P., *Vocabulaire Hiéroglyphique,* Paris, 1876.

Prat, F., “Les places d’honneur chez les Juifs contemporains du Christ”, *RechSR* 15 (1925) 512-522.

Preisker, H. eôpioK©, *GLNT*III, 1189-1194.

Preisker, H.-Schulz, S., npößaxov, npoß&aov, *GLNT XI,* 189-198.

Prete, B., *Il Primato e la Missione di Pietro. Studio esegetico critico del testo di Le 22,31-32,* Brescia, 1970.

Prévôt, A., “Verbes grecs relatifs à la vision et noms de l’oeil”, *RPLH* 61

1. 267-271.

Procksch, O., &ytoç, *GLNT* I, 233-260. 270-308.

Procksch, O., Aéy©, *GLNT NI,* 260-284.

Quell, G., áyaná©, *GLNT* I, 58-92.

Quell, G., KÔptoç, *GLNT N,* 1391-1450.

RAbanos Espinosa, R.-Muñoz León, D., *Bibliografía Joánica. Evangelio, Cartas y Apocalipsis. 1960-1986,* Madrid, 1990.

Rao, O.M., “The Call of Peter in the Fourth Gospel”, *IndJT* 10 (1961) 125-129.

Ravasi, G., *Giobbe,* Roma, 1987.

Read, D. H. C., “From the Roots of our Religion (Ex 3,7-14; Jn 1,35-42)”, *ExpTim* 92 (1980) 21-22.

Read, D.H.C., “Happiness is Doing what You Believe (Jn 13,7)”, *ExpTim* 85 (1973-1974) 240-241.

Reese, J.M., “Literary Structure of Jn 13,31-14,31; 16,5-6.16-33”, *CBQ* 34

1. 321-331.

Refoulé, F., “Primauté de Pierre dans les Évangiles”, *RevSR* 38 (1964) 1-41.

Reim G., “Johannes 21: Ein Anhang?”, in J.K. Elliott (ed.), *Studies in New Testament Language and Text,* Leiden-Brill, 1976, p. 330-347.

Reiser, W. E., “The Case of the Tidy Tomb: the Place of the Napkins of John 11,44 and 20,7”, *HeythJoum* 14 (1973) 47-57.

Rengstorf, K. H., *Die Auferstehung Jesus. Form, Art und Sinn der urchristlichen Osterbotschaft,* Witten-Ruhr, 1960.

Rengstorf, K. H., yonó^©, *GLNT* II, 565-592.

Rengstorf, K.H., paOTitifc, *GLNTNI,* 1121-1236.

Reymond, P., *Dictionnaire d’Hébreu et d’Aramée Bibliques,* Paris, 1991.

Rheinfelder, H., “Philologische Erwägungen zu Math 16,18”, *BZ* 24 (1938-39) 153.

Riaud, J., “La Gloire et la Royauté de Jésus dans la Passion selon saint Jean”, *BVieChr* 56 (1964) 28-44.

Richter, G., “Die Fusswaschung - Joh 13,1-20”, *MüTZ* 16 (1965) 13-26.

Richter, G., *Die Fusswaschung im Johánnesevangelium. Geschichte ihrer Deutung* (Biblische Untersuchungen, 1), Regensburg, 1967.

Rigaux, B., “Les destinataires du IV Evangile à la lumière de Jn 17”, *RTL* 1 (1970) 289-319.

Rigaux, B., *Dio ¡’ha risuscitato. Esegesi e Teología Bíblica,* traduçâo do original francés *Dieu l’a ressuscité; exégèse et théologie biblique,* Gembloux, 1973, feita por R. Penna, Roma, 1976.

Rigaux, B., “San Pietro nell’esegesi contemporanea”. *Concilium* 7 (1967) 161-193.

Ringgren, H.-Kornfeld, W., «hp qds, *TWATNX,* 1179-1200.

Robert, R., “Controverses sur les lignes du tombeau vide (Jean 20,3-10), *BBudé* 1984, 40-50.

Roberts, C., “John 20,30-31 and 21,24-25”, *JTS* 38 (1987) 409-410.

Robinson, J. A. T., “The Destination and Purpose of St. John’s Gospel”, *NTS* 6 (1959-1960) 117-131.

Robinson, J.A.T., “The Parable of John 10,1-5”, *ZAW* 46 (1955) 234-238.

Rodenas, A., “Qué efecto produjo en Pedro y «el otro discipulo» la vision dei sepulcro de Jesús (Jn 20,3-9)?”, *AnCalas* 21 (1979) 295-334; 22 (1980) 11-47.

Romeo, J. A., “Gematria and John 21,11 - The Children of God”, *JBL* 97 (1978) 263-264.

Roth, C., “Simon-Peter”, *HTR* 54 (1961) 91-97.

Rowley, H.H.-Black, M., *Job* (The Century Bible), Great Britain, 1952.

Ruckstuhl, E., *Die literarische Einheit des Johannesevangeliums. Der gegenwärtige Stand der Einschlägigen Forschungen* (Studia Friburgen- sia 3), Freiburg (Suisse), 1951.

Rudolph, W., *Jeremía* (Handbuch zum Alten Testament, 12), Tübingen, 1947.

Sabbe, M., “The Arrest of Jesus in Jn 18,1-11 and its Relation to the Synoptic Gospels. A Critical Evaluation of A. Dauer’s Hypothesis”, in M. De Jonge (ed.), *L’Évangile de Jean - sources, rédaction, théologie* (BETL, 44), Leuven, 1976, p. 203-234.

Sabbe, M., “The Footwashing in Jn 13 and its Relation to the Synoptic Gospel”, *ETL* 58 (1982) 279-308.

Sabugal, S., *XP1ETOE. Investigación exegética sobre la cristologia joanea,* Barcelona, 1972.

Sánchez Mielgo, G., “Eclesiología de Juan 21 (Pedro y Juan al servicio de la Iglesia)”, in AA.W., *Ministerio y Carisma. Homenaje a monseñor García Lahiguera,* Anales Valentinos, número extraordinario. Valen­cia, 1975, p. 11-52.

Sanday, W., *The Criticism of the Fourth Gospel,* Oxford, 1905.

Sanders, J. N., *A Commentary on the Gospel according to St. John* (Black’s New Testament Commentaries), B. A. Mastin (ed.), London, 1968.

Sanders, J.N., “Those whom Jesus Loved - John XI, 5”, *NTS* 1 (1954- 1955) 29-35.

Sanders, J. N., “Who Was the Disciple whom Jesus Loved?”, in F. L. Cross (ed.), *Studies in the Fourth Gospel,* London, 1957, p. 72-82.

Sasse, H., aiœv, *GLNT1,* 531-564.

Scheil, V., *Recueil de signes archaïques,* Paris, 1898.

Schlatter, A., *Das Evangelium nach Johannes. Erläuterungen zum Neuen Testament,* Stuttgart, 1962.

Schmid, J., “Petrus «der Fels» und die Petrusgestalt der Urgemeinde”, in *M. Roesle-0 ~Cullmann (ed.), Begegnung der Christen. Studien evan­gelischer und katholischer Theologen. Festschrift für O. Karrer,* Frank­furt am Main-Stuttgart, 1959, p. 347-359.

Schmidt, K. L., ày(oyf|, *GLNT*I, 343-362.

Schmidt, K.L., ¿KKXiicria, *GLNT IN,* 1490-1580.

Schmidt, K.L., KaXé®, *GLNT IN,* 1453-1464.

Schmitt, J., “Le récit de la résurrection dans l’évangile de Luc”, *RevSR* 25 (1951) 220-228.

Schmitt, J., “Résurrection”, *DBS* X, 487-582.

Schnackenburg, R., *Il Vangelo di Giovanni* (Commentaire Teologico del Nuovo Testamente), traduçâo do original alemâo *Das Johannesevan- gelium,* I-III, Freiburg, 21972.1971.975, feita por G. Cecchi, Brescia, 1973.1977.1981.

Schnackenburg, R., “On the Origin of the Fourth Gospel”, *Perspective* 11 (1970) 223-246.

Schnackenburg, R., “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, *MiscFranc* 74 (1974) 384-408.

Schnackenburg, R., “Die «situationgelösten» Redestücke in Joh 3”, *ZNW* 49 (1958) 88-89.

Schneider, I., dvaßaivo, *GLNT 11,* 15-24.

Schneider, J., ëpxopat, eloépxopai, ovvépxonai, *GLNT 111,* 913-964.

Schneider, J., *Das Evangelium nach Johannes* (Theologischer Handkom­mentar zum Neuen Testament Sonderband), Berlin, 1976.

Schneider, J., “Zur Komposition von Joh 18,12-27: Kaiphas und Hannas”, *ZNW* (1957) 111-114.

Schneider, J., pépoç, *GLNT* VII, 79-90.

Schneiders, S., *Unity and Structure of John 20 - The Johannine Resurrec­tion Narrative,* diss. Pontificia Universitas Gregoriana, Roma, 1975.

Schneiders, S. M., “The Face Veil: A Johannine Sign - John 20,1-10”, *BibTB* 13 (1983) 94-97.

Schneiders, S. M., “The Foot Washing (John 13,1-20): An Experiment in Hermeneutics”, *CBQ* 43 (1981) 76-92.

Schrenk, G., ¿K^yonai, *GLNTN1,* 400-403.423-487.

Schrenk, G., OéX©, *GLNT IN,* 259-283.

Schunk, K.D., “Der Tag Jahves”, *Kairos* 11 (1969) 14-21.

Schürmann, H., *Das Lidcasevangelium,* Freiburg, 1969.

Schwank, B., “Christi Stellvertreter: Joh 21,15-25”, *SeinSend* 12 (1964) 531-542.

Schweizer, E., “The Concept of the Church in the Gospel and Epistles of S. John”, in A. J. B. Higgins (ed.), *New Testament Essays. Studies in Memory ofT. W. Manson,* Manchester, 1959, p. 230-245.

Schweizer, E., *’Eycb dpi. Die religionsgeschichtliche Herkunft und theolo­gische Bedeutung des Johanneischen Bildreden zugleich ein Beitrag zur Quellenfrage des vierten Evangeliums* (FRLANT, 38), Göttingen, 1965.

Schweizer, E., *Das Evangelium nach Lukas* (Das Neue Testament Deutsch, 3), Göttingen, 1983.

Seesemann, H., ônio®, *GLNT VW,* 811-820.

Seesemann, H.-Bertram, G., naré®, nepinaié®, *GLNT TX,* 1095-1110.

Segalla, G., *Giovanni* (Nuovissima versione della Bibbia dai testi originali, 36), Roma, 1986.

Segovia, F. F., “John 13,1-20: The Footwashing in the Johannine Tradi­tion”, *ZNW 73* (1982) 31-51.

Seguineau R.-Odelain, O., *Dictionnaire des nomes propres de la Bible,* Paris, 1978.

Shaw, A., “The Breakfast by the Shore (Jo 21,1-14) and the Mary Ma- dalene Encounter (Jo 20,11-18) as Eucharistic Narratives”, *JTS* 25 (1974) 12-26.

Shaw, A., “Image and Symbol in John 21”, *ExpTim* 86 (1974-1975) 311.

Simonis, A. J., *Die Hirtenrede im Johannesevangelium: Vesuch einer Analyse von Johannes 10,1-18 nach Entstehung, Hintergrund und Inhalt* (Ana­lecta Biblica 29), Roma, 1967.

Skehan, P. W„ “The Date of the Last Supper”, *CBQ* 20 (1958) 197-199.

Smalley, S. S., “The Sign in John XXI”, *NTS* 20 (1973-74) 275-288.

Snyder, G. F., “John 13,16 and the Anti-Petrinism of the Johannine Tradition”, *BR* 16 (1971) 5-15.

Soards, M.L., tòv èn£v80TT|v Stc^cboaTO, fjv yàp yvpvôç (Jo 21,7), *JBL* 102 (1983) 283-284.

Souza, R.C., “Evangelho e anûncio - etimologia biblica”, *VP* 19 (1978) 3-8.

Souza, R.C., *Palavra, parabola. Uma aventura no mundo da linguagem,* Aparecida, 1990.

Spadafora, F., “Risurezione di Gesù (Gv 20,3-10)”, *PalCl* (1972) 581- 595.

Spicq, C., *Agape dans le Nouveau Testament. Analyse des textes,* I-III, Paris, 1958-1959.

Spiro Bey, S., *An English-Arabic Vocabulary of the Modem and Colloquial Arabic of Egypt,* Cairo, 1929.

Spitta, F., *Das Johannes-Evangelium als Quelle der Geschichte Jesu,* Göt­tingen, 1910.

Stauffer, E., àyanù®, *GLNTT,* 92-146.

Stauffer, E., èniTipà®, *GLNT*II, 797-806.

Stähling, G., qnXéœ, *GLNT* XIV, 1118-1198.

Stchoupak, N.-Nrm, L.-Renou, L., *Dictionnaire Sanskrit-Français,* Paris, 21971.

Stephano, H., *Thesaurus Graecae Linguae,* I-IX, Paris, 1841-1854.

Stock, K., *Alcuni aspetti della Cristologia Marciana,* Roma, 1989.

Stock, K., *Il Racconto della Passione nei vangeli sinottici,* prima parte, Roma, 1989.

Strack, H. L.-Billerbeck, P., *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash,* I-IV, München, 1922/1924/1926/1928.

Stracky, J., “Pétra et la Nabatène”, *DBS* VII, 886-1017.

Talayero Tovar, S., *Pasión y Resurrección en el IV Evangelio. Interpre­tación de un cristiano de primera hora* (Bibliotheca Salmanticensis XVII), Salamanca, 1976.

Tarelli, C.C., “Johannine Synonyms”, *JTS* 47 (1946) 175-177.

Temple, H., *Reading of St. John’s Gospel,* London, 1951.

Thiede, C. P., *Das Petrusbild in der neueren Forschung,* Wuppertal, 1987.

Thiede, C. P., *Simon Peter. From Galilee to Rome,* Exeter, 1986, p. 17-97.

Thomas, W. G., “The Purpose of the Fourth Gospel”, *Bibliotheca Sacra* 19 (1968) 254-252.

Thurian, M., *Marie, Mère du Seigneur, figure de l’Église,* Taise, 1962, p. 231-241.

Titus, E. E., *The Message of the Fourth Gospel,* New York, 1957.

Tondelli, L., “Le Figure Minori del IV Vangelo e dei Sinottici, *Biblica* 3 1982) 15-44.

Traets, C., *Voir Jésus et le Père en Lui selon l’Évangile de Saint Jean* (Analecta Gregoriana, 159), Roma, 1967.

Trench, R. C., *Synonyms of the New Testament,* London, 1894, p. 41-45.

Trilling, W., “Zum Petrusamt im Neuen Testament. Traditionsgeschicht- liche Überlegungen anhand von Matthaus, 1 Petrus und Johannes”, *TPQ* 151 (1971) 110-133.

Tuñi, J.O., “Pasión y muerte de Jesús en el cuarto Evangelio: Papel y significación”, *RCatalT* 1 (1976) 393-419.

Vaccari, A., “TESqoav aòrò ôOovioiç (Ioh 19,40): Lessicografia ed esegesi”, in AA.W., *Miscelánea Biblica B. Ubach,* Barcelona, 1953, p. 375-386.

Vaganay, L., “La finale du quatrième Évangile”, *RB* 45 (1926) 512-528.

Van Belle, G., *Johannine Bibliography (1966-1985). A Cumulative Bibliography on the Fourth Gospel* (BETL, 82), Leuven, 1988.

Van Den Bussche, H., “L’Église dans le quatrième évangile”, in J. Giblet (ed.), *Aux Origines de l’Église* (Recherches Bibliques, 7), Desclée de Brouwer, 1965, p. 65-85.

Van Den Bussche, H., *Giovanni. Commento del vangelo spirituale,* tra- duçao do originai francés *Jean: Commentaire de l’Évangile Spirituel,* Bruges-Paris, 1967, feita por B. Di Posano-V. Paganini, Assisi,21971.

Van Den Ploeg, J. P. M.-Vand Der Woude, A. S., *Le Targum de Job de la Grotte XI de Qumran,* Leiden, 1971.

Van Der Woude, A.S.-De Jonge, M., xpí®, *GLNTXN,* 890-939.

Van Goudoever, J., *Fêtes et Calendriers bibliques* (Théologie historique, 7), Paris, 1967.

Vanhoye, A., “La composition de Jn 5,19-30”, in J. Duculot (ed.), *Mélange Biblique en homage au R.P.B. Rigaux,* Gembloux, 1970, p. 259-274.

Vanhoye, A., *De Narrationibus Passionis Christi in Evangeliis Synopticis,* Roma, 1970.

Vanhoye, A., *Struttura e Teologia dell’Epistola agli Ebrei,* Roma, 1988.

Vanni, U., *L’Apocalisse. Ermeneutica, esegesi, teologia* (Supplementi alla Rivista Biblica, 17), Bologna, 1988.

Vanni, U., *Vangelo secondo Giovanni. Passi scelti,* Roma, 1974.

Vellanickal, M., “Discipleship according to the Gospel of John”, *Jeevadhara* 10 (1980) 131-147.

Vellanickal, M., “Resurrection of Jesus in St. John”, *BibleBhashyam* 3 (1977) 131-154.

Vigouroux, F., “Saint Pierre”, *DBS* DC, 356-378.

Vogt, E., *Lexicon Linguae Aramaicae Veteris Testamenti,* Roma, 1971.

Von Rad, G., *Teologia do Antigo Testamente,* I-II, traduçâo do original alemäo *Theologie des Alten Testaments,* Christian Kaiser Verlag, 1957, feita por F. Catâo, Sâo Paulo, 1986.

Vulliaud, P., *Les textes fondamentaux de la Kabbale,* Paris, 1933.

Wagner, M., *Die lexikalischen und grammatikalischen Aramaismen im alttestamentlichen Hebräisch* (Beihefte zur Zeitschrift für die alttesta- mentliche Wissenschaft, 96), Berlin, 1966.

Watti, W.W., “The Significance of Anonymity in the Fourth Gospel”, *ExpTim* 90 (1978) 209-212.

Weise, M., “Passionswoche und Epiphaniewoche im Johannesevange- lium”, *KerDog* 12 (1966) 48-62.

Weiss, B., *Das Johannes Evangelium,* Göttingen, 1902.

Weiss, H., “Foot Washing in the Johannine Community”, *NT* 21 (1979) 298-325.

Wellhausen, J., *Das Evangelium Johannes,* Berlin, 1908.

Westcott, B. F., *The Gospel according to St. John,* London, 1958.

Westermann, C., *Genesis 12-36* (Biblischer Kommentar), Neukirchen- Vluyn, 1974.

Westermann, C., “Genesis 17”, *TLZ* 101 (1976) 161-170.

Westermann, C.-Jenni, E., *Dizionario Teologico dell’Antico Testamente,* ediçao italiana a cura del G. L. Prato, Casali-Monferrato, 1982.

Wiarda, T., “John 21,1-23: Narrative Unity and its Implications”, *IStNT* 46 (1992) 53-71.

Wikenhauser, A., *Das Evangelium nach Johannes übersetzt und erklärt* (Regensburger Neues Testament, 4), Regensburg, 1961.

Wilcox, M., “The Composition of John 13,21-30”, in E.E. Ellis-M. Wilcox (ed.), *Neotestamentica et Semitica, Studies in honor of L. Black,* Edinburg, 1969, p. 143-156.

Wilcox, M., *La notion de foi dans le Quatrième Évangile,* Leuven, 1962.

Wilcox, M., “Peter and the Rock. A Fresh Look at Matthew XVI, 17-19”, *NTS* 22 (1975) 73-87.

**WiLLEMSE, J. J. C.,** *Het Vierde Evangelic. Een Onderzoek Naar Zijn Struc­ture,* Antuerpia, 1965.

Willian, F. M., “Johannes am Grabe des Auferstandenen (Jo 20,2-10)”, *ZkT* 71 (1949)204-253.

Wind, A., “Destination and Purpose of the Gospel of John”, *NT* 14 (1972) 26-69.

Winday, J., “Les vestiges laissés dans le tombeau et la foi du disciple (Jn 20,1-9)”, *NRT* 110 (1988) 212-219.

Winstanley, M., “The Sherpherd Image in the Scriptures. A Paradigm for Christian Ministry”, *CleR* 71 (1986) 197-206.

Zahn, T., *Das Evangelium des Johannes* (Kommentar zum Neuen Testa­ment, 4), Leipzig-Erlangen, 1921.

Zahn, T., *Das Evangelium des Matthäus* (Kommentar zum Neuen Testa­ment, 1), Leipzig, 1922.

Zervick, M., *Biblical Greek Illustrated by Examples* (Scripta Pontificii Instituti Biblici, 114), ediçâo iglesa adaptada da quarta ediçâo latina, por J. Smith, Roma, 1963.

Zerwick, M.-Grosvenor, M., *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament,* Roma, 31988.

Zevini, G., “I primi discepoli seguono Gesù (Gv 1,35-51)”, *ParSpV* 2 (1980) 140-153.

Zorell, F., *Lexicon Graecum Novi Testamenti,* Paris,31961.

Zorell, F., *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti,* Roma, 1960.

**ÍNDICE ONOMÁSTICO**

Abbott, E.A. 124, 137, 138, 177, 225, 285

Abogurin, S. O. 44, 45, 47, 48, 63, 314

Ackroyd, P. R. 273

Agourides, S. 35, 36, 190, 266, 267

Aland, K. XXI, 45, 46, 56, 57, 63, 65, 69, 93, 106, 111, 115, 117, 118, 121, 122, 125,147, 150,155,170, 177, 185, 192,199, 217, 227, 254, 257, 265, 266, 269, 270, 274, 276, 285, 293, 295, 296, 299, 322, 351

Albright, W. F. 85, 94, 95

Allen, L.C. 355

Alonso Schökel, L. 74, 79, 80, 81, 85, 86, 355

Ambrosius, 285, 306

Annen, F. 294

Asensio, F. 81

Aubineau, M. 274

Augustinus, 124, 235, 272, 306

Bacon, B.W. 34

Bailly, M. A. 74, 83, 84

Balagué, M. 232, 233

Balancin, E. M. 86

Barklay, W. 353, 356

Barreto, J. 31, 32, 33, 57, 61, 63, 65, 68, 89, 144, 153, 164, 165, 173, 189, 190, 220, 221, 225, 226, 229, 230,

1. 257, 260, 262, 263, 265, 267,
2. 273, 280, 285, 303, 307, 308,

309 323 353

Barrett, CK. 47, 55, 57, 70, 91, 100, 110, 119, 120, 123, 124, 127, 129, 140, 143, 144,147, 153,154,155, 156, 159, 163,172,176, 187,195, 198, 203, 219, 222, 232, 239, 251, 252, 259, 261, 262, 263, 265, 275, 277, 282, 284, 285, 290, 304, 305, 309, 315, 356

Bauer, W. 64, 84, 129, 216, 217, 220, 285, 294

Bauernfeind, O. 102, 218

Baumgartner, W. 92

Beasley-Murray, G. R. 259

Becker, J. 57, 314

Beekmann, P. 129

Benoit, P. 2, 3, 4, 9, 173, 221, 223, 231, 232, 245, 259, 297, 314

Bernard, J. H. 47, 55, 56, 61, 63, 66, 68, 103, 111, 113, 119,126, 200, 236, 262, 285, 303, 314

Betz, J. 70, 76, 78, 90

Bianchi, E. 341

Billerbeck, P. 262, 301

Black, M. 79

Blass, F. 48, 57, 63, 66, 67, 84, 92, 106, 115, 122, 158, 176, 177, 197,198, 217, 219, 262, 309, 310

Blinzier, J. 172, 179, 180, 192

Boisacq, E. 74, 83, 84

Bosimard, M.fi. 45, 46, 48, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 78, 90, 127, 129, 136, 140, 148, 150,176, 187, 245, 249, 250, 258, 288, 314, 322, 324

Bonningues, M. 123

Borgen, P. 180

Bomkam, G. 353

Bosetti, E. 295, 298, 299, 300

Botha, J.E. 156

Boyle, J.L. 135, 153

Breck, J. 250, 352, 353

Briggs, C.A. 75, 76, 77, 78

Bright, J. 84

Brown, F. 75, 76, 77, 78

Brown, R.E. 14, 15, 16, 47, 51, 53, 55, 57, 61, 62, 66, 69, 70, 91, 92, 94, 100, 110,121, 122,123, 128, 129,136, 140, 145,147, 148, 149, 157, 162, 163, 166, 171, 172, 174, 177, 187, 191, 193, 195, 197, 198,200, 203, 206, 211, 216, 220, 221, 223, 236, 239, 241, 243, 245, 249, 251, 252,257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 265, 267, 268, 269, 271, 273, 274, 281, 283, 285, 288, 302, 305, 311, 312, 313, 314, 315, 318, 328

Bultmann, R. 27, 28, 29, 30, 47, 49, 61, 62, 66, 67, 101, 103, 104, HO, 111, 121, 122, 123, 124,126, 129,132, 139, 140, 144, 147, 154, 155, 156, 158, 159, 162, 163, 165, 170,185,188, 190, 193,

1. 212, 223, 225, 239, 240, 241, 251, 257, 259, 262, 267, 268, 269, 271, 273, 277, 282, 283, 285, 301, 305, 306, 311, 314,315,317

Büchsel, F. 114, 176

Caba, J. 52, 100, 103, 115, 116, 120, 124, 127, 128, 210, 215, 225, 229, 235, 236, 238, 239, 249, 251, 252, 257, 258, 260, 262, 263, 266, 279, 281, 284, 285, 292, 293, 297, 304, 308

Cancian, D. 34, 187

Caragounis, C. C. 83, 94

Carbone, S. P. 84, 86

Camiti, C. 178

Carson, D. A. 259

Cassien, B. 23, 24, 303

Cerfaux, L. 153, 166, 225

Chantraine, P. 74, 83, 93, 190, 294, 296

Chaplin, R. N. 127, 179, 220, 221, 223, 244, 259, 261, 263, 265, 267, 274, 282, 286

Charboneau, A. 170, 171, 174,181, 189, 194, 197, 199, 201

Charlesworth, J. H. 94, 95

Charlier, J. P. 225

Charpentier, E. 216, 235, 238, 240

Chrysostomos, J. 187

Cipriani, S. 69, 70, 90, 104, 124, 126, 129, 130, 132

Claudel, G. 249

Codina, V. 263

Collins, R. F. 12, 13, 338

Colson, J. 187

Compagnoni, P. 63

Coulot, C. 7, 46, 48, 50, 58, 64, 65, 68, 70, 89, 174, 258, 264, 281, 314

Courtes, J. 234

Craigie, P. M. 81, 83

Cullmann, O. 8, 9, 10, 57, 83, 92, 93, 121, 128, 129, 225, 259, 316

Curtis K. P. G. 244

Cyrillus Alexandrinus 187, 272

D’A, S. J. 355

D’Aragon, J. L. 344

Da Sortine, M. P. 44, 46, 48, 50, 52, 55, 56, 66, 90, 314

Da Spinetoli, O. 44, 130, 202, 315

Dauer, A. 180, 206

Davey, N. 34

Davidson, B. 77

De Solages, B. 159, 187

Debrunner, A. 48, 57, 63, 66, 67, 84, 92, 106, 115, 122, 158, 176, 177, 192, 197, 198, 217, 219, 262, 309, 310

Delebecque, E. 220, 223, 237, 238, 251, 304

Delling, G. 115

Delorme, J. 170, 175, 178

Derrett, J.D.M. 143, 144, 147, 150, 154

Desiderio, F. 292

Dhorme, P. 79, 80

Diez Macho, A. 85, 87

Dillon, R. J. 314

Dinkier, E. 67

Dodd, C.H. 47, 63, 129, 181, 185, 200, 301, 354

Domeris, W. R. 127

Dreyfyss, P. 150

Drinkard, J. F. 81, 83

Driver, S. R. 75, 76, 77, 78

Droge, A. J. 26, 27, 187, 353

Drumwright, H. L. 312

Duke, P. 156

Dupont, L. 210, 211, 216, 229, 230

Egger, W. 329

Elliott, J. K. 322, 324

Ellis, P. F. 249, 352

Emerton, J. A. 273

Erman, A. 74

Emout, A. 75

Ernst, J. 114, 130, 132, 178, 203

Fabris, R. 295, 311

Fedalto, G. 139

Fernández Ramos, F. 17, 18, 19, 118

Ferraro, G. 102, 104, 109, 111, 113, 117

Ferreira, A. B. H. 77

Feuillet, A. 100, 110, 126, 129, 216, 223, 231, 232, 233, 234, 235

Fitzmyer, J. A. 68, 70, 85, 86, 88, 92, 314, 323

Foerster, W. 113, 118

Fohrer, G. 80

Fortna, R. T. 46, 49, 128, 180, 203, 206, 245, 314

Fossati, L. 233

Franzmann, M. 336, 341, 353

Freed, E.D. 66, 225, 250, 285

Freire, W. 75

Frieling, R. 289

Gaffney, J. 123

Galilea, S. 341

García Cordero, M. 81

Gardini, G. 82

Gächter, P. 100, 357

Gee, D.H. 267, 268

Gesenius, G. 75, 76, 77, 80

Ghiberti, G. 66, 216, 238, 244, 249, 251, 259, 263, 264, 285, 304, 309, 310

Ghidelli, G. 1

Giblet, J. 343

Giblin, C.H. 170, 176, 178, 189, 192, 206, 347

Gils, F. 259, 313

Glesbrecht, H. 344

Glombitza, O. 284, 304, 305

Gnidovec, F. 232, 233

Goguel, M. 307

Goppelt, L. 100, 178

Gordis, R. 79

Gorgulho, G. 171, 298

Grant, R. 272

Grass, H. 235, 239, 259, 314, 315

Green, S. G. 64, 65

Gregorius Magnus, 272

Greimas, A. J. 234

Grigsby, B. 273

Grossouw, W. K. 136

Grosvenor, M. 48, 216, 242, 266, 291, 294, 317, 352

Grundmann, W. 123, 132, 199

Guillaume, J. M. 244

Gunther, J. J. A. 12

Gutiérrez, G. 79, 120

Hahn, F. 45, 48, 50, 52, 53, 181

Hartman, L. 251, 252, 266, 275

Hartmann, G. 236, 245

Hatch, E. 83, 94, 185, 295

Hauck, F. 63

Hausleiter, J. 257

Hesse, F. 63, 132

Hieronymus, 187, 271

Hoffmann, P. 314

Hoffmann, Y. 178

Holladay, W. 81, 82, 84

Hoskyns, E.C. 34, 46, 47, 56, 103, 119, 120, 129, 130, 138, 140, 145, 147, 164, 176,185, 192, 219, 220, 238, 251, 257, 260, 263, 264, 267, 271, 273, 285, 303, 310

Hultgren, A. J. 138, 140, 146 lafolla, P. 159, 187

Jacquemin, P. E. 47

Janssens De Varebeke, A. 169, 170, 171, 243

Jaubert, A. 126, 170, 172

Jenni, E. 76, 77, 78

Jeremias, J. 78, 91, 113, 140, 200, 295, 296, 298, 300, 301

Joubert, H.L.N. 127

Joüon, P. P. 82

Karavidopoulos, J. 61, 282

Karrer, O. 68, 89

Kasper, W. 119

Kelley, P.H. 81, 83

Kittel, G. 103, 119, 343

Klaiber, W. 356

Klinger, M. 336, 341, 353

Koehler, L. 92

Kornfeld, W. 126

Kraeling, E. G. 92

Kragerud, A. 191, 220, 223, 259

Kremer, J. 234, 265

Kruse, H. 273, 274

Kuhn, K.G. 163

La Potterie, I. De 52, 99, 106, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 138, 141, 169, 170, 171, 174, 175, 177, 178, 181, 190, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 209, 210, 211, 212, 225, 227, 229, 230, 236, 237, 238, 241, 242, 243, 249, 251, 274, 275, 284, 291, 300, 301, 303, 310, 311 Làconi, M. 271, 275, 292, 297, 305, 306, 307, 318, 328, 336, 342, 358

Lagrange, M.J. 47, 56, 57, 65, 70, 110, 126, 129, 130, 136, 144, 145, 174, 180, 181, 185, 187, 192, 193, 197, 200, 217, 220, 221, 223, 233, 235, 240, 251, 256, 259, 261, 262, 264, 265, 266, 268, 281, 285, 297, 304, 306, 308, 309

Lamarche, P. 294

Lamouille, A. 45, 46, 50, 51, 57, 127, 129, 176, 187, 245, 250, 288, 314

Lampe, P. 83, 95

Lash, C. 210, 211, 216, 229, 230

Le Deaut, R. 102

Leal, J. 127, 129

Leaney, A. R. C. 245

Léon Dufour, X. 139, 200

Levesque, G. 210, 211, 216, 229, 230

Liddell, H.G. 83, 84, 217, 242, 294, 296, 300

Lightfoot, R.H. 129, 270, 280

Lindars, B. 47, 57, 67, 89, 103, HO, 119, 140,143, 145, 147, 148,151,153, 155, 162, 164, 172, 175, 180, 192, 197, 203, 217, 222, 235, 245, 250, 258, 263, 304, 357

Lohmeyer, E. 150

Loisy, A. 149, 171, 223, 268

Lowe, J. 92

Lüthi, W. 196

Malatesta, E. 1, 135

Mahoney, A. 179, 180, 181, 224

Mann, C.S. 94, 95

Manns, F. 73, 135, 136, 138, 140, 141, 150, 154, 226, 227, 235

Marrow, S. B. 250, 266, 274, 313

Marshal, I. H. 244

Marzotto, D. 302

Mateos, J. 31, 32, 33, 57, 61, 63, 65, 68, 89, 144, 153, 164, 165, 173, 189, 190, 220, 221, 225, 226, 229, 230, 251,

1. 260, 262, 263, 265, 267, 268,
2. 280, 285, 303, 307, 308, 309,
3. 353

Maurer, C. 274

Mayer, G. 178

Maynard, A. H. 25, 26, 189

McDowell, E. A. 258

McKay, K. L. 284, 285, 286, 293, 311

McPollin, J. 53, 128, 144, 146, 163, 164, 165, 262, 263, 270, 274, 283, 305, 341, 344

Maillet, A. 75

Menken, M.J.J. 126

Mercer, S. 74

Mercier, R. 231, 233

Merklein, H. 356

Merli, D. 290

Metzger, B.M. 54, 105, 160, 179, 180

Michaelis, W. 225, 227, 228

Michel, O. 95

Milik, J. T. 85, 87, 88, 323

Minear, P. S. 93, 249, 250, 257, 258, 312

Mlakuzhyil, G. 52, 106, 135, 169

Mollat, D. 55, 91, 210, 211, 212, 221, 235, 237, 238, 239, 356

Moloney, F. J. 215, 223

Morris, L. 188

Muñoz Leon, D. 1

Murphy, R. A. T. 171

Napole, G.M. 249, 251,264

Neuck, W. 235

Naville, E. 69

Neirynck, F. 106, 185, 217, 242, 243, 244, 245

Nestle, E. 56, 57

Niccacci, A. 135, 137, 147, 148, 159

Nicholson, G.C. 153

Nicol, G.G. 144

Nitti, L. 74

Nolli, G. 56, 62, 65, 93, 109, 115, 123, 144, 147, 148, 149, 153, 155, 157,

1. 163, 172, 173, 175, 177, 190,
2. 194, 195, 196, 197, 199, 216,
3. 218, 220, 222, 261, 266, 267,
4. 270, 308, 309

O’Grady, J. F. 30, 31, 344

Odelain, O. 78, 83

Oepke, A. 270

Orge, M. 136, 137, 138, 140, 141, 144, 147, 148, 151

Orígenes, 90, 284

Ortiz, R. 111

Painter, J. 135, 166, 344

Panimolle, S. 47, 49, 64, 65, 66, 70, 104, 119, 127, 129, 132, 143, 147,

1. 151, 158, 165, 166, 216, 220,
2. 223, 251, 268, 282, 285, 302,
3. 308

Pasquetto, V. 53, 64, 99, 135, 153, 170, 171, 174,181, 210, 211, 212, 238, 251, 252, 299, 316

Passoni Dell’Acqua, A. 94, 95

Perry, J.M. 250

Pesch, R. 5, 6, 48, 67, 68, 89, 314

Philips, G.L. 66, 225

Philo Alexandrinus 296

Pierret, P. 74

Poppi, A. 188, 201, 216, 233, 236, 251, 252, 265, 282, 285, 306

Prat, F. 162, 163

Preisker, H. 61, 296, 297

Prete, B. 317

Prevot, A. 225, 229

Procksch, O. 126

Rábanos Espinosa, R. 1

Ravasi, G. 79, 80

Read, D.H.C. 65, 144

Redpath, H. A. 83, 94, 185, 295

Reese, J.M. 135, 154, 156

Refoulé, F. XXI, 11, 69, 189, 191

Reim, G. 250

Reiser, W.E. 234, 239

Rengstorf, K.H. 101, 102, 125, 264

Renou, L. 74

Reymond, P. 295

Rheinfelder, H. 92

Riaud, J. 171

Richter, G. 135, 136

Rigaux, B. 93, 216, 236, 239, 245, 251, 252, 257, 284, 305, 306

Ringgren, H. 126

Rizzi, G. 84, 86

Roberts, C. 251

Robinson, J. A. T. 93, 300

Rodenas, A. 231, 232, 233

Romeo, J. A. 273

Roth, C. 68, 323

Rowley, H.H. 79

Ruckstuhl, E. 45, 51, 136, 150

Sabbe, M. 138, 166, 175, 203, 206

Sabugal, S. 63, 210

Sanchez Mielgo, G. 249, 297, 298, 310, 312, 315, 318

Sanday, W. 188

Sanders, J.N. 47, 55, 67, 110, 112, 140, 145,147, 153,155,159, 163, 164, 166, 193, 195, 204, 206,222, 223, 231, 234, 239, 245, 262, 263, 268, 277, 283, 285, 290, 308, 311

Sasse, H. 120

Scheil, V. 75, 76

Schlatter, A. 112, 185, 250

Schmid, J. 92, 94, 245

Schmidt, K. L. 64, 70, 356

Schmitt, J. 245

Schnackenburg, R. 20, 21, 22, 47, 57, 66, 67,91,99,100, 101,105, 112,113, 114, 117, 121,122,123, 124, 125, 126, 128, 140,144, 147, 149, 154,155, 159, 164, 165, 166,170, 171,176,180, 188, 192,193, 194, 198,200, 203, 204, 206, 213, 217, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 227, 235, 236, 243, 244, 245, 251, 252, 257, 259, 260, 267, 268, 269, 273, 275, 281, 282, 284, 285, 287, 288, 289, 297, 298, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 317, 347, 355, 356, 357

Schneider, J. 47, 57, 117, 180, 190, 241

Schneiders, S.M. 144, 219, 231, 234, 235, 245

Schrenk, G. Ill, 112, 115

Schulz, S. 296, 297

Schunk, K. D. 178

Schwank, B. 280

Schweizer, E. 100, 314

Scott, R. 83, 84, 217, 242, 294, 296, 300

Seesemann, H. 130

Segalla, G. 52, 124, 129, 148, 174, 185, 188, 200, 221, 238,251, 252, 264, 265, 266, 304, 308

Segovia, F.F. 141, 146, 147, 148

Seguineau, R. 78, 83

Shaw, A. 250, 264, 314

Sicre Diaz, J. 79, 80, 81, 85, 86, 355

Simonis, A. J. 300, 303

Skehan, P.W. 55

Smalley, S.S. 249, 252,315

Snyder, G. F. 36, 37, 38

Soards, M.L. 265, 266

Souza, R.C. 74, 75, 76

Spadafora, F. 233, 239

Spicq, C. 284, 285, 287, 289, 290, 291, 292, 297

Spiro Bey, S. 74

Spitta, F. 46, 49, 128

Stauffer, E. 130, 286

Stchoupak, N. 74

Stephano, H. 83, 84, 93, 190, 294

Stock, K. 63, 127, 205

Stomiolo, I. 86

Strack, H. L. 262, 301

Stracky, J. 78

Talavero Tovar, S. 179, 180, 203, 206, 215, 245

Tarelli, B. 225

Temple, H. 126, 127

Thiede, C.P. 235, 265

Thomas, W.G. 210

Thurian, M. 275

Titus, E. E. 34

Traets, C. 66, 220, 222, 225, 226, 227, 230, 231

Trench, R. C. 285

Triling, W. 24, 25

Tuni, J. O. 338

Vaccari, A. 232

Vaganay, L. 249

Van Belle, G. 1, 43, 135

Van den Bussche, H. 66, 112, 116, 124, 136, 144,145, 149, 155, 158, 166, 175, 177, 188, 265, 344

Vander Ploeg, J.P.M. 85, 86

Van der Woude, A. S. 85, 86, 132

|  |  |
| --- | --- |
| Van Goudoever, J. 55  Vanhoye, A. 60, 103, 203, 205  Vanni, U. 100, 101, 150, 170, 177, 178, 201 288  Vellanickal, M. 61, 216, 236  Vogt, E. 77  Von Campenhausen, H. 140  Von Rad, G. 150  Vulliaud, P. 273 | 261, 262, 263, 265, 268, 271, 277, 281, 284, 285, 292, 297, 303, 304, 305, 307, 309, 310  Westermann, C. 69, 76, 77, 78  Wiarda, T. 251, 256, 264, 282  Wigram, G.V. 78  Wikenhauser, A. 129, 239  Wilcox, M. 123  Willemse, J.J.C. 52  Willian, F. M. 239 |
| Wagner, M. 75  Watti, W. W. 186  Weise, M. 55  Weiss, B. 129  Weiss, H. 138, 145, 146 | Wind, A. 93  Winday, J. 238, 239  Winstanley, M.T. 281, 298, 305, 306  Wright, A. 113 |
| Wellhausen, J. 49, 128  Westcott, B.F. 45, 52, 61, 64, 70, 103, 114, 115, 116, 119, 124, 129, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 156, 157, 158, 162, 163,164, 172,176, 178,185, 192, 193, 194, 196, 197, 217, 220, 222, 225, 230, 233, 235, 237, 250, 251, 257, 258, | Zahn, T. 92  Zewick, M. 48, 84, 216, 242, 266, 291,  294, 317, 352  Zevini, G. 58, 65, 70  Zorell, F. 63, 75, 76, 77, 80, 82, 86, 93,  233 |

Finito di stampare il 29 aprile 1994  
Tipografia Poliglotta della Pontifìcia Università Gregoriana  
Piazza della Piletta, 4 - 00187 Roma

1. BAUDOT, Denis: *L’inséparabilité entre le contrai et le sacrement de ma­nage.* 1987. pp. 396.
2. HENN, William: *The Hierarchy of Truths according to Yves Congar, O.P.* 1987. pp.XII-272.
3. McGRATH, Aidan: *A Controversy concerning Male Impotence.* 1988. pp. 328.
4. ORBE, Antonio: *Introducción a la teologia de los siglos II y III.* 2 voli. 1987. pp. XX-1056.
5. VAN ROO, William A.: *Telling about God.* Volume III: *Understanding.* 1987. pp. XIII-351.
6. ANDERSON, James B.: *A Vatican II Pneumatology of the Paschal Mystery. The Historical-Doctrinal Genesis of Ad Gentes 1,2-5.* 1988. pp.XX-336.
7. PANACKEL, Charles: *Idou ho Anthropos (Jn. 19,5b). An Exegetical- Theological Study of the Text in the Light of the Use of the Term An­thropos designating Jesus in the Fourth Gospel.* 1988. pp. XXIV-396.
8. BAJADA, Joseph: *Sexual Impotence. The Contribution of Paolo Zacchia (1584-1659).* 1988. pp. 204.
9. FARAHIAN, Edmond: *Le ’Je” Paulinien. Etude pour mieux comprendre Gal. 2,19-21.* 1988. pp. 308.
10. ELBERTI, Arturo: *Il sacerdozio regale dei fedeli nei prodromi del Concilio Ecumenico Vaticano II (1903-1962).* 1989. pp.XXIV-300.
11. LADARIA, Luis: *La Cristologia de Hilario de Poitiers.* 1989. pp. XX-324.
12. ORBE, Antonio: *Espiritualidad de San Ireneo.* 1989. pp. XLII-340.
13. GILBERT, Paul: *Le Proslogion de S. Anseime. Silence de Dieu et joie de Thomme.* 1990. pp. 284.
14. BERLINGIERI, Giovanni: *Il lieto annuncio della nascita e del concepi­mento del Precursore di Gesù (Le. 1,5-23.24-25) nel quadro dell’opera lu­cana.* 1991. pp. XVIII-186.
15. CONN, James J.: *Catholic Universities in the United States and Ecclesias­tical Authority.* 1991. pp. XVI-348.
16. HARTEL, Joseph F.: *Femina ut Imago Dei. In the Integral Feminism of St. Thomas Aquinas.* 1993. pp. XVI-356.
17. PRADES, Javier: *Deus specialiter in Sanctis per Gratiam.* 1993. pp. XXXIV-486.
18. VAN ROO, William A.: *The Christian Sacrament.* 1992. pp. VIII-196.
19. VANDEVELDE, Guy: *Expression de la coherence du mystère de Dieu et du salut.* 1993. pp.XXVL178.
20. TAGLIAFERRI, Maurizio: *L’Unità Cattolica. Studio di una mentalità.* 1993. pp. XXII-378.
21. DE LIMA, Joäo Tavares: *«Tu seràs chamado Kq(pàQ». Estudo exegético sobre Pedro no quarto evangelho.* 1994. pp. XXIV-392.

Para os outros volumes, ver o CATÁLOGO GERAL de 1990

Para qualquer tipo de informado, pedidos e pagamentos, dirigir-se a: EDITRICE PONTIFICIA UNIVERSITÀ GREGORIANA Piazza della Pilotta, 35 - 00187 Roma, Italia

Tel. 06/678.15.67 - Telefax 06/678.05.88

A figura de Pedro, com os matizes relativos à sua pessoa e à sua missào, fornece sempre novas luzes para a compreensào da Comunidade Crista de ontem e de hoje. No entanto, no que diz respeito ao quarto evangelho, nào existe, apesar da numerosa produdo literaria, algum estudo monográfico que trate de Simào Pedro em modo exaustivo.

Servindo-se sobretudo dos instrumentos da leitura sincrònica, este estudo, em nove capítulos, examina as perícopes petrinas do quarto evangelho em si mesmas e na relaqao que deriva do seu conjunto, para elaborar a conceptúo que Joáo tem acerca de Pedro e de sua missào.

O primeiro capítulo considera como a problemática petrina no quarto evangelho tem sido tratada, agrupando as contribuiqóes mais significativas segundo algumas tendencias fundamentáis. O se­gundo capítulo, estudando Jo 1,41-42, releva as implicares do ter­mo *Kefas* na *re-denomina^ào* de Simào, indicando, programática­mente, a perspectiva segundo a qual deve ser vista a figura de Pedro no evangelho de Joáo. O terceiro capítulo estuda o nome *Kefas* no pano de fundo bíblico-judaico e a sua significado em Jo 1,42, che- gando a um significado original de fundo. Entre os capítulos quarto e oitavo estudamos as outras perícopes joaninas (6,67-71; 13,6- 10.21-26.36-38; 18,10-11.15-18.25-27; 20,1-10; 21,1-14.15-23) per­correndo a trajetória de Pedro no quarto evangelho. O capítulo con­clusivo evidencia as conexóes temáticas das perícopes estudadas, apresentando, de modo *sistèmico* a pessoa e a missào de Pedro em dois quadrantes estreitamente relacionados: o itineràrio percorrido por Simào - que longe de ser linear, faz com que a sua aproximado a Jesus seja lenta, gradual, e de modo nenhum isenta de paradoxos - encontra o seu sentido pleno enquanto serve à causa cristológica e eclesiológica do quarto evangelho, cujas *valencias* sáo evidenciadas tanto através da imagem de Pedro como *Kefas,* como através da simbólica do *Pastor.*

Joáo Tavares de Lima, salvatoriano brasileiro, nasceu em 1956, bacharelou-se em Teología em 1988 no Instituto Teológico Sao Paulo, iniciando no ano seguinte os estudos de especializado em Teología Bíblica, na Pontificia Universidade Gregoriana, em Roma. Após os dois anos de Licenpa, iniciou o doutorado na mes- ma universidade e em janeiro de 1994 apresentou a tese «Tu serás chamdo *Kefas* - Estudo exegético sobre Pedro no quarto evange­lho», a qual é, substancialmente, apresentada neste livro.

49 Refoulé, “Primauté”, p. 27, faz, ainda, uma analogia entre o fato de Pedro, em 18,15, ficar à porta, e a imagem da porta présente em Jo 10. Pedro teria, jâ aqui, qualquer missâo relacionada com o pastoreio.

99 Ibid., p. 582: “Pedro, aunque sea la máxima autoridad, no agota ni las posi­bilidades del conocimiento de Jesús ni las posibilidades de su anuncio. Existen múl­tiples modos y formas, uno de los cuales — que debe valorarse como de los más importantes — se halla encamado en la comunidad joánica”.

9 Esta perícope é muito semelhante a Jo 21,1-19, e geralmente as duas säo consideradas como pertencentes á mesma tradidäo. Cf. Abogunrin, “Accounts of Peter’s Cali”, p. 590. Ver também infra, cap. 8, p. 313-316.

48 Cf. Hahn, “Die Jüngerberufung”, p. 184; Da Sortino, “La Vocazione di Pietro”, p. 32.

49 Existem muitas e variadas propostas de estrutura^ào e divisào do quarto evangelho. Urna cronología com o esquema geral das diversas estruturas propos­tas, de 1844 a 1964, pode ser encontrada em J. J. C. Willemse, *Het Vierde Evange- lie. Een Onderzoek Naar Zijn Structure,* Antuerpia, 1965, p. 24-98. G. Mlakuzhyil, *The Christocentric Structure of thè Fourth Gospel,* Roma, 1987, p. 17-79, apresenta as estruturas formuladas por 28 estudiosos do evangelho de Joño. J. Caba, *De los Evangelios al Jesús Histórico. Introducción a la Cristologia,* Madrid, 21980, p. 343- 364, comenta as principáis estruturas. Seguimos, basicamente, a estruturacào pro­posta por I. DE LA Potterie, “Structura Primae Partís Evangelii Johannis”, *VD* 47 (1969) 132-133, que é retomada com ligeiras modificacòes por G. Segalla, *Gio­vanni,* Roma, 1986, p. 120-130. O quarto evangelho é dividido em dois livros: o Livro dos Sinais e o Livro da Gloria. O primeiro compoe-se dos doze primeiros capítulos e tem como temática central a revelado de Jesus a Israel, feita através de sinais e discursos. É subdividido em se^òes: depois do prólogo (1,1-18), temos urna grande se?áo que desenvolve dois ciclos de revelado com as respectivas respostas dos homens (1,19-4,54), que, por sua vez, é subdividida em duas partes, facilmente identificáveis como ciclos de revelacào: 1,19-2,12 e 2,13-4,54.

65 Cf. Bernard, *John,* I, p. 58.

66 Cf. Boismard, *Du Baptême,* p. 84, n. 3.

67 Cf. E. Nestle-K. Aland, *Novum Testamentum Graece,* Stuttgart, 261987, appendice II, p. 276.

68 Deste modo, o evangelista veria aqui npôxoç nâo como o primeiro entre uma série de pessoas, mas como o primeiro entre dois. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 180; G. Nolli, *Evangelo secondo Giovanni,* Città del Vaticano, 1986, p. 38.

69 Cf. Boismard, *Du Baptême,* p. 83; Lagrange, *Jean,* p. 47.

94 O verbo pévco assume grande importancia teológica em Joáo; é usado 40 ve- zes sobre um total de 118 em todo o Novo Testamento, e expressa, além da perma­nencia e imutabilidade de Deus em Cristo (14,10), a permanéncia em Cristo daque- les que O acolhem, fazendo com que o estágio final do discipulado seja estar onde Jesus está. P. Compagnoni, *Il Paese dello splendore,* Milano, 1987, p. 146,diz que “Il verbo dimorare, in Giovanni, vuol dire non solo stare in un luogo, ma entrare nel mondo spirituale di una persona, affiatarsi con i suoi pensieri, assimilare i suoi de­sideri, condividere la sua missione in mezzo agli uomini”. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/2, p. 771; II, p. 178-179; F. Hauck, pév®, *GLNT* VII, col. 21-31.

99 Cf. Abogunrin, “Accounts of Peter’s Cali”, p. 597. Quanto aos sinóticos, eles sugerem que os discípulos nao chegaram a urna convicio total de urna vez, mas a alcan^aram gradualmente; o ponto critico deste processo é a confissáo de Pedro em Me 8,29. Cf. K. Stock, *Alcuni aspetti della Cristologia Marciana,* Roma, 1989, p. 11-12; Bernard, *John,* I, p. 58-59; C. H. Dodd, *The Interpretation of thè Fourth Gospel,* Cambridge, 1954, p. 305.

17 Brown-Driver-Briggs, *Lexicon,* p. 498; Gesenius, *Thesaurus,* II, p. 708.

34 Existe urna perfeita lógica de oposito entre o “antes” e o “agora” de Jó. O acento neste marcado contraste é colocado já no inicio do capitulo 30 (30,1) com a locu^áo nnsn. Cf. P. Dhorme, *Le Livre de Job,* Paris, 1926, p. 391; L. Alonso SchOkel-J. Sicre Díaz, *Job. Comentario teológico y literario,* Madrid, 1983, p. 426.

35 G. Gutiérrez, *Parlare di Dio a partire dalla sofferenza deli Innocente. Una riflessione sul libro di Giobbe,* Brescia, 1986, p. 97: “Il disprezzo per il povero non è stato il comportamento trascorso da Giobbe. Al contrario egli può gloriarsi di aver realizzato le opere di misericordia e di aver praticato in questo modo la giustizia al di là delle esigenze dell’ordine legale”.

45 Cf. ISam 14,11; Na 2,13.

46 Cf. Fohrer, *Hiob,* p. 418; Gesenius, *Thesaurus,* II, p. 706.

64 Quando os LXX se diferenciam do Texto Masorético seguem um tipo textual hebraico diferente daquele seguido pelos masoretas. E concretamente no que tange ao livro de Jeremias, graças a 4Q Jer, sabe-se que o LXX-Jer repousa sobre um substrato hebraico diferente daquele do Texto Masorético. Possivelmente os LXX assumem um texto em via de assentamento, numa etapa ainda nào defini­tiva. Cf. S. P. Carbone-G. Rizzi, *Le Scritture ai tempi di Gesù. Introduzione alla LXX e alle antiche versioni aramaiche,* Bologna, 1992, p. 40.

74 O texto hebraico que o Targum de Jó segue aproxima-se muito daquele dos masoretas, nao apresentando as tongas paráfrases e as ampliaçôes dos targuns posteriores. Cf. Ploeg-Woude, *Le Targum de Job,* p. 7.

80 Devemos notar, contudo, que os targuns nâo sâo traduçôes literais do texto hebraico, o que justifica, de certo modo, as diferenças terminológicas entre as duas versôes. Cf. J. A. Fitzmyer, “The Contribution of Qumran Aramaic to the Study of the New Testament”, *NTS* 20 (1973-74) 395; Ploeg-Woude, *Le Targum de Job,* p. 76; Carbone-Rizzi, *Le Scritture ai tempi di Gesù,* p. 85-108.

9 Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 79.

44 Le 6,13; At 1,2.

104 8 vezes em Mateus, 5 em Marcos e 11 em Lucas. Cf. Aland, *Korkordanz,\\,* p. 222.

148 Cf. O. Procksch, &yioç, *GLNT* I, col. 272.

149 Cf. Cipriani, “La Confessione di Pietro”, p. 96-99; Lagrange, *Jean,* p. 191; Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 156; A. Feuillet, “Dans le sillage de Vatican IL Réflexions sur quelques versets de Jn 6 (w. 14-15; 67-69) et sur le réalisme histori­que des quatrième évangile”, *Divinitas* 30 (1986) 21.

176 Me 8,29; Mt 16,15; Le 9,20.

46 Jesus refere-se, ai, ao lava-pés com a expressào 6 èyd) notò. Este verbo, co­rno nota Hultgren, “The Johannine Footwashing”, p. 542, é tipicamente joanino para designar a missao escatològica de Jesus em uniào com o Pai. Cf. Jo 5,19.20.27.30; 8,38-39; 17,4.

66 Além disso, o termo pépoç aparece très vezes no quarto evangelho e outras très no Apocalipse. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/2, p. 772-773.

99 Cf. Reese, “Literary Structure”, p. 324.

104 Esta é urna terminología joanina para indicar a morte voluntaria de Jesús

por seu rebanho. Cf. Jo 10,11.15.17.18.

115 Cf. Westcott, *St. John,* p. 199.

31 Cf. Van den Bussche, *Giovatoti,* p. 555; Brown, *The Gospel,* II, p. 813; Nolli, *Giovanni,* p. 646. Abbott, *Grammar,* n° 2232, pensa que, no sentido literal, esta seja urna exclamado negativa, dizendo que, segundo o desejo de Pedro, Jesus näo devia beber aquele cálice.

44 Cf. Blinzler, *El Proceso de Jesús,* p. 120.

49 Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 361. Esta opiniäo é sustentada tam­bém por: P. Borgen, “John and the Synoptics in the Passion Narrative”, *NTS* 5 (1958-1959) 246-259; A. Dauer, *Die Passionsgeschichte im Johannesevangelium. Ei­ne traditionsgeschichtliche und theologische Untersuchung zu Joh 18,1-19,30,* Mün-

64 O “enigma” do Discípulo Amado é, aínda hoje, objeto de muitas discus- soes. Nao queremos, aqui, retomar todos os argumentos que se evocaram prò ou contra esta ou aquela identificaQao. Queremos, simplesmente, apresentar algumas indica^oes que norteiam esta discussao e evocar alguns dados tirados do pròprio texto joanino.

” Giblin, “Confrontations in John 18,1-27”, jh 228: “Such phraseology ex­cludes physically distancing one from the other. Indeed this other disciple has virtually no other function in the narrative but to lead Peter inside”. Cf. também Lindars, *John,* p. 548; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 372; Id., “Pietro nel van­gelo di Giovanni”, p. 390.

117 Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 656-657.

,4S Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 379-380; La Potterie, *Exegesis IV\* Evangelii,* p. 80.

164 Nos sinóticos, o termo paOqTfig nao é mencionado nenhuma vez, e as res­postas de Pedro negam, quase sempre, que ele conhe^a Jesus. Na narralo sinóti­ca o termo ga0r|TT|(; é usado pela ùltima vez na chegada ao Getsemane (Me 14,32), quando Jesus vai ter com os discípulos que dormem (Le 22,45), e na fuga dos discípulos (Mt 26,56). Aqui a relapáo entre Jesus e os seus discípulos, como discípulos, é interrompida para ser retomada após a Ressurrei^ao (Me 28,7; Me 16,7; Le 24,13).

49 Cf. infra, p. 239-243.

60 Loisy, *Le Quatrième Évangile,* p. 903.

61 Bultmann, *John,* p. 531.

63 Mas estas interpretaçôes, além de recorrerem a um simbolismo pouco ve- rossímil, caem num contra-senso, jà que nâo levam em consideraçâo a continuaçâo da narraçâo. Gregorio, o Grande, em sua Homilía 22 (citada por Feuillet, “La dé­couverte du tombeau vide”, p. 258), propôe uma explicaçâo alegórica que é exata-

60 B. Tarelli, “Johannine Synonyms”, *JTS 41* (1946) 175-177, e W. Michaelis, ópáco, *GLNT* VIII, col. 969, atribuem a Oeáopat um significado próprio.

94 Cf. Westcott, *St. John,* p. 290.

106 As telas e o sudário nâo constituent por si mesmos, prova da Ressurreiçao, embora Sanders, *John,* p. 420, e W. E. Reiser, “The Case of the Tidy Tomb: The Place of the Napkins of John 11,44 and 20,7”, *HeythJourn* 14 (1973) 55, retenham que a única explicaçâo destas evidências, para os discípulos, é que Jesús ressusci-

tou. A este propósito, cf. também Schneiders, “The Face Veil”, p. 94-95; Feuillet,

140 Cf. La Potterie, “Genése de la foi paséale”, p. 31.

155 Cf. I. De la Potterie, “Et à partir de cette heure, le disciple l'accueillit dans son intimité”, *Marianum* (1980) 92.

148 Cf. B. Lindars, “The Composition of John XX”, *NTS* 7 (1960/1961) 142-147; Id., *John,* p. 595; J. Schmitt, “Le récit de la résurrection dans l’évangile de Luc”, *RevSR* 25 (1951) 220-228; A. R.C. Leaney, “The Résurrection Narratives in Luke (xxiv, 12-53)”, *NTS* II (1955) 110-114; P. Benoit, “Marie-Madeleine et les dis­ciples au tombeau selon Joh 20,1-18”, *BZNW* 26 (1960) 145-149; Boismard- Lamouille, *Jean,* p. 456-457.

169 Sanders, *John,* p. 418, sugere que uma tradiçâo oral básica, sobre a visita ao sepulcro pelos discípulos (e pelas mulheres), foi usada de maneira distinta por cada evangelista. Cf. também Talayero Tovar, *Pasión y Resurrección,* p. 78.146.

49 Cf. Westcott, *St. John,* p. 300.

89 Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 590; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 479.

94 Brown, *The Gospel,* II, p. 1073.

99 Brown, *The Gospel,* II, p. 1073.

104 Cf. A. Oepke, EXkco, *GLNT*III, col. 467.

134 Aparece, ainda, 29 vezes no Novo Testamente, todas no Apocalipse. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 40-41.

141 Brown, *The Gospel,* II, p. 1102.

160 A maioria dos comentarios vê aqui só urna variaçâo estilística para diminuir a monotonia das très perguntas, considerando, portanto, os dois verbos como sinónimos. Consideram, ainda, sinónimos as parelhas ßöaKE-noipaive e dpvia-Kpößara.

dendo indicar a esfera interna das afei^oes humanas (o afeto dos seres humanos uns pelos outros, a afei^ao a Deus ou o apego a um objeto qualquer), ou mesmo da afeipao divina. Ambos os vocábulos servem para expressar todas as formas de emoQäo, desde a simpatia até as formas mais intensas de amor. Cf. McKay, “Style and Significance”, p. 321-322; Chaplin, *Joao,* p. 655; E. Stauffer, áyaiáco, *GLNT* I, col. 96.97.99.

170 Jo 3,35; 10,17; 15,9 (lx); 17,23 (lx); 17,24; 17,26.

171 Jo 3,16; 14,21 (lx); 14,23 (lx); 17,23.

172 Jo 13,23; 19,26; 21,7.20.

173 Jo 11,5; 13,1 (2x); 14,21 (lx); 14,34 (lx); 15,9 (lx); 15,12 (lx).

174 Jo 8,42; 14,15 (lx); 14,21 (2x); 14,23 (lx); 14,24; 14,28.

175 Jo 14,34 (2x); 15,12 (lx); 15,17.

196 Nestes dois passos, temos a informaçao de que este discípulo se inclinara

sobre o peito de Jesus, um símbolo de afeto e de intimidade que, em Jo 1,18, se

219 Judas faz denuncias contra um grupo de ímpios que se infiltrou na comuni­dade e que sem reconhecer a absoluta senhoria de Jesus Cristo, se entrega á lassi- dào e à perversidade. Cf. R. Fabris, “Giuda”, *NDTB,* p. 679-680.

235 Porexemplo: Mt 12,11-12; 18,12; Le 15,4.6; Jo 2,14-15; Apoc 18,13.

256 Cf. Bultmann, *John,* p. 283.

“° As outras duas vezes em que ocorre o termo irpóparov sào em 2,14-15, por ocasiào da purificado do tempio. Ali assume o seu significado pròprio de ovelhas, que sào vendidas com os bois e as pombas.

298 Cf. Barrett, *John,* p. 488.

304 Como observa Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 560, os comentadores mo­dernos assumem usualmente que a morte deste discípulo já acontecerá, e que o au­tor do capítulo 21 procura justificar as palavras de Jesús á luz desta morte. Toda­vía, nao existe razao para afirmar que seja esta a inten^ao dele, pois os próximos versículos (v. 24-25) falam que este é o discípulo que escreveu estas palavras e délas dá testemunho. Cf. La Potterie, “Le témoin qui demeure”, p. 349-350.

306 A repeti^ao conclusiva do convite a Pedro, “Tu, Segue-me”, confirma que o evangelista esta interessado, aqui, em contrapor os dois discipulos. Alem disso, linguisticamente adxdv-ou e ^¿veiv-dKoXouOeiv constituem uma antitese. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 615; Bultmann, *John,* p. 715.

345 Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 403-407.

346 Dos textos que explícitamente atestam urna atribuido a Pedro de fundes de comando na comunidade (além de Jo 21,15-17, Le 22,31-32 e Mt 16,17-19), Mt 16,17-19 é o mais nevràlgico. Os exegetas estáo de acordo em admitir que este é um texto compòsito. B. Rigaux, “San Pietro e l’esegesi contemporanea”, *Concilium* 7 (1967) 182-183, sintetiza o problema deste modo: “Le posizioni *(dei critici)* sono abbastanza contrastanti. Per gli uni, non è possibile risalire alle parole di Gesù. Per altri il carattere antico e semitico dei logion è a favore di un’origine autentica. È in­negabile che a questo livello entri in gioco l’appartenenza confessionale degli auto­ri. L’esegesi cattolica non nega che in Mt 16,13-23 esistano segni certi di redazione di Matteo. Essa riconosce inoltre che i versetti 17-20 sono una addizione del primo vangelo ad una trama anteriore delle parole rappresentata da Marco. Sa anche che le tradizioni più antiche hanno potuto ricevere una forma e utilizzare un vocabola­rio in seno alla Chiesa primitiva... Il testo è testimone, a differente livelli, di una tradizione viva che ci è giunta in una redazione di Matteo”. Sobre Le 22,31-32, cf. B. Prete, *Il Primato e la Missione di Pietro. Studio esegetico critico del testo di Le 22,31-32,* Brescia, 1970, espec. p. 57-73.

12 Mateos-Barreto, *Dizionario Teológico,* p. 266-267, sustentam que se pode afirmar que ñas cenas em que Pedro age ele é sempre introduzido com o nome composto Eipœv néxpoç, e que, quando durante a cena ele nâo corresponde ao que Jésus espera dele, temos simplesmente o apelido néxpoç. Se depois, mas na mesma cena, Pedro retifîca, de algum modo, a sua atitude, o evangelista volta a chamâ-lo de Eipœv néxpoç. Para estes autores, ainda, o significado de néxpoç é deduzido

24 Como observa Làconi, “Il fondamento del ministero di Pietro”, p. 193: "Pur sottolineando la grande dignità del Discepolo, il Redattore sembra onesta­mente ammettere che non è lui la figura dominante su tutta la chiesa: il «pastore» è Pietro, e non vi è traccia in tutto il capitolo di una qualsiasi pretesa di autorità da parte della cerchia giovannea o in favore del Discepolo stesso”. Cf. também Brown, “Pietro nel vangelo di Giovanni”, p. 170-171.

40 A referencia à palavra de Jesus como Aporta alovíou (6,68) diz res-

peito tanto ao discurso de Cafamaum, recém-pronunciado por Jesus, como à Sua

revelado em geral. Cf. supra, cap. 4, p. 119-121.

47 A afirmacao de Pedro com os verbos nicneÓG) e yivcíxtko é urna declarado

enfática unitaria — nao visa privilegiar um dos dois como estágio inicial ou final de

um processo —, o que faz com que as palavras de Pedro sejam urna enfática decla­

rado sobre a sua fé e a do grupo que ele representa, reivindicando para si mesmos — como o perfeito dos verbos indica — a posse de um comportamento de fé madu­

64 Cf. supra, cap. 8, p. 265-266.

84 Cf. supra, capitulo 5, p. 146-148.154-156.

99 Cf. supra, cap. 4, p. 110-114. Isto se manifesta ainda nas narraçôes dos sinóticos, embora com outras nuanças. Cf. G. Bornkam, “Ser discípulo”, in Id., *Jesus de Nazaret,* Salamanca, 1982, p. 152; W. Barclay, *"Akolouthein:* The Disciple’s Word”, in Id., *New Testament Words,* London, 1964, p. 24-26.

104 Cf. também Miq 5,1-3 e Jer 21,1-4.

1. Nos outros escritos do Novo Testamento, Pedro é citado 57 vezes. Cf. K. Aland, *Vollständige Konkordanz zum Griechischen Neuen Testament,* Band II, Spe­zialübersichten, Berlin-New York, 1978, p. 156-157.220-221; F. Refoulé, “Primau­té de Pierre dans les Évangiles”, *RvSR* 38 (1964) 2. [↑](#footnote-ref-2)
2. Todavia, quando útil e oportuno, nâo nos pouparemos de confrontar os passos joaninos com os seus eventuais correspondentes sinóticos. [↑](#footnote-ref-3)
3. G. Ghidelli, “Bibliografía biblica pettina”, *Scuole* 96 (1968) 61-110 (traz um elenco sobre os trabalhos biblicos sobre Pedro em geral, desde 1750 a 1967); G. Van Belle, *Johannine Bibliography - 1966-1985. A Cumulative Bibliography on the Fourth Gospel,* Leuven, 1988; E. Malatesta, *St. John’s Gospel (1920-1965): A Cumulative and Classified Bibliography of Books and Periodical Literature on the Fourth Gospel,* Roma, 1967; R. Rábanos Espinosa-D. Muñoz Leon, *Bibliografìa Joánica. Evangelio. Cartas y Apocalipsis. 1960-1986,* Madrid, 1990. [↑](#footnote-ref-4)
4. Essas tendencias nao se excluem urnas as outras, sendo que muitas vezes num mesmo autor podem-se encontrar traeos de mais de urna tendencia. No agru- pamento que aqui efetuamos, seguimos aquilo que para cada autor é fundamental. [↑](#footnote-ref-5)
5. É impossível — e nâo é relevante para o nosso estudo — apresentar, aqui, urna lista exaustiva da bibliografía atinente a este tema. Normalmente, os estudos sobre a fundamentaçâo do Primado de Pedro colhem os textos neotestamentários como um todo, de modo que, geralmente, a reflexào a partir dos textos joaninos se encontra difusa ao longo dos artigos. Apresentamos, a seguir, para cada autor, os seus escritos fundamentáis pertinentes à nossa problemática. [↑](#footnote-ref-6)
6. P. Benoit, “La Primauté de saint Pierre selon le Nouveau Testament”, *Istina* 2 (1955) 305-334; Id., “Saint Pierre d’après O. Cullmann”, in Id., *Exégèse et Théo­logie,* II, Paris, 1961, p. 285-308; cf. também Id., *Passion et Résurrection du Sei­gneur,* Paris, 1966, p. 337-353; e a resenha que fez à obra de R. Brown sobre Pedro no Novo Testamento, “Rassegna su Pietro nel Nuovo Testamento, di Brown e al­tri”, *RB* 87 (1980) 459-460. [↑](#footnote-ref-7)
7. Apesar de insistir que a Escritura nâo é a ùnica fonte de que dispomos, jâ que devemos considérer também o ambiente em que esta se encontre, a Tradiçào. Cf. Benoit, “La Primauté”, p. 306. [↑](#footnote-ref-8)
8. Para chegar a este retrato de Pedro, Benoit considéra também os evangelhos sinôticos, e principalmente a relaçâo entre Le 5,1-11 e Jo 21; Mt 16,17-19 *e* Jo 1,40-41. Cf. Benoit, “La Primauté”, p. 313.325-326. [↑](#footnote-ref-9)
9. Cf. Benoit, “Saint Pierre d’après Cullmann”, p. 286.298; Id., “La Primauté”, p. 325. [↑](#footnote-ref-10)
10. Benoit observa em “Saint Pierre d’après Cullmann”, p. 301 que “...la réfé­rence manifeste au triple reniement de Pierre... invite à comprendre que les premiè­res brebis qu’il aura à paître seront ses frères les apôtres, qu’il devra conduire dans le relèvement comme il les a conduits dans la désertion”. [↑](#footnote-ref-11)
11. Ibid., p. 302: “Pierre est constitué par Jésus «premier ministre» de son Égli­se, donc il devra gouverner non seulement la masse des fidèles, mais encore les offi­ciers eux-mêmes”. [↑](#footnote-ref-12)
12. Benoît, “La Primauté”, p. 330-331: “Ce n’est pas en tant qu’apôtre que Pierre est pasteur, soit; mais s’il est apôtre comme les autres, il est aussi pasteur, et lui seul. C’est-à-dire qu’il est chargé de les diriger, et pas eux tout le troupeau du Christ. Jésus, Berger unique, au moment de quitter la terre, chargé Pierre comme son représentant unique de paître en son nom ses brebis”. [↑](#footnote-ref-13)
13. Vêm explícitamente citados por Benoit os passos relativos à presença do Discípulo Amado: Jo 13,24-26; 18,16; 20,2-10; 21,2-3.7-8. Ver: Benoit, “Saint Pierre d’après Cullmann”, p. 300-301; Id., “La primauté”, p. 326-329. [↑](#footnote-ref-14)
14. Para Benoit é suficiente considerar que o Discípulo Amado é muito caro ao círculo joanino, sendo mesmo o seu cabeça, e que, se Pedro foi o primeiro do grupo apostólico, sob certos aspectos, o Discípulo Amado nâo foi menos importante sob outros. Cf. Benoit, “La Primauté”, p. 327. [↑](#footnote-ref-15)
15. Ibid., p. 328. [↑](#footnote-ref-16)
16. Ibid., p. 329. [↑](#footnote-ref-17)
17. R. Pesch, *Simon-Petrus. Geschichte und geschichtliche Bedeutung des ersten Jüngers Jesu Christi,* Stuttgart, 1980. Neste trabalho, Pesch dedica näo mais que duas páginas, específicamente, ao quadro joanino sobre Pedro; mas outros dados analíticos encontram-se distribuidos ao longo da obra. Ver também o seu artigo “The Position and Significance of Peter in the Church of the New Testament. A Survey of Current Research”, *Concilium* 64 (1971) 21-35. [↑](#footnote-ref-18)
18. Pesch, *Simon-Petrus,* p. 161: “Im Blick auf den Kanon des Neuen Testa­ments zeigt sich zunächst, dass in den Dokumenten keine zweite Apostel-Figur mit gleich umfassender Autorität und gesamtkirchlicher Bedeutung vorgestellt ist”. Ver também a mesma obra, p. 22-24.31. [↑](#footnote-ref-19)
19. Cf. Ibid., p. 137. [↑](#footnote-ref-20)
20. Ibid., p. 29: “Kepha bedeutet vorzüglich «Stein, Kugel, Klumpen, Knäuel»”. [↑](#footnote-ref-21)
21. Ibid., p. 147-148. [↑](#footnote-ref-22)
22. 13,34; 19,25; 20,2-10; 21,7. [↑](#footnote-ref-23)
23. Cf. Pesch, “The Position and Significance of Peter”, p. 31. [↑](#footnote-ref-24)
24. Pesch, *Simon-Petrus,* p. 149, diz que, ao contrârio, o evangelista se aprovei- ta de Pedro para conseguir uma reputaçâo maior para o Discipulo Amado. [↑](#footnote-ref-25)
25. Cf. Ibid., p. 23.137. Ver também Pesch, “The Position and Significance of Peter”, p. 31-32. [↑](#footnote-ref-26)
26. Cf. Pesch, *Simon-Petrus,* p. 149. [↑](#footnote-ref-27)
27. Cf. C. Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, *Monde B* 27 (1983) 24. [↑](#footnote-ref-28)
28. Cf. C. Coulot, “Les figures du maître et des ses disciples dans les premières communautés chrétiennes”, *RevSR* 59 (1985) 10; Id, “La vocation des disciples dans l’Évangile de Jean”, in Id., *Jésus et le Disciple. Étude sur l'autorité messianique de Jésus,* Paris, 1987, p. 231-232. [↑](#footnote-ref-29)
29. Embora Pedro nâo desempenhe, nesta pericope, um papel fundamental em reconhecer a identidade de Jésus, o que é uma prerrogativa do Discipulo Amado. Cf. Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 25. [↑](#footnote-ref-30)
30. Fâ-lo-â somente depois da Ressurreiçâo de Jésus. Cf. Coulot, “Les figures du maître et des ses disciples”, p. 9. [↑](#footnote-ref-31)
31. Cf. Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 25. [↑](#footnote-ref-32)
32. Cf. Coulot, “Les figures du maître et des ses disciples”, p. 11; Id., “Pierre dans la tradition johannique”, p. 25. [↑](#footnote-ref-33)
33. É Pedro quem tem a iniciativa de ir pescar (21,3); é ele quem se joga no mar para ir ao encontro de Jésus (21,7), e quem sobe na barca e tira a rede (21,11). [↑](#footnote-ref-34)
34. Cf. Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 25. [↑](#footnote-ref-35)
35. Cf. O. Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer. Das historische und das theologische Petrusproblem,* Zurich-Stuttgart, 1952, p. 30-31. [↑](#footnote-ref-36)
36. Por exemplo: Mt 18,21; Lc 12,41; Mc 10,28. [↑](#footnote-ref-37)
37. Cf. Mc 3,13-19; Mt 10,1-4; Lc 6,12-16. [↑](#footnote-ref-38)
38. Entre estes problemas estao: o significado do termo no aramaico e a sua tradu^äo para o grego; a forma futura na denominacao do novo nome. Cf. Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 18-19. [↑](#footnote-ref-39)
39. Jo 6,67-69; 13,6-8.24.36-37; 18,10-11. Cf. Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 28. [↑](#footnote-ref-40)
40. 13,24; 18,16; 19,25-27; 20,4.8; 21,6-7.20-23. [↑](#footnote-ref-41)
41. Cf. O. Cullmann, *Der johanneische Kreis. Sein Platz im Spätjudentum, in der Jüngerschaft Jesus und im Urchristentum. Zum Ursprung des Johannesevangeliums,* Tübingen, 1975, p. 75-76. [↑](#footnote-ref-42)
42. Deve-se considerar, apesar disso, que é uma tendência do quarto evangelho, relegar a um segundo plano o grupo dos Doze no seu conjunto. Cf. Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 29. [↑](#footnote-ref-43)
43. Cf. Cullmann, *Der johanneische Kreis,* p. 55. [↑](#footnote-ref-44)
44. Cf. O. Cullmann, lïérpoç - Kqcpaç, *GLNT,* X, col. 131-132. [↑](#footnote-ref-45)
45. Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 29: “Freilich ist hinzuzufü­gen, dass an all diesen Stellen Petrus zwar aus der Gesamtheit der Jünger herausge­hoben wird, dass er aber als Vortführer immer im «Gespräch mit Christus» erscheint und dass ihm nie wie in der späteren Literatur ausserhalb dieser Be­ziehung zu Christus eine führende Rolle zukommt”. [↑](#footnote-ref-46)
46. Cf. Jo 21,15-17. [↑](#footnote-ref-47)
47. Cf. Cullmann, Jlérpoç, col. 133; e também Benoit, “Saint Pierre d’après Cullmann”, p. 286-287. [↑](#footnote-ref-48)
48. Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 33: “Denn es wird ihm ja gerade keine leitende Stellung gegenüber der Zwölfergruppe zugeschrieben, sondern er erscheint nur als der repräsentativste unter den Jüngern: was alle darstellen, tun und denken, kommt in seiner Person besonders kräftig zum Ausdruck”. [↑](#footnote-ref-49)
49. Cf. Refoulé, “Primauté”, p. 26. [↑](#footnote-ref-50)
50. Com exceçâo de 19,25-27, todas as vezes que vem mencionado, o Discipulo Amado esta sempre ao lado de Pedro: 13,22-26; 18,15-16; 20,2-10; 21,1-14. Refoulé considéra também que o discipulo anônimo de 1,35-42 seja o Discipulo Amado. Cf. Refoulé, “Primauté”, p. 28. [↑](#footnote-ref-51)
51. Refoulé, “Primauté”, p. 5. [↑](#footnote-ref-52)
52. Ibid., p. 35: “Le disciple parfait, même s’il n’a plus besoin en un sens de Pierre et si Pierre a besoin par contre de la médiation de sa foi et de sa prière, ne lui conteste pas sa primauté”. [↑](#footnote-ref-53)
53. Cf. ibid., p. 29. [↑](#footnote-ref-54)
54. J.J.A. Gunther, “The Relation of the Beloved Disciple to the Twelve”, *TZBas* 37 (1981) 138: “The Evangelist’s own church became caught up in a theolo­gical controversy which appealed to, and made rivals of, the two disciples... The community recognized the beloved disciple’s existing authority and appealed to him as the best interpreter of what he had seen”. [↑](#footnote-ref-55)
55. 13,22-26; 18,15-16; 20,2-10; 21,1-14.20-23. Gunther, contudo, nao se pergunta sobre a possivel identificaoao entre o discipulo andnimo de 1,35-42 e o Discipulo Amado dos outros passos. [↑](#footnote-ref-56)
56. Cf. Gunther, “The Relation of the Beloved Disciple to the Twelve”, p. 131. [↑](#footnote-ref-57)
57. Cf. Ibid., p. 133, comentando Jo 21,19.20-22. [↑](#footnote-ref-58)
58. Embora o Discipulo Amado nenhuma vez seja chamado pastor. Cf. Gunther, “The Relation of the Beloved Disciple to the Twelve”, p. 133. [↑](#footnote-ref-59)
59. Para Gunther, isto e muito claro em Jo 19,25-27; 20,1-10.21-29 e no capitu- lo 21. No capitulo 13, no entanto, ele nao demonstra ainda a primazia do Discipu­lo Amado sobre Pedro. Cf. Gunther, “The Relation of the Beloved Disciple to the Twelve”, p. 137-138. [↑](#footnote-ref-60)
60. R. F. Collins, “The Representative Figures of the Fourth Gospel”, *DowR* 94(1976)26-46; 118-132. [↑](#footnote-ref-61)
61. «° Jo 1,41; 6,8.68; 13,6.9.24.36; 18,10.15.25; 20,2.4.6. [↑](#footnote-ref-62)
62. Cf. Collins, “The Representative Figures of the Fourth Gospel”, p. 127. [↑](#footnote-ref-63)
63. Collins considéra que, de modo particular, Jo 1,40-42; 6,66-71 e 20,3-10 ajudam a entender quem é Pedro para a tradiçao joanina. Cf. Collins, “The Representative Figures of the Fourth Gospel”, p. 128. [↑](#footnote-ref-64)
64. O Discipulo Amado é descrito como crente, discipulo, amado e testemunha; e é como tai que aparece em contraste com Pedro. Cf. Collins, “The Representati­ve Figures of the Fourth Gospel”, p. 126.131-132. [↑](#footnote-ref-65)
65. Mais precisamente de Lc 5 e Mt 16,13-20. [↑](#footnote-ref-66)
66. Cf. Collins, “The Representative Figures of the Fourth Gospel”, p. 128- 129. [↑](#footnote-ref-67)
67. Cf. Ibid., p. 129. [↑](#footnote-ref-68)
68. Cf. R. E. Brown, *As Igrejas dos Apóstolos,* Sào Paulo, 1984, p. 115; Id., *La comunità del discepolo prediletto. Luci e ombre nella vita di una chiesa al tempo del Nuovo Testamento,* Assisi, 1982, p. 95-96. [↑](#footnote-ref-69)
69. Cf.R.E. Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, in R.E. Brown-K. P. Donfried-J. Reumann, *Pietro nel Nuovo Testamento,* Roma, 1988, p. 152. Este arti- go é resultado de discussào em duas sessòes, coordenadas por Brown, entre urna equipe de estudiosos católicos e protestantes. Assim sendo, o que nele é dito repre­senta o pensamento de Brown, mas também as influéncias do grupo de discussào. [↑](#footnote-ref-70)
70. Cf. Brown, *La comunità del discepolo prediletto,* p. 95; Id., “Pietro nel Van­gelo di Giovanni”, p. 156. [↑](#footnote-ref-71)
71. Cf. R. E. Brown, *The Gospel accordine to John,* II, New York, 1970, p. 577; Id., “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 157. [↑](#footnote-ref-72)
72. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 841. [↑](#footnote-ref-73)
73. Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 158: “...un discepolo *(o Dis­cípulo Amado)* che non rinnega Gesù nel cortile (della casa) del sommo sacerdote è messo in contrasto con Simon Pietro, che chiede gli sia concesso di seguire Gesù e finisce per rinnegare subito dopo il suo discepolato”. [↑](#footnote-ref-74)
74. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 924-925. [↑](#footnote-ref-75)
75. Ibid., p. 1001. Brown faz notar que, querendo-se reafirmar a prioridade de Pedro, frequentemente diz-se que Madalena foi a Pedro porque eie era o chefe do grupo; todavía, observa, deve-se, simplesmente, recordar que ele náo tinha fúgido com os outros. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 983. [↑](#footnote-ref-76)
76. Ibid., p. 1006: “...to be precise, the Beloved Disciple is placed in Peter’s company and its not set over against him. Indeed, throughout the Gospel Peter and the Beloved Disciple are portrayed as friends and not as rivals”. [↑](#footnote-ref-77)
77. Este capitulo, tido por Brown como o epílogo do quarto evangelho, pode representar o estágio final dos escritos joaninos, tendo sido escrito, possivelmente, à época das Cartas. Estes dados influenciam, em muito, a interpretaçâo da missào atribuida, neste capítulo, a Pedro. Cf. Brown, *As Igrejas dos Apóstalos,* p. 155; Id., *La comunità del discepolo prediletto,* p. 101. [↑](#footnote-ref-78)
78. Cf. Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 164. [↑](#footnote-ref-79)
79. Brown, *The Gospel,* II, p. 1113, nào retém que urna linha de demarcalo en­tre missào apostòlica e mandado especial de autoridade possa ou deva ser trabada muito claramente a partir deste texto. [↑](#footnote-ref-80)
80. Por tras desta concepto estaría, segundo Brown, a situado da comunida­de joanina que, para nào cair no docetismo, no gnosticismo, cerintianismo e mon­tañismo, comecou um processo de fusào com a Igreja Apostólica. Este processo passou pela aceitado do magistério eclesial revestido de urna autoridade apostólica mais formal que aquela vivenciada pela comunidade. Cf. Brown, *As Igrejas dos Apóstolas,* p. 117.155. [↑](#footnote-ref-81)
81. Cf. Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 161. [↑](#footnote-ref-82)
82. Ibid., p. 168. [↑](#footnote-ref-83)
83. Embora Pedro nào fosse o seu herói particular. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 1006. [↑](#footnote-ref-84)
84. Cf. Brown, “Pietro nei Vangelo di Giovanni”, p. 161. [↑](#footnote-ref-85)
85. F. Fernández Ramos, “El Discípulo Amado”, *StLegll* (1981) 43-44, consi­dera très estágios principáis na formaçâo da comunidade joanina, os quais estâo refletidos no quarto evangelho: o primeiro encontró com Jesus, o crescimento na fé e as precisôes com a fmalidade de manter a integridade e a pureza da fé crista que estava ameaçada. [↑](#footnote-ref-86)
86. Cf. F. Fernández Ramos, “La comunidad joánica”, CiTom 106 (1979) 543.576; Id., “El Discípulo Amado”, p. 45. [↑](#footnote-ref-87)
87. Cf. Fernández Ramos, “El Discípulo Amado”, p. 46. [↑](#footnote-ref-88)
88. Ibidem. [↑](#footnote-ref-89)
89. Cf. Fernández Ramos, “La comunidad joánica”, p. 580. [↑](#footnote-ref-90)
90. Ibid., p. 581. [↑](#footnote-ref-91)
91. Cf. Fernández Ramos, “El Discípulo Amado”, p. 59. [↑](#footnote-ref-92)
92. Ibid., p. 58. [↑](#footnote-ref-93)
93. Cf. Fernández Ramos, “La comunidad joánica”, p. 582. [↑](#footnote-ref-94)
94. Ibid., p. 581-582. A intimidade que este discípulo tem com Jesús é seme- Ihante áquela que Jesús tem com o Pai (cf. Jo 1,18). [↑](#footnote-ref-95)
95. Para Fernández Ramos, “El Discípulo Amado”, p. 51, o Discípulo Amado é o único que pode “ser mediador en el discernimiento de los espíritus, dar a cono­cer a Pedro quién es fiel y quién es traidor, establecer la distinción entre seguidores y traidores. Un aspecto siempre necesario en la comunidad cristiana”. [↑](#footnote-ref-96)
96. Cf. Fernández Ramos, “La comunidad joánica”, p. 580; Id., “El Discípulo Amado”, p. 58. [↑](#footnote-ref-97)
97. Cf. Fernández Ramos, “El Discípulo Amado”, p. 58. [↑](#footnote-ref-98)
98. Como observa Fernández Ramos, “El Discípulo Amado”, p. 55, no capítu­lo 21 “Pedro pregunta por la finalidad y la misión que puede desempeñar el dis­cípulo amado en una única Iglesia, cuya autoridad suprema es él... Mientras que Pedro sigue a Jesús hasta la muerte — dando su vida como el pastor por el rebaño — el discípulo amado, además de imitar en este aspecto a Pedro, tiene sobre él la prerrogativa de la permanencia; es el testigo cuyo testimonio permanece. Y perma­nece, naturalmente, en su evangelio”. [↑](#footnote-ref-99)
99. Cf. Fernández Ramos, “La comunidad joánica”, p. 581. [↑](#footnote-ref-100)
100. Ibid., p. 584: “El discípulo amado, desde su intimidad con Jesús y desde las exigencias del amor fraterno como última consecuencia que brota de la fe, debe en­contrarse con Pedro para caminar juntos y descubrir al Señor”. [↑](#footnote-ref-101)
101. Tirar o prestigio de Pedro signifícava, automáticamente, tirá-lo do Dis­cípulo Amado e, conseqüentemente, do seu evangelho. Cf. Fernández Ramos, “El Discípulo Amado”, p. 59-60. [↑](#footnote-ref-102)
102. Cf. R. Schnackenburg, *II Vangelo di Giovanni,* III, Brescia, 1981, p. 56-57. [↑](#footnote-ref-103)
103. Cf. supra, p. 14-16. [↑](#footnote-ref-104)
104. I0\* Cf. R. Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, *MiscFranc* 74 (1974) 384-408. [↑](#footnote-ref-105)
105. Para Schnackenburg, o fato de, em 1,40-42, Pedro ser conduzido a Jesus por André nào quer dizer que ele tenha sido rebaixado. Ao contràrio, deve-se con­siderar que se diz que André é irmào de Pedro, fazendo supor que seja este a pessoa principal. Corrobora esse dado, também, a constatalo de que, enquanto o evange­lista silencia sobre o conteúdo da conversa entre Jesus e os discípulos, ele distingue claramente Pedro com as palavras que Jesus Ihe dirige e com a previsao de seu fu­turo. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 432. [↑](#footnote-ref-106)
106. É significativo que a confissào de Pedro, em 6,69-71, tenha sido feita num momento decisivo e que a nenhum outro discípulo venha atribuida tal precedencia. Cf. Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 389. [↑](#footnote-ref-107)
107. Como demonstram os passos de Jo 13,31-38 e 18,1-27. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 61-63.256. [↑](#footnote-ref-108)
108. É a Tomás a quem vem atribuido este papel. Cf. Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 393. [↑](#footnote-ref-109)
109. A «fé iluminada» é, para Schnackenburg, urna prerrogativa do tempo pós- pascal. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 22. [↑](#footnote-ref-110)
110. Ibid., p. 93-94. [↑](#footnote-ref-111)
111. Pode-se alegar também, em beneficio de Pedro, que a fé do Discipulo Amado nâo influi, de modo algum, nos acontecimentos posteriores, e que embora chegue por primeiro ao túmulo de Jesus, espera Pedro entrar primeiro, reconhecen- do-lhe urna certa precedência. Mas para Schnackenburg, o texto nâo insinua estas interpretaçôes e talvez seja exagerado pensar assim. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 365-366. [↑](#footnote-ref-112)
112. Ibid., p. 370-371.424. [↑](#footnote-ref-113)
113. Cf. R. Schnackenburg, “On the Origin of the Fourth Gospel”, *Perspective* 11 (1970)224. [↑](#footnote-ref-114)
114. Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 402, retém que é fora de lugar urna interpretaçâo psicologizante, como se Pedro olhasse para o Discípulo Amado com inveja e fosse, por isso, censurado por Jesus. [↑](#footnote-ref-115)
115. Em tal contexto a idéia de direito soa mal. Mas apesar de urna interpre­tato estreitamente juridica ser inadequada, nào se pode transcurar o aspecto de autoridade no cargo e a participate de Pedro na missào de Jesus de guiar e prote- ger os cristàos. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 435-436. [↑](#footnote-ref-116)
116. Cf. Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 400. [↑](#footnote-ref-117)
117. 1,7 Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 244-245; Id., “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 405. [↑](#footnote-ref-118)
118. 1,8 Cf. Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 404.407; Id., “On the Origin of the Fourth Gospel”, p. 246. [↑](#footnote-ref-119)
119. Cf. B. Cassien, “Saint Pierre et l’Église dans le Nouveau Testament. Le problème de la primauté”, *Istina* II (1955) 287.299. [↑](#footnote-ref-120)
120. Ibid., p. 289. [↑](#footnote-ref-121)
121. Ibidem. [↑](#footnote-ref-122)
122. Ibid., p. 290. [↑](#footnote-ref-123)
123. Ibid., p. 298. [↑](#footnote-ref-124)
124. Ibid., p. 259. [↑](#footnote-ref-125)
125. Cf. W. Triling, “Zum Petrusamt im Neuen Testament. Traditionsge­schichtliche Überlegungen anhand von Matthäus, 1 Petrus und Johannes”, *TPQ* 151 (1971) 126. [↑](#footnote-ref-126)
126. Ibid., p. 131: “Petrus wird gleichsam «historisch» betrachtet, nicht aber in seiner aktuellen Bedeutung für die Kirche der Gegenwart”. [↑](#footnote-ref-127)
127. Ibidem. [↑](#footnote-ref-128)
128. Ibid., p. 127. [↑](#footnote-ref-129)
129. Ibid., p. 128. [↑](#footnote-ref-130)
130. Ibid., p. 132. [↑](#footnote-ref-131)
131. Cf. A. H. Maynard, “The Role of Peter in the Fourth Gospel”, *NTS* 30 (1984) 544. [↑](#footnote-ref-132)
132. Ibid., p. 532.534. [↑](#footnote-ref-133)
133. Ibid., p. 537: “...the Evangelist knew the tradition that Peter was the spokesman for the twelve, but he wants to show that he is a bungling spokesman who fails to understand and — can I add — who therefore has no claim to leadership in the later church”. [↑](#footnote-ref-134)
134. Ibid., p. 539, falando sobre este episodio, Maynard diz que “it seems to say clearly that the Beloved Disciple is the earthly successor to Jesus. This would rule out Peter and... James as well, as having unique authority in the church!”. [↑](#footnote-ref-135)
135. Em 20,1-10, os termos típicos que indicam «seguimento como discípulo» sao usados para subordinar Pedro ao Discípulo Amado. Cf. Maynard, “The Role of Peter”, p. 540. [↑](#footnote-ref-136)
136. Ibidem. [↑](#footnote-ref-137)
137. Ibid., p. 541. [↑](#footnote-ref-138)
138. Cf. A. J. Droge, “The Status of Peter in the Fourth Gospel: a Note on John 18,10-11“, *JBL* 109 (1990) 307-311. [↑](#footnote-ref-139)
139. Ibid., p. 308. [↑](#footnote-ref-140)
140. Cf. Me 1,24. [↑](#footnote-ref-141)
141. Para Droge, “The Status of Peter”, p. 310-311, a negapao que Pedro faz em 18,15-17.25-27 e, de fato, a verdadeira confissao que revela a concep^ao que ele tem acerca de Jesus. [↑](#footnote-ref-142)
142. Este autor se pergunta se Pedro näo suspeitaria da possibilidade de que o traidor fosse eie mesmo. Cf. Droge, “The Status of Peter”, p. 307. [↑](#footnote-ref-143)
143. Ibid., p. 308. [↑](#footnote-ref-144)
144. Bultmann considera o capitulo 21 como posterior aos capitulos 1 a 20, sen- do de autoria do evangelista. Cf. R. Bultmann, *The Gospel of John. A Commentary,* Oxford, 1971, p. 700. [↑](#footnote-ref-145)
145. Cf. Bultmann, *John,* p. 466, n. 7: “Peter, as so often in the old tradition, is representative and spokesman”. Todavía este autor ao frisar que Pedro tenha sido tipologizado, nao diz que isto contradiga o caráter histórico do personagem. [↑](#footnote-ref-146)
146. 1445 Para Bultmann, o Discípulo Amado é o prototipo de discípulo. Como ele diz em *John,* p. 484: “...it cannot be maintained that the beloved disciple, as the Evangelist uses the term, is a particular historical figure. If he were, there would be no accounting for the fact that the Evangelist does not speak of him by name, as he does the other disciples, but refers to him in that mysterious way. The beloved disciple rather is an ideal figure”. [↑](#footnote-ref-147)
147. Cf. Bultmann, *John,* p. 483. [↑](#footnote-ref-148)
148. Ibid., p. 448.467.473.481.597. [↑](#footnote-ref-149)
149. 140 Jo 18,36. Cf. Bultmann, *John,* p. 467. [↑](#footnote-ref-150)
150. Ibid., p. 468: “One thing is immediately clear from Peter’s opposition: he does not understand that Jesus humbles himself to serve his own. And just how much this goes against the instinct of the natural man is shown by his repeated and increasingly vehement resistance... The natural man simply does not want this kind of service”. [↑](#footnote-ref-151)
151. Ibid., p. 482. [↑](#footnote-ref-152)
152. Ibid., p. 596. [↑](#footnote-ref-153)
153. 13,36-38 deixa claro o significado do martirio, sobre o qual Bultmann, *John,* p. 598, n. 3, declara: “It is not the heroic surrender of one’s life that makes death the death of a martyr, but rather the faith that death is a sharing in the destiny of Jesus, and thus a sharing in his victory over the world”. [↑](#footnote-ref-154)
154. Jo 14,1-4. Cf. Bultmann, *John,* p. 595. [↑](#footnote-ref-155)
155. Ibid., p. 597. [↑](#footnote-ref-156)
156. O fato de que em 18,16 um discipulo andnimo aparece junto a Pedro nao prova que se trate do Discipulo Amado, e nao vem, por isso, considerado, por Bultmann, neste grupo de textos. Cf. Bultmann, *John,* p. 483.645. [↑](#footnote-ref-157)
157. Ibid., p. 485. [↑](#footnote-ref-158)
158. Ibid., p. 685. [↑](#footnote-ref-159)
159. Ibid., p. 715. [↑](#footnote-ref-160)
160. ieo Ibid., p. 701. [↑](#footnote-ref-161)
161. Ibid., p. 706. [↑](#footnote-ref-162)
162. Para Bultmann, qualquer tendencia de ir, aqui, na dire^ao de urna política eclesiástica é somente muito remota. Cf. Bultmann, *John,* p. 713. [↑](#footnote-ref-163)
163. Ibid., p. 717. [↑](#footnote-ref-164)
164. J. F. O’Grady, “The Role of the Beloved Disciple”, *BibTB* 9 (1979) 58: “The Beloved Disciple is not just one individual among many who has come to believe in Jesus. Rather he is the epitome of believer, disciple, beloved and witness”. [↑](#footnote-ref-165)
165. Cf. J. F. O’Grady, “Individualism and Johannine Ecclesiology”, *BibTB* 5 (1975) 236. [↑](#footnote-ref-166)
166. Cf. O’Grady, “The Role of the Beloved Disciple”, p. 61. [↑](#footnote-ref-167)
167. Ibid., p. 60. [↑](#footnote-ref-168)
168. Ibid., p. 59. [↑](#footnote-ref-169)
169. Cf. O’Grady, “Individualism and Johannine Ecclesiology”, p. 239-240. [↑](#footnote-ref-170)
170. Cf. O’Grady, “The Role of the Beloved Disciple”, p. 64. [↑](#footnote-ref-171)
171. Cf. J. Mateos-J. Barreto, *Dizionario Teologico del Vangelo di Giovanni,* Assisi, 1982, p. 88. [↑](#footnote-ref-172)
172. Cf. J. Mateos-J. Barreto, *El Evangelio de Juan. Análisis lingüístico y co­mentario exegético,* Madrid, 1979, p. 119. [↑](#footnote-ref-173)
173. Para estes autores, tal oposito aparece em: Jo 13,21-26; 18,15; 20,2s; 21,7.20-23; e já se projeta em 1,42. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 606-607. [↑](#footnote-ref-174)
174. Cf. Mateos-Barreto, *Dizionario Teologico,* p. 76; Id., *El Evangelio de Juan,* p. 121. [↑](#footnote-ref-175)
175. Cf. Mateos-Barreto, *Dizionario Teologico,* p. 267. [↑](#footnote-ref-176)
176. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 594. [↑](#footnote-ref-177)
177. Ibid., p. 621-622. [↑](#footnote-ref-178)
178. Jo 13,8.37; 18,11. Cf. Mateos-Barreto, *Dizionario Teologico,* p. 267; Id., *El Evangelio de Juan,* p. 594.621.746. [↑](#footnote-ref-179)
179. Cf. Mateos-Barreto, *Dizionario Teológico,* p. 218. [↑](#footnote-ref-180)
180. Ibid., p. 141. [↑](#footnote-ref-181)
181. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 354-355. [↑](#footnote-ref-182)
182. Ibid., p. 590. [↑](#footnote-ref-183)
183. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 758: “El paralelo entre las fra­ses: *También Judas, el que lo entregaba, estaba presente con ellos* (18,5); *Estaba tam­bién Pedro con ellos, allí parado y calentándose,* parece dar remate al paralelo esta­blecido tres veces entre Judas y Pedro por el nombre «Simón» (6,68: la confesión de Simón Pedro, y 6,71: la identificación de Judas de Simón Iscariote como enemigo y traidor; 13,2: Judas de Simón Iscariote, instrumento de la traición, y 13,6: Simón Pedro, que se negará a dejarse lavar los pies; 13,24: Simón Pedro investiga la iden­tidad del traidor, y 13,26: Jesús da el trozo a Judas de Simón Iscariote, y Satanás entra en él”). [↑](#footnote-ref-184)
184. Cf. Ibid., p. 608. [↑](#footnote-ref-185)
185. Ibid., p. 916-917. [↑](#footnote-ref-186)
186. Ibid., p. 917. [↑](#footnote-ref-187)
187. Cf. D. Cancian, “Il Discepolo Amato nel IV Vangelo”, *ParVi* 29 (1984) 279.281. [↑](#footnote-ref-188)
188. Ibid., p. 283. Para Cancian, sào manifesta^òes deste amor o fato de que esse discipulo fez Pedro entrar no pàtio do sumo sacerdote (18,16) e deu-lhe pre- cedència para entrar no sepulcro vazio (20,8). [↑](#footnote-ref-189)
189. Cf. Cancian, “Il Discepolo Amato”, p. 281. [↑](#footnote-ref-190)
190. Ibid., p. 285. [↑](#footnote-ref-191)
191. Cf. supra, p. 22-27. [↑](#footnote-ref-192)
192. B. W. Bacon, *The Fourth Gospel in Research and Debate,* New York, 1910; E. Hoskyns-N. Davey, *The Riddle of the New Testament,* London, 1958; E. E. Titus, *The Message of the Fourth Gospel,* New York, 1957. [↑](#footnote-ref-193)
193. Cf. S. Agourides, “The Purpose of John 21”, in B. L. Daniels-M.J. Suggs (ed.), *Studies in the History and Text of the New Testament, in Honour of K. W. Clark,* Utah, 1967, p. 130-132. [↑](#footnote-ref-194)
194. Cf. S. Agourides, “Peter and John in the Fourth Gospel”, in F. L. Cross (ed.), *Studia Evangelica* IV, Berlin, 1968, p. 3-4. [↑](#footnote-ref-195)
195. Ibid., p. 4. [↑](#footnote-ref-196)
196. Ibid., p. 5. [↑](#footnote-ref-197)
197. Ibid., p. 6. [↑](#footnote-ref-198)
198. A propósito do destino destes dois discípulos, Agourides, “Peter and John”, p. 7, observa: “We have before us a comparison of the martyr’s end, the end of a man who denied his Lord and for whom it was necessary to finish his life by a public witness of Jesus, and the quiet, calm and sweet end of the life of another man who was the same from the beginning”. [↑](#footnote-ref-199)
199. Cf. Agourides, “The Purpose of John 21”, p. 132; Id., “Peter and John”, p. 3. [↑](#footnote-ref-200)
200. Este discípulo é caracterizado por Snyder como aquele “whose power depends on the reception of life from the Incarnate Son”. Cf. G. F. Snyder, “John 13,16 and the Anti-Petrinism of the Johannine Tradition”, *BR* 16 (1971) 15. [↑](#footnote-ref-201)
201. Ibid., p. 10. [↑](#footnote-ref-202)
202. Ibid., p. 11. [↑](#footnote-ref-203)
203. Snyder, “John 13,16 and the Anti-Petrinism”, p. 6-7: “The story of the footwashing pertains to the assimilation of «Jesus» rather than humility or service... the focus of the narrative in vss. 1-9 falls on Peter who refuses to accept the self-giving of Jesus and therefore has blocked any possibility of receiving the glory”. [↑](#footnote-ref-204)
204. Cf. Snyder, “John 13,16 and the Anti-Petrinism”, p. 9. [↑](#footnote-ref-205)
205. Este autor diz ainda que “the Beloved Disciple stands of the side of Jesus rather than on side of the disciples”. Cf. Snyder, “John 13,16 and the Anti- Petrinism”, p. 12. [↑](#footnote-ref-206)
206. Ibid., p. 12-13, onde Snyder ressalta que isto acontece antes da Res- surrei^ao de Jesus. [↑](#footnote-ref-207)
207. Cf. Snyder, “John 13,16 and the Anti-Petrinism”, p. 13. [↑](#footnote-ref-208)
208. Ibid., p. 15: “Why and when Peter became the primate, is a complex question, but at least one tradition, likely Roman, made Peter the primary apostle because he was witness to the historia sacra... Into such a milieu the author of the Gospel of John puts forward another authority whose power depends on the reception of life from the incarnate Son and not on historical witness, or deifica­tion, or apocalyptic visions”. [↑](#footnote-ref-209)
209. Van Belle, *Johannine Bibliography,* p. 193-195, num levantamento biblio­gráfico acumulativo entre os anos de 1966 e 1985, apresenta 43 estudos sobre Jo 1,35-51, dos quais somente dois sao exclusivamente dedicados aos versículos 41-42. [↑](#footnote-ref-210)
210. Cf. S. O. Abogunrin, “The Three Variant Accounts of Peter’s Call: A Criti­cal and Theological Examination of the Texts”, *NTS* 31 (1985) 587. [↑](#footnote-ref-211)
211. O texto parece insistir que um desafío do chamado é que os futuros discípu­los nao devem tardar, pois deixa claro que oí Sé eóOécix; ... fjKoXoúOqaav (Mt 4,20.22; Me 1,18.20). [↑](#footnote-ref-212)
212. Me 1,16 e Mt 4,18 falam de OáXaooav rffc FaXiXaíac;; Le 5,1 traz ttjv Xípvqv rswqaapéT. [↑](#footnote-ref-213)
213. Cf. O. Da Spinetoli, *Luca. Il Vangelo dei Poveri,* Assisi, 1986, p. 201. [↑](#footnote-ref-214)
214. M.P. Da Sortino, “La Vocazione di Pietro secondo la Tradizione Sinottica e secondo San Giovanni”, in AA.W., *San Pietro. Atti della XIX Settimana Biblica Italiana,* Brescia, 1967, p. 27-28, afirma que Le 5,1-11 quer ser a apologia de Pedro, inserindo-o no ambiente espiritual de Jesus, que pessoalmente anuncia a sua futura atividade missionària. [↑](#footnote-ref-215)
215. Nao desconhecemos que os evangelhos sinóticos surgiram a partir de vàrias tradi^oes, mas usaremos a já consagrada expressáo *tradito sinótica* quando falare- mos da comparalo entre Joáo e estes evangelhos. [↑](#footnote-ref-216)
216. Cf. B. F. Westcott, *The Gospel according to St. John,* London, 1958, p. 25-26. [↑](#footnote-ref-217)
217. Cf. E. Ruckstuhl, *Die literarische Einheit des Johannesevangeliums. Der ge­genwärtige Stand der Einschlägigen Forschungen,* Freiburg, 1951, p. 204. [↑](#footnote-ref-218)
218. A informadlo, da parte do evangelista, de que Jesus olha para um seu futu­ro discípulo também é presente em Me 2,14; Mt 9,9 e Le 5,27. [↑](#footnote-ref-219)
219. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 467-468. Esta característica joanina sobres- sai aínda mais quando consideramos que eópíoKG), ñas suas diversas formas ver- bais, aparece 27 vezes em Mt, 11 em Me e 45 em Le, enquanto em Joao aparece 19 vezes. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 120. [↑](#footnote-ref-220)
220. Outro indicio que corrobora esta conclusao é a repeti^äo deste verbo em Jo 1,45, nos mesmos tempos verbais, como que dizendo tratar-se de um elemento da or­ganizada© de Jo 1,35-51. Sobre a articuladao dessa perícope, cf. infra, p. 52-53. [↑](#footnote-ref-221)
221. Cf. M.É. Boismard-A. Lamouille, *L'Évangile de Jean,* III, París, 1977, p.509. [↑](#footnote-ref-222)
222. Aparecem igualmente os termos ‘Paßßi (1,38) e Kq<pag (1,42). Cf. F. Hahn, “Die Jüngerberufung - Joh 1,35-51”, in J. Gnilka (ed.), *Neues Testament und Kirche. Festschrift R. Schnackenburg,* Freiburg, 1974, p. 176. [↑](#footnote-ref-223)
223. \*« Cf. infra, p. 63-64. [↑](#footnote-ref-224)
224. Cf. Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 498. [↑](#footnote-ref-225)
225. Cf. F. Spitta, *Das Johannes-Evangelium als Quelle der Geschichte Jesu,* Göttingen, 1910, p. 58; R.T. Fortna, *The Gospel of Signs. A Reconstruction of the Narrative Source Underlying the Fourth Gospel,* Cambridge, 1970, p. 175-176. [↑](#footnote-ref-226)
226. Cf. infra, p. 53. [↑](#footnote-ref-227)
227. Alem daqui, encontra-se em 9,12; 11,15 e 18,13. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 12. [↑](#footnote-ref-228)
228. Cf. Coulot, “La vocation des disciples”, p. 207. [↑](#footnote-ref-229)
229. £ usado nove vezes no Novo Testamente. Alem de Jo 1,42, aparece quatro vezes na Carta aos Galatas e quatro vezes na Primeira Carta aos Corintios. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 156. [↑](#footnote-ref-230)
230. Cf. E. C. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* London, 1947, p. 180. [↑](#footnote-ref-231)
231. Cf. Da Sorting, “La Vocazione di Pietro”, p. 50. [↑](#footnote-ref-232)
232. Cf. C. K. Barrett, *The Gospel according to St. John,* London, 1962, p. 149. [↑](#footnote-ref-233)
233. Cf. Abogunrin, “Accounts of Peter’s Call”, p. 594; Brown, *The Gospel,* I, p. 77; Bultmann, *John,* p. 108. Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 426, contenta-se em reconhecer que históricamente as duas descriçôes nâo sâo incompatíveis. [↑](#footnote-ref-234)
234. Cf. Abogunrin, “Accounts of Peter’s Call”, p. 600-601. [↑](#footnote-ref-235)
235. Isto patenteia o fato de que tanto os sinóticos como o quarto evangelho se fundamentam em fontes informativas similares, embora distintas. Cf. S. Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, Bologna, 1964, p. 170; Brown, *The Gospel,* I, p. xlvi-xlviii. [↑](#footnote-ref-236)
236. Cf. J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to St. John,* I, Edinburg, 1953, p. 59; Brown, *The Gospel,* I, p. 80; C.H. Dodd, *Historical Tradition in the Fourth Gospel,* Cambridge, 1963, p. 306-307; Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 179; P. E. Jacquemin, “Les premiers disciples du Messie - Jn 1,35-42”, *AssSeign* 33 (1970) 60, n. 12; M. J. Lagrange, *Évangile selon saint Jean,* Paris, 1948, p. 47-48; B. Lindars, *The Gospel of John,* London, 1972, p. 115; J. N. Sanders, *A Commentary on the Gospel according to St. John,* London, 1968, p. 100; J. Schneider, *Das Evangelium nach Johannes,* Berlin, 1976, p. 75. [↑](#footnote-ref-237)
237. Mc e Le concebem a mudança do nome de Simäo em Pedro, no contexto da chamada dos Doze. Joào nâo apresenta a constituiçào deste grupo. Sobre a impor- tâneia dele, no quarto evangelho, cf. infra, cap. 4, p. 110-114. [↑](#footnote-ref-238)
238. Cf. Abogunrin, “Accounts of Peter’s Call”, p. 599; Pesch, *Simon-Petrus,* p. 27-28. [↑](#footnote-ref-239)
239. Cf. F. Blass-A. Debrunner, *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento,* Brescia, 1982, § 331-332; M. Zerwick-M. Grosvenor, *A Grammatical Analysis of the Greek New Trestament,* Roma, 1988, p. xii. [↑](#footnote-ref-240)
240. Cf. Hahn, “Die Jüngerberufung”, p. 179. [↑](#footnote-ref-241)
241. Cf. Abogunrin, “Accounts of Peter’s Call”, p. 599. [↑](#footnote-ref-242)
242. M. É. Boismard, *Du Baptême a Cana - Jean 1,19-2,11,* Paris, 1956, p. 85; Da Sortino, “La Vocazione di Pietro”, p. 33. [↑](#footnote-ref-243)
243. A este *logion* teriam sido conectadas as narraçôes das vocaçôes dos outros discipulos. Cf. Da Sortino, “La Vocazione di Pietro”, p. 32. [↑](#footnote-ref-244)
244. Cf. Coulot, “La vocation des disciples”, p. 207. [↑](#footnote-ref-245)
245. Cf. J. Wellhausen, *Das Evangelium Johannes,* Berlin, 1908, p. 12-13; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* I, p. 195. [↑](#footnote-ref-246)
246. Cf. Bultmann, *John,* p. 97-98. [↑](#footnote-ref-247)
247. Cf. Fortna, *The Gospel of Signs,* p. 179-189. Fortna retoma, assim, a tese de Spitta, *Johannes-Evangelium, p. 53-63, que considera como secundárias as glosas explicativas de 1,38.41.42.* [↑](#footnote-ref-248)
248. Cf. Da Sortino, “La Vocazione di Pietro”, p. 31. [↑](#footnote-ref-249)
249. Cf. Hahn, “Die Jungerberufung”, p. 175. [↑](#footnote-ref-250)
250. Cf. Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 86-100. [↑](#footnote-ref-251)
251. Coulot, “La vocation des disciples”, p. 237-241. [↑](#footnote-ref-252)
252. Nao queremos, com isto, detectar, simplesmente, os estratos antigos do nos- so texto; mas acenar a possíveis estágios que ajudem a clarificar a orientado espe­cífica que Joáo dá ao primeiro encontró entre Jesus e Pedro e as implicapòes tipica­mente joaninas desse encontró. [↑](#footnote-ref-253)
253. Esta reda^ào fora efetuada, portanto, pelo evangelista, que estava, assim, organizando a primeira edi?ao de seu evangelho. Cf. Brown, *The Gospel,* I, p. xxx vii. [↑](#footnote-ref-254)
254. Cf. supra, p. 44-47. A propósito do estilo joanino, Ruckstuhl, *Die lite- rarische Einheit,* p. 201-203, apresenta urna lista de cinqüenta características de vocábulos ou de estilo típicos do quarto evangelho; Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 491-531, apresenta um minucioso estudo sobre o estilo joanino, classificando as características estilísticas em seis categorías. [↑](#footnote-ref-255)
255. Cf. Westcott, *St. John,* p. 23. [↑](#footnote-ref-256)
256. Cf. V. Pasquetto, *Da Gesù al Padre. Introduzione alla lettura esegetico- spirituale del Vangelo di Giovanni,* Roma, 1983, p. 141-142. [↑](#footnote-ref-257)
257. Cf. J. McPollin, *John,* Dublin, 1979, p. 17. [↑](#footnote-ref-258)
258. A partir do momento em que os discípulos se associaram a Jesus, o evange­lista nao acena à possibilidade de retomarem à vida que levavam antes do encontró com Jesus, ainda que em caráter provisorio. [↑](#footnote-ref-259)
259. Brown, *The Gospel,* I, p. 78: “That the disciples did not attain such an insight in two or three days at the very beginning of the ministry is quite obvious from the evidence of the Synoptics... John has placed on their lips at this moment a synopsis of the gradual increase of understanding that took place throughout the ministry of Jesus and after the resurrection. John has used the occasion of the call of the disciples to summarize discipleship in its whole development”. Afir­mara, igualmente, o caráter paradigmático deste seguimento: Hahn, “Die Jünger- berufung”, p. 182; Boismard, *Du Baptême,* p. 75; Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 142. [↑](#footnote-ref-260)
260. Um segundo problema textual é presente no versículo 42, e se refere ao patronímico de Simáo. Para este, existetn duas variantes: Icoáwou e l<ovfi. Esta última surge, provavelmente, como harmoniza^ao de Joao com os sinóticos. Cf. B. M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament,* Stuttgart, 1971, p. 201. [↑](#footnote-ref-261)
261. 59 892. 1009. 1079. 1195. 1216. 1546. 1646®. 2174. [↑](#footnote-ref-262)
262. Assim, a ítala, a Vulgata, as versóes siriacas Peshita e Harcleana; as versdes coptas Sahidica e Bohairica; as versdes Armenas, Georgiana e também Epifánio. [↑](#footnote-ref-263)
263. “ 28. 565. 700. 1010. 1071. 1230. 1241. 1242. 1253. 1344. 1365. 1646\*. [↑](#footnote-ref-264)
264. Na maioria dos manuscritos minúsculos de tradi^áo bizantina, na versao Siriaca Palestinense, na maioria dos lecionários e em Cirilo. [↑](#footnote-ref-265)
265. “ Quais sejam: b, e, j, r1. [↑](#footnote-ref-266)
266. Cf. Boismard, *Du Baptême,* p. 83. [↑](#footnote-ref-267)
267. Bernard, *John,* I, p. 58; Boismard, *Du Baptême,* p. 84; Da Sortino, “La Vo- cazione di Pietro”, p. 30; Sanders, *John,* p. 97. [↑](#footnote-ref-268)
268. O esquema cronológico destes eventos tem diferentes interpretaçôes. Para alguns estudiosos a semana inaugural do ministério de Jesus seria dividida em seis dias - Barrett, *John,* p. 189-190; para outros, em sete dias - D. Mollat, “O Evan- gelho segundo Sao Joào”, *BJ,* p. 1979.1987-1989; Boismard, *Du Baptême,* p. 13-22; Brown, *The Gospel,* I, p. 106; para outros em oito dias - P. W. Skehan, “The Date of the Last Supper”, *CBQ* 20 (1958) 197-198; M. Weise, “Passionswoche und Epi­phaniewoche im Johannesevangelium”, *Ker Dog* 12 (1966) 48-62; existe ainda quem afírme que sâo 10 dias: J. Van Goudoever, *Fêtes et Calendriers bibliques,* Paris, 1967, p. 315. Qualquer que seja o esquema acolhido, a hemerologia responde a uma intençâo teológica. [↑](#footnote-ref-269)
269. Cf. Boismard, *Du Baptême,* p. 84. [↑](#footnote-ref-270)
270. Cf. Da Sortino, “La Vocazione di Pietro”, p. 29. [↑](#footnote-ref-271)
271. Cf. Boismard, *Du Baptême,* p. 84. [↑](#footnote-ref-272)
272. Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 23, sugere que se considere npÖTOv um adjetivo no acusativo, referindo-se a Simäo. O evangelista teria preten­dido sublinhar, assim, que Pedro é o primeiro entre os discípulos, mas com a res- triçâo de ter sido conduzido a Jesus por seu irmao. Mas dado o uso de npoxov em Joäo, como veremos a seguir, tal interpretaçâo é pouco provável. [↑](#footnote-ref-273)
273. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 47. [↑](#footnote-ref-274)
274. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 430. [↑](#footnote-ref-275)
275. Exceto Tischendorf. Cf. Nestle-Aland, *Novum Testamentum,* appendice II, p. 726. [↑](#footnote-ref-276)
276. Entre os comentarios ressaltamos: Barrett, *John,* p. 181-182; Brown, *The Gospel,* I, p. 76; J. Becker, *Das Evangelium nach Johannes,* Gütersloh-Würzburg, 1979,1, p. 98; Lindars, *John,* p. 114; Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 120; Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 430; Schneider, *Johannes,* p. 73; Boismard, por sua vez, em *Du Baptême* (1956), p. 84, opta pela liçâo variante np©î, enquanto em Boismard-Lamouille, *Jean* (1977), p. 86, apresenta a traduçâo francesa assumindo a liçâo Kpœxov. [↑](#footnote-ref-277)
277. TSioç na Koiné é freqüentemente equivalente ao pronome possessivo. Cf. Mt 22,5. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 286. [↑](#footnote-ref-278)
278. Cf. supra, p. 52-53. [↑](#footnote-ref-279)
279. Cf. Coulot, “Les figures du maitre et des ses disciples”, p. 8. [↑](#footnote-ref-280)
280. Cf. G. Zevini, “I primi discepoli seguono Gesù (Gv 1,35-51)”, *ParSpV* 2 (1980) 144. [↑](#footnote-ref-281)
281. O quiasmo ou chiasma é urna figura literaria em que duas expressdes se re­ferem a outras duas seguintes, mas na ordem inversa. Entào, quando se faz a li­gado gráfica entre os termos correspondentes, se obtém a letra grega X, de onde provém o nome da figura. Cf. A. Vanhoye, *Struttura e Teologia dell’Epistola agli Ebrei,* Roma, 1988, p. 32-38. [↑](#footnote-ref-282)
282. Cf. M. Vellanickal, “Discipleship according to the Gospel of John”, *J- eevadhara* 10 (1980) 136. [↑](#footnote-ref-283)
283. Cf. Bernard, *John,* I, p. 57; Brown, *The Gospel,* I, p. 75-76; Westcott, *St. John,* p. 25. [↑](#footnote-ref-284)
284. Nao existe algo que sublinhe, como pretende J. Karavidopoulos, “Le rôle de Pierre et son importance dans l’Église du Nouveau Testament: problématique exégétique contemporaine”, *Nicolaus* 19 (1992) 23, que nâo é Pedro o primeiro a ser chamado a seguir Jesus. [↑](#footnote-ref-285)
285. Jo l,41bis.43.45. [↑](#footnote-ref-286)
286. Cf. H. Preisker, EÔpioKto, *GLNTIH,* col. 1189-1194. [↑](#footnote-ref-287)
287. Bultmann, *John,* p. 101, n. 4: “In w. 41, 43, 45 eópíoKEi refers to an unin­tentional finding, while eôpf|Kag£v, vv. 41, 45, refers to the finding of those who have sought”. [↑](#footnote-ref-288)
288. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 115: “En Jn, el verbo heuriskô no indica un encuentro fortuito, sino el resultado de una actividad que, en sentido real o metafórico, equivale a «buscar»; presupone el conocimiento anticipado o la in­tención de encontrar algo o alguien”. Cf. Jo 2,14; 5,14; 6,24s; 7,34.35.36; 9,35; 11,15.17; 12,14; 18,38; 19,4.6; 21,6. [↑](#footnote-ref-289)
289. Cf. supra, p. 53. [↑](#footnote-ref-290)
290. Brown, *The Gospel,* I, p. 79, fala que “The disciples must begin to act like apostles and bring others to Jesus”. [↑](#footnote-ref-291)
291. Cf. supra, p. 59-60. [↑](#footnote-ref-292)
292. Cf. Bultmann, *John,* p. 101; Nolli, *Giovanni,* p. 38. [↑](#footnote-ref-293)
293. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 341-342; Mateos-Barreto, *El Evan­gelio de Juan,* p. 115. [↑](#footnote-ref-294)
294. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/2, p. 774; II, p. 180-181. [↑](#footnote-ref-295)
295. Cf. F. Zorell, *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti,* Roma, 1960, p. 480; F. Messe, xpí®, *GLNTXN,* col. 870; S. Sabugal, *XPIZTOZ. Investi­gación exegética sobre la cristologia joanea,* Barcelona, 1972, p. 15. [↑](#footnote-ref-296)
296. XpioTÓg é o correspondente grego de Menai a^; é usado 529 vezes no Novo Testamento, das quais 379 ñas cartas paulinas, 22 na primeira carta de Pedro, 26 nos Atos dos Apostólos, 7 em Marcos, 16 em Mateus, 12 em Lucas e 19 em Joào. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 300-301. [↑](#footnote-ref-297)
297. Além de Meaoiag, na narralo sobre a voca^ào dos primeiros discípulos, aparecem os termos semíticos Tappi e Kr|<pa<;. Cf. Sabugal, *XPIZTOZ,* p. 202. [↑](#footnote-ref-298)
298. Cf. Westcott, *St. John,* p. 25. [↑](#footnote-ref-299)
299. Cf. Coulot, “La vocation des disciples”, p. 207. [↑](#footnote-ref-300)
300. Cf. Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* I, p. 184. [↑](#footnote-ref-301)
301. Neste sentido, a confîssao de André tem valor paradigmâtico para todas as vocaçôes cristas. Cf. Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 142. [↑](#footnote-ref-302)
302. Cf. W. Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature,* Chicago-London, 1957, p. 14. [↑](#footnote-ref-303)
303. Coligado a este verbo, com este sentido, esta o substantivo àyœyf| (2Tm 3,10) indicando a conduta de vida seguida pelo apôstolo, a qual Timoteo deve esforçar-se para assumir. Cf. S. G. Green, *Handbook to the Grammar of the Greek Testament,* London, 1905, p. 390; K. L. Schmidt, àyœyf|, *GLNT\,* col. 349. [↑](#footnote-ref-304)
304. Cf. Green, *Handbook,* p. 390. O acento aqui é colocado, portanto, na pes­soa que conduz, e nao, como pretende Nolli, *Giovanni,* p. 39, na pessoa conduzida, caso em que indicaría passi vidade e indi fe renca em Pedro. [↑](#footnote-ref-305)
305. Além deste passo, *&yo)* + npó (g) aparece em 9,13; 11,15 e 18,13. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 12. [↑](#footnote-ref-306)
306. Cf. Coulot, “La vocation des disciples”, p. 207. [↑](#footnote-ref-307)
307. Cf. Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* I, p. 175. [↑](#footnote-ref-308)
308. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 120: “Andrés da la noticia a Si­mon Pedro en los términos: *Hemos encontrado el Mesías,* este título, aplicado a una persona concreta, debía hacer impresión sobre él. Pedro participaba pues, en la ex­pectación del Mesías, cuya llegada estaba siendo anunciada por Juan Bautista (1,27)”. [↑](#footnote-ref-309)
309. E descabida, portanto, a leitura proposta por Mateos e Barreto e por Agourides — cf. supra, cap. 1, p. 32.35 — de que o texto, propositalmente, apre­senta um Pedro passivo, sem entusiasmo, que se deixa levar até a Jesus, em vez de ser beneficiàrio de um encontró direto com Ele. [↑](#footnote-ref-310)
310. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 47: “On a l’impression qu’André a trouvé, lui et un autre, celui que Pierre désirait aussi rencontrer, de sorte qu’il suffisait d’un mot pour le mettre an courante et pour l’entraíner...”. Ver também Zevini, “I primi discepoli seguono Gesù”, p. 146. [↑](#footnote-ref-311)
311. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 120; D. H.C. Read, “From thè Roots of our Religión - Ex 3,7-14; Jn 1,35-42”, *ExpTim* 92 (1980) 22. [↑](#footnote-ref-312)
312. Este verbo é usado somente duas vezes em Joao (1,36.42), mas tem um significado muito denso. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 94. [↑](#footnote-ref-313)
313. Outros verbos indicativos do ver além de píénco: Oecopéw, Oeáopai, ópàco. É ainda motivo de discussa© se estes verbos, em Joao, mostram ter cada um um valor semàntico pròprio, ou se sao usados como varíales e como sinónimos.

     Admitem urna graduaçao entre eles: G. Ghiberti, *I racconti pasquali del cap. 20 di Giovanni confrontati con le altre tradizioni neotestamentarie,* Brescia, 1972, p. 37-38; G. L. Philips, “Faith and Vision in thè Fourth Gospel”, in F. L. Cross (ed.), *Stu- dies in thè Fourth Gospel,* London, 1957, p. 83-96. Sào contrarios a tal graduaçao: Bultmann, *John,* p. 45, n. 1; E. D. Freed, “Variations in thè Language and Thought of John”, *ZNW* 55 (1964) 167-197. C. Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui selon l'Évangile de Saint Jean,* Roma, 1967, p. 7-52 e Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 511, n. 31, retêm que a diferença teològica nao deriva dos verbos em si mesmos, mas do contexto em que se inserem. Cf. infra, cap. 7, p. 225-231. [↑](#footnote-ref-314)
314. Cf. Bernard, *John,* p. 59; Brown, *The Gospel,* I, p. 74; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* I, p. 171. [↑](#footnote-ref-315)
315. Cf. Da Sortino, “La Vocazione di Pietro”, p. 30. [↑](#footnote-ref-316)
316. Cf. H. Van den Bussche, *Giovanni, commento al vangelo spirituale,* Assisi, 1971, p. 140. [↑](#footnote-ref-317)
317. A exata funçâo temporal de um participio em relaçâo ao verbo finito (em geral no modo indicativo) é ainda hoje tema de discussâo entre os gramáticos. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 318, retém que o participio, por si mesmo, nao tem algum valor temporal, mas indica só a qualidade da açao. A relaçâo de tem- poralidade se releva do contexto e do tipo de participio. Cf. também Blass- Debrunner, *Grammatica,* § 339. [↑](#footnote-ref-318)
318. Cf. supra, cap. 1, espec. p. 40-41. [↑](#footnote-ref-319)
319. O futuro do indicativo grego, salvo particularidades, corresponde ao nosso futuro do indicativo, exprimindo, também, urna a^ao simples ou continuada no fu­turo, numa proposito dependente ou independente. Sobre o uso do futuro e suas particularidades, ver Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 318.348-352. [↑](#footnote-ref-320)
320. Assim pensam, entre outros: Sanders, *John,* p. 100; Schnackenburg, *Gio­vanni,* I, p. 430; Pesch, *Simon-Petrus,* p. 15.27-28; Bultmann, *John,* p. 101. [↑](#footnote-ref-321)
321. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 431. [↑](#footnote-ref-322)
322. Sobre a relajo entre Joäo e os sinóticos, ver supra, quando falamos sobre a tradi^äo subjacente a Jo 1,42, p. 47-48. [↑](#footnote-ref-323)
323. Assim sugere Bultmann, *John,* p. 101. [↑](#footnote-ref-324)
324. É esta a posi^äo de E. Dinkler, “Die Petrus-Rom Frage”, *ThR* 25 (1959) 195-197. [↑](#footnote-ref-325)
325. Lindars, *John,* p. 116. [↑](#footnote-ref-326)
326. C. Roth, “Simon-Peter”, *HTR* 54 (1961) 91-97, apresenta casos de pessoas que tinham o nome Simao, mas que eram conhecidas normalmente com o apelido ou o nome do pai: Simao filho de Onias, sumo sacerdote, por volta de 220 a 195 a.C. (Sir 50,1-2); Simao ben Setah, rabi e politico do segundo seculo a.C.; Simao, o rebelde (Flavio Josefo, *GJ,* 2,4,2; *Ant* 17,10,6); Simao, o filho do fundador dos Ze- lotas, Judas Galileu (Flavio Josefo, *Ant* 20,5,2); Simao bar Giora, lider da Primeira Revolta; e Simao bar Cochba, lider da Segunda Revolta. Todavia, J. A. Fitzmyer, em dois trabalhos — “The Name Simon”, in Id., *Essays on the Semitic background of the New Testament,* London, 1971, p. 105-112, e “Aramaic Kepha’ and Peter’s Name in the New Testament”, in E. Best-R. M. Wilson (ed.), *Text and Interpreta­tion. Studies in the New Testament,* London-New York, 1979, p. 121-132 — mostra que este era um dos nomes mais freqüentemente usados pelos judeus e continuou popular no periodo greco-romano, devido ä identidade fonetica entre as suas for­mas hebraica e grega. [↑](#footnote-ref-327)
327. O Rabi Yohannan, filho de Zakai, teria apelidado, numa especie de elogio, os seus cinco discipulos. Cf. Coulot, “La vocation des disciples”, p. 232. Pesch, *Si­mon-Petrus,* p. 30, n. 24, apresenta outros exemplos. [↑](#footnote-ref-328)
328. £ esta a posi^äo de: Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 115.121-122; O. Karrer, “Simon Petrus, Jünger, Apostel, Felsenfundament”, *BiKi* 23 (1968) 37; Bernard, *John,* I, p. 60. [↑](#footnote-ref-329)
329. Cf. Brown, *The Gospel,* I, p. 80; S. Cipriani, “Pietro nei Sinottici”, *MiseFran* 74 (1974) 330. [↑](#footnote-ref-330)
330. Cf. *C.* Westermann, *Genesis 12-36,* II, Neukirchen-Vluyn, 1974, p. 306. 307.314.322.673; Id., “Genesis 17”, *TLZ* 101 (1976) 161-170; E. Naville, “Le XVII chapitre de la Genèse”, *ZAW AA* (1926) 135-145. [↑](#footnote-ref-331)
331. Westermann, *Genesis 12-36,* p. 314: “Das Verleihen eines neuen Namens markiert zwar auch einen neuen Lebensabschnitt und grenzt ihn vom vorangehen­den ab;...”. Cf. também Refoulé, “Primauté”, p. 12. [↑](#footnote-ref-332)
332. A ùnica outra vez em que este verbo aparece em Joâo é em 2,2, conjugado no aoristo passive. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 142. [↑](#footnote-ref-333)
333. ,3S Cf. K. L. Schmidt, KaXéoj, *GLNTW,* col. 1455-1456; Coulot, “La voca­tion des disciples”, p. 208. [↑](#footnote-ref-334)
334. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 47. [↑](#footnote-ref-335)
335. Cf. Barrett, *John,* p. 152. [↑](#footnote-ref-336)
336. Cf. Westcott, *St. John,* p. 25. [↑](#footnote-ref-337)
337. Cf. Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 24; Brown, *The Gospel,* I, p. 80; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* I, p. 175; Westcott, *St. John^* p. 25; J. Betz, “Christus, Petra, Petrus”, in J. Betz-H. Fries (ed.), *Kirche und Überlieferung. Festschrift für J. R. Geiselmann,* Freiburg, 1960, p. 16; Fitzmyer, “Aramaic Kepha’ and Peter’s Name”, p. 124; Cipriani, “Pietro nei Sinottici”, p. 336; Zevini, “I primi discepoli seguono Gesù”, p. 147. [↑](#footnote-ref-338)
338. Em Me 3,16, no contexto da chamada dos Doze; em Mt 16,17-19, no con­texto do Primado de Pedro. [↑](#footnote-ref-339)
339. Me 1,16; Mt 3,18-22; Le 5,11. [↑](#footnote-ref-340)
340. Como observa F. Manns, “Le lavement des pieds. Essai sur la structure et la signification de Jean 13”, RevSR 55 (1981) 150, um confronto com os textos do Judaismo ajuda a dar ao texto do Novo Testamento o seu enraizamento e o seu alcance autêntico. [↑](#footnote-ref-341)
341. Na filosofía semítica da formaçao de palavras, estas se agrupam em tomo de um som fundamental que expressa, igualmente, urna idéia fundamental. Cf. L. Alonso Schökel, *Manuale di Poética Ebraica,* Brescia, 1989, p. 31-46; R.C. Sousa, “Evangelho e anúncio - etimología bíblica”, *VP* 19 (1978) 3-4. [↑](#footnote-ref-342)
342. A onomatopéia — imitaçào de um som, estilizando-o mediante os recursos fonéticos da Hngua — está vinculada ao significado da palavra, ao sentido da frase. Cf. Alonso Schökel, *Poética,* p. 38; R. C. Souza, *Palavra, parábola. Urna aventura no mundo da linguagem.* Aparecida, 1990, p. 239. [↑](#footnote-ref-343)
343. Este som fundamental está à base de termos como *kep* (mao em forma de concha, que cobre e ampara), *kept* (braço estendido que protege, acaricia, ampara e defende), *kap* (pata de leao), *keb* (intestino, ventre, útero, entranhas que geram e desenvolvem o embriäo da vida), *kabt* (seio, mama, peito), *geb* (urna, vaso sa­grado, cofre para guardar as reliquias dos mortos). Cf. A. Erman, *Ägyptisches Glossar,* Berlin, 1911, p. 237-238; P. Pierret, *Vocabulaire Hiéroglyphique,* Paris, 1876, p. 372-373. 615. [↑](#footnote-ref-344)
344. Em assirio-babilônio o grupo de palavras *kab, gab, qub e hub* é usado para exprimir tanto a mäo, em forma de concha, que segura e protege, como as garras da águia. Cf. S. Mercer, *A Sumer o-Baby lonian Sign List,* New York, 1966, p. 221. [↑](#footnote-ref-345)
345. No árabe, o vocábulo *kaf* significa: gancho que prende e agarra, montanha sagrada, montanha onde o céu se encontra com a terra, umbigo. Cf. S. Spiro Bey, *An English-Arabie Vocabulary of Modern and Colloquial Arabie of Egypt,* Cairo, 1929, p. 269. [↑](#footnote-ref-346)
346. Sao vocábulos desta mesma familia fonética: *gup* (guardar, proteger, esconder, defender, fugir, manter confidencia, cuidar), *gopa* (protetor, guarda, de­fensor, pastor, vaqueiro, guardiäo), *gupta-dhana* (riqueza escondida), *kupa* (gruta, caverna, pedra oca, poço, cova, fonte), *kubja* (cavado, abobadado, corcunda). Cf. N. Stchoupak-L. Nitti-L. Renou, *Dictionnaire Sanskrit-Français,* Paris, 1971, p. 289-296. [↑](#footnote-ref-347)
347. No grego vários vocábulos evocam estes sons. Como exemplo, temos: iKácpq (cocho ou bacia para deixar a massa do pâo em repouso ou fermentando, vaso para sacrificio, banheira, berço onde repousa tranquila a criança), oxàipoç (concha, proa, navio, barco que transporta urna carga preciosa), oKaKTÔç (mina subterránea, gruta onde se escavam metáis, fossa, cova). É um som que exprime sempre a idéia de escavado, oco, cavidade. Cf. M. A. Bailly, *Abrégé du Dictionnai­re Grec-Français,* Paris, 1901, p. 1754-1755; P. Chantraine, *Dictionnaire Étymologi­que de la Langue Grecque. Histoire des mots,* Paris, 1968, p. 1011; É. Boisacq, *Dic­tionnaire Étymologique de la Langue Grecque étudié dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes,* Heidelberg, 1950, p. 870-871. [↑](#footnote-ref-348)
348. No latim, temos: *habere* (ter, segurar com as màos, prender), *habilitas* (habi- lidade, que pode agarrar com a mente ou com as mäos); *capax* (capaz, que agarra ou pega, que tem capacidade para segurar ou prender com inteligência), *habitus* (hàbito, que envolve, que cerca). Cf. A. Meillet-A. Ernout, *Dictionnaire Etymolo­gique de la Langue Latine. Histoire des mots,* Paris, 1967, p. 421-422. [↑](#footnote-ref-349)
349. Cf. W. Freire, *Participas duplos e verbos onomatopaicos,* Sâo Paulo, 1953, p. 378-379; V. Scheil, *Recueil de signes archaïques,* Paris, 1898, p. 86. [↑](#footnote-ref-350)
350. Cf. G. Gesenius, *Thesaurus philologicus criticus Linguae Hebreae et Chal- deae Veteris Testamenti,* Lipsiae, 1842,1, p. 273. 299.450.505-507; II, p. 704-709; F. Brown-S. R. Driver-C. A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament,* Oxford, 1962, p. 495-498; Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 368-371; M. Wagner, *Die lexikalischen und grammatikalischen Aramaismen im alttestament- lichen Hebräisch,* Berlin, 1966, p. 65-66. [↑](#footnote-ref-351)
351. Cf. Souza, *Palavra,* p. 240. [↑](#footnote-ref-352)
352. » Cf. SI 65,4; 78,38; 79,9; Jer 18,23; Dt 21,8; Ez 16,63. Ver também: Gesenius, *Thesaurus,* II, p. 706; Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 370; BJ, p. 1016, nota n. [↑](#footnote-ref-353)
353. Cf. Gesenius, *Thesaurus,* II, p. 705. [↑](#footnote-ref-354)
354. \*s Ibid., p. 706. [↑](#footnote-ref-355)
355. Ibid., I, p. 299. [↑](#footnote-ref-356)
356. Cf. Gn 6,14. Ver também Gesenius, *Thesaurus,* II, p. 706. [↑](#footnote-ref-357)
357. Cf. Souza, *Palavra,* p. 243. [↑](#footnote-ref-358)
358. Cf. Gesenius, *Thesaurus,* II, p. 706. [↑](#footnote-ref-359)
359. Cf. Scheil, *Recueil,* p. 93; Brown-Driver-Briggs, *Lexicon,* p. 495. [↑](#footnote-ref-360)
360. Cf. Scheil, *Recueil,* p. 99. [↑](#footnote-ref-361)
361. Cf. C. Westermann-E. Jenni, *Dizionario Teologico dell'Antico Testamento,* Casali-Monferrato, 1982, p. 486: “Sinonimi di §ùr sono sala’ “roccia” (60x)..., kef... hallamish “selce”... ed anche aban “pietra”, har “monte”...”; Cf. também Betz, “Christus, Petra, Petrus”, p. 15-17. [↑](#footnote-ref-362)
362. Cf. os significados específicos atribuidos aos correspondentes verbetes em: Gesenius, *Thesaurus,* I, p. 480-481; II, p. 706.958; III, p. 1160; Brown-Driver- Briggs, *Lexicon,* p. 6-7.321.495-496.700-701.848-849.862; Zorell, *Lexicon Hebrai-* [↑](#footnote-ref-363)
363. Cf. Brown-Driver-Briggs, *Lexicon,* p. 6-7; Vogt, *Lexicon,* p. 1-2; Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 7-8; B. Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexi­con,* London-New York, 1930, p. 4. [↑](#footnote-ref-364)
364. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 7; Westermann-Jenni, *Dizionario Teolo­gico,* p. 486. [↑](#footnote-ref-365)
365. Cf. Gesenius, *Thesaurus,* I, p. 480; Brown-Driver-Briggs, *Lexicon,* p. 321. [↑](#footnote-ref-366)
366. Cf. Gesenius, *Thesaurus,* I, p. 481; A. B. H. Ferreira, *Novo Dicionário da Lingua Portuguesa,* Rio de Janeiro, 1986, p. 1291. [↑](#footnote-ref-367)
367. O termo vbo, todavia, nâo é atestado nas outras linguas semiticas. Cf. Gesenius, *Thesaurus,* II, p. 958. [↑](#footnote-ref-368)
368. Cf. Brown-Driver-Briggs, *Lexicon,* p. 700-701.848; Gesenius, *Thesaurus,* II, p. 958; III, p. 1160; Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 555.688. [↑](#footnote-ref-369)
369. Cf. Brown-Driver-Briggs, *Lexicon,* p. 701.849; Gesenius, *Thesaurus,* p. 1160; Westermann-Jenni, *Dizionario Teologico,* p. 488. [↑](#footnote-ref-370)
370. Os outros termos que designan rocha, pedra e seus derivados sao atestados no Antigo Testamento com freqüência e peso diferentes.

     A palavra aparece em cinco passos (Dt 8,15; 32,13; Jó 28,29; SI 114,8; Is 50,7) e é usada sempre em sentido lato.

     Prescindindo de algumas designaçôes de lugar, lì» aparece 70 vezes no Anti­go Testamento e significa, quase sempre, lugar sagrado, lugar de sacrificio. Como atributo de Deus, exprime a sua solidez e o seu caráter inabalável, os quais se ma­nifestara sobretudo no dom da salvaçao aos homens. Em muitos passos ms se tor­na, aínda, um dos termos com os quais se designa o pròprio nw (Dt 32,4.15. 18.30.31; 1 Sam 2,2; 2Sam 22,32; Is 44,8; Ab 1,12).

     Além de aparecer nos passos em que designa a cidade de Petra ou Jecetel, yh’D ocorre 60 vezes no Antigo Testamento, assumindo tanto o seu significado estrito de precipicio rochoso, rocha aguda, como o símbolo de proteçâo, obsti- naçâo e segurança. Em ao menos cinco vezes 9^0 é usado, como mx, com referén- cia a nw, casos em que Deus é experienciado como rochedo, como rocha hospita- leira, ou como fortaleza libertadora (2 Sam 22,2; Sal 18,3; 31,4; 42,10; 71,3).

     Para pK temos 273 atestaçôes no Antigo Testamento, com as mesmas acepçôes descritas anteriormente, destacando-se o seu uso metafórico para denun­ciar o endurecimento e a obstinaçâo de Israel (Ez 11,19; 36,26), e a aplicaçao de textos que assumem, posteriormente, urna caracterizaçao messiànica (Gn 28,18; SI 118,22; Is 8,14; 28,16; Dan 3,24). Cf. G. V. Wigram, *The Englishmans Hebrew and Chaldee Concordance of the Oíd Testament,* London, 1963, p. 11-13.434.878.1069; Westermann-Jenni, *Dizionario Teologico,* p. 485-488; Betz, “Christus, Petra, Petrus”, p. 14-18; Boismard, *Du Baptême,* p. 86-87; J. Jeremías, XiOoç, *GLNT* VI, col. 735-738; Brown-Driver-Briggs, *Lexicon,* p. 849; R. Séguineau-O. Odelain, *Dictionnaire des noms propres de la Bible,* Paris, 1978, p. 299; J. Stracky, “Pétra et la Nabaténe”, *DBS* VII, col. 898. [↑](#footnote-ref-371)
371. Cf. H.H. Rowley-M. Black, *Job,* Great Britain, 1952, p. 241; G. Ravasi, *Giobbe,* Roma, 1987, p. 620. [↑](#footnote-ref-372)
372. Cf. R. Gordis, *The Book of Job. Commentary. New Translation and Special Studies,* New York, 1978, p. 325. [↑](#footnote-ref-373)
373. Esta caracterizado é apresentada com insistencia nos versículos 2-8, como que justificando a opiniáo que Jó tem a respeito deles. Fray Luis, citado por Alonso Schókel-Sicre Díaz, *Job,* p. 427, diz que estes versículos servem “para en­carecer la bajeza y vileza de los que le menosprecian”. Cf. também Dhorme, *Job,* p. 391. [↑](#footnote-ref-374)
374. A expressao 'b nab mostra, o pouco caso que Jó faz sobre os servidos que os pais desta gente teriam condi^oes de prestar-lhe. Cf. Dhorme, *Job,* p. 392. Rowley-Black, *Job,* p. 241, retem que o desprezo que Jó mostra por estas pessoas nao é tanto porque sao miseráveis, mas porque o desprezam e o tratam como se fosse inferior a elas. [↑](#footnote-ref-375)
375. Cf. BJ, p. 920. [↑](#footnote-ref-376)
376. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 630. [↑](#footnote-ref-377)
377. £ esta a tradupao que fazem Alonso SchOkel-Sicre Diaz, *Job,* p. 421.423; Ravasi, *Giobbe,* p. 615. [↑](#footnote-ref-378)
378. Cf. Dhorme, *Job,* p. 394; Gordis, *Job,* p. 331. [↑](#footnote-ref-379)
379. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 617. [↑](#footnote-ref-380)
380. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 265; G. Fohrer, *Das Buch Hiob,* Stutt- gart, 1963, p. 413; Dhorme, *Job,* p. 394. [↑](#footnote-ref-381)
381. Por muito tempo este povo estrangeiro foi identificado com os escitas. Hoje isto parece pouco provável. No contexto de nosso estudo, esta discussao resulta secundaria. Sobre o tema, cf. F. Asensio, “Jeremías”, in J. Leal (ed.), *La Sagrada Escritura. Texto y comentario. Antiguo Testamento.* Madrid, 1970, p. 442-443; P. M. Craigie-P. H. Kelley-J. F. Drinkard, *Jeremiah 1-25,* Dallas, 1991, p. 84; L. Alonso Schükel-J. L. Sicre Diaz, *I Profeti,* Roma, 1984, p. 458-459, com ampia discussao e bibliografía. [↑](#footnote-ref-382)
382. O versículo 29 descreve, com detalhes, a invasáo. A cavalaria e os arpeiros avan^am sem piedade. Na época de Jeremías, o uso da cavalaria montada era já generalizado entre as grandes poténcias, como instrumento de guerra, de modo que a populado dos pequeños estados invadidos, como a Palestina, ficava aterrorizada diante da velocidade e elasticidade destas armas no combate, nao podendo, em hipótese nenhuma, defender as suas cidades. Cf. M. García Cordero, “Comen­tario al Libro del Profeta Jeremías”, in Id., *Biblia Comentada - III. Libros Proféticos,* Madrid, 1961, p. 441. [↑](#footnote-ref-383)
383. Fatando da motiva^áo para esta fuga, Craigie-Kelley-Drinkard, *Jeremiah,* p. 84, dizem que “...flight would at least secure their lives; they would not be cowards, but realists”. [↑](#footnote-ref-384)
384. Cf. W. Hollada y, *Jeremiah -LA Commentary on thè Book of the Prophet Jeremiah. Chapters 1-25,* Philadelphia, 1986, p. 169. [↑](#footnote-ref-385)
385. Outro texto emblemático na considerapao da cidade e da montanha como lugares de refúgio é Gn 19. Lot que antes preferirá a cidade (Segor) como lugar para escapar do perigo, sente medo e se instala em covas na montanha. É interessante perceber o percurso de Lot rumo a estes lugares naturais de refúgio e sobrevivencia; como bem resume L. Alonso SchOkel, *¿Dónde está tu hermano? Textos de fraternidad en el libro del Génesis,* Valencia, 1985, p. 56, Lot “beduino rico en Canaán, se traslada a la vega fértil junto a ciudades prósperas, pasa de la vega al monte, de la ciudad principal a la más pequeña, de allí a una cueva. Toda la iniciativa de Lot es sobrevivir...”. [↑](#footnote-ref-386)
386. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 563; G. Gardini, “Note linguistico-filo- logiche”, *Henoch* 4 (1982) 170-172. [↑](#footnote-ref-387)
387. Comentando este passo de Jeremias, Holladay, *Jeremiah,* p. 169, diz que D’DD “is found only otherwise in Job 30:6, where it is also the haunt of refugees. One has the impression here not only of tight parallelism but of unusual vocabu­lary: strange places for the population of a country side”. [↑](#footnote-ref-388)
388. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 598-599. [↑](#footnote-ref-389)
389. Cf. P.P. Joüon, Grammaire de L’Hébreu Biblique, Roma, 1982, § 103, p. 274. [↑](#footnote-ref-390)
390. Os LXX usam o termo néipa para traduzir tanto como 3^0, ms etf’nbn, enquanto empregam XíOoq como correspondente a pK. Das 301 vezes em que XiOoq aparece nos LXX, 235 correspondent a px enquanto em 52 vezes nâo encontra équivalente no Texto Masorético. Cf. E. Hatch-H. A. Redpath, *A Concordance to the Septuagint and the Other Greek Versions of the Old Testament,* Oxford, 1897, II, p. 876-878.1129-1130. [↑](#footnote-ref-391)
391. Observe-se que é toda a expressao xpœyXat nexpœv que corresponde a DTO e nâo somente o segundo termo. [↑](#footnote-ref-392)
392. Cf. H. Steph ano, *Thesaurus Graecae Linguae,* Paris, 1841-1854, VII, p. 2553; Bailly, *Dictionnaire,* p. 1971; Boisacq, *Dictionnaire,* p. 988; H. G. Liddell-R. Scott, *A Greek-English Lexicon,* Oxford, 1961, p. 1831. [↑](#footnote-ref-393)
393. Cf. C. C. Caragounis, *Peter and the Rock,* Berlin-New York, 1990, p. 7. [↑](#footnote-ref-394)
394. Este é, ao menos, o uso comumente retido pelos autores, para o grego, a partir dos poemas homéricos. Cf. Stephano, *Thesaurus,* VII, p. 1016; Séguineau- Odelain, *Dictionnaire des noms propres,* p. 299; Bailly, *Dictionnaire,* p. 1548; Boisacq, *Dictionnaire,* p. 776; Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 1397; Caragounis, *Peter and the Rock,* p. 9. [↑](#footnote-ref-395)
395. Cf. Chantraine, *Dictionnaire Étymologique,* II, p. 892; Liddell-Scott, *Lexi­con,* p. 1397; O. Cullmann, néxpa, *GLNTX,* col. 109; P. Lampe, “Das Spiel mit dem Petrusnamen - Mt 16,18” *NTS* 25 (1978/79) 227; Caragounis, *Peter and the Rock,* p. 10-11. [↑](#footnote-ref-396)
396. Cf. Chantraine, *Dictionnaire étymologique,* p. 892. [↑](#footnote-ref-397)
397. Cf. Cullmann, néxpa, col. 109. [↑](#footnote-ref-398)
398. Para a critica textual deste passo, cf. J. Bright, *Jeremias. Introduction. Translation and Notes,* New York, 1965, p. 31-32; Craigie-Kelley-Drinkard, *Jere­miah,* p. 83. [↑](#footnote-ref-399)
399. Cf. Holladay, *Jeremiah,* p. 149. [↑](#footnote-ref-400)
400. Cf. Stephano, *Thesaurus,* VIII, p. 590; Boisacq, *Dictionnaire,* p. 47.896; Bailly, *Dictionnaire,* p. 88.1778; Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 73.1627. [↑](#footnote-ref-401)
401. Cf. M. Zerwick, *Biblical Greek Illustrated by Examples,* Roma, 1963, § 97, p. 32. [↑](#footnote-ref-402)
402. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 233.235; Zerwick, *Biblical Greek,* § 123, p. 42; Bauer, *Greek-English Lexicon,* p. 287-288. [↑](#footnote-ref-403)
403. Cf. Holladay, *Jeremiah,* p. 169. [↑](#footnote-ref-404)
404. Cf. Fitzmyer, “Aramaic Kepha’ and Peter’s Name”, p. 125. [↑](#footnote-ref-405)
405. Este é um manuscrito bastante danificado, encontrado em 1956 na Cova 11 de Qumran, e contém a última parte do targum sobre Jó 37,10-42,2, além de diversos fragmentos de dimensoes menores, de outras partes do rolo sobre Jó 17,14-36,33. Este manuscrito pertence ao primeiro século de nossa era. A sua escrita, de fato, é do tipo que W. F. Albright, “A Biblical Fragment from the Maccabaean Age: The Nash Papyrus”, *JBL* 61 (1937) 164, chama de herodiano, que corresponde aos anos entre 37 a.C. e 70 d.C. Segundo J. P. M. Van der Ploeg-A. S. Van der Woude, *Le Targum de Job de la Grotte XI de Qumran,* Leiden, 1971, p. 2, o 11 QtgJó é da segun­da metade desse período, traduzindo, portanto, um aramaico contemporáneo a Je­sus, de modo que a lingua que Jesus falou deve ter sido essencialmente a mesma que a desté targum. Cf. Ploeg-Woude, *Le Targum de Job,* p. 1.8. [↑](#footnote-ref-406)
406. Este manuscrito foi encontrado na Cova Quatro de Qumran. A narraçâo dos eventos, naquilo que nos é preservado, é idéntica à do texto do Henoque etio­pe. A data destes manuscritos se distribuí ao longo do segundo e primeiro séculos antes de nossa era: O 4QEn(a) data da primeira metade do século II a.C., e contém parte dos capítulos 1-9 de Henoque; o 4QEn(c) é do final do século I a.C., e con­tém parte dos capítulos 1-6; 10; 12-15; 18; 30-32; 35-36; 89; 104-107, enquanto o 4QEn(e) ressai à primeira metade do primeiro século a.C., contendo parte dos capí­tulos 21-22; 28-29; 31-34; 88-89. Cf. J.T. Milik, “Problèmes de la littérature héno- chique à la lumière des fragments araméens de Qumrân”, *HTR* 64 (1971) 335-337; A. Díez Macho, *Apócrifos del Antiguo Testamento,* Madrid, 1985, IV, p. 299. [↑](#footnote-ref-407)
407. Neste capítulo, depois do desafío de Jó a um duelo verbal com Deus, este sai de sua neutralidade e de seu silêncio, e aparece colocando em cena urna série de animais selvagens diante dos quais Jó toma consciéncia de sua ignorancia e impo- téncia, assumindo gradualmente a sua condiçâo de *criatura* no confronto com as maravilhas do mundo. Alonso SchOkel-Sicre Díaz, *Job,* p. 538, salientam que Deus “hace a Job consciente de su ignorancia e impotencia, no para aplastarlo y dejarlo desdeñosamente sin respuesta, sino para colocarlo en el puesto exacto, con la perspectiva correcta para enfrentarse con Dios”. [↑](#footnote-ref-408)
408. Cf. Ploeg-Woude, *Le Targum de Job,* p. 74-75. [↑](#footnote-ref-409)
409. Assim reconstroem Ploeg-Woude, *Le Targum de Job,* p. 75, evocando Jó 39,1: “antilopes du rocher, et l’accouche(ment des biches, l’observes-tu?...”. [↑](#footnote-ref-410)
410. Comumente é identificada com a camurça ou a cabra montanhesa, que é mais forte e esbelta que as cabras comuns. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 318; Alonso SchOkel-Sicre Diaz, *Job,* p. 548; *BJ,* p. 936. [↑](#footnote-ref-411)
411. Esta cabra vem mencionada em 1 Sam 24,3 e SI 104,18. Em ambos os pas­ses temos referencias ás características dos lugares por onde elas andam: escon- derijo, altura. Cf. *Biblia Sagrada. Ediçào Pastoral,* Traduçâo, introduçâo e notas de I. Storniolo-E. M. Balancín, S. Paulo, 1983, p. 667. [↑](#footnote-ref-412)
412. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 843. [↑](#footnote-ref-413)
413. Cf. Ploeg-Woude, *Le Targum de Job,* p. 77. [↑](#footnote-ref-414)
414. Cf. Zorell, *Lexicon Hebraicum,* p. 393-394. [↑](#footnote-ref-415)
415. Como observa Díez Macho, *Apócrifos,* p. 299, freqüentemente o texto con­servado nestes manuscritos é tao fragmentado que se reduz, em muitos lugares, a palavras ou grupos de palavras. [↑](#footnote-ref-416)
416. J.T. Milik, *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4,* Oxford, 1976, p. 147, assim traduz, com o apoio do texto etíope: “Observe ye the signs (of summer, that the sun bums) and glows; and ye seek shade and shelter before it (upon the burning earth); and ye are not able to tread on the dust or on the rocks on account (of the heat)”. [↑](#footnote-ref-417)
417. Sobre a estrutura deste livro, cf. Díez Macho, *Apócrifos,* p. 295-296. [↑](#footnote-ref-418)
418. Este texto se insere na seçâo formada pelos capítulos 85-90, que apresenta um painel sobre a historia do mundo, que vai do depois da criaçâo do homem até a vinda escatológica do Reino de Deus. Os personagens e povos vem mencionados nesta historia sob a forma de animais diversos. [↑](#footnote-ref-419)
419. Cf. Milik, “Problèmes de la littérature hénochique”, p. 355; Díez Macho, *Apócrifos,* p. 320. [↑](#footnote-ref-420)
420. Milik, *The Books of Enoch,* p. 244, recontrói assim todo o versículo, que corresponde a Henoq 86,29: “And the sheep) ascended to the summit of a certain high rock, and the Lord (of the flock sent him to the flock), and they all stood at (a distance). [↑](#footnote-ref-421)
421. Milik, *The Books of Enoch,* p. 205, assim o reconstrôi: “Thereupon that Sheep that led them) went up (again for) a second time to the summit of that rock. But the flock began to go blind (and to stray from the way which had been shown) them: but the Sheep did not know about these...”. [↑](#footnote-ref-422)
422. Cf. Fitzmyer, “Aramaic Kepha’ and Peter’s Name”, p. 126. [↑](#footnote-ref-423)
423. A maioria dos estudos acerca da posiçâo e funçâo de Pedro no quarto evan­gelho transcura a força semitica do termo Kr|<pâç, nâo existindo estudos que o considerem à exaustâo. Sobre as diversas maneiras corn que se entende o papel de Pedro no quarto evangelho, cf. supra, cap. 1, p. 38-42. [↑](#footnote-ref-424)
424. Cf. Karrer, “Simón Petras”, p. 37-43. [↑](#footnote-ref-425)
425. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 121.122; Id., *Dizionario Teologi­co,* p. 267-268. Cf. também supra, cap. 1, p. 32. [↑](#footnote-ref-426)
426. Pesch, *Simon-Petrus,* p. 30. Embora traduza Kqcpac; por Kugel, Klumpen e Knäuel, Pesch näo extrai a riqueza que se esconde nesta significa^áo ao propor o significado deste termo quando relacionado com Simáo. [↑](#footnote-ref-427)
427. Coulot, “La vocation des disciples”, p. 232. [↑](#footnote-ref-428)
428. Lindars, *John,* p. 115. [↑](#footnote-ref-429)
429. Cf. supra, cap. 2, p. 68. [↑](#footnote-ref-430)
430. Cf. SI 117,22; Dan 2,34-44; Is 8,14. [↑](#footnote-ref-431)
431. Orígenes, *Catena Fragmentarían* XXII, comentando Jo 1,42, nos dá o primeiro exemplo desta interpretacào, dizendo que Simáo recebe o nome “Pedra” daquela Pedra que é o Cristo, a firn de que, como o sabio vem da Sabedoria, e o santo da Santidade, assim também Pedro depende da Pedra por excelencia. Ele diz que “Ilétpov 8è aùtòv Kkt]0r|O£<T0ai elnev, napoovopaaOévra *ànò* tifo nérpa?, ^GTtv ó xptotói;”. Cf. *GCS* 10b, *Orígenes,* IVb, 502. [↑](#footnote-ref-432)
432. Betz, “Christus, Petra, Petrus”, p. 26-30. [↑](#footnote-ref-433)
433. Boismard, *Du Baptéme,* p. 86-87. [↑](#footnote-ref-434)
434. Cipriani, “Pietro nei Sinottici”, p. 330-335. [↑](#footnote-ref-435)
435. Da Sortino, “La Vocazione di Pietro”, p. 33. [↑](#footnote-ref-436)
436. Cf. Cipriani, “Pietro nei Sinottici”, p. 336. [↑](#footnote-ref-437)
437. Cf. supra, cap. 2, p. 68-70. [↑](#footnote-ref-438)
438. Cf. supra, p. 77. [↑](#footnote-ref-439)
439. Cf. Brown, *The Gospel,* I, p. 80; Jeremías, kiOoç, col. 731-732. [↑](#footnote-ref-440)
440. Cf. Me 12,10; Mt 21,42-44; Le 2,34; 20,17-18; At 4,11; Rom 9,32; 1 Pt 2,4-8; 2 Cor 10,4; Ef 2,20; 1 Tm 1,16. [↑](#footnote-ref-441)
441. 1,0 Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 313; D. Mollat, *L'Évangile et les Epîtres de saint Jean,* Paris, 1973, p. 23; Barrett, *John,* 28. [↑](#footnote-ref-442)
442. Cf. supra, p. 82, n. 56. [↑](#footnote-ref-443)
443. Como máximo, Jo 1,41-42 e Mt 16,17-18 se refazem a um primitivo *logion* sobre a mudança do nome de Simào, transmitido originalmente em forma orai, de modo que nâo podemos falar de dependência joanina em relaçâo a Mateus. Cf. su­pra, cap. 2, p. 47-48. [↑](#footnote-ref-444)
444. Os nomes hebraicos, quando helenizados, geralmente continuam invarià- veis e indeclinàveis. A exce^ào é feita principalmente com os nomes que no semitico apresentam a termina^ào *-a.* Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 53,1; 55,1. [↑](#footnote-ref-445)
445. Cf. W. Baumgartner-L. Koehler, *Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament,* II, Leiden, 1974, p. 468. [↑](#footnote-ref-446)
446. Cf. supra, p. 73-76. [↑](#footnote-ref-447)
447. Brown, *The Gospel,* I, p. 76: “Neither Petros in Greek nor Kèphà in Ara­maic is a normal proper name; rather it is a nickname...“. Cf. Cullmann, Tlérpoc;, col. 125; J. Schmid, “Petrus «der Fels» und die Petrusgestalt der Urgemeinde“, in M. Roesle-O. Cullmann (ed.), *Begegnung der Christen. Studien evangelischer und katholischer Theologen. Festschrift für O. Karrer,* Stuttgart-Frankfurt, 1959, p. 356- 357; H. Rheinfelder, “Philologische Erwägungen zu Matth 16,18“, *BZ* 24 (1938-1939) 153, n. 1; J. Lowe, *Saint Peter,* New York, 1956, p. 7. [↑](#footnote-ref-448)
448. Fitzmyer, “Aramaic Kepha’ and Peter’s Name”, p. 121-132. [↑](#footnote-ref-449)
449. E. G. Kraeling, *The Brooklyn Museum Aramaic Papyri: New Documents of the Fifth Century B.C. from the Jewish Colony at Elephantine,* New York, 1953, p. 224-231. Antes de Kraeling, T. Zahn, *Das Evangelium des Matthäus,* I, Leipzig, 1922, p. 540, afirma que «p jà teria sido usado corno nome pròprio antes do Novo Testamento, mas näo apresentou nenhum exemplo. [↑](#footnote-ref-450)
450. Cf. Fitzmyer, “Aramaic Kepha’ and Peter’s Name”, p. 130. [↑](#footnote-ref-451)
451. Gal 1,18; 2,9.11.14. [↑](#footnote-ref-452)
452. 1 Cor 1,12; 3,22; 9,5; 15,5. [↑](#footnote-ref-453)
453. Quanto a Gal 2,11, desde os tempos de Clemente de Alexandria existiu quem sustentasse que o Kq<pàç ali referido nâo fosse o apòstolo Simâo, mas um outro discipulo qualquer. Todavia Cullmann, flétpoç, col. 123, mostra que nâo existe fundamento para esta opiniâo, e que se trata, na verdade, de Simâo Pedro. [↑](#footnote-ref-454)
454. Sobre os destinatârios do quarto evangelho cf. J. A. T. Robinson, “The Destination and Purpose of St. John’s Gospel”, NTS 6 (1959-1960) 117-131; B. Rigaux, “Les destinataires du IV Évangile à la lumière de Jn 17”, *RTL* 1 (1970) 289-319; A. Wind, “Destination and Purpose of the Gospel of John”, NT 14 (1972) 26-69; P.S. Minear, “The Audience of the Fourth Evangelist”, *Interp* 31 (1977) 339-354. [↑](#footnote-ref-455)
455. Cf. Stephano, *Thesaurus,* III, p. 2040; Chantraine, *Dictionnaire,* p. 373; Zorell, *Lexicon Graecum,* p. 513. [↑](#footnote-ref-456)
456. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 40. O verbo éppqvevœ ocorre très vezes em Joâo (1,38; 1,42; 9,7). Além desse livro, no Novo Testamento ocorre somente em Heb 7,2. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 448. [↑](#footnote-ref-457)
457. Caragounis, *Peter and the Rock,* p. 9-16, apresenta urna acurada pesquisa sobre a evidencia grega desse nome, comentando as suas ocorréncias e os diversos significados que nelas assume. [↑](#footnote-ref-458)
458. Cf. A. Passoni dell’Acqua, “Pietro e la roccia. Puntualizzazione dell’anali­si filologica di un libro recente”, *RivBiblt* 61 (1993) 193, a propòsito de conclusoes feitas por Caragounis, *Peter and the Rock,* p. 14.15, que admite que no grego he­lenístico a distinto entre KÉxpa e néxpot; se perde de vista, enquanto no Novo Tes­tamento é mantida. [↑](#footnote-ref-459)
459. No Antigo Testamento, só em 2 Mac 1,16 e 4,41. Cf. Hatch-Redpath, *Concordance,* II, p. 1130. [↑](#footnote-ref-460)
460. Por exemplo: W. F. Albright-C. S. Mann, *Matthew,* New York, 1971, p. 195; Schmid, “Petrus «der Fels»”, p. 357; Brown, *The Gospel,* I, p. 76; Caragounis, *Peter and the Rock,* p. 30. Para este ultimo autor, isto se deve à falta de documen- ta^ào. [↑](#footnote-ref-461)
461. J. H. Charlesworth, “Has the Name «Peter» Been Found among the Dead Sea Scrolls?”, in B. Mayer (ed.), *Christen und Christliches in Qumran?,* Regensburg, 1992, p. 213-223. Para esse autor, num fragmento de pergaminho proveniente da Gruta 4 de Qumran seria possivel entender dtiüd como um nome pròprio, o que indicaría que existía urna outra pessoa, além do Pedro neo-testamentário, e mais ou menos contemporáneo a ele, provavelmente um hebreu palestinense, com o mesmo nome. [↑](#footnote-ref-462)
462. Caragounis, *Peter and the Rock,* p. 30-33. [↑](#footnote-ref-463)
463. Cf. supra, cap. 2, p. 70-71. E este termo, com o seu universo semitico — etimologia, simbologia, contexto cultural e *background* biblico-judaico — pratica- mente, até o presente, nào foi abordado. Charlesworth, “Has the Name «Peter»”, p. 213, e Passoni Dell’Acqua, “Pietro e la roccia”, p. 199, também reconhecem que o ambiente semitico, embora fundamental para compreender a mudan^a do nome de Pedro, é quase inexplorado. [↑](#footnote-ref-464)
464. Cf. Mann-Albrioht, *Matthew,* p. 195-198; O. Michel, olKoSopéco, *GLNT* Vili, col. 386-391; Lampe, “Das Spiel mit dem Petrusnamen”, 235-237. [↑](#footnote-ref-465)
465. Ê típico do estilo joanino a revelaçào de Jesús feita segundo urna narraçâo de urn sinal, ao qual vem coligado um diálogo ou um discurso que de modo circu­lar e progressive revela e aprofunda o significado deste sinal. Ê assim em Jo 3; 5; 9. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 25; Pasquetto, *Da Gesú al Padre,* p. 193-194. [↑](#footnote-ref-466)
466. É importante ter presente a colocaçâo deste capitulo no corpo de todo o quarto evangelho. Assumindo a estrutura de La Potterie, “Structura”, p. 132-133, cf. supra., cap. 2, p. 52, n. 49, este capítulo constituí o segundo sinal da segunda se^äo do segundo dístico (5,1-10,42), sobre a revelado feita por Jesus com a cor­respondente incredulidade dos judeus. O segundo dístico traz dois sinais revelativos (5,1-47 e 6,1-71) e o progresso na fé e na incredulidade entre os judeus em Jerusa- lém (c. 7-10), enquanto os capítulos 11-12 sao preparado para a hora de Jesus. [↑](#footnote-ref-467)
467. Ao longo deste discurso, Jesus, usando sempre a fórmula èy© eipi, se auto- designa como o Päo da Vida (6,35-48), o Päo que desceu do céu (6,41) e o Pao vivo (6,51). Todas estas formas se destinam a relevar a importancia de Jesus para os que créem Nele. Sobre a origem, o significado e a importancia teológica destas formas ver os excursos de Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 87-102, e Brown, *The Gospel,* I, p. 533-538; A. Feuillet, “Les «ego eimi» christologiques du quatriéme Évangile”, *RechSR* 54 (1966) 5-22; 213-224; E. Schweizer, *Eycb dpi.* Die religionsgeschichtliche Herkunft und theologische Bedeutung des Johannesischen Bildreden zugleich ein Beitrag zur Quellenfrage des vierten Evangeliums, Göttingen, 1965, p. 375-376. [↑](#footnote-ref-468)
468. A subdivisäo do discurso sobre o Päo da Vida é difícil. Praticamente cada comentário apresenta urna proposta de divisao interna, nao existindo acordo a res- peito de como estes versículos estao articulados. P. Gächter, “Die Form der eu­charistischen Rede Jesu”, *ZkT* 59 (1953) 419-441, e Brown, *The Gospel,* I, p. 272- 274, apresentam diversas subdivisöes propostas pelos autores. Para o nosso estudo é suficiente detectar estes aspectos básicos: interapao entre Jesus e os seus ouvintes; fé e Pao da Vida como espinha dorsal do texto. Cf. Barrett, *John,* p. 235-236; Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 66; U. Vanni, *Vangelo secondo Giovanni. Passi scelti,* Roma, 1974, p. 98; J. Caba, *Cristo, Pan de Vida. Teologia eucaristica del IV Evangelio. Estudio exegético de Jn 6,* Madrid, 1993, p. 75-79. [↑](#footnote-ref-469)
469. Passamos, neste percurso, da oferta que Jesus faz de si mesmo, em palavra (èyco elpi ó &pxó<; xfjg - v. 35), à oferta de si corno carne e sangue (v. 51.52). Cf. L. Goppelt, rpóyco, *GLNT,* XIII, col. 1421. [↑](#footnote-ref-470)
470. Aqui, Joáo define louSaioi como os ouvintes de Jesús, embora estes fossem, certamente, galileus (Cf. 6,22-25). Nao se trata de urna “imprecisao” joanina. Ele quer, provavelmente, insinuar que estes ouvintes tém a mentalidade judaica. Li­neando os conceitos ’lovSaíoi e yoyyú^eiv, ele estaría a dizer, como propóe K. H. Rengstorf, Yoyyú^co, *GLNT*II, col. 585, que os ouvintes galileus de Jesús “rivelano di essere lov5aioi proprio perché sono yoyyú^ovTe^ e al momento decisivo rifiuta- no la jiícttk;”. [↑](#footnote-ref-471)
471. É muito sugestivo o fato de que o termo Jturteúetv aparece repetidamente até o versículo 51 — v. 29.30.35.36.40.47 — mas dai em diante é totalmente ausente no discurso. Quando a revela^ao de Jesús se centra claramente sobre a sua pessoa, e quando cresce a resistencia dos seus ouvintes á sua revelado, ele nao mais reivin­dica a fé, mas esta continua sendo a única e válida resposta do homem diante da oferta da salvado. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 25-26. [↑](#footnote-ref-472)
472. Cf. Vanni, *Giovanni,* p. 101. [↑](#footnote-ref-473)
473. Os judeus entendem as palavras de Jesús num sentido exterior e material — comer a sua carne — como acontece nos típicos equívocos joaninos. De fato, como releva Bultmann, *John,* p. 135, n. 1, um certo esquema de “desinteligéncia” ou de equívoco é bastante freqüente no quarto evangelho. Além de 6,34.52, é presente em 3,3; 4,15; 8,57; 14,8. [↑](#footnote-ref-474)
474. Cf. Rengstorf, Yoyyú^cú, col. 583. [↑](#footnote-ref-475)
475. Cf. O. Bauernfeind, págopat, GLNT, VI, col. 1428. [↑](#footnote-ref-476)
476. No murmúrio e na contenda transparece um comportamento cético e um juízo negativo em rela^ào a Jesus. Esta atitude evoca o comportamento do povo no deserto — Ex 17,2; Num 20,3.13 — murmurando, maldizendo o pròprio destino e faltando com a fé em Ihwh. Cf. R. Le Deaut, “Une haggadah targumique et les «murmures» de Jean 6”, *Biblica* 51 (1970) 82. [↑](#footnote-ref-477)
477. Cf. G. Ferraro, “Giovanni 6,60-71: Osservazioni sulla struttura letteraria e il valore della pericope nel quarto vangelo”, *RivBiblt* 26 (1978) 54. [↑](#footnote-ref-478)
478. O evangelista nào se interessa, aqui, em fazer somente urna distingao histó­rica entre multidào e discípulo. Junto a esta idéia, o conceito paOqrù1» quer traduzir um interesse teológico: sublinha que a característica dos discípulos de Jesus é a fé Nele, e, como diz K. H. Rengstorf, pa&pnfc, *GLNT NI,* col. 1202, ‘lo fa in modo ancora più accentuato quando dice che Gesù ora ha posto anche i dodici di fronte alla decisione di restare liberamente con lui nella fede o di cessare di essere suoi HaOqTai”. [↑](#footnote-ref-479)
479. O verbo ¿koixù com o genitivo indica urna intimidade muito especial entre quem escuta e quem é escutado, de modo que traduz a idéia de assimilalo interior e adesào de fé. Cf. G. Kittel, Akov®, *GLNT* I, col. 591-592; A. Vanhoye, “La Composition de Jn 5,19-30”, in J. Duculot (ed.), *Mélange biblique en hommage au R.P.B. Rigaux,* Gembloux, 1970, p. 266. [↑](#footnote-ref-480)
480. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 300: “The saying is hard, not so much because the words are difficult to understand but because they are difficult to believe”. [↑](#footnote-ref-481)
481. Explicando a expressào àitfjkOov ei<; rd òrìcto, Westcott, *St. John,* p. 110, diz: “They not only left Christ, but gave up what they had gained with Him, and, so far as they could, reoccupied their old places”. [↑](#footnote-ref-482)
482. A expressào jtepiTtaTEÌv petó é urna designalo que caracteriza o discipulado. E é justamente este discipulado que vem negado. A incisividade desta decisào transparece também na constru^ào verbal de ¿mfjXOov: um aoristo, o qual indica que os discipulos se retiram de urna vez por todas. Cf. Bultmann, *John,* p. 448, n. 2. [↑](#footnote-ref-483)
483. Cf. Caba, *Cristo, Pan de Vida,* p. 407. [↑](#footnote-ref-484)
484. Cf. Bernard, *John,* I, p. 220; Lindars, *John,* p. 270. [↑](#footnote-ref-485)
485. Cf. Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* II, p. 164. [↑](#footnote-ref-486)
486. Cf. Bultmann, *John,* p. 443. [↑](#footnote-ref-487)
487. Cf. Ferraro, “Giovanni 6,60-71”, p. 67. [↑](#footnote-ref-488)
488. Cf. S. Cipriani, “La Confessione di Pietro in Giov 6,69-71 e i suoi rapporti con quella dei Sinottici”, in AA.W., *San Pietro. Atti della XIX Settimana Biblica,* Associazione Biblica Italiana, 1967, p. 94. [↑](#footnote-ref-489)
489. Quais sejam: P, 33, 565, 1010. [↑](#footnote-ref-490)
490. Isto é: a, aur, c, e, p. [↑](#footnote-ref-491)
491. Os seguintes: P3, 28, 700, 892, 1009, 1071, 1079, 1995, 1216, 1230, 1241, 1242, 1253, 1344, 1365, 1546, 1646, 2148, 2174. [↑](#footnote-ref-492)
492. f\*, ÍF, q, r‘. [↑](#footnote-ref-493)
493. p, h, pal. [↑](#footnote-ref-494)
494. Como 1,49; 11,27 e 20,31. [↑](#footnote-ref-495)
495. Cf. Me 8,29; Mt 16,16. [↑](#footnote-ref-496)
496. Cf. Metzger, *Textual Commentary,* p. 215; Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 154. [↑](#footnote-ref-497)
497. A expressâo ¿k todtou pode assumir tanto uma funçâo causal como tempo­ral. No primeiro caso, signifîca, entâo, “por este motivo”, isto é, por causa do dis- curso de Cafamaum. No segundo, o sentido séria algo como “daquele momento em diante”. A distinçao entre ambos nâo muda muito o sentido do texto, jâ que uma e outra funcionam como marco divisôrio em relaçâo ao discurso de Jésus. [↑](#footnote-ref-498)
498. Esta é uma particula muito cara a Joâo. Ela aparece 184 vezes no seu evangelho, contra as 57, 5 e 31 de Mt, Mc e Le. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 204; para o uso desta particula em Joâo, ver Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 451,1, e F. Neirynck, “La particule oôv en Jean. Caractéristiques stylistique et critique littéraire”, in Id., *Jean et les Synoptiques. Examen critique de l'exégèse de M.É. Boismard,* Leuven, 1979, p. 227-278. [↑](#footnote-ref-499)
499. Cf. Mlakuzhyil, *The Christocentric Structure,* p. 101.192-193; La Potterie, “Structura”, p. 137. [↑](#footnote-ref-500)
500. Sobre o chiasma, cf. supra, cap. 2, p. 60, n. 81. [↑](#footnote-ref-501)
501. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 251. [↑](#footnote-ref-502)
502. Ferraro, “Giovanni 6,60-71”, p. 49: “Nell’accostamento wòg SóSekci è^EXE^dprqv si esalta la libera azione di favore e di grazia da parte di Gesù nella costituzione di un gruppo, emblematicamente denominato «dodici»”. [↑](#footnote-ref-503)
503. O evangelista se referirá aos Doze como grupo somente numa outra oca- siáo: na cena da apari^áo a Tomé (20,24). Deste modo, Joáo nao apresenta a des- criQáo da elei^áo ou da missáo dos Doze, nem fomece, como os sinóticos (Me 3,13-19; Mt 10,1-4; Le 6,12-16), urna lista deles. Mencionados pelo nome aparecem somente sete discípulos, e só Judas Iscariotes (6,71) e Tomé (20,24) sao explícita­mente incluidos no grupo dos Doze. Por este motivo há quem considere que é ra- zoável admitir que o autor do quarto evangelho supunha que o grupo dos Doze fosse suficientemente conhecido dos seus leitores, grabas aos sinóticos, como um grupo especial entre os discípulos (é o caso de: Lagrange, *Jean,* p. 190; Lindars, *John,* p. 275; Bultmann, *John,* p. 444; A. Feuillet, “La Confession de Pierre en saint Jean (6,67-69) et in saint Matthieu (16,13-18)”, *Divinitas* 30 (1986) 19, entre outros); há também quem pense que os Doze nao eram importantes para Joáo co­mo o sáo para os sinóticos, ou mesmo que Joáo demonstrava pouco interesse pelos Doze, como tal (Barrett, *John,* p. 254; Sanders, *John,* p. 199; Brown, *The Gospel,* II, p. 683). Todavía, como mostraremos ñas páginas seguintes, o problema deve ser posto sob um outro nivel, que considere a fun^áo qualitativa dos Doze, chamados em causa sempre para evocar o verdadeiro discipulado. [↑](#footnote-ref-504)
504. Cf. supra, p. 106-109. [↑](#footnote-ref-505)
505. Esta é tambán a problemática presente em 20,24. Cf. Bernard, *John,* I, p.221; Bultmann, *John,* p. **~~444-44~~**5. [↑](#footnote-ref-506)
506. Cf. R. Ortiz, “Saiba com quem vocé está talandoRevCult 41 (1986) 189. [↑](#footnote-ref-507)
507. Cf. Ferraro, “Giovanni 6,60-71”, p. 49. [↑](#footnote-ref-508)
508. O Novo Testamento e os LXX — exceto 1 Mac 9,25; 11,23 — ignoram o uso ativo de ¿KXéyco; usam abundantemente o médio com o acusativo. Cf. G. Schrenk, ¿KXéyopai, *GLNTNX,* col. 401. [↑](#footnote-ref-509)
509. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 371. [↑](#footnote-ref-510)
510. Todavia, por trás do Filho que elege, está sempre a presenta do Pai: 6,65 fala em SeSopévov autö ék tov Jtarpó,;; em 13,18 está implícita a necessidade divi­na da trai^áo, enquanto todo o capítulo 15 é um tratado sobre o íntimo relaciona- mento entre o Pai e o Filho. Cf. Schrenk, éKXéyopat, col. 478. [↑](#footnote-ref-511)
511. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 182. [↑](#footnote-ref-512)
512. Cf. Schrenk, èKXéyopai, col. 479; Van den Bussche, *Giovanni,* p. 321. [↑](#footnote-ref-513)
513. Schlatter, *Komm. Joh.,* citado por Schrenk, èKZéyopai, col. 478-479: “Per Giovanni il caso di Giuda era un’enigma più oscuro della caduta di Gerusalemme e del rabbinismo”. [↑](#footnote-ref-514)
514. Jo 6,64; 6,70.71; 13,11; 18,4. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 156-157; Sanders, *John,* p. 200. [↑](#footnote-ref-515)
515. Cf. supra, p. 109. [↑](#footnote-ref-516)
516. Cf. Ferraro, “Giovanni 6,60-71”, p. 48. [↑](#footnote-ref-517)
517. Em 15,6 o quarto evangelho supóe que a experiencia de Judas é qualquer coisa que se pode repetir para qualquer um dos apóstolos. Schnackenburg, *Giovan­ni,* II, p. 158, diz que esta experiencia é um obscuro mistério que se torna sinal de alarme para os leitores. [↑](#footnote-ref-518)
518. A. Wright, *A Synopsis of the Gospels in Greek with Various Reading and Critical Notes,* London, 1906, p. 31, sugere que o ele; ¿k tov 6<ó6£Ka aplicado a Ju­das significa que ele seja o líder ou o cabera dos Doze. Mas é difícil admitir que o 8lg possa substituir o termo npmog ou que, como adverte Bernard, *John,* I, p. 225, um evangelista, escrevendo muitos anos depois dos acontecimentos, quando o no- me de Judas evocava já o opróbrio das gera^óes, pudesse considerar este apóstolo como ocupando o primeiro lugar no grupo dos Doze. [↑](#footnote-ref-519)
519. Me 8,33; Mt 16,23. [↑](#footnote-ref-520)
520. Praticamente, nao se pode estabelecer nenhuma diferencia no uso, no Novo Trestamento, dos termos oaravá^ e SiáPoXog; todavía, dos sinóticos e dos Atos dos Apóstolos pode-se relevar que oaxavát; é mais próximo ao uso lingüístico palestinense. Cf. W. Foerster, SiaPáXAco, *GLNT* II, col. 944; J. Jeremías, *The Parables of Jesús,* New York, 1963, p. 81. [↑](#footnote-ref-521)
521. Cf. Foerster, SiáPoXoc;, col. 921-926. [↑](#footnote-ref-522)
522. A outra vez, em Joáo, que StápoXot; diz respeito a Judas é em 13,2. Ali o SiáPoXo^ é o instigador de Judas para chegar á trai^áo. [↑](#footnote-ref-523)
523. Cf. F. Büchsel, ôiôtùHi, *GLNT* II, col. 1180-1187; Westcott, *St. John,* p. 110; Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 157. [↑](#footnote-ref-524)
524. Mc 9,31; 10,33; 14,21.41. Cf. J. Ernst, Z/ *Vangelo secondo Marco,* Brescia, 1991, II, p. 337-392. [↑](#footnote-ref-525)
525. Além de 6,71, aparece em 12,4; 13,2.21; 18,2.5; 21,20. [↑](#footnote-ref-526)
526. Jo 18,30.35.36; 19,11. [↑](#footnote-ref-527)
527. Jo 19,16. [↑](#footnote-ref-528)
528. Jo 19,30. [↑](#footnote-ref-529)
529. Cf. Westcott, *St. John,* p. 111. [↑](#footnote-ref-530)
530. Como é o caso de Jo 4,29. [↑](#footnote-ref-531)
531. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 427,2. [↑](#footnote-ref-532)
532. Cf. Caba, *Cristo, Pan de Vida,* p. 412. [↑](#footnote-ref-533)
533. Cf. G. Schrenk, OéXco, *GLNTIV,* col. 260-262.279; Nolli, *Giovanni,* p. 249. [↑](#footnote-ref-534)
534. Este verbo recorre sobretudo nos discursos de adeus, significando a partida ou a morte de Jesus, que sào, em ùltima instància, um partir para Deus. ‘Yndyco ocorre 32 vezes em Joao, contra 19 em Mateus, 15 em Marcos e 5 em Lucas. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 282. [↑](#footnote-ref-535)
535. Cf. G. Delling, tady©, *GLNTXW,* col. 536.540. [↑](#footnote-ref-536)
536. Cf. Van den Bussche, *Giovanni,* p. 321. [↑](#footnote-ref-537)
537. Cf. supra, p. 108. [↑](#footnote-ref-538)
538. Como observa Caba, *Cristo, Pan de Vida,* p. 414: “Las palabras que Jesús había dicho: «también vosotros?» (ójwu;: v. 67), tienen un eco claro en las palabras de Pedro mediante la mención de un «nosotros» (fipeí^) implícito en la primera persona plural del verbo: «a quién iremos?» (árcele voópeOa)”. [↑](#footnote-ref-539)
539. Cf. Westcott, *St. John,* p. 111. [↑](#footnote-ref-540)
540. Negativa. Cf. supra, p. 115. [↑](#footnote-ref-541)
541. Cf. Ferraro, “Giovanni 6,60-71”, p. 51; Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 153. [↑](#footnote-ref-542)
542. Cf. J. Schneider, £p%opat, *GLNTIH,* col. 914. [↑](#footnote-ref-543)
543. O verbo £p%opat encontra-se 636 vezes no Novo Testamente, das quais 157 no quarto evangelho; ja &K^p%opai e usado 118 vezes no conjunto do Novo Testa­mente, sendo 21 em Joäo. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 32-33.116-117. [↑](#footnote-ref-544)
544. Este filäo compreende tanto a vinda de Jesus como Verbo ou Messias (1,7.9.11.15.27.29.30; 3,2b.l9.31; 4,25; 5,24.43a; 6,14; 7,27.28.31; 8,14.42; 9,4.39; 10,10b; 11,27; 12,27.46.47; 15,22; 16,28; 18,37), como a vinda do Cristo Ressuscita- do (20,19; 20,26; 21,13), ou ainda o retomo de Cristo (14,3.18.23; 21,22) e a vinda de sua Hora (4,23; 5,25; 7,30; 8,20; 12,23; 13,1; 17,1). [↑](#footnote-ref-545)
545. 1,39.46.47; 3,26b; 4,30.40; 5,40; 6,5.15.24.34.37.44.45.65.68; 7,34.36.37.50; 8,2.22; 10,41; 11,29.30.32; 12,13.19; 14,6. [↑](#footnote-ref-546)
546. Cf. F. Fernández Ramos, “Seguimiento y persecución - reflexiones en tor­no a la comunidad joànica”, *StLeg* 24 (1983) 127. [↑](#footnote-ref-547)
547. Cf. supra, p. Ili, n. 48. [↑](#footnote-ref-548)
548. Kupioc; é um motivo que percorre todo o Novo Testamento, onde vem usa- do 719 vezes. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 167. [↑](#footnote-ref-549)
549. Além de Joao, encontramos està conota^ao em Lucas e nas cartas neo testa - mentàrias. W. Foerster, Kvpioq, GLNT V, col. 1485, observa que “Il fatto che il Gesù storico appaia come Kuptot; soltanto nei racconti evangelici tardivi, ossia nei testi esclusivi di Luca e in Giovanni, si spiega in quanto la materia degli evangeli deve la sua elaborazione a finalità missionarie”. [↑](#footnote-ref-550)
550. Jo 4,11; 6,34; 11,3; 20,2.13. [↑](#footnote-ref-551)
551. Cf. Foerster, KÓpioc;, col. 1346-1357. [↑](#footnote-ref-552)
552. Cf. W. Kasper, *Jesús, el Cristo,* Salamanca, 1986, p. 177-178. [↑](#footnote-ref-553)
553. Cf. Barrete, *John,* p. 251; Bernard, *John,* I, p. 218; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* II, p. 164. [↑](#footnote-ref-554)
554. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 301; Lindars, *John,* p. 274. [↑](#footnote-ref-555)
555. Cf. supra, p. 99-100. [↑](#footnote-ref-556)
556. Na verdade, o que Pedro faz é afirmar aquilo que o próprio Jesús tinha dito sobre si mesmo. Observe-se, de fato, urna correspondéncia entre 6,68c, ^para alcovíou S%eu;, e 6,63, rá ^para & éyó XEXákqKa 6piv nvsvpá étmv Kai ^a»r| écrtiv. Cf. Bernard, *John,* I, p. 222. [↑](#footnote-ref-557)
557. G. Kjttel, Xéya>, *GLNT* VI, col. 296.301, observa que Xóyo<; e Mpa sao [↑](#footnote-ref-558)
558. usados, praticamente, em Joáo, um no lugar do outro, sem maiores diferen^as de [↑](#footnote-ref-559)
559. significado, como mostrariam 12,48a-b; 17,6.8; 6,60.63. Todavia, Westcott, *St. John,* p. 110, demonstra que Mpa se refere a urna ou varias expressóes determina­ [↑](#footnote-ref-560)
560. das, enquanto Xóyo<; indica o conteúdo genérico da revelaqao de Jesús (Cf. 3,34; 6,60.63.68; 8,47; 17,8). [↑](#footnote-ref-561)
561. Muitos discípulos nao estavam aptos para suportar a tensáo presente ñas palavras de Jesus e achavam-nas duras, porque Ihes faltava a fé. Cf. 6,64 e 14,26.

     97 V. 27.33.35.47.48.51.53.54.58.

     98 Cf. Barrett, *John,* p. 251; H. Sasse, ¿lóv, *GLNT,* I, col. 563.

     99 Dar vida é, no Antigo Testamento, urna prerrogativa exclusiva de Deus. Cf. G. Gutiérrez, *El Dios de la Vida,* Lima, 1989, p. 37. [↑](#footnote-ref-562)
562. Cf. Caba, *Cristo, Pan de Vida,* p. 416. [↑](#footnote-ref-563)
563. Cf. supra, p. 99-102. [↑](#footnote-ref-564)
564. Cf. 4,50-53; 5,24; 9,7; 10,3; 11,43-44; 15,3. [↑](#footnote-ref-565)
565. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 301: “Since, however, the whole teaching of Jesus is life-giving, the reference passes beyond the particular discourse to the whole, and to this Saint Peter bears witness in v. 68”. [↑](#footnote-ref-566)
566. Cf. Ibidem. [↑](#footnote-ref-567)
567. É particularmente joanina esta fórmula. Ela ocorre somente urna vez em Mateus (18,6), provavelmente também em Me 9,42. Além deste passos, ela ocorre 9 vezes em todo o resto do Novo Testamento, excluindo-se a literatura joanina. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 1127-1129. [↑](#footnote-ref-568)
568. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 700-701. [↑](#footnote-ref-569)
569. Cf. Brown, *The Gospel,* I, p. 512. [↑](#footnote-ref-570)
570. Cf. R. Bultmann, tuoteüö), *GLNT* X, col. 431.447. [↑](#footnote-ref-571)
571. nioxEueiv eiç com acusativo é usado nos escritos joaninos para indicar, normalmente, a fé numa pessoa: duas vezes se refere ao Pai, 31 vezes a Jesus, qua- tro ao nome de Jesus. Cf. Brown, *The Gospel,* I, p. 513; O. Cullmann, “eIôev Kai èKÎQTEvoev. La vie de Jésus, objet de la «vue» et de la «foi» d’après le quatrième É van gilè”, in AA.VV., *Aux sources de la Tradition Chrétienne. Melanges offerts à M. Goguel,* Neuchatel, 1950, p. 55-56. [↑](#footnote-ref-572)
572. Bultmann, nunevco, col. 471.472, considera que tem o mesmo significado tanto KioTeuciv eie; com o acusativo, como nioxeveiv com o dativo. No entanto, Brown, *The Gospel,* I, p. 513, faz notar que “pisteuein with the dative is used for believing both in someone (Moses, Jesus, the Father) and in something (the word, Scripture). The element of commitment to a person is less obvious here, and the simple acceptance of a message seems to be the dominant idea”. [↑](#footnote-ref-573)
573. Além de nosso texto (6,69), ver 11,27 e 20,31. [↑](#footnote-ref-574)
574. Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 699, observa que, ao contràrio de Paulo, o qual usa 54 vezes o verbo nioTeóeiv e 142 vezes o substantivo reíoxig, e para quem a fé no Senhor Crucificado e Ressuscitado é o mais importante aspecto, “nel van­gelo di Giovanni la fede è già inserita nel racconto dell’opera terrena di Gesù ed é resa esplicita già nell’incontro con il Rivelatore che ha preso dimora sulla terra...”. [↑](#footnote-ref-575)
575. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 318,1.2.4. [↑](#footnote-ref-576)
576. rivdxrKeiv ocorre 57 vezes em Joao, contra 20 em Mateus, 12 em Marcos e 28 em Lucas. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 62. [↑](#footnote-ref-577)
577. Diferentemente de So^á^etv, que significa ter urna opiniào, sem pretender que esta corresponda à realidade. Cf. R. Bultmann, yivóqkg), GLNT II, col. 463. [↑](#footnote-ref-578)
578. Porexemplo: 10,15.27; 14,7.9.17.20; 17,3. [↑](#footnote-ref-579)
579. Por exemplo: 17,7.8; 21,17. [↑](#footnote-ref-580)
580. Por exemplo: 2,24-25. [↑](#footnote-ref-581)
581. Porexemplo: 5,6; 8,52; 10,38; 13,35; 16,19; 17,23. [↑](#footnote-ref-582)
582. Porexemplo: 4,1.53; 12,9. [↑](#footnote-ref-583)
583. Porexemplo: 3,10; 7,27.49; 15,18. [↑](#footnote-ref-584)
584. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 250. [↑](#footnote-ref-585)
585. Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 707, observa que: “Non bisogna mai di­menticare che «conoscere» in senso biblico è un atto che crea ed approfondisce una comunione”. [↑](#footnote-ref-586)
586. Cf. 6,69; 10,38; 14,7-11.20.31; 16,3; 17,3.18-19. [↑](#footnote-ref-587)
587. A relaçao entre estes dois verbos e conceitos joaninos foi notavelmente es- tudada. Salientamos os estudos: M. Bonningues, *La Foi dans l'Évangile de Saint Jean,* Brussels, 1955; M. Wilcox, *La notion de foi dans le Quatrième Évangile,* Leu­ven, 1962, p. 151-173; J. Gaffney, “Believing and Knowing in the Fourth Gospel”, *TS* 26 (1965) 215-241; W. Grundmann, “Verständnis und Bewegung des Glaubens im Johannesevangelium”, *KerDog* 6 (1960) 131-134; I. De la Potterie, “OlSa et yivdxncœ - Les deux modes de la connaissance dans le Quatrième Évangile”, *Bibli­ca* 40 (1959) 709-725. [↑](#footnote-ref-588)
588. Por exemplo: 14,7 com 14,10; 17,9b com 17,8c; 17,21d com 17,23c. [↑](#footnote-ref-589)
589. Tanto a fé corno o conhecimento percebem que Jesus foi enviado pelo Pai (Crer: 11,42; conhecer 17,3) e sabem que Jesus e o seu ensinamento vêm do Pai (a fé: 16,27-30; o conhecimento: 7,17). Cf. Bultmann, yivóqkg), col. 484. [↑](#footnote-ref-590)
590. Cf. 6,69; 8,31-32; 10,38. [↑](#footnote-ref-591)
591. Cf. 16,30; 17,8; 1 Jo 4,16. [↑](#footnote-ref-592)
592. Joâo atesta, por exemplo, que Jesus conhece o Pai (7,29; 8,55; 10,15; 17,25), mas jamais diz que Eie creu no Pai. Cf. Barrett, *John,* p. 307; Brown, *The Gospel,* I, p. 298. [↑](#footnote-ref-593)
593. No entanto, Joâo jamais diz que o conhecimento conduz à fé. Cf. I. De la Potterie, *La Vérité dans S. Jean,* Roma, 1977, II, p. 553. [↑](#footnote-ref-594)
594. Cf. La Potterie, Olôa et yivdxrK©, p. 720; Id., *La Vérité,* I, p. 302. [↑](#footnote-ref-595)
595. Cf. Cipriani, “La Confessione di Pietro”, p. 95; Barrett, *John,* p. 353-354; Van den Bussche, *Giovanni,* p. 322; Segalla, *Giovanni,* p. 243. A seu tumo, Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 154, embora conceba que nâo se pode entender a sucessao YivdxrKEiv-xiQTEüEiv como um caminho *a fide ad intellectum,* jâ que o yivdxjKEtv joanino é qualquer outra coisa que nâo o conhecimento pura e simples- mente intelectual, nâo atribui alguma diferenciaçâo entre os dois verbos, vendo-os, quando usados conjuntamente, como “unitaria e ribadita espressione” de um firme comportamento de fé. [↑](#footnote-ref-596)
596. 133 La Potterie, *La Vérité,* II, p. 554, observa que “Pas de connaissance, dans S. Jean, qui ne soit connaissance de foi. Cependant, toute adhésion de foi ne donne pas encore pour autant la vraie «connaissance»”. Em 8,31 e 10,38, por exemplo, Joâo nâo chega a falar de conhecimento, pois se trata de uma fé incoativa e super­ficial. [↑](#footnote-ref-597)
597. Cf. Bultmann, nioxEUO, col. 485; Caba, *Cristo, Pan de Vida,* p. 417. [↑](#footnote-ref-598)
598. Sobre o uso do perfeito cf. supra, cap. 2, p. 63. [↑](#footnote-ref-599)
599. Augustinus, *Tractatus In Ioannis Evangelium,* XXXVII,9 *(PL* 35,1019): “Non cognovimus et credidimus... Credidimus enim ut cognosceremus; nam si prius cognoscere et deinde credere vellemus, nec cognoscere nec credere valere- mus”. Também E. A. Abbott, *Johannine Vocabulary. A Comparison of the Words of the Fourth Gospel with Those of the Three,* London, 1905, n°. 1629: “In the Gospel (6,69) the confession of S. Peter places belief before knowledge — as if the former prepared the way and the latter followed, the former being the more rudimentary and the latter the higher development”. Cf. também Westcott, *St. John,* p. 111; La Potterie, *La Vérité,* II, p. 550-551. [↑](#footnote-ref-600)
600. Cf. supra, p. 108. [↑](#footnote-ref-601)
601. Num contexto de incredulidade, afirma-se, assim, urna característica dos Doze, através de Pedro: serem firmes na adesâo a Jesus. Cf. La Potterie, *La Vé­rité,* II, p. 562; Rengstorf, paOnt^ç, col. 450. [↑](#footnote-ref-602)
602. 6,20.35.48.51. [↑](#footnote-ref-603)
603. Cf. supra, p. 100, n. 3. [↑](#footnote-ref-604)
604. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 156. [↑](#footnote-ref-605)
605. Jesus é descrito como Syioç também em Me 1,24; Le 1,35; 4,34; At 3,14 e 4,30; 1 Jo 2,30 e Apoc 3,7. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 8-10. [↑](#footnote-ref-606)
606. Bultmann, *John,* p. 449: “ôyioç denotes the divine sphere over against the world, and therefore also that which is marked out as apart from the profane world and belongs to God”. [↑](#footnote-ref-607)
607. Cf. H. Ringgren-W. Kornfeld, inp qds, *TWAT* VI, col. 1183; A. Jaubert, *Leitura do Evangelho segundo Joào,* Sâo Paulo, 1982, p. 71. [↑](#footnote-ref-608)
608. Cf. La Potterie, *La Vérité,* II, p. 722. [↑](#footnote-ref-609)
609. Bernard, *John,* I, p. 223; Bultmann, *John,* p. 345; H. Temple, *Reading of St. Johns Gospel,* London, 1951, p. 101; M.J.J. Menken, “John 6,51c-58: Eucharist or Christology?”, *Biblica* 74 (1993) 26. [↑](#footnote-ref-610)
610. Menken, “John 6,51c-58”, p. 26: “...a possible explanation for the use of the singular title «the Holy One of God» in 6,69 could be that it characterizes Jesus as consecrated to death”. [↑](#footnote-ref-611)
611. Cf. Caba, *Cristo, Pan de Vida,* p. 429. [↑](#footnote-ref-612)
612. Sobre o sentido do verbo àyià^eiv, cf. La Potterie, *La Vérité,* II, p. 758- 767, que contesta urna interpreta^ào sacrificai e mostra que o efeito da santificalo, para Jesus, é que eie pode chamar-se Filho de Deus, estando estreitamente ligada à sua filiamo e missào reveladora. [↑](#footnote-ref-613)
613. Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 208. [↑](#footnote-ref-614)
614. Cf. Stock, *Cristologia Marciana,* p. 93. [↑](#footnote-ref-615)
615. La Potterie, *La Vérité,* II, p. 775, analisando Jo 17,17-18, mostra que a missào nào é o objetivo primeiro da santifica^ào. Estes dois aspectos nào sào estranhos um ao outro, mas a santifica^ào nào se opera em virtude da missào. [↑](#footnote-ref-616)
616. Entre outros: Barrett, *John,* p. 253; R.N. Chaplin, *Evangelho de Joào,* Sào Paulo, 1983, p. 374; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* II, p. 165; La Potterie, *La Vérité,* II, p. 766-767; H. L. N. Joubert, “The Holy One of God (Jo 6,69)”, *Neotestamentica* 2 (1968) 17-69; W. R. Domeris, “Jn 6,69; Mk 1,24: The Holy One of God as a Title for Jesus”, *Neotestamentica* 19 (1985) 9-17. [↑](#footnote-ref-617)
617. Cf. Jaubert, *Leitura do Evangelho segando Joào,* p. 71. [↑](#footnote-ref-618)
618. Cf. J. Leal, “Comentario al Evangelio de Juan”, in J. Leal (ed.), *La Sagrada Escritura - Nuevo Testamento,* I, Madrid, 1965, p. 924. [↑](#footnote-ref-619)
619. 100 La Potterie, *La Vérité,* II, p. 767: “Le titre «Saint» de l’homme Jésus est lié à sa qualité de Messie et de Fils de Dieu”. [↑](#footnote-ref-620)
620. Como observa McPollin, *John,* p. 74: “...disciples have grown in their understanding of faith about Jesus and for them he is the Holy One of God, that is, he is the Messiah who is sent by God to reveal him and also to give life to believers through his self-revelation as Son of God”. Cf. também Caba, *Cristo, Pan de Vida,* p. 430. [↑](#footnote-ref-621)
621. Um outro problema levantado pelos métodos histórico-críticos, näo menos interessante, mas menos relacionado com o nosso campo de interesse, cogita sobre a posiçâo primitiva que esta perícope ocuparía no capítulo 6. Alguns consideran! ora 6,60-71, ora 6,67-71, como estando, atualmente, fora de lugar. Assim, segundo Fortna, *The Gospel of Signs,* p. 195-196, os versículos 6,67-71 formavam, prova- velmente, um único bloco com 6,1-25; Brown, *The Gospel,* I, p. 299, pensa que ori­ginalmente 6,60-71 era ligado a 6,35-51 e que posteriormente os versículos 51-58 foram inseridos, destruindo a unidade. Ver ainda: Wellhausen, *Evangelium Johan­nes,* p. 28-33; Spitta, *Johannes Evangelium,* p. 133-163; Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 154-155. Todavía, como mostramos supra, p. 103-104, a nos- sa perícope, em seu texto final, se insere perfeitamente no dinamismo interno do capítulo 6 e em sua relaçâo com 6,60-66, sendo, mesmo, o cume de um itineràrio. Schnackenburg, *G ¿o vanni,* II, p. 143, retém que esta seçâo nao pertence a um outro estrato redacional nem vai colocada em outra parte do evangelho. [↑](#footnote-ref-622)
622. Isto é, com Me 8,27-30; Mt 16,13-20 e Le 9,18-21. [↑](#footnote-ref-623)
623. W. Bauer, *Das Johannesevangelium,* Tübingen, 1933, p. 102: “Wie in den einleitenden Partien des 6 Kapitels, so erweist sich Jo. auch im Schlussabschnitt 64-71 von der synoptischen Tradition abhängig. Ohne Zweifel liegt seinen Aus­führungen zugrunde die schon von Lc (9,18-22) aufs engste an die Speisungsge­schichte (9,10-17) herangeschobene Erzählung von Petrusbekenntnis bei Cäsarea Philippi (Mc 8,27-33; Mt 16,13-23). Freilich ist sie stark verändert und anders moti­viert”. Com a mesma incisividade se exprimem, entre outros: Bultmann, *John,* p. 343; Dodd, *The Interpretation,* p. 343; Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 302; R. H. Lightfoot, *St. Johns Gospel. A Commentary,* Oxford, 1956, p. 170; B. Weiss, *Das Johannes Evangelium,* Göttingen, 1902, p. 233. [↑](#footnote-ref-624)
624. Barrett, *John,* p. 252: “In view of the many synoptic parallels in this chapter it seems probable that John is here reproducing the synoptic incident and order”; Westcott, *St. John,* p. 111 : “With this confession of St Peter that which is recorded in Matt xvi,16, which belongs to the same period but to different circumstances, must be compared”. Devemos considerar, ainda, que Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 154-155, considera a confíssáo de Pedro, em Joâo, como tendo a sua correspondente em Mateus e Lucas, mas no quadro da última ceia. [↑](#footnote-ref-625)
625. Como voz dissonante, aparece, até entäo — como nota Leal, “Comentario al Evangelio de Juan”, p. 908 — A. Wikenhauser, *Das Evangelium nach Johannes übersetzt und erklärt,* Regensburg, 1961. [↑](#footnote-ref-626)
626. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 191; P. Beekmann, *L'Évangile selon St. Jean d'après les meilleurs auteurs catholiques,* Bruges, 1951, p. 162. [↑](#footnote-ref-627)
627. Ver, por exemplo: Brown, *The Gospel,* I, p. 301-302; Segalla, *Giovanni,* p. 243; Cipriani, “La Confessione di Pietro”, p. 104; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* II, p. 232; Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 209. [↑](#footnote-ref-628)
628. 109 Cipriani, “La Confessione di Pietro”, p. 103, e Feuillet, “Réflexions sur quelques versets de Jn 6”, p. 19, queixam-se que, via de regra, os autores assumem uma posiçào sem se darem ao trabalho de demonstrâ-la. [↑](#footnote-ref-629)
629. Lucas e Joao omitem boa parte do material comum a Marcos e a Mateus: Lucas nao traz a se^áo que vai de 6,45 a 8,26, em Marcos, enquanto Joao omite os eventos de Me 6,53-8,10. Além disso, somente Joao apresenta a ofensa dos muitos discípulos como reado às palavras de Jesus (6,60-66), como sendo as circunstan­cias que originam a confissáo de Pedro. [↑](#footnote-ref-630)
630. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 186; Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 287; Cipriani, “La Confessione di Pietro”, p. 105. [↑](#footnote-ref-631)
631. É interessante também considerar que na continuado do episodio Marcos e Mateus apresentam a reado de Pedro ao anúncio sobre o destino de Jesus e a subse- qüente reado de Jesus à atitude de Pedro (Me 8,32b-33; Mt 16,22-23). Pedro chama Jesus para perto de si a firn de instaurar um coloquio privado e pessoal, no qual se oporá ao caminho do Messias (Me 8,32b). O verbo énm|iáv quer dizer gritar, censurar, repreender, exprobar; designa a ado de Jesus contra os demonios (Me 1,25; 3,12; 9,25), contra a tempestade (Me 4,39) e é usada em relado aos discípulos, quando Jesus nao aprova o que fazem (Me 8,30.33). A intendo de Jesus de prosseguir na caminhada encontra em Pedro ferrenha oposido e é considerada por ele obra de um espirito mau. Assim, Jesus comanda (maye ótuocd pov (Me 8,33b) e chama Pedro de oaravág. Toda resistencia ao destino de Jesus é contra Deus, e mesmo que motivada por sentimentos humanos espontáneos, faz a pessoa assumir o partido de satanás, o protagonista desta oposido. Todo este quadro que carateriza Pedro como oaravag em Marcos e Mateus é aplicado, no quarto evangelho, a Judas. Para Joao, é este discípulo quem recebe o epíteto Siá^oXog, mostrando-se inimigo de Jesus e nao correspondendo ao dom de sua eleido. Cf. E. Stauffer, ¿niTipáco, *GLNT* III, col. 802-805; H. Seesemann, òkìocd, *GLNT* VIII, col. 813; O. Da Spinetoli, *Matteo. Il Vangelo della Chiesa,* Assisi, 1983, p. 469; Ernst, *Marco,* p. 385. [↑](#footnote-ref-632)
632. Este lugar nao é mencionado na perícope, mas se depreende de sua mendo imediatamente antes (6,59). [↑](#footnote-ref-633)
633. Embora Lucas nao indique explícitamente esta regiao, para ele até 9,51 — que demarca o inicio da viagem de Jesus á Jerusalém — a área da atividade de Je­sus é restrita á Galiléia. A única excedo é constituida por 8,26-34, que situa a ado de Jesus na regiao dos gerasenos, no lado contràrio da Galiléia. [↑](#footnote-ref-634)
634. O episodio joanino supoe um grande número de seguidores de Jesús, en­guanto nos sinóticos a situando indica que se trata do grupo mais restrito de seus seguidores. Alón disso, em Joáo as perguntas de Jesús sao motivadas pela murmu- ra^áo de muitos e se refere á relajo dos discípulos com Jesús, enquanto nos sinóti­cos a pergunta de Jesús é sobre a sua identidade na visáo do povo. [↑](#footnote-ref-635)
635. Cf. supra, p. 115. [↑](#footnote-ref-636)
636. Estruturadas quiasticamente. Cf. supra, p. 108. [↑](#footnote-ref-637)
637. Marcos apresenta o contenúdo mais breve: Sb el ó Xpioró«; (8,29b). Em Mateus (16,16), Pedro indica os dois aspectos da identidade de Jesús: a sua posi^ao em relajo aos homens (ó Xpioró?) e a sua rela^áo com Deus (ó uló<; rou Oeoü too ^óvto^). A expressáo de Lucas (9,19b) é urna via de meio entre Mateus e Marcos: tem o tóv Xpioróv, comum a Marcos, e o too Oeoü comum a Mateus. [↑](#footnote-ref-638)
638. Cf. Ernst, *Marco,* p. 752; W. Grundmann, xp^^ó^, *GLNTXN,* col. 941. [↑](#footnote-ref-639)
639. Sobre a discussäo sobre as origens e sobre o conteúdo da expectativa mes­siànica no Antigo Testamento e no Judaismo e os enunciados sobre Cristo no No­vo Testamento, cf. Grundmann-Hesse-Van der Woude, Xpí®, col. 853-1067. [↑](#footnote-ref-640)
640. Cf. supra, p. 127-128. [↑](#footnote-ref-641)
641. Cf. Cipriani, “La Confessione di Pietro”, p. 109; Bultmann, *John,* p. 444; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* II, p. 232. [↑](#footnote-ref-642)
642. Os numerosos e diferentes estudos dedicados a este capítulo mostram a difí- culdade de interpretá-lo. Para as indica^oes bibliográficas até 1966, cf. Malatesta, *John’s Gospel,* n° 274.367. 377. 851.865.1900-1926.2137-2143.2797; dai em diante, cf. Van Belle, *Johannine Bibliography,* n° 485.1521.2687.3696-3760. Um balando bastante completo sobre o significado do lava-pés desde os Padres até a exegese atual pode ser encontrado em G. Richter, *Die Fuflwaschung im Johannesevange- lium. Geschichte ihrer Deutung,* Regensburg, 1967. [↑](#footnote-ref-643)
643. Além da resenha sobre as diversas estruturas do quarto evangelho apresenta­da por Mlakuzhyil, *The Christocentric Structure,* p. 17-84, cf.: Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 292-299; J. Painter, “The Farewell Discourses and the History of Jo­hannine Christianity”, *NTS* 27 (1980-81) 525-543; J.M. Reese, “Literary Structure of Jn 13,31-14,31; 16,5-6.16-33”, CBQ 34 (1972) 321-331; J.L. Boyle, “The Last Discourse (Jn 13,31-16,33) and Prayer (Jn 17): Some Observations on their Unity and Development”, *Biblica* 56 (1975) 217. [↑](#footnote-ref-644)
644. A. Niccacci, “L’unità letteraria di Gv 13,1-38”, *EuntDoc* 29 (1976) 291-323. [↑](#footnote-ref-645)
645. Manns, “Le lavement des pieds”, p. 149-169. [↑](#footnote-ref-646)
646. Estes versiculos estâo em claro paralelismo, o quai é sujeito a varias interpre- taçôes. M.É. Boismard, “Le lavement des pieds (Jo 13,1-17)”, RB 71 (1964) 22-23, diz que ele constitui uma dupla introduçao e é a prova decisiva da existência de duas interpretaçôes sobre o lava-pés: “... le v. 1 correspond très bien à l’interpréta­tion moralisante”, enquanto “le v. 3 annonce et prépare l’interprétation sacramen­telle”. Richter, *Die Fuflwaschung,* p. 306-311, retoma e desenvolve esta hipôtese, enquanto W.K. Grossouw, “A Note on John XIII, 1-3”, *NT* 8 (1966) 129, retém que o “v. 1 introduces the whole Book of the Passion Story and at the same time the first scene of the Passion Story, the pedilavium,... V. 3 on the other hand intro­duces the pedilavium alone”. Seguem esta mesma opiniâo, com pequenas va- riaçôes: Van den Bussche, *Giovanni,* p. 372-375; Brown, *The Gospel,* II, p. 563-564; Ruckstuhl, *Die literarische Einheit,* p. 123; M. Orge, “El Semeion de la Hora (Jn 13,1-17)”, *Claret* 5 (1965) 123-125. Manns, “Le lavement des pieds”, p. 152 — com Lagrange, *Jean,* p. 349 — diz que “on peut se demander si les versets 1 et 3 consti­tuent des doublets ou des membres d’une même unité littéraire, délimitée par une inclusion”. [↑](#footnote-ref-647)
647. Niccacq, “L’unità letteraria”, p. 303, nota a grande quantidade de prono- mes pessoais presentes entre os versiculos 12 e 15 (très vezes ùpìv e Opeìq, duas ¿yó e urna vez 6p6v). Isto faz com que a énfase do texto esteja nào tanto no gesto ma­terial de lavar os pés, mas no seu caràter de testamento. Cf. também Orge, “E1 Semeìon”, p. 104. [↑](#footnote-ref-648)
648. Como diz Niccacci, “L’unità letteraria”, p. 310: “Questa coincidenza diffì­cilmente si può dire casuale, soprattutto se si tiene presente con quanta cura Gio­vanni accompagni ogni più piccolo movimento del pensiero con una particella adatta (Sé, oòv, yùp...)”. Cf. também E. A. Abbott, *Johannine Grammar,* London, 1906, n° 2631-2640. [↑](#footnote-ref-649)
649. Refoiva està conexào a relaqào entre è^qXOsv EÙOóq do versiculo 30 e eòOù^ So^doet, do versiculo 32. Cf. Abbott, *Grammar,* n° 1914: “Having regard to the rarity of the adverb (eùOùq) we seem justified in thinking that, in XIII,30-32, John deliberately uses it twice in one and die same passage concerning the “immediate" departure of Judas and the “immediate” advent of “glory”, the former being sub­ordinate to the latter”. [↑](#footnote-ref-650)
650. Cf. Manns, “Le lavement des pieds”, p. 157; M. Sabbe, “The Footwashing in Jn 13 and its Relation to the Synoptic Gospel”, *ETL* 58 (1982) 295. [↑](#footnote-ref-651)
651. Cf. Manns, “Le lavement des pieds”, p. 158. [↑](#footnote-ref-652)
652. Cf. Abbott, *Grammar,* n°. 2537. [↑](#footnote-ref-653)
653. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 437; A. J. Hultgren, “The Johannine Footwashing (13,1-11) as Symbol of Eschatological Hospitality”, *NTS* 28 (1982) 543; H. Weiss, “Foot Washing in the Johannine Community”, *NT* 21 (1979) 325; Orge, “El Semeion”, p. 123-125. [↑](#footnote-ref-654)
654. Como observa La Potterie, Œ8a et yivdxna», p. 717, a propôsito do verbo ol8a aplicado a Jesus: “Vraiment Jésus accomplit l’œuvre du salut, non comme une victime impuissante, presqu’inconsciente de ce qu’elle subit, mais avec la connais­sance souveraine de celui qui domine les événements et les accepte librement”. Este verbo aparece, além disso, em 13,3.7.11.17 e 18 e em 19,28, sempre associado ao te- ma da Paixâo. [↑](#footnote-ref-655)
655. Cf. Bultmann, *John,* p. 293; X. Léon Dufour, *Les Évangiles et l’histoire de Jésus,* Paris, 1963, p. 127. [↑](#footnote-ref-656)
656. Os Padres latinos parecem nào conhecer esta frase antes de Ambròsio, no fim do século IV, quando a variante longa foi introduzida no Ocidente, a partir do Oriente. Cf. G. Fedalto, *San Pietro e la sua Chiesa tra i Padri d’Oriente e d'Occi­dente nei Primi secoli,* Roma, 1976, p. 53. ' [↑](#footnote-ref-657)
657. Cf. J. Jeremias, *Les paroles inconnues de Jésus,* Paris, 1970, p. 55, n. 24; Sanders, *John,* p. 308; Manns, “Le lavement des pieds”, p. 153; H. Von Cam- penhausen, “Zur Auslegung von Joh 13,6-10”, *ZNW33* (1934) 260-261. [↑](#footnote-ref-658)
658. Para Brown, *The Gospel,* II, p. 552.566-567, e Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 42, os problemas gerados pela implicaçao desta variante na interpretaçao do versiculo nâo podem ser resolvidos sem considerar o contexto do versiculo como um todo bem como o sentido do verbo XoueoOai e o sentido do lava-pés. [↑](#footnote-ref-659)
659. Este é o parecer da maioria dos exegetas, entre os quais, podemos citar: Barrett, *John,* p. 368; Bultmann, *John,* p. 354-355; Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p.439; Boismard, “Le lavement des pieds”, p. 10-13; Hultgren, “The Johannine Footwashing”, p. 540; Lindars, *John,* p. 451; Orge, “El Semeîon”, p. 135. [↑](#footnote-ref-660)
660. Baseamo-nos, sobretudo, em Boismard, “Le lavement des pieds”, p. 10-13. [↑](#footnote-ref-661)
661. Além disso, para Bultmann, *John,* p. 469, se incluirmos a expressâo el pi) tovç nôôaç, o versiculo 10 fala de dois lava-pés: o primeiro, complète (total imer- sâo), e um que segue, partial, sô dos pés. A compléta imersâo séria decisiva, en- quanto o lava-pés séria de importântia secundaria; mas isto séria contrario aos versiculos 8-9, nos quais o lava-pés aparece detisivo para o seguimento de Jésus. [↑](#footnote-ref-662)
662. Cf. Orge, “El Semeíon”, p. 135. [↑](#footnote-ref-663)
663. Como mostra o termo KaOapôç que vem repetido em 10b-l 1, fazendo com que estes versículos estejam organizados paralelisticamente. [↑](#footnote-ref-664)
664. Cf. 2,19; 3,3; 8,21; 6,27-32. Nestes passos, temos sempre os interlocutores de Jesus que, apegando-se a realidades físicas ou materiais, nao compreendem o que Jesus quer dizer no seu sentido mais profundo. Cf. I. De la Potterie, “Nascere da­ll’Acqua e dallo Spirito. Il Testo Battesimale di Gv 3,5”, in I. De la Potterie-S. Lyonnett, *La Vita secondo lo Spirito, condizione del Cristiano,* Roma, 1967, p. 47-49; F. F. Segovia, “John 13,1-20: The Footwashing in thè Johannine Tradi­tion”, *ZNW 73* (1982) 43; Orge, “El Semeíon”, p. 129. [↑](#footnote-ref-665)
665. Esta estrutura é elaborada a partir de um esquema apresentado por Manns, “Le lavement des pieds”, p. 153-154. [↑](#footnote-ref-666)
666. Estes versículos, por sua vez, se compóem de duas frases paralelas, cada urna das quais é composta por très verbos coligados pela conjunçâo koí, sendo que a segunda frase é mais elaborada e complexa. Ambas as frases se fecham com o verbo 8ia£©wvpi (cingir-se), colocando toda a énfase na açâo que Jesús está de- sempenhando. [↑](#footnote-ref-667)
667. O fato de existir entre B e B’ urna correspondencia apenas temática nao compromete a estrutura da perícope como um todo, que é garantida pelos claros paralelismos entre os outros elementos. [↑](#footnote-ref-668)
668. Cf. indica^des bibliográficas supra, p. 135, n. 1. [↑](#footnote-ref-669)
669. Cf. Barrett, *John,* p. 368; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Gio­vanni,* III, p. 172; J. D. M. Derrett, “Domine, tu mihi lavas pedes? (Studio su Gv 13,1-20)”, *BbbOr* 21 (1979) 21-23. Lindars, *John,* p. 451, contextualiza, por sua vez. o lava-pes no quadro dos banhos rituais: a pessoa que fez o banho ritual em casa antes de ir a ceia, necessitava somente, quando chegava la, de ter os pes lavados; estava ritualmente puro. [↑](#footnote-ref-670)
670. Todavia, o carater degradante deste servigo nao deve ser exagerado. As es- posas lavavam os pes dos maridos e os filhos lavavam os pes dos pais. Cf. Barrett, *John,* p. 366; McPolun, *John,* p. 147. Por outro lado, Derrett, “Domine”, p. 23, faz uma distingao: os atos servis de ajudar a tomar banho, carregar a toalha, atar ou desatar as sandalias, nao podiam ser executados por escravos hebreus; mas o servigo de lavar os pes era honroso e praticado por eles. [↑](#footnote-ref-671)
671. Cf. Van den Bussche, *Giovanni,* p. 439; Orge, “El Semeion”, p. 129. [↑](#footnote-ref-672)
672. Como diz Bultmann, *John,* p. 466, n. 5: “...the absurdity of the foot­washing lies in its being carried out by the Master, not in the strange choice of time and place”. Cf. tambem G. G. Nicol, “Jesus’ Washing the Feet of the Disciples: A Model for Johannine Christology?”, *ExpTim* 91 (1979-1980) 20-21. [↑](#footnote-ref-673)
673. Cf. Lagrange, *John,* p. 352; Nolli, *Giovanni,* p. 505; D. H. C. Read, “Hap­piness is Doing what You Believe (Jn 13,7)”, *ExpTim* 85 (1973-1974) 240. [↑](#footnote-ref-674)
674. Cf. supra, cap. 4, p. 118-119. [↑](#footnote-ref-675)
675. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 37; Lagrange, *Jean,* p. 351-352. [↑](#footnote-ref-676)
676. Aiguns exegetas veem que Pedro entende a intengao de Jesus e que a sua mentalidade e incompativel com a Dele. Pedro perceberia, assim, que Jesus, com este gesto, transcende a desigualdade entre Ele e os discipulos, subvertendo, em principio, as estruturas de dominagao bem como a base do exercicio do poder e da autoridade. £ o que pensam Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 352- 353, e S. M. Schneiders, “The Foot Washing (Jn 13,1-20): An Experiment in Hermeneutics”, *CBQ* 43 (1981) 90-91. No dizer desta autora, “Peter did not object because Jesus’ act was self-humiliating but because the superior was serving the inferior, thereby creating a confusion in the accepted social order that Peter could not handle”. [↑](#footnote-ref-677)
677. Cf. Van den Bussche, *Giovanni,* p. 438-439. [↑](#footnote-ref-678)
678. Cf. Westcott, *St. John,* p. 191; Lindaus, *John,* p. 450. [↑](#footnote-ref-679)
679. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 438. [↑](#footnote-ref-680)
680. Cf. Sanders, *John,* p. 308: “... Jesus has already said that Peter cannot yet understand what he is doing, and so we should not expect this verse to be an explanation, but rather an implied demand for obedience”. Cf. tambem Lagrange, *Jean,* p. 354. [↑](#footnote-ref-681)
681. Os exegetas parecem ter exaurido as possibilidades para explicar a que coisa se refere Jesus com os dois tipos de lava-pes: o total — ö leXoupivo^ — e o parcial — so os pes. Para uma resenha das solu<?oes propostas, cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 558-562.565-568. [↑](#footnote-ref-682)
682. Cf. Weiss, “Foot Washing”, p. 320. [↑](#footnote-ref-683)
683. « Cf. Segovia, “John 13,1-20”, p. 44; Weiss, “Foot Washing”, p. 320. [↑](#footnote-ref-684)
684. McPollin, *John,* p. 147: “...they must have their feet washed in order to express symbolically that they are brought into a communion of life with Jesus through his death,... Peter has to learn that it is not the act of washing which matters most but rather what it means — the death of Jesus out of love”. [↑](#footnote-ref-685)
685. Cf. Westcott, *St. John,* p. 191. [↑](#footnote-ref-686)
686. Sobre os Verbos o!8a e yivdxrKco cf. supra, cap. 4, p. 122-125 e infra, cap. 7, p. 237-238. [↑](#footnote-ref-687)
687. Aparece 12 vezes no quarto evangelho, sete vezes em Mateus, e nenhuma vez em Marcos e em Lucas. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 42-43. [↑](#footnote-ref-688)
688. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 506; Lindars, *John,* p. 450. [↑](#footnote-ref-689)
689. A quase unanimidade dos exegetas modernos vé no perú rauta urna indi­cado do tempo da glorificado de Jesús (Como exemplo citamos: Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 438; Westcott, *Sí. John,* p. 191; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 38; Sanders, *John,* p. 307; Brown, *The Gospel,* II, p. 552; Bultmann, *John,* p. 466-467; Barrett, *John,* p. 367; Niccacci, “L’unitá letteraria”, p. 299; Segovia, “John 13,1-20”, p. 44; Derrett, “Domine”, p. 28). Voz dissonante tem Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 171, o qual diz que o caráter obs­curo da expressáo “quello che io faccio capirai dopo” nao permite estabelecer com precisao a que coisa se refere Jesús: á explicado do gesto de lavar os pés (13,12s) ou ao evento de sua Paixáo-Morte e Ressurreido. [↑](#footnote-ref-690)
690. Orce, “El Semeion”, p. 129-130: “Aunque con la mayor parte de los exége- tas creemos que yvdxrq perú rauta debe referirse... a los grandes acontecimientos de la Hora, que constituyen el punto de partida de toda su interpretación teológica, no se puede excluir que en el momento histórico del diálogo Jesús haya remitido a Pedro a la explicación que había de dar después, una vez terminado el lavatorio. Tendríamos, una vez más, un caso, en el que Juan sobrevalora las palabras de Jesús cargándolas de un sentido, que transciende su alcance histórico inmediato, pero que descubre, a la luz de la revelación final, la intención última con la que habían sido dichas”. [↑](#footnote-ref-691)
691. Cf. Lindars, *John,* p. 451; Niccacci, “L’unità letteraria”, p. 299. [↑](#footnote-ref-692)
692. Cf. Boismard, “Le lavement des pieds”, p. 15. [↑](#footnote-ref-693)
693. Cf. Westcott, *St. John,* p. 191. [↑](#footnote-ref-694)
694. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 566; Segalla, *Giovanni,* p. 361; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 172. [↑](#footnote-ref-695)
695. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 508. [↑](#footnote-ref-696)
696. Além disso, se compararmos o nosso passo com Me 8,32 e 14,29, percebe- mos ¡mediatamente que Pedro é, no quarto evangelho, tratado com resguardo. Näo existem em Joào as fortes repreensòes presentes no texto marquino. [↑](#footnote-ref-697)
697. Cf. Segovia, “John 13,1-20”, p. 45; Orge, “El Semeion”, p. 130; Lindars, *John,* p. 450. [↑](#footnote-ref-698)
698. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 506. [↑](#footnote-ref-699)
699. A típica expressâo judaica elç tôv aiôva, um complemento de tempo con­tinuado, é, aqui, enfática e indica um longo espaço de tempo. Equivale ao nosso *nunca* ou ao nosso *jamais.* Cf. Westcott, *Si. John,* p. 191. [↑](#footnote-ref-700)
700. 80 Cf. supra, p. 145. [↑](#footnote-ref-701)
701. Cf. Van den Bussche, *Giovanni,* p. 439; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 38. [↑](#footnote-ref-702)
702. 82 O fato de Jesús dizer aú em vez de toùç nôSaç é só urna variaçâo e urna abreviaçào no modo de falar. Referem-se à mesma situaçâo. Cf. A. Loisy, *Le Qua­trième Evangile,* Paris, 1921, p. 712; Nolli, *Giovanni,* p. 506. [↑](#footnote-ref-703)
703. 83 O Ê/etç pode ter nâo só o sentido de presente, mas também de futuro. An­tes, o futuro é aqui exigido, à revelia do tempo, pois se trata de um acontecimento que depende de uma condiçâo ainda nâo realizada. Este presente com significado de futuro é um aramaismo. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 552. [↑](#footnote-ref-704)
704. Cf. estrutura, supra, p. 142-143. [↑](#footnote-ref-705)
705. Em sentido estrito, a expressào ovk ëxeiç pépoç pEx’èpov (v. 8b) indica “nào ter nada que repartir comigo”, negando, portanto, a existencia de qualquer relaçào ou comunhào de vida. Este sentido vem enriquecido quando situamos a ex­pressào no contexto da mentalidade veterotestamentària e judaica, na qual ëxeiç pépoç pET’èpou evoca os termos hebraicos nbn e pbn, que sáo usados para de­signar a herança da Terra Prometida, como dom de Ihwh (Dt 10,9; 14,27-29; 12,12; 18,1-2; 2Sam 20,1; Is 57,6; Num 18,20; SI 49,18; Gn 31,14; 1 Re 12,16). Na Tra- diçào Judaica este conceito passa por urna evoluçâo, acrescentando-se duas nuan­ças importantes. Como primeira nuança, piépoç nào indica somente um bem mate­rial, a porçâo da terra atribuida por Deus a cada tribo; passa a designar, também, um bem espiritual, o qual tende a identificar-se com a pròpria vida de Deus. Mépoç exprime, entáo, o destino escatològico do homem. Como segunda nuança, a Tradiçào Judaica relaciona ainda o dom da terra, da lei e do mundo futuro, com o sofrimento. Cf. Manns, “Le lavement des pieds”, p. 167; G. Von Rad, *Teologia do Antigo Testamento,* I, Sáo Paulo, 1983, p. 224-226; P. Dreyfuss, “Le thème de l’héritage dans l’Ancien Testament”, *RSPT* (1958) 3-49; Derrett, “Domine”, p. 29; Boismard, “Le lavement des pieds”, p. 10. [↑](#footnote-ref-706)
706. Apoc 20,6 fala sobre aqueles que deram a vida mantendo o testemunho de Jesus e que reinam com Cristo «mil anos». Sobre este versículo, cf. U. Vanni, *L’A­pocalisse. Ermeneutica, esegesi, teologia,* Bologna, 1988, p. 364. [↑](#footnote-ref-707)
707. Cf. Ruckstuhl, *Die literarische Einheit,* p. 124. [↑](#footnote-ref-708)
708. Cf. Boismard, “Le lavement des pieds”, p. 8-10. [↑](#footnote-ref-709)
709. Como pleiteia E. Lohmeyer, “Die Fusswaschung”, *ZNW* 38 (1939) 80-81. [↑](#footnote-ref-710)
710. Cf. Lindars, *John,* p. 450. [↑](#footnote-ref-711)
711. Cf. Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 171.172; Orge, “El Semeîon”, p. 131. [↑](#footnote-ref-712)
712. Cf. supra, p. 146s. [↑](#footnote-ref-713)
713. Cf. Westcott, *St. John,* p. 199; Boyle, “The Last Discourse”, p. 217. [↑](#footnote-ref-714)
714. Cf. Barrett, *John,* p. 376; G. C. Nicholson, *Death as Departure. The Johan- nine Descent-ascent Schema,* Chicago, 1983, p. 161. [↑](#footnote-ref-715)
715. 7<s Cf. Sanders, *John,* p. 318. [↑](#footnote-ref-716)
716. Cf. Barrett, *John,* p. 378. [↑](#footnote-ref-717)
717. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 620-621. [↑](#footnote-ref-718)
718. Cf. Nolu, *Giovanni,* p. 529. [↑](#footnote-ref-719)
719. Cf. Lindars, *John,* p. 464. Além disso, como sublinha L. Cerfaux, “La cha­rité fraternelle et le retour du Christ (Jn XIII,33-38)”, *ETL* 24 (1948) 331, estas pa­lavras do versiculo 33 “c’était adressée aux juifs, une menace. Adressée aux disci­ples, avec le mot d’amitié «mes petits enfants», on comprendra que la séparation n’est que momentanée. Et le temps de la séparation provisoire sera rempli par l’exercice de la charité”. [↑](#footnote-ref-720)
720. Como em 14,6b; 14,10-1 la. Cf. Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 299; Nicholson, *Death as Departure,* p. 168. [↑](#footnote-ref-721)
721. A lei hebraica dava muita importancia à intençâo com que as pessoas agiam. Cf. Derrett, “Domine”, p. 23-25. [↑](#footnote-ref-722)
722. A ênfase transparece por meio da estrutura quiástica de 13,36c: (a) vûv, (b) áKoXou0f¡aai, (b’) ¿koIouB^oek; 8è, e (a’) öaxepov, Cf. supra, p. 152 e infra, p. 155-157. [↑](#footnote-ref-723)
723. Cf. Manns, “Le lavement des pieds”, p. 157. [↑](#footnote-ref-724)
724. Cf. Reese, “Literary Structure”, p. 324. [↑](#footnote-ref-725)
725. Cf. Bultmann, *John,* p. 596; Van den Bussche, *Giovanni,* p. 455. [↑](#footnote-ref-726)
726. Cf. Barrett, *John,* p. 375: “Peter still shows the attitude to Jesus which he expressed in 13,8; he is himself too proud to countenance the humility of Jesus. By laying down his life he means to accompany Jesus in suffering and glory”. [↑](#footnote-ref-727)
727. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 93. [↑](#footnote-ref-728)
728. Cf. Westcott, *St. John,* p. 199. [↑](#footnote-ref-729)
729. Além disso, existe urna relapao entre ónàyco e àKoXovOéco. O primeiro termo indica a partida e a vitória de Jesus sobre o mundo, enquanto o segundo implica seguir Jesus aceitando o seu destino. Cf. Bultmann, *John,* p. 597. [↑](#footnote-ref-730)
730. Vem usada 19 vezes em Jo, 25 em Mt, 18 em Me e 17 em Le. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 12. [↑](#footnote-ref-731)
731. Cf. Sanders, *John,* p. 318. [↑](#footnote-ref-732)
732. Nas palavras seguintes o martirio nao é diretamente anunciado, mas é des­crito com suficiente clareza. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 94. Também do lava-pés decorre que pépo«; implica o discipulado com esta dùplice dimensao da vi­da de Jesus. Cf. supra, p. 149-151. [↑](#footnote-ref-733)
733. Cf. Barrett, *John,* p. 378; Lindars, *John,* p. 464; Van den Bussche, *Giovan­ni,* p. 455. [↑](#footnote-ref-734)
734. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 530. [↑](#footnote-ref-735)
735. Cf. supra, p. 147. [↑](#footnote-ref-736)
736. Como o Apri este vuv se refere a todo o período que vai daqui até a Ressur- rei^ao, delimitando-o como o tempo em que Pedro e os outros poderiam sentir-se pressionados a seguir Jesus, pròprio em virtude da dramaticidade dos acontecimen­tos. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 530. [↑](#footnote-ref-737)
737. Bultmann, *John,* p. 598, diz: “...in the light of Jesus' death by going through his own Tapax^ and by becoming aware of his own powerlessness, Peter must first become convinced of Jesus’ victory before he can follow him...; what is required of him, on his side, is not an act of heroism, but expectant preparedness”. [↑](#footnote-ref-738)
738. Cf. supra, cap. 4, p. 110-112. [↑](#footnote-ref-739)
739. Cf. Reese, “Literary Structure”, p. 324. [↑](#footnote-ref-740)
740. Westcott, *St. John,* p. 19: “of the two particles which are rendered “now”, one (vuv) marks a point of time absolutely; and the other (fipti), which is used here, marks a point of time relatively to past and to future, and thus includes the notion of development or progress”. [↑](#footnote-ref-741)
741. Cf. Barrett, *John,* p. 378. [↑](#footnote-ref-742)
742. 10\* Cf. Bultmann, *John,* p. 596. Isto aparecerá, implícitamente, também, como urna razao que justifica o porqué de ele nao poder seguir Jesus agora. [↑](#footnote-ref-743)
743. Sobre o uso da ironía em Joáo, cf. P. Duke, *Irony in the Fourth Gospel: Shape and Function of a Literary Devices,* Atlanta, 1985, p. 96-99; J. E. Botha, “The Case of Johannine Irony Reopened”, *Neotestamentica* 25 (1991) 209-232. [↑](#footnote-ref-744)
744. 107 Existe um excesso de segurança nos discípulos, como constata Brown, *The* [↑](#footnote-ref-745)
745. *Gospel,* II, p. 616.733-738, durante os eventos fináis com Jesús. [↑](#footnote-ref-746)
746. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 531. [↑](#footnote-ref-747)
747. Cf. Westcott, *Sí. John,* p. 199. [↑](#footnote-ref-748)
748. 1,0 Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 530. [↑](#footnote-ref-749)
749. Cf. Van den Bussche, *Giovanni,* p. 456. [↑](#footnote-ref-750)
750. Cf. Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 213.253. [↑](#footnote-ref-751)
751. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 366.1. [↑](#footnote-ref-752)
752. Bultmann, *John,* p. 598, n. 3: “It is not the heroic surrender of one’s life that makes death the death of a martyr, but rather the faith that death is a sharing in the destiny of Jesus, and thus a sharing in his victory over the world”. [↑](#footnote-ref-753)
753. Cf. supra, p. 137. [↑](#footnote-ref-754)
754. 147 Cf. Niccacci, “L’unità letteraria”, p. 307. [↑](#footnote-ref-755)
755. O outro passo será 18,15-27 quando Pedro negará Jesus. Em todos os de­mais passos, Jesus é o seu principal interlocutor. Cf. 1,40-42; 6,66-71; 13,6-11; 13,36-38; 20,1-11; 21,1-14.15-21. [↑](#footnote-ref-756)
756. Os outros passos: 20,1-10; 21,20-23. O Discípulo Amado aparece ainda em 19,26 e 21,24. É dúbio se o discípulo anònimo de 18,16 possa ser identificado com o Discípulo Amado, embora exista a tendencia já nos primeiros tempos de se fazer esta identificacao. Cf. Bultmann, *John,* p. 483; P. Iafolla, “Giovanni, il figlio di Zebedeo, il discepolo che amava e il IV Vangelo”, *BbbOr* 28 (1986) 101-102; B. De Solaces, “Jean, fils de Zébédée et l’énigme du disciple que Jésus aimat”, p. 86. [↑](#footnote-ref-757)
757. Cf. Barrete, *John,* p. 373; Bultmann, *John,* p. 481; Sanders, *John,* p. 312; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 56. [↑](#footnote-ref-758)
758. Cf. Metzger, *Textual Commentary,* p. 341. [↑](#footnote-ref-759)
759. Ibidem. Vale salientar, ainda, que em 13,21 e 26, alguns códigos (P88 C D 0) trazan o artigo ó diante de Iqcov^, enquanto outros (S B L) nao trazem este artigo. A li^ao com artigo é preferida por von Soden, Mark e Bover. Todavía, dado o peso de códigos como o Sinaitico e o Vaticano parece, como pensanti, entre outros, Tischendorf, Westcott-Hort, Lagrange e Schnackenburg, que é preferivel a li^áo sem artigo. [↑](#footnote-ref-760)
760. Cf. Westcott, *St. John,* p. 194. [↑](#footnote-ref-761)
761. Como em 6,66, Pedro canaliza os anseios do grupo dos discipulos e procu­ra extemâ-los. Cf. Bultmann, *John,* p. 480; Lindars, *John,* p. 458. [↑](#footnote-ref-762)
762. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 574; Nolu, *Giovanni,* p. 519. [↑](#footnote-ref-763)
763. Cf. F. Prat, “Les places d’honneur chez les Juifs contemporains du Christ”, *RechSR* 15 (1925) 515. [↑](#footnote-ref-764)
764. Além de levar em consideraçào o costume comum à Pérsia e ao Oriente semitico, em base a Plutarco, *Symposiaca,* I, 3, Prat se reporta ao Talmude que diz: “S’il n’y a que deux coussins (sur un lit), le plus digne prend place d’abord et l’autre se met au dessus de lui (supper illlum, ôitèp aôrôv, c’est-à dire à sa gauche); s’il y a trois coussins, le principal personnage se met au milieu; le second au-dessus de lui (à sa gauche); le troisième au-dessous (à sa droite) (Talmud de Babilônia, *Be- rachoth,* 46b)”. Cf. Prat, “Les places d’honneur”, p. 518. [↑](#footnote-ref-765)
765. Ibid., p. 519-520. [↑](#footnote-ref-766)
766. Sobre o significado deste gesto, McPolun, *John,* p. 150, diz: “This basic gesture of oriental hospitality was a token of intimacy, for the host usually invited a guest to dip with him for food in a common dish. Perhaps, also, Jesus is extending to Judas (cf. 12:6) a special gesture of esteem whereby the host singles out a guest whom he wishes to honour and picks for him a choice morsel of food (usually bread) from the common plate. But even this sign of affection, a final grace, is rejected”. [↑](#footnote-ref-767)
767. K. G. Kuhn, “The Lord’s Supper and the Communal Meal at Qumran”, in K. Stendahl (ed.). *The Scrolls and the New Testament,* New York, 1957, p. 69. [↑](#footnote-ref-768)
768. Cf. Westcott, *St. John,* p. 194. [↑](#footnote-ref-769)
769. Brown, *The Gospel,* II, p. 574-575. [↑](#footnote-ref-770)
770. O dado de que Pedro nao se encontrava em posi^ao de poder perguntar, ele mesmo, a Jesus quem o trairia seria, alem disso, um indicio de historicidade do acontecimento. Cf. Sanders, *John,* p. 313. Ver tambem Bultmann, *John,* p. 480; Barrett, *John,* p. 373. [↑](#footnote-ref-771)
771. Cf. supra, p. 143-147.154-157. [↑](#footnote-ref-772)
772. Além de 1,18, cf. também 14,5-6.20; 17,21-23. [↑](#footnote-ref-773)
773. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 443; Sanders, *John,* p. 313; McPollin, *John,* p. 151. [↑](#footnote-ref-774)
774. Cf. Lindars, *John,* p. 458. [↑](#footnote-ref-775)
775. Cf. Westcott, *St. John,* p. 194; Nolli, *Giovanni,* p. 518. [↑](#footnote-ref-776)
776. Cf. Lindars, *John,* p. 457. [↑](#footnote-ref-777)
777. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 607. [↑](#footnote-ref-778)
778. Sobre as diversas nuanças com que se procurou compreender a relaçao en­tre Pedro e o Discipulo Amado, cf. supra, cap. 1, p. 10-34. [↑](#footnote-ref-779)
779. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 57. [↑](#footnote-ref-780)
780. A direita é o segundo lugar de honra; o lugar de honra por excelencia está á esquerda. Cf. supra, p. 162. [↑](#footnote-ref-781)
781. Cf. Bultmann, *John,* p. 482. [↑](#footnote-ref-782)
782. 149 Schnackenburo, *Giovanni,* III, p. 20, diz que é difícil pensar que Pedro nao quisesse saber a resposta. O fato de que o texto nao continua este tema é indicativo de que o seu interesse vai em outra direeáo. [↑](#footnote-ref-783)
783. 140 Cf. supra, p. 160-161. Ver também Panimolle, *Lettura Pastorale del Vange- lo di Giovanni,* III, p. 187; McPolun, *John,* p. 149-150. [↑](#footnote-ref-784)
784. A despeito de Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 590, que dizem que a qualifica?ao de Judas como Simáo Iscariotes cria uma intencional aproxi- ma^áo que nos “induce a pensar que el evangelista insinúa cierta comunidad de rasgos (representada por la coincidencia del nombre Simón con el patronímico de Judas) entre Judas y Pedro, los dos traidores, uno de la obra y otro de palabra, uno entregando y el otro negando a Jesús». [↑](#footnote-ref-785)
785. A primera cena, 13,6-10a, é exclusivamente joanina. As outras duas apre- sentam elementos tradicionais transmitidos também pela tradi^ào sinótica: a de­nùncia do traidor durante a ùltima ceia, a rea^ào desconcertada dos discipulos diante deste anùndo, a indicalo do traidor através do gesto de intin$ào, e as pa­lavras com as quais Jesus anunda a traicào (Jo 13,21-26; Me 14,18-21; Mt 26,21-25; Le 22,21-23); a previsào da negalo de Pedro e a promessa deste de dar a vida por Jesus (Jo 13,36.38; Me 14,29-31; Mt 26,33-35; Le 22,31-34). Todavia, Joào redimensiona estes dados, inserindo, somente eie, o diàlogo entre Pedro e o Disd- pulo Amado, e do Disdpulo Amado com Jesus, bem corno a promessa que Jesus faz de que Pedro O seguirà depois, conectando a Sua partida com a sequela deste disdpulo — dados estes que sào centrais na confìgura^ào da imagern que o evange­lista faz de Pedro. Cf. L. Cerfaux, “La charité fraternelle et le retour du Christ (Jn XIII,33-38)”, *ETL* 24 (1948) p. 332; Brown, *The Gospel,* II, p. 558; Sanders, *John,* p. 319; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 94-96; Van den Bussche, *Giovanni,* p. 455; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 209; Painter, “The Farewell Discourses”, p. 525. No entanto, Sabbe, “The Footwashing”, p. 305, plei- teia que Joào depende, diretamente, do material sinótico. [↑](#footnote-ref-786)
786. Assim como para o quarto evangelho como um todo, existera diversas pro­postas de estruturaçâo da narraçâo da Paixáo segundo Joño. Mlakuzhyil, *The Christocentric Structure,* p. 17-79.152-155, apresenta os diversos esquemas propos- tos por 28 autores. A. Janssens de Varebeke, “La structure des scènes du récit de la Passion en Jn 18-19. Recherches sur les procédés de composition et rédaction du Quatrième Évangile”, *ETL* 38 (1962) 504-522, seguido por I. De la Potterie, *Exe- gesis IV^ Evangelii. De Narratione Passionis et Mortis Christi. loh 18-19,* Roma, 1978, p. 41-43, vê nos capítulos 18 e 19 uma grande unidade literaria organizada em cinco partes, segundo a topografía e o uso da conjunçâo o6v, de modo que a Paixáo se abre com a auto-entrega de Jésus aos seus inimigos, num horto, e termi­na com a sua sepultura também num horto. [↑](#footnote-ref-787)
787. Cf. La Potterie, *Exegesis IV1 Evangelii,* p. 47; Pasquetto, *Da Gesu al Padre,* p. 331-332; Vanni, *Giovanni,* p. 174. Todavía, A. Charboneau, “L’Arrestation de Jésus, une victoire d’après la facture interne de Jn 18,1-11”, *ScEsp* 34 (1982) 155-159, propoe uma estrutura concéntrica partindo de uma tríplice perspectiva te­mática: aquela do dom (v. 1-2 e 11), da violéncia (v. 3 e 10) e da vitória (v.4-9). [↑](#footnote-ref-788)
788. A expressao èyœ elpi aparece 5 vezes em Mateus, 3 em Marcos, 4 em Lucas e 29 em Joao, das quais, respectivamente, 1, 2, 2 e 26 vezes sao utilizadas por Jesús (Cf. Aland, *Korkordanz,* I, p. 279-281). É uma fórmula que em Joao apresenta uma dupla dimensâo. É, antes de tudo, uma forma de identificaçao (Quem buscáis? Je­sús, o Nazareno. Sou eu!), mas sobretudo é uma fórmula de revelaçâo, denotando a revelaçâo que Jesús faz de si mesmo. Ela tem a sua origem no Antigo Testamen­to, evocando o “Eu sou” de Javé. Utilizado nesta perícope, visa, portanto, revelar a divindade de Jesús, que se mostra como aquele diante do qual os inimigos tre- mem e caem. Cf. Bultmann, *John,* p. 640; Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 87-102; I. De la Potterie, *La Passions di Gesù secondo il vangelo di Giovanni,* Milano, 1988, p. 42-43; Vanni, *Giovanni,* p. 176; Jaubert, *Leitura do Evangelho segundo Joao,* p. 95. Cf. também supra, cap. 4, p. 100, n. 3. [↑](#footnote-ref-789)
789. Se é Jesús que procuram, os guardas devem deixar os discípulos em paz; o centro nâo é mais o embate entre Jesús e os Seus adversarios, mas a Sua preocu- paçâo com o que sucederá aos discípulos. [↑](#footnote-ref-790)
790. Cf. J. Delorme, “Analyse Narrative de Jean 18,1-12”, *SémBib* 1 (1975) 5; C.H. Giblin, “Confrontations in John 18,1-27”, *Bíblica* 65 (1984) 217-219. [↑](#footnote-ref-791)
791. Ela aparece nos versículos 3.4a.6a.7a.8b.l0a.lla. Janssens de Varebeke, “La structure des scènes”, p. 519, observa a distribuiçâo desta partícula na narraçâo da Paixâo (sete vezes em cada urna das cinco partes da narraçâo: 18,1-11; 18,12-27; [↑](#footnote-ref-792)
792. Na narraçâo da Paixâo é muito acentuada em Joâo a indicaçâo da mudança de lugar com verbos que indicam o deslocamento de Jesus, corno La Potterie, *Exegesis IV\* Evangelii,* p. 42, sublinha: “Usus talium verborum est sat significativus, cum ope illorum obtineatur mutatio loci et scaenae. Sufficiat hic notare verba talia in initio quinque scaenarum maiorumCf. também Janssens de Varebeke, “La structure des scènes”, p. 507; Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 42. [↑](#footnote-ref-793)
793. Joâo vê os eventos da Paixâo à luz do cumprimento da Salvaçâo e da realeza de Jesus. Ainda que implique morte na cruz, a Paixâo é narrada na perspectiva da glorificaçâo de Jesus. Cf. Loisy, *Le Quatrième Évangile,* p. 820; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 341.348; R.E. Brown, *La Passione nei Vangeli,* Brescia, 1988, p.43; J. Riaud, “La Gloire et la Royauté de Jésus dans la Passion selon saint Jean”, *BVieChr* 56 (1964) 28-44; R. A.T. Murphy, *Days ofGlory (Jn 13-20). The Passion, Death and Résurrection of Jesus Christ,* Michigan, 1980; G. Gorgulho, “A Manifestaçâo da Gloria”, *REB* 30 (1970) 71-85. [↑](#footnote-ref-794)
794. Corno observa Charboneau, “L’Arrestation de Jésus”, p. 156: “Dans cet événement, Jésus «sait» ce qui va se passer et c’est lui qui dirige tout: il révèle sa gloire en réduisant les ennemis à l’impuissance et en sauvant ses disciples; librement il consent, tel le bon Pasteur, à donner sa vie pour les siens”. Cf. também La Potterie, *La Passione di Gesù,* p. 50. [↑](#footnote-ref-795)
795. Cf. Charboneau, ‘L’Arrestation de Jésus”, p. 163-164. [↑](#footnote-ref-796)
796. Cf. Barrett, *John,* p. 436; Nolli, *Giovanni,* p. 644. [↑](#footnote-ref-797)
797. Cf. Westcott, *St. John,* p. 254; Barrett, *John,* p. 436. Lindars, *John,* p. 543, afirma que isto atenta contra a historicidade do acontecimento, ja que nao é ve- rossímel que Pedro levasse consigo urna arma quando isto era proibido, justamente em fun^ao da Páscoa. A propósito da data deste evento, A. Jaubert, *La date de la Cène. Calendrier biblique et liturgie chrétien,* Paris, 1957, p. 105-133, defende a se- guinte hipótese: naquele ano houve duas páscoas; urna na ter^a-feira, mas nao o 15 de Nisan, e outra no sábado, a qual era utilizada pelos essenios. A determina^ao da ter^a-feira tena sido feita com base no calendàrio solar. Os sinóticos, narrando os acontecimentos de modo sintético, falam da ceia celebrada na ter^a-feira e da mor­te de Jesus na sexta, dando a impressáo de urna seqüéncia só; Joáo, seguindo o calendàrio oficial, faía da Páscoa do sábado e coloca a morte de Jesus na vigilia da Páscoa. Todavía, esta hipótese é difícil de ser sustentada, principalmente porque é improvável que Jesus seguisse um calendàrio essénio. Esta é urna questao muito de­batida; por isso, remetemos o leitor para, além dos diversos comentários: J. Blinzler, *El Proceso de Jesús. El proceso judio y romano contra Jesucristo, expuesto y juzgado según los más antiguos testimonios,* Barcelona, 1959, p. 87-112; R. E. Brown, “The Date of the Last Supper”, *BiToday* 11 (1969) 727-733. [↑](#footnote-ref-798)
798. Cf. Nolu, *Giovanni,* p. 644. [↑](#footnote-ref-799)
799. Benoit, *Passion et Résurrection,* p. 54-55: “... Pierre choisit volontairement l’oreille droite plutôt que la gauche pour infliger un déshonneur plus grand. Chez les anciens déjà, et maintenant encore, les membres droits sont plus habiles, donc plus honorables, que les gauches. La Michna (Baba Qanuna, VIII,6) impose une certaine amende à celui qui donne un soufflet avec la paume de la main, qui atteint la joue gauche; l’amende est doublée pour celui qui frappe du revers de la main, car il atteint alors la joue droite. Un papyrus d’Égypte (P.Tebt.793) rapporte un autre exemple: un soldat romain est attaqué par le grande champêtre et les vauriens d’un village. Il se défend et, pour se débarrasser de ses adversaires, il coupe l’oreille droi­te du grand champêtre. Plutôt que de tuer son ennemi, le soldat se contente de la déshonorer en lui tranchant l’oreille droite. Le cas de Pierre à Gethsémani est ana­logue”. [↑](#footnote-ref-800)
800. 13 Estes autores lêem a cena à luz da consagraçào de Aarâo (Ex 29,20 e Lev 8,23). Neste tipo de consagraçào, se ungia com o sangue do animal sacrificado va­rias partes do corpo, entre as quais, a orelha direita. Cf. Mateos-Barreto, *El Evan- gelio de Juan,* p. 745. [↑](#footnote-ref-801)
801. Cf. Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 24; Brown, *The Gospel,* II, p. 812. [↑](#footnote-ref-802)
802. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 459. Além do gesto, que fala por si mesmo, a força dos termos usados pelo evangelista na descriçâo do episòdio nâo corrobora a opi- niào sustentada por Segalla, *Giovanni,* 428, de que se trata de urna tímida tentativa de defesa por parte de Pedro. [↑](#footnote-ref-803)
803. 13,36-38. [↑](#footnote-ref-804)
804. La Potterie, *Exegesis IV1 Evangelii,* p. 59: “In loh... interventio Petri poni- tur ante comprehensionem lesu, quasi conamen impediendi comprehensionem et ergo voluntatem Patris”. [↑](#footnote-ref-805)
805. Charboneau, “L’Arrestation de Jésus”, p. 165, vé um paralelismo entre o fato que Judas e os guardas vém prender Jesus trazendo armas (18,3) e o fato que Pedro trazia urna espada. Consideramos que ver um paralelismo aqui é demais, principalmente porque o paralelismo entre os personagens da cena vem estabeleci- do nos versículos 1-3, que antiteticamente contrapôem Jesus com seus discípulos a Judas e a corte. Todavía, existe urna clara conexao entre as duas atitudes, que vao situadas, como também designa Charboneau, na perspectiva da violencia. Cf. tam- bém La Potterie, *Exegesis IV1 Evangelii,* p. 47; Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 331. [↑](#footnote-ref-806)
806. Estas palavras estâo em consonância com a atitude geral com que Jesus, no quarto evangelho, enfrenta a Paixâo, servindo para sublinhar a sua independência e a sua autoridade. Nâo obstante serem poucas, sâo diretas e conseqûentes: trata-se de um imperativo e de um infinito completivo, de modo que o que Ele diz é um co- mando. Ordena que aos discipulos nâo aconteça nada de mal. O présente do infini- tivo ônàyeiv indica que os discipulos até entâo eram livres para ir e vir, sô que ago­ra poderiam ser impedidos disto, enquanto que com o imperativo aoristo positivo &<p€TE Jésus ordena que se dê inicio a uma nova açâo, sublinhando que a liberaçâo dos discipulos é conseqùência de Sua decisâo e esta sob Seu contrôle. Cf. Lindars, *John,* p. 543; La Potterie, Exegesis IV\* *Evangelii,* p. 57; Nolli, *Giovanni,* p. 643; M. Sabbe, “The Arrest of Jésus in Jn 18,1-11 ans its Relation to the Synoptic Gospels. A Critical Evaluation of A. Dauer’s Hypothesis”, in M. De Jonge (ed.), *L'Évangile de Jean - sources, rédaction, théologie,* Leuven, 1976, p. 221. [↑](#footnote-ref-807)
807. Cf. supra, cap. 5, p. 143-146.154-157. [↑](#footnote-ref-808)
808. Cf. Van den Bussche, *Giovanni,* p. 555-556; Sabbe, “The Arrest of Jésus”, p. 224. [↑](#footnote-ref-809)
809. Como salienta Delorme, “Analyse narrative de Jean 18,1-12”, p. 7, embora a intençao de Pedro vise o oposto do que pretende Judas e sua tropa, tampouco Pe­dro chega a aderir ao programa de Jésus, que, mesmo tendo um poder capaz de se opor a Judas, nâo o faz. Pedro se opôe, pois, a Judas, mas também a Jésus. [↑](#footnote-ref-810)
810. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 510, acena para a possibilidade de se poder ver aqui um eco de Jer 47,6: “Espada de Javé, até quando estarà sem descanso? Re- colha-se na bainha, pare, se acalme”. [↑](#footnote-ref-811)
811. Cf. Blass-Dedrunner, *Grammatica,* § 337,3; Giblin, “Confrontations in John 18,1-27”, p. 220; Nolu, *Giovanni,* p. 645. [↑](#footnote-ref-812)
812. Giblin, “Confrontations in John 18,1-27”, p. 220: “He (Jesus) rebukes Peter... and demandingly, interrogatively challenges him to understand Jesus’ own paradoxical «gift» from the Father”. Cf. também Barrett, *John,* p. 436; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 357. [↑](#footnote-ref-813)
813. Como textos aims, além de 6,39 e 17,12, mencionamos: 6,39.44; 10,28; 12,32; 17,2.12. Cf. Büchsel, SiSœpi, col. 1173. [↑](#footnote-ref-814)
814. Cf. supra, cap. 4, p. 126-128. [↑](#footnote-ref-815)
815. Cf. Westcott, *St. John,* p. 253; Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 405. [↑](#footnote-ref-816)
816. Cf. La Potterie, *Exegesis IVi Evangelii,* p. 59; Blass-Debrunner, *Grammati­ca,* § 365,4; 427,5. [↑](#footnote-ref-817)
817. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 646. [↑](#footnote-ref-818)
818. Enquanto aparece 7 vezes em Mateus, 6 em Marcos e 5 em Lucas, este é um *hapax* no quarto evangelho. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 228. [↑](#footnote-ref-819)
819. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 458,4b. [↑](#footnote-ref-820)
820. Nolli, *Giovanni,* p. 645; Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 466,2. [↑](#footnote-ref-821)
821. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 646. [↑](#footnote-ref-822)
822. O calice indica a sorte ordinariamente trágica de urna pessoa. Esta imagem encontra seus precedentes nos passos do Antigo Testamento. Praticamente em 14 dos 28 passos em que no Antigo Testamento (as ocorréncias mais significativas sáo: SI 75,9; Is 51,17-23; Jer 25,15-38; 49,12; 51,7; Habac 2,16; Lam 4,21; Ez 23,31-34) é utilizado o termo OTD/Koxfjpiov, encontramos a imagem do cálice que Ihwh tem ñas máos, o qual contém a ira ou o furor punitivo de Deus, de modo a tomar-se metáfora do julgamento divino. Nos sinóticos icoxfipiov aparece no diá­logo de Jesus com os filhos de Zebedeu (Me 10,38s; Mt 20,22s) e no Getsemane (Me 14,36; Mt 26,39; Le 22,42); em ambos os casos, assume urna clara conota^äo escatològica. De fato, quando Jesus pergunta aos dois discípulos se eles podem be­ber o cálice que Eie està para beber, näo pergunta somente se eles estao dispostos a agir, mas também a aceitar o sofrimento indicado por Deus que, em últimas pa- lavras, terà seu cume no martirio. Do mesmo modo, quando o pròprio Jesus pede que “passe este calice” ou que seja “afastado dele”, Ele crê que se encontra diante do julgamento de Deus. Cf. Ernst, *Marco,* p. 492-493. 688-689; La Potterie, *Exegesis* ZP *Evangelii,* p. 59; L. Goppelt, noxf|piov, *GLNTX,* col. 268-269. 276-277; K.D. Schunk, “Der Tag Jahwes”, *Kairos* 11 (1969) 14-21; C. Carniti, “L’espressione «il Giorno di IHWH»: Origine e evoluzione semantica”, *BbbOr* 12 (1970) 17-18; Y. Hoffmann, “The Day of the Lord”, *Zaw* 93 (1981) 37-50; G. Mayer, ors kôs, *TWATXN,* col. 108-109; Vanni, *Giovanni,* p. 177-178; Westcott, *St. John,* p. 254. [↑](#footnote-ref-823)
823. Cf. Delorme, “Analyse narrative de Jean 18,1-12”, p. 7-8; Giblin, “Con­frontations in John 18,1-27”, p. 221. [↑](#footnote-ref-824)
824. Cf. supra, p. 169, n. 1. [↑](#footnote-ref-825)
825. Além desses, no versículo 16, alguns manuscritos (K\* T/13 141, al) trazem a leitura ¿keívo«;, por assimila^áo ao versículo 15; a leitura com ijv, embora larga­mente apoiada (P“ K C2 Dsupp K W A 0 II T *p*13 33 565 700 892), parece ser urna deriva^áo escriba! que também surgiu do versículo 15. Cf. Metzger, *Textual Commentary,* p. 252; S. Talavero Tovar, *Pasión y Resurrección en el IV Evangelio. Interpretación de un cristiano de primera hora,* Salamanca, 1976, p. 55. [↑](#footnote-ref-826)
826. Anás havia sido sumo sacerdote, mas fora deposto pelos romanos, que o substituíram por José Caifas, seu genro. Flávio Josefo (Antig XVIII, 2,2) alude ao fato de que a institui^áo do sumo sacerdocio tinha caído em grande desordem. Cai­fas permaneceu no oficio até 37 d.C.; Anás continuou agindo como urna espécie de sumo sacerdote “de jure” (por direito legítimo) na opiniáo dos judeus, mas Caifas era o sumo sacerdote de fato e de direito no que dizia respeito á opiniáo dos roma­nos. Cf. Blinzler, *El Proceso de Jesús,* p. 113-114; Chaplin, *Jodo,* p. 594. [↑](#footnote-ref-827)
827. Cf. A. Mahoney, “A New Look at an Oíd Problem (John 18,12-14.19-24)”, *CBQ* 27 (1965) 137-139. [↑](#footnote-ref-828)
828. Cf. Lindars, *John,* p. 547. Mas sao a favor da transposi^ao do versículo 24 depois do versículo 13: Lagrange, *Jean,* p. 459-462; J. Schneider, “Zur Komposi­tion von Joh. 18,12-27: Kaiphas und Hannas”, *ZNW* 48 (1957) 111-114; Fortna, *The Gospels of Signs,* p. 117-122. [↑](#footnote-ref-829)
829. Cf. Metzger, *Textual Commentary,* p. 251-252. [↑](#footnote-ref-830)
830. Cf. Mahoney, “A New Look at an Old Problem”, p. 137. [↑](#footnote-ref-831)
831. A respeito de Joäo näo trazer detalhes sobre urna apresenta^äo de Jesus a Caifás e urna sessäo diante do Sinèdrio, Blinzler, *El Proceso de Jesús,* p. 121, diz: “San Juan pudo pasar por alto la vista ante Caifás y el Sinedrín no sólo porque los Sinópticos habían hablado ya de ello con detalles, sino, sobre-todo, porque el lec­tor pagano del cuarto evangelio habría tenido poco interés por la vista judía; ade­más conocía ya por el mismo evangelho de San Juan la pretensión messiànica de Jesús, que fue lo que constituyó el punto culminante de aquella vista”. Cf. também R. T. Fortna, “Jesus and Peter at the High Priest’s House. A Test Case for the Question of the Relation between Mark’s and John’s Gospels”, *NTS* 24 (1978) 379-380; Talayero Tovar, *Pasión y Resurrección,* p. 101. [↑](#footnote-ref-832)
832. Cf. supra, cap. 4, p. 106, n. 35. [↑](#footnote-ref-833)
833. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 460; Mahoney, “A New Look at an Old Problem”, p. 141-144. [↑](#footnote-ref-834)
834. Para a estruturaçâo da cena que traz Jesus diante do sumo sacerdote, segui­mos a estrutura proposta por La Potterie, *Exegesis IV\* Evangelii,* p. 75, que é se­guida também por Pasquetto, *Da Gesú al Padre,* p. 335-336, e por Á. Charboneau, “L’Interrogatoire de Jésus d’après la facture interne de Jn 18,12-27”, *ScEsp* 35 (1983) 204-205. Este último autor, as p. 198-201, faz com que a terceira negaçâo de Pedro (v. 26-27) se corresponda com a transferencia de Jesus do jardim para o pa­lacio de Anas, encontrando um paralelismo entre cntEÎpa, xikiapxoç e íntqpéxai, do versículo 12, e elç ¿k tôv ôovXcûv xoû àp/iEpécaç do versículo 26. [↑](#footnote-ref-835)
835. Ver estrutura interna na página seguinte. [↑](#footnote-ref-836)
836. O versículo 16 retoma, com variaçôes estilísticas, os mesmos dados. [↑](#footnote-ref-837)
837. « Cf. Westcott, *St. John,* p. 255. [↑](#footnote-ref-838)
838. 58 Assim pensam Segalla, *Giovanni,* p. 431; Schlatter, *Johannes,* p. 332. [↑](#footnote-ref-839)
839. Bultmann, *John,* p. 645; F. Neirynck, “The Other Disciple in Jn 18,15-16”, *ETL* 51 (1975) 113-114; Dodd, *Historical Tradition,* p. 87. [↑](#footnote-ref-840)
840. Näo aparece nenhuma vez em Mt e Me, 2 em Le e 10 nos Atos dos Apos­tolos. Este adjetivo qualificative é usado 23 vezes nos LXX, e corresponde, princi­palmente, a um participio passado, assumindo tanto a concepçâo de conheci- do-intimo ou confiável (Por exemplo: Is 19,21; Ez 36,32; SI 75,2), como a de paren­te ou innâo (Por exemplo: SI 30,12; 54,14; 87,9.19). Cf. Aland, *Konkordanz,* I, p. 190; II, p. 62; Hatch-Redpath, *Concordance,* p. 274; Bultmann, yvoxnôç, col. 542; Barrett, *John,* p. 439. [↑](#footnote-ref-841)
841. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 513; Lagrange, *Jean,* p. 463. [↑](#footnote-ref-842)
842. 80 Cf. supra, crítica textual de 18,15, p. 178-179. [↑](#footnote-ref-843)
843. 81 Como observa Lagrange, *Jean,* p. 463. [↑](#footnote-ref-844)
844. Por exemplo: André é irmáo de Pedro e antigo seguidor de Joáo Batista (1,35-40); Simáo é Pedro e filho de Joao (1,42; 21,15-17); Filipe é de Betania, na Galiléia, lugar de nascimento também de André e de Pedro (1,44; 12,21); Natanael é de Cana da Galiléia (21,2); Tomé é chamado “o gémeo” (11,16; 20,24; 21,2); José de Arimatéia era um discípulo secreto (19,38); perto da porta das ovelhas, em Jeru- salém, existe urna piscina rodeada por cinco corredores cobertos (5,2); Sicar, na Sa­maria, fica perto do campo que Jaco tinha dado ao seu filho José (4,5); Betania era o lugar de nascimento de Lázaro e de suas irmás (11,1.18); o jardim onde Jesus fora aprisionado fica do outro lado do riacho do Cedron (18,1); o nome do servo que Pedro corta a orelha é Maleo (18,10) e, no patio do sumo sacerdote, um dos que perguntam a Pedro se ele é discípulo de Jesus é parente de Maleo (18,26); o nome do lugar onde Jesus fora crucificado é, em hebraico, Gòlgota, e fica perto de Jeru- salém (19,17.20). [↑](#footnote-ref-845)
845. W. W. Watti, “The Significance of Anonymity in thè Fourth Gospel”, *Exp Tim* 90 (1978) 211-212, ve no anonimato urna resposta a urna situado pastoral que parece necessitar de urna corredo na tradito petrina e da superalo das dife- rencas entre os antigos e os novos discípulos que entram na comunidade. [↑](#footnote-ref-846)
846. Cf. J. Chrysostomus, *Homilia LXXXHI in Joannem,* B’, *PG* 59,449; Cyrillus Alexandrinus, *Commentarium In lohannis Evangelium,* XI,B, *PG* 74,596; Hieronymus, *Epistola CXXVII,* 5, *PL* 22,1090. [↑](#footnote-ref-847)
847. 46 Iafolla, “Giovanni, il figlio di Zebedeo”, p. 95-109; Droge, “The Status of Peter”, p. 307-308; De Solages, “Jean, fils de Zébédée”, p. 41-50. J. Colson, *L'é­nigme du disciple que Jésus aimait,* Beauchesne, 1969, p. 125-129, sustenta que o Discipulo Amado é um Joâo, autor do quarto evangelho, mas diferente do filho de Zebedeu. [↑](#footnote-ref-848)
848. Barrett, *John,* p. 439, diz que nâo *é* impossivel que Joâo fosse consciente de uma objeçâo à tradiçâo narrativa de que Pedro nâo fosse admitido na cena do julgamento. [↑](#footnote-ref-849)
849. “ Ao menos para este nosso estudo, nâo é necessaria a distinçâo entre o discipulo que Jesus amava e Joâo. [↑](#footnote-ref-850)
850. 89 Cf. Lagrange, *Jean,* p. 463; Brown, *The Gospel,* II, p. 822. [↑](#footnote-ref-851)
851. Cf. Brown, “Pietro nel vangelo di Giovanni”, p. 158. [↑](#footnote-ref-852)
852. Cf. supra, p. 179. [↑](#footnote-ref-853)
853. Cf. Cancian, “Il Discepolo Amato”, p. 18. [↑](#footnote-ref-854)
854. Iafolla, “Giovanni, il figlio di Zebedeo”, p. 101-102. [↑](#footnote-ref-855)
855. Cf. Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 409. [↑](#footnote-ref-856)
856. Cf. Van den Bussche, *Giovanni,* p. 565; Segalla, *Giovanni,* p. 431. [↑](#footnote-ref-857)
857. Cf. Bultmann, *John,* p. 654. [↑](#footnote-ref-858)
858. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 371-372. [↑](#footnote-ref-859)
859. Cf. W. Sanday, *The Criticism of the Fourth Gospel,* Oxford, 1905, p. 101; Weiss, *Johannes,* p. 480. [↑](#footnote-ref-860)
860. Cf. L. Morris, *The Gospel according to John,* Grand Rapids-MI, 1971, p. 752; A. Poppi, *Sinossi dei Quattro Vangeli. Introduzione e commento,* I, Padova, 1990, p. 527. [↑](#footnote-ref-861)
861. Isto näo quer dizer que este discipulo seja uma mera inven^äo do Evange­lista. [↑](#footnote-ref-862)
862. Cf. supra, p. 182-183. [↑](#footnote-ref-863)
863. Cf. Giblin, “Confrontations in John 18,1-27”, p. 228. [↑](#footnote-ref-864)
864. Cf. Charboneau, “L’Interrogatoire de Jésus”, p. 198-204. [↑](#footnote-ref-865)
865. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 756: “Surge el contraste entre Pe­dro y el otro discípulo. Este ha entrado porque es conocido como tal. Pedro, en cam­bio, no entra; no se le conoce como discípulo, se detiene fuera, junto a la puerta”. [↑](#footnote-ref-866)
866. Estes autores evocam, aqui, a parábola de 10,11. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 754-756. [↑](#footnote-ref-867)
867. Cf. Maynard, “The Role of Peter”, p. 539. [↑](#footnote-ref-868)
868. Cf. Refoulé, “Primauté”, p. 27. [↑](#footnote-ref-869)
869. Cf. Schneider, ovvépxogat, col. 962-964. [↑](#footnote-ref-870)
870. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 649. [↑](#footnote-ref-871)
871. Cf. Stephano, *Thesaurus,* V, p. 695; Chantraine, *Dictionnaire Étymologique,* p. 471. [↑](#footnote-ref-872)
872. Cf. Bultmann, *John,* p. 645. [↑](#footnote-ref-873)
873. Cf. La Potterie, *Exegesis IV1 Evangelii,* p. 74. [↑](#footnote-ref-874)
874. Cf. Agourides, “Peter and John”, p. 5; Nolli, *Giovanni,* p. 650. [↑](#footnote-ref-875)
875. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 756. [↑](#footnote-ref-876)
876. Cf. Brown, “Pietro nel vangelo di Giovanni”, p. 158-159. [↑](#footnote-ref-877)
877. A. Kragerud, *Der Lieblingsjünger im Johannesevangelium. Ein exegetischer Versuch,* Oslo, 1959, p. 75. [↑](#footnote-ref-878)
878. Cf. supra, p. 154-156.175-178. [↑](#footnote-ref-879)
879. Cf. Refoulé, “Primauté”, p. 27. [↑](#footnote-ref-880)
880. A construyo do diálogo deixa transparecer o contraste entre a transparen­cia de Jesus e a deslealdade de seus inimigos. Este interrogatorio nào consiste num procedimento jurídico formal, mas é só um interrogatorio oficioso; Joào nào narra a sessào do sinedrio que condena Jesus. Cf. Westcott, *St. John,* p. 256; Blinzler, *El Proceso de Jesús,* p. 119-112. 123-146. [↑](#footnote-ref-881)
881. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 466. [↑](#footnote-ref-882)
882. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 376. [↑](#footnote-ref-883)
883. ios verdade, este verbo ocorre 59 vezes em Joào, contra 26, 21 e 31 respec­tivamente em Mateus, Marcos e Lucas. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 166. Sobre o significado deste verbo, cf. A. Debrunner, Xéycü, *GLNT* VI, col. 217-220; La Potterie, *Exegesis IV\* Evangelii,* p. 75. [↑](#footnote-ref-884)
884. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 514. [↑](#footnote-ref-885)
885. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 654. [↑](#footnote-ref-886)
886. Como se ele dissesse: “Até agora falei, e pretendo continuar a falar!”. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 653; La Potterie, *Exegesis IV\* Evangelii,* p. 75. [↑](#footnote-ref-887)
887. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 653. [↑](#footnote-ref-888)
888. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 374. \* [↑](#footnote-ref-889)
889. Cf. Westcott, *St. John,* p. 256; Lagrange, *Jean,* p. 466. [↑](#footnote-ref-890)
890. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 375-378. [↑](#footnote-ref-891)
891. Muitos autores (por exemplo: Westcott, *St. John,* p. 257; Brown, *The* [↑](#footnote-ref-892)
892. *Gospel,* II, p. 826; Sanders, *John,* p. 391; Bultmann, *John,* p. 646) véem aqui um pedido formal de Jesus para que o julgamento proceda e sejam ouvidas as teste­munhas de defesa. [↑](#footnote-ref-893)
893. 1,2 Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 655.

     1,3 Cf. Westcott, *St. John,* p. 256; Charboneau, “L’Interrogatoire de Jésus”, p. 208. [↑](#footnote-ref-894)
894. De fato, o termo ^ámapa — que quer dizer tabefe ou bofetada — mais que escarnio, exprime a idéia de violência e repulsâo. Cf. La Potterie, *Exegesis IV\* Evangelii,* p. 77. [↑](#footnote-ref-895)
895. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 378. [↑](#footnote-ref-896)
896. Parece, mesmo, que a situaçâo se inverte: Sâo os adversários de Jesus que fleam embaraçados diante da pergunta (el kokôç èXàXqGa, paprùpqCTOv... el 8è KaXôç, tí pe Sépetç; - 18,23), cuja resposta nâo conseguem encontrar. E, de fato, é Jesus a dar última palavra. Depois, é transferido. [↑](#footnote-ref-897)
897. Cf. Westcott, *St. John,* p. 256-257; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 378; La potterie, *Exegesis IV1 Evangelii,* p. 78. [↑](#footnote-ref-898)
898. Cf. La Potterie, *Exegesis IV\* Evangelii,* p. 79. [↑](#footnote-ref-899)
899. Cf. Barrett, *John,* p. 439. [↑](#footnote-ref-900)
900. Cf. Sanders, *John,* p. 391. [↑](#footnote-ref-901)
901. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 648. [↑](#footnote-ref-902)
902. O fato de Pedro seguir Jesus até o pátio do sumo sacerdote nao está em contradigo com 16,32 que anuncia que os discípulos deixaräo Jesus sozinho. Co­mo observa Brown, *The Gospel,* II, p. 842, Jesus nunca esteve tao só como quando Pedro negou ser seu discípulo. [↑](#footnote-ref-903)
903. Cf. supra, cap. 5, p. 155. [↑](#footnote-ref-904)
904. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 651; Westcott, *St. John,* p. 256. [↑](#footnote-ref-905)
905. Movimentar-se chamaría mais a aten^äo! Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 652. [↑](#footnote-ref-906)
906. Cf. 6,67-71; 18,10-11. [↑](#footnote-ref-907)
907. Assim é colocada em evidencia a cisäo que existe entre o apelo ao teste- munho, feito por Jesus, e a incapacidade de Pedro em corresponder a este apelo. W. Lüthi, *St. John’s Gospel: An Exposition,* Edinburgh-London, 1960, p. 280, cha­ma esta cena de “the death of discipleship”. [↑](#footnote-ref-908)
908. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 824. Mas para Lagrange, *Jean,* p. 465, a in- tervençào da porteira se entende melhor em Joâo do que nos sinôticos, jà que ela nào aparece como a ùnica responsàvel pela entrada de Pedro, pois tinha a reco- mendaçâo do discipulo conhecido do sumo sacerdote. [↑](#footnote-ref-909)
909. Esta progressividade na periculosidade é confirmada pela formulaçâo da pergunta que estas pessoas fazem a Pedro, como veremos a seguir. [↑](#footnote-ref-910)
910. Cf. La Potterie, *Exegesis IV1 Evangelii,* p. 80. [↑](#footnote-ref-911)
911. Além disso, este personagem assim caracterizado evoca bem a cena do jar- dim, de modo que a résumé. Para Charboneau, “L’Interrogatoire de Jésus”, p. 209, isto faz com que, na negaçâo que Pedro farâ, toda aquela cena seja desconsiderada, senâo anulada. [↑](#footnote-ref-912)
912. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 467; La Potterie, *Exegesis IV\* Evangelii,* p. 80; Nolli, *Giovanni,* p. 657. [↑](#footnote-ref-913)
913. Jo 4,29; 6,67; 7,47; 9,40. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 427,2; Westcott, *St. John,* p. 256; Lindars, *John,* p. 549; Brown, *The Gospel,* II, p. 824. [↑](#footnote-ref-914)
914. Cf. Bultmann, *John,* p. 645. [↑](#footnote-ref-915)
915. Pedro encontra-se exposto, sozinho, entre um grupo de conhecidos que falam sobre os últimos acontecimentos e desconfiam da presenta de um estranho. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 379; Lindars, *John,* p. 551. [↑](#footnote-ref-916)
916. Nao é necessario supor, como Brown, *The Gospel,* II, p. 824, que as vezes o pii ñas perguntas joaninas perde o seu uso típico gramatical; para este autor, se esperaría, em 18,25, se nao urna resposta afirmativa, como pensa Barrett, *John,* p. 439, ao menos urna suspeita. A espera da resposta negativa, segundo o uso joanino, coloca ainda em maior ènfase a negado que Pedro faz em seguida. [↑](#footnote-ref-917)
917. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 427,2; Brown, *The Gospel,* II, p. 824- 825. [↑](#footnote-ref-918)
918. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 658. [↑](#footnote-ref-919)
919. Além de 18,17-25, somente em 1,21, no testemunho do Batista. Cf. Aland, *Konkordanz,* I, p. 1034-1036; La Potterie, *Exegesis IVi Evangelii,* p. 79. [↑](#footnote-ref-920)
920. Cf. W. Grundmann, “Zeugnis und Gestalt des Johannesevangelium”, *NT* 3 (1959) 82. [↑](#footnote-ref-921)
921. Cf. Charboneau, “L’Interrogatoire de Jésus”, p. 204. [↑](#footnote-ref-922)
922. Alguns autores, entre os quais Bernard, *John,* II, p. 604, sugerem que as palavras dléxtcop é<póvqoev, presentes em todos os evangelhos, tem um sentido fi­gurado, já que segundo o Midrash era proibida a criaçâo de galinhas em Jerusalém. Para estes autores, este canto se tratava do *gallicinium,* o sinal dado com a trombe- ta, quando se fazia a mudança da guarda mima guamiçâo romana. Todavía, Segalla, *Giovanni,* p. 433, observa que esta regra nao era estreitamente observada e Lagrange, *Jean,* p. 468, estima que em Jerusalém, por volta de março ou abril, os galos cantavam entre as 3 e 5 da madrugada. Sobre este problema, cf. J. Jeremías, *Jerusalém no tempo de Jesús. Pesquisa de história económico-social no periodo neo- testamentário,* Sao Paulo, 1983, p. 128. [↑](#footnote-ref-923)
923. Me 14,72; Mt 26,75; Le 22,61-62. [↑](#footnote-ref-924)
924. Cf. supra, cap. 5, p. 154-156. [↑](#footnote-ref-925)
925. Cf. supra, p. 171, n. 8. [↑](#footnote-ref-926)
926. Cf. X. Léon-Dufour, “Récits de la Passion”, *DBS* VI, col. 1463; Dodd, *Historical Tradition,* p. 82; Brown, *The Gospel,* II, p. 842; Schneckackenburg, [↑](#footnote-ref-927)
927. Cf. Charboneau, “L’Interrogatoire de Jésus”, p. 207. [↑](#footnote-ref-928)
928. Cf. supra, cap. 5, p. 151-158. [↑](#footnote-ref-929)
929. A historicidade pode ter as suas réservas em funçâo das diversidades entre os vàrios evangelistas e da sutileza dos detalhes da narraçâo: sâo très negaçôes que parecem o desenvolvimento de urna. Pode ser que, na realidade, se trate de urna re- petiçâo com fmalidade pastoral (très sâo também os anûncios da Paixâo) para con- vencer melhor o leitor. Sem dùvida, corno observa Vanni, *Giovanni,* p. 180, “è da tener presente che il “3” riferito alle negazioni, più che indicare tassativamente il numero, sottolinea che si tratta di una negazione ripetuta più volte e quindi note­volmente aggravata”. [↑](#footnote-ref-930)
930. Embora o motivo nariíp esteja presente em Mateus, além de Joáo, existem consideráveis diferenpas. Em Joáo este termo é associado com o dom do cálice, en­quanto em Mt 26,53 o Pai aparece como um porto seguro, ao qual Jesús podería pedir ajuda. Cf. supra, p. 177-178; e também Da Spinetoli, *Matteo,* p. 712. [↑](#footnote-ref-931)
931. Mateus e Marcos nao especifican) qual seja a orelha. Mas, conquanto esta correspondencia entre o texto lucano e o joanino, os termos utilizados sao diferen­tes: Joáo usa órápiov, juntamente com Marcos (14,47). Mateus (26,51) traz cótíov, que é o grau normal, enquanto óráptov é a sua forma diminutiva. Lucas traz o ter­mo paralelo oóg. [↑](#footnote-ref-932)
932. Somente Joáo e Mateus trazem a ordem para que Pedro embainhe a espa­da (Jo 18,11; Mt 26,52). Mas a coincidencia náo continua nos termos usados. Em Mateus a ordem assume a forma ánóoTpevov... eh; tóv tótcov aÓTfjg, enquanto em Joáo é PóXe ... eig ri)v GfjKqv. Marcos náo faz nenhuma referencia, enquanto Lucas traz um comando geral de Jesús: ¿áre ácog toútoü (Lc 22,51). [↑](#footnote-ref-933)
933. Cf. supra, p. 175-176. [↑](#footnote-ref-934)
934. Além de evidenciar as características típicamente joaninas, esta compa­rado permite também tecer alguma considerado sobre a natureza da relado exis­tente entre as tradides sinótica e joanina. Assim, a semelhanca entre estes passos poderia sugerir urna dependenda pontualizada de partes da perícope joanina em rela^áo aos sinóticos (é o que faz Sabbe, “The Arrest of Jesús”, p. 217-223, o qual procura, através da análise do estilo, estabelecer os correspondentes sinóticos que dáo origem ao texto joanino). Todavía, as diferen^as entre os textos atestam em favor da independénda das tradi^óes em questáo; assim, embora sejam vizinhas, as diferentes narra^óes sao um desenvolvimento independente da tradigao. Cf. Barrett, *John,* p. 435; Brown, *The Gospel,* II, p. 816-817; Lindars, *John,* p. 543- 544; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 357; Fortna, *The Gospel of Signs,* p. 117-119; Id., “Jesús and Peter at the High Priest’s House”, p. 371-378; Talayero Tovar, *Pasión y Resurrección,* p. 50. [↑](#footnote-ref-935)
935. Mt 26,58; Me 14,54; Le 22,54b; Jo 18,15-16. [↑](#footnote-ref-936)
936. Cf. A. Vanhoye, *De Narrationibus Passionis Christi in Evangeliis Synopticis,* Roma, 1970, p. 74; Ernst, *Marco,* p. 704-705. [↑](#footnote-ref-937)
937. Me 14,54, Lc 22,55 e Jo 18,18 fazem referenda ao fogo, próximo do qual Pedro vai esquentar-se. Mas usam termos diferentes (tó <p®<;, rcepiavávrcov e ávOpaxiáv). [↑](#footnote-ref-938)
938. Cf. supra, p. 190-191. [↑](#footnote-ref-939)
939. Cf. supra, p. 171. Vanhoye, *De Narrationibus Passionis Christi,* p. 37, assim desere ve a conota^ao que a Paixao assume nos outros evangelistas: “ *Marcus* offert narrationem *kerygmaticam paradoxalem,* sdl. in qua proclamatur eventus mysterio- sus et effertur indoles ejus paradoxalis; *Matthaeus* offert narrationem *doctrinalem ecclesiae,* sdl. in qua mysterium explicatur in ecclesia; et relatio eius ad ecclesiam ostenditur; *Lucos* offert narrationem *personalem paraeneticam,* scii, in qua discipu­lus Dominum contemplatur et a Domino attrahitur”. [↑](#footnote-ref-940)
940. Cf. supra, p. 199-201. [↑](#footnote-ref-941)
941. Nos sinóticos estes maltrates sao descritos com énfase, e Jesus os suporta em siléncio (Mt 26,67-68; Me 14,65; Le 22,63-65). Em Joao, durante o interrogatò­rio do sumo sacerdote, Jesus recebe somente urna bofetada de um servo — única violencia sofrida por Jesus — a quem responde dignamente, deixando o servo sem resposta. Do mesmo modo, para os sinóticos, o motivo da acusado contra Jesus é o Seu messianismo; em Joao, este tema já fora objeto de longas disputas ao longo do evangelho (capítulos 5-12) e agora o que sao colocados em questáo sao os Seus discípulos e a Sua doutrina, acentuando também, num certo sentido, a Sua vitória. Na mesma linha é considerado o fato de que Joao nao traz a segunda sessáo do Si­nèdrio, ao amanhecer, como é contada pelos sinóticos. Cf. Sanders, *John,* p. 391; Schnackenburg, *Giovanni,* p. 367-368. [↑](#footnote-ref-942)
942. Estes aspectos sao menos diluidos nos sinóticos, onde Mt 26,69-74 apre­senta um progresso metòdico na formulalo das respostas de Pedro, indo de urna vaga negalo (oòk olSa ri Xéyeig - 26,70), a urna veemente negalo, em meio a ju- ramento e maidico, de que eie possa conhecer Jesus (26,74). Le 22,56-60 faz um progresso inverso; parte da negalo do conhecimento da pessoa de Jesus (oòk ol8a aòxóv, yòvai - 22,57) à negalo do que o seu interlocutor diz (óvOpcone, oòk olöa ö léyeu; - 22,60). Me 14,66-71 nao mostra elaboralo metòdica alguma, mas centra também as nega^óes em tomo do conhecimento de Jesus. Cf. Vanhoye, *De Narra- tionibus Passionis Christi,* p. 99-101; K. Stock, *Il Racconto della Passione nei Van­geli Sinottici,* Roma, 1989, p. 147-148. [↑](#footnote-ref-943)
943. Antes, Jesus mesmo procurara assegurar a incolumidade dos discipulos. Cf. supra, p. 175.200-201. [↑](#footnote-ref-944)
944. O canto do gaio é um motivo conexo à negalo de Pedro em todos os qua- tro evangelhos. [↑](#footnote-ref-945)
945. Mt 26,75; Me 14,72; Le 22,61b-62. [↑](#footnote-ref-946)
946. 109 Le 22,6la. Assim, para Lucas, além do canto do gaio, também o olhar de Jesus recorda a Pedro a predico de sua negapào e o faz cair em si, pelo que fez. Cf. Stock, *Il Racconto della Passione nei Vangeli Sinottici,* p. 152. [↑](#footnote-ref-947)
947. Este confronto, além de permitir colher a peculiaridade joanina no que se refere à figura de Pedro neste episòdio, pode ajudar a esbo^ar alguma definicao de corno entender a relapao entre estas tradi^öes. As diferen^as sao suficientes para afirmar que a narralo joanina nao é dependente dos sinóticos; mas mesmo inde­pendente, mantém alguma afìnidade, corno sugerem as muitas e esparsas seme- IhanQas. Isto sugere que diferentes formas da história sobre a negalo de Pedro cir- culavam independentes urna das outras, ou mesmo que na sua versäo mais antiga a [↑](#footnote-ref-948)
948. Cf. I. De la Potterie, “Genèse de la Foi Pascale d’après Jn 20”, *NTS* 30 (1984) 26-49. [↑](#footnote-ref-949)
949. Estes versículos nao pertencem mais ao ciclo da semana pascal. No versículo 30 temos a mençào de outros sinais cumpridos por Jesus, que abre urna perspectiva para todo o quarto evangelho. Sobre o problema da conclusao do capítulo e do evangelho, cf., além dos comentários: J. Caba, *Resucitó Cristo, mi esperanza. Estu­dio exegético,* Madrid, 1986, p. 271-281; V. Pasquetto, *Incarnazione e Comunione con Dio. La venuta di Gesù nel mondo e il suo ritorno al luogo d’origine secondo il IV Vangelo,* Roma, 1982, p. 257-272; La Potterie, “Genèse de la foi pascale”, p. 43-46; Sabugal, *XPIETOE,* p. 363-375; W.G. Thomas, “The Purpose of thè Fourth Gospel”, *Bibliotheca Sacra* 19 (1968) 254-262. [↑](#footnote-ref-950)
950. Estas notas espaço-temporais levam os varios autores a organizarem diferen­temente a subdivisât) e a estrutura interna do capítulo 20; mas nao obstante isto, e seguindo critérios diferentes, a maioria vê quatro perícopes: 1-10; 11-18; 19-23; 24-29. Cf. La Potterie, “Genèse de la foi pascale”, p. 27; D. Mollat, “La foi pas­cale selon le chapitre 20 de 1’Êvangile de Saint Jean. Essai de Théologie Biblique”, in É. Dhanis (ed.), *Resurrexit. Actes du Symposium International sur la Résurrection de Jésus,* Roma, 1970, Città del Vaticano, 1974, p. 357. L. Dupont-C. Lash-G. Levesque, “Recherche sur la structure de Jean 20”, *Biblica* 54 (1973) 484-485, ba- seando-se no conteúdo, apresenta: A - v. 1-10; B - v. 11-18; C - v. 19-23; B’ - v. 24-29; A’ - v. 30-31. Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 371, vê très seçôes: v. 1-18 (subdivididos em 1-10 e 11-18); 19-25; 26-29. Para a nossa finalidade, é suficiente assumir a organizaçâo geralmente aceita, sem devermos entrar nos detalhes destas propostas. [↑](#footnote-ref-951)
951. Aqui, a comunhâo pessoal com Cristo Ressuscitado, graças à submissâo à Sua palavra, se manifesta como urna característica essencial da fé pascal. Cf. Mollat, “La foi pascale”, p. 324. [↑](#footnote-ref-952)
952. Cf. 19,34. [↑](#footnote-ref-953)
953. Cf. Mollat, “La foi pascale”, p. 325. [↑](#footnote-ref-954)
954. Cf. La Potterie, “Genèse de la foi pascale”, p. 40. [↑](#footnote-ref-955)
955. Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 372. [↑](#footnote-ref-956)
956. Sâo 9 os textos que trazem verbos referentes à visâo, que têm direta relaçâo com o Ressuscitado: v. 8.14.18.20.25bis.27.29bis. Sobre o uso joanino destes ver­bos, cf. infra, p. 225-231. [↑](#footnote-ref-957)
957. Muita atençâo é colocada no fato de como as pessoas chegam a saber que se trata realmente de Jesus. Cf. Dupont-Lash-Levesque, “Recherche sur la structure de Jean 20”, p. 485; Brown, *The Gospel,* II, p. 995. [↑](#footnote-ref-958)
958. Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 378: “La presenza nel v.29a dei due per­fetti «ha visto» (heorakas) e «hai creduto» (pepisteukas) lascia intendere... che la «vista» del Risorto e la fede che ne consegue hanno assunto già una dimensione ecclesiale. In pratica, si tratta di un «credere» e di un «vedere» che fanno parte di una coscienza ormai stabilizzata e, in un certo senso, irremovibile”. Cf. também La Potterie, “Genèse de la foi pascale", p. 29; Mollat, “La foi pascale”, p. 326-327. [↑](#footnote-ref-959)
959. Cf. Bultmann, *John,* p. 684. [↑](#footnote-ref-960)
960. Cf. Schnackenburc, *Giovanni,* III, p. 512. [↑](#footnote-ref-961)
961. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 234-235; F. J. Moloney, “John 20: A Joumey Completed”, AusCathRec 59 (1982) 422. [↑](#footnote-ref-962)
962. ,s Cf. Talayero Tovar, Pasión y Resurrección, p. 76. [↑](#footnote-ref-963)
963. Nâo é provâvel que urna mulher fosse, sozinha, no escuro, a esta regiâo, fo­ra dos muros da cidade, lugar de execuçâo capital. Também é improvàvel que, no escuro, sem se aproximar do sepulcro, tenha visto a pedra deslocada. Todavia, o termo mcozia se enquadra bem no pensamento joanino e estaria simbolizando, aqui, as trevas entre os discipulos, provocada pela ausência de Jesus. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 980-981; Poppi, *Sinossi,* p. 532; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 442. [↑](#footnote-ref-964)
964. O termo fjppévov, participio perfeito de alpœ, é muito genèrico e diz somente que a pedra tinha sido tirada, sem referir-se ao corno. O que importa é o fato de que a pedra fora tirada. Cf. Zerwick-Grosvenor, *A Grammatical Analysis,* p. 334; Nolli, *Giovanni,* p. 712; Bauer, *Greek-English Lexicon,* p. 23-24. [↑](#footnote-ref-965)
965. Dupont-Lash-Levesque, “Recherche sur la structure de Jean 20”, p. 486, dizem que è corno se a revelaçâo completa fosse reservada aos discipulos, e Madalena preparasse esta revelaçâo. [↑](#footnote-ref-966)
966. Cf. B. Rigaux, *Dio Tha risuscitato. Esegesi e Teologia Biblica,* Roma, 1976, p. 292; E. Charpentier, “Jour de Pâque: Le tombeau vide (Jean, 20,1-9)”, *EV* 79 (1969) 262; A. Feuillet. “La Découverte du tombeau vide en Jean 20,3-10 et la foi au Christ ressuscité. Étude exégétique et doctrinale”, *EV* 87 (1977) 259; G. Ghiberti, *Il Fatto della Risurrezione nel capitolo XX del vangelo di San Giovanni in relazione agli altri racconti pasquali,* Roma, 1969, p. 65; M. Vellanickal, “Re­surrection of Jesus in St. John”, *BibleBhashyam* 3 (1977) 135. [↑](#footnote-ref-967)
967. Brown, *The Gospel,* II, p. 983: “...more simply it must be remembered that he did not flee with the others and is recorded as being near at hand during Jesus' interrogation by the Jewish authorities (John xviii,27)”. [↑](#footnote-ref-968)
968. 31 Jo 13,36-38. Cf. supra, cap. 5, p. 154-156. [↑](#footnote-ref-969)
969. As très vezes (7,45; 11,19; 14,6) em que a preposiçào npôç näo é repetida mas refere-se a duas pessoas respondem, nos seus respectivos contextos, à necessi- dade de sublinhar a unidade e nâo a diversidade das pessoas. Cf. Westcott, *St. John,* p. 289; Nolli, *Giovanni,* p. 712-713; F. Neirynck, “Pierre et l’autre disciple en Jn 20,1-10 et 18,15-16”, *ETL* 53 (1977) 436. [↑](#footnote-ref-970)
970. Cf. Lindars, *John,* p. 602; Lagrange, *Jean,* p. 507; F. Neirynck, “Tradition and Rédaction in John XX, 1-8”, in E. A. Livingstone (ed.), *Studia Evangélica* VII (1973) 361. [↑](#footnote-ref-971)
971. Cf. Westcott, *St. John,* p. 289; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 508. [↑](#footnote-ref-972)
972. 23 O singular êÇqXOev do versículo 3 se refere também ao Discípulo Amado, tanto é que o próximo verbo está no plural (^pxovro). Esta construçâo aparece aínda em 2,2; 4,36; 18,15. É normal, pois, que em continuaçâo tenhamos o verbo no plural. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 135; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 508; Neirynck, “Pierre et l’autre disciple”, p. 440. [↑](#footnote-ref-973)
973. Este termo significa, antes de tudo, monumento, memorial, cámara sepul­cral na quai as pessoas podem entrar. Neste sentido, é diferente de TÙpPoç, o sim­ples túmulo. Este último termo nâo tem nenhuma atestaçâo no Novo Trestamento. Cf. Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 1139.1834; Bauer, *Greek-English Lexicon,* p. 526; Aland, Konkordanz, II, p. 280. [↑](#footnote-ref-974)
974. Sete vezes quando consideramos tambem os versiculos 1 e 2. [↑](#footnote-ref-975)
975. Cf. O. Bauernfeind, tp£%o>, *GLNT XIU,* col. 1429-1430; Nolli, *Giovanni,* p. 712. [↑](#footnote-ref-976)
976. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 508. [↑](#footnote-ref-977)
977. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 541; S. M. Schneiders, “The Face Veil: A Johannine Sign (John 20,1-10)”, *BibTB* 13 (1983) 95. [↑](#footnote-ref-978)
978. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 848. [↑](#footnote-ref-979)
979. Cf. Barrett, *John,* p. 468. [↑](#footnote-ref-980)
980. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 508. [↑](#footnote-ref-981)
981. Lagrange, *Jean,* p. 507; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Gio­vanni,* III, p. 444. [↑](#footnote-ref-982)
982. Ishodad de Merv, citado por Brown, *The Gospel,* II, p. 985, e por Hoskyns, *The Gospel,* p. 541. [↑](#footnote-ref-983)
983. Cf. Kragerud, *Der Lieblingsjünger,* p. 53-54.86-87. [↑](#footnote-ref-984)
984. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 847; Panimolle, *Lettura Pastora­le del Vangelo di Giovanni,* III, p. 456; Bauer, *Johannesevangelium,* p. 174-175. [↑](#footnote-ref-985)
985. Chaplin, *Joào,* p. 630. [↑](#footnote-ref-986)
986. Cf. Westcott, *St. John,* p. 289; Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui,* p. 40. [↑](#footnote-ref-987)
987. No versiculo 3, flpxovw, imperfeito do mesmo verbo, indica a direçao ou a meta, e nào tanto a chegada. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 714; E. Delebecque, “Dans le tombeau vide (Jean 20,7-8)”, *BBude* (1979) 172. [↑](#footnote-ref-988)
988. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 843: “La relación de *mentoi* con *tote oun* (20,8) muestra que el discípulo se detiene para permitir a Pedro entrar antes que él”. [↑](#footnote-ref-989)
989. Por exemplo, Chaplin, *Joño,* p. 630. [↑](#footnote-ref-990)
990. Cf. Chaplin, *Joño,* p. 631. [↑](#footnote-ref-991)
991. Lagrange, *Jean,* p. 507-508; Segalla, *Giovanni,* p. 460; Benoit, *Passion et Résurrection,* p. 285; Mollat, *L’Évangile et les Epitres de saint Jean,* p. 191. [↑](#footnote-ref-992)
992. Cf. Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 444. [↑](#footnote-ref-993)
993. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 947, dizem que “Después de las negaciones de Pedro en el atrio del sumo sacerdote (18,15-17.25), es un gesto de aceptación y reconciliación. Habiendo seguido a Jesús dispuesto a morir con él (18,15-16), no afirma su superioridad frente al que lo ha negado, sino que, al con­trario, lo deja entrar antes para que exprese primero su amor a Jesús. La vez ante­rior, él lo había conducido (18,16); ahora debe acercarse a Jesús sin interme­diarios”. [↑](#footnote-ref-994)
994. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 985. [↑](#footnote-ref-995)
995. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 508. [↑](#footnote-ref-996)
996. Cf. supra, cap. 5, p. 155. [↑](#footnote-ref-997)
997. Assim consideram Barrett, *John,* p. 468; Lindars, *John,* p. 602; Sanders, *John,* p. 421. [↑](#footnote-ref-998)
998. Como em 18,15. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 509. [↑](#footnote-ref-999)
999. Cf. Westcott, *St. John,* p. 290; Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui,* p. 41. [↑](#footnote-ref-1000)
1000. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 716; Westcott, *St. John,* p. 289-290. [↑](#footnote-ref-1001)
1001. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 507; Chaplin, *Jodo,* p. 630. [↑](#footnote-ref-1002)
1002. Delebecque, “Dans le tombeau vide”, p. 173-174, propôe que o evangelista tena utilizado o verbo ouvetaépxEaOai e nao eloépxenOai. Para ele, um copista antigo, habituado ao oóv joanino, tena lido TOTEO YNEICHAOEN no lugar de TOTECYNEICHAOEN. Pedro tena entrado, antes, no túmulo, somente até urna certa altura (elç ëva rónov), e daí em diante os dois teriam entrado juntos. Con- quanto intéressante, nâo existe vestigio desta mudança na transmissâo textual. [↑](#footnote-ref-1003)
1003. Brown, *The Gospel,* II, p. 1007-1008. [↑](#footnote-ref-1004)
1004. Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 443. [↑](#footnote-ref-1005)
1005. Benoit, *Passion et Résurrection,* p. 285, vê que “A plusieurs reprises dans son évangile, se rencontre cette concurrence de Pierre et de l’Autre: Pierre y est tou­jours peint comme le chef, plus vénérable, plus ancien, mais l’Autre est important aussi et dépasse Pierre sur certains points. On croit entendre les disciples johanni- ques qui désirent placer leur maître, sinon au-dessus, du moins aux côtés de Pierre, pour vanter su clairvoyance”. Cf. também Moloney, “A Joumey Completed”, p. 424-425. [↑](#footnote-ref-1006)
1006. Kragerud, *Der Lieblingsjünger,* p. 82. Também para Sanders, *John,* p. 422, o Discípulo Amado é modelo para o ministério profético, ao quai o quarto evan- gelho atribuí urna autoridade mais elevada do que aquela do ministério pastoral e local, representado por Pedro. [↑](#footnote-ref-1007)
1007. R. Mahoney, *Two Disciples at the Tomó. The Background and Message of John 20,1-10,* Frankfurt, 1974, p. 251-252. [↑](#footnote-ref-1008)
1008. Como diz Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 508-509: “Pietro accerta lo stato dei fatti nel sepolcro, che — nella visuale dell’evangelista e nell’orizzonte del pensie­ro di quel tempo — è estremamente importante per la questione della risurrezione: gli indizi portano a concludere che Gesù è risorto (v. 6-7). Cosi vengono ripartite le «funzioni» dei due discepoli; ma il ruolo più importante tocca al discepolo che Gesù amava”. [↑](#footnote-ref-1009)
1009. Nesta perícope nao aparece um outro verbo, Oeáopat, que com esses outros constituem os quatro principáis verbos que designam o ato de ver em Joáo. Cf. Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui,* p. 72; Mateos-Barreto, *Dizionario Teológico,* p. 338. [↑](#footnote-ref-1010)
1010. Bultmann, *John,* p. 45, n. 1; J. P. Charlier, “La notion du Signe (cnipEÏov) dans le IVe Évangile”, *RSPT* 43 (1959) 435; L. Cerfaux, “Les miracles, signes mes­sianiques de Jésus et œuvres de Dieu, selon l’Évangile de saint Jean”, in L. Cerfaux-J. Coppens-B. Rigaux (ed.), *L\*Attente du Messie,* Desclée de Brouwer, 1958, p. 135-136; Freed, “Variations in the Language and Thought of John”, p. 89; Cullmann, elôev Kai eKÎoxEuaev, p. 55; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 511. [↑](#footnote-ref-1011)
1011. Westcott, *St, John,* p. 289; Philips, “Faith and Vision”, p. 23-25.83-96; I. De la Potterie, “Il cammino giovanneo délia fede”, *ParSpV* 17 (1988) 161-163; Abbott, *Vocabulary,* n° 1597-1611; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 234-236. [↑](#footnote-ref-1012)
1012. Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui,* p. 7-52, espec. p. 41-42, reconhece uma certa variaçâo no significado profano destes verbos, e demonstra que as diferenças teológicas nâo derivam dos verbos em si mesmos, mas dos contextos em que vém usados. [↑](#footnote-ref-1013)
1013. Sobre os verbos que designam a visáo no Grego Clássico, na Koiné e no Novo Testamento, enviamos o leitor para as obras que trataram amplamente deste tema, entre as quais citamos: Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui,* p.2-50; Michaelis, ópáco, col. 886-1035; Philips, “Faith and Vision”, p. 83-96; A. Prévôt, “Verbes grecs relatifs à la vision et noms de l’œil”, *RPLH* 61 (1935) 267. [↑](#footnote-ref-1014)
1014. O presente de ópáco nâo aparece em Joào. Cf. Mateos-Barreto, *Dizionario Teológico,* p. 339. [↑](#footnote-ref-1015)
1015. Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui,* p. 248. [↑](#footnote-ref-1016)
1016. Ibid., p. 39. [↑](#footnote-ref-1017)
1017. Além deste passo, aparece em 1,29; 5,19; 9,7.15.19.21.25.39(2 vezes).41; 11,9; 13,22; 20,1; 21,9.20. [↑](#footnote-ref-1018)
1018. Pelo uso e pela freqùência de pièno Joào contrasta com os sinóticos. Blénœ aparece 17 vezes em Joào, e sempre no presente, contra 20, 15 e 15 respecti­vamente em Mateus, Marcos e Lucas. Cf. Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui,* p. 247. [↑](#footnote-ref-1019)
1019. Este verbo nào é usado para designar a visào do Cristo Ressuscitado. Cf. Traets, *Voir Jésus et le Père en Lui,* p. 8; F. Manns, “En marge des récits de la ré­surrection dans l’Évangile de Jean. Le verbe voir”, RevSR 57 (1983) 13; Mateos- Barreto, *Dizionario Teologico,* p. 339. [↑](#footnote-ref-1020)
1020. Contra 2, 7 e 7 respectivamente de Mateus, Marcos e Lucas. Em Joao, além de 20,6, este verbo aparece em: 2,23; 4,19; 6,2.19.40.62; 7,3; 8,51; 9,8; 10,12; 12,19.45(2 vezes); 14,17.19(2 vezes); 16,10.16.17.19; 17,24; 20,12.14. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 130; Traets, *Voir Jesús et le Pére en Lui,* p. 247. [↑](#footnote-ref-1021)
1021. Este verbo nunca tem Jesús como sujeito. Cf. La Potterie, *La Vérité,* I, p. 349. [↑](#footnote-ref-1022)
1022. Cf. Michaelis, ópáú), col. 1018; La Potterie, *La Vérité,* I, p. 348. [↑](#footnote-ref-1023)
1023. Os verbos do ver aparecem freqüentemente unidos ao crer. Treze vezes vém associadas ao verbo jugteúú) e urna vez ao adjetivo &rt<rro<;. E prevalentemente o ver precede o crer, indicando um estágio que conduz á fé. Cf. Traets, *Voir Jésus et le Pére en Lui,* p. 22; La Potterie, *La Vérité,* p. 347. [↑](#footnote-ref-1024)
1024. Cf. Schnackenburo, *Giovanni,* II, p. 32. [↑](#footnote-ref-1025)
1025. Ibidem. [↑](#footnote-ref-1026)
1026. Cf. Michaelis, ópàtù, col. 974. [↑](#footnote-ref-1027)
1027. Cf. La Potterie, *La Vérité,* I, p. 348-350; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 236, n. 14. [↑](#footnote-ref-1028)
1028. Cf. Prévôt, “Verbes grecs”, p. 266-267. [↑](#footnote-ref-1029)
1029. Cf. Mateos-Barreto, *Dizionario Teologico,* p. 338-340. [↑](#footnote-ref-1030)
1030. É assim em 1,18.34; 3,11.32; 4,45; 5,37; 6,36.46bis; 8,38.57; 9,37; 14,7.9; 15,24; 19,35; 20,18.25.29. Cf. Dupont-Lash-Levesque, “Recherche sur la structure de Jean 20”, p. 487; Manns, “Le verbe voir”, p. 13; La Potterie, “Il cammino gio­vanneo della fede”, p. 162. [↑](#footnote-ref-1031)
1031. Cf. Mateos-Barreto, *Dizionario Teologico,* p. 340; Traets, *Voir Jesus et le Pére en Lui,* p. 37. [↑](#footnote-ref-1032)
1032. Cf. La Potterie, “Genèse de la foi pascale”, p. 28.31; Dupont-Lash- Levesque, “Recherche sur la structure de Jean 20”, p. 487. [↑](#footnote-ref-1033)
1033. No campo semàntico do ver joanino temos, ainda, um ùltimo e mais pro- fundo estàgio, que é traduzido pelo verbo Ocàopai, mas que nào é utilizado em 20,3-10. Cf. supra, p. 229. [↑](#footnote-ref-1034)
1034. Como observa La Potterie, “Il cammino giovanneo della fede”, p. 162: “Il «vedere» con gli occhi del corpo si è trasformato in una contemplazione spirituale, in uno sguardo di fede”. [↑](#footnote-ref-1035)
1035. Cf. Traets, *Voir Jesús et le Pére en Lui,* p. 41. [↑](#footnote-ref-1036)
1036. As discussóes sobre este tema sao numerosas. Aqui náo entramos em de- talhes, mas retemos o mínimo que possa ajudar á nossa discussáo no sentido de mostrar como os objetos encontrados no túmulo se relacionam com a Ressur- reicáo. Procurou-se harmonizar a narrado joanina com a sinótica, tentando identificar os objetos designados diferentemente numa e noutra narrado. Toda­vía a tendencia hoje é renunciar a esta conciliado já que nem urna nem outra for- necem urna representado exata das coisas. Cf. Benoit, *Passion et Résurrection,* p. 286-288; Schneiders, “The Face Veil”, p. 96-97; Feuillet, “La découverte du tombeau vide”, p. 258-267. [↑](#footnote-ref-1037)
1037. R. Mercier, “Lo que el «otro discípulo» vio en la tumba vacía - Juan 20,5-7”, *RevBíb* 43 (1981) 31, faz notar que as vestes fúnebres assumem, no quarto evangelho, um relevante papel; se náo fosse assim, náo se entendería porque Joáo insiste tanto na descrido sobre elas; náo o faria somente se quisesse dizer coisas or­dinarias. Cf. também Sanders, *John,* p. 420; A. Rodenas, “Qué efecto produjo en Pedro y «el otro discípulo» la visión del sepulcro de Jesús (Jn 20,3-9)?”, *AnCalas* 21 (1979) 301. [↑](#footnote-ref-1038)
1038. A palavra óGóvtov foi alvo de muitas discussôes e a sua compreensao sofreu alteraçôes com o decorrer do tempo. Embora seja urna tendéncia que ressai a 1879, entre os protestantes franceses, a sua compreensao como “vendas mortuárias” é urna limitaçao indevida. Este termo (derivado provavelmente de óGóvq, que designa pro- priamente a materia, o fio de linho) designa a manufatura com o fío de linho, feita em qualquer forma ou tamanho, significando os panos de linho em geral, cujo uso, atestado pelos papiros, aponta-os como utilizados tanto como lençôis de cama, para dormir, como para envolver os corpos dos defuntos. Cf. A. Vaocari, “TÓT]aav aiko ôGoviotç (loh 19,40): Lessicografía ed esegesi”, in AA.W., *Miscelánea Bíblica B. Ubach,* Barcelona, 1953, p. 375-386; Ródenas, “Qué efecto produjo en Pedro”, p. 309; Feuillet, “La découverte du tombeau vide”, p. 259; M. Balagué, “La prueba de la resurrección (Jn 20,6-7)”, *EsBib* 25 (1966) 173-174. [↑](#footnote-ref-1039)
1039. Cf. F. Gnidovec, “Introivit... et vidit et credidit (Jn 20,8)”, *EstBib* 41 (1983) 140; Ródenas, “Qué efecto produjo en Pedro”, p. 317-319. [↑](#footnote-ref-1040)
1040. Cf. Gnidovec, “Introivit”, p. 141; Barrett, *John,* p. 468. [↑](#footnote-ref-1041)
1041. O termo grego oouSáptov se calca no latino *sudarium,* e consiste de um linho de dimensôes variâveis, que alguém pode trazer seja à mao, seja ao redor do pescoço, destinado principalmente a enxugar o suor, mas que pode ter também outras funçôes. Empregado como veste mortuaria, consiste, provavelmente, de uma especie de faixa ou lenço que, passando pela cabeça e pelo queixo, serve para fechar a boca do morto. O sudario encontrado no túmulo de Jesús desempenharia, com toda probabilidade, esta funçao. Cf. Feuillet, “La découverte du tombeau vide”, p. 261; Benoit, *Passion et Résurrection,* p. 286; Vaccari, \*Eôî]oav aôxô ôGovioiç, p. 376. [↑](#footnote-ref-1042)
1042. Esta expressáo antecipa o participio perfeito de évwXíoo©, fazendo com que a contraposi^ao entre as telas e o sudario nao seja de lugar, mas de modo. Cf. Gnidovec, “Introivit”, p. 143; L. Fossati, “Che cosa vide Giovanni entrando nel se- polcro e perché credette?”, *Renovatio* 9 (1974) 505. [↑](#footnote-ref-1043)
1043. O termo el^ tem também o sentido de “mesmo”. Cf. F. Zorell, *Lexicón Graecum Novi Testamenté* París, 1961, p. 380; Ródenas, “Qué efecto produjo en Pedro”, p. 322-323; Gnidovec, “Introivit”, p. 144; Fossati, “Che cosa vide Giovan­ni”, p. 504; Balagué, “La prueba de la resurrection”, p. 189. [↑](#footnote-ref-1044)
1044. Cf. Ródenas, “Qué efecto produjo en Pedro”, p. 320.324-325; Gnidovec, “Introivit”, p. 147; Feuillet, “La découverte du tombeau vide”, p. 262-263; Lagrange, *Jean,* p. 507; Poppi, *Sinossi,* p. 532; F. Spadafora, “Risurrezione di Gesú (Jo 20,3-10)”, *PalCl* 51 (1972) 591; Mercier, “Lo que el «otro discípulo» vio”, p. 24. [↑](#footnote-ref-1045)
1045. Cf. Feuillet, “La découverte du tombeau vide”, p. 265; Westcott, *St. John,* p. 289; Poppi, *Sinossi,* p. 532. [↑](#footnote-ref-1046)
1046. Como observa Gnidovec, “Introivit”, p. 151: “Pedro se da cuenta de este detalle en el sudario y las vendas. Lo «ve», mejor dicho, conforme a la palabra grie­ga «theorei», lo «contempla», lo observa, porque lo hace pensando e impresionado por el hecho”. [↑](#footnote-ref-1047)
1047. Fossati, “Che cosa vide Giovanni”, p. 507, sugere que o Discípulo Amado, na primeira olhada, vendo cada coisa no seu lugar, nao percebeu a ausencia do cor- po de Jesús. Entrando e vendo atentamente, viu que os linhos nao envolviam mais nada, estavam ocos! [↑](#footnote-ref-1048)
1048. “La découverte du tombeau vide”, p. 273. [↑](#footnote-ref-1049)
1049. Cf. J. Kremer, “Zut Diskussion ûber das leere Grab”, in É. Dhanis (ed.), *Resurrexit. Actes du Symposium International sur la Résurrection de Jésus,* Roma, 1970, Città del Vaticano, 1974, p. 168. Na mesma discussâo J. Guitton fala de “un signe négatif ouvert à une interprétation positive, celle du mystère de la résurrec­tion”. Segundo a análise semiótica, este sinal funciona como a denegaçao do poder da morte sobre Jésus. Cf. A. J. Greimas-J.Courtes, “Denegación”, in Id., *Semióti­ca. Diccionario razonado de la Teoría del Lenguaje,* Madrid, 1982, p. 106. [↑](#footnote-ref-1050)
1050. Augustinus, *Tractatus In lohannis Evangelium,* CXX,9 *(PL* 35,1955): “Quid ergo vidit? quid credidit? Vidit scilicet inane monumentum, et credidit quod dixerat mulier, eum da monumento esse sublatum”; Cf. também “Sermo 229/L”, in Id., *Sermones,* com traduçôes de P. Beluni-F. Cruciani-V. Tanulli, Roma, 1984, p. 575. [↑](#footnote-ref-1051)
1051. Podemos citar, como exemplo: H. Grass, *Ostergeschehen und Osterbe- richte,* Góttingen, 1964, p. 56-57, e W. Nauck, “Die Bedeutung des leeren Grabes fur den Glauben an dem Auferstanden”, *ZNW 47* (1956) 258. [↑](#footnote-ref-1052)
1052. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 238; C. P. Thiede, *Simon Peter. From Galilee to Rome,* Exeter, 1986, p. 90. [↑](#footnote-ref-1053)
1053. 1,3 Cf. supra, p. 230-231. [↑](#footnote-ref-1054)
1054. 1,4 Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 512; Lindars, *John,* p. 601-602; Lagrange, *Jean,* p. 507; Westcott, *St. John,* p. 289; Manns, “Le verbe voir”, p. 14; Mollat, “La foi pascale”, p. 320. [↑](#footnote-ref-1055)
1055. 1,5 Feuillet, “La découverte du tombeau vide”, p. 275: “... ce qui est raconté en Jn 20,3-10 ait pu jouer le rôle d’un signe conduisant Jean à la foi pascale". Cf. também Caba, *Resucitó Cristo,* p. 239; Schneiders, “The Face Veil”, p. 96; Charpentier, “Le tombeau vide”, p. 262-263. [↑](#footnote-ref-1056)
1056. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 239. [↑](#footnote-ref-1057)
1057. Nao deíxam claro, todavía, o verdadeiro motivo pelo qual ele chega a esta fé. Para a maioria dos estudiosos hoje, como afirma Vellanickal, “Resurrection of Jesus in St. John”, p. 137, parece descontado que é a presenta das vestes fúnebres que “led thè disciple to conclude that thè body had not been stolen, but that Jesus had been risen”. Esta leitura nao considera devidamente as implicares dos ver­sículos 8 e 9, como veremos a seguir. [↑](#footnote-ref-1058)
1058. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 512. [↑](#footnote-ref-1059)
1059. Cf. La Potterie, “Genèse de la foi pascale”, p. 31-32; Cf. também Poppi, *Sinossi,* p. 532. [↑](#footnote-ref-1060)
1060. Cf. G. Hartmann, “Die Vorlage der Osterberichte in Joh 20”, *ZNW* 55 (1964) 197. [↑](#footnote-ref-1061)
1061. Cf. Rigaux, *Dio íha risuscitato,* p. 294. [↑](#footnote-ref-1062)
1062. Sobre esta díscussáo, cf. também Brown, The Gospel, II, p. 1004-1007; Bernard, *John,* II, p. 661. [↑](#footnote-ref-1063)
1063. É. Delebecque, “Retour sur Jean XX,9”, *RB* 96 (1989) 89: “Le «pas même encore» implique une certaine sévérité à l’égard de ceux qui, depuis longtemps, avaient reçu le moyen d’ajouter foi aux paroles de l’Écriture sur la Résurrection”. [↑](#footnote-ref-1064)
1064. Westcott, *St. John,* p. 290, diz que parece que o evangelista se refere aqui a algum testemunho determinado das Escrituras, pois usa, como em 17,12, ypa<pr|; e nào a um conteùdo gérai da escritura, caso em que usaria K<nà ràç ypmpdç, como ICor 15,3.

      Como prováveis passos, forain mencionados por autores diversos: SI 16,10; SI 110; Is 26,19-51; Is 53,8.10; Zac 6,12-13. [↑](#footnote-ref-1065)
1065. Sobre este verbo, cf. supra, cap. 4, p. 122-125. [↑](#footnote-ref-1066)
1066. Cf. La Potterie, olSa et yivdxnc©, p. 710-712. [↑](#footnote-ref-1067)
1067. Cf. Mollat, “La foi pascale”, p. 318-319. La Potterie, olSa et Yivdxnao, p. 723, diz que, em funçâo de como olSa vem empregado nessa perícope, falta aos discípulos visâo interior e comunhào com a mentalidade de Jésus. [↑](#footnote-ref-1068)
1068. La Potterie, “Genèse de la foi pascale”, p. 30, chama a atençâo para esta insisténcia do evangelista sobre a ignoráncia das, como ele chama, «primeiras teste- munhas», sublinhando que os discípulos nâo esperavam a Ressurreiçâo, o que co­loca em relevo a realidade da intervençâo divina. [↑](#footnote-ref-1069)
1069. Como bem observa Mollat, “La foi pascale”, p. 318-319, as expressôes oôôénœ yàp fiôeiaav if|v ypatpfjv ôti ôeï aôxôv èK veKpœv àvaorfjvai (v. 9) e oôk oïôapcv tcod ëOqxav aôxôv (v. 2) sâo, particularmente, aptas para traduzir o estado de total despreparo dos discípulos para o acontecimento da Ressurreiçao. [↑](#footnote-ref-1070)
1070. Cf. Delebecque, “Retour sur Jean XX,9”, p. 81-87, para as difîculdades de compreensâo e de traduçâo deste versículo. [↑](#footnote-ref-1071)
1071. Isto quer dizer que os discípulos nâo veiculavam, em hipótese alguma, a possibilidade da Ressurreiçâo de Jésus e que eles nâo estavam preparados para a testemunharem. Cf. Hoskins, *The Fourth Gospel,* p. 541; La Potterie, “Genèse de la foi pascale”, p. 30; Mollat, “La foi pascale”, p. 318-319; Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 374-375; Segalla, *Giovanni,* p. 461; G. Ghiberti, “Giovanni 20 nell’esege- si contemporánea”, *StPatav* 20 (1973) 323. [↑](#footnote-ref-1072)
1072. Cf. crítica textual, supra, p. 213. [↑](#footnote-ref-1073)
1073. Delebecque, “Retour sur Jean XX,9”, p. 91, pensa aqui a todos os discí­pulos e nâo necessariamente somente a Pedro e ao Discípulo Amado, consideran­do, entre outros aspectos, que é dever dos discípulos aprender aquilo que o mestre lhes ensina. [↑](#footnote-ref-1074)
1074. Para J. Winday, “Les vestiges laissés dans le tombeau et la foi du disciple”, *NRT*110 (1988) 218, o versículo 9 é uma reflexâo destinada a explicar como “ce fut alors et alors seulement, à partir de la vue des lignes laissés dans le sépulcre, que ce disciple, et les autres à sa suite, se rendirent compte que la résurrection avait été an­noncée par les Saintes Écritures”. [↑](#footnote-ref-1075)
1075. O sepulcro com os objetos em ordem nâo é, portanto, uma prova da Res­surreiçâo, mas um sinal que pôe o Discípulo Amado a caminho da fé nesta. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 239-241. [↑](#footnote-ref-1076)
1076. Como observa Charpentier, “Le tombeau vide”, p. 263: “L’évangéliste précise que voir, au sens de la foi, c’est commencer à comprendre les Ecritures. En effet... Jean ne pouvait pas comprendre les Ecritures (sur le point de la Résurrec­tion de Jésus) tant qu’il n’aurait pas vu le signe du tombeau vide”. Cf. também Caba, *Resucitô Cristo,* p. 241-243; Mollat, “La foi pascale”, p. 318. [↑](#footnote-ref-1077)
1077. Cf. Rigaux, *Dio l'ha risuscitato,* p. 293; F. M. Willian, “Johannes am Gra­be des Auferstandenen (Jo 20,2-10)”, *ZkT* 71 (1949) 250-251; Spadafora, “Risurre­zione di Gesù”, p. 593; Wikenhauser, *Johannes,* p. 279; Grass, *Ostergeschehen und Osterberichte,* p. 56. [↑](#footnote-ref-1078)
1078. Cf. Bultmann, *John,* p. 530. [↑](#footnote-ref-1079)
1079. Cf. Barrett, *John,* p. 468; Reiser, “The Case of the Tidy Tomb”, p. 56. [↑](#footnote-ref-1080)
1080. Winday, “Les vestiges laissées dans le tombeau”, p. 215. [↑](#footnote-ref-1081)
1081. Cf. Sanders, *John,* p. 420-421; Barrett, *John,* p. 466.468. [↑](#footnote-ref-1082)
1082. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 1006. [↑](#footnote-ref-1083)
1083. Quando se ocupa de um destes discípulos, o evangelista jamais trata de di­minuir ou criticar o outro. Tudo é motivado pela relaçâo deles com o sepulcro e prepara o que ali acontecerá, de modo que a averiguaçâo que fazem no sepulcro os completa, ao mesmo tempo que é por eles projetada. [↑](#footnote-ref-1084)
1084. Lagrange, *Jean,* p. 509. [↑](#footnote-ref-1085)
1085. Br. McCasland, *The Résurrection of Jesus,* p. 49, citado por Bultmann, *John,* p. 684. Charpentier, “Le tombeau vide”, p. 265, partilha também esta opi- niâo. [↑](#footnote-ref-1086)
1086. Cf. La Potterie, “Genése de la foi paséale”, p. 31-32, no que é seguido por Poppi, *Sinossi,* p. 533. [↑](#footnote-ref-1087)
1087. Bultmann, *John,* p. 684. [↑](#footnote-ref-1088)
1088. Brown, *The Gospel,* II, p. 988. [↑](#footnote-ref-1089)
1089. ,so Cf. Schneider, Spxopat, col. 926. Cf. supra, cap. 4, p. 117-118. [↑](#footnote-ref-1090)
1090. Jo 4,3.8.28; 6,1; 10,40 e 18,6. [↑](#footnote-ref-1091)
1091. Jo 5,15; 6,22; 9,7.11; 11,28.54; 12,36. [↑](#footnote-ref-1092)
1092. Cf. Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 187. [↑](#footnote-ref-1093)
1093. Cf. Zerwick-Grosvenor, *A Grammatical Analysis,* p. 344. [↑](#footnote-ref-1094)
1094. F. Neirynck, “AÜHA0EN nPOS EAYTON - Le 24,12 et Jn 20,10”, *ETL* 54 (1978) 104-118, considéra que a leitura de Flâvio Josefo contém preciosas indi- caçôes para a interpretaçâo da frase ànfjXOoq oôv TtàXiv npôç aôzovç oi paOqzai em Lucas e em Joâo, no sentido de “il s’en retourna en lui, ils s’en retournèrent chez eux”. [↑](#footnote-ref-1095)
1095. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 55: “Le tre indicazioni situazionali hanno un significato teologico: i discepoli, lasciati soli, sono nelle tenebre, lontani da Gesù, esposti all’assalto di forze avverse”. [↑](#footnote-ref-1096)
1096. Pilatos entra e sai, indo de Jesus aos judeus, em sete episodios bem balan­ceados, de modo que, como observa Brown, TAe *Gospel,* II, p. 858-859, o continuo destacamento de Pilatos de um ambiente a outro exprime a sua luta interior, já que a sua certeza de que Jesus é inocente cresce à medida que cresce a pressào política que o obliga a condenar Jesus. Cf. também Janssens de Varebeke, “La structure des scènes”, p. 507. [↑](#footnote-ref-1097)
1097. Cf. F. Neirynck, “EE TA IAIA - Jn 19,27 (et 16,32)”, *ETL* 55 (1979) 357. [↑](#footnote-ref-1098)
1098. 140 I. De la Potterie, “La parole de Jésus “Voici ta Mère” et l’accueil du dis­ciple (Jn 19,27b)”, *Marianum* (1974) 1-39; Id., “Et à partir de cette heure”, p. 84- 125. Neirynck, “EE TA IAIA”, p. 357-365, procura refutar este sentido, mas tam- pouco afirma o sentido comum de “em sua casa”. [↑](#footnote-ref-1099)
1099. 141 Nào é por acaso que o termo ol paOqraí aparece, neste passo, referindo-se a Pedro e ao Discípulo Amado. [↑](#footnote-ref-1100)
1100. Cf. Ghiberti, *II fatto della Risurrezione,* p. 67; Chaplin, *Joáo,* p. 629. [↑](#footnote-ref-1101)
1101. Enquanto Lucas fala somente dos lençôis (piénei xa óGóvia póva), Joáo descreve em duas etapas os objetos encontrados no túmulo, repetindo duas vezes os ÓGóvia e referindo-se particularmente ao oouSápiov, indicando com atençao a ma- neira como foram encontrados (cf. supra, p. 231\*234). Ainda, para o quarto evan\* gelista, os protagonistas da visita sâo dois, Pedro e o Discípulo Amado, enquanto Lucas fala somente de Pedro. Por conseguinte, a cena em Joâo é mais personaliza­da, trazendo pormenores que demonstram a prevaléncia ora de Pedro, ora do Discípulo Amado, em relaçâo aos diversos aspectos (o Discípulo Amado chega pri- meiro, mas só se inclina, esperando Pedro; Pedro chega depois e entra primeiro, fa- zendo a vistoria; só entao entra o outro discípulo, do quai é dito que viu e creu), ora apresentando-os juntos na mesma situaçâo (correm juntos, ignoram as Escritu­ras no que se refere à Ressurreiçao). [↑](#footnote-ref-1102)
1102. Le 24,12 é omitido por D, ita\* e’ L rl, syr palmss, Tatiano, Marciao. [↑](#footnote-ref-1103)
1103. Cf. K.P.G. Curtís, “Luke XXIV,12”, *JTS* 22 (1972) 542-548. [↑](#footnote-ref-1104)
1104. Cf. I. H. Marshal, *The Gospel of Luke. A Commentary on the Greek Text,* Exeter, 1978, p. 888-891; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 364; J. M. Guillaume, *Luc interprète des anciennes traditions sur la Résurrection de Jésus,* Paris, p. 53-57. [↑](#footnote-ref-1105)
1105. Neirynck, “Tradition and Rédaction in John XX, 1-18”, p. 359-363; Id., “nAPAKÏ'FAZ BAEIIEL Le 24,12 et Jn 20,5”, *ETL* 53 (1977) 113-152; Id., “AHHAOEN nPOZ EAYTON”, p. 104-118. [↑](#footnote-ref-1106)
1106. Brown, *The Gospel,* II, p. 1000-1002; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 364- 365; Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 454-456; J. Schmitt, “Résurrection”, *DBS* X, col. 533.570. [↑](#footnote-ref-1107)
1107. Ê difícil individuar esta tradiçâo, como demonstram os vários estudos que a propoem diferentemente: Fortna, *The Gospel of Signs,* p. 134-144; Hartmann, “Die Vorlage der Osterberichte”, p. 199-205.220; Leaney, “The résurrection narra­tives”, p. 112-114; Benoit, “Marie-Madeleine”, p. 148-151. [↑](#footnote-ref-1108)
1108. Nâo se trata, no entanto, de uma simples introduçâo de um novo persona- gem, com a conséquente redistribuido de papéis, como intui Neirynck, “Tradition and Rédaction in John XX, 1-18”, p. 362; o evangelista reelabora os dados, colo­cando muito de sua criatividade. [↑](#footnote-ref-1109)
1109. Cf. Rigaux, *Dio Tha risuscitato,* p. 293; Schneiders, “The Face Veil”, p. 95. [↑](#footnote-ref-1110)
1110. Enviamos o leitor para a ampia bibliografía, da quai salientamos os seguin- tes trabalhos: L. Vaganay, “La finale du Quatrième Évangile”, *RB* 45 (1926) 512-528; M. Ê. Boismard, “Le chapitre 21 de Jean: Essai de critique littéraire”, *RB* 54 (1947) 473-501; G. Ghiberti, “Missione e Primato di Pietro secondo Giovanni 21”, in AA.W., *S. Pietro. Atti della XIX Settimana Biblica,* Brescia, 1967, p. 167- 214; R. E. Brown, “John 21 and the First Appearance of the Risen Jesus to Peter”, in É. Dhanis (ed.), *Resurrexit. Actes du Symposium International sur la Résurrection de Jésus,* Roma, 1970, Città del Vaticano, 1974, p. 246-260; P. S. Minear, “The Original Functions of John 21”, *JBL* 102 (1983) 85-98; I. De la Potterie, “Le té­moin qui demeure: Le disciple que Jésus aimait”, *Biblica* 67 (1986) 343-348; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 253-259; Claudel, *La Confession de Pierre,* p. 111-132; S. S. Smalley, “The Sign in John XXI”, NTS 20 (1973-74) 275-288; G. M. Natole, “Pe­dro y el Discípulo Amado en Juan 21,1-25”, *EstBib* 52 (1990) 162-165; P. F. Ellis, “The Authenticity of John 21”, *SVlad* 36 (1992) 17-25; G. Sánchez Mielgo, “Ecle- [↑](#footnote-ref-1111)
1111. Mas nao existem evidencias que indiquem que o corpo do evangelho tivesse circulado sem o capitulo 21. Cf. Westcott, *St. John,* p. 299; Minear, “The Original Functions of John”, p. 86. [↑](#footnote-ref-1112)
1112. A intervengo de um redator na composi^ao do capítulo 21 é hoje ampia- mente reconhedda, mas uma ulterior especificado é extremamente difícil, se nao impossível. Varias divergencias lingüísticas e de estilo podem ser salientadas no capítulo 21 em relagáo aos capítulos 1-20. Entretanto, muitos estudiosos asseve- ram, de modo suficiente, que nao existem vocábulos novos ou diferen^as estilísticas que nao possam ser explicadas pela necessidade de apresentar um material ou um tema inteiramente novo. Em todo caso, estes estudos acerca do estilo e da termino­logía nao bastam para deddir sobre a questao, embora muitos assumam clara po- sipao. A. Shaw, “Image and Symbol in John 21”, *ExpTim* 86 (1974-75) 311, exami­na as imagens e os simbolismos usados neste capítulo, comparando-os com o corpo do evangelho, e concluí que isto “may underline the belief that the chapter is an ad­dition and may lead us to think that it is the product of a different mind”. Numa posipao oposta está Lindars, *John,* p. 622, que, considerando insuficiente a de­monstrado literaria, ere que pode reconhecer em Jo 21 a mesma máo que compos o resto do evangelho. Cf. as diversas posipoes de: Boismard-Lamouille, *Jean, p.M&AXT,* Freed, “Variations in the Language and Thought of John”, p. 167-197; Schlatter, *Johannes,* p. 363; G. Reim, “Johannes 21: Ein Anhang?”, in J. K. Elliot (ed.), *Studies in New Testament Language and Text,* Leiden-Brill, 1976, p. 330-345; Mahoney, *Two Disciples at the Tomb,* p. 12; S. B. Marrow, *John 21: An Essay in Johannine Ecclesiology,* Roma, 1968, p. 23-25; J.M. Perry, “The Evolution of the Johannine Eucharist”, *NTS* 39 (1993) 22-35. [↑](#footnote-ref-1113)
1113. Cf. T. Wiarda, “John 21,1-23: Narrative Unity and its Implications”, *JStNT* 46 (1992) 53. [↑](#footnote-ref-1114)
1114. Ghiberti, “Missione e Primato di Pietro”, p. 167-168; Barrett, *John,* p. 479-485. [↑](#footnote-ref-1115)
1115. Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 391-392. É Delebecque, “La mission de Pierre et celle de Jean: Note philologique sur Jean 21”, *Biblica* 67 (1986) 338-339, integra o versiculo 1 à primeira parte, de modo que, além da conclusâo (v. 24-25), vê as très partes como sendo constituidas pelos versiculos 1-14; 15-19 e 20-23. La Potterie, “Le témoin qui demeure”, p. 349, e Napole, “Pedro y el Discipulo Ama­do”, p. 172-173, também dividem o capitulo em très partes, mas estendem a ùltima parte até o versiculo 25. [↑](#footnote-ref-1116)
1116. Cf. C. Roberts, “John 20,30-31 and 21,24-25”, *JTS* 38 (1987) 409-410. La Potterie, “Le témoin qui demeure”, p. 347-348, reconhece que esta conclusâo foi construida como imitaçâo e desenvolvimento de 20,30-31. Estas duas conclusôes formant um paralelismo quiâstico: A (20,30) B (20,31) B’ (21,24) A’ (21,25), de mo­do que temos uma dialética entre os dois membros: o que o discipulo escreveu no seu evangelho (B-B’) e o que nâo foi escrito (A-A’). [↑](#footnote-ref-1117)
1117. Cf. Westcott, *St. John,* p. 299; Rigaux, *Dio Tha risuscitato,* p. 332; Bultmann, *John,* p. 702; Barreto, *John,* p. 479; Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 552; Mateos- Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 836; Brown, *The Gospel,* II, p. 1083; Caba, *Resu- citô Cristo,* p. 258-259; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 598- 599; Lagrange, *Jean,* p. 521.527; Poppi, *Sinossi,* p. 537; Segalla, *Giovanni,* p. 472; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 471; L. Hartman, “An Attempt at a Text-centered Exegesis of John 21”, *ST* 38 (1984) 31. [↑](#footnote-ref-1118)
1118. As diferenpas entre os autores dizem respeito sobretudo à posilo dos versi­culos 18-19; alguns os consideram como constituindo unidade com os versiculos 15-17, outros com os versiculos 20-23. [↑](#footnote-ref-1119)
1119. Cf. 3,22; 5,1; 6,1; 7,1. [↑](#footnote-ref-1120)
1120. Cf. Barrett, *John,* p. 481; Poppi, *Sinossi,* p. 538. [↑](#footnote-ref-1121)
1121. Cf. Cara, *Resucitó Cristo,* p. 260; Rigaux, *Dio Tha risuscitato,* p. 334; Brown, *The Gospel,* II, p. 1083; Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 393; Segalla, *Gio­vanni,* p. 472; Poppi, *Sinossi,* p. 538. [↑](#footnote-ref-1122)
1122. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 566-567. [↑](#footnote-ref-1123)
1123. Cf. Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p. 393. [↑](#footnote-ref-1124)
1124. Smalley, “The Sign in John XXI”, p. 281: “The catch of fish and the recalling of Peter belong together and must be interpreted together”. Cf. também Hartman, “An Attempt”, p. 32. [↑](#footnote-ref-1125)
1125. O verbo (pavEpôœ é usado nove vezes em Joáo (ele aparece somente très vezes em Marcos e nenhuma nos demais evangelhos), das quais très vezes nesta perícope: duas vezes no versículo 1 e urna vez no 14. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 288. [↑](#footnote-ref-1126)
1126. Wiarda, “John 21,1-23”, p. 57: “...the writer immediately highlights Peter. Though seven disciples are mentioned, it is Peter who heads the list (v. 2) and he who decides to go fishing (v. 3)”. [↑](#footnote-ref-1127)
1127. Esta e a unica vez que tai denominate aparece no quarto evangelho. Joao nao se refere, nos capitulos anteriores, a estes dois discipulos nem com esta deno­minate. nem com os nomes de Tiago e Joao, conhecidos dos sinoticos. [↑](#footnote-ref-1128)
1128. Lagrange, *Jean,* p. 523. [↑](#footnote-ref-1129)
1129. J. Hausleiter, *Zwei Apostel. Zeugen für das loh. Evg.,* 1904, citado por Bultmann, *John,* p. 707. [↑](#footnote-ref-1130)
1130. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 1068. [↑](#footnote-ref-1131)
1131. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 584. [↑](#footnote-ref-1132)
1132. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 894. Estes autores observam que o evangelista näo se refere aqui ao número 12, o quäl denota a comunidade herdei- ra da promessa feita a Israel. [↑](#footnote-ref-1133)
1133. Cf. Bultmann, *John,* p. 707; Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 552. [↑](#footnote-ref-1134)
1134. Cf. Westcott, *St. John,* p. 300; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 263. [↑](#footnote-ref-1135)
1135. Cf. Rigaux, *Dio Tha risuscitato, p. 336.* [↑](#footnote-ref-1136)
1136. Jo 21,2.3.7.11. [↑](#footnote-ref-1137)
1137. Além deste capítulo, o duplo nome aparece em 1,40; 6,8.68; 13,6.9.24.36; 18,10.15.25; 20,2.6. Mateus usa a expressäo Sípov IléTpo«; só urna vez, em 16,16, embora em 4,18 e 10,2 se retira a Pedro dizendo Eípcov ó XEyópEqoc; néxpoc;. Em Me e Le o nome composto aparece somente urna vez, respectivamente em 3,16 e 5,8. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/2, p. 1203. [↑](#footnote-ref-1138)
1138. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 262; Minear, “The Original Functions of John 21“, p. 92. [↑](#footnote-ref-1139)
1139. Cf. Minear, “The Original Functions of John 21”, p. 93. [↑](#footnote-ref-1140)
1140. Cf. Westcott, *St. John,* p. 300; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 262; Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 24. [↑](#footnote-ref-1141)
1141. Cf. Lindars, *John,* p. 625; Brown, *The Gospel,* II, p. 1068. [↑](#footnote-ref-1142)
1142. Boismard, “Le chapitre 21 de saint Jean”, p. 485, classifica este *hapax* como neutro, dizendo que Joáo nao se serve desta expressao no resto do evangelho mas também nao tern a possibilidade de, pelo Novo Testamento, utilizar urna outra ex­pressao no seu lugar. [↑](#footnote-ref-1143)
1143. E. A. McDowell Jr., “Lovest Thou Me? A Study of John 21,15-17”, *RExp* 32 (1935) 430-432. [↑](#footnote-ref-1144)
1144. Cf. Lindars, *John,* p. 625; Brown, “Jo 21 and the First Appearance of the Risen”, p. 246. Westcott, *St. John,* p. 300, acentúa que os discípulos retomam os seus trabalhos ordinarios esperando o sinal que determinaría o futuro deles, nao fe­chando, pois, a questáo na situado presente. [↑](#footnote-ref-1145)
1145. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 523. [↑](#footnote-ref-1146)
1146. Benoit, *Passion et Résurrection,* p. 340; Barrett, *John,* p. 482. Este ùltimo autor admite ser provâvel que o evangelista entenda as palavras de Pedro como ha- vendo um duplo significado, referindo-se à missào apostôlica de pescar homens. [↑](#footnote-ref-1147)
1147. Cf. Grass, *Ostergeschehen und Osterberichte,* p. 76-82; Brown, *The Gospel,* II, p. 1069-1070; Bultmann, *John,* p. 1070. [↑](#footnote-ref-1148)
1148. Cf. Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 397-398. [↑](#footnote-ref-1149)
1149. Esta hipôtese, levantada por A. Harnack, *Texte und Untersuchungen,* Band IX, Heft 2, p. 12.14 — citado por Ghiberti, “Missione e Primato di Pietro”, p. 183, n. 54, —, é também adotada por: Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p.68; Kragerud, *Der Lieblings jünger,* p. 17-18; F. Gils, “Pierre et la foi au Christ Ressuscité (1 Cor 15,3b-5; Lc 24,34; Mc 16,7; Jo 21)”, *ETL* 38 (1962) 17-21. [↑](#footnote-ref-1150)
1150. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 523; Chaplin, *Joäo,* p. 649; D.A. Carson, *The Gospel according to John,* Grand Rapids-MI, 1991, p. 669; G. R. Beasley-Murray, *John,* Waco-TX, 1987, p. 399. [↑](#footnote-ref-1151)
1151. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 554; Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 894-895. [↑](#footnote-ref-1152)
1152. Cf. Caba, *Resucitö Cristo,* p. 262-263; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 584. [↑](#footnote-ref-1153)
1153. Brown, *The Gospel,* II, p. 1069, retém que "... the verb is pleonastic and has no special meaning...”. Cf. também Nolli, *Giovanni,* p. 743. [↑](#footnote-ref-1154)
1154. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 523. [↑](#footnote-ref-1155)
1155. A primeira vez que o evangelista usa o termo nXoïov (6,17) nâo emprega o artigo (t6), que aqui é empregado no sentido de que esta é a barca normalmente usada para pescar. Cf. Westcott, *St. John,* p. 300; Brown, *The Gospel,* II, p. 1069. Lagrange, *Jean,* p. 523, espelhando-se em Lc 5,3, diz que parece que a barca per- tence a Pedro. [↑](#footnote-ref-1156)
1156. Cf. Westcott, *St. John,* p. 300; Chaplin, *Joao,* p. 649. [↑](#footnote-ref-1157)
1157. Cf. Barrett, *John,* p. 482; Westcott, *St. John,* p. 300; Chaplin, *Joao,* p. 650. [↑](#footnote-ref-1158)
1158. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 264; Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 895. [↑](#footnote-ref-1159)
1159. Bernard, *John,* II, p. 696, retém que este é o modo pelo qual, idiomatica­mente, se perguntaria ao pescador ou ao ca<?ador se eie teve sucesso na sua ativi- dade. [↑](#footnote-ref-1160)
1160. Urna pergunta formulada com pq prevé urna resposta negativa. Cf. Blass-Debrunner, Grammatica, § 427,2. [↑](#footnote-ref-1161)
1161. Brown, *The Gospel,* II, p. 1071, constata que os “disciples in thè gospels ne- ver catch anything without thè help of Jesus”. Cf. também McPollin, *John,* p. 226. [↑](#footnote-ref-1162)
1162. 34 O lado direito é considerado o lado da sorte ou da fortuna, corno em Le 1,11; Mt 25,33; Me 16,5. O termo Se^ió^ tem mesmo corno significado secundàrio sorte, fortuna, sucesso. Cf. H. L. Strack-P. Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash,* I, p. 980-981; Sanders, *John,* p.451; Bultmann, *John,* p. 708; Barrett, *John,* p. 482. [↑](#footnote-ref-1163)
1163. Lagrange, *Jean,* p. 524, procurando entender o motivo pelo qual os disci- pulos lan^am mais urna vez a rede, levanta duas possibilidades: isto se daria corno desagravo pelo insucesso deles diante daquela pessoa estranha, ou porque està, com o seu tom decidido, inspirara confian^a. [↑](#footnote-ref-1164)
1164. Este é o ùnico passo joanino em que a preposi^äo Aitò assume um sentido causai. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 210,1. [↑](#footnote-ref-1165)
1165. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 264. [↑](#footnote-ref-1166)
1166. Existem muitas interpreta^oes alegóricas que partem da simbologia repre­sentada pelos vários elementos da narra^ao. Assim, o barco representaría a Igreja crista ou as atividades espirituais dos crentes, ou mesmo os seus esforpos pessoais em favor de Cristo; o fato de ser um só barco exprimiría, juntamente com a rede cheia de peixes (mas que nao se rasga) a perfei^áo e a unidade dos apóstolos de Je­sús; a grande e frutuosa pesca simbolizaría a grande quantidade de pessoas que, com o trabalho dos apóstolos, aderem a Jesús; o mar sería o mundo dos homens, enquanto as redes representariam o poder do evangelho. CLHoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 554; Barrett, *John,* p. 483; Chaplin, *Joáo,* p. 650-651; McPollin, *John,* p. 216; V. Codina, “¡Es el Señor! La parábola del lago (Jn 21)”, *SalT* 76 (1988) 187-193. [↑](#footnote-ref-1167)
1167. Cf. Barrett, *John,* p. 483; Sanders, *John,* p. 445; Mateos-Barreto, *El Evan­gelio de Juan,* p. 897. [↑](#footnote-ref-1168)
1168. Cf. Westcott, *St. John,* p. 300; Lindars, *John,* p. 627; Sanders, *John,* p. 445; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 263. [↑](#footnote-ref-1169)
1169. Cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 1071. [↑](#footnote-ref-1170)
1170. Cf. Ghiberti, “Missione e Primato di Pietro”, p. 184. [↑](#footnote-ref-1171)
1171. Cf. Segalla, *Giovanni,* p. 474. [↑](#footnote-ref-1172)
1172. Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 555; Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 24; Lagrange, *Jean,* p. 524. [↑](#footnote-ref-1173)
1173. Cf. Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 24; Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 164. [↑](#footnote-ref-1174)
1174. Cf. K. H. Rengstorf, *Die Auferstehung Jesus. Form, Art und Sinn der urchristlichen Osterbotschaft,* Witten-Ruhr, 1960, p. 123; Ghiberti, “Missione e Pri- mato di Pietro”, p. 184-185. [↑](#footnote-ref-1175)
1175. Wiarda, “John 21,1-23”, p. 59: “The beloved disciple is the first to recog­nize the risen Lord, but even his cry of recognition is directed specifically to Peter (v. 7a)”. Cf. também: Napole, “Pedro y el Discipulo Amado”, p. 174; A. Shaw, “The Breakfast by the Shore (Jo 21,1-14) and the Mary Magdalene Encounter (Jo 20,11-18) as Eucharistic Narratives”, *JTS* 25 (1974) 16. [↑](#footnote-ref-1176)
1176. Os outros lugares em que este termo aparece no Novo Testamento säo: Me 14,52; Mt 25,36.38.43.44; At 19,16; Tg 2,15, aludindo sempre ä falta de vestuärio, embora näo se refira exclusivamente a completa nudez. Alem destes passos, em 1 Cor 15,37; 2Cor 5,3; Heb 4,13 e Ap 3,17, assume sentido metaforico. [↑](#footnote-ref-1177)
1177. Cf. Poppi, *Sinossi,* p. 538; Brown, *The Gospel,* II, p. 1072. [↑](#footnote-ref-1178)
1178. ’EirevSötns e um *hapax* no Novo Testamento. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 106-107. [↑](#footnote-ref-1179)
1179. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 525; Brown, *The Gospel,* II, p. 1072; Thiede, *Simon Peter,* p. 93; Chaplin, *Joao,* p. 651. [↑](#footnote-ref-1180)
1180. Cf. Thiede, *Simon Peter,* p. 94; Poppi, *Sinossi,* p. 538; Brown, *The Gospel,* II, p. 1072; Westcott, *St. John,* p. 301; Segalla, *Giovanni,* p. 478; Van den Bussche, *Giovanni,* p. 559; Barrett, *John,* p. 483; M. L. Soards, töv ¿7t£v8vTT]v 8i£^<i>aaTO, i)v yäp yvjivö«; (Jo 21,7), *JBL* 102 (1983) 283-284. [↑](#footnote-ref-1181)
1181. Soards, töv ¿jtevSvtqv 8te^d>aaTO, p. 284, diz que Pedro “putting on clothing before diving into the water... can arrive on the shore clothed and properly equipped to perform the religious art of greetings”. [↑](#footnote-ref-1182)
1182. J. Kremer, *Die Osterbotschaft der vier Evangelien,* Stuttgart, 1968, p. 119-120. [↑](#footnote-ref-1183)
1183. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 898. [↑](#footnote-ref-1184)
1184. Agourides, “The Purpose of John 21”, p. 127-128, relaciona a nudez de Pedro com o fato de que ele negara Jesus. [↑](#footnote-ref-1185)
1185. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 263. [↑](#footnote-ref-1186)
1186. Cf. Zerwick-Grosvenor, *A Grammatical Analysis,* p. 346; Lagrange, *Jean,* p. 515; Nolli, *Giovanni,* p. 747; Marrow, *John 21,* p. 31; Soards, tóv éitevSÚTqv öie^dxraTO, p. 283. [↑](#footnote-ref-1187)
1187. Näo aparece em nenhum outro livro do Novo Testamento. Cf. Aland, *Kon­kordanz,* II, p. 70-71. [↑](#footnote-ref-1188)
1188. Cf. supra, cap. 5, p. 136. Hartman, “An Attempt”, p. 39, retém mesmo que este gesto de Pedro prefigura a sua morte. [↑](#footnote-ref-1189)
1189. Segalla, *Giovanni,* p. 474, observa que a pressa é típica de Pedro. [↑](#footnote-ref-1190)
1190. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 748. [↑](#footnote-ref-1191)
1191. Chaplin, *Joäo,* p. 651; Edwards, *John,* p. 180-181, citado por Chaplin. Para estes autores, Pedro possui a intuiçâo «tipo-Maria», enquanto os outros discípulos assumem as preocupaçôes «tipo-Marta», com os aspectos práticos da pesca. [↑](#footnote-ref-1192)
1192. Agourides, “The Purpose of John 21”, p. 128; Mateos-Barreto, *El Evange­lio de Juan,* p. 898. [↑](#footnote-ref-1193)
1193. Bultmann, *John,* p. 702; Brown, *The Gospel,* II, p. 1072. [↑](#footnote-ref-1194)
1194. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 589. Para Schnackenburg, ainda, é como se o narrador dissesse que Pedro tinha algo mais importante com que se preocupar, em vez de cuidar das redes. [↑](#footnote-ref-1195)
1195. D. H. Gee, “Why Did Peter Spring into the Sea? (Jn 21,7)”, *JTS* 40 (1989) 481-489. [↑](#footnote-ref-1196)
1196. Para Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 488.555, ainda, o jogar-se de Pedro ao mar pode ser comparado à adiçâo que Mateus faz à versâo marquina sobre a ca- minhada de Pedro sobre o mar (Mt 14,28-32; Mc 6,45-52), em cuja adiçâo, a cono- taçâo de medo é bastante clara. [↑](#footnote-ref-1197)
1197. Jesus pede aos discípulos que acrescentem aos Seus preparativos algo da pesca deles, e provavelmente o faz em ordern a marcar o dom do Senhor como um dom para ser usado e colocado a serviço. Cf. Westcott, *St. John,* p. 301; Lagrange, *Jean,* p. 527. [↑](#footnote-ref-1198)
1198. Cf. Sanders, *John,* p. 448. [↑](#footnote-ref-1199)
1199. Loisy, *Le Quatrième Évangile,* p. 518-519; Gee, “Why did Peter Spring into the Sea?”, p. 487; Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 891. Estes últimos, po- rém, à página 900, apesar de manterem a correspondência com 21,7, e dizerem que sô agora (21,1 la) Pedro sai da água, vêem um sentido simbólico: “Así como «tirar­se al mar» expresaba su aceptación del servicio hasta la muerte, «subir/salir» del água es señal de la nueva actitud de Pedro”. [↑](#footnote-ref-1200)
1200. Cf. Bultmann, *John,* p. 703. [↑](#footnote-ref-1201)
1201. Este verbo tem primariamente um significado espacial, e exprime a subida de baixo para o alto. Cf. I. Schneider, àvapaivœ, *GLNT*II, col. 16. Além do nosso passo (21,7), o verbo àvapaivœ aparece 15 vezes em Joâo: très vezes se refere à su­bida para Jerusalém (2,13; 5,1; 10,55) e urna vez à subida ao templo (7,16); em cin­co vezes se refere ao subir ou ir à festa (7,8bis; 7, lObis; 12,20); cinco vezes fala do subir para o Pai ou para o céu (1,51; 3,13; 6,62; 20,17bis); urna vez para subir por outro lugar, referindo-se ao falso pastor que nâo passa pela porta (10,7). Este ver­bo aparece ainda 9 vezes em cada um dos très evangelhos sinóticos. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 18. [↑](#footnote-ref-1202)
1202. Très vezes em Joao (6,17; 6,24; 21,3); cinco em Mateus, cinco em Marcos e très vezes em Lucas. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 94. [↑](#footnote-ref-1203)
1203. Apesar destes dados estatisticos, Nolli, *Giovanni,* p. 750, afirma que àvaPaivœ é o verbo que assume esta característica técnica. [↑](#footnote-ref-1204)
1204. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 47. [↑](#footnote-ref-1205)
1205. Cf. Bultmann, *John,* p. 702-703. [↑](#footnote-ref-1206)
1206. Brown, *The Gospel,* II, p. 1074, contra-argumenta que se a rede nâo estava sobre o barco, de algum modo estaría atracada atrás dele e que Pedro poderia subir no barco, desatracá-la e arrastá-la, sempre pelo barco, até a areia. [↑](#footnote-ref-1207)
1207. Bultmann, *John,* p. 703: “W. 9-11 can be understood in a natural way only in the sense that the disciples (along with Peter) drove the ship to land and sprang out, and that Peter, at the command of Jesus, gets on the shore and hauls in the net”. [↑](#footnote-ref-1208)
1208. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 592. [↑](#footnote-ref-1209)
1209. Em todo o Novo Testamento EXkcú ocorre outras très vezes: At 16,19; 21,30; e Tg 2,6. Nestes très casos, assume um significado negativo de obrigar ou constranger (arrastar ao tribunal). Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 94-95. [↑](#footnote-ref-1210)
1210. Cf. Nolu, *Giovanni,* p. 750. [↑](#footnote-ref-1211)
1211. Cf. McPollin, *John,* p. 226. Todavía, em 18,10, diferentemente de 6,44 e 12,32, o verbo EXkoj tem como complemento um objeto inanimado: a espada. [↑](#footnote-ref-1212)
1212. Lightfoot, *John’s Gospel,* p. 342. [↑](#footnote-ref-1213)
1213. Brown, *The Gospel,* II, p. 1074, tende a atribuir a autoridade de Pedro ao fato de que ele poderia ser o dono da barca, como vem atestado em Le 5,3. Mas este, mesmo admitido como certo, é um dado de todo secundario em rela^áo á atividade desenvolvida pelos discípulos, que vai definida objetivamente com ou- tros termos. Além disso, a sua sugestáo fica enfraquecida pelo fato de que a su­bida de Pedro no barco (que Ihe daría mais reconhecimento, caso fosse o dono deste) permanece somente uma das possibilidades em curso. [↑](#footnote-ref-1214)
1214. Cf. M. Laconi, “II fondamento del ministero di Pietro in Gv 21,1-23”, in P.-R. Tragan (ed.), *Fede e Sacramenti negli scritti giovannei. Atti del VI Convegno di Teología Sacramentaría,* Roma, 1965, p. 170. [↑](#footnote-ref-1215)
1215. C. Bultmann, *John,* p. 709. [↑](#footnote-ref-1216)
1216. Embora Westcott, *St. John,* p. 306, diga que nao foram preservadas expli- caQoes sobre este número dadas por Clemente, Irineu, Orígenes, Tertuliano e Ci­priano, Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 556, constata que Orígenes decompoe o 153 em 50 x 3 4- 3, entendendo-o como benpao trinitária. [↑](#footnote-ref-1217)
1217. Hieronymus, *Commentaria in Ezechielem,* XLVII, B-C *(BL* 25,474): “...erunt piscatores, quibus loquitur Dominus Jesús: venite ad me, et faciam vos piscatores hominum: de quibus et Jeremías: Ecce ego, inquit, mittam piscatores. Et plurimae species, immo genera piscium erunt in mari quondam mortuo. Quos pis­ces ad dexteram partem jubente Domino extraxit Petrus, et erant centum quinqua­ginta tres: ita ut prae multitudine eorum retia rumperentur. Aiunt autem qui de animantium scripsere naturis et proprietate, qui áXiEVTucá tam latino, quam Grae­co dedicere sermone, de quibus Oppianus Cilix est, poeta doctissimus, centum quinquaginta tria esse genera piscium quae omnia capta sunt ab apostolis, et nihil remansit incaptum, dum et nobiles et ignobiles, divites et pauperes, et omne genus hominum de mari hujus saeculi extrahitur ad salutem”. [↑](#footnote-ref-1218)
1218. Todavia, R. Grant, “One Hundred Fifty-three Large Fish (John 21,11)“, *HTR* 42 (1949) 273-275, contesta Jeronimo dizendo que Opiano elenca 153 tipos de peixes, mas declara que, na verdade, os generos de peixes sao infinitos. [↑](#footnote-ref-1219)
1219. Augustinus, *Tractatus in Iohannis Evangelium,* CXXII,8-9 *(PL* 35,1963- 1964): “Cum itaque Legis denario Spiritus sanctus per septenarium numerum acce­dit, fiunt decem et septem: qui numeras ab uno usque ad seipsum computatis omni­bus crescens, ad centum quinquaginta tres pervenit. Ad unum enim si adjicias duo, fiunt tres; his si adjicias tres et quatuor, fiunt omnes decem; deinde si adjicias om­nes numeros qui sequuntur usque ad decem et septem, ad supradictum numerum summa perducitur; id est, si ad decem, quo ab uno usque ad quatuor perveneras, addas quinque, fiunt quindecim: his addas sex, et fiunt viginti unum; his addas sep­tem, et fiunt viginti octo; his addas octo et novem et decem, et fiunt quinquaginta quinque; his addas undecim et duodecim et tredecim, et fiunt nonaginta unum; his rursum quatuordecim et quindecim et sexdecim, et fiunt centum triginta sex! huic numero adde illum qui restat de quo agitur, id est decem et septem, et piscium nu­merus ille complebitur. Non ergo tantummodo centum quinquaginta tres sancti ad vitam resurrecturi significantur aeternam, sed millia sanctorum ad gratiam Spiritus pertinentium (...). Non igitur frustra dicti sunt hi pisces et tot et tanti, id est et cen­tum quinquaginta tres et magni”. [↑](#footnote-ref-1220)
1220. Gregorius Magnus, *Homilia* XXIV,4 *(PL* 76,1186): “Scitis namque quod in Veteri Testamento omnis operatio per Decalogi mandata praecipitur, in Novo autem ejusdem operationis virtus per septiformem gratiam sancti Spiritus multipli­catis fidelibus datur... Quia ergo septem quae superius diximus, per Novum Testa­mentum latius data sunt, decem vero per Vetus praecepta, omnis nostra virtus et operatio per decem et septem potest plene comprehendi. Ducamus ergo per trigo­num decem et septem, et veniunt ad quinquaginta unum. Qui profecto numerus a magno mysterio non vacat, quia in Testamento Veteri legimus quod annus quin­quagesimus jubileus vocari jussus est (Lev. XXV,11)... Ducamus ergo et trigonum quinquaginta et unum, ut fiant centum quinquaginta tres. Quia ergo omnis nostra operatio in fide Trinitatis exhibita ad requiem tendit...”. [↑](#footnote-ref-1221)
1221. Cyrillus Alexandrinus, *Commentarium in Iohannis Evangelium^* XII, C-D *(PG* 74,1117): “nXqp6oxaxog yap 6 6Kaxdv dpiOpdg 6k 8£Kd8©v 86xa ouyKsipeqog. Toiydpxoi Kai adxdg 6 Kupiog f|p6v Tqoouc; 6 Xpioxdt; itox6 p6v 6Kaxdv £lvai cpqcn xd 6nap%ovxa aux^ npdpaxa, xd xeXEiax; 6%£iv 6v dpiOjup xd XoyiKd Kxiopaxa 8id xouxou 8qX©v, nox6 86 yfjv xi|v dpioxqv pKapno<popf|0£iv Suoxupioaw, xd x6Xeiov eOxapnocpopiav xffc doiag yuxffc 5ia xouxou oqpaivov. Tou 86 ye nevxqKOvxa napaxi06vxo<; filt; vdqoiv olovei xd Kax’6KXoyf|v Zeippa xdpixog x©v 6£ lopaf)A.. \*Ev i^piaei ydp x© ¿Kaxdv xd n£VXT|Kovxa Kai ZEinsxai xou xsteiou npog dpiOpdv. T©v 86 y£ xpi©v EioKopi^Eiv 8uvap6v©v xfjg dyiag xe Kai dpoouoiou Tpid8o<;...”. [↑](#footnote-ref-1222)
1222. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 592-593. [↑](#footnote-ref-1223)
1223. P. Vulliaud, *Les textes fondamentaux de la Kabbale,* Paris, 1933, p. 33-34; R. Eisler, *The Fisher,* 1921, p. 111-112, citado por Bultmann, *John,* p. 709; J. A. Emerton, “The Hundred and Fifty-three Fishes in Joh XXI,H”, *JTS* 9 (1958) 86-89; 11 (1960) 335-336; P. R. Ackroyd, “The Hundred and Fifty-three Fishes in Joh XXI,11”, *JTS* 10 (1959) 94; H. Kruse, “Magni pisces centum quinquaginta très”, *VD* 38 (1960) 129-148; J. A. Romeo, “Gematria and John 21 - The Children of God”, *JBL* 97 (1978) 263-264; B. Grigsby, “Gematria and John 21,11 - Another Look at Ezekiel 47,10”, *ExpTim* 95 (1983) 177-178. [↑](#footnote-ref-1224)
1224. Vulliaud, *Les textes fondamentaux,* p. 33. [↑](#footnote-ref-1225)
1225. Eisler, *The Fisher,* p. 111. [↑](#footnote-ref-1226)
1226. Kruse, “Magni pisces”, p. 143. [↑](#footnote-ref-1227)
1227. Brown, *The Gospel,* II, p. 1075, e Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 593, consideram uma especulaçâo basear a gematria numa expressâo que nâo ocorre jamais no quarto evangelho. [↑](#footnote-ref-1228)
1228. Hoskins, *The Fourth Gospel,* p. 553-554. [↑](#footnote-ref-1229)
1229. Mateos-Barreto, *El Evangelic de Juan,* p. 901. [↑](#footnote-ref-1230)
1230. Para isto, cf. Brown, *The Gospel,* II, p. 107+1076. [↑](#footnote-ref-1231)
1231. A mençào de que os peixes sao grandes enfatiza o caráter impressionante da pesca. Além disso, e considerando que 153 nao é um número redondo, pode transparecer a preocupaçâo do evangelista em mostrar que estes dados sao trans­mitidos por um testemunho ocular. A este propósito, cf. Chaplin, *Joào,* p. 653; Kruse, “Magni pisces”, p. 130; Marrow, *John 21,* p. 32; McPollin, *John,* p. 225; Brown, *The Gospel,* II, p. 1076. [↑](#footnote-ref-1232)
1232. Cf. C. Maurer, cxiÇœ, *GLNTXIH,* col. 430-431. [↑](#footnote-ref-1233)
1233. No Novo Testamento, existo aparece ainda 2 vezes em Mt, 2 em Me, 3 em Le e 2 em At. Nos sinóticos o sentido é sempre de lacerar ou romper alguma coisa, enquanto nos Atos é usado no sentido de separar tuna comunháo de caráter indivi­dual. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 270-271; Maurer, oxiÇœ, col. 434. [↑](#footnote-ref-1234)
1234. Urna outra interpretaçâo comumente dada a este passo atribuí à veste um símbolo do caráter sacerdotal de Jesús. Esta interpretaçâo nâo incide tanto sobre o fato de os soldados nâo dividirem a túnica, como no dado de que ela é única. Esta segunda interpretaçâo é confutada amplamente por I. De la Potterie, “La tunique sans couture, symbole du Christ grand prêtre?”, *Bíblica* 60 (1979) 255-269. A interpretaçâo que vê aqui a unidade da Igreja é muito antiga, e ressai à época patrística. Sobre esta interpretaçâo, cf. M. Aubineau, “La tunique sans couture. Exégèse patristique de Jean 19,23-24”, in P. Grandfield-J. A. Jungmann (ed.), *Kyriakon. Festschrift Johannes Quasten,* Munster, 1970, I, p. 100-127; I. De la Potterie, “La tunique non divisée de Jésus, symbole de l’unité messianique in «the New Testament Age»”, in W. C. Weinrich (ed.), *The New Testamentage. Essays in Honor of Bo Reicke,* Mâcon, 1984, p. 127-1380; Id., *Exegesis* /P *Evangelii,* p. 152- 158; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 442-443; Barrett, *John,* p. 458-459. [↑](#footnote-ref-1235)
1235. Segundo Joao; a Igreja nasce no Calvàrio. Cf. M. Thurian, *Marie, Mère du Seigneur, figure de T Eglise,* Taisé, 1962, p. 231-241; La Potterie, *La Passione di Gesù,* p. 115-133; Id., “La parole de Jésus «Voici ta Mère»”, p. 35-39; Id., “Et à partir de cette heure”, p. 118-119. [↑](#footnote-ref-1236)
1236. Làconi, “Il fondamento del ministero di Pietro”, p. 170-171: “Il particolare della «rete» trascinata da Pietro, che «non si spezzò», nonostante la moltitudine dei pesci (v. 11), nel contesto generale della «pesca» apostolica e del clima ecclesiale, può benissimo assumere un significato preciso anche a questo riguardo: la guida di Pietro è una garanzia perché la chiesa, pur formata da tanti popoli, mantenga Puni­ta voluta da Cristo”. [↑](#footnote-ref-1237)
1237. Esta relaçâo é indicada também, embora por um àngulo inverso, por Hartmann, “An Attempt”, p. 38: “The flock belongs to Jesus, and Peter replaces Jesus as its shepherd. It becomes natural to regard Peter’s hauling the net ashore in v. 11 as intimating the same responsability...”. [↑](#footnote-ref-1238)
1238. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 230-231. [↑](#footnote-ref-1239)
1239. Assim o consideram: Barrett, *John,* p. 486; Bultmann, *John,* p. 712; Westcott, *St. John,* p. 307; Sanders, *John,* p. 453. [↑](#footnote-ref-1240)
1240. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 267. [↑](#footnote-ref-1241)
1241. B. Schwank, “Christi Stellvertreter: Joh 21,15-25”, *SeinSend* 12 (1964) 532. [↑](#footnote-ref-1242)
1242. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 910. [↑](#footnote-ref-1243)
1243. Lightfoot, *John 's Gospel,* p. 340. [↑](#footnote-ref-1244)
1244. Westcott, *St. John,* p. 302. [↑](#footnote-ref-1245)
1245. A maioria dos exegetas colhe esta relaçao entre os dois passos. Cf.: Lagrange, *Jean,* p. 529; Westcott, *St. John,* p. 302; Coulot, “Pierre dans la tradition johannique”, p. 25; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 401; Caba, *Resucitô Cristo,* p. 285; M.T. Winstanley, “The Shepherd Image in the Scriptures. A Paradigm for Christian Ministry”, *CleR* 71 (1986) 203. [↑](#footnote-ref-1246)
1246. Wiarda, “John 21,1-23”, p. 60-65, considera que existe, aqui, uma tensäo entre a atividade da pesca, feita por Pedro, e o seu seguimento de Jesus, e que ao empregar tais palavras, Jesus estaria exigindo de Pedro uma tomada de decisäo: ou Ele, ou a profissao. [↑](#footnote-ref-1247)
1247. Como observa Bultmann, *John,* p. 711, n. 3, “when it comes to the object of the love of a disciple, the Risen Lord stands beyond any rivalry”. Cf. tambem Brown, *The Gospel,* II, p. 1103. [↑](#footnote-ref-1248)
1248. 14<s Cf. Barrett, *John,* p. 486; Westcott, *St. John,* p. 302; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 480. [↑](#footnote-ref-1249)
1249. Cf. Me 14,29; Mt 26,33; Jo 13,23-26; 19,26; 20,2; 21,21. [↑](#footnote-ref-1250)
1250. Cf. Chaplin, *Joao,* p. 528-529; Karavidopoulos, “Le role de Pierre”, p. 24. Para este ultimo, a triplice pergunta de Jesus vincula-se ä promessa de Pedro — que, em 13,37, promete dar a vida por Jesus — e nao atribui a Pedro algum lugar de destaque. [↑](#footnote-ref-1251)
1251. 140 Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 599-600. [↑](#footnote-ref-1252)
1252. Cf. Barrett, *John,* p. 486. [↑](#footnote-ref-1253)
1253. Cf. Poppi, *Sinossi,* p. 539. [↑](#footnote-ref-1254)
1254. Bultmann, *John,* p. 711; e nisto e seguido por Brown, *The Gospel,* II, p. 1104, que considera esta a melhor solu^ao para o problema. [↑](#footnote-ref-1255)
1255. Cf. Sanders, *John,* p. 453. [↑](#footnote-ref-1256)
1256. McPollin, *John,* p. 227: “... the repeated question and answer do not imply Jesus’ doubts about Peter but rather that Peter’s love for him is earnest and that he has the devoted love which is the heart of true discipleship”. [↑](#footnote-ref-1257)
1257. Cf. Schnacken bürg, *Giovanni,* III, p. 604; Barrett, *John,* p. 486. [↑](#footnote-ref-1258)
1258. K. L. McKay, “Style and Signifîcance in thè Language of John 21,15-17“, *NT* 27 (1985) 319, observa que é possivel que yivcbcnceiç tenha sido introduzido por urna variaçâo estilística, o que näo quer dizer, todavía, que näo exista também urna nuança na significaçâo; e esta visa, segundo ele, justamente, a sublinhar o tom emocional do passo. Cf. Ibid., p. 324. [↑](#footnote-ref-1259)
1259. Cf. Rigaux, *Dio Tha risuscitato,* p. 338. [↑](#footnote-ref-1260)
1260. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 268. Sobre as nuanças que existem entre os verbos olôa e yivàvK©, cf. supra, cap. 7, p. 237-238. Ver também: La Potterie, olôa et ytv©VK©, p. 713-715; C. SPICQ, *Agapè dans le Nouveau Testament. Analyse des textes,* III, Paris, 1959, p. 235-236. [↑](#footnote-ref-1261)
1261. Cf. Westcott, *St. John,* p. 303; O. Glombitza, “Petrus, der Freund Jesu. Überlegungen zu Joh XXI,15fT’, *NT* 6 (1963) 280. [↑](#footnote-ref-1262)
1262. Orígenes, *Selecta in Threnos,* 1,2 *(PG* 13,612). [↑](#footnote-ref-1263)
1263. Ambrosius, *Expositio Evangelii secundum Lucam,* X, 176 *(PL* 15,1942): “In quo videtur mihi dilectio habere animi charitatem, amor quemdam aestum concep­tum corporis ac mentis ardore”. [↑](#footnote-ref-1264)
1264. Cf. Westcott, *St. John,* p. 303. [↑](#footnote-ref-1265)
1265. Cf. R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament,* London, 1894, p. 41. [↑](#footnote-ref-1266)
1266. Cf. Abbott, *Vocabulary,* n° 1-4; 240-242; 257-269. [↑](#footnote-ref-1267)
1267. 186 Podemos citar: Lagrange, *Jean,* p. 529; Bernard, *John,* II, p. 702-704; Sanders, *John,* p. 453; Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 558; Bultmann, *John,* p. 711; Barrett, *John,* p. 486; Brown, *The Gospel,* II, p. 1102-1103; Poppi, *Sinossi,* p. 539; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 480; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 601; Freed, “Variation in the Language and Thought of John”, p. 192-193; Bauer, *Greek-English Lexicon,* p. 4-5.866-867. [↑](#footnote-ref-1268)
1268. Cf. Ghiberti, “Missione e Primato di Pietro”, p. 199; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 268; Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 911; McKay, “Style and Significance”, p. 319-323; Spicq, *Agape,* p. 218-235. [↑](#footnote-ref-1269)
1269. Todos os sinóticos o trazem 26 vezes. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 2.

      149 No entanto, näo se pode dizer, sem mais, que o significado que Joäo atri­buí a estes termos seja o mesmo do Novo Testamento ou da Koiné, em geral, onde o uso, em continuando com o do Grego Clásico, é extremamente diversificado, po- [↑](#footnote-ref-1270)
1270. Jo 21,15.16.17 (3x). [↑](#footnote-ref-1271)
1271. Cf. Spicq, *Agape,* p. 218-220. [↑](#footnote-ref-1272)
1272. Nao é necessàrio considerar aqui um dos problemas centrais de 3,31-36, que diz respeito a quem os pronuncia. Sobre isto, cf. R. Schnackenburg, “Die «si- tuationgelòsten» Redestiicke in Joh 3”, *ZNW* 49 (1958) 88-89. [↑](#footnote-ref-1273)
1273. Segundo o modo de falar frequente entra os semitas, a mào é simbolo do poder e da autoridade. Cf. Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 124. [↑](#footnote-ref-1274)
1274. Cf. Brown, *The Gospel,* I, p. 214.218-219. [↑](#footnote-ref-1275)
1275. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 133. [↑](#footnote-ref-1276)
1276. Vanni, *Giovanni,* p. 137: “In che consiste questo amore? Non è certo un semplice affetto di amicizia, un affiatamento umano. Gesù pone questo amore a un livello immensamente più alto, quando lo collega con la vita secondo la nuova Leg­ge da Lui promulgata e con l’invio dello Spirito Santo. È un amore che si inserisce come elemento condizionante sul piano dell’opera messianica di Gesù”. [↑](#footnote-ref-1277)
1277. Referèncias as amor de Jesus e ao convite a observar os seus mandamentos ou a sua palavra recorrem très vezes (14,15.21.23) e, segundo Brown, *The Gospel,* II, p. 642, “in each instance there is a promise that a divine presence will come to those who meet thè demand”. [↑](#footnote-ref-1278)
1278. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 136; Vanni, *Giovanni,* p. 142-143. [↑](#footnote-ref-1279)
1279. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 259-260. [↑](#footnote-ref-1280)
1280. Em 11,11 Jesus se refere a Lázaro como ó tpíXog. [↑](#footnote-ref-1281)
1281. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 534. [↑](#footnote-ref-1282)
1282. Spicq, *Agape,* p. 223, diz que Marta e Maria colocam no termo (piXeic; (v. 3) toda a afetividade, sensibilidade e angustia que sentem naquele momento. [↑](#footnote-ref-1283)
1283. Spicq, *Agape,* p. 223, observa, aínda, que o evangelista usa áyaTráw no im- perfeito, confirmando, por um lado, o presente (ptXeíq do versículo 3, e sugerindo, também, que a preocupado das irmas tinha fundamento e que Jesus entenderá bem o sentido daquele apelo feito de corado. [↑](#footnote-ref-1284)
1284. Depois que recebe a noticia sobre a doenpa de Lázaro, Jesus permanece dois dias no lugar em que se encontrava. Cf. Jo 11,6. [↑](#footnote-ref-1285)
1285. Cf. R. Frieling, *Agape. Die göttliche Liebe im Joannes-Evangelium,* Stutt­gart, 1936, p. 30-31. [↑](#footnote-ref-1286)
1286. Cf. D. Merli, “Lo scopo della risurrezione di Lazzaro in Giov. 11,1-44”, *BbbOr* 12 (1970) 66-67. [↑](#footnote-ref-1287)
1287. Neste sentido, o uso de dyandco no versículo 5 é urna correado da emofdo excessivamente humana á qual Marta e María se entregaram. Cf. Spicq, *Agape,* p. 224; Merli, “Lo scopo della risurrezione di Lazzaro”, p. 67. [↑](#footnote-ref-1288)
1288. Cf. Spicq, *Agapé,* p. 31. [↑](#footnote-ref-1289)
1289. ,9S Cf. J.N. Sanders, “Those whom Jesus Loved - John XI,5”, *NTS* 1 (1954- 55) 33. [↑](#footnote-ref-1290)
1290. O mesmo Sanders, no ensaio “Who Was the Disciple whom Jesus Loved?”, in F. L. Cross (ed.). *Studies in the Fourth Gospel,* London, 1957, p. 72-82, distingue dois discípulos: aquele que é descrito com dyand® (13,23; 19,26; 21,7.20) é identifica­do com Lázaro, enquanto aquele descrito com «ptXéco (20,2) é Joáo Marcos, Anal­mente estabelecido em Éfeso, e que teria publicado o evangelho a partir de escritos de Lázaro. Contra esta hipótese também, basta o que diz Barrett, *John,* p. 467: “There is no reference to a second «beloved disciple»”. [↑](#footnote-ref-1291)
1291. Cf. Barrett, *John,* p. 467. [↑](#footnote-ref-1292)
1292. refere ao Filho e ao Pai. Cf. supra, cap. 5, p. 164-165. Além disso, estes passos deixam transparecer também urna predileçâo recíproca: o Discípulo Amado nao hesita em perguntar a Jesus o que poderia ser indiscreto, em 13,23, e se pôe a seguir Jesus e Pedro sem ser convidado, em 21,20. Cf. Spicq, *Agapé,* p. 228. [↑](#footnote-ref-1293)
1293. Cf. La Potterie, “Et à partir de cette heure”, p. 120.124. [↑](#footnote-ref-1294)
1294. Somente urna vez, na fórmula estereotipada sobre o discípulo que Jesus amava, esta distinçâo nâo se verifica assim claramente. [↑](#footnote-ref-1295)
1295. Como resumem Zerwick-Grosvenor, *A Grammatical Analysis,* p. 347: “qnXé© have affection for, love, approximating closely to àyanâœ, but more instinctive and affective whereas áyanáco contains an element of intellect and will”. [↑](#footnote-ref-1296)
1296. Cf. Westcott, *St. John,* p. 303; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 268; Spicq, *Agapè,* p. 234. [↑](#footnote-ref-1297)
1297. Cf. Spicq, *Agapè,* p. 235. [↑](#footnote-ref-1298)
1298. Sobre a reflexào sobre os sentimentos, cf. F. Desiderio, *O Reencontro: anà- lise das relafdes do individuo consigo e com os outros,* Sào Paulo, 1980, p. 18-73. [↑](#footnote-ref-1299)
1299. Làconi, “Il fondamento del ministero di Pietro”, p. 176: “È significativo che solo dopo la terza risposta Gesù si dimostri soddisfatto e cessi di interrogare. Infatti nelle due prime Pietro si è limitato ad affermare il suo amore («certo, Signo­re»), sia pure appellandosi alla «conoscenza» di Gesù («tu lo sai»); ma nella terza sembra perdere ogni sicurezza e abbandonarsi totalmente, esclusivamente, alla «co­noscenza» di Gesù: «Tu sai tutto, tu sai che ti amo»”. [↑](#footnote-ref-1300)
1300. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 268. [↑](#footnote-ref-1301)
1301. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 56.226-227. [↑](#footnote-ref-1302)
1302. As discussoes sobre o significado destes termos sao normalmente associa- das com aquela referente aos dois verbos relativos a amar, também presentes nestes versículos, áyaTtáco e <piXé<D. Os autores que consideram que estes termos sao inter- cambiáveis, tendem, também, a considerar que entre pócncco e noipaívco, como en­tre ápvíov e npópawv, existe urna rela^áo sinonímica; os autores que fazem uma diferencia^ao no significado daqueles termos também tendem a diferenciar aqui (salvo exce^óes como McKay, “Style and Significance”, p. 332). Sobre estes auto­res, cf. supra, p. 285, n. 166. [↑](#footnote-ref-1303)
1303. Cf. Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 322-323; Stephano, *Thesaurus,* III, p. 334- 335; Chantraine, *Dictionnaire Étymologique,* p. 185-186; Bauer, Greek-English Lexicon, p. 144. [↑](#footnote-ref-1304)
1304. Cf. Homero, *Odisséia,* 11,365; 14,102; Aristóteles, *Historia Animalium,* 540a 18; FlAvio Josèfo, *Antiguidade Judaica,* 6,254. Cf. Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 1429. [↑](#footnote-ref-1305)
1305. Homero, *Iliada,* 5,162; Id., *Odisséia,* 21,49; Aristóteles, *Historia Anima­lium,* 591a16; FlAvio Josefo, *Guerra Judaica,* 6,153. Cf. Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 1429-1430. [↑](#footnote-ref-1306)
1306. Chantraine, *Dictionnaire Étymologique,* p. 924: “Ce mots (KOipaivœ, 7coipf|v) appartiennent à une racine significant «garder, protéger» qui a souvent un sens pastoral”. [↑](#footnote-ref-1307)
1307. Homero, *Iliada,* 6,25; 11,106; 11,245. Cf. Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 1430. [↑](#footnote-ref-1308)
1308. Cf. Stephano, *Thesaurus,* VII, p. 1317; Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 1430; Chantraine, *Dictionnaire Étymologique,* p. 924; Bauer, *Greek-English Lexicon,* p. 144-145. [↑](#footnote-ref-1309)
1309. Em Mt 8,30.33; Mc 5,11.14 e Le 8,32.34. Mateus se refere a dois endemoninhados e o episodio é situado na “regiäo dos gadarenos”. Em Marcos e Lucas se trata somente de um endemoninhado, e a regiäo é chamada de “dos gerasenos”. A respeito da relaçâo entre os très passos, cf. P. Lamarche, “Le possédé de Gerasa (Mt 8,28-34; Me 5,1-20; Le 8,26-36)”, NRT 90 (1968) 581-597; F. Annen, *Heil für die Heiden. Zur Bedeutung und Geschichte der Tradition vom besessenen Gerasener. Mk 5,1-20, par,* Frankfurt, 1976. [↑](#footnote-ref-1310)
1310. Cf. Zerwick-Grosvenor, *A Grammatical Analysis,* p. 24-25.116.208. [↑](#footnote-ref-1311)
1311. rioipaívü), além do nosso passo, ocorre urna vez em Mt, Le, At, 1 Cor, 1 Pt, Jd, e 4 vezes no Apocalispe. Cf. Aland, *Konkordanz,* II, p. 226-227. [↑](#footnote-ref-1312)
1312. Numa citado de Miq 5,1. [↑](#footnote-ref-1313)
1313. No Antigo Testamento, os passos que trazem noipaívco estao distribuidos de modo desigual. Ele se encontra principalmente no Pentateuco, nos Profetas e nos Salmos. No Saltèrio (23,1-4; 28,9; 68,8; 74,1; 77,21; 78,52; 79,13; 80,2; 95,7; 100,3; 121,4) e ñas profecías de consolado pelo exilio (Jer 23,3; 31,10; 50,19; Ez 34,11-22; Is 40,10-11; 49,9-10; Miq 4,6-8; 7,13) ele aparece com grande freqüéncia, constituindo-se numa ótima imagem do quanto Israel se sente seguro guiado por Deus. Cf. J. Jeremías, KOtpf|v, *GLNT^* col. 1198; E. Bosetti, // *Pastore. Cristo e la chiesa nella prima lettera di Pietro,* Bologna, 1990, p. 227-236. [↑](#footnote-ref-1314)
1314. Sao numerosos os textos que falam da relagao entre Deus e o povo, fazen- do explícita referencia à metáfora pastoral. Deus vem, por exemplo, apresentado como o pastor que está á frente de seu rebanho (SI 68,8) e o guia (SI 23,3); o con- duz ás pastagens (Is 40,11; 49,10; SI 23,2; 80,2; Jer 50,19); aos lugares de repouso, perto da fonte (SI 23,2); protege-o com o bastáo (SI 23,4); chama as ovelhas perdi­das (Zac 10,8; Jz 5,16) e as reúne (Is 56,8). Cf. Jeremías, KoqiT|v, col. 1197. [↑](#footnote-ref-1315)
1315. Cf. Jer 2,8; 23,2-3; 31,10; Ez 34,1-10.11-22; Miq 4,6; 5,3. [↑](#footnote-ref-1316)
1316. Os LXX nao fazem distingo entre estes dois verbos; ambos (Póokcd 24 ve­zes e noipaív® 45 vezes) servem para traduzir o termo H3H que quer dizer apas­centar, alimentar, e é usado tanto em sentido pròprio (por exemplo: Gn 37,2; Ex 3,1; 5,17; Nm 14,33; 1 Cor 27,29) como metafórico, referindo-se ao universo huma­no (por exemplo: Sof 3,13; Ez 34,18; SI 37,3). Cf. Hatch-Redpath, *Concor dance,* p. 225.1169; P. Reymond, *Dictionnaire d'Hébreu et d’Araméen Bibliques,* Paris, 1991, p. 345. [↑](#footnote-ref-1317)
1317. Philo Alexandrinus, *Quod deterius potiori insidiari soleat,* Introdu<?ao, traduQäo e notas de I. Feuer, Paris, 1965, § 25, p. 38-39, numa alegoria sobre Gn 37,15, afirma que oi ßdoKOvre^ fomecem nutrimento e todo tipo de coisas sensiveis ao ser irrational, enquanto ol itotpaivovre? tem a autoridade de chefia e govemo: “oi pev yäp ßöaKOVTEi; tpo<pd<; rd aicOqTd itdvxa rtapEyouat... oi 8¿ noipaivovxE^ dpxövTtov Kai fjyepövajv Eyovw;...”.

      Em *Legatio ad Caium,* 44, eie compara quem govema um estado ao pastor que apascenta (notpaivo), e apresenta a atividade do pastor como uma boa preparaoao a arte de govemar. Cf. Jeremias, noipf|v, col. 1204. [↑](#footnote-ref-1318)
1318. 29 vezes. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/1, p. 41. [↑](#footnote-ref-1319)
1319. Cf. J. Jeremias, dpviov, GLNT I, col. 923-926; Liddell-Scott, *Lexicon,* p.244; P. Chantraine, “Les noms de 1’agneau en grec: dpr)v et äpv6$”, in J. Bengler-O. Kuss (ed.), *Corolla Linguistica. Festschrift F. Sommer,* Wiesbaden, 1955, p. 12-19. [↑](#footnote-ref-1320)
1320. Cf. Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 244. [↑](#footnote-ref-1321)
1321. Jer 11,19; 27,45; SI 113,4.6; SI de Salomäo 8,23. [↑](#footnote-ref-1322)
1322. Cf. H. Preisker-S. Schulz, npößaxov, *GLNTW,* col. 189-198. [↑](#footnote-ref-1323)
1323. Cf. Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 1471. [↑](#footnote-ref-1324)
1324. Além disso, no Ático este termo é usado para designar o homem simples, servindo mesmo, entre os estoicos, para taxar alguém como preguiçoso, inferior ou estúpido. Cf. Preisker-Schulz, repóPatov, col. 190. [↑](#footnote-ref-1325)
1325. Gn 30,38.40-41; Lev 1,2; Dt 7,13; Is 7,21; Am 7,15. [↑](#footnote-ref-1326)
1326. Gn 22,7; Lev 22,21; Num 15,3; Dt 12,6; 16,2. [↑](#footnote-ref-1327)
1327. 2Sam 24,17; SI 76,21; 77,52; 118,176; Is 53,6; 63,11; Ez 34,2. [↑](#footnote-ref-1328)
1328. Por exemplo: Mt 9,36; 10,6; 15,24; 25,32-33; 26,31; Me 6,34; 14,27; Heb 13,20; 1 Pt 2,25. [↑](#footnote-ref-1329)
1329. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 602. [↑](#footnote-ref-1330)
1330. Cf. Cama, *Resucitó Cristo,* p. 268; Westcott, *St. John,* p. 303. [↑](#footnote-ref-1331)
1331. Cf. Spicq, *Agape,* p. 235; Sánchez Mielgo, “Eclesiologia de Juan 21”, p. 27, lembra que os diminutivos expressam urna forma intima com que os mestres se dirigem aos discípulos na antiguidade, e que “esto indicaría que la escena intenta crear un clima de confianza entre Pedro y Jesús”. [↑](#footnote-ref-1332)
1332. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 529; Schnackenburg, *Giovanni,* III, 606; Làconi, “Il fondamento del ministero di Pietro”, p. 130. [↑](#footnote-ref-1333)
1333. Esta distinçâo é feita por Benoit, *Passion et Résurrection,* p. 347, quando diz que “ces brebis, ces agneaux ne représentent pas seulement le peuple chrétien, mais aussi, et d’abord, les autres apôtres”. [↑](#footnote-ref-1334)
1334. Cf. Winstanley, “The Shepherd Image”, p. 203. [↑](#footnote-ref-1335)
1335. A Biblia nào é, todavia, a primeira a atribuir a Deus a imagem do pastor. Especifico dela é fazer com que a imagem do pastor se coloque e se fa$a portadora da singular rela^ào que liga Ihwh ao seu povo. Sobre a imagem pastora! no antigo Oriente Mèdio, cf. E. Bosetti, “La terminologia del pastore in Egitto e nella Bib­bia”, *BbbOr* 140 (1984) 75-102; Jeremias, noiniiv, col. 1194-1197. [↑](#footnote-ref-1336)
1336. Todavia, é urna imagem que nem sempre é usada por todos os autores biblicos. Eia se encontra sobretudo no Pentateuco, nos Profetas e nos Salmos. [↑](#footnote-ref-1337)
1337. 243 A primeira vez que a Biblia denomina Deus corno Pastor é em Gn 48,15, quando Jacó, velho e experiente, aben^oa e reconhece corno seus os dois filhos de José. Além daqui, nos seguintes passos, Deus aparece corno o Pastor ou corno aquele que apascenta Israel: Num 23,17; Sir 18,13; Zac 10,3; Is 40,11; 63,11; Jer 27(50),44; 29,19; Ez 34; Sai 22,1; 27,9; 47,14; 79,1; Os 13,5; Miq 5,4-6. [↑](#footnote-ref-1338)
1338. Como observa E. Bosetti, *La Tenda e il Bastone. Figure e simboli della pa­storale biblica,* Milano, 1992, p. 9, Ihwh é “un Dio che si coinvolge, che provvede, libera il suo popolo e stringe con esso alleanza”. Cf. também Schnackenburg, *Gio­vanni,* III, p. 492. [↑](#footnote-ref-1339)
1339. Jer 23,5; Ez 34,23-31; 37,24; Zac 13,7-9. Sobre o sentido messiànico da sim­bòlica pastoral, cf. Bosetti, *II Pastore,* p. 242-254; SAnchez Mielgo, “Eclesiologia de Juan 21”, p. 33; G. Gorgulho, *Zacarias, a vinda do Messias pobre,* Petrópolis, 1985, p. 96-144. [↑](#footnote-ref-1340)
1340. Sai 77,20; Is 63,11. [↑](#footnote-ref-1341)
1341. 248 2Sam 24,17; 1 Re 22,17; 2Cro 18,16; Zac 13,7. [↑](#footnote-ref-1342)
1342. Bosetti, *Il Pastore,* p. 235-236, fala de “lessico della conduzione”, “lessico della provvidenza”, “lessico della liberazione” e “lessico dell’alleanza” corno as principais valéncias da imagem biblica do pastor. [↑](#footnote-ref-1343)
1343. Cf. Bosetti, *La Tenda e il Bastone,* p. 2; Pasquetto, *Da Gesù al Padre,* p.403. [↑](#footnote-ref-1344)
1344. O termo Jtoijir|v é usado 18 vezes no Novo Testamento, das quais, 3 em Mt, 2 em Me, 4 em Le, 6 em Jo e urna vez em Ef, Heb e 1 Pt. Cf. Aland, *Konkor- danz,* II, p. 226-227. Nào podetnos ocupar-nos, aqui, em detalhes e na totalidade, de todas as cita$òes do termo e de suas implicaQÓes na cristologia da Igreja Primiti­va. Sobre Heb, Ef e 1 Pt, enviamos o leitor para Jeremías, itotpT|v, col. 1214-1215; Bosetti, *Il Pastore,* p. 255-291. [↑](#footnote-ref-1345)
1345. Que o anùncio da salvalo de Me 14,28 seja correlato à profecía de Me 14,27 resulta claro quando se considera que npoáyaiv é um termo que provém, justamente, da linguagem pastoril, fazendo que o versículo 28 prolongue a imagem do pastor do versículo 27. Cf. Jeremías, noipr|v, col. 1213; Liddell-Scott, *Lexicon,* p. 1466. [↑](#footnote-ref-1346)
1346. J. Jeremías, Koípvq, *GLNTX,* col. 1233: “Gesù parla dei suoi come piccolo gregge. Egli collega l’immagine del gregge di Dio col motivo del ribaltamento esca­tologico delle situazioni quando, riferendosi a Dan 7,27, dice ai discepoli che, no­nostante il loro piccolo numero, devono andare incontro senza paura alla persecu­zione che li minaccia, perché sono «il popolo dei santi dell’Altissimo», a cui è pro­messo regno, dominio e potenza sopra tutti i regni”. [↑](#footnote-ref-1347)
1347. Muitos estudos foram, ñas últimas décadas, dedicados a Jo 10, principal­mente à análise crítico-literária deste capítulo, para o que remetemos a J.A.T. Robinson, “The Parable of John 10,1-5”, *ZAW* 46 (1955) 234-238; A.J. Simonis, *Die Hirtenrede im Johannesevangelium: Versuch einer Analyse von Johannes 10,1-18 nach Entstehung, Hintergrund und Inhalt,* Roma, 1967; I. De la Potterie, “El Buen Pastor”, in Id., *La Verdad de Jesús. Estudios de Cristologia Joannea,* Madrid, 1979, p. 54-88. [↑](#footnote-ref-1348)
1348. Sobre o pano de fundo palestinense da fòrmula ó noipfiv ó KaXóg, cf. Strack-Billerbeck, *¡Commentar zum Neuen Test ameni,* II, p. 537. [↑](#footnote-ref-1349)
1349. A repetida assegura^ào de que Jesus dà a vida pelas ovelhas pretende mos­trar o auge de Sua uniào com elas. Porque as ama e conhece, Jesus dà tudo por elas. Cf. Jeremias, KOipf|v, col. 1221; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 497. [↑](#footnote-ref-1350)
1350. Como nota Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 493, “diventa problematica qualsiasi proposta di far derivare l’immagine giovannea del pastore da altre fonti che non siano l’A.T. e il cristianesimo primitivo”. O mesmo nota La Potterie, “E1 Buen Pastor”, p. 55; Dodd, *The Interpretation,* p. 358-359, referindo-se, no entanto, somente ao Antigo Testamento e à tradito judaica. [↑](#footnote-ref-1351)
1351. Em virtude da repetido do pronome possesivo pou (21,15-17), a missào pastoral de Pedro nào faz com que o rebanho Ihe patenta. Pedro é comandado a apascentar o rebando de Jesus, o qual mantém todo o direito de propriedade. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 602; Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 166; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 486. [↑](#footnote-ref-1352)
1352. D. Marzotto, “Un solo unico pastore (Gv 10,16)”, *Scuole* 103 (1975) 834-843, mostra a centralidade da temàtica da unidade em Jo 10, e diz que a unida- de do rebando se apóia na unicidade do pastor, e na incomparável uniào entre Jesus e o Pai, revelada especialmente na Paixào e na Ressurrei^ào. Em madura re­lajo e comunhào com Jesus, Pedro se encontra, agora, em condi^Ses de promover e custodiar esta unidade. [↑](#footnote-ref-1353)
1353. A preposido ónép, de 10,11.15, usada com o genitivo, näo expressa a sim­ples idéia de substituido, mas indica em favor de quem se faz esta ou aqueta coisa. Assim, Jesus entrega a sua vida pela salvado das ovelhas. Cf. La Potterie, “El Buen Pastor”, p. 76; Simonis, *Die Hirtenrede,* p. 265. [↑](#footnote-ref-1354)
1354. Em todo o Novo Testamento, somente nestes dois passos a imagem do pastor é coligada à idéia do sacrificio da vida. Cf. B. Cassien, “John XXI”, *NTS* 3 (1956-1957) 132. [↑](#footnote-ref-1355)
1355. 205 Pedro se encontra, agora, numa etapa intermediaria entre as duas a que se refere a antitese. Cf. Westcott, *St. John,* p. 304; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 608, n. 72. [↑](#footnote-ref-1356)
1356. 246 Como observa Westcott, *St. John,* p. 304: “The way to a violent death must always be terrible, because unnatural [↑](#footnote-ref-1357)
1357. 247 Cf. Hoskyns, *The Fourth Gospel,* p. 558; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 609. [↑](#footnote-ref-1358)
1358. 248 Bernard, *John,* II, p. 708-710, oferece muitas citadas patrísticas, ilustran­do que ¿kteveí^ t¿<; xeipá<; aov, mesmo quando aparecia isolada, sem qualquer outra elaborado, era usada para indicar a crucificado. Mateos-Barreto, *El Evan­gelio de Juan,* p. 916, também considera que esta frase é urna provável referenda ao costume de que aqueles que eram crudficados levavam sobre as costas, com os bracos abertos, a travessa horizontal da cruz, e que o fato de que alguém dngirá Pedro poderia ser urna indicado da corda ligada á dntura, com a qual as pessoas [↑](#footnote-ref-1359)
1359. condenadas à morte na cruz vinham conduzidas. Muitos autores, todavía, como observa Segalla, *Giovanni,* p. 478, vèem aqui apenas urna alusao ao fato de que Pe­dro será prisioneiro. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 608, pensa na possibilidade de um sentido traslado para cingir como acorrentar, caso em que estender as máos significaría que Pedro deve colocar as máos para serem acorrentadas. Ou- tros autores, ainda, consideram que nao se pode ir além da constatado de que esta linguagem nao aponta para algo mais do que o martirio. Cf. Westcott, *St. John,* p. 304; Lindars, *John,* p. 633; Glombitza, “Petrus, der Freund Jesu”, p. 283.

      260 Cf. Barrett, *John,* p. 487. [↑](#footnote-ref-1360)
1360. Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 492, observa, comentando Jo 10,11, que “L’essere pastore è sempre un essere per le pecore, e l’essere pastore nel pastore Gesù, in cui ogni pastoralità trova il suo vero compimento, si dimostra nel dono della vita per donare alle pecore la vera vita ({/dù - v. 10)”. [↑](#footnote-ref-1361)
1361. Embora a morte de Pedro nao seja definida diretamente como um servido por suas ovelhas, esta associalo pode ser efetuada, pois o anúncio de sua morte é colocado depois de sua profissao de amor por Jesus e da atribuido de sua missáo, num contexto que mantém um estreito paralelismo com Jo 10. Cf. Glombitza, “Pe­trus, der Freund Jesu”, p. 281; Caba, *Resucitó Cristo,* p. 270. [↑](#footnote-ref-1362)
1362. A expressao Kai touto slnóv de 21,19b está em paralelo com a fórmula precedente touto 8é elnev (21,19a). O texto sublinha, deste modo, a importancia da predido anterior. [↑](#footnote-ref-1363)
1363. Cf. Lindars, *John,* p. 635; Lagrange, *Jean,* p. 531. [↑](#footnote-ref-1364)
1364. Este convite ao seguimento é marcado por urna nota trágica. Cf. Ghiberti, “Missione e Primato di Pietro”, p. 212-213; Delebecque, “La mission de Pierre”, p. 338. [↑](#footnote-ref-1365)
1365. Cf. Winstanley, “The Shepherd Image”, p. 204; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 600; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 482. [↑](#footnote-ref-1366)
1366. Cf. Jo 1,43; Mt 8,22; 9,9; 19,21. [↑](#footnote-ref-1367)
1367. Cf. Westcott, *St. John,* p. 304. [↑](#footnote-ref-1368)
1368. O seguimento de Jesus implica, pois, o empenho total na missâo e na imi- taçâo de Jesus até a morte. Deste modo, o &KoXov0ei pot que Jesus dirige a Pedro é uma particularizaçâo da concepçâo do seu discipulado. Cf. Bultmann, *John,* p. 714; Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 400; Rigaux, *Dio I'ha ri- suscitato,* p. 338; Barrett, *John,* p. 487; Làconi, “11 fondamento del ministero di Pietro”, p. 181. [↑](#footnote-ref-1369)
1369. Cf. Glombitza, “Petrus, der Freund Jesus”, p. 284. [↑](#footnote-ref-1370)
1370. McPolun, *John,* p. 227: “This kind of authority or pastoral care, after the example of Jesus the good shepherd, does not accent the shepherd’s superior posi­tion. Rather it has overtones of love and total concern for and dedication to the community”. Cf. Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 166. Cf. também su­pra, cap. 1, p. 15-16. [↑](#footnote-ref-1371)
1371. Ambrosius, *Expositio Evangelii secundum Lucam,* X, 90 *(PL* 15,1919): “Ete­nim quia tertio negaverat, tertio confítetur, sed negavit in nocte confitetur in die”. [↑](#footnote-ref-1372)
1372. Augustinus, *Tractatus in Iohannis Evangelium,* XLVII, 2 *(PL* 35,1733- 1734): “Ideo Petro quem facere volebat pastorem bonum non in ipso Petro, sed in corpore suo ait: Petre, amas me? pasce oves meas. Hoc semel, hoc iterum, hoc ter­tio usque ad eius tristitiam. Et cum tantum, interrogasset Dominus, quantum interrogandum esse iudicavit, ut ter confitetur qui ter negaverat, et ei suas oves pascendas tertio comendasset...”; Ibid., 123,5 *(PL* 35,1967): “Sed prius Dominus quod sciebat interrogat, nec semel, sed iterum ac tertio, utrum Petrus eum diligat; nec alius toties audit a Petro, quam se diligi, nec aliud toties commendat Petro quam suas oves pasci. Redditur negationi trinae trina confessio...”. O paralelis­mo entre a tríplice afirmado do amor de Pedro e a sua tríplice negado, em mo­do que a primeira cancela a segunda, retoma aínda em *Enarratio in Psalmum* 90,8 *(PL 37,1168); Sermo* 147,3 *(PL* 38,799); 295,3-4 *(PL* 38,1350); 296, 1.3 *(PL* 38,1353-1354); 229/0, 1.2 *(PLS* 2,582-583); 229/N,l *(PL* 2,579); 229/P *(PLS* 2,756-757). [↑](#footnote-ref-1373)
1373. Muitos autores observam que a narrado sobre a negado de Pedro duran­te a Paixáo (18,15-27) tinha ficado estranhamente suspensa, no quarto evangelho. E isto, diferentemente dos sinóticos, os quais tinham registrado o seu arrependi- mento e o seu choro (Me 14,72 e paralelos). Assim, esta narrado encontraría agora a sua conclusao natural, com a reparado de Pedro (amargura e amor) e o perdao concedido por Jesús (restaurado nas suas fun^oes). Cf. Lagrange, *Jean,* p. 528; Bultmann, *John,* p. 712; Rigaux, Dio l’ha risuscitato, p. 337; Winstanley, “The Shepherd Image”, p. 203; Poppi, *Sinossi,* p. 538; Laconi, “II fondamento del mi- nistero di Pietro”, p. 175. [↑](#footnote-ref-1374)
1374. Cf. Schnackenburg, *Gio vanni,* III, p. 598-599. [↑](#footnote-ref-1375)
1375. Cf. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 914. [↑](#footnote-ref-1376)
1376. Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 915; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 598. [↑](#footnote-ref-1377)
1377. Westcott, *St. John,* p. 303: “The three questions could not but recall the three denials; and the form of this last question could not but vividly bring back the thought of the failure of personal devotion at the moment of trial. So Peter was grieved not only that the question was put once again, but at the same time put so as to raise a doubt whether he could indeed rightly claim that modified love which he had professed”. [↑](#footnote-ref-1378)
1378. Cf. M. Goguel, *L'Église Primitive. Jésus et les Origines du Christianisme,* Paris, 1947, p. 192. Este autor observa ainda que, no quarto evangelho, é jà depois da Ressurreiçâo de Jesus que Pedro e os demais discipulos recebem o mandato de apôstolos (em 20,21-23). [↑](#footnote-ref-1379)
1379. Cf. Làconi, “Il fondamento del ministero di Pietro”, p. 177. [↑](#footnote-ref-1380)
1380. Cf. Caba, *Resucitó Cristo,* p. 270; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 600; Sanders, *John,* p. 453; Panimolle, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni,* III, p. 482. [↑](#footnote-ref-1381)
1381. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 532-533; Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 917. [↑](#footnote-ref-1382)
1382. Cf. Nolli, *Giovanni,* p. 761; Segalla, *Giovanni,* p. 479. [↑](#footnote-ref-1383)
1383. Cf. Lagrange, *Jean,* p. 533; Schnackenburg, *Giovanni,* p. 612. [↑](#footnote-ref-1384)
1384. Mateos-Barreto, *Evangelio de Juan,* p. 918: “...ahora que, finalmente Jesús lo ha invitado a seguirlo y le ha anunciado como meta una muerte como la suya, piensa hacerlo con mayor seguridad yendo detrás de aquel que lo acompañó hasta la cruz (19,26). Por eso pregunta por la ruta del otro: imitándolo a él evitará toda desviación”. [↑](#footnote-ref-1385)
1385. É notável como na segunda parte do evangelho estes dois discípulos vém associados: 13,21-25; 18,15-17; 20,1-10; 21,5-8.20-23. Cf. Ghiberti, “Missione e Pri- mato di Pietro”, p. 198. [↑](#footnote-ref-1386)
1386. Como observa Westcott, *St. John,* p. 305, “No question could be more natural. The fact that St John was following was itself an unspoken question as to the future, an asking of the Lord’s will”. Cf. também Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 613. [↑](#footnote-ref-1387)
1387. ’Eáv é muito mais hipotética que el, embora seja usada, ás vezes, no lugar desta. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 373,2; Lagrange, *Jean,* p. 533; Nolli, *Giovanni,* p. 761. [↑](#footnote-ref-1388)
1388. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 614. Sabemos, no entanto, que em Joao, o verbo péveiv é utilizado em vários sentidos e todos muito característicos: Deus (14,10), Cristo (6,57; 14,25; 15,4) e o Espirito (14,17) “permanecem” nos que créem e vice-versa; os que créem permanecen! na Palavra e vice-versa (5,38; 8,31; 15,7). Sánchez Mielgo, “Eclesiología de Juan 21”, p. 43, n. 95, observa que “es fácil comprender la dificultad en definir el sentido en que habría que tomarlo (pévsiv) en Jn 21,18ss. El sentido de que Juan «permanece», es decir, es el Testigo perenne de la Palabra de Jesús a través de su Evangelio puede encajar perfectamente en el lenguaje del 4o Evangelio...”. [↑](#footnote-ref-1389)
1389. Cf. Blass-Debrunner, *Grammatica,* § 383,1. [↑](#footnote-ref-1390)
1390. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 613, considera que nesta resposta de Jesús está contida urna tradi^ao sobre o Discípulo Amado, cuja orígem e cujo significado o narrador quer esclarecer servindo-se do diálogo de Pedro com o Ressuscitado. [↑](#footnote-ref-1391)
1391. Como observa Sánchez Mielgo, “Eclesiología de Juan 21”, p. 18, este texto mostra que é Jesús “quien guía y asigna las tareas correspondientes a sus discípulos”. Wiarda, “John 21,1-13”, p. 66, ve também que estas palavras de Jesús visam mostrar para onde Pedro deve voltar a sua aten^ao. Cf. Westcott, *St. John,* p. 305; Ghiberti, “Missione e Primato di Pietro”, p. 199. [↑](#footnote-ref-1392)
1392. Por exemplo, Jo 3,3-5. Cf. La Potterie, “Le témoin qui demeure”, p. 353. [↑](#footnote-ref-1393)
1393. McKay, “Style and Significance”, p. 332: “Nobody can miss the point that this climatic exhortation changes from dKoXouOei poi in 19 to ov got ¿koXovOei in 22 in order to take account of the contrast with the other disciple introduced by Peter’s question in 21...”. Cf. tambem Sanders, *John,* p. 456; La Potterie, “Le temoin qui demeure”, p. 352; R. Fabris, *Giovanni,* Roma, 1992, p. 1087. [↑](#footnote-ref-1394)
1394. Cf. Sanders, *John,* p. 456. [↑](#footnote-ref-1395)
1395. Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 169, nota que nao e necessa- rio um encargo especial para que este discipulo seja o que e, predileto de Jesus. [↑](#footnote-ref-1396)
1396. Cf. supra, p. 308-309. [↑](#footnote-ref-1397)
1397. Cf. Bultmann, *John,* p. 716. [↑](#footnote-ref-1398)
1398. Nao encontra aderencia no texto a opiniao de Bultmann, *John,* p. 717, que diz que se Pedro deve softer o martirio, enquanto o discipulo que Jesus amava deve permanecer, e porque o Discipulo Amado, de qualquer modo assume o lugar de Pedro, de maneira que a autoridade assinalada a Pedro por Jesus e passada a este discipulo; e com a morte deste, a autoridade seria, por sua vez, passada ao seu evangelho. [↑](#footnote-ref-1399)
1399. 3,2 Schnackenburg, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 406, diz que "... l’af­fermazione d’una concorrenza tra Pietro e il discepolo amato esige molte limitazio­ni. Forse si può dire: nella cerchia giovannea Pietro è rispettato, l’altro discepolo è amato e in ogni possibile occasione, messo in risalto. Il rispetto di Pietro è testimo­niato dalla tradizione; l’amore dell’altro discepolo è coltivato e incoraggiato dalla cerchia giovannea”. Cf. também Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 171; SAnchez Mielgo, “Eclesiologia de Juan 21”, p. 45-46. [↑](#footnote-ref-1400)
1400. Cf. H. L. Drumwright Jr., “The Appendix to the Fourth Gospel”, in E. J. Vardman (ed.). *Studies in Memory to H. Trantham,* Texas, 1964, p. 134; Minear, “The Original Functions of John 21”, p. 91-93. [↑](#footnote-ref-1401)
1401. 3,4 Por exemplo: Mt 26,32; 28,7; Lc 22,31-32; 24,16; 24,41-43. [↑](#footnote-ref-1402)
1402. Isto é significativo, pois este é o único lugar de Lucas em que Pedro é trata­do com o nome duplo. Cf. supra, p. 257, n. 28. [↑](#footnote-ref-1403)
1403. É muito representativa a posi^áo de Marrow, *John 21,* p. 28, para quem “The divergent elements in the two accounts are such as might be explained either by the process of adaptation which a single tradition underwent at the hands of two vastly different theological geniuses, or by the existence of two different oral traditions which developed separately out of the same event”. [↑](#footnote-ref-1404)
1404. Gils, “Pierre et la foi au Christ Ressuscité”, p. 32-36. [↑](#footnote-ref-1405)
1405. Brown, “John 21 and the First Appearance of the Risen”, p. 246-265; Id., *The Gospel,* II, p. 1085-1092. [↑](#footnote-ref-1406)
1406. Bernard, *John,* II, p. 689. [↑](#footnote-ref-1407)
1407. Cf. Bultmann, *John,* p. 704-706. Todavia, na sua obra *The History of the Synoptic Tradition,* Oxford, 1963, ele conclui que Joâo é uma versâo tardía e de qualquer modo derivada de Lucas. [↑](#footnote-ref-1408)
1408. J. A. Fitzmyer, *The Gospel according to Luke,* Garden City-New York, 1981,1, p. 561-562.568. [↑](#footnote-ref-1409)
1409. Grass, *Ostergeschehen und Osterberichte,* p. 79-81. [↑](#footnote-ref-1410)
1410. Fortna, *The Gospel of Signs,* p. 87-98, sugere que a historia da pesca era parte de uma coleçâo pré-joanina que consistía de 7 oqpcïa. [↑](#footnote-ref-1411)
1411. R. Pesch, “Die reiche Fischfang”, in F. Neirynck (ed.), *L’Évangile de Luc. Problèmes littéraires et théologiques. Memorial L. Cerfaux,* Gembloux-Leuven, 1973, p. 225-244, afirma que tanto Lucas como Joâo pegaram básicamente a mes- ma narraçao e criaram um lugar para ela. Todavia, como observa Brown, “John 21 and the First Appearance of the Risen”, p. 259, Pesch nao provou o «lado joanino» de sua tese. Ele diz que a historia original consistía dos versículos 2.3.4a.6 e 11, e que uma historia da apariçao depois da Ressurreiçâo de Jesus consistía dos versícu­los 4b.7.8.9.12 e 13, e que o autor joanino teria combinado estas duas historias in- serindo os versículos 1.5.10 e 14. [↑](#footnote-ref-1412)
1412. R.J. Dillon, *From Eye-Witnesses to Ministers of the Word,* Roma, 1982, p. 62-64. [↑](#footnote-ref-1413)
1413. Becker, *Johannes,* II, 626-639. [↑](#footnote-ref-1414)
1414. E. Schweizer, *Das Evangelium nach Lukas,* Gottingen, 1983, p. 67. [↑](#footnote-ref-1415)
1415. P. Hoffmann, “Auferstehung”, *TRE* IV, p. 508-509. [↑](#footnote-ref-1416)
1416. Benoit, *Passion et Résurrection,* p. 343. [↑](#footnote-ref-1417)
1417. C. Coulot, “La Pêche miraculeuse”, in Id., *Jésus et le disciple. Étude sur l’autorité messianique de Jésus,* Paris, 1987, p. 112. [↑](#footnote-ref-1418)
1418. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 571-572. [↑](#footnote-ref-1419)
1419. P. Benoit-M. É. Boismard, *Synopse des Quatre Évangiles en Français avec parallèles des Apocryphes et des Pères,* II, Paris, 1972, p. 101. [↑](#footnote-ref-1420)
1420. Boismard-Lamouille, *Jean,* p. 21.476-484. [↑](#footnote-ref-1421)
1421. Da Sortino, “La Vocazione di Pietro”, p. 38-39. [↑](#footnote-ref-1422)
1422. Abogunrin, “Accounts of Peter’s Call”, p. 592-593. [↑](#footnote-ref-1423)
1423. Shaw, “The Breakfast by the Shore”, p. 14. [↑](#footnote-ref-1424)
1424. Esta e tambem a posi^ao de Smalley, “The Sign in John XXI”, p. 287, que afirma que “it could be that we have here two incidents belonging to an indepen­dent cycle of Peter’s stories, one from the beginning and one from the end”. [↑](#footnote-ref-1425)
1425. Cf. Brown, “John 21 and the First Appearance of the Risen”, p. 247-248; Grass, *Ostergeschehen und Osterberichte,* p. 76-82; Bultmann, *John,* p. 546; Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 575; Barrett, p. 485. [↑](#footnote-ref-1426)
1426. CF. Sanchez Mielgo, “Eclesiologia de Juan 21”, p. 24. [↑](#footnote-ref-1427)
1427. Na narra^ao joanina, Jesus nao fala diretamente com Pedro, mas, com o termo generico naiSia (21,5), se dirige aos discipulos em geral (adroit). Pedro, no entanto, tern sempre a iniciativa de apao entre o grupo de discipulos. [↑](#footnote-ref-1428)
1428. Cf. Da Spinetoli, *Luca,* p. 204. [↑](#footnote-ref-1429)
1429. Cf. supra, cap. 7, p. 240-243. [↑](#footnote-ref-1430)
1430. Cf. supra, p. 275. [↑](#footnote-ref-1431)
1431. Cullmann, *Petrus: Jünger, Apostel, Märtyrer,* p. 259, ve urna relaçâo for­mal entre Mt 16,17; Le 22,31-32; Jo 6,66 e 21,15. Ele pensa que existe urna relaçâo entre Mt 16,17 e Jo 21,15 no sentido de que Jo 21,15 atesta o conhecimento de urna narraçâo sobre a Paixào, segundo a quai Jesus, na vigilia de sua crucificaçâo e de- pois que Pedro pretenderà segui-Lo, predisse que este discípulo O negaría, mas pre­disse, também, a sua conversâo, prometendo que justamente sobre este discípulo edificaría a sua Igreja. Ele vê urna relaçâo triangular: Mt 16,17 e Le 22,31 concor- dam em preanunciar o lugar diretivo que Pedro terá na futura comunidade dos discípulos; Mt 16 e Jo 6 concordam em referir-se a confissào de Pedro; Jo 6 e Le 22 concordam em trazer o juramento de Pedro em seguir Jesus aonde quer que seja; Jo 21 pressupôe, como Mt 16 e Le 22, a prediçâo e, respectivamente, o conferimento da tarefa diretiva que Pedro terá na comunidade. Para Cullmann impôe-se, por isso, que exista urna fonte comum a todos estes passos, a qual pertence a urna tra- diçâo anterior. [↑](#footnote-ref-1432)
1432. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 575; Bultmann, *John,* p. 712. [↑](#footnote-ref-1433)
1433. Em Mateus temos urna confissào de fé (Pedro confessa que Jesus é Cristo, o filho do Deus vivo - Mt 16,16), enquanto em Joao temos urna tríplice confìssao de amor (v. 15-17). [↑](#footnote-ref-1434)
1434. Como indicam as palavras de Jesus em Mt 16,17: Maxápioc; el, Eipov Bapuoqà, òri oàp^ Kai alpa oùk àneKàXvvév croi àW ó naxi^p pou... [↑](#footnote-ref-1435)
1435. Conhecimento reafirmado nos tres versículos (15-17), com um auge no últi­mo, com as palavras de Pedro Kúpu, návra où o!8a<;, où yiváoKeu; òri <piX© ce. [↑](#footnote-ref-1436)
1436. Cf. supra, p. 306-308. [↑](#footnote-ref-1437)
1437. Estes verbos se referem, principalmente no uso rabínico, à interpretado da lei, estando relacionados à estipulado do que é permitido ou proibido. Cf. Zerwick-Grosvenor, *A Grammatical Analysis,* p. 53. [↑](#footnote-ref-1438)
1438. Cf. Brown, “Pietro nel Vangelo di Giovanni”, p. 167. [↑](#footnote-ref-1439)
1439. Cf. Làconi, “Il fondamento del ministero di Pietro”, p. 169; Sánchez Mielgo, “Eclesiologia de Juan 21”, p. 29. [↑](#footnote-ref-1440)
1440. Dos sete discípulos apresentados no inicio da cena, o texto se interessa, cla­ramente, apenas por Pedro e pelo Discípulo Amado. Os demais praticamente saem de cena sem serem notados. [↑](#footnote-ref-1441)
1441. Cf. supra, cap. 1, p. 38-42. [↑](#footnote-ref-1442)
1442. Cf. supra, cap. 1, p. 42. [↑](#footnote-ref-1443)
1443. Cf. supra, cap. 1, p. 41. [↑](#footnote-ref-1444)
1444. \* Cf. supra, cap. 1, p. 40-41. [↑](#footnote-ref-1445)
1445. Os sinóticos tendem a usar lígcov nos episodios que acontecem antes de o discípulo receber o nome Ilétpoç; urna vez recebido, tal nome se toma o nome nor­mal com que o discípulo é designado. Mateus usa Eípcov nérpoç urna vez (16,16), duas vezes Eípwv ó Xeyôpeqoç Tlérpoç (4,18; 10,2), urna vez Sípmv Bapuova (16,17). Marcos usa sete vezes o simples ¿ípov e duas vezes Ilétpoç (em 3,16 e 14,37 estes dois termos aparecem próximos, mas nâo formant um único nome). Lucas usa, ordinariamente Eípmv (sete vezes), exceto urna vez que usa Sipœqa ôv Kai ávópaasv ITétpov (6,14) e urna Sípcov ITétpoç. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/2, p. 1203-1204.1122-1123; II, p. 220-221.250-251. [↑](#footnote-ref-1446)
1446. Estes sào dois modos ligeiramente diferentes de referir-se ao patronímico de Pedro, mas, como observa Boismard, “Le chapitre 21 de saint Jean”, p. 475, Joâo tende a suprimir ó ulôç diante de nomes próprios (Cf. 6,71; 13,2.6). [↑](#footnote-ref-1447)
1447. O termo Kqepôç ocorre oito vezes nos escritos paulinos, único lugar, além do quarto evangelho, em que se aplica este nome a Simào: 1 Cor 1,12; 3,22; 9,5; 15,5; Gal 1,18; 2,9; 11,14). Elliott, Kqtpôç, p. 248-249, observa que a preferencia de Paulo por este nome constitui um dos problemas do estudo do Novo Testamento e avança a hipótese de que Paulo pode ter conhecido o nome Kqtpôç, em primeira mao, da tradiçâo da Igreja de Jerusalém, e que “It may be that Paul, in prefering the Semitic ñame Kephas, is subtly emphasising Peter’s pro-Jewish sympathies and his connexion with the Jérusalem establishment”. [↑](#footnote-ref-1448)
1448. Mateos-Barreto, *Dizionario Teológico,* p. 141.270, vêem um desejo do evan­gelista em estabelecer, em determinados momentos, um paralelismo entre Pedro e Judas Iscariotes. Eles constatam que, nas très ocasiôes em que Joao usa o patro­nímico para Judas (lovôaç Eipœvoç Îoxapiânov), a mençâo é próxima a urna ou­tra relativa a Simâo Pedro (6,68.71; 13,2.6; 13,24.26). Para Mateos e Barreto, o evangelista poe o discípulo que entregará Jesús em relaçâo direta com aquele que O negará. [↑](#footnote-ref-1449)
1449. Fitzmyer, “The Ñame Simon”, p. 107, diz que os nomes Simâo, Judas e José eram, no tempo de Jesús, os très nomes mais frequentes usados pelos judeus. J. T. Milik, *Gli scavi del «Dominus Flevit» (Monte Oliveto-Gerusalemme ), Parte I: La necropoli del periodo romano,* Jérusalem, 1958, p. 76-108, apresenta urna tabela, na qual compara o número de ocorréncias de vários nomes judeus encontrados no Egito, em Flávio Josefo, nos ossuários da Palestina, no Novo Testamento e nos textos de Murabba’ât. Simâo encabeça todas estas listas como o nome mais usado, e é seguido de José, Salomé, Judas, Maria, Elieser e Jesús. [↑](#footnote-ref-1450)
1450. Cf. Fitzmyer, “The Ñame Simon”, p. 105-106; Roth, “Simon-Peter”, p. 92. [↑](#footnote-ref-1451)
1451. Em 6,70-71 e 13,2, Judas nâo age; é mencionado pelo evangelista como aquele que havería de entregar Jesús. Quanto a Pedro, ele aparece como aquele que no momento da defecçâo escolhe permanecer com Jesús (6,68), ou como alguém que, mesmo que nâo entenda bem, está puro — o que nâo é o caso daquele que en­tregará Jesús. Em 13,24, Pedro faz perguntar quem é o traidor, num movimento oposto ao de Judas, que após a ordem de Jesús — ô kouïç woít]qov ráxtov (13,27) - sai, na noite (13,30). [↑](#footnote-ref-1452)
1452. dos passos em que este tenno é usado isoladamente; para eles, nestes passos, IJérpoç dénota sempre a idéia de obstinaçào. Cf. supra, cap. 1, p. 32. [↑](#footnote-ref-1453)
1453. Cf. Elliott, Kqepôç, p. 242. [↑](#footnote-ref-1454)
1454. Boismard, “Le chapitre 21 de saint Jean”, p. 475, discorrendo sobre as ma- neiras prôprias de cada evangelista designar Pedro, afînna que «en cours de récite, “Jean est le seul à accoler d’ordinaire les deux noms: Eipœv nézpoç (1,40; 6,8.68; 13,6.9.24.36; 18,10.15.25; 20,2.6). Il y a une seule exception en 1,41, mais sans dou­te parce qu’il vient d’employer le double nom au verset précèdent. Or au chapitre XXI nous trouvons précisément le nom de Eipœv toujours joint à celui de néxpoç”. [↑](#footnote-ref-1455)
1455. O nome Ilétpoç substitui o hebraico Kqcpàç, jâ na pericope initial (1,42), mas de modo que explicita este ùltimo. Cf. supra, cap. 2, p. 70; cap. 3, p. 93. [↑](#footnote-ref-1456)
1456. Cf. supra, cap. 8, p. 284-285; 293, n. 208. [↑](#footnote-ref-1457)
1457. Existem abordagens que estabelecem entre Pedro e o Discípulo Amado urna relajo de concorrencia, outras véem urna justaposi^áo ou complementaridade, outras ainda consideram o Discípulo Amado superior a Pedro. Há também urna tendencia que vé os dois como figuras representativas e outra que sitúa Pedro entre Judas e o Discípulo Amado. Cf. supra, cap. 1, p. 10-31. [↑](#footnote-ref-1458)
1458. Entre este discípulo e Jesús existe urna relaçâo de intimidade e de confiden­cia, semelhante aqueta entre Jesús e o Pai (cf. 1,18). A intimidade entre eles é des­crita com as expressôes év KóXiup tov Iqooû e óv fjyána ô Iqooüç (13,23) — sendo que esta última é colocada, enfáticamente, no fim da frase. Cf. supra, cap. 5, p. 164. [↑](#footnote-ref-1459)
1459. O pedido de Pedro para que o Discípulo Amado pergunte a Jesús sobre quem ele se refere (v. 25) ocupa o centro da perícope (C). Cf. supra, cap. 5, p. 160- 161. [↑](#footnote-ref-1460)
1460. Ao Discípulo Amado é atribuida a maior velocidade com que corre e o fato de chegar primeiro ao sepulcro, alón do dado de que viu e creu. A Pedro é reserva­do o direito de entrar primeiro no túmulo e fazer primeiro a minuciosa supervisao do Mesmo. Apesar desta diferenciaçào, os dois se encontram numa mesma si- tuaçào no final da perícope, de sorte que estes particulares nào vio vistos em si mesmos, mas no conjunto da perícope que revela a génese da fé na resurreiçâo. Cf. supra, cap. 7, p. 218-224. [↑](#footnote-ref-1461)
1461. Cf. supra, cap. 7, p. 240. [↑](#footnote-ref-1462)
1462. Evidentemente, aqui, o evangelista indica com que força a palavra do Discí­pulo Amado age sobre Pedro, mas nào acena, com isto, a nenhum demérito para Pedro. Cf. supra, cap. 8, p. 263-264. [↑](#footnote-ref-1463)
1463. Este último aspecto é evidenciado principalmente pelas palavras de Jesus èàv aúróv OéX© péveiv..., tí itpÓQ oé; aú poi ÚKoXoúOei (21,22), que realQam a in- dependéncia dos dois caminhos, ao mesmo tempo que esclarece, ainda que segundo um modo tipicamente joanino, o destino do discípulo que Jesus amava. Cf. supra, cap. 8, p. 311-312. [↑](#footnote-ref-1464)
1464. A análise narrativa propoe-se colher a especificidade de um texto no que con­cerne seja à sucessâo das açoes, seja às forças em jogo. Para tanto, evidencia princi­palmente a interaçâo da narraçâo em duas linhas de significado: as açoes e os agen­tes, descrevendo as relaçoes e influéncias entre elas. Estas acontecem quando a inte- raçao se fecha na forma *agente receptor - receptor que se toma agente -► agente inicial que se toma receptor.* Cf. W. Egger, *Metodologia del Nuovo Testamento. Intro­duzione allo studio scientifico del Nuovo Testamento,* Bologna, 1989, p. 125-140. [↑](#footnote-ref-1465)
1465. Exceto em 21,1, quando se trata de ir pescar, nao evocando, diretamente, a pessoa de Jesus. [↑](#footnote-ref-1466)
1466. André passa do encontrar (eópícncíD) no presente, ao conduzir (dyeo) no aoristo. Cf. supra, cap. 2, p. 61-65. [↑](#footnote-ref-1467)
1467. É urna nota característica deste passo, como de toda a unidade (1,35-51), o processo que culmina com um encontró com Jesus. Sob o testemunho de alguém, aquele que se toma discípulo faz urna experiencia pessoal com Jesus que o leva a fazer com que outros sigam o mesmo caminho. Cf. supra, cap. 2, p. 53. [↑](#footnote-ref-1468)
1468. Transparece na perícope um esquema que, intencionalmente — através dos movimentos dos personagens, da descri^áo dos objetos e dos verbos —, aproxima os discípulos da realidade do sepulcro vazio e de suas implicapoes. Cf. supra, cap. 5, p. 211-212. [↑](#footnote-ref-1469)
1469. Esta informapao é seguida de urna outra: a entrada do Discípulo Amado acontece somente depois daquela de Pedro, o que valoriza a atua^áo deste último, mas principalmente indica que estes dados devem ser vistos conjuntamente, nao se preocupando em mostrar os sucessos ou fracassos individuáis dos discípulos, mas a entrada deles no tempo do Ressuscitado. Cf. supra, cap. 7, p. 239-240. [↑](#footnote-ref-1470)
1470. Esta progressât) é evidente quando se considera, comparativamente, as ati- tudes de Pedro na primeira (1,41-42) e na última cena (21,15-23). Cf. supra, cap. 2, p. 60-66 e cap. 8, p. 283-284. [↑](#footnote-ref-1471)
1471. Pedro assume ainda este papel de representante ou porta-voz dos discípu­los, claramente, em duas situaçôes: em 13,24, quando numa situaçâo semelhante, em que os discípulos sao colocados à prova, e nao reagem, Pedro toma iniciativa e faz perguntar a Jesús sobre quem Ele está talando; e em 21,11, quando diante do pedido de Jesús para que os discípulos tragam alguns peixes, é Pedro quem instan­táneamente se pôe a arrastar a rede cheia de peixes. Nestes passos, Pedro, natural­mente, canaliza e manifesta os anseios do grupo, fazendo com que ele apareça co­mo o catalisador ou representante dos demais, que se encontram na nesma situaçâo sua. Cf. supra, cap. 5, p. 161-163 e cap. 8, p. 268-272. [↑](#footnote-ref-1472)
1472. Jesús entende e dá a entender que, por enquanto, e somente com as suas forças humanas, Pedro é incapaz de entrar na Sua dinámica de vida. Jesús anuncia que isto Ihe será possível após a Ressurreiçâo mas de nenhum modo Ihe facilita o caminho. Cf. supra, cap. 5, p. 146-149. [↑](#footnote-ref-1473)
1473. A tensáo entre o provocar a crise de Pedro e o compreender a sua icapaci- dade é sintetizada na frase de Jesús órtou únáyo> oú óúvaoaí pot vvv &KoX.ou0qoai, àKoXovOV|G£iç 5è Garepov (13,36), em que é anunciado que Pedro seguirá, sim, Jesús, mas o «onde» e o «quando» sao determinados por Jesús, e nao, como Pedro pretende (13,37), por ele mesmo. Cf. supra, cap. 5, p. 154-156. [↑](#footnote-ref-1474)
1474. Jesus nao só contraria a atitude de Pedro, como sublinha, categoricamente (PàXc é um imperativo aoristo), que o comportamento que o discipulo deve assu- mir deve estar em sintonia com a sua vontade, que é também a vontade do Pai. Cf. supra, cap. 6, p. 176. [↑](#footnote-ref-1475)
1475. Existe um aceno, ainda que implicito, à Paixào, principalmente nas trés perguntas de Jesus. O como Pedro interage com Jesus, refletindo e revertendo a Jesus a certeza da exatidáo de sua resposta (vai KÓpie, erti olSag... - Kúpu, nàvra où ofòat;... - 21,15\*17), sao indicativos de sua transforma^ao. Cf. supra, cap. 8, p. 283-284. [↑](#footnote-ref-1476)
1476. A primeira parte do evangelho é constituida pelos capítulos 1-12, também chamada de «Livro dos Sinais», e tem como tema básico a revelado de Jesus aos ju- deus, em geral. É na segunda parte que se dedicará exclusivamente aos discípulos. [↑](#footnote-ref-1477)
1477. Cf. Láconi, “Il fondamento del ministero di Pietro”, p. 168-169. [↑](#footnote-ref-1478)
1478. Urna retaliado em urna das pericopes, portanto, náo permite exibir um juízo completo ou determinante acerca de Pedro. [↑](#footnote-ref-1479)
1479. Estes ciclos, enquanto modelo paradigmático e em linha de máxima, corres- pondem ao percurso tracejado pelos evangelhos sinóticos, mas em seu desenvolvi- mento apresentam particularidades especificamente joaninas que apontam para urna autonomía da tradido subjacente ao quarto evangelho. Para os detalhes da relado entre Joáo e os Sinóticos, cf. a análise efetuada em cada perícope. [↑](#footnote-ref-1480)
1480. Cf. supra, cap. 1, p. 32 e 35, comentários efetuados por Mateos-Barreto e por Agourides. A este propósito, aínda, M. Franzmann-M. Klinger, “The Call Stories of John 1 and John 21”, *SVlad* 36 (1992), p. 11, afirmam que “...Peter emerges in such a weak position overall that we would suggest that he is not fully called in this section. This must be understood when dealing with the call section of John 21”. [↑](#footnote-ref-1481)
1481. A fé no Jesus-Messias é o distintivo dos seguidores de Jesus, e permanece, aqui, como o elemento de fundo da aproximado dos discípulos, principalmente, de André, do outro discípulo e de Pedro. Cf. supra, cap. 2, p. 62-64. [↑](#footnote-ref-1482)
1482. Cf. supra, cap. 2, p. 65. [↑](#footnote-ref-1483)
1483. Cf. supra, cap. 2, p. 67-71, onde discutimos sobre as dificuldades que esta forma verbal encerra. Temos, aqui, um futuro que deve ser entendido como referin- do-se ao estito literario de mudanza de nome, indicando a missáo que a pessoa que recebe o novo nove desempenhará. [↑](#footnote-ref-1484)
1484. Confessando Jesús como fiyiog toü 9eou (6,69), Pedro confessa urna trans- cendéncia em Jesús — somente Deus e Jesús sao chamados «santo», no quarto [↑](#footnote-ref-1485)
1485. ro, estável e duradouro. Cf. supra, cap. 4, p. 123-125. [↑](#footnote-ref-1486)
1486. Este é o sentido da frase Kúpu, npóg xíva àKEXeuaópcOa; (6,68a) que, em virtude dos termos Kúpie e àncXcuaópcOa, reconhece em Jesus a autoridade capaz de corresponder ás suas buscas e expectativas, oferendo-lhes um projeto de vida. Cf. supra, cap. 4, p. 116-119. [↑](#footnote-ref-1487)
1487. A Paixáo nao é um corpo estranho no pensamento do quarto evangelho; ao contràrio, é acenada desde o comedo do ministério de Jesus e constituí a coroa^ao deste, sendo vista nao como derrota, mas como a vitória de Jesus sobre Israel, e como o momento de Sua glorifícalo. Deste modo, a gloria aparece como urna categoria muito apropriada para definir a Paixáo. Cf. supra, cap. 6, p. 171, n. 8; cf. também J.O. Tuñi, “Pasión y Muerte de Jesús en el cuarto Evangelio: Papel y significación”, *RCatalT* 1 (1976) 393-419; R. F. Collins, “John’s Gospel: A Passion Narrative?”, BibToday 24 (1986) 181-186. [↑](#footnote-ref-1488)
1488. Jesus adverte Pedro dizendo que, sem o lava-pés, ele nao terá parte (pápoc;) consigo. Ter pépog com Jesus significa partilhar tanto de Sua vida e de Sua missáo como de Sua heran^a e gloria futura, sendo, entáo, urna categoria fundamental para o discipulado. Cf. supra, cap. 5, p. 149-151. [↑](#footnote-ref-1489)
1489. A surpresa de Pedro é indicada sobretudo com a sua pergunta Kopie, oú pov vítctcu; toóc; tóócu;; (13,6b), que, mais do que urna recusa velada, traduz o sen­tido de surpresa de Pedro pelo gesto que Jesus está cumprindo. Cf. supra, cap. 5, p. 143-146. [↑](#footnote-ref-1490)
1490. A incompreensào de Pedro se dà de modo crescente. Ele passa do questio­nar ao negar que Jesus lhe lave os pés; depois, cai numa situado oposta (pedindo que Jesus lhe lave também as rnaos e a cabera), que igualmente revela o seu nao en- tendimento. Cf. supra, cap. 5, p. 146-149. [↑](#footnote-ref-1491)
1491. Considere-se, que, neste interim, em 13,24 Pedro emite algumas palavras que sao o ponto de chegada e de partida de toda a cena, que trata do crucial pro­blema da identificaQao do traidor, apreendendo e verbalizando (quando os demais nao conseguiam) toda a problematica do momento. No entanto, esta lhe escapará, e Pedro continuará, como durante o lava-pés, a nao entender e a nao tirar as con- seqüéncias da Revelado de Jesus. Cf. supra, cap. 5, p. 161-163. [↑](#footnote-ref-1492)
1492. A linguagem de Pedro — como verificamos supra, cap. 5, p. 156-157 — é excessivamente segura; ele reivindica para si fazer o que na verdade Jesus está fa- zendo por todos, através do dom de Sua vida. [↑](#footnote-ref-1493)
1493. Se o lava-pés é um prelùdio da morte de Jesus, o anúncio da traigo é urna antecipa^ao de como serao as atitudes de Pedro durante a Paixào. Uma outra pers­pectiva da a^äo de Pedro fica no ar, com a promessa de que este discípulo seguirá Jesus depois. Cf. supra, cap. 5, p. 154-156. [↑](#footnote-ref-1494)
1494. Joäo näo se refere ao dado sinótico sobre o choro e sobre o arrependimento que transtoma Pedro, após o canto do gaio. Para o quarto evangelho, já a referen- eia ao canto do galo, após a negalo de Pedro, basta para que o leitor se recorde do anúncio que Jesus fizera e entenda que tudo transcorre como Ele previra. Cf. supra, cap. 6, p. 205. [↑](#footnote-ref-1495)
1495. Jesus, ao contrario, coloca-se totalmente na dimensío do dom, e, livremen- te, abrada a Paixào, concebida, aqui, como o cálice dado pelo Pai. Na Sua ordem para que Pedro embainhe a espada, nao existe um juizo sobre a atitude deste discí­pulo; Jesus limita-se a fazé-lo interromper urna a^áo que nào condiz com a dispo- síqío com que abrada a vontade do Pai. Cf. supra, cap. 6, p. 175-178. [↑](#footnote-ref-1496)
1496. Existe urna espécie de antítese entre os termos àKolouOéo — que designa o discipulado — e íott||ii — que designa um estado sem movimento, parado, usado também para descrever o comportamento dos guardas que, sem terem o que fazer, estào ali parados, comentando os acontecimentos. Cf. supra, cap. 6, p. 195-196. [↑](#footnote-ref-1497)
1497. Por exemplo: E. Bianchi, “II Ritomo di Pietro”, *ParSpV* 2 (1990) 178; S. Galilea, *El Seguimiento de Cristo,* Bogotá, 1989, p. 11-12; McPollin, *John,* p. 227; Franzmann-Klinger, “The Cali Stories”, p. 14. [↑](#footnote-ref-1498)
1498. 00 Desde o inicio (1,41-42), o quarto evangelho vislumbra um caminho que Pe­dro deverá percorrer para tomar-se o *Kefas* anunciado por Jesús. [↑](#footnote-ref-1499)
1499. Para detalhes sobre a ida ao sepulcro e a vistoria nele efetuada pelos dois discípulos, cf. supra, cap. 7, p. 216-234. [↑](#footnote-ref-1500)
1500. Ressalta-se, assim, o sentido da expressao ánfjXOov o6v náXiv upóg ódtoüc; oí paOqxaí (20,10), que, indo além da materialidade indicativa de um lugar para o qual os discípulos teriam se dirigido, é vista com urna leitura tipológico-espiritual, indicando o movimento de voltar-se para dentro de si mesmos, para um espado espiritual típico dos discípulos. Cf. supra, cap. 7, p. 240-243. [↑](#footnote-ref-1501)
1501. Neste sentido, 20,1-10 constituí urna especie de episódio-síntese a respeito de Pedro, que, resumindo os anteriores, recupera os dados que abrem perspectivas para as cenas fináis. Cf. supra, cap. 7, p. 246-247. [↑](#footnote-ref-1502)
1502. Além do vocabulario da pesca, que é lido em chave simbólico-tipológica, esta significado decorre do verbo EA.k® aplicado a Pedro, bem como da expressáo verbal oók ¿oxíoOt] tó Síktvov. Cf. supra, cap. 8, p. 268-275. [↑](#footnote-ref-1503)
1503. Acerca da estrutura e do desenvolvimento deste diálogo, cf. supra, cap. 8, p. 277-279. Sobre a terminología dos verbos que designara *amar* e para a rnissao atri­buida a Pedro, cf. ibid., p. 284-303. [↑](#footnote-ref-1504)
1504. A seqüela que Pedro intuía como sendo estreitamente conexa com a morte (13,37), se completa no martirio, que, por sua vez, decorre de seu amor por Jesús. Cf. LAconi, “II fondamento del ministero di Pietro”, p. 176. [↑](#footnote-ref-1505)
1505. Antes da Paixáo ele poderia reiterar um amor ao Mestre maior que o dos demais; todavía, em continuidade com as suas características, nao o faría por arrogancia nem por sentir-se superior aos demais. Em 13,37, quando promete dar a vida por Jesús, este sentimento Ihe é ausente! Cf. supra, cap. 5, p. 156-157. [↑](#footnote-ref-1506)
1506. “ Sobre o sentido da pergunta de Jesús, cf. supra, cap. 8, p. 281-283. Pedro nao se confronta com os demais apóstolos; limita-se a afirmar o seu amor e é consciente de que Jesús sabe em que medida ele O ama. [↑](#footnote-ref-1507)
1507. O verbo ôoÇàÇœ é usado 4 vezes em Mt, 1 em Mc, 9 em Le e 23 em Joâo, e se refere, sempre, de modo especifico, à particular natureza divina. Cf. G. Kittel, SoKéœ, *GLNT*II, col. 1384. [↑](#footnote-ref-1508)
1508. Cf. supra, cap. 1, p. 40-42. [↑](#footnote-ref-1509)
1509. J. Giblet, “Développements dans la théologie johannique”, in M. De Jonge (ed.), *L'Évangile de Jean - sources, rédaction, théologie,* Leuven, 1976, p. 65, per- gunta-se se nâo é inconseqûente falar de comunidade ou igreja em Joâo, e diz que, no fundo, o que interessa a este evangelista é a relaçâo pessoal do discipulo com o Senhor, de modo que a historia se concentra na cristologia. Do mesmo parecer sâo, por exemplo: J. Painter, “The Church and Israel in the Gospel of John: a Re­sponse”, *NTS* 25 (1978-79), 103-112; O’Grady, “Individualism and Johannine Ec- clesiology”, p. 230-321; e J. L. D’Aragon, “Le caractère distinctif de l’Église Jo- hannique”, in AA.W., *L’Église dans la Bible,* Bruges, 1962, p. 53-66. Para este úl­timo, a realidade eclesiológica, segundo Joäo, näo pode ser mais que cristológica. Parecer contràrio têm H. Van den Bussche, “L’Église dans le quatrième évangile”, in J. Giblet (ed.), *Aux Origines de l’Église,* Desclée de Brouwer, 1965, p. 65-85, e H. Glesbrecht, “The Evangelist John’s Conception of the Church as Delineated in his Gospel”, *EvQ* 58 (1986) 101-119, para quern a eclesiologia joanina è densa e su­gestiva. [↑](#footnote-ref-1510)
1510. Pedro coloca sempre Jesus em evidência, contribuindo para que emerga e paulatinamente seja esclarecida a Sua mentalidade e a Sua missâo. Basta ver alguns passos em que Pedro atua. Em 6,69, dizendo que Jesus é ó âyioç too Oeov, Pedro demonstra a sua adesâo a Jesus como o Messias enviado por Deus, urna categoria fundamentalmente missionaria (cf. supra, cap. 4, p. 127-128). O diálogo em 13,6-10 exprime a força-motriz que faz corn que Jesus lave os pés dos discípulos: o dom de Sua vida por amor a eles, em que a Sua morte expressa a plenitude de Sua missâo, de modo que Pedro deve ter seus pés lavados para continuar em comunhâo de vida e de missao com Jesus (como observa McPollin, *John,* p. 147, “it is only after his death and resurrection that disciples will see the conection between his death and this gesture of Jesus in washing their feet”, de sorte que a verdadeira fé em Jesus implica a aceitaçao de Sua morte como meta e cume de Sua missao, e a disponibili- dade do discípulo para fazer o mesmo caminho. Cf. supra cap. 5, p. 150-151). Em 18,10-11 o gesto de Pedro serve para colocar em evidência a auto-entrega de Jesus que, nao só nao reage diante dos que vêm prendê-lo, mas recusa a tentativa de re- sistência oferecida por Pedro (cf. supra, cap. 6, p. 175-176); mas é sobretudo no in­terrogatòrio de Jesus (18,17-25), construido num modo particularmente joanino, que esta característica é mais notata: em vez de revelar a sua identidade, Pedro re- cusa-se a confessar a sua relaçao corn Jesus, enquanto Este, corn dignidade e sobe­ranía, faz a defesa de Sua obra e de Seus discípulos (cf. cap. 6, p. 192-201). [↑](#footnote-ref-1511)
1511. Como vimos supra, cap. 8, p. 306-308, Jo 21 nao deixa de exercer urna fun^áo de reintegrado de Pedro no seguimento de Jesús, após os acontecimentos da Paixáo. [↑](#footnote-ref-1512)
1512. Temos aqui um diálogo breve em que Pedro pergunta a Jesús sobre o que será do Discípulo Amado. Como mostramos no capitulo 8, p. 309, o texto nao frisa alguma inveja de Pedro em relado ao Discípulo Amado, o que estaría em descon- tinuidade com a sua trajetória de discípulo; serve, antes, para introduzir o epilogo de urna outra problemática que até entáo permanecia pendente, e que diz respeito justamente á figura, ao destino e á importancia eclesial deste outro discípulo, que Jesús amava, e que partilhou com Pedro os momentos fundamentáis da seqüela de Jesús, e que é o mentor da comunidade do quarto evangelho. Por outro lato, este diálogo nao deixa de ser urna alusao ao dado de que por si, espontáneamente, Pe­dro nao tem urna mentalidade de acordo com a de Jesús. [↑](#footnote-ref-1513)
1513. Cf. supra, cap. 2, p. 60-66. A partir do chamado dos primeiros discípulos (1,35-51), e através das grandes controvérsias sobre as festas do Sábado, dos Ta­bernáculos e da Dedicaçâo (capítulos 5 a 10), a narrativa joanina esclarece, etapa por etapa (1,19-4,54; 5,1-10,42; 11,1-18,27) o messianismo de Jesus. Cf. Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 269-270; Giblin, “Confrontation in Job 18,1-27”, p. 225. [↑](#footnote-ref-1514)
1514. Cf. supra, cap. 2, p. 59-60. [↑](#footnote-ref-1515)
1515. Para a análise de todo o sintagma, cf. supra, cap. 2, p. 68-70. [↑](#footnote-ref-1516)
1516. Ficam descartadas as varias e menos incisivas interpreta^óes de cunho personalistico para a compreensáo da expressáo ot) KXqOf|or) K.q(pà<;: apelido para distinguir de um homónimo, apelido que reflete características pessoais (qualidades ou defeitos), proibi^ào do uso do nome Simáo. Para essas varías possibilidades, cf. supra, cap. 2, p. 67-70. [↑](#footnote-ref-1517)
1517. Foi o que fizemos supra, cap. 3, p. 73-95. [↑](#footnote-ref-1518)
1518. Cf. supra, cap. 3, p. 76. [↑](#footnote-ref-1519)
1519. Cf. supra, cap. 3, p. 78-84.84-88. [↑](#footnote-ref-1520)
1520. Cf. supra, cap. 3, p. 88-95. [↑](#footnote-ref-1521)
1521. Para o sentido de Kùpu, npôç tina àneXevaôpEÔa; cf. supra, cap. 4, p. 116-119. [↑](#footnote-ref-1522)
1522. Para o uso de nioTeùœ e yivdxncœ, cf. supra, cap. 4, p. 121-125. [↑](#footnote-ref-1523)
1523. Pedro coloca-se e expôe-se quando diz a Jésus que Éste nào lhe lavará os pés, quando muda de opiniâo e pede que nào sô os pés; quando pede ao Discípulo Amado que pergunte a Jésus quem O traira; e quando desembainha a espada. So­bre estes pontos, cf. supra, cap. 5, p. 144-148.161-163; cap. 6, p. 172-175. [↑](#footnote-ref-1524)
1524. Pedro insiste em seguir Jésus e supera dificuldades. Cf. supra, cap. 6, p. 189-190. [↑](#footnote-ref-1525)
1525. É em continuidade com a apresentado desta imagem feita pelo Antigo Tes­tamento e pelos Evangelhos, e á luz de Jo 10, que a missao de Pedro como *pastor* deve ser delineada. Cf. supra, cap. 8, p. 298-303. [↑](#footnote-ref-1526)
1526. Em todo o Novo Testamento, Natanael aparece seis vezes, e somente nestes dois passos joaninos. Cf. Aland, *Konkordanz,* 1/2, p. 804; II, p. 188-189. [↑](#footnote-ref-1527)
1527. Por exemplo: «onde moras?» (1,38), «venham e vejam» (1,39,46), «Filho de Deus» (1,34.49) e «Senhor» (21,7.12), e toda a problemática em tomo da identida­de de Jesus em 1,40-51. [↑](#footnote-ref-1528)
1528. Além dessas correspondéncias, pode-se verificar — com autores como Breck, “John 21“, p. 37, e Ellis, “The Authenticity of John 21“, p. 23-24 — que existe um paralelismo inverso entre 1,19-51 e 20,19-21,25, no qual 1,40-42 corres­ponde a 21,15-17: “A: (1,19-28) John the Baptist as witness; B: (í,29-34) John bears witness to Jesus; C: (1,35-39) Jesus to two disciples: «Come and see!» (Theme: to follow Jesus); D: (1,40-42) Jesus calls Peter; E: (1,43-46): In Galilee: Jesus calls 5 disciples, including Nathanael; F: (1,47-49) Nathanael’s confession (Son of God/ King of Israel); G: (1,50f): The disciples will see greater things: angels ascending and descending on the Son of Man; G’: (20,19-23) The disciples see the risen Lord who bestows the Holy Spirit; F’: (20,24-31) Thomas’ confession (Lord/God); E’: (21,1-14) In Galilee: Jesus appears to 5(?) disciples, including Nathanael; D’: (21,15-17) Jesus rehabilitates Peter; C’: (21,18f) Jesus to Peter: «Follow me» (Theme: to follow Jesus to death); B’: (21,20-23) Jesus bears witness to the Beloved Disciple; A’: (21,24) The Beloved Disciple as witness”. Todavia, como analisamos supra, cap. 8, p. 306-308, 21,15-17 é mais que urna reabilitaçao de Pedro, e o convi­te de Jesus para o seguimento consiste nâo somente num seguimento para a morte. [↑](#footnote-ref-1529)
1529. Cf. supra, cap. 2, p. 52-53. [↑](#footnote-ref-1530)
1530. É Jesus o sujeito da oraçâo do v. 43. Cf. Zerwick-Grosvenor, *A Grammati­cal Analysis,* p. 289. [↑](#footnote-ref-1531)
1531. Cf. supra, 335-343. [↑](#footnote-ref-1532)
1532. Acerca da forma, da terminología e da significaçâo das très perguntas e res- postas de 21,15-17, cf. supra, cap. 8, p. 279-292. [↑](#footnote-ref-1533)
1533. No capitulo 21, Pedro aparece extremamente solícito, equilibrado e dócil a Jesus. Cf. supra, cap. 8, p. 319. [↑](#footnote-ref-1534)
1534. Como afirmam Franzmann-Klinger, “The Call Stories”, p. 11; Breck, “John 21”, p. 45-46; Droge, “The Status of Peter”, p. 308-309; Mateos-Barreto, *El Evangelio de Juan,* p. 916. [↑](#footnote-ref-1535)
1535. O itineràrio de Pedro como discípulo de Jesus tem como etapas principáis: aproximado inicial, distanciamento e reaproximado como discípulo (cf. supra, p. 335-343). Neste itinerario, em muitas ocasiòes, Jesus acena para esse confor- mar-se de Pedro à Sua vontade: se nao te lavo os pés nao terás parte comigo (13,8); voce nao poderá seguir-me agora, me seguirá mais tarde (13,36); embainha a espa­da (18,11). Para a exegese desses passos, cf. supra, capítulos correspondentes. [↑](#footnote-ref-1536)
1536. Ñas tres comissóes, Jesus usa sempre o pronome pessoal pou. Cf. supra, cap. 8, p. 302. [↑](#footnote-ref-1537)
1537. Esta é urna das significadles do verbo áxoIouGáo repetido em 21,19.22. Cf. supra, cap. 8, p. 304-305. [↑](#footnote-ref-1538)
1538. Cf. Dodd, *Interpretaron,* p. 473. [↑](#footnote-ref-1539)
1539. Cf. Alonso Schökel-Sicre Dias, *I Profeti,* p. 914; L. C. Allen, *Ezekiel 20- 48,* Dallas-Texas, 1990, p. 155. [↑](#footnote-ref-1540)
1540. Cf. D’A, S.J., “Le bon Pasteur: Révélation de la miséricorde (Ez 34; Sal 23; Jn 10)”, *VSp* 106 (1962) 699-706; Schnackenburg, *Giovanni,* II, p. 492. [↑](#footnote-ref-1541)
1541. Cf. supra, cap. 3, p. 76. [↑](#footnote-ref-1542)
1542. Cf. supra, cap. 8, p. 298-303. [↑](#footnote-ref-1543)
1543. A palavra hebraica bop provém de urna raiz que significa conclamar, reu­nir. É usada regularmente para designar a assembléia ou a congrega^ào do povo de Israel (Dt 18,16; Jz 20,2; 1 Rs 8,14; Lev 10,17; Num 1,16). Ocorre mais de 70 vezes no Antigo Testamento. No sentido hebraico, pois, significa o povo de Deus concla- mado por Eie, a firn de escutà-Lo ou de agir por Eie. No grego, o termo equivalen­te é ¿KKXr|oia, e, na època clàssica de Atenas, era a assembléia convocada pelo po­vo, que comecava sempre com ora^òes e sacrificios. No mundo grego mais ampio, ¿KKXqoia veio a significar qualquer assembléia de cidadàos devidamente convoca- dos. Diante do pano de fundo desta linguagem biblica, a comunidade primitiva, quando se chama a si mesma èKKXqoia de Deus, deve ter-se compreendido corno o povo eleito de Deus, corno a assembléia ou a convocalo de Deus. Cf. W. Barclay, *“Ekklèsicr.* The God’s Church”, in Id., *New Testament Words,* London, 1964, p. 45-46; K. L. Schmidt, èKKlqoia, *GLNT* IV, col. 1491-1498. Para urna vi- sào acerca da discussào em tomo da èKKlqoia, cf. H. Merklein, “Die Ekklesia Gottes. Der Kirchenbegriff bei Paulus und in Jerusalem”, *BZ* 23 (1979) 48-70; W. Klaiber, *Rechtfertigung und Gemeinde. Eine Untersuchung zum paulinischen Kir­chenverständnis,* Göttingen, 1982, p. 11-21. [↑](#footnote-ref-1544)
1544. Desta forma, Joäo mostra muito claramente ter consciéncia da existéncia da Igreja, jà quando narra corno Jesus constitui os seus primeiros discipulos, em- bora näo use — corno Marcos e Lucas também näo — o termo ¿KKXqoia. Cf. Schmidt, éKKÀ.q(yia, col. 1498; Schnackenburg, *Giovanni,* I, p. 313; Mollat, *Jean,* p. 23; Barrett, *John,* p. 28. [↑](#footnote-ref-1545)
1545. P. Gächter, “Das dreifache «Weide meine Lämmer»”, *ZTK* 69 (1974) 328-344. [↑](#footnote-ref-1546)
1546. 1,2 Schnackenburg, *Giovanni,* III, p. 605-606, bem considera que as circuns­tancias e o contexto de 21,15-17, no qual a idéia de direito soa mal, depöem contra urna interpretado jurídica do passo. [↑](#footnote-ref-1547)
1547. 1,3 Cf. Lindars, *John,* p. 633. [↑](#footnote-ref-1548)
1548. No Médio Oriente, e sobretudo no Antigo Testamento, o rei é descrito co­mo pastor, e a sua tarefa de govemar o povo aparece constantemente relacionada com a imagem pastoral. Cf. supra, p. cap. 8, p. 298-299. [↑](#footnote-ref-1549)
1549. Cf. supra, cap. 8, p. 293-297. [↑](#footnote-ref-1550)
1550. Assim retém Làconi, “Il fondamento del ministero di Pietro”, p. 172. [↑](#footnote-ref-1551)
1551. O evangelista, pois, nào as nega, mas tampouco as afirma. [↑](#footnote-ref-1552)